FUTUROS IMAGINÁRIOS
DAS MÁQUINAS PENSANTES À ALDEIA GLOBAL

RICHARD BARBROOK

FUTUROS IMAGINÁRIOS
DAS MÁQUINAS PENSANTES À ALDEIA GLOBAL

RICHARD BARBROOK

HTTP://FUTUROSIMAGINARIOS.MIDIATATICA.INFO/

Processo colaborativo de tradução e revisão

Adriana Veloso, Alexandre Freire, Elisa Tkatschuk, Giuliano Djahjah Bonorandi, Guilherme Soares, Letícia Canelas, Lúcio de Araújo, Paulo José Lara, Ricardo Ruiz, Rose Marie Santini, Sálvio Nienkötter, Simone Bittencourt, Tatiana Wells, Thiago Novaes e Wanderllyne Selva.

EDITORA Peirópolis

descentro.org

Tradução autorizada da edição em língua inglesa, intitulada *Imaginary futures – From thinking machines to the global village*, 1ª. edição por Richard Barbrook, primeiramente publicada por Pluto Press, Londres, Inglaterra, 2007.

Editoras
Renata Farhat Borges
Luciana Tonelli

Processo colaborativo de tradução e revisão
Adriana Veloso, Alexandre Freire, Elisa Tkatschuk, Giuliano Djahjah Bonorandi, Guilherme Soares, Letícia Canelas, Lúcio de Araújo, Paulo José Lara, Ricardo Ruiz, Rose Marie Santini, Sálvio Nienkötter, Simone Bittencourt, Tatiana Wells, Thiago Novaes e Wanderllyne Selva.

Ilustrações
Lúcio de Araújo e Claudia Washington

Ilustrações originais
Alex Veness

Projeto gráfico e capa
Publiarq Design

Editoração eletrônica
Alfredo Carracedo Castillo

Revisão
Lúcia Nascimento
Alexandre Freire
Letícia Canelas
Thiago Novaes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barbrook, Richard
Futuros imaginários: das máquinas pensantes à aldeia global / Richard Barbrook.
-- São Paulo: Peirópolis, 2009.

Título original: Imaginary futures.
Vários tradutores
Bibliografia.
ISBN 978-85-7596-118-6

1. Globalização 2. Internet – Aspectos sociais 3. Previsão 4. Sociedade da informação
5. Tecnologia da informação I. Título.

09-02709 CDD-303.4833

Índices para catálogo sistemático:

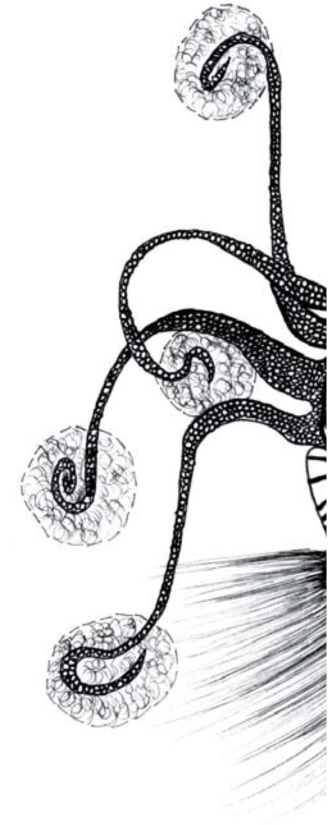
1. Futuro imaginário: Sociedade da informação: Sociologia 303.4833

EDITORA Peirópolis

descentro.org

1ª edição • abril de 2009
Rua Girassol, 128 – Vila Madalena
05433-000 – São Paulo – SP
Tel.: (5511) 3816-0699
Fax: (5511) 3816-6718
vendas@editorapeiropolis.com.br
www.editorapeiropolis.com.br

SOBRE O DES).(CENTRO



Esta adaptação de *Imaginary futures* foi realizada por pesquisadores do des).(centro, em colaboração direta com Richard Barbrook. O autor doou ao grupo a propriedade intelectual da versão em português para que possam realizar ações sintonizadas com os ideais e objetivos que embasam seus trabalhos, como disponibilizar a obra gratuitamente na Internet.

O des).(centro – plataforma para agregação de projetos e pesquisas desenvolvidas ou em desenvolvimento – divide-se em pesquisas e cooperações técnicas, festivais, seminários e encontros (como o *Mídia Tática Brasil*, realizado na Casa das Rosas, em 2003, com a presença de Barbrook e do então Ministro da Cultura, Gilberto Gil, alcançando grande repercussão; o festival *Submidialogia* e o *Cibersalão*), além de itinerâncias interterritoriais, oficinas aplicadas e publicações editoriais, como é o caso do livro *Futuros imaginários*.

Para o grupo, o livro representa uma oportunidade de exercitar o processo colaborativo que Richard Barbrook procura elaborar e defender. A edição foi feita por todos, em um trabalho inédito e desafiador, que gerou grande aprendizado a ser aproveitado nas próximas traduções.

O grupo buscou, também, oferecer aos leitores em língua portuguesa uma revisão cuidadosa da bibliografia do autor, com referências em português, sempre que os livros citados por Barbrook foram encontrados em nossa língua.

PREFÁCIO

Esta é a primeira obra de Richard Barbrook editada no Brasil, e representa a convergência de conceitos explorados por ele em outros influentes ensaios sobre o confronto entre comércio e cooperação dentro da Internet, como *O manifesto do artesão digital*, escrito com Pit Schultz, *A economia da dádiva da alta tecnologia*, *Cibercomunismo*, *A regulação da liberdade*, *A ideologia californiana*, escrito com Andy Cameron, e *A classe do novo*.

Aliando a infância nos Estados Unidos, uma fase punk adolescente na Inglaterra, sua trajetória acadêmica e a atuação em rádios piratas e comunitárias, os trabalhos de Richard, autoproclamado "trabalhador esquerdista", são uma radical crítica à ideologia da ciber-elite neoliberal californiana de que, no futuro da alta tecnologia, todos poderão ser trabalhadores criativos.

Em seus trabalhos anteriores, Barbrook argumenta que a rede permite a emergência de comunidades virtuais espontâneas e flexíveis, definidas mais por convenção social do que troca de mercado, e que a importância das inovações tecnológicas está justamente na sua habilidade de contestar as ideologias dos líderes de opinião. O autor discorre, então, sobre os ícones da produção não-comercial da rede: o movimento do software livre e de código aberto e os blogs, apontando que os participantes desta economia da dádiva da alta tecnologia não precisam pensar sobre as implicações políticas de seus métodos de trabalhar colaborativamente, mas nem por isso deixam de participar de uma forma de cibercomunismo.

Na rede, pessoas constantemente passam de uma forma de atividade social à outra, sendo consumidores no mercado, cidadãos no estado e anarco-comunistas em economias de dádiva. Enquanto ela cresce, cada vez mais pessoas circulam informação gratuitamente.

Longe de acreditar no potencial revolucionário de suas ações, fazem isso por razões pragmáticas. Algumas vezes compram bens ou acessam serviços estatais, mas normalmente preferem circular informação gratuitamente entre si. Na Internet, muitos usuários com tempo e dinheiro suficiente doam o seu trabalho sem motivações financeiras, mas sim para ganhar o respeito dos seus pares pelo seu esforço.

Esta seria a forma mais avançada de trabalho coletivo: o trabalho como dádiva. Sem precisar de liderança de uma elite heróica, pessoas comuns podem construir seu próprio futuro digital. Mesmo com seu poder e riqueza, as multinacionais multimídia não são capazes de impor a mercantilização do trabalho intelectual no ciberespaço. A classe do novo sempre existiu como um nível intermediário de assalariados, aqueles sem capital, mas que possuem outras potentes fontes de poder econômico, como educação, qualificação e conhecimento cultural. Ao invés de liderar o caminho para o futuro, disfarçados de "trabalhadores criativos", "analistas simbólicos", "industriais" e, até mesmo na definição de Décio Pignatari, "prodossumos", esses trabalhadores continuam a realizar os desejos daqueles que dominam o mundo.

O trabalho do autor converge na extensa pesquisa efetuada em *Futuros imaginários*. Neste livro, Richard parte do questionamento de que o futuro oferecido a ele, como um adulto nos anos 2000, é o mesmo que o fascinou quando criança, enquanto visitava a Feira Mundial de Nova Iorque em 1964. No entanto, as promessas dos benefícios futuros à sociedade que justificaram patrocínio governamental, protecionismo e investimentos – além da morte de milhares de pessoas – não se realizaram: "A revolução tecnológica não causou a revolução social; por alguma razão, a utopia foi adiada."

O autor investiga o histórico das feiras tecnológicas, oferecendo-nos a perspectiva do futuro como um evento na História. Demonstra,

assim, como facções competidoras lutaram para obter o poder midiático, oferecendo-nos objetivos tecnológicos comuns, aproveitando-se de nossa necessária crença no futuro. Aqueles que no passado nos ofereceram um futuro melhor o fizeram para garantir uma "calma" continuação do presente. Protegendo a elite mais do que o poder militar é capaz, o poder da mídia é necessário para caracterizar o presente como o passado de um futuro glorioso.

Através de uma pesquisa profunda e ampla das políticas econômicas e sociais da Guerra Fria, Barbrook amarra diversos discursos para nos revelar as verdadeiras intenções de vários atores na academia, no governo e na indústria, e as motivações reais por trás de ações que levaram a um determinado desenvolvimento tecnológico.

A corrida entre os Estados Unidos e a União Soviética na Guerra Fria não era só por armas. Enquanto os Estados Unidos da América saíram da Segunda Guerra Mundial como um superpoder industrial, a União Soviética controlou o futuro ideológico. Os estadunidenses precisavam de um futuro ainda mais brilhante para ganhar a crucial batalha da propaganda durante a Guerra Fria e, para isso, formaram um novo núcleo ideológico, baseado nas teorias marxistas e mcluhanistas: a Esquerda da Guerra Fria.

Em sua análise, Barbrook revela alguns paradoxos no centro da máquina de financiamento estadunidense causados por essa ideologia: fundos de pesquisa militares, inicialmente voltados às tecnologias nucleares e computacionais para competir com os russos, acabaram financiando o comunismo cibernético.

O autor demonstra que os Estados Unidos, como nação mais liberal do planeta, deveriam estar mais avançados no caminho para o socialismo. Porém, para negar o estalinismo, a Esquerda da Guerra Fria precisou criar sua própria versão do futuro socialista: em vários momentos entre 1950 e 2000, a sociedade da informação foi identificada como um plano de estado, uma máquina

de guerra, uma economia mista, um campus universitário, uma comuna hippie, um livre mercado, uma comunidade medieval e uma empresa *ponto com*.

Com uma visão politizada e radical da tecnologia, Barbrook apresenta neste livro uma alternativa contrária à doutrina mcluhanista: "a convergência da mídia, as telecomunicações e os computadores não libertam – nem nunca irão libertar – a humanidade. A Internet é uma ferramenta útil, não uma tecnologia redentora. O determinismo tecnológico não molda o futuro da humanidade: quem constrói o futuro é a humanidade em si, usando novas tecnologias como ferramentas."

Para o leitor brasileiro, a análise histórica deste livro resgata memórias de futuros imaginários a nós oferecidos na ditadura militar. A reserva de mercado serviu para ampliar o desenvolvimento tecnológico nacional ou foi uma força mantenedora do *status quo*?

No presente, a feira tecnológica continua sendo o lugar de legitimação do desenvolvimento. Grandes empresas e o governo justificam seus investimentos e ações em cima de versões futuras dos produtos fetíchicos que devemos consumir no "agora".

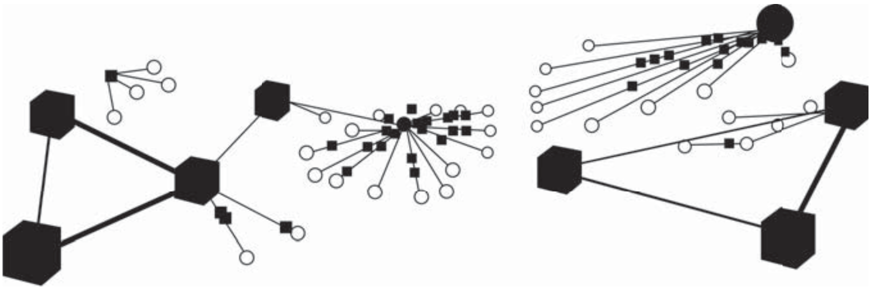
A exploração de nossos recursos naturais e a poluição são justificadas no futuro, onde todos terão acesso aos bens tecnológicos. A exploração do trabalho continua de maneira perversa na eliminação do escritório: do seu celular ou de sua casa na praia, cidadãos e cidadãs criativos devem contribuir com sua produção 24 horas por dia, sete dias por semana. O manual técnico que acompanha as maravilhas tecnológicas divulga a linguagem dos bytes e gigas, servindo como instrumento de determinação dos objetos técnicos. Os usuários não precisam entender ou se apropriar das tecnologias, pois não devem inventar novos usos para elas.

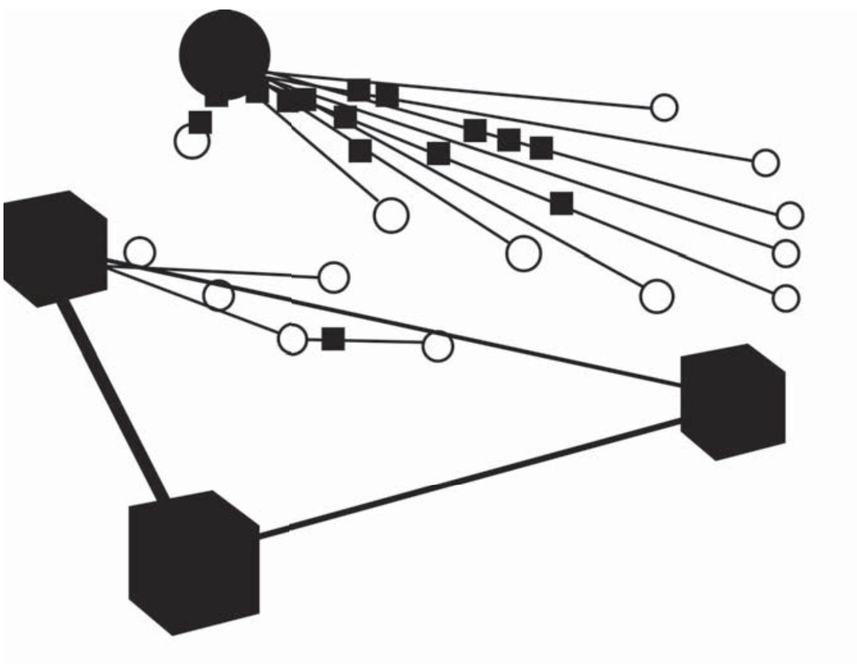
Num país onde o fim da injustiça social, e até mesmo o fim da prostituição infantil e da escravidão, ainda são um futuro a ima-

ginar, a leitura deste livro é reveladora. Com base nesta análise histórica, o leitor poderá compreender e criticar as verdadeiras motivações por trás de atuais políticas públicas de acesso à banda larga e à TV Digital. A convergência dos dispositivos de acesso não será responsável pela revolução se a população não for capaz de usá-la para além do uso imposto pela grande mídia.

A leitura de *Futuros imaginários* é importante por nos oferecer a perspectiva de conquistar o nosso próprio futuro. Onde é possível chegar se conseguirmos aliar a força do mutirão popular à colaboração e ao trabalho criativo em rede? Qual será o futuro da educação após os alunos ocuparem definitivamente a reitoria? A democracia social é capaz de se desvencilhar das forças do futuro imaginário estabelecido pelo poderio econômico estadunidense?

Wanderlynne Selva
A Classe do Novo





AS PROFECIAS NOVAIORQUINAS

Já passava das nove horas da noite quando o porteiro anunciou no interfone da cozinha a chegada de um homem que não falava português. Pedimos para deixá-lo entrar e corri até a janela para vê-lo. Possuía estatura mediana, andar desengonçado, calças e jaqueta jeans azul escuro e uma boina também azul na cabeça. Arrastava sua valise de rodinhas por entre os mosaicos de pedra portuguesa e a fina chuva que caía. Dr. Richard Barbrook chegou às vésperas do festival *Mídia Tática Brasil*, evento de arte, mídia, política e tecnologia que havia sido, em grande parte, organizado via lista de troca de e-mails pela Internet. Barbrook participaria no debate de abertura do evento juntamente com John Perry Barlow sob a moderação do recém empossado Ministro da Cultura, Sr. Gilberto Passos Gil Moreira. Um dos assessores do ministro, Hermano Vianna, nos confessara em um telefonema prévio que o festival que organizávamos tinha relação íntima com a plataforma de governo a ser proposta no Ministério da Cultura durante a administração por vir, e ofereceu-nos a presença de Gil e Barlow no debate de abertura do festival. Com a presença do Ministro Gilberto Gil, conseguimos espaços para a realização do evento, bem como cobertura dos grandes meios de comunicação. Durante o festival, cerca de cinco mil pessoas visitaram as exibições, palestras, debates, oficinas, apresentações musicais, teatrais e performances na Avenida Paulista, coração psicofinanceiro da cidade de São Paulo. Era março de 2003, e o que não sabíamos naquele momento era a velocidade com que muitas das idéias e práticas ali desenvolvidas seriam rapidamente incorporadas às agendas políticas e corporativas do país.

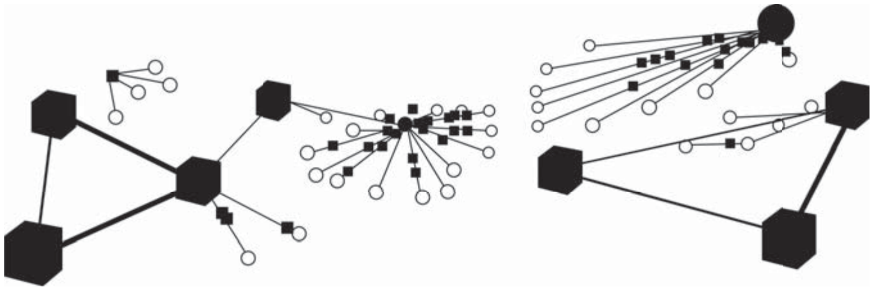
Em setembro do mesmo ano voltei a encontrar o Dr. Barbrook, dessa vez em Londres. Ricardo Rosas, Tatiana Wells, Ricardo Ruiz

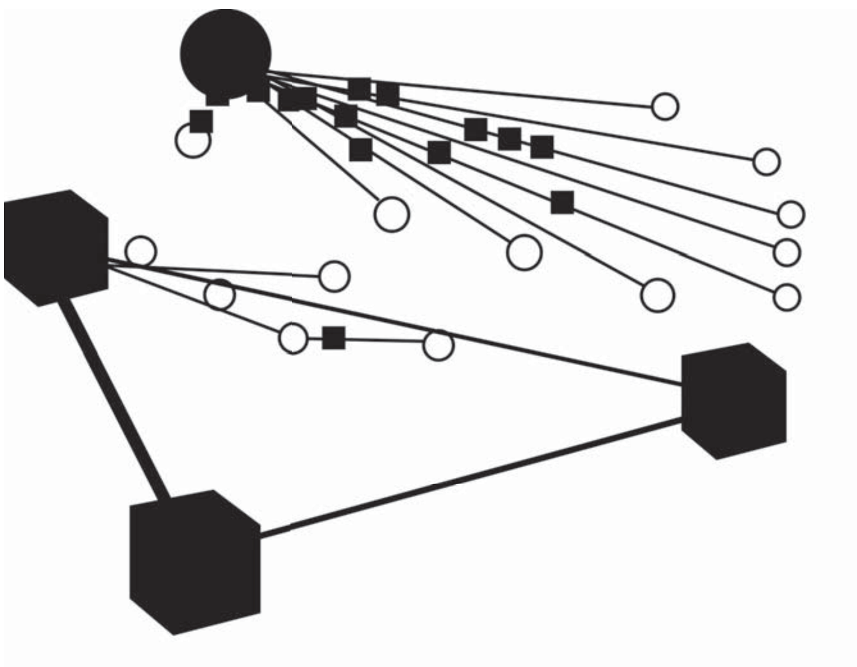
e Mônica Narula foram convidados pelo *Cybersalon* – evento organizado pelos alunos do curso de mestrado de Richard na Universidade de Westminster – a traçar um cenário da arte em rede e do ativismo midiático no Brasil e na Índia. Nessa noite, lembro-me de dividir com Richard boas quantidades de cerveja no balcão da festa que se sucedeu à apresentação. Poderia dizer que aí começou a nossa amizade. Durante os anos que se seguiram, outros encontros aconteceram em palestras, debates, festivais ou carnavais espalhados pelo mundo. Uma outra centena de e-mails mantinha as conversas em dia entre os encontros. E então, num desses emails, Richard me dizia que escrevia um novo livro, e que provavelmente aquele seria o primeiro capítulo. Anexado à sua mensagem, um arquivo de texto chamado *As profecias novaiorquinas*. Assim que o li, retornei a mensagem para Barbrook dizendo: "Está muito bom. Gostaria de lançar esse livro no Brasil." Richard, lógico, adorou a idéia.

Após alguns meses, chegou em casa a primeira versão, impressa a partir do computador, de *Futuros imaginários*. Richard havia mandado para que ajudássemos a perceber erros ou para dar sugestões no livro. Após algumas lidas do original por várias pessoas, começamos a discutir como poderíamos traduzir o livro para o português e lançá-lo no Brasil. Acontecia que, além da centena de livros que o Dr. Barbrook utilizava como referência e que deveriam ser citados em suas edições brasileiras, o livro era recheado por conceitos ainda pouco debatidos em português. A solução a que chegamos foi desafiadora: montaríamos uma equipe para a tradução do livro, composta de artistas, tecnólogos, cientistas sociais, comunicólogos, jornalistas, historiadores e cientistas da computação. Em conjunto, discutiríamos os melhores termos, como eles já haviam sido utilizados no Brasil, e quais termos nós utilizaríamos. O processo foi longo, e os agradecimentos oferece-

mos à equipe da Editora Peirópolis, por sua paciência em esperar tantos meses pelo texto final. Esperamos que apreciem o resultado. E que, após lerem este livro, vocês nunca mais vejam um computador da mesma maneira.

Vitória Mário,
A Classe do Novo,
março de 2009





INTRODUÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

"Nós queremos que você escreva uma introdução para a versão em português de *Futuros imaginários* – algo especial para nossos leitores", dizia o correio eletrônico dos tradutores no Brasil. O que deveria falar? Pensei imediatamente em Suba, DJ Marky e DJ Patife, a trilha sonora nas madrugadas de escrita que geraram este livro. Seus ritmos contribuíram para sua construção de frases, e também para os fluxos dos argumentos. Talvez eu devesse começar a introdução explicando porque esses músicos estavam tocando no meu computador. Definitivamente não foi por acaso. Graças ao meu trabalho na Universidade de Westminster, tive o prazer de lecionar para alguns inteligentes estudantes brasileiros durante a última década. Através deles e por outros contatos, fiz a longa viagem ao Sul três vezes para falar em conferências e festivais no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Pipa. Dancei em uma escola de samba, em badaladas casas noturnas e sob as estrelas na praia. Discuti a política do Partido dos Trabalhadores, analisei o movimento de justiça global e debati longamente as teorias da esquerda noites adentro. Admirei a criatividade e dedicação dos artistas, hackers e ativistas brasileiros. Apesar da barreira da língua, agora tenho amigos neste fascinante e distante país. Entusiasmado com essas visitas, retribuí o favor ajudando a organizar, em 2005, um evento em Londres, em que Gilberto Gil apresentou as iniciativas inovadoras do Ministério da Cultura em novas mídias. Mas, você pode perguntar: "O que essas reminiscências têm a ver com este livro? Por que falar sobre elas na introdução da tradução brasileira de *Futuros imaginários*?" É porque eu me lembro de estar sentado do lado de fora do telecentro comunitário, em 2004, em Pipa (RN), quando me perguntaram uma questão de suma

importância: "Estar no Brasil mudou a maneira como você pensa a Internet?" Pois meu desafio nessa introdução é explicar por que a resposta é: "Sim!"

Futuros imaginários é um livro sobre o poder político e cultural das profecias tecnológicas. Durante a Guerra Fria, os impérios estadunidense e russo competiram não só para controlar o espaço, mas também o tempo. A Internet e os computadores têm sido ferramentas mais do que úteis ao longo dos anos. Por mais de meio século, eles também incorporaram sonhos utópicos a serviço da ambição imperial. A nação que abre o caminho do futuro no presente pode reivindicar a liderança sobre toda a humanidade. Quando comecei a pesquisa para este livro, em 2002, meu foco estava exclusivamente no Norte. Eu estava fascinado por como os futuros imaginários da Guerra Fria ainda dominavam o mundo contemporâneo, mesmo muito depois da queda do muro de Berlim. O império estadunidense pôde ter prevalecido sobre seu rival russo, mas seus promotores permaneceram presos dentro de um marco ideológico desenhado para este conflito geopolítico. Evidentemente, este livro reflete o período no qual foi escrito: dos vestígios da bolha *ponto com* e do momento da invasão do Iraque pelos EUA. Por toda a Europa, líderes políticos, acadêmicos especialistas e analistas da mídia estavam convencidos de que os Estados Unidos – a terra da vanguarda da computação e da Internet – seria hoje o nosso amanhã. Onde o presidente dos EUA nos guiasse, nossos países deveriam seguir – mesmo que isso significasse mandar tropas para terras estrangeiras onde elas não fossem bem-vindas. Como alguém que esteve entre os dois milhões de pessoas que marcharam contra esta tolice em Londres no dia 15 de fevereiro de 2003, eu escrevi este livro: ou seja, como um grito de protesto. Ao explicar penosamente a história dos futuros imaginários da inteligência artificial e da sociedade da informação, eu

queria equipar seus leitores com o conhecimento para recusar essas profecias anacrônicas. Da próxima vez que alguém disser que a utopia pós-industrial está logo ali ao lado, você pode responder que essa previsão não é nada mais que um mcluhanismo reciclado. A Guerra Fria terminou – e os futuros imaginários fabricados nos EUA também.

Assim como pensava meu entrevistador em Pipa, eu não precisaria visitar o Brasil ou conhecer qualquer pessoa do país para chegar a esta conclusão. Poucos dos autores que preenchem as prateleiras de meus estudos com pensamentos sobre computação e Internet estão interessados no impacto das tecnologias de informação nos países em desenvolvimento. Assim como eles, eu poderia ter dito tudo que quisesse neste livro sem fazer nenhuma menção à maioria da humanidade. Computadores e Internet são do Norte, então porque se preocupar com o Sul? Felizmente, meus companheiros e companheiras brasileiras me impediram de sucumbir a essa comodista tentação. Suas influências adicionaram profundidade à análise de *Futuros imaginários*. Acima de tudo, eu percebi o quão diferente do Norte o mundo parece, visto do Sul. Não são apenas as constelações no céu que estão reviradas, mas também a memória geopolítica. Quando visitei Brasília em 2004, eu vi com meus próprios olhos os edifícios modernistas de uma sociedade melhor que era negada ao próprio país. Como o livro enfatiza, os líderes intelectuais do império estadunidense eram a torcida animada do golpe militar de 1964 que derrubou o governo democraticamente eleito de João Goulart. As maravilhas do estilo estadunidense de futuro de alta tecnologia justificavam os horrores da ditadura imposta ao Brasil na época. Para nós, que vivemos na Europa Ocidental, é sempre um choque encontrar a desigualdade e a violência que resultaram desse caminho autoritário em direção ao desenvolvimento. Como nossa experiência com a

hegemonia estadunidense durante a Guerra Fria foi relativamente benigna, só entendemos realmente os custos humanos das regras imperiais quando vamos para o Sul. Os capítulos finais de *Futuros imaginário*s refletem o que eu aprendi em minhas viagens ao Brasil. Enquanto escrevia o livro, sabia que críticas mais ferozes a essas profecias utópicas do Norte explicavam como seus defensores tentaram imaginá-las no Sul. Com muita surpresa, descobri que os apoiadores estadunidenses do golpe de 1964 no Brasil foram também os arquitetos da desastrosa invasão daquela nação ao Vietnã. Com as forças lideradas pelos EUA que ocupam o Iraque e o Afeganistão, o paralelo com o presente deve ser desenhado. O desejo de possuir o tempo está intimamente conectado com a ambição de controlar o espaço. Quando olhei o mundo a partir do Sul, pude ver quão facilmente os sonhos da alta tecnologia podem se transformar em pesadelos de barbárie e crueldade. Ir para São Paulo foi uma pré-condição para entender por que – em *Futuros imaginários* – Saigon tem um papel tão central na história da "aldeia global".

Quando visitei o Brasil pela primeira vez, em 2002, a importância de encarar o mundo do ponto de vista do Sul enquanto escrevia este livro não era imediatamente óbvia. Em uma conferência na UFRJ, nossos anfitriões entretiveram os convidados internacionais com uma triste história da versão local do estilo californiano de alta tecnologia. Fascinada pela bolha das empresas *ponto com* do fim da década de 1990, a administração de Fernando Henrique Cardoso fantasiou sobre o Brasil dar um grande passo adiante, do subdesenvolvimento para a sociedade da informação, sem passar pelo fordismo. Faltando aos carentes habitantes das favelas próximas, além de necessidades básicas, os serviços de bem-estar social que são garantidos na Europa, ficamos apavorados em saber como os futuros imaginários do Norte deram um brilho modernista na

perpetuação da exploração no Sul. Quando os apoiadores do recém-eleito governo Lula nos contaram que chegar ao fordismo seria a maior conquista para a população urbana brasileira pobre, não pudemos discordar. Focar a política econômica do país em computadores, Internet e telefones celulares parecia grotesco quando tantas pessoas necessitavam de água, saneamento básico, eletricidade, saúde e educação. Líamos nosso Marx – sabíamos que o Sul não poderia evitar seguir o lento e doloroso caminho do Norte em direção à modernização.

Tive então um pensamento preocupante. Ironicamente, nossas simpatias esquerdistas pelos habitantes das favelas poderiam esconder uma duvidosa certeza da superioridade européia. Com o enorme abismo entre ricos e pobres, viajar ao Rio de Janeiro no começo do século 21 era como voltar no tempo à Londres do final do século 19. Certamente era verdade que muitos turistas iam ao Brasil para uma dose rápida de exotismo e aventura antes de voltar para suas seguras casas européias. Se nossas motivações para viajar ao exterior não fossem puras o suficiente, significaria que os habitantes de um país subdesenvolvido não nos poderiam contar nada sobre computação e Internet que já não soubéssemos. Aqui estava outra conclusão problemática. Fernando Henrique foi um respeitado economista marxista antes de sacrificar princípios pelo poder. Sua aproximação perversa com o neoliberalismo *ponto com* pode ter sido fundada sob um cerne de racionalidade: o Sul teria que fervorosamente imitar o Norte em todas as suas imperfeições. Com sua ambição de saltar do fordismo para a pós-industrialização, talvez ele fosse o verdadeiro radical, ao invés do governo Lula – com seu cauteloso programa de reformas parciais. Quem quer ser Suécia quando se pode ser o Vale do Silício?

Seis anos depois, enquanto o sistema financeiro global colapsa em crise, parece absurdo que o Brasil queira se transformar na

Califórnia. Pelo contrário, é agora largamente reconhecido que muitos dos elementos do novo paradigma da modernidade são mais facilmente descobertos nestes países supostamente subdesenvolvidos do que na avançada vizinhança ao Norte. Na época em que o *Mídia Tática Brasil*[1] me convidou a voltar para a conferência em 2003, Gilberto Gil já defendia – como ministro de Estado – uma visão da Internet como código aberto. Para ele, financiar telecentros comunitários e pontos de cultura complementava os suprimentos básicos dos menos privilegiados. De maneira ainda mais bela, eram os fetichistas do direito autoral do Norte que deveriam imitar a atitude tranqüila do Sul em relação à propriedade intelectual, não o contrário. Os que têm computadores e acesso à banda larga podem ser em número bem menor no Brasil do que na Europa ou EUA, mas era ali que se poderia achar os primórdios da cultura participativa da Internet. O carnaval, e não o mercado, era o modelo do Ministro da Cultura para a emergência da sociedade da informação. Fazendo jus às suas raízes na Tropicália, Gil é um verdadeiro cosmopolita. Imitação não é subserviência – é inspiração e cooperação. Remixar, samplear e citar são ferramentas do trabalho coletivo na economia da dádiva da alta tecnologia.

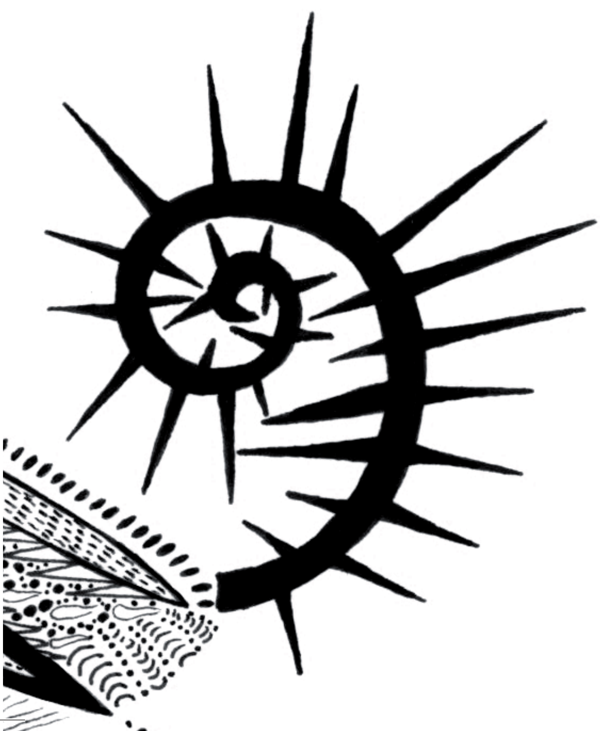
Na conclusão deste livro, eu argumento que devemos inventar novos futuros. Exorcizar as ideologias da Guerra Fria de inteligência artificial e de aldeia global é minha contribuição ao mapeamento de um caminho através das múltiplas promessas econômicas, sociais e ambientais que agora confrontam a humanidade. Crucialmente, como adivinhou meu interlocutor da praia de Pipa, vocês também ajudaram a criar este texto de alguma maneira. *Futuros imaginários* teria sido um livro levemente diferente em várias maneiras, se eu não visitasse o Brasil e aprendesse com as pessoas que conheci neste país. Os habitantes do Norte e do Sul estão juntos nesta aventura da modernidade. Então, continuemos

nossa colaboração no esforço comum de fazer um mundo mais igualitário, sustentável e próspero. O *drum'n'bass* está tocando e este livro está esperando para ser lido. Aproveite!

Richard Barbrook
Londres, Inglaterra, 16 de novembro de 2008

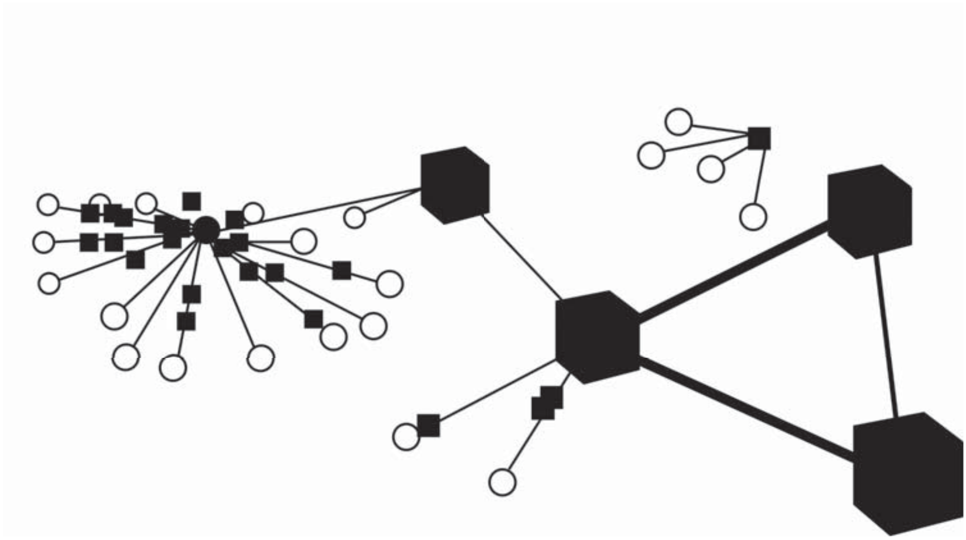
Nota

[1] *Mídia Tática Brasil* foi uma ação cultural coletiva que teve por objetivo provocar o diálogo e espalhar o conceito de "mídia tática" no cenário brasileiro de arte eletrônica e ativismo. O nome origina-se do festival *The Next Five Minutes* que, em sua quarta edição, procurava iniciativas semelhantes na América Latina. http://mtb.midiatatica.info



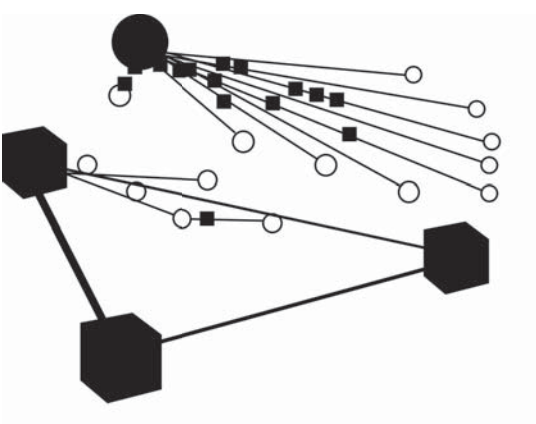
DEDICATÓRIA

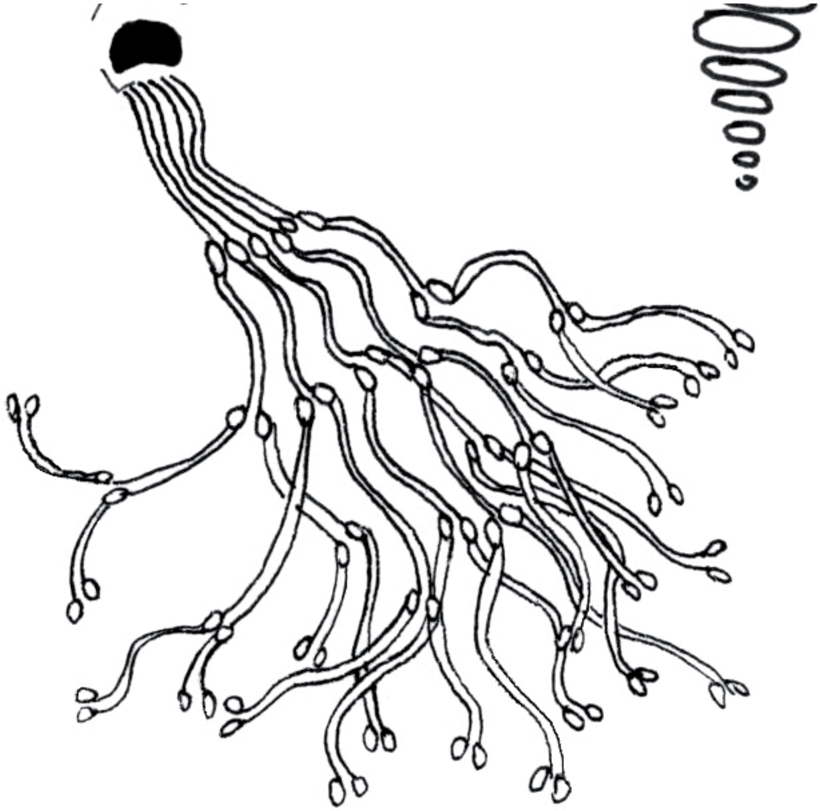
À equipe Cybersalon; CREAM/Universidade de Westminster; Alex Veness; Alexandre Freire; Andy Cameron; Annette Hill; Armin Medosch; Ben Lunt; Boris Kagarlitsky; David Campany; Doug Rushkoff; Eva Pascoe; Gilberto Gil; Grahan Barrett; Graham Seaman; Fred Vermorel; Helen Barbrook; Ilze Black; Joan Smith; John Barker; Jon Agar; Ken Wark; Kosta Papagiannopoulos; Lance Strate; Leonid Levkovich; Les Levidow; Lewis Sykes; Marcos Dantas; Mare Tralla; Maren Hartmann; Mark Osborn; Mark Stahlman; Martin Housden; Martin Thomas; Marty Lucas; Matt Miller; Murray Glickman; Pat McMath; Peter McLoughlin; Rasa Smite; Ricardo Ruiz; Rick Harrington; Rosie Thomas; Sacha Davison Lunt; Simon Schaffer; Sookie Choi; Sonya Williams; Sophia Drakopoulou; Tatiana Wells; Tom Campbell; Trebor Scholz; equipe da Biblioteca da Universidade de Westminster; UCU; Mute; nettime.org; Melancholic Troglodytes; thething.net; 16 Beaver; Mídia Tática Brasil; abebooks.co.uk; e à equipe de estudantes do Mestrado em Estudos de Hipermídia (1996-2005).



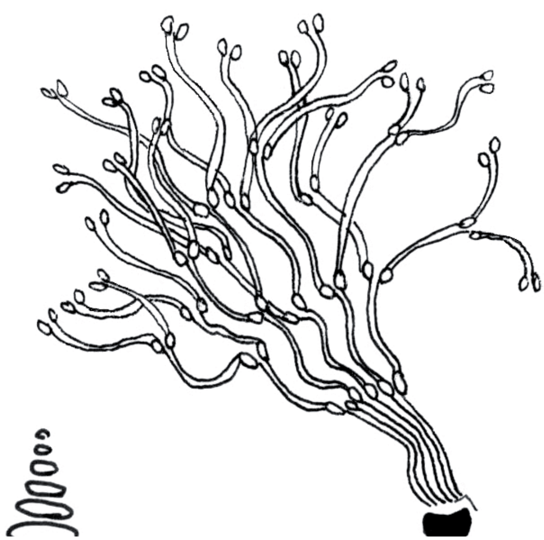
Os projetistas foram populistas, vejam vocês; procuravam dar ao público o que este queria. E o que o público queria era o futuro.

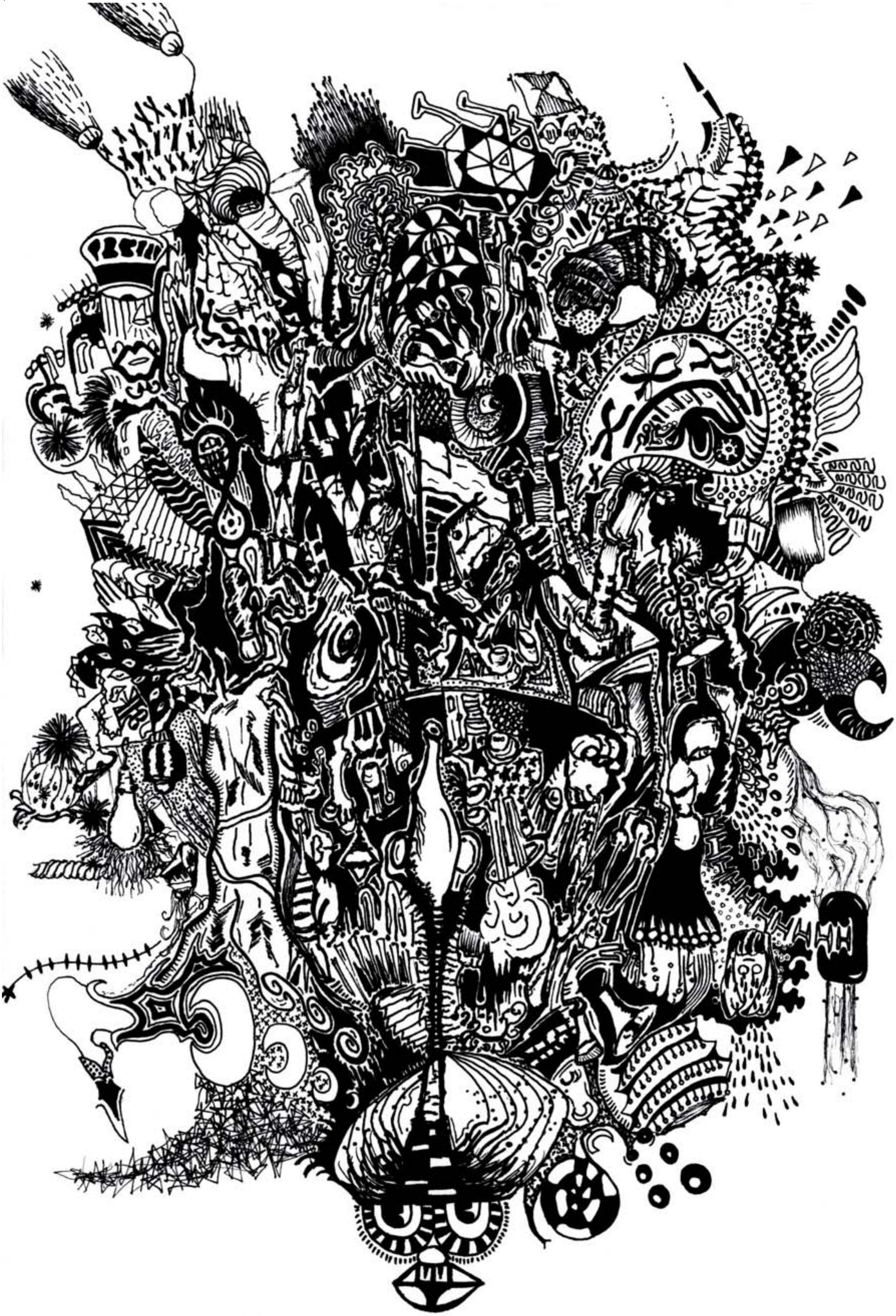
William Gibson, The Gernsback Continuum





SUMÁRIO





1
O FUTURO É O QUE SEMPRE FOI

ERA SEGUNDA-FEIRA, 25 de abril de 2005 em Nova Iorque, e eu estava em busca de uma época cristalizada no tempo. Tomei o trem 7 de Manhattan para o leste em direção ao Flushing Meadows, no Queens. Ao chegar na estação, fui direto ao parque. Quase que instantaneamente, encontrei o que estava à procura: relíquias da Feira Mundial de Nova Iorque de 1964. Na entrada do parque, recebi as boas-vindas de uma série de mosaicos sobre o asfalto que celebravam os temas da exposição e seus organizadores. Ao longo de um dos caminhos, deparei-me com o “Lançador de foguetes”: uma estátua de um mitológico viajante do espaço. Ao encontrar um amigável turista japonês, divertimo-nos ao tirar fotos um do outro em frente à “Uniesfera”: um globo de metal maciço com 45 metros de altura que domina o parque. Conversei com um casal da vizinhança, com seus cinqüenta e poucos anos, sobre suas visitas durante a adolescência à Feira Mundial. O céu nublado da manhã havia desaparecido e Flushing Meadows agora se aquecia sob a luz do sol. Esqueitistas executavam manobras embaixo da Uniesfera, famílias vagavam ao longo dos caminhos e casais relaxavam sobre o gramado.[1] No dia seguinte, eu faria o longo vôo de volta para minha casa em Londres. Contudo, naquela tarde em Flushing Meadows, as tarefas do amanhã

pareciam muito distantes. Encontrara o tempo cristalizado. Tudo mais poderia esperar enquanto eu saboreava o momento.

A fotografia na capa deste livro forneceu a inspiração para minha viagem até Flushing Meadows. Bem no início da minha pesquisa sobre as origens da Internet, encontrei uma referência fascinante à Feira Mundial de Nova Iorque de 1964. Estava certo de que já estivera lá quando criança. Assim que falei com a minha mãe pelo telefone naquele final de semana, ela confirmou minha suspeita. Alguns dias depois, ao examinar o álbum de fotografias que herdei de meu pai, Alec, não pude acreditar na sorte que tive, ao encontrar o retrato que ele havia feito da família Barbrook, em junho de 1964, na Feira Mundial de Nova Iorque. À direita está Richard com seus sete anos de idade, vestindo o que eu imediatamente reconheci como minha camisa pólo favorita. No centro, com 30 anos, minha mãe, Pat, parece tão glamorosa quanto Jackie Kennedy em seu *top* sem mangas, saia reta e sandálias de salto quadrado.[2] Sentada em um carrinho de bebê, minha irmã Helen, aos três anos, sofre com o calor de 30 graus. Cuidadosamente colocada em frente à Uniesfera, a família Barbrook é capturada enquanto admira o maravilhoso espetáculo da Feira Mundial.

No momento em que me recordo dessa visita, minha única memória nítida da exposição é ver os foguetes gigantes no Parque Espacial. Entretanto, não me surpreendo por recordar tão pouco da nossa visita à Feira Mundial de Nova Iorque. Muitas outras coisas excitantes aconteceram comigo durante aquele período formador da minha infância. Entre 1964 e 1965, vivi em um país estrangeiro com costumes e crenças muito diferentes daquelas de onde eu vinha. Na escola primária, a classe começava o dia com o recitar do juramento de lealdade à bandeira dos Estados Unidos, ao invés de resmungar pelos cantos algumas orações. Durante nossas aulas de história sobre a Revolução Americana de 1776, foi ensinado a este garoto inglês que a Inglaterra era a vilã e não a heroína. Enquanto vivi nos

Estados Unidos, também experimentei os extremos de seu clima continental e os prazeres da sua cultura popular. E o melhor de tudo: lá senti minha primeira paixão, ao segurar as mãos de Donna no parquinho da escola. Comparados a esses eventos seminais da minha vida, os detalhes da nossa visita de família à Feira Mundial de Nova Iorque foram facilmente esquecidos. Ao olhar a capa deste livro, não vejo somente uma imagem da minha presença física em um lugar específico e em um momento particular. O que me intriga é como essa tomada instantânea evoca como é ser uma pequena criança que mora em um país estrangeiro. "Fotografias de família devem mostrar nem tanto que estivemos uma vez ali, mas como uma vez fomos..."[3]

Enquanto escrevia este livro, compreendi que aquele período feliz da minha infância nos Estados Unidos teve um lado mais sinistro que – como um garoto de sete anos de idade – não percebi naquele momento. Na época em que a família Barbrook foi à Feira Mundial de Nova Iorque, em junho de 1964, meu pai estava a caminho de Boston para começar uma residência de doze meses no departamento de ciências políticas do Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT), em um esquema de intercâmbio criado pelos serviços de inteligência dos EUA.[4] Como membro de agremiação estudantil no início dos anos 1950, ele havia se envolvido com uma facção pró-estadunidense do Partido Trabalhista Britânico. Em meados dos anos 1960, meu pai tornara-se um acadêmico especializado nas políticas de sua pátria ideológica: os Estados Unidos. Ao fazer a pesquisa para este livro, reconheci na minha infância alguns personagens dúbios – como Walt Rostow – e organizações desonestas – como o Congresso pela Liberdade Cultural – que desempenham importantes papéis nos capítulos seguintes. Meu pai os conhecia e apoiou suas causas. Encontrar uma fotografia da família Barbrook em visita à Feira Mundial de Nova Iorque não parece ter sido uma grata coincidência. Dados os compromissos geopolíticos de meu pai, era quase inevitável que isso acontecesse.

Ao decidir começar a trabalhar neste livro, a última coisa que imaginei foi explorar a minha própria infância. Ao contrário, meu ponto de partida era um enigma teórico: a defesa acrítica de velhas visões sobre o futuro. Em 1995, enquanto escrevíamos *A ideologia californiana*[NT1], Andy Cameron e eu tivemos o prazer em apontar que os empresários da revista *ponto com Wired* patrocinavam um modelo de rede neoliberal já nos primeiros anos da década de 1980.[5] Alguns anos depois, em *The high-tech gift economy (A economia da dádiva da alta tecnologia)*, fiz uma conexão parecida, entre os sonhos do movimento de programas de computador de código aberto do final dos anos 1990 e a comunidade de ativistas de mídia dos anos 1960.[6] O que me fascinou tanto na época como agora foi que ambas, Direita e Esquerda, defendiam os futuros da Internet baseados no passado. Por décadas, a forma das coisas que viriam a ser permaneceu a mesma. A utopia da alta tecnologia está sempre logo ali, sem conseguirmos alcançá-la. Ao começar os trabalhos para este livro, estabeleci como tarefa explicar um dos fenômenos mais estranhos do início do século XXI: como o futuro é o que ele sempre foi.

Ao encontrar a fotografia da família Barbrook posando em frente à Uniesfera, percebi que descobrira a imagem que forneceria um foco para a minha investigação. Decidi que o ponto de partida deste livro seria explorar um paradoxo estranho: o modelo de futuro ofertado a mim, que vivo como um adulto em Londres no final dos anos 2000, foi o mesmo futuro prometido a mim ainda criança, na Feira Mundial de Nova Iorque em 1964. O que é ainda mais estranho é que – segundo as profecias feitas há mais de quatro décadas – eu já viveria neste futuro maravilhoso. No mundo desenvolvido, essa longevidade futura acabou por criar uma proximidade com as previsões dos visionários da computação. Na infância, diziam-nos que essas máquinas seriam capazes de um dia raciocinar – e até de sentir emoções – como seres humanos. Algumas características

mais populares nas histórias de ficção científica são as inteligências artificiais. As audiências cresceram com imagens de robôs amigos e leais, como o Data em *Jornada nas estrelas*, e monstros mecânicos cruéis, como o andróide de *O exterminador do futuro*.[7] Essas fantasias de ficção científica são motivadas por confiantes previsões de proeminentes cientistas da computação. Em 2006, o sítio da Internet da Honda ostentava o modelo atual de seu robô Asimo como sendo o precursor das máquinas cônscias que, no futuro, serão capazes de executar tarefas complexas, como cuidar de idosos ou apagar incêndios.[8] Alguns cientistas da computação acreditam, inclusive, que a invenção da inteligência artificial é uma questão espiritual. Na Califórnia, Ray Kurzweil e Vernor Vinge esperam pacientemente desde os anos 1980 pela Singularidade: a Encarnação do Robô Redentor.[9] Inspirados por dinheiro ou misticismo, todos esses defensores da inteligência artificial compartilham a convicção de que conhecem o futuro da computação e têm como objetivo chegar lá o mais rápido possível.

> A inteligência biológica está estática, porque é um paradigma velho e vencido, mas o novo paradigma da computação e inteligência não-biológica cresce exponencialmente. A passagem será na década de 2020 e, depois disso, pelo menos da perspectiva dos equipamentos, a computação não-biológica dominará...[10]

Assim como a inteligência artificial, o conceito de sociedade da informação é também um velho conhecido. Durante décadas, políticos, acadêmicos e peritos disseram aos cidadãos do mundo desenvolvido que a chegada dessa utopia digital era iminente. Essas premonições foram confirmadas pela cobertura dos meios de comunicação da crescente sofisticação e rápida proliferação de tecnologias icônicas: computadores pessoais, televisão via satélite, sistemas a cabo, celulares, videogames e, acima de tudo, a Internet.

Durante a explosão das empresas *ponto com* no final dos anos 1990, os acólitos californianos da sociedade da informação intoxicaram-se com o fervor do milênio. Kevin Kelly declarou que a Internet criara "um novo paradigma" que aboliu todo um ciclo econômico de inchaço-e-estouro.[11] Manuel Castells publicou vários volumes de uma celebração da transição das misérias do nacionalismo industrial às maravilhas do globalismo pós-industrial.[12]

No explodir da bolha especulativa em 2001, essa fábula de reluzente otimismo perdeu seu principal público. Para destroçar os sonhos da ideologia californiana, esse crescimento foi seguido por um estouro. O ciclo de negócios ainda regulava a economia. Com o terrorismo *jihadi* e aventuras do império em todas as manchetes, os novos meios de comunicação pareciam-se muito com algo do século passado. Contudo, essa baixa foi temporária. Com mais pessoas conectadas e as velocidades de conexão cada vez mais rápidas, a confiança retornou aos poucos ao setor das novas mídias. Em meados dos anos 2000, as ações *ponto com* eram mais uma vez negociadas a preços altos nas bolsas de valores. Como se a bolha nunca tivesse estourado, as Nações Unidas apresentaram uma conferência entre os dias 16 e 18 de novembro de 2005, na Tunísia, que promovia o futuro da alta tecnologia: a Cúpula Mundial da Sociedade da Informação.[13] A Internet retomara a sua posição de epítome da modernidade. Assim explicou o comissário europeu para a Sociedade de Informação e Mídia, momentos antes da conferência:

> Por muitos anos, especialistas falaram sobre a convergência digital das redes de comunicação, conteúdos e projetos de mídia. [...] Hoje (1º de junho de 2005), nós vemos a convergência digital de fato acontecer. Voz sobre IP, Web televisão, música *on-line*, filmes em celulares: tudo isso é agora realidade.[14]

Nas profecias sobre inteligência artificial e sociedade de informação, a ideologia é usada para distorcer o tempo. A importância de uma

nova tecnologia não está no que ela pode fazer aqui e agora, mas no que os modelos mais avançados poderiam ser capazes de fazer algum dia. O presente é compreendido como o futuro embrionário e o futuro ilumina o potencial do presente. Cada passo à frente na tecnologia da computação é um progresso ainda maior em direção ao objetivo final da inteligência artificial. A profecia sobre a sociedade da informação se aproxima de sua realização a cada lançamento de novas partes de programas e equipamentos computacionais. O presente já contém o futuro, e esse futuro explica o presente. O que é agora é o que será um dia. A realidade contemporânea é a versão *beta* de um sonho da ficção científica: o futuro imaginário.

Na viagem a Flushing Meadows, procurava pela evidência das visões de 40 anos dessa utopia computacional. A Uniesfera, o Lançador de Foguetes e outros sobreviventes da Feira Mundial não são somente curiosidades históricas. O tempo cristalizado dos idos de 1960 é quase indistinguível dos nossos futuros imaginários nos anos 2000. Se refletirmos sobre o que aconteceu durante as últimas quatro décadas, essa proposição parece um contra-senso. Entre as minhas duas visitas a Flushing Meadows, o sistema político e econômico internacional atravessou um processo de reestruturação radical. A Guerra Fria terminou. O império russo desmoronou. A hegemonia estadunidense decaiu. A Europa tornou-se uma unidade comercial. O Leste Asiático industrializou-se rapidamente. A democracia eleitoral se tornou a forma dominante de política. A globalização econômica impôs limites estritos sobre a autonomia nacional. Alguns dos problemas mais urgentes enfrentados pelo mundo hoje não eram sequer conhecidos há 40 anos: as mudanças climáticas, a epidemia da Aids, o terrorismo islâmico e o amortecimento das dívidas do Sul empobrecido. Entretanto, em todos os momentos desse período de tumulto e transformação, nosso conceito de futuro computadorizado foi algo que permaneceu fixo. Assim como em meados dos anos 1960,

momento em que a invenção da inteligência artificial e o advento da sociedade da informação estavam ainda a algumas décadas de distância. O presente está em constante mudança, mas o futuro imaginário é sempre o mesmo.

Por viverem em sociedades pré-modernas, tanto Aristóteles quanto Muhammad Ibn Khaldûn observaram ciclos históricos semelhantes. O lento passo da evolução social limitou o impacto dos levantes políticos. Modificado o sistema, o presente foi forçado a repetir o passado.[15] Segundo os gurus do pós-modernismo, esse fenômeno do tempo circular retornou no final do século XX. Desde o iluminismo, "a grande narrativa" da história impôs a lógica do progresso sobre a humanidade.[16] Porém, concluído o processo de industrialização, esses filósofos acreditaram que a modernidade perdera a sua força motriz. O tempo linear tornara-se obsoleto. Para os pós-modernistas mais pessimistas, esse renascimento do tempo cíclico comprovou que não poderia haver nenhum futuro melhor. A evolução histórica havia terminado. A inovação cultural era impossível. O progresso político parara. O futuro não é nada mais do que "o eterno retorno" ao presente.[17]

No momento em que o conceito de pós-modernismo foi inicialmente proposto, em meados dos anos 1970, seus pais fundadores argumentaram que a disseminação das tecnologias de informação seria a responsável pela emergência desse novo paradigma social. Jean-François Lyotard afirmou que a fusão dos meios de comunicação, computação e telecomunicações afastaria as estruturas ideológicas e econômicas da era industrial.[18] Jean Baudrillard denunciava a nova forma de dominação imposta pelo poder hipnótico da fantasia audiovisual sobre a imaginação pública.[19] Ironicamente, ainda que ambos os filósofos fossem críticos do tecno-otimismo, suas análises requeriam uma crença acrítica nas profecias da alta tecnologia da Feira Mundial de Nova Iorque. O futuro do modernismo dos anos 1960 explicou a presença do pós-modernismo nos anos 1970. Como

eles não interrogaram a validade das previsões da década anterior, a volta ao tempo cíclico foi fundada sobre suas certezas a respeito da direção do progresso linear. O presente perpétuo foi justificado pelo futuro imutável.

Ao contrário de sua própria imagem enquanto nova teoria da era da informação, o pós-modernismo foi ele mesmo um sintoma ideológico da hegemonia de profecias da alta tecnologia. De forma mais reveladora, seu conceito de tempo cíclico foi derivado da repetição contínua do mesmo modelo de utopia da ficção científica. Em oposição, a premissa deste livro é perguntar por que os futuros imaginários do passado sobrevivem no presente. Apesar de sua proeminência cultural, os fantasmas semióticos das máquinas cônscias e das economias pós-industriais são vulneráveis ao exorcismo teórico. Longe de significarem livre circulação, essas previsões estão profundamente arraigadas no tempo e espaço. Como este livro mostrará, não é acidental que suas origens intelectuais possam ser traçadas desde os Estados Unidos da Guerra Fria. Ao peneirar os dados da história desses dois futuros imaginários, pode-se revelar a fundação social dessas ideologias tecnológicas. Não nos surpreende que os pioneiros contemporâneos da inteligência artificial e da sociedade da informação raramente reconheçam a antiguidade de suas previsões. Eles querem mover-se adiante ao invés de olhar para trás. O tempo é fluido, nunca cristalizado.

Este livro, ao contrário, insiste que os futuros imaginários da inteligência artificial e da sociedade da informação possuem uma longa história. Já se vão mais de 40 anos desde que os sonhos das máquinas pensantes e a cornucópia pós-industrial atraíram a imaginação do público estadunidense na Feira Mundial de Nova Iorque. Examinar as pioneiras tentativas de propagação dessas profecias é um requisito para entender suas repetições contemporâneas. O tempo cristalizado ilumina o tempo fluido. Olhar para trás, ao invés de um desvio, é

a pré-condição para se mover adiante. Enquanto investigava para escrever este livro, revisitar aquele dia de junho de 1964 como uma criança em Flushing Meadows foi um passo essencial na construção – enquanto adulto – da minha análise sobre as profecias do futuro imaginário. Com essa motivação em mente, voltemos à segunda década da Guerra Fria, momento em que a mais rica e poderosa nação do planeta produzia um espetáculo em Nova Iorque para celebrar as maravilhas das novas tecnologias...

Notas:

1 Para mais informações sobre esse parque, ver Departamento de Parques e Recreação da Cidade de Nova Iorque: *Flushing Meadows Corona Park Virtual Tour*.

2 Jackie Kennedy foi a fotogênica esposa do presidente norte-americano John Kennedy entre 1961 e 1963.

3 Annette Kuhn, *Remembrance*, página 18.

4 O MIT está localizado em Cambridge, nos arredores de Boston, em Massachusetts. Durante seu ano por lá, meu pai realizou a pesquisa para seu livro sobre a política eleitoral do estado local: Alec Barbrook, *God save the commonwealth*.

5 Ver Richard Barbrook e Andy Cameron, *The californian ideology* (*A ideologia californiana*).

6 Ver Richard Barbrook, *The hi-tech gift economy* (*A economia da dádiva da alta tecnologia*).

7 Ver Startrek.com, Data; e James Cameron, *O exterminador do futuro*.

8 Ver Honda, Asimo.

9 Ver James Bell, *Exploring the "singularity"*; e Vernor Vinge, *The technological singularity*.

10 Ray Kurzweil, *The intelligent universe*, página 3.

11 Ver Kevin Kelly, *New rules for the new economy*.

12 Ver Manuel Castells, *The rise of the network society*; *The power of identity*; *end of millennium*.

13 Ver Cúpula Mundial da Sociedade da Informação, *Second phase, Tunis*.

14 Viviane Reding, em Comissão das Comunidades Européias, *Commission launches five-year strategy to boost the digital economy*, página 1.

15 Ver Aristóteles, *The politics*, páginas 101-234; e Muhammad Ibn Khaldûn, *The Mugaddimah*, páginas 91-261.

16 Ver Jean-François Lyotard, *The post-modern condition* (*A condição pós-moderna*).

17 Ver Gilles Deleuze, *Difference and repetition*.

18 Ver Lyotard, *Post-modern condition* (*A condição pós-moderna*), páginas 3-4, 60-67.

19 Ver Jean Baudrillard, *Simulations*; *The ecstasy of communication*.

NT 1 – O original em inglês de "A ideologia californiana", *The californian ideology,* do mesmo autor de *Futuros imaginários*, está traduzido livremente por um grupo coordenado pelo professor Francisco Rüdiger da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e disponível em
http://members.fortunecity.com/cibercultura/vol2/idcal.html
Acessado em fevereiro de 2008.



2
O SÉCULO ESTADUNIDENSE

NO DIA 22 DE ABRIL DE 1964, a Feira Mundial de Nova Iorque foi aberta ao público em geral. Durante os dois anos seguintes, essa maravilhosa terra moderna daria as boas-vindas a mais de 51 milhões de visitantes. Cada seção da elite estadunidense esteve representada entre os 140 pavilhões da Feira Mundial: o governo federal, as administrações estatais locais, os corpos públicos, as grandes corporações, as instituições financeiras, o *lobby* industrial e os grupos religiosos. Depois de mais de 20 anos de expansão econômica ininterrupta, houve uma abundância de organizações dispostas a gastar grandes somas de dinheiro no espaço de exposição da Feira Mundial. Aqui estava uma maravilhosa oportunidade de combinar auto-promoção com dever patriótico. A Feira Mundial de Nova Iorque comprovou que os Estados Unidos eram os líderes mundiais em tudo: bens de consumo, política democrática, *showbusiness*, arquitetura modernista, belas artes, tolerância religiosa, vida doméstica e, acima de tudo, a nova tecnologia. "Um milênio de progresso" havia culminado nas maravilhas da civilização estadunidense.[1]

Obviamente, essa fusão de camelódromo e patriotismo era mais proeminente entre os expositores corporativos da Feira Mundial. Localizados em endereços como o Complexo Industrial ou a Avenida dos Transportes, os pavilhões dos grandes negócios e seus

grupos lobistas anunciaram em alto e bom tom as virtudes de seus patrocinadores. Todo tipo de truque foi usado para atrair os clientes. A Pepsi contratou a Disney para construir uma montanha-russa temática onde figuraram modelos de crianças, animais e pássaros que cantavam e dançavam. A Companhia US Rubber conseguiu combinar o entretenimento dos parques de diversão com a estética da Arte Pop ao construir uma roda gigante em forma de "um gigantesco pneu preto com uma listra branca".[2] Mesmo muito populares, esses exibidores nunca se tornaram as estrelas do espetáculo. O que realmente impressionou o Richard de sete anos, assim como milhões de outros visitantes, foram as sublimes exposições de novas tecnologias. Escritores e cineastas fantasiaram por muito tempo viagens a outros mundos. Agora, no Parque Espacial da Nasa, na Feira Mundial de 1964, o público poderia admirar os enormes foguetes que enviaram os primeiros estadunidenses à órbita terrestre.[3] Diante de seus próprios olhos, a ficção científica se viu transformada em fato científico.

Desde que os russos lançaram o satélite Sputnik, em 1957, as duas superpotências estavam presas à corrida espacial: uma competição para comprovar a supremacia tecnológica movida a feitos espetaculares fora da atmosfera terrestre. Até o momento em que a Feira Mundial foi inaugurada, os meios de comunicação dos Estados Unidos obcecavam-se com cada detalhe desse contexto. Os astronautas eram idolatrados como heróis tipicamente estadunidenses por tomarem conta do inimigo da Guerra Fria nos céus.[4] Mesmo que os russos houvessem humilhado novamente os Estados Unidos em 1961, quando Yuri Gagarin tornou-se o primeiro humano a orbitar a Terra, sua liderança tecnológica erodia lentamente. No mesmo ano do vôo de Gagarin, o presidente dos Estados Unidos John Kennedy sentiu-se bastante confiante para anunciar um novo objetivo para o programa espacial da sua nação: aterrissar um astronauta na Lua dentro de

dez anos. Enquanto as multidões olhavam para os gigantescos foguetes no Parque Espacial, essa ambição já estava a caminho de ser realizada.[5] Os visitantes da Sala de Ciências da cidade de Nova Iorque puderam se maravilhar com um modelo de ônibus espacial da Nasa que conduzia pessoas e suprimentos a um laboratório orbital. Dentro do pavilhão dos Estados Unidos foi exibido um filme que mostrava astronautas estadunidenses na primeira aterrissagem lunar.[6] Apesar dos atrasos prematuros, a ingenuidade ianque somada à falta de um espírito inventivo liderava a corrida espacial. Os Estados Unidos ainda eram o número um.

Como no Parque Espacial, os pavilhões corporativos também se orgulhavam da proeza tecnológica dos Estados Unidos. Na exposição da DuPont, a atração principal foi o musical *O maravilhoso mundo da química*, com canções como *A feliz família de plástico,* que celebrava as contribuições dos cientistas estadunidenses à sociedade de consumo.[7] Pavilhão após pavilhão, os grandes negócios predisseram que as realizações do presente logo seriam superadas pelos triunfos do amanhã. Visitantes da exposição da General Motors puderam passear no parque temático por um futuro de viadutos multipistas, gigantescos arranha-céus, assentamentos embaixo d'água, cidades desertas e, como um *grand finale*, por um *resort* turístico lunar. Em volta do pavilhão da Ford, os automóveis eram glorificados como protótipos de foguetes. A corporação ostentava que os passageiros do seu passeio espacial deveriam "plainar sobre uma super-rota aérea sobre a Cidade do Amanhã com seus elevados pináculos e edifícios com domos de bolhas de vidro reluzente."[8] Tanto General Motors quanto Ford compartilhavam a mesma visão: visitar outros planetas no futuro seria tão barato e fácil como viajar a outras cidades no presente. Dentro de algumas décadas, cada estadunidense seria um astronauta.

Na abertura da Feira Mundial, a General Electric foi manchete nos meios de comunicação por proporcionar "a primeira demonstração

de fusão termonuclear controlada a ser testemunhada pelo público comum". No seu pavilhão Progressolândia, uma intensa e barulhenta explosão de luz e sons era criada a cada seis segundos ao espremer plasma com um ímã gigantesco.[9] A General Electric declarou que esse experimento "todo-inspirador" foi o primeiro passo em direção ao desenvolvimento de uma fonte de fornecimento ilimitado de energia livre: a fusão nuclear. Durante a década anterior, essa construtora de fábricas de energia graciosamente faturou o entusiasmo do governo dos Estados Unidos ao gerar eletricidade por fissão nuclear. Na Sala de Ciências, a agência estatal dirigente desse projeto organizou uma exposição infantil que explicava como a nova forma da energia melhorava as vidas de cada estadunidense: "Vila Átomo, EUA".[10] No seu pavilhão, a General Electric previu que as maravilhas da fusão nuclear logo ultrapassariam até aquelas da fissão nuclear. Esse método futurista de gerar eletricidade prometeu ser tão eficiente que logo não haveria mais nenhuma razão para medir seu uso pelos consumidores. A era da energia livre era iminente.

Qualquer que fosse a tecnologia, a mensagem dessas exposições corporativas era a mesma. Os grandes negócios construíam um futuro estadunidense muito melhor e mais brilhante. Em nenhum outro lugar essa atitude auto-congratulatória esteve mais em evidência do que nas exposições que apresentavam as últimas inovações em tecnologias da informação. Os pavilhões corporativos enfatizavam o controle de seus patrocinadores sobre o rápido desenvolvimento nos meios de comunicação, telecomunicação e computação. A RCA participava da Feira Mundial para celebrar o bem sucedido lançamento do televisor em cores nos Estados Unidos. Nessa exposição, o público pôde perambular pelos estúdios em plena produção dos programas que seriam transmitidos ao vivo para 250 telas espalhadas por todos os cantos. Dentro do pavilhão da Bell houve demonstrações de videofones, sintetizadores de voz, lasers, jogos eletrônicos, entre

outros artefatos dos seus laboratórios de pesquisa.[11] Para muitas corporações, o método mais eficaz de comprovar sua modernidade tecnológica foi exibir um computador. O pavilhão da Clairol continha uma máquina capaz de selecionar "o tom de cabelo que mais deleitava" as mulheres visitantes. A Parker Pen exibiu um computador que cruzava crianças estadunidenses com amigos de correspondência de países estrangeiros.[12] Em cada uma dessas demonstrações, a presença de um computador proclamava em bom tom que as corporações estadunidenses eram as fabricantes do futuro.

Ironicamente, embora desempenhassem um papel proeminente na cobertura da Feira Mundial nos meios de comunicação, quase todos esses caros computadores *mainframes* eram artifícios de alta tecnologia. Passariam-se quase duas décadas até que os primeiros computadores pessoais aparecessem nos escritórios e lares. Demoraria ainda mais tempo até que os circuitos integrados fossem incorporados aos itens de consumo cotidiano. Em oposição, a IBM foi capaz de dedicar seu pavilhão exclusivamente às maravilhas da computação como uma tecnologia distinta. Durante mais de uma década, essa corporação foi a principal fabricante de computadores dos Estados Unidos. De volta a meados de 1950, ela desenvolveu o IBM 650, que se tornou o computador mais vendido da década.[13] Assim que esse modelo ficou obsoleto, seu sucessor – IBM 1401 – obteve ainda mais sucesso. Em 1961, somente esse produto contabilizava cerca de um quarto de todos os computadores em operação nos Estados Unidos.[14] Apesar de seus melhores esforços ao longo dos anos, nenhuma das corporações concorrentes chegou a ameaçar seriamente o seu controle sobre a indústria. Os vastos recursos da IBM asseguravam que qualquer vantagem competitiva adquirida pelos seus concorrentes seria somente temporária. No momento em que a Feira Mundial de 1964 começou, a corporação desfrutou um semi-monopólio sobre o mercado de computadores *mainframe* e de periféricos, tanto nos Estados Unidos

quanto na Europa Ocidental.[15] Na cabeça da maior parte dos visitantes da Feira Mundial, a IBM era a computação.

Um pouco antes da Feira Mundial ser aberta ao público, a corporação lançou uma série de produtos que aumentariam ainda mais seu controle sobre a indústria de computadores: o System/360.[16] Desde o início dos anos 1950, a IBM produzia diferentes computadores *mainframes* e periféricos para cada segmento do mercado. Existiam as máquinas de alto e baixo custo. Existiam modelos comerciais, acadêmicos e militares. Assim como a crescente pesquisa e os custos de desenvolvimento, essa estratégia de negócio significou que os produtos da IBM muitas vezes não funcionavam uns com os outros. Pior ainda, os clientes reclamavam que as atualizações de *mainframes* ou a instalação de periféricos poderiam ser um pesadelo técnico.[17] Amedrontada com a possibilidade de que esse problema ajudasse seus concorrentes, a IBM investiu pesadamente, já no início dos anos 1960, no desenvolvimento da primeira linha completa de computadores compatíveis dessa indústria. As ambições monopolizadoras do projeto do System/360 foram simbolizadas pela inspiração do seu nome: todos os pontos do compasso. A nova linha de produtos compatíveis da IBM permitiria que os clientes fossem capazes de "escolher-e-combinar" os computadores *mainframes* e periféricos que melhor se adequassem às suas necessidades particulares.[18] Durante a década seguinte, o System/360 se tornou o padrão para a computação em todo o mundo e fundou a hegemonia da corporação sobre a indústria por mais 20 anos.[19] Contudo, em 1964 o êxito desse ambicioso projeto ainda era uma dúvida. Como já haviam apostado todas as cartas no desenvolvimento do System/360, os chefes da IBM não desperdiçariam a oportunidade da autopromoção oferecida pela Feira Mundial. Eles decidiram celebrar as realizações tecnológicas e econômicas do colossal computador construindo um pavilhão que ofuscaria todos os outros da exposição.

Eero Saarinen – o renomado arquiteto finlandês – criou o impressionante visual do edifício da IBM: um teatro branco-ovalado, logotipo corporativo em relevo, sustentado por 45 árvores de metal em tom ferrugem. Debaixo dessas formas espalhafatosas, Charles e Ray Eames – a dupla epítome do desenho industrial modernista estadunidense – foram comissionados para produzir as mostras que celebrariam a liderança da corporação na indústria da computação. Dentro do espaço do andar térreo, os computadores *mainframes* IBM demonstravam sua capacidade de reconhecer a caligrafia humana e traduzir o russo para o inglês. Os visitantes poderiam assistir a "figuras mecânicas que representavam cenas nos palcos que rodeavam o edifício e temas como velocidade, lógica de computação e sistemas de tratamento de informação". Voltados para o próprio teatro, Charles e Ray Eames dirigiram a atração principal no pavilhão da IBM: "a Máquina de Informações". Depois de ocuparem seus lugares nos 500 assentos da "Parede de Pessoas", os visitantes eram erguidos para dentro da estrutura ovalada. Uma vez no interior, um narrador iniciava uma performance em vídeo e slides de 12 minutos, em nove telas e 14 projetores, com comentários estereofônicos fornecidos na variação de cinco línguas. O tema dessa enlouquecida demonstração multimídia era como os computadores solucionariam problemas do mesmo modo que a mente humana.[20] O público aprendia que os *mainframes* System/360, expostos no pavilhão da IBM, estavam em via de adquirir uma consciência: a inteligência artificial. "Não fique surpreso se a sua própria mente expandir um bocado ao ver como os computadores usam suas próprias maneiras comuns de raciocinar para solucionar alguns dos enigmas mais mistificados do universo."[21] A demonstração multimídia da IBM comunicou uma importante mensagem ao público estadunidense. A corporação era muito mais do que somente uma operação comercial. Vender computadores aos grandes governos e aos grandes negócios foi simplesmente um

modo de providenciar dinheiro para realizar a meta inicial da IBM: a criação da inteligência artificial. Por mais de uma década, Herbert Simon, Marvin Minsky e outros cientistas proeminentes nos Estados Unidos argumentaram que as melhorias em equipamentos e programas de computador cedo ou tarde fariam as máquinas indistinguíveis dos seres humanos.[22] Uma vez que a tecnologia estivesse suficientemente sofisticada, a emergência das máquinas pensantes seria inevitável. Em 1961, a IBM anunciou que seus laboratórios recém abertos priorizariam o desenvolvimento da inteligência artificial.[23] Uma vez que os *mainframes* System/360 estivessem disponíveis, o computador seria poderoso o bastante para construir os protótipos das máquinas pensantes.

Simon, Minsky e seus colegas peritos em inteligência artificial concordavam que o aparecimento dos primeiros computadores totalmente conscientes era iminente. Por mais de duas décadas, a visão otimista das máquinas conscientes que serviriam à humanidade foi ubíqua dentro da ficção científica popular.[24] Durante os anos 1950, a interação humana com um andróide amistoso se tornara uma admirada linha narrativa dentro da cultura de massa estadunidense. No popular filme de ficção científica de 1956, *O planeta proibido*, o mais popular – e memorável – personagem era uma máquina sensível, leal e obediente: Robby, o Robô.[25] Na Feira Mundial de 1964, a IBM orgulhosamente anunciou que essa fantasia estava a ponto de ser realizada. O *mainframe* System/360 podia ser modelado como uma caixa, mas – se você olhasse com bastante atenção – poderia ver que esse computador era o protótipo de uma inteligência artificial humanóide. Em um futuro próximo, os consumidores estadunidenses seriam capazes de comprar o seu próprio robô Robby. "Duplicar a solução de problemas e a capacidade de lidar com informação do cérebro [humano] não está distante; seria surpreendente se não fosse consumado dentro da próxima década."[26]

A impressionante combinação entre a arquitetura de vanguarda e a performance multimídia no pavilhão da IBM foi um grande êxito

tanto para a imprensa quanto para o público. Muitos acreditavam que a corporação tinha preparado a melhor exposição da Feira Mundial de 1964. Mais uma vez, a promoção do produto foi associada com sucesso a "um conceito de desenho arquitetônico integrado".[27] O que mais impressionou os visitantes foi a extravagância audiovisual de Charles e Ray Eames para a inteligência artificial. A IBM gastou bem o seu dinheiro. Ao lado dos foguetes espaciais e dos reatores nucleares, o computador confirmou seu lugar na imaginação do público como um dos três ícones da tecnologia dos Estados Unidos moderno. A IBM foi a construtora de cérebros eletrônicos: a prova no presente das maravilhas do futuro.

No início dos anos 1960, essa confusão entre ciência factual e ficção científica dominou a percepção do público sobre a inovação tecnológica. Antes que chegasse à Feira Mundial de Nova Iorque, a maior parte dos visitantes já sabia a moral do show: as máquinas em exposição eram protótipos de coisas melhores por vir. As naves espaciais da Nasa evoluiriam para luxuosas linhas interplanetárias de passageiros.[28] Os reatores de fissão da General Electric se tornariam fábricas de fusão que forneceriam quantidades quase ilimitadas da energia. Essas fantasias do futuro explicavam, essencialmente, como as novas tecnologias eventualmente beneficiariam a todas as pessoas. A promessa da viagem espacial para todo o mundo justificava gastar enormes quantias de dinheiro no envio de alguns astronautas à órbita terrestre. A previsão da eletricidade "barata demais para ser medida" mostraria que os investimentos massivos na energia nuclear valiam a pena. O presente seria o precursor do futuro – e o futuro cumpriria com a promessa do presente.

Assim como os foguetes espaciais e os reatores nucleares, os computadores também existiam em duas formas ao mesmo tempo. De um lado, os modelos presentes expostos no pavilhão da IBM eram protótipos das máquinas sensíveis do futuro. Os visitantes poderiam

ver um computador que já era capaz de traduzir o russo para o inglês. De outro lado, o sonho da inteligência artificial mostrou o verdadeiro potencial dos computadores *mainframes* expostos no pavilhão da IBM. O público da performance multimídia de Charles e Ray Eames entendeu como as máquinas estavam em processo de se tornarem tão inteligentes quanto os seres humanos. O *mainframe* System/360 era a versão 1.0 do robô Robby. A inteligência artificial era tão iminente como inerente à nova tecnologia da computação. Na Feira Mundial de Nova Iorque, o entusiasmo dos expositores ao mesclar ficção científica com fato científico refletiu sua visão otimista sobre os Estados Unidos contemporâneo. Tanto no Parque Espacial quanto nos pavilhões corporativos, o alto governo e os grandes negócios identificaram o presente com o futuro para enfatizar a supremacia tecnológica da sua pátria-mãe. Os avanços científicos faziam com que os sonhos de ficção científica se realizassem e, simultaneamente, essas previsões inspiravam a invenção de novas máquinas incríveis. O que acontecia e o que poderia acontecer era indistinguível um do outro. No pavilhão da IBM, a nova tecnologia da computação foi exposta como o cumprimento da fantasia de ficção científica: o futuro imaginário da inteligência artificial.

Na abertura da Feira Mundial de Nova Iorque, os estadunidenses tinham boas razões para se sentirem otimistas. A realização da exposição coincidiu com um momento histórico muito especial: o auge da hegemonia dos Estados Unidos sobre o planeta. Durante os cinquenta anos anteriores, a elite estadunidense prevalecera sobre seus rivais imperialistas no combate, na produção e na sagacidade. Antes de 1964, os Estados Unidos tornaram-se uma superpotência econômica e militar sem comparação.[29] A preeminência estadunidense era demonstrada, sobretudo, a partir de sua superioridade tecnológica. Não era surpreendente que as exposições mais populares na Feira Mundial de Nova Iorque fossem os últimos triunfos científicos dos Estados

Unidos: foguetes espaciais, modelos de televisor em cores, videofones, reatores nucleares e, acima de tudo, os computadores *mainframes*. Essa identificação das novas tecnologias com o futuro imaginário foi o fio condutor de exposições internacionais durante mais de um século. Em 1851, regada com a prosperidade e o poder que fluía da posse da "oficina do mundo", a elite britânica organizou a celebração inaugural das maravilhas do progresso econômico: a Grande Exposição dos Trabalhos de Indústria de Todas as Nações. O Palácio de Cristal – um edifício futurista de ferro e vidro – fora erguido em um parque central de Londres. Em seu interior, os visitantes eram conduzidos a uma fascinante exposição de produtos inéditos das fábricas e importações exóticas das colônias. Pela primeira vez, os ícones da modernidade industrial foram as atrações principais em um grande festival internacional.

Ironicamente, em sua proposta original, os organizadores identificaram como objetivo primário da Grande Exposição a promoção do falso estilo medieval. No projeto do Palácio de Cristal, a melhor posição no centro da entrada principal foi alocada à exposição do Renascimento Gótico.[30] Ao ver tantos exemplos desse sublime projeto na Grande Exposição, os consumidores se tornariam mais perspicazes em suas compras e os negócios se inspirariam a criar melhores produtos. Ao ganharem uma maquiagem retrógrada, as mercadorias industriais se tornavam socialmente aceitáveis. O novo só era belo ao imitar o antigo.[31] Na Inglaterra vitoriana, o renascimento gótico era muito mais do que somente um movimento de arte. A elite britânica teve imenso prazer ao disfarçar sua república comercial de alta tecnologia em uma romântica monarquia medieval. Mesmo na mais moderna nação do mundo, a última inovação industrial era mascarada como costume feudal arcaico: "a tradição inventada".[32] "A essência [da Inglaterra] é forte como a dureza da simplicidade moderna; seu exterior é augusto como a grandiosidade gótica de uma era mais imponente."[33]

Apesar dos melhores esforços dos organizadores, sua admiração pelo falso desenho medieval não foi compartilhada pela maioria das pessoas aglomeradas na Grande Exposição. Ao invés disso, foi a Sala de Maquinário que se tornou a seção mais popular do Palácio de Cristal. Para visitantes da classe trabalhadora, em particular, o mobiliário altamente decorado e os relicários do Renascimento Gótico nunca teriam o impacto emocional das novas tecnologias que converteram a Grã-Bretanha em uma superpotência econômica e militar: teares de algodão, telegrafia, ceifeiras, impressoras rotativas e, o melhor de tudo, máquinas a vapor.[34] Na Inglaterra vitoriana, essas máquinas eram símbolos potentes da modernidade. O capitalismo industrial ultrapassara as realizações de todas as civilizações anteriores. Pela primeira vez na história humana, as pessoas poderiam viajar em um trem ferroviário mais rápido do que um cavalo e se comunicar a longas distâncias com a telegrafia. Acima de tudo, suas vidas diárias foram reformadas com os novos produtos do sistema fabril.[35] Por milênios, a elite aristocrática deixou os povos da Europa na pobreza e ignorância. A Grande Exposição de 1851 foi a celebração pública do papel principal da Inglaterra na destruição dessa ordem social opressiva. Durante os dois séculos seguintes à Revolução de 1642, o livre comércio varreu a economia feudal nessa parte da Europa. A privatização da terra e a mecanização da produção artesanal fez o inglês explorar um novo – e mais avançado – sistema econômico: o capitalismo liberal. Empreendedores comprovavam que os mercados desregulados poderiam coordenar indiretamente o trabalho humano de forma muito mais eficiente que os métodos diretos do feudalismo. Aventureiros descobriam que a venda de mercadorias no mercado mundial era muito mais lucrativa do que o aluguel extorsivo cobrado de camponeses em alguma localidade.[36]

Com a intensificação da competição, os capitalistas ingleses iniciaram a reorganização do próprio processo de fabricação. Os investimentos

em maquinário aumentaram a produtividade de seus empregados. O desenvolvimento de novos produtos criou mais consumidores para suas empresas.[37] Dentro do Palácio de Cristal, os frutos desse novo sistema econômico estavam expostos. O livre comércio criou as condições para a manufatura de suas maravilhosas exposições. A industrialização forneceu tecnologias avançadas para a construção de um império global. Ao mesmo tempo, essas exposições dentro do Palácio de Cristal sistematicamente ignoravam o trabalho das pessoas que as haviam produzido. Os vestidos de seda não denunciavam nenhum traço dos horrores dos locais de trabalho semi-escravos onde eram fabricados. As vidrarias da Irlanda não continham nenhuma lembrança da fome na Grã-Bretanha, que recentemente dizimara a classe camponesa do país.[38] Assim como no mercado, as maravilhas dos produtos eram mais importantes do que as condições daqueles que os produziam na Grande Exposição. Expor publicamente era – paradoxalmente – o método mais eficaz de encobrimento social.[39]

A modernidade inglesa foi demonstrada com a ênfase da Grande Exposição nos produtos e não nos produtores. Para a primeira nação industrial, os bens materiais não eram somente símbolos de *status* social. As pessoas agora deveriam interagir umas com as outras por meio das coisas: mercadorias, dinheiro e capital. A distribuição e a divisão do trabalho por meio da economia eram reguladas com preços e salários estabelecidos na competição de mercado. Entretanto, o legado da aristocracia não terminou com as regras de classe na Inglaterra. Com a compra e a venda do trabalho na economia capitalista, a igualdade dentro do mercado resultou na desigualdade dentro do local de trabalho.[40] Como as mercadorias eram trocadas por outras de valor equivalente, essa nova forma de domínio de classe era muito diferente de sua predecessora. A exploração indireta havia substituído a dominação direta. Sob o capitalismo liberal, os movimentos impessoais dos mercados agora determinavam o destino

dos indivíduos. Enquanto a economia se expandia, a qualidade de vida dos funcionários aumentava de acordo com a intensificação da competição entre empregadores por seus trabalhos. Contudo, na virada do ciclo de negócios, a situação foi invertida. O desemprego crescente empobreceu aqueles que perderam seus empregos e enfraqueceu a posição de barganha daqueles que permaneceram no trabalho. Para o proletariado da Inglaterra vitoriana, o mercado era – ao mesmo tempo – o abastecedor da abundância e o criador da miséria. Enquanto os bens comerciais e os serviços dirigiam a distribuição e a divisão do trabalho dentro da economia, mercadorias fetichísticas determinavam o destino dos seus criadores humanos.[41]

Em meados do século XIX, tanto os liberais burgueses quanto os socialistas da classe trabalhadora puderam encontrar a confirmação de suas crenças políticas nos motores a vapor da Grande Exposição. Desde que o momento da produção não estivesse à vista, a doutrina específica materializada nessas máquinas estava aberta à interpretação. Apesar de suas diferenças profundas a respeito das políticas de industrialização, tanto a Direita quanto a Esquerda concordavam em uma coisa: a nova tecnologia representava o futuro. A rápida transformação da sociedade por meio dos esforços combinados entre pesquisadores científicos e trabalhadores fabris tomou uma forma fetichística. Em vez de projetos políticos rivais para melhorar as vidas dos seres humanos, a etapa seguinte da modernidade era cada vez mais simbolizada por previsões de novas máquinas fantásticas. Desta vez, como a tecnologia influenciava a política, as lutas de classe face ao poder econômico eram expressas por discussões ideológicas sobre a significação social da inovação tecnológica. Com a criatividade humana ocultada atrás da mercadoria, o processo da modernidade adquiriu um objeto altamente visível como sujeito: "o sistema maquinal automático, um poder móvel que move a si próprio".[42]

O triunfo da Grande Exposição de 1851 foi o começo do movimento de exposições globais. Dentro de dois anos, Nova Iorque hospedaria a sua primeira Feira Mundial e, alguns anos depois, Paris também apresentaria a sua mostra inaugural. A tendência foi estabelecida. Organizar uma exposição se tornou um dos melhores modos de comprovar a modernidade de uma nação. Assim como a Grande Exposição, esses eventos subseqüentes foram muito mais do que meras feiras de negócios. A Exposição Chicago Columbian, em 1893, teve mais de 21 milhões de visitantes, enquanto a Exposição Paris Universal, em 1900, atraiu quase 48 milhões de espectadores.[43] Esses movimentos de pessoas sem precedentes demonstravam o importante papel cultural desses eventos. Antes do advento da viagem aérea barata, ir a uma exposição era uma das poucas possibilidades de experimentar culturas de outras nações. Exposições mundiais pareciam prefigurar a paz mundial.

Embora suas localizações e circunstâncias históricas fossem diferentes, cada um desses eventos seguiu o padrão estabelecido pela Grande Exposição de 1851: a celebração pública do progresso econômico. Exposição após exposição, as estrelas do show eram, sobretudo, as tecnologias de vanguarda da época. A Exposição Paris Universal de 1889 foi imortalizada pela realização da soberba engenharia da Torre Eiffel.[44] Contudo, a partir da abertura dessa exposição, as potências européias começariam a ficar para trás face ao rápido passo da inovação que se realizava do outro lado do Atlântico. Poucos anos depois da Torre Eiffel ser construída, o Palácio da Eletricidade – a exibição mais popular da Exposição Mundial de Chicago, em 1893 – fornecia a prova espetacular da superioridade tecnológica da indústria dos Estados Unidos sobre seus rivais europeus.[45] Durante a primeira metade do século XX, a disparidade entre os dois continentes ficou cada vez mais óbvia. Enquanto as forças européias destruíam umas às outras em guerras desastrosas, os

Estados Unidos seguiam rumo à dominação global. No final dos anos 1930, esses destinos divergentes foram dramaticamente demonstrados nas exposições que aconteceram em Paris e Nova Iorque. Os visitantes da Exposição Internacional Parisiense de 1937 eram confrontados com uma imagem sombria do mundo. Diretamente opostas uma à outra no meio do calçadão principal, Alemanha nazista e Rússia stalinista erguiam maciços edifícios para desafiar suas visões rivais do futuro totalitário. As divisões políticas e ideológicas que dirigiam a Europa em direção à catástrofe eram perfeitamente simbolizadas em tijolo e concreto.[46]

Em completa oposição, os visitantes da Feira Mundial de Nova Iorque de 1939 foram recepcionados por um banquete de simbolismo otimista. No centro da exposição estavam as contribuições atordoantes de Nova Iorque para a mostra: o Trylon – um obelisco *Arte Déco* – e o Perisférico – um globo branco brilhante. Dentro do último estava a Democracidade, uma exposição bastante popular que promoveu uma visão utópica da vida suburbana e do transporte motorizado para todos.[47] Esse futuro imaginário também inspirou o pavilhão corporativo mais próspero da Feira Mundial de 1939: o Futurama, da General Motors. Os visitantes aglomeravam-se para admirar o diagrama que mostrava como os EUA se pareceriam em 20 anos. Como no modelo Democracidade, essa exposição também previu que a maior parte das pessoas viveria em subúrbios e trafegaria para o trabalho em carros motorizados.[48] Tanto o governo quanto os grandes empresários estavam convencidos de que – dentro de algumas décadas – os Estados Unidos seriam uma sociedade de consumo.[49]

> "Democracidade" [é] uma metrópole perfeitamente integrada, futurista, que pulsa com a vida, ritmo e música... Aqui está uma cidade de um milhão de pessoas com uma população de 250 mil trabalhadores, cujas casas estão localizadas além da própria cidade, em cinco cidades satélites. Como grandes artérias, largas estradas

> atravessam áreas expansivas da zona rural verde vívida, para conectar cidades industriais remotas ao coração da cidade.[50]

Face à forte competição pela atenção dos visitantes, outras corporações exibiam máquinas que até então só eram encontradas em histórias de ficção científica. A estrela principal do pavilhão da Westinghouse foi Electro: "um homem de metal de quase três metros que fala, vê, cheira, canta e conta com seus dedos".[51] Embora fosse só um aparelho, essa máquina foi uma das primeiras interações do futuro imaginário da inteligência artificial. Até a Feira Mundial de 1939, quase todas as histórias de ficção científica sobre seres sintéticos imitavam o enredo de Frankenstein, de Mary Shelley. Cedo ou tarde, a criatura fabricada se converteria em um monstro psicótico que tentaria matar o seu criador humano. Só um ano depois que a exposição fechou, Isaac Asimov – um autor nova-iorquino de ficção científica – partiu para modificar essa imagem negativa. Como inversão ao estereótipo popular, seus contos descreviam robôs com lealdade aos seus mestres humanos pré-programadas dentro de seus "cérebros positrônicos".[52] Como o Electro no pavilhão da Westinghouse, os seres artificiais de Asimov eram produtos seguros e amistosos de uma grande corporação. Essa nova abordagem comprovou ser um sucesso entre o público estadunidense. Como reflexo dessa mudança de imagem, os meios de comunicação dos Estados Unidos ficaram fascinados com os cientistas que tanto trabalhavam para converter a fantasia de Asimov dos robôs amistosos em máquinas pensantes de verdade. Tanto na ficção científica como na ciência factual, a inteligência artificial havia se tornado a promessa de tempos melhores por vir.

Em suas exibições na Feira Mundial de 1939, o alto governo e os grandes negócios comprovavam que os Estados Unidos já implementavam o tema da exposição: "Construindo o mundo do amanhã".[53] O presente gerencial construía o futuro imaginário.

Enquanto o imaginário dominante da Exposição Internacional Parisiense de 1937 representava a violência descontrolada do Estado totalitário, os ícones duráveis da Feira Mundial de Nova Iorque em 1939 exprimiam o potencial produtivo da indústria estadunidense. A tecnologia do militarismo foi confrontada pela tecnologia do consumismo. Para essa competição de simbolismos ideológicos entre duas exposições internacionais, os Estados Unidos de longe forneciam uma visão muito mais atraente – e utópica – de futuro imaginário. Em 1941, como as nações da Europa se racharam em outra guerra desastrosa, Henry Luce – magnata editorial e íntimo do presidente dos Estados Unidos – proclamou o manifesto da crescente superpotência através do Atlântico:

> A promessa da produção adequada para toda a espécie humana, a "vida mais abundante" – observado que isso é uma promessa caracteristicamente estadunidense. É uma promessa facilmente feita por demagogos e proponentes de todos os tipos, de esquemas doentes e "economias planejadas". Devemos insistir, sim, na vida abundante que é declarada na liberdade – na liberdade que tem criado sua possibilidade – em uma visão de liberdade sob a lei. Sem liberdade não haverá vida abundante. Com a liberdade, pode haver.[54]

Notas:

1. "Um milênio de progresso" foi um dos três simpáticos slogans utilizados para promover a Feira Mundial.

2. Ver editorial da Time–Life Books, *Guia oficial*, páginas 94, 96 e 212.

3. Ver editorial da Time–Life Books, *Guia oficial*, página 208; e William Laurence, *Science at the fair*, páginas 2–14. A Nasa foi fundada em 1958 como a agência de exploração espacial civil do governo dos Estados Unidos.

4. Ver Tom Wolfe, *The right stuff*, páginas 109–177, 212–351.

5. Ver John Kennedy, *Special message to congress on urgent needs*; e James Schefter, *The race*, páginas 145–231.

6. Ver editorial da Time–Life Books, *Guia oficial*, páginas 180, 182, 206, 208, 212 e 214; e Laurence, *Science at the fair*, páginas 16–18.

7. Ver editorial da Time–Life Books, *Guia oficial*, página 102; e Laurence, *Science at the fair*, páginas 54–56.

8. Ver editorial da Time–Life Books, *Guia oficial*, páginas 52–53, 220, 222, 204. Ver também Sheldon Reaven, *New frontiers*, páginas 76–82.

9. Ver editorial da Time–Life Books, *Guia oficial*, páginas 90, 92; e Laurence, *Science at the fair*, páginas. 40–43.

10. Ver editorial da Time–Life Books, *Guia oficial*, páginas 206, 208; Laurence, *Science at the fair*, páginas 19–20; e Sheldon Reaven, *New frontiers*, páginas 90–93.

11. Ver editorial da Time–Life Books, *Guia oficial*, páginas 82, 113–114; e Laurence, *Science at the fair*, páginas 43–54.

12. Ver editorial da Time–Life Books, *Guia oficial*, páginas 86, 90.

13. Ver Emerson Pugh, Lyle Johnson e John Palmer, *IBM's 360 and early 370 systems*, páginas 17–19.

14. Ver Emerson Pugh, *Building IBM*, páginas 265–267.

15. Ver Paul Ceruzzi, *A history of modern computing*, páginas 110–112; e Richard Thomas DeLamarter, *Big blue*, páginas 47–49.

16. Ver IBM, *System/360 announcement*; e Pugh, Johnson and Palmer, *IBM's 360 and early 370 systems*, páginas 165–169.

17. Ver Pugh, *Building IBM*, páginas 113–114.

18. Ver Pugh, Johnson e Palmer, *IBM's 360 and early 370 systems*, páginas 114–367; e Ceruzzi, *Modern computing*, páginas 144–158.

19. Ver DeLamarter, *Big blue*, páginas 54–146.

20. Ver Charles e Ray Eames, *IBM at the fair*; editorial da Time–Life Books, *Guia oficial* páginas70, 74, 129; e Robert Stern, Thomas Mellins e David Fishman, *New York 1960*, página 1046.

21. Alusão ao pavilhão da IBM no editorial da Time–Life Books, *Guia oficial*, página 129.

22. Ver Herbert Simon, *The shape of automation for men and management*; e Marvin Minsky, *Steps towards artificial intelligence*.

23. Ver Pugh, *Building IBM*, páginas 240–242.

24. Ver Charles e Ray Eames, *A computer perspective*, páginas 105, 147–149.

25. Ver Fred Wilcox, *Forbidden planet*.

26. Simon, *Shape of automation*, página 39. Essa audaz previsão foi feita em 1960.

27. Ada Louise Huxtable, em Robert Stern, Thomas Mellins e David Fishman, *New York 1960*, página 1046.

28. Poucos anos depois, essa fantasia foi retratada nas famosas cenas de vôo espacial entre a Terra e a lua por Stanley Kubrick, no filme: *2001 - Uma odisséia no espaço*.

29. Ver Stephen Ambrose, *The rise to globalism*, página 102–296.

30. Ver Jeffrey Auerbach, *The great exhibition of 1851*, páginas 113–118. Auguste Pugin – o organizador da exposição do Renascimento Gótico – havia recentemente projetado o interior falso-tudor das novas instalações do parlamento em Londres.

31. Ver Jeffrey Auerbach, The *great exhibition of 1851*, páginas 91–98.

32. Ver Eric Hobsbawm, *The invention of tradition*.

33. Walter Bagehot, *The english constitution*, página 65.

34. Ver Robert Brain, *Going to the fair*, página 97–103; e Jeffrey Auerbach, The g*reat exhibition of 1851*, páginas 104–108.

35. Ver J.M. Golby e A.W. Purdue, *The civilization of the crowd*; e Eric Hobsbawm, *Industry and empire,* páginas 1–173.

36. Ver Adam Smith, *The wealth of nations,* Volume 1 (*A riqueza das nações*), páginas 1–287, 401–445; Karl Marx, *Capital,* Volume 1, páginas 762–940; e Ellen Meiksins Wood, *The pristine culture of capitalism*, página 95–116.

37. Ver Smith, *The* wealth *of nations*, *Volume 1 (A riqueza das nações)*, páginas 7–25, 72–160, 401–445; David Ricardo, *The principles of political economy*, páginas 263–271; e Marx, *Capital,* Volume 1, páginas 429–639, 943–1084.

38. Ver Jeffrey Auerbach, *The* great *exhibition of 1851*, páginas 100–104, 132–134.

39. Ver Walter Benjamin, *The arcades project*, página 17-18.

40. Ver *Marx, Capital,* Volume 1, páginas 270–280; e Isaac Rubin, *Essays on Marx's theory of value*, páginas 77–253.

41. Ver Marx, *Capital,* Volume 1, páginas 163–177; e Rubin, *Essays*, páginas 5–60.

42. Karl Marx, *Grundrisse*, página 692. Ver também Marx, *Capital,* Volume 1, páginas 501–506.

43. Ver Brain, *Going to the fair*, páginas 10.

44. Ver Urso Chappell, *Expomuseum*.

45. Ver Julie Rose, *Reactions to the fair*.

46. Ver Xavier Ryckelynck, *L'Expo de 1937*.

47. Ver New York World's Fair 1939, *Guia oficial*, páginas 42–45; e Jeffrey Hart, *Yesterday's America of tomorrow*.

48. Ver New York World's Fair 1939, *Guia oficial*, páginas 207–209; e David Gelernter, *1939*, páginas 25, 34–35.

49. Os visitantes da exibição Futurama ganharam um distintivo com o slogan "Eu vi o futuro". Ver Gelernter, *1939*, página 154.

50. New York World's Fair 1939, *Guia oficial*, página 44.

51. New York World's Fair 1939, *Guia oficial*, página 195. Ver também Charles e Ray Eames, *A computer perspective*, página 105.

52. Ver Isaac Asimov, *I, robot*; *The rest of the robots*.

53. Ver New York World's Fair 1939, *Guia oficial*.

54. Henry Luce, *The american century*, páginas 14–15.



3
A COMPUTAÇÃO DA GUERRA FRIA

PARA A MAIOR PARTE DOS VISITANTES da Feira Mundial de Nova Iorque de 1939, esse futuro imaginário de prosperidade do consumidor pode ter parecido um sonho utópico. A economia estadunidense ainda se recuperava da pior recessão na história da nação. A Europa estava na eminência de outra devastadora guerra civil e o leste da Ásia já estava profundamente envolvido em conflitos mortais. Entretanto, ao considerar a época em que a Feira Mundial de 1964 abriu as portas, a mais famosa previsão da exposição de 1939 se realizara. Os dioramas Democracidade e Futurama retratavam um futuro em que a maioria dos trabalhadores viveria em casas de família nos subúrbios e transitaria até seus trabalhos em seus próprios carros motorizados. Muito embora alguns céticos visitantes revisitassem 1939, essa profecia parecia incrivelmente apurada 25 anos depois. Na verdade, como outras cidades estadunidenses, a própria Nova Iorque foi construída em torno de uma vasta rede de rodovias expressas. Assim como os dioramas Democracidade e Futurama previram em 1939, um grande número de trabalhadores da cidade eram proprietários de carro e viviam nos subúrbios. O futuro imaginário tornou-se uma realidade cotidiana.[1]

Já que a mais famosa profecia da exposição de 1939 visivelmente se tornara realidade, os visitantes da Feira Mundial de Nova Iorque de

1964 seriam perdoados ao pensarem que dessa vez seus três principais futuros imaginários poderiam também ser realizados nos próximos 25 anos. Ao considerar o que havia sido cumprido, tais previsões de alta tecnologia não pareciam fantasias insanas. Durante as últimas duas décadas e meia, o alto governo e os grandes negócios tinham repetidamente provado sua habilidade em transformar sonhos de ficção científica em mercadoria barata. Quem poderia duvidar que – pelo menos até 1990 – a maioria dos estadunidenses degustaria as delícias do turismo espacial e da eletricidade sem custo? E o melhor de tudo, eles viveriam em um mundo em que máquinas cônscias seriam suas servas devotas. A Era do Robô tinha a distância de apenas uma geração.

A confiança do público estadunidense nesses futuros imaginários era baseada em um errôneo senso de continuidade. Apesar de acontecer no mesmo lugar e de possuir os mesmos exibidores, a Feira Mundial de 1964 possuía uma iconografia tecnológica diferente da sua antecessora de 1939. Duas décadas e meia antes, a peça principal da exposição era o carro motorizado: um produto de consumo para produção em massa. Em oposição, as estrelas do espetáculo na Feira Mundial de 1964 eram foguetes espaciais, reatores atômicos e *mainframes* de alta-velocidade: tecnologias financiadas pelo Estado para lutar na Guerra Fria. Ao serem combinadas em mísseis nucleares guiados por computador, essas tecnologias tornavam-se armas horrendas capazes de destruir por inteiro cidades russas e seus desafortunados habitantes. Enquanto sua precursora de 1939 demonstrara o transporte motorizado para as massas, os ícones da Feira Mundial de 1964 eram as máquinas do *Armagedom* atômico. Em exposições anteriores, a mostra pública de novos produtos intensificara os efeitos do fetichismo mercantil. Ao adicionarem outro grau de separação entre criação e consumo, esses eventos concentravam a atenção do público para o papel simbólico das novas

tecnologias. Dentro do pavilhão Futurama, em 1939, os estandes que mostravam os automóveis novinhos em folha da General Motors faziam o papel de co-adjuvantes no enorme diorama que retratava a ambição da corporação em transformar a maioria da população dos Estados Unidos em suburbanos consumidores de carros próprios. Essa vitrine de máquinas inspiradoras e produtos inovadores era desenhada para ganhar adeptos ao conceito dominante de sociedade hierárquica da elite. Já que existiam tantas coisas maravilhosas no presente, o sistema gerencial provou sua habilidade em construir o futuro imaginário. Contudo, apesar da priorização de seu papel simbólico, essa exposição não pôde ignorar totalmente os valores de uso das novas tecnologias. Quase todas as pessoas na Feira Mundial de 1939 em algum momento já haviam viajado em um carro motorizado. Os futuros imaginários expressavam o potencial de um presente realmente existente.

A Feira Mundial de Nova Iorque de 1964 precisava de um nível muito mais alto de fetichismo. Pela primeira vez, a iconografia teve que negar o principal valor de uso das novas tecnologias. Apesar das controvérsias, os carros motorizados proviam muitos benefícios para o público geral. Ao contrário, foguetes, reatores nucleares e computadores *mainframes* eram inventados para um propósito diabólico: assassinar milhares de pessoas. Apesar da hegemonia imperial depender de armas nucleares, essa ameaça de aniquilação mútua tornou a posse das mesmas cada vez mais problemática. As elites regentes dos Estados Unidos e da Rússia tiveram dificuldades em admitir para si mesmas – e ainda mais para seus cidadãos – a profunda irracionalidade da nova forma de competição militar. A Guerra Fria nunca se tornou uma guerra quente entre as duas superpotências porque ambas poderiam se destruir com armas nucleares. Nenhuma nação "venceria" se a maioria de seus cidadãos estivessem mortos e todas as suas grandes cidades transformadas em

destroços radioativos. Na lógica bizarra da Guerra Fria, a prevenção de um confronto militar total entre as duas superpotências dependia de um crescimento contínuo do número de armas nucleares de ambos os lados. Retaliação significava escalonamento. A paz perpétua era a guerra permanente. Num raro momento de lucidez, analistas estadunidenses inventaram um irônico acrônimo dessa estratégia de Destruição Mútua Garantida (*Mutually Assured Destruction*): *M.A.D.* (louco).[2]

Naturalmente, propagandistas de ambos os lados justificaram o enorme desperdício de recursos na corrida armamentista ao promover as aplicações pacíficas das tecnologias da Guerra Fria. Na época em que a Feira Mundial de Nova Iorque de 1964 abriu, a artilharia genocida foi, com êxito, reempacotada como produtos amigáveis. Reatores nucleares eram geradores de eletricidade barata, e não fábricas de bombas atômicas. Foguetes eram construídos para levar heróicos astronautas para o espaço, não para lançar ogivas nucleares em cidades russas. No momento em que eram colocados em exibição pública, quase todas as pistas de suas origens militares desapareciam. Como os reatores nucleares e os foguetes espaciais, os computadores *mainframe* na Feira Mundial de Nova Iorque de 1964 eram também progênitos da Guerra Fria. Durante as duas décadas anteriores, o militarismo estadunidense dominou cada estágio do desenvolvimento dessa nova tecnologia. O Eniac – o primeiro ícone midiático da era da computação nos Estados Unidos – era uma máquina de calcular tabelas para melhorar a precisão da artilharia e determinar o poder explosivo de bombas nucleares.[3] Ao começar a fazer *mainframes* no final dos anos 1940, a estratégia corporativa da IBM estava focada em ganhar encomendas militares. Pesquisas caríssimas tinham de ser subsidiadas com a participação na corrida armamentista da Guerra Fria. Em 1952, a dependência da IBM frente aos militares estadunidenses era simbolizada pelo nome patriótico

dado ao seu novo computador 701: a Calculadora da Defesa. Esse apelido era preciso. Os militares estadunidenses e seus fabricantes de armamentos eram os únicos compradores desse *mainframe*.[4]

Em 1953, a IBM fechou um contrato para construir computadores para o Comando de Defesa Área: o centro de controle para combater uma guerra nuclear com a Rússia. Ao longo dos cinco anos seguintes, a corporação construiu o sistema Sage, que poderia rastrear uma aeronave russa e ordenar bombardeios estadunidenses para destruir cidades do inimigo. Entupida de dinheiro do governo, a IBM tinha recursos para desenvolver com pioneirismo o controle de computadores por meio de terminais em rede e interfaces gráficas para os usuários.[5]

Com a sobrevivência da nação em risco, a excelência tecnológica não era constrita por limitações financeiras. Na época em que a Feira Mundial de 1964 teve início, os produtos da IBM cumpriam um papel central no confronto entre as duas superpotências. Ao simular uma guerra nuclear total com jogos de computador, estrategistas estadunidenses planejaram a gélida estratégia de uma destruição mútua garantida.[6] Com os *mainframes* da IBM, os militares estadunidenses poderiam planejar a destruição de cidades russas, organizar a invasão de países "não-amigáveis", bombardear diretamente alvos inimigos, pagar os soldos de suas tropas e gerenciar seus recursos logísticos.[7] Melhor que isso, os generais estavam sempre ansiosos para comprar a última versão de máquinas da empresa para estarem à frente dos oponentes russos. Graças à generosidade do contribuinte estadunidense, a IBM tornou-se a líder tecnológica da indústria de computação global.

Essa dependência de recursos estatais teve uma excelente linhagem. No início do século XIX, o governo inglês subsidiara o pioneirismo de Charles Babbage para pesquisar uma máquina de cálculo mecânico. Prover o melhor equipamento para a Marinha

Real era o preço para manter a hegemonia britânica sobre o sistema internacional de comércio.[8] No momento em que o projeto de Babbage fracassou, outros inventores de máquinas de calcular logo emergiram para tomar seu lugar. Além de melhorar suas capacidades militares, o estado moderno também necessitava de um maquinário matemático para administrar uma economia industrial de crescente complexidade. No final do século XIX, Herman Hollerith fundou a precursora da IBM ao vender tabuladores que processavam os resultados do censo nacional. Com isso, o governo estadunidense descobriu, no início da década de 1890, que adotar essa nova tecnologia era a única maneira de entregar os resultados dessa pesquisa em tempo.[9] Com uma resolução bem-sucedida do problema, as máquinas de calcular de Hollerith rapidamente tornaram-se ferramentas essenciais para a administração pública no mundo desenvolvido. Enquanto o estado era forçado a assumir cada vez mais responsabilidades para regular a economia e promover o bem-estar, sua burocracia coletava e organizava crescentes amontoados de dados. A fria racionalidade da "máquina de governar" era simbolizada pelo trabalho suave do maquinário do governo: índices de cartões, sistemas de formulários, máquinas de escrever, telefones e, como uma premonição das coisas que viriam, tabuladores de Hollerith.[10]

Durante a primeira metade do século XX, a mobilização de recursos para bens industrializados consolidava a ascendência do Estado sobre o mercado. De volta à era vitoriana, a ortodoxia liberal enfatizou que a iniciativa individual era o único método eficiente de organização da economia. Esse dogma foi rapidamente abandonado no momento em que vencer a batalha pela produção se tornou o pré-requisito para uma vitória militar. Durante a época dos bens mecanizados, a nação que equipasse suas forças armadas com o maior número dos mais avançados armamentos eventualmente prevaleceria.[11] Com muito a perder, a liderança política era necessária para impor as prioridades do campo de batalha na iniciativa privada. Enquanto

o conflito se arrastava, a intervenção do Estado continuamente estendia-se para além do direcionamento diário da economia. Após usurpar as funções gerenciais da classe capitalista, a burocracia do governo também começava a avançar sobre seu papel empreendedor. Aos planejadores do Estado era dada a responsabilidade de conceber e implementar uma estratégia de longo prazo para o crescimento da economia nacional. Seu objetivo era maximizar as saídas ao organizar uma otimização de alocação de trabalho especializado e recursos escassos.[12] Ficou dramaticamente provado, entre 1914 e 1918, que a habilidade do Estado em organizar a produção tornara-se a fundação da supremacia geopolítica.

Durante o recomeço da guerra entre potências européias, em 1939, os combatentes estavam bem cientes de que a força militar dependia de uma grande especialização industrial. Como um de seus objetivos primários, os estrategistas priorizariam o desenvolvimento de novas tecnologias. Cientistas na retaguarda inventariam as armas que garantiriam a vitória dos soldados nas linhas de frente. Nos primeiros campos de batalha da Segunda Guerra Mundial, os militares alemães demonstraram sua grande habilidade sobre as novas táticas de equipamentos de guerra mecanizados ao render os exércitos da Polônia e da França. No entanto, no momento em que sua força aérea tentou tomar controle do sul da Inglaterra, seus pilotos logo descobriram que seus oponentes agora possuíam a supremacia tecnológica. Durante a década de 1930, da mesma maneira que desenvolviam os melhores aviões de guerra, os cientistas britânicos inventaram os sistemas de detecção por radar. Nessa vital batalha aérea, a superioridade na coleta de dados, análise e disseminação da informação deu a vitória ao lado em desvantagem numérica. A supremacia da tecnologia barrara o avanço nazista na Europa.[13]

Depois que a invasão alemã da Grã-Bretanha foi abandonada, a criptografia tornara-se a principal linha de frente na guerra da

informação. As transmissões de rádio ofereciam uma infraestrutura de comunicações para o comando e controle das forças militares que operavam sobre imensas distâncias. Entretanto, como o inimigo poderia interceptar essas mensagens, a segurança deveria ser protegida pela transmissão de informação em códigos invioláveis. No início da guerra, o alto comando alemão estava convencido de que sua máquina Enigma oferecia a solução tecnológica para esse problema. Determinado a provar que estava errado, o governo britânico criou organizações dedicadas a quebrar novas formas de criptografia: o Bletchley Park. Cara a cara com o problema de analisar um vasto montante de informação encriptada, times multidisciplinares de acadêmicos foram mobilizados para desenvolver máquinas com as quais poderiam decifrar códigos gerados por máquinas.[14]

Alan Turing foi o guru intelectual desse projeto tecnológico. Em 1936, esse matemático de Cambridge publicou um artigo que descrevia um modelo abstrato para um computador programável: a "máquina universal".[15] No Bletchley Park, Turing teve a oportunidade de transformar sua teoria em realidade. Ao desenvolverem sofisticadas calculadoras mecânicas para processar suas fórmulas de quebra de encriptamento, seus colegas eram capazes não só de quebrar o código inviolável da Enigma, mas também, e tão importante quanto, decodificar uma vasta quantidade de sinais inimigos.[16] Frustrado pelas limitações dos tabuladores analógicos, Turing convenceu seus chefes a patrocinarem uma pesquisa dentro do cálculo eletrônico. Conduzido por Tommy Flowers, um grupo de engenheiros de telefonia assumiu a responsabilidade por completar esse projeto vital. Perto do final de 1943, esse time obteve sucesso na construção do seu protótipo de computador eletrônico: o Colossos.[17] A Grã-Bretanha recuperava sua liderança tecnológica na guerra da informação.

Para Turing, a invenção do Colossos provou que suas especulações teóricas poderiam ser transformadas em aplicações práticas. Cada

aperfeiçoamento na tecnologia do tabulador era mais um passo rumo à criação da máquina universal.[18] Findada a guerra, Turing devotou-se a realizar esse sonho. Graças à sua experiência no Bletchley Park, cientistas britânicos estavam agora na dianteira da nova tecnologia da computação. Ao se mudar para Manchester, Turing juntou-se a um time de pesquisadores que construíam uma máquina programável. Tal como proposto em seu artigo de 1936, um programa seria usado para tornar possível a um equipamento executar uma variedade de diferentes tarefas. Em junho de 1948, antes mesmo que pudesse ocupar seu novo cargo, os colegas de Turing voltaram-se para o primeiro computador eletrônico armazenador de programas do mundo: o Baby. O conceito teórico descrito em um jornal acadêmico tomou forma material como uma enorme caixa de metal, preenchida com válvulas, chaveadores, cabos e potenciômetros.[19]

Turing estava convencido de que o computador Baby era muito mais do que uma versão melhorada do tabulador de Hollerith. Numa série de artigos seminais, ele argumentava que sua máquina matemática era a precursora de uma nova forma de vida completa: o matemático mecânico. Quando os programas controlassem os equipamentos, o ato de contar tornaria-se consciência. De volta à Inglaterra vitoriana, Charles Babbage promoveu as versões precursoras dessa visão de inteligência artificial. No momento em que seus sistemas de Diferença e Analítica carregassem cálculos, eles "pensariam" como humanos.[20] Inspirado pelo pensamento de Babbage, Turing definiu a inteligência humana como algo que os computadores poderiam ter. Já que calcular era um sofisticado modo de pensar, máquinas de calcular poderiam ser capazes de pensar. Se crianças adquiriam conhecimento pela educação, programas educacionais criariam computadores aprendizes. Como o cérebro humano trabalhava como uma máquina, era óbvio que uma máquina poderia se comportar como um cérebro eletrônico.[21]

De acordo com Turing, os computadores poderiam em breve adquirir a essência da subjetividade humana: "livre arbítrio". Ao usar geradores de escolha randômica, os *mainframes* eram também capazes de tomar decisões arbitrárias.[22] Tudo que é humano seria replicável pelas máquinas. Porém, como Turing enfatizou, levaria pelo menos cinco décadas até que o objetivo da inteligência artificial fosse alcançado. No início da década de 1950, computadores não eram poderosos o suficiente para mostrar seu verdadeiro potencial. Com sorte, aperfeiçoamentos contínuos nos equipamentos e programas poderiam – cedo ou tarde – transpor essas limitações. Na segunda metade do século XX, a tecnologia da computação rapidamente se dirigiu para um destino pré-ordenado: a inteligência artificial.

> A capacidade de memória do cérebro humano é provavelmente da ordem de dezenas de milhões de dígitos binários. Entretanto, a maior parte disso é provavelmente usada para lembrar impressões visuais, e outras formas semelhantemente esbanjadoras. Uma pessoa poderia razoavelmente esperar ter algum progresso real [em direção à inteligência artificial] com alguns milhões de dígitos [de memória computacional].[23]

Em seu mais famoso artigo, Turing descreveu um teste para identificar o vencedor dessa corrida para o futuro. No Bletchley Park, ele ficou fascinado com a possibilidade de programar um computador para jogar xadrez. Ao considerar o fato de que os intelectuais gostam desse jogo, convenceu-se de que máquinas que pudessem jogar xadrez deveriam ser inteligentes.[24] Encantado pelo fetichismo tecnológico, Turing exclamava que o trabalho dos programadores desapareceria assim que o computador começasse a executar os programas escritos por ele mesmo. Além desse postulado, essa tese acadêmica possuía um teste idiossincrático próprio sobre a inteligência da máquina: o "jogo de imitação". Uma vez que o observador não conseguisse dizer

se falava com um humano ou com uma máquina numa conversa *on-line*, então não haveria mais diferença substancial entre esses dois tipos de consciência. Se a imitação era indistinguível do original, então o computador havia passado no teste.[25]

No final da década de 1940 e no início dos anos 1950, Alan Turing se tornou o primeiro profeta do futuro imaginário da inteligência artificial. As inspirações de Babbage e as fantasias de Asimov transformaram-se em projetos de pesquisa científica. Desse ponto em diante, os computadores existiriam em duas zonas temporais simultaneamente. No presente, essas máquinas eram ferramentas práticas e mercadorias negociáveis. E, mais ainda, como os artigos de Turing haviam provado, computadores também eram dotados de um imenso valor simbólico. O futuro imaginário da inteligência artificial revelou um potencial transformador dessa nova tecnologia. Apesar de seus pequenos defeitos, esses modelos de computadores eram os precursores das máquinas com sentimentos que estavam por vir. A passagem pelo teste de Turing estava sempre iminente. Dentro da economia fetichística, as máquinas tornavam-se indistinguíveis dos seres humanos.

Por volta do final da década de 1940, o catecismo da inteligência artificial estava definido. Depois da computação, o que era e o que virá a ser eram uma única e mesma coisa. Apesar desse objetivo alcançado, Turing era um profeta cuja influência estava presente em todo o seu país. O computador podia ter sido inventado na Grã-Bretanha, mas o país sentia a falta de recursos para o desenvolvimento da tecnologia.[26] Do outro lado do Atlântico, a situação era bastante diferente. Durante a Segunda Grande Guerra, o governo dos Estados Unidos havia criado suas próprias equipes de pesquisa multidisciplinar para desenvolver armamento avançado. Ao depositar dinheiro no projeto Manhattan, esses cientistas militares foram capazes de construir a primeira bomba nuclear. Enquanto uma importante parte do esforço de guerra, o

governo estadunidense também fornecia recursos generosos para pesquisas em cálculo eletrônico. Crucialmente, com a vitória sobre o fascismo, os cientistas que trabalhavam naqueles projetos não tinham que se preocupar em perder seus recursos. Se voltados para a Guerra Fria, os políticos estadunidenses não teriam problemas em justificar esses subsídios aos seus representados.[27] Desde o final da década de 1930, cientistas das principais nações industrializadas trabalhavam em paralelo para a realização do objetivo de Turing: a construção de uma máquina universal. Em diferentes momentos, britânicos, alemães e russos estiveram na linha de frente desse projeto coletivo. No início da década de 1950, a pesquisa acadêmica e corporativa dos Estados Unidos almejava a liderança da computação entre seus rivais. Acima de tudo, companhias estadunidenses como a IBM também aprenderam como transformar essa ciência de ponta em confiáveis produtos para clientes corporativos e militares. No meio da década de 1960, não restaram dúvidas de que as máquinas mais avançadas eram fabricadas nos Estados Unidos.[28]

Notas:

1. Robert Moses, o chefe e organizador das Feiras Mundiais de 1939 e 1964, guiou o redesenvolvimento de Nova Iorque para ser a primeira cidade do mundo dominada por estradas desenhadas para um tráfico compartilhado. Ver Marshall Berman, *All that is solid melts into air* (*Tudo o que é sólido desmancha no ar*), páginas 287-312; e Ric Burns e James Sanders com Lisa Ades, *New York*, páginas 404-413, 456-465, 494-510, 518-519.

2. Ver Jeremy Isaacs e Taylor Dowling, *Cold War*, páginas 230-243; e Herman Kahn, *On thermonuclear war*, páginas 119-189.

3. Ver Paul Ceruzzi, *A history of modern computing*, página 15; e Mike Hally, *Electronic Brains*, página 227.

4. Ver Paul Ceruzzi, *A history of modern computing*, páginas 34-36; e Emerson Pugh, *Building IBM*, páginas 167-172.

5. Ver Pugh, *Building IBM*, páginas 199- 219.

6. Ver Andrew Wilson, *The Bomb and the Computer*, páginas 91-117.

7. Ver Edmund Berkeley, *The computer revolution*, páginas 56-7, 59-60, 137-145.

8. Ver Philip Morrison e Emily Morrison, *Introduction*, *in* Charles Babbage, *On the Principles and Development of the Calculator and Other Seminal Writings*, Dover Publications, Nova York, 1961, pp. XI-XXXII.

9. Ver Robert Sobel, *IBM*, página 322.

10. Ver Jon Agar, *Government machine*, páginas 121-199.

11. Ver Paul Kennedy, *The rise and fall of great powers*, páginas 330-354.

12. Ver Eric Hobsbawm, *Age of extremes*, páginas 21-53; e Keith Middlemas, *Politics in industrial society*, páginas 68-151.

13. Ver Jon Agar, *Government machine*, páginas 209-217.

14. Ver Jon Agar, *Government machine*, páginas 203-206; em Jack Copeland, *Enigma*.

15. Ver Alan Turing, *On computable numbers*; e Jon Agar, *Turing and the universal machine*, páginas 85-100.

16. Ver Andrew Hodges, *Alan Turing*, páginas 160-241; e Michael Smith, *Station X*, páginas 52-53, 67-68, 110.

17. Ver Andrew Hodges, *Alan Turing*, páginas 263-268, 277-278; Agar, *Government machine*, páginas 208-209; e Smith, *Station X*, páginas 147-151, 170.

18. Ver Andrew Hodges, *Alan Turing*, páginas 289-305.

19. Ver Alan Turing, *Lecture on the automatic computing engine*; Agar, *Government machine*, páginas 35, 113-124; e Hodges, *Alan Turing*, páginas 314-402.

20. Ver Simon Schaffer, *Babbage's dancer*.

21. Ver Alan Turing, *Automatic computing engine*; *Intelligent machinery*; *Intelligent machinery, a heretical theory*; *can digital computers think?*

22. Ver Turing, *Can digital computers think?,* páginas 484-485.

23. Ver Turing, *Automatic computing engine*, página 393.

24. Ver Alan Turing, *Chess*; and Hodges, *Turing*, páginas 210-217.

25. Ver Alan Turing, *Computing machinery and intelligence*, páginas 441-448; e Agar, *Government machine*, páginas 122-126.

26. Ver Hodges, *Turing*, páginas 456-527; e Agar, *Government machine*, páginas 266-278.

27. Ver Stuart Leslie, *The Cold War and american science*, página 113; e R.C. Lewontin, *The Cold War and the transformation of the academy*.

28. Ver Ceruzzi, *Modern computing*, páginas 13-46.



4

A MÁQUINA HUMANA

Em 1946, um grupo de proeminentes intelectuais estadunidenses organizou o primeiro de uma série de encontros dedicados a quebrar barreiras entre as várias disciplinas acadêmicas: as conferências Macy.[1] Inspirados em suas experiências em pesquisa colaborativa do período de guerra, eles estavam em busca de uma metateoria que pudesse ser aplicada tanto às ciências naturais quanto às ciências sociais. Caso compartilhassem de uma linguagem comum, acadêmicos de diferentes áreas de especialização seriam capazes de trabalhar juntos.[2] Depois dos primeiros encontros, Norbert Wiener despontou como o guru teórico das conferências Macy.[3] Durante a Segunda Guerra Mundial, esse matemático do MIT trabalhou em um projeto para melhorar a precisão de armamentos antiaéreos. Ao atirar contra uma aeronave em movimento, o operador deveria antecipar as futuras posições do alvo. Devido à velocidade dos aviões de guerra de alta tecnologia, o método mais eficaz para atingir esse alvo era desenvolver uma técnica que corrigisse automaticamente a pontaria do atirador. Ao agir em simbiose, soldado e arma levariam vantagem sobre o inimigo.[4]

A partir dessa pesquisa para o exército dos Estados Unidos, Wiener desenvolveu uma estrutura teórica para analisar o comportamento de humanos e máquinas. Os soldados disparavam suas armas antiaéreas

ao prever a trajetória de vôo do inimigo. Independente de ser conduzida por um humano ou uma máquina, a entrada de informação sobre o ambiente ao redor resultava em ações destinadas à transformação desse ambiente. Também chamados de "retroalimentação", esses ciclos de estímulo e resposta não se restringiam ao campo de batalha. De acordo com Wiener, esse conceito se aplicava a qualquer ação que revertesse a propagação de entropia no universo. A segunda lei da termodinâmica seria determinante somente em último caso. Graças à retroalimentação, a ordem poderia ser criada a partir do caos.[5] Wiener argumentou que essa teoria mestra descrevia todas as formas de comportamento intencional. Seja em humanos, seja em máquinas, havia interação contínua entre informação e ação. As mesmas equações matemáticas poderiam ser usadas para analisar o impacto no mundo tanto de organismos vivos quanto de sistemas tecnológicos.[6] Em coro com Turing, essa abordagem sugeria a dificuldade em se distinguir humanos de suas máquinas.[7] Em 1948, Wiener esboçou sua nova teoria mestra em um livro recheado de páginas com provas matemáticas: *Cibernética – Ou comando e comunicação no animal e na máquina*.

Para sua surpresa, esse acadêmico escrevera um campeão de vendas. Pela primeira vez, um apanhado comum de conceitos abstratos abrangeu ambas as ciências naturais e sociais. Acima de tudo, o texto de Wiener fornecia metáforas potentes para descrever o novo mundo da alta tecnologia nos Estados Unidos da Guerra Fria. Mesmo que não entendessem suas equações matemáticas, os leitores podiam facilmente reconhecer os sistemas cibernéticos em meio às instituições sociais e redes de comunicação que dominavam seus cotidianos. Pela esfera de influência estadunidense, a mídia promovia essa metateoria como o epítome da modernidade computadorizada. As metáforas de retroalimentação, informação e sistemas logo tornaram-se parte da conversa cotidiana.[8] Apesar de seu reconhecimento público, Wiener

continuou um marginal para a *intelligentsia* estadunidense. O grande pastor das conferências Macy era também um herege que se declarava contrário à corrida armamentista da Guerra Fria.

No início dos anos 1940, Wiener acreditava, como quase todo cientista estadunidense, que desenvolver armas para se defender da Alemanha nazista era um benefício para a humanidade. No momento em que a Guerra Fria começou, pesquisadores patrocinados pelo exército alegaram que seu trabalho também contribuía para a luta contra um agressivo inimigo totalitário.[9] Como desafio a esse consenso patriótico, Wiener argumentou que os cientistas estadunidenses deveriam adotar um posicionamento muito diferente no confronto com a Rússia. Ele avisou que a corrida armamentista nuclear poderia levar à destruição da humanidade. Confrontados com essa nova situação perigosa, cientistas responsáveis deveriam se recusar a levar adiante pesquisas militares.[10] Durante a década de 1950 e o início da década de 1960, a dissidência política de Wiener o inspirou na defesa de uma interpretação socialista da cibernética. Na época dos monopólios corporativos e armamento atômico, sua teoria explicava que o comportamento tanto dos humanos quanto das máquinas deveria ser usado para colocar os humanos no controle de suas máquinas. Sem seu entusiasmo inicial pela profecia de Turing sobre a inteligência artificial, Wiener agora enfatizava os perigos apresentados por computadores conscientes.[11] Como os protagonistas de *Mil e uma noites*, humanos poderiam se ver incapazes de controlar os novos espíritos da alta tecnologia.[12] Acima de tudo, essa tentativa de construir inteligências artificiais era uma divergência perante a urgente tarefa de criar justiça social e paz global. “O mundo do futuro será uma batalha cada vez mais exigente contra as limitações de nossa própria inteligência, e não uma confortável rede em que podemos nos deitar para esperar por robôs escravos.”[13]

Para os patrocinadores das conferências Macy, a cibernética de Wiener proveu uma teoria mestra para os Estados Unidos da Guerra

Fria. Contudo, ao se opor à militarização da pesquisa científica, esse sábio envergonhara seus patrocinadores dentro da elite dos Estados Unidos. Ainda pior, sua versão esquerdista da cibernética transformou essa celebração de colaboração multidisciplinar numa crítica da intelectualidade institucionalizada. Felizmente para os patrocinadores militares dos Estados Unidos, havia um outro brilhante matemático nas conferências Macy que era também um fanático guerreiro da Guerra Fria: John von Neumann. Traumatizado pela nacionalização do banco de sua família na Revolução Húngara de 1919, esse ideólogo anti-socialista escrevera o texto fundamental da teoria dos jogos que – entre outras coisas – veio provar que não havia alternativa econômica para o capitalismo liberal. Com um argumento tautológico, os egoístas maximizadores-de-utilidade da economia neoclássica tornaram-se equivalentes aos indivíduos racionais que jogavam para derrubar seus oponentes.[14] No despertar da Guerra Fria, a posição política de von Neumann era tão extrema que ele defendeu o lançamento de um ataque preventivo contra a Rússia para impedir que os líderes dessa potência adquirissem armas nucleares.[15] Naturalmente, essa ave de rapina estava profundamente envolvida em pesquisas apoiadas por recursos militares. Enquanto cumpria um papel de liderança no desenvolvimento da guerra atômica, von Neumann aplicava seus talentos matemáticos e organizacionais ao novo campo da computação. Quando a primeira conferência Macy aconteceu em 1946, seu time de pesquisadores já trabalhava para construir um protótipo de *mainframe* para a marinha dos Estados Unidos.[16] Em von Neumann, o império estadunidense encontrou um guru sem o menor traço de heresia.

Nas primeiras conferências Macy, as diferenças políticas entre seus inscritos não eram aparentes. Unidos pela batalha antifascista, Wienner e von Neumann não eram apenas colaboradores intelectuais, mas também amigos próximos. Tanto a Esquerda quanto a Direita

poderiam liderar a mesma metateoria da cibernética. Contudo, em alguns poucos anos, essas duas estrelas das conferências Macy estariam divididas por suas incompatíveis posições sobre a Guerra Fria. Enquanto suas políticas divergiam, Wiener e von Neumann começaram a defender interpretações rivais da cibernética. Em sua versão de esquerda, a inteligência artificial era denunciada como a apoteose da dominação tecnológica. Ao formular seu *remix* de direita, von Neumann pegou a cibernética exatamente na direção oposta. Notadamente, sua interpretação enfatizou que essa teoria mestra era inspirada pela profecia de máquinas pensantes. Apoiada nessa argumentação, a crítica de Wiener da corrupção da ciência pela Guerra Fria foi utilizada para minar sua posição como guru da modernidade computadorizada. Ao promover o conceito de Turing de inteligência artificial, von Neumann elevou-se à posição de pai fundador da cibernética.[17] Ironicamente, o cientista inglês que inspirou os construtores do primeiro computador foi relegado a precursor do proeminente profeta dos cientistas estadunidenses, que alegavam terem sido eles os construtores do primeiro computador.

De volta ao início da década de 1930, von Neumann trabalhou brevemente com Turing na Universidade de Princetown. Uma década antes de seu envolvimento na computação, esse cientista húngaro já sabia do conceito de máquina universal.[18] Quando, no início da década de 1940, Warren McCulloch e Walter Pitts aplicaram a teoria de Turing para explicar o processo de pensar, von Neumann estava fascinado pelas implicações de suas especulações. Já que a calculadora mecânica era modelada sobre um cérebro humano, esses dois psicólogos de Chicago decidiram que a consciência poderia ser sinônimo de cálculo. Como os contatos elétricos de uma tabuladora IBM, neurônios eram chaves elétricas que transmitiam informação em forma binária.[19] Atônito com essa inversão da linha de argumentação de Turing, von Neumann convenceu-se de que era

teoricamente possível construir uma máquina pensante. Se neurônios agiam como chaves elétricas dentro do cérebro humano, então válvulas poderiam ser usadas para criar um cérebro eletrônico.[20] Ao mover-se para dentro da pesquisa computacional, ele recebeu largas somas de dinheiro dos militares dos Estados Unidos para realizar seu sonho. Assim como Turing, esse profeta acreditava que contínuos aperfeiçoamentos nos computadores eventualmente culminariam na emergência da inteligência artificial. Assim que o número de válvulas de um computador se aproximasse ao de neurônios de um cérebro, a máquina começaria a pensar.[21] No decorrer de uma década, von Neumann e seus colegas equipariam os militares dos EUA com soldados cibernéticos capazes de lutar e vencer uma guerra nuclear.

> Dr. McCulloch: Que tal projetar máquinas computacionais que ao sofrerem algum dano em caçadas aéreas... possam recompor suas partes... e continuar em operação?
>
> Dr. von Neumann: Essas são questões muito mais quantitativas do que qualitativas.[22]

No início da década de 1950, von Neumann havia criado com sucesso a cibernética sem Wiener. A metáfora da retroalimentação agora provava que os computadores operavam como humanos. Como os jogadores racionais de seus livros sobre a teoria dos jogos, ambos, seres vivos e mecânicos, respondiam a estímulos do ambiente à sua volta. Entradas de informação dirigiam-se às saídas de ação. Desde que o comportamento de ambos, humanos e máquinas, puderam ser descritos matematicamente, cálculos se tornaram o *leitmotiv* [NT1] da consciência. Por meio dessa linha de argumento, von Neumann foi capaz de definir a missão das pesquisas dos novos departamentos de ciência da computação instalados nas universidades estadunidenses: construir inteligência artificial. A linguagem era um conjunto de regras

que poderiam ser codificadas como um programa de computador. O aprendizado a partir de novas experiências poderia ser programado em computadores.[23] Assim que começassem a evoluir como organismos vivos, as máquinas tornar-se-iam "autômatos auto-reprodutores".[24] Nessa versão de direita, a teoria da cibernética foi redefinida como um estudo de inteligência artificial. Guiados por McCulloch, os admiradores de von Neumann nas conferências Macy foram pioneiros na aplicação dessa nova ortodoxia dentro de outras disciplinas acadêmicas. Se os cérebros humanos fossem máquinas de calcular, instituições sociais poderiam ser estudadas como sistemas cibernéticos. Assim como computadores, indivíduos seriam processadores de informação que responderiam a ordens dadas por seus programadores.[25] Por mais de um século, o fetichismo da mercadoria inspirou o fetiche da tecnologia. Agora, dentro do *remix* de von Neumann da cibernética, o fetichismo tecnológico explicava uma sociedade fundada sobre o fetichismo de mercadorias. Ao invés do computador imitar um humano com êxito, esse novo teste de Turing seria confirmado quando humanos fossem indistinguíveis de computadores.

Essa versão conservadora da cibernética proveu uma nova segurança filosófica para os dilemas morais encarados pelos pesquisadores em universidades estadunidenses. Do início da década de 1950 em diante, os militares dos Estados Unidos patrocinaram entusiasticamente o desenvolvimento de jogos de computadores que simulavam uma guerra atômica entre as superpotências. Ao executarem esses programas, seus especialistas formularam o paradoxal conceito de destruição mútua assegurada. De acordo com a lógica cruel da teoria dos jogos, os benefícios da arbitrariedade pesariam para o lado da confiança mútua: "o dilema do prisioneiro". Baseadas nessa premissa, as simulações de computador provaram que a preservação da paz entre Estados Unidos e Rússia requeria uma escalada contínua da corrida armamentista nuclear. Para encorpar o conceito de Turing e

von Neumann sobre inteligência artificial, os *mainframes* jogadores da IBM produziram cientificamente a estratégia militar mais inteligente para combater na Guerra Fria. O irracional tornou-se racional.[26] Para pesquisadores patrocinados pelos militares em universidades dos Estados Unidos, a interpretação de von Neumann da cibernética proveu uma história auto-congratulatória para encobertar suas atividades dúbias. Programar computadores para guiar mísseis, controlar bombardeios, direcionar exércitos e se divertir com jogos de guerra não era mais o caminho para planejar o holocausto nuclear. Ao contrário, como Turing e von Neumann provaram, essas aplicações militares eram um passo essencial a caminho do objetivo final da inteligência artificial. O fetichismo tecnológico absolvera cientistas da computação de qualquer responsabilidade sobre a conseqüência de suas ações.

Na Feira Mundial de Nova Iorque de 1964, a IBM copiou essa estratégia ao projetar sua exibição. Assim como nos departamentos universitários de ciência da computação, a corporação precisava da recombinação da cibernética de von Neumann para atrair a atenção para longe de seu envolvimento profundo com questionáveis projetos militares. A IBM recentemente vendera um *mainframe* 704 para a força aérea dos Estados Unidos para guiar mísseis nucleares que eram projetados para o massacre da população civil da Rússia e suas dependências. O primeiro pedido para um computador System/360 veio de um fabricante de aviões de batalha cujos produtos em breve espalhariam morte e destruição entre as aldeias do Vietnã.[27] De qualquer maneira, assim como os mostruários de reatores de fissão e foguetes espaciais, o pavilhão da IBM evitava cuidadosamente mostrar as aplicações militares de seus computadores. A única pista do envolvimento maciço da corporação na luta da Guerra Fria era a presença do computador que podia traduzir o russo para o inglês.

Assim como as previsões sobre a energia sem custos e o turismo espacial, o futuro imaginário da inteligência artificial disfarçou a motivação original para o desenvolvimento dos *mainframes* da IBM: o assassinato de um enorme número de pessoas. Durante a Guerra Fria, uma requintada propaganda tinha que disfarçar horripilantes valores de uso. A elite estadunidense certamente não queria que turistas, num dia de diversão na Feira Mundial de Nova Iorque, ficassem aterrorizados com mostruários sobre o sempre presente perigo de um holocausto nuclear. As máquinas da morte foram, portanto, reempacotadas como protótipos de tecnologias de ficção científica. Em simbiose, os diferentes futuros imaginários também davam credibilidade uns aos outros. A promessa do turismo interplanetário transformara a principal função de sistemas teleguiados de foguetes computadorizados – destruir cidades russas com bombas nucleares em veículos – em viagem de intrépidos astronautas até o espaço. Os horrores da presente Guerra Fria foram escondidos com sucesso pelas maravilhas dos futuros imaginários.

Notas:

1. Essa série de conferências deve seu nome à organização que a patrocinava, a Fundação Josiah Macy Jr. Assim como entregou a fortuna de petróleo de seu epônimo benfeitor para boas causas, essa instituição de caridade também subsidiou projetos de pesquisa acadêmica com recursos clandestinos dos serviços da inteligência dos EUA. Ver Steve Heims, *The cybernetics group*, páginas 14-18, 164-169.

2. Ver Heims, *The cybernetics group*, página 14-30. Ver também American Society for Cybernetics, *Summary: the Macy conferences*.

3. Ver Flo Conway e Jim Siegelman, *Dark hero of the information age*, páginas 154-170.

4 Ver Norbert Wiener, *Cybernetics*, páginas 9-13, 133-134.

5. Ver Wiener, *Cybernetics*, páginas 74-136; e Arturo Rosenblueth, Norbert Wiener e Julian Bigelow, *Behaviour, purpose and teleology*.

6. Ver Rosenblueth, Wiener e Bigelow, *Behaviour, purpose and teleology*; e Wiener, *Cybernetics*, páginas 168-191.

7. Para a influência de Turing sobre Wiener, ver Wiener, *Cybernetics*, páginas 21, 32-33.

8. Ver Conway e Siegelman, *Dark hero*, páginas 171-194; e Heims, The *cybernetics group*, páginas 271-272.

9. Ver R.C. Lewontin, *The Cold War and the transformation of the academy*.

10. Ver Norbert Wiener, *The human use of human being* (*Cibernética e Sociedade)*, página 174; e Conway and Siegelman, *Dark hero*, páginas 237-243, 255-271.

11. Ver Wiener, *The human use of human beings* (*Cibernética e Sociedade*), páginas 239–254.

12. Ver Norbert Wiener, *God & Golem, Inc.*, páginas 52–60.

13. Wiener, *God & Golem, Inc.*, página 69.

14. Ver John von Neumann e Oskar Morgenstern, *Theory of games and economic behaviour,* e Steve Heims, *John von Neumann e Norbert Wiener,* páginas 43–46, 79–95, 193–194, 292–293.

15. Ver Heims, *John von Neumann e Norbert Wiener*, páginas 235–236, 244–251. Se o seu diabólico plano tivesse sido executado, a guerra nuclear resultante haveria varrido a maioria dos habitantes de sua terra húngara que viviam nas linhas de frente na Europa.

16. Ver Paul Ceruzzi, *Modern computing*, páginas 21–24; e Heims, *John von Neumann e Norbert Wiener*, páginas 238–239.

17. Ver John von Neumann, *The general and logical theory of automata* páginas 313–315; *Theory of self-reproducing automata,* páginas 49–51.

18. Ver B. Jack Copeland, *Computable numbers: a guide*, páginas 21–22.

19. Ver Warren McCulloch e Walter Pitts, *A logical calculus of the ideas immanent in nervous activity.*

20. Ver von Neumann, *General and logical theory of automata*, páginas 308–311; *Theory of self-reproducing automata*, páginas 43–46.

21. Ver von Neumann, *General and logical theory of automata*, páginas 296–300; *Theory of self-reproducing automata,* páginas 36–41; *The Computer and the Brain*, páginas 39–52.

22. Von Neumann, *General and logical theory of automata* página 324.

23. Ver Marvin Minsky, *Matter, mind and models, Steps towards artificial intelligence*.

24. Ver von Neumann, *General and logical theory of automata*, páginas 315–318; *Theory of self-reproducing automata,* páginas 74–87.

25. Ver Talcott Parsons e Edward Shils, *Toward a general theory of action*; e B.F. Skinner, *Science and human behaviour.* Ver também Heims, The *cybernetics group*, páginas 52–247; e Christopher Rand, *Cambridge U.S.A.*, páginas 129–158.

26. Ver Anatol Rapoport, *Fights, games and debates*, páginas 107–179; e Andrew Wilson, *The bomb and the computer*, páginas 140–153.

27. Ver Edmund Berkeley, *The computer revolution*, páginas 142–143; e Emerson Pugh, Lyle Johnson e John Palmer, *IBM's 360 and early 370 systems*, página 171.

NT 1 – Leitmotiv – O termo é freqüentemente usado nas artes, principalmente em música, para indicar um motivo sonoro ou frase musical.



5
SUPREMACIA CIBERNÉTICA

EMBORA MUITO POPULAR em sua época, a hiper-realidade da Feira Mundial de 1964 não envelheceu bem. Durante os 25 anos subseqüentes, nenhuma das previsões feitas na exposição sobre as tecnologias-chave da Guerra Fria foi realizada. A energia ainda era medida, turistas não visitavam a Lua e computadores jamais se tornaram inteligentes. Na Feira Mundial de 1964, os futuros imaginários tiveram êxito em encobrir do público estadunidense a proposta primária das três principais tecnologias da Guerra Fria. Instrumentos de genocídio foram perfeitamente mascarados como benfeitores da humanidade. No entanto, esse subterfúgio só poderia ser temporário. Cedo ou tarde, até mesmo a melhor e mais hábil propaganda não seria capaz de encobrir perigosos valores de uso. Quando a década de 1990 finalmente chegou, produzir uma significativa quantidade de energia a partir da fusão nuclear ainda era impraticável. À época, também se tornou óbvio que os reatores de fissão eram um desastre econômico e ambiental. A explosão da usina de Chernobyl em 1986 na Ucrânia demonstrou dramaticamente os perigos inerentes desse exótico método de gerar eletricidade.[1] No começo dos anos 1990, a maior parte das pessoas também percebeu que vôos tripulados ao espaço permaneceriam por um bom tempo um caríssimo luxo. Duas décadas se passaram após a aterrissagem

dos astronautas da Nasa pela última vez na Lua e não havia mais planos para reiniciar o programa.[2] No momento em que a Guerra Fria eventualmente terminou em 1991, até a maior parte das aplicações militares para energia nuclear e viagens espaciais pareciam extremamente redundantes. Diferentemente das visões prévias sobre automóveis para as massas na Feira Mundial de 1939, as profecias sobre esses dois ícones tecnológicos na exposição de 1964 pareciam quase absurdas após um quarto de século. A época do fim da medição da eletricidade e de feriados na Lua foi indefinidamente prorrogada. A hiper-realidade colidiu com a realidade – e perdeu.

Assim como reatores nucleares e foguetes espaciais, a exibição dos computadores na Feira Mundial de 1964 também desfocava totalmente a direção do progresso tecnológico. Lideradas pela IBM, as corporações estadunidenses visualizavam o triunfo da inteligência artificial. Porém, como mais e mais pessoas passaram a utilizar computadores pelos 25 anos seguintes, o mito das máquinas pensantes perdeu grande parte de sua credibilidade. Como a eletricidade quase gratuita da energia nuclear e o turismo lunar das viagens espaciais, a iconografia da inteligência artificial só poderia esconder temporariamente o delineamento do valor de uso da computação. Entretanto, havia uma diferença crucial entre o colapso das duas primeiras profecias e o desta última. O que eventualmente desacreditou as previsões de uma energia incontável e de feriados na Lua foi sua falha em se concretizar ao longo do tempo. Ao contrário, o ceticismo sobre o futuro imaginário da inteligência artificial foi encorajado exatamente pelo fenômeno oposto: a familiaridade crescente de humanos com experiências pessoais em computadores. Após usarem essas ferramentas imperfeitas para manipular informação, era muito mais difícil acreditarem que máquinas de calcular poderiam evoluir para seres superconscientes. A inteligência artificial foi exposta como uma contradição em termos.[3]

Apesar do aumento do ceticismo sobre sua profecia favorita, a IBM não sofreu dano algum. Em oposição total à energia nuclear e as viagens espaciais, a computação foi uma tecnologia da Guerra Fria que escapou da Guerra Fria com sucesso. Desde o início, máquinas feitas para militares dos Estados Unidos eram também vendidas para clientes comerciais. Ao final dos anos 1940, a IBM desenvolveu seus computadores CPC para uma contratada da área da defesa poder calcular a trajetória de mísseis. Contudo, pelos próximos anos, essa máquina tornou-se o produto mais vendido da empresa no mercado corporativo.[4] Mais do que qualquer coisa, a difusão da computação na sociedade civil foi encorajada pela crescente burocratização tanto das forças armadas quanto da economia.[5] O que se originou como uma arma da Guerra Fria rapidamente evoluiu em uma tecnologia com múltiplas aplicações comerciais. Em 1962, um dos analistas pioneiros dos impactos sociais dos computadores explicou que:

> O crescimento de uma grande civilização, que é complexa em termos de conhecimento de engenharia e tecnologia, de um lado, e complexa em termos de conhecimento de negócios e indústrias, de outro, produziu um enorme aumento na informação a ser manipulada e operada. Isso gera o empurrão, a energia, a urgência por trás do grande desenvolvimento do manejo automático da informação, expressa nos computadores e sistemas processadores de dados, a Revolução Computacional.[6]

Para a IBM construir seu pavilhão para a Feira Mundial de 1964, o futuro imaginário dos cérebros eletrônicos deveria esconder mais do que as desagradáveis aplicações militares da computação. Essa ideologia fetíchica também realizou sua função clássica de ofuscar todo trabalho humano contido na produção. Computadores eram descritos como "pensantes", então o trabalho duro que envolvia

o desenho, a construção, a programação e a operação poderia ser descontado. Esse processo de fetichismo tecnológico não modelou apenas as atitudes sociais daqueles que trabalhavam para a corporação em si. Acima de tudo, o futuro imaginário da inteligência artificial desviou a atenção para longe da dura economia que dirigia a informatização dos locais de trabalho nos Estados Unidos da década de 1950 e do início da de 1960. De volta ao final do século XIX, os pioneiros da IBM iniciaram seus negócios como produtores de tabuladores, máquinas de escrever e outros tipos de equipamentos de escritório. Mesmo sem a facilidade dos contratos militares dos Estados Unidos, a empresa teve obrigatoriamente que rumar para a computação a fim de proteger-se da obsolescência tecnológica. Em meados da década de 1950, o que era calculado por hordas de operadoras de tabuladores poderia agora ser feito de uma maneira muito mais barata e rápida por alguns poucos engenheiros e um *mainframe*.

A introdução de computadores nos locais de trabalho veio em um momento oportuno. Durante a primeira metade do século XX, grandes corporações tornaram-se as instituições dominantes da economia estadunidense. Mais do que qualquer coisa, essa centralização sem precedentes do capital foi guiada pela necessidade de aumentar a produtividade do trabalho. No momento em que a competição de mercado foi substituída pela autoridade gerencial, os custos de organização de um grande número de trabalhadores poderiam ser substancialmente reduzidos.[7] Com muitos indivíduos diferentes com investimentos na mesma companhia, as despesas em inovação tecnológica eram facilmente sanadas.[8] Já que as empresas familiares perderam essas vantagens, capital e trabalho tornaram-se crescentemente concentrados sob o controle de grandes corporações. A associação indireta foi substituída pela supervisão direta. Conforme o século XX progredia, a reestruturação corporativa da economia foi largamente imitada na política, nas artes e na vida cotidiana.

A gigante automobilística de Henry Ford tornou-se o símbolo epônimo do novo paradigma social: o fordismo.[9]

Grandes corporações dependiam de uma casta especializada de burocratas para tocar suas organizações. Eles implantaram o "panóptico" gerencial que assegurou que empregados obedecessem às ordens impostas por seus superiores.[10] Eles supervisionavam a finança, a manufatura, a venda e a distribuição dos produtos da corporação. Acima de tudo, eles eram responsáveis por melhorar os métodos de trabalho e introduzir novas tecnologias. Como demonstravam os manuais de Frederick Winslow Taylor, o "gerenciamento científico" poderia forçar as pessoas a trabalharem mais.[11] Como as linhas de montagem de Henry Ford demonstraram, a maquinaria poderia determinar o passo do trabalho.[12] Essa pressão para separar a concepção da execução levou à coleta de mais e mais informação. Burocratas corporativos queriam saber o que acontecia dentro dos locais de trabalho e do mercado. Eles deviam gerenciar faturas, folhas de pagamento, suprimentos e estoques. Tinham que organizar dados de consumo, desenvolvimento de produtos, pesquisa de mercado, negociações políticas e campanhas publicitárias. Enquanto a demanda por informação continuava a crescer, as corporações recrutavam uma maior quantidade de trabalhadores de escritório.[13] Conforme os contra-cheques dos empregados de colarinho branco continuamente cresciam, gerentes adquiriam crescentes quantidades de equipamento a fim de aumentar a produtividade dentro do escritório. Muito antes da invenção do computador, as burocracias das corporações fordistas participavam de uma economia informacional com tabuladores, máquinas de escrever e outros tipos de equipamento de escritório.[14] No início da década de 1950, a mecanização do trabalho escriturário estancou. O aumento da produtividade no escritório ficava bem atrás daquele apresentado na fábrica. Ao aparecerem os primeiros computadores

no mercado, os gerentes corporativos rapidamente perceberam que a nova tecnologia oferecia uma solução para esse problema cada vez mais grave. Comprar um *mainframe* poderia aumentar o lucro de suas companhias.[15] Assim como novas máquinas para a fábrica, computadores eram – antes de tudo – adquiridos para substituir o trabalho especializado dentro do escritório. Melhor ainda, a nova tecnologia da computação permitiu aos capitalistas aprofundar seus controles sobre suas organizações. Assim como os grandes governos, os grandes negócios estavam extremamente satisfeitos, já que muito mais informação sobre uma mais ampla variedade de tópicos poderia agora ser coletada e processada de maneiras progressivamente complexas. Os gerentes eram mestres de tudo aquilo que vistoriavam.

Desde suas primeiras aparições nos locais de trabalho, o *mainframe* foi caricaturado – com boas razões – como a perfeição mecânica da tirania burocrática: "o panóptico informacional".[16] Pela primeira vez desde o começo da década de 1940, a visão otimista da inteligência artificial de Asimov foi amplamente questionada. Em suas histórias de ficção científica, máquinas pensantes eram bens de consumo assim como carros motorizados. O Sr. e a Sra. Padrão eram os proprietários de servos robôs. Mas, assim que os primeiros computadores chegaram às fábricas e aos escritórios estadunidenses, a realidade econômica contradisse o futuro imaginário de Asimov. A nova tecnologia era um servo dos chefes, não dos trabalhadores. Em 1952, Kurt Vonnegut publicou um romance de ficção científica que ironizava a ambição autoritária do panóptico informacional. Em seu futuro distópico[NT1], a elite dominante terceirizou o gerenciamento da sociedade para uma inteligência artificial onisciente.

> EPICAC XIV... decidia quanto [de] tudo os Estados Unidos e seus clientes poderiam ter e quanto custaria. E... decidiria quantos

> engenheiros e gerentes e pesquisadores e empregados civis, e quais habilidades seriam necessárias para entregar os bens; e qual QI e níveis de aptidão separariam o homem útil do inútil, e quantas [mulheres] e homens [nos esquemas dos serviços públicos] e quantos soldados poderiam ser incluídos em qual nível de pagamento...[17]

Para os grandes negócios mais do que para o alto governo, o pesadelo de Vonnegut era o sonho acordado da computação. Na Feira Mundial de 1964, o pavilhão da IBM prometia que máquinas pensantes seriam os servos de toda a humanidade. Ainda assim, e ao mesmo tempo, seu pessoal de vendas contava aos chefes das grandes corporações que os computadores conectavam a autoridade burocrática na sociedade moderna. Herbert Simon – um antigo colega de von Neumann – acreditava que o aumento do poder dos *mainframes* permitiria às empresas automatizarem mais e mais as tarefas de escritório.[18]

Para suas novas máquinas System/360, a IBM construiu a mais avançada linha de montagem controlada por computadores do mundo, com o intuito de aumentar a produtividade de seus funcionários altamente qualificados e bem pagos.[19] Assim que a inteligência artificial chegasse, os *mainframes* poderiam substituir quase que completamente o trabalho burocrático e técnico dentro da manufatura. O objetivo final era a criação de uma economia totalmente automatizada. As companhias não precisariam mais dos trabalhadores de colarinho branco ou azul para fazerem produtos ou oferecerem serviços. Até a maioria dos gerentes tornariam-se secundários.[20] Ao invés disso, máquinas pensantes controlariam as fábricas e escritórios dos Estados Unidos. No futuro imaginário da inteligência artificial, a corporação e o computador seriam um só e a mesma coisa. As firmas capitalistas tornariam-se autômatos celulares.

Essa profecia foi fundada sobre a apropriação conservadora da cibernética. Durante os anos 1950, Simon perseguiu uma carreira de

dois caminhos. Por um lado, ele trabalhou em projetos de pesquisa em inteligência artificial para a Força Aérea dos Estados Unidos. Por outro, ele foi pioneiro na aplicação da teoria dos sistemas no contexto dos estudos econômicos.[21] No começo dos anos 1960, Simon combinou suas duas áreas de conhecimento em uma. Como ambos eram sistemas cibernéticos, a fusão do computador com a corporação era inevitável. Ao fazer essa previsão, Simon atualizou os objetivos originais de Turing para a inteligência artificial. De volta ao final dos anos 1940, esse matemático de Cambridge argumentou que sua máquina universal ocasionalmente substituiria a maior parte das formas rotineiras de trabalho mental.[22] Na versão original de Turing, a hierarquia burocrática do estado britânico fornecia o modelo para a estrutura ordenada do computador inteligente. A máquina governamental evoluía para uma máquina física. O fetichismo político inspirava o fetichismo tecnológico.

Em sua teoria gerencial, Simon substituiu o serviço civil britânico pela corporação estadunidense. As operações de um computador lembravam agora o funcionamento de uma empresa. Ambos eram sistemas cibernéticos que processavam informações. Como na psicologia de McCulloch e Pitt, essa identificação foi feita em duas direções. Gerenciar trabalhadores foi equiparado à programação de computadores. Escrever programas era como traçar um plano de negócios. Tanto funcionários quanto maquinário eram controlados por ordens ditadas de cima para baixo. Ironicamente, a credibilidade da ideologia gerencial de Simon dependia de seus leitores esquecerem as duras críticas da computação corporativa feitas pelo pai fundador da cibernética. Similar a Marx, Wiener alertou que o papel da nova tecnologia sob o capitalismo era intensificar a exploração dos trabalhadores. Ao invés de criar mais tempo de lazer e melhorar os padrões de vida, a informatização da economia sob o fordismo aumentaria o desemprego e cortaria os salários.[23] Se a distopia de Vonnegut fosse

para ser evitada, os sindicalistas e ativistas políticos estadunidenses deveriam mobilizar-se contra o *Golem*[NT2] corporativo.[24] De acordo com Wiener, a cibernética provava que a inteligência artificial ameaçava as liberdades da humanidade. "Vamos lembrar que a máquina automática... é o equivalente preciso do trabalho escravo. Qualquer trabalho que dispute com o trabalho escravo deve aceitar as condições econômicas do trabalho escravo".[25]

Como os militares dos Estados Unidos, os acadêmicos motrizes das corporações estadunidenses também precisavam de um novo guru. Como von Neumann mostrou, intelectuais espertos sabiam como criar cibernética sem Wierner. O movimento decisivo foi reescrever as origens históricas dessa metateoria. Se alguém mais ajudasse a inventar a cibernética, as opiniões subversivas de Wierner poderiam ser seguramente menosprezadas. Ao se apropriar do conceito de inteligência artificial de Turing, von Neumann assumiu o papel de primeiro profeta. Na teoria gerencial, foi dado ao herói húngaro um assistente estadunidense: Claude Shannon. No começo dos anos 1940, esse engenheiro da Bell usou as metáforas cibernéticas de Wierner para melhorar a transmissão de mensagens por meio das redes telefônicas. Ao registrar a deterioração de sinais a longas distâncias, a retroalimentação mostrou como criar mecanismos de correção de erro. Ao quantificar o tráfego numa rede telefônica, a informação fornecia uma unidade exata de medida.[26] Assim como ajudou a resolver os problemas técnicos da Bell, a análise de Shannon também forneceu uma interpretação da cibernética compatível aos negócios. Ao aprender como engenheiros controlavam a rede telefônica, os empregadores podiam aplicar os conceitos abstratos de retroalimentação e informação para melhorar o gerenciamento de seus empregados. Em ambos os casos, eles otimizavam o uso eficiente de recursos escassos. Na economia fetíchica do capitalismo, a informação sobre o trabalho era indistinguível do trabalho implicado na informação.

Ao final dos anos 1950, o processo de apagar Wierner da história da cibernética foi completado. Von Neumann e Shannon eram então os pais fundadores dessa teoria mestra. Ao minimizar a importância de Wierner, a sua interpretação socialista da cibernética foi marginalizada. Em substituição, a recombinação conservadora definia agora a ortodoxia acadêmica. Na teoria gerencial de Simon, as versões de von Neumann e Shannon eram fundidas numa hagiografia do fordismo cibernético. Assim como os computadores, as corporações eram protótipos da inteligência artificial. Como nas redes telefônicas, hierarquias gerenciais eram sistemas de retroalimentação de entradas de informação e execução de ações. Nessa atualização do final dos anos 1950 do teste de Turing, a forma mais racional de comportamento humano era fazer o que os computadores faziam.

A visão corporativa do fordismo cibernético significava esquecer a história do próprio fordismo. Esse paradigma econômico e social foi fundado sob a coordenação bem sucedida da produção em massa com o consumo em massa. A famosa fábrica de Henry Ford simbolizava esse imperativo de transformar caros luxos para poucos em mercadorias baratas para muitos. Na Feira Mundial de 1939, os dioramas de uma sociedade de consumo proprietária de carros, nos pavilhões de Democracidade e Futurama, retratavam um futuro imaginário extrapolado de uma interpretação otimista dos Estados Unidos contemporâneo. Mas na época em que a exposição de 1964 abriu, o pavilhão da IBM promovia a fantasia ficcional das máquinas pensantes. O futuro imaginário estava então desconectado dos Estados Unidos daquele momento. Ironicamente, desde que suas mensagens publicitárias estavam mais intimamente ligadas à realidade social, Democracidade e Futurama, em 1939, forneceram uma previsão muito mais precisa do caminho de desenvolvimento da computação do que o pavilhão da IBM em 1964. Assim como os automóveis 25 anos antes, essa nova tecnologia estava também

lentamente transformando-se, de um raro artefato artesanal, em uma onipresente mercadoria industrializada. A própria série System/360 da IBM estava no limiar desse processo. Para o resto da indústria dos Estados Unidos, a corporação era a pioneira da produção automatizada controlada por computadores. Os *mainframes* da IBM eram usados para fazer *mainframes* IBM. Esses movimentos iniciais rumo à produção em massa de computadores anteciparam o que seria o avanço mais importante nesse setor 25 anos mais tarde: o consumo em massa de computadores. No seu desenho formal, o *mainframe* System/360 de 1964 era um protótipo caro e volumoso dos muito menores e mais baratos PCs da IBM dos anos 1980.

O futuro imaginário da inteligência artificial era uma forma de evitar o pensamento sobre as prováveis conseqüências sociais da propriedade maciça de computadores. No começo dos anos 1960, o Grande Irmão *mainframe* era a materialização tecnológica das estruturas hierárquicas do alto governo e dos grandes negócios. A retroalimentação era o conhecimento dos dominados, monopolizado pelos dominantes. No entanto, como o próprio Wierner destacara, a produção fordista inevitavelmente transformaria caros *mainframes* em mercadorias cada vez mais baratas.[27] Em troca, a crescente propriedade de computadores poderia perturbar a ordem social existente. Na retroalimentação de informação dentro de instituições humanas, existia um limite no momento em que a tomada de decisão era concentrada nas mãos de alguns poucos gerentes no topo. Ao invés disso, o método mais eficiente de trabalho era o fluxo desimpedido de duas vias de comunicação e criatividade por toda a organização. Ao reconectar concepção e execução, o fordismo cibernético ameaçava as hierarquias sociais que sustentavam o próprio fordismo.

> [A] simples coexistência de dois itens de informação é de valor relativamente pequeno, a menos que esses dois itens possam ser

> efetivamente combinados em alguma mente... que seja capaz de fertilizar um através do outro. Isso é o oposto da organização na qual todos os membros viajam por um caminho pré-determinado...[28]

Na Feira Mundial de 1964, essa possibilidade definitivamente não fazia parte do futuro imaginário da IBM. Muito mais do que querer produzir um número cada vez maior de máquinas mais eficientes a preços mais baratos, a corporação focara em aumentar continuamente as capacidades de seus computadores e assim preservar seu quase total monopólio sobre o mercado militar e corporativo de *mainframes*. Ao invés de máquinas do tamanho de uma sala que encolhiam em computadores pessoais, portáteis e, ocasionalmente, telefones celulares, a IBM estava convencida de que os computadores seriam sempre grandes e volumosos *mainframes*.[29] Se esse caminho de progresso tecnológico fosse extrapolado, a inteligência artificial certamente seria a resultante. Após duas décadas de melhorias, o número de conexões na máquina estava a ponto de ultrapassar o número de neurônios no cérebro. Como Turing e von Neumann previram, os computadores logo tornariam-se poderosos o suficiente para replicar todas as funções da consciência. Numa economia fetíchica, essa visão de computadores autogeridos inspirou-se na realidade social. Uma vez que as mercadorias já determinavam o destino de seus criadores, o inanimado deveria ser capaz de superar os vivos. A separação fordista entre concepção e execução estava prestes a atingir sua apoteose tecnológica. Essa profecia de superseres conscientes em substituição à humanidade foi a falha existencial no âmago do futuro imaginário da inteligência artificial. Sob o fordismo cibernético, as pessoas seriam formas de vida inferiores às máquinas. Ironicamente, a fantasia otimista dos gurus dos computadores dos anos 1960 confirmou o pesadelo pessimista dos escritores de ficção científica dos anos 1930: a inteligência artificial era o inimigo da humanidade.

Naturalmente, a IBM estava determinada a responder a essa interpretação desconcertante de sua própria propaganda futurista. Na Feira Mundial de 1964, o pavilhão da corporação enfatizou as possibilidades utópicas da computação. No entanto, apesar de seus melhores esforços, a IBM não poderia evitar completamente a ambigüidade inerente ao futuro imaginário da inteligência artificial. Essa ideologia fetíchica só poderia comover a todos os setores da sociedade estadunidense se os computadores cumprissem os desejos mais profundos de ambos os lados do local de trabalho. Portanto, nas exposições em seu pavilhão, a IBM promoveu uma visão única do futuro imaginário, que combinou duas interpretações incompatíveis de inteligência artificial. De um lado, aos trabalhadores foi dito que todas as suas necessidades seriam satisfeitas por robôs conscientes: serviçais que nunca se cansavam, reclamavam ou questionavam ordens. Por outro lado, foi prometido aos capitalistas que suas fábricas e escritórios seriam gerenciados por máquinas pensantes: produtores que nunca relaxariam, expressariam opiniões ou fariam greves. *Robby, o robô* se tornou indistinguível do EPICAC XIV. Mesmo que apenas no campo ideológico, a IBM reconciliou as divisões de classe dos Estados Unidos dos anos 1960. No futuro imaginário, os trabalhadores não precisariam mais trabalhar e os empregadores não precisariam mais de empregados. Assim como os góticos inventaram as tradições da Inglaterra vitoriana, o futuro imaginário computadorizado dos Estados Unidos da Guerra Fria atuava como uma defesa ideológica contra a ruptura social desencadeada pela modernização perpétua. Depois de visitar o pavilhão da IBM na Feira Mundial de 1964, era muito fácil acreditar que todos ganhariam quando as máquinas adquirissem consciência.

Notas:

1. Ver Arjun Makhijani e Scott Saleska, *The nuclear power deception*.

2. A última missão lunar estadunidense Apolo aconteceu em dezembro de 1972.

3. Ted Nelson apontou que: "... inteligência artificial é uma fronteira em permanente recuo: conforme as técnicas tornam-se bem conhecidas e trabalhadas, essas manifestações de inteligência, para o sofisticado, continuamente retrocedem." Ted Nelson, *Computer lib*, seção *Dream machines*, página 120.

4. Ver Emerson Pugh, *Building IBM*, páginas 153–155.

5. A primeira aplicação comercial da computação nos Estados Unidos era gerenciar a folha de pagamento da General Electric. Ver Ceruzzi, *Modern computing*, páginas 33–34.

6. Edmund Berkeley, *The computer revolution*, página 41.

7. Ver R.H. Coase, *The nature of the firm*.

8. Ver Karl Marx, *Capital*, volume 3, páginas 566–573.

9. Ver Michel Aglietta, *A theory of capitalist regulation*, páginas 215–272; e Alain Lipietz, *Mirages and miracles*, páginas 29–46.

10. De acordo com Michel Foucault, o panóptico – uma prisão do final do século XVIII construída para manter seus prisioneiros sob vigilância constante – foi pioneiro no modelo disciplinar que mais tarde foi usado para controlar os trabalhadores das fábricas e escritórios do fordismo. Ver Michel Foucault, *Discipline and punish*.

11. Ver Frederick Winslow Taylor, *The principles of scientific management*.

12. Ver Henry Ford, *My life and work*, páginas 77–90.

13. Ver Fritz Machlup, *The production and distribution of knowledge in the United States*, páginas 381–400.

14. Ver James Beniger, *The control revolution*, páginas 291–425.

15. Ver Robert Sobel, *IBM*, páginas 95–184.

16. Ver Shoshana Zuboff, *In the age of the smart machine*, páginas 315–361.

17. Kurt Vonnegut, *Player piano*, página 106.

18. Ver Herbert Simon, *The shape of automation for men and management*.

19. Ver Emerson Pugh, Lyle Johnson e John Palmer, *IBM's 360* e *Early 370 systems*, páginas 87-105, 204-210.

20. Ver Simon, *Shape of automation*, página 47.

21. Ver Herbert Simon, *Administrative behaviour*; e Paul Edwards, *The closed world*, páginas 250-256.

22. Ver Alan Turing, *Lecture on the automatic computing engine*, páginas 391-394; *Intelligent machinery, a heretical theory*, páginas 474-475.

23. Ver Norbert Wiener, *Cybernetics*, páginas 36-39; *The human use of human beings*, páginas 206-221.

24. Ver Norbert Wiener, *God & Golem, Inc.*, páginas 54-55.

25. Ver Wiener, *Human beings*, página 220.

26. Ver Claude Shannon e Warren Weaver, *The mathematical theory of communication*, páginas 31-125.

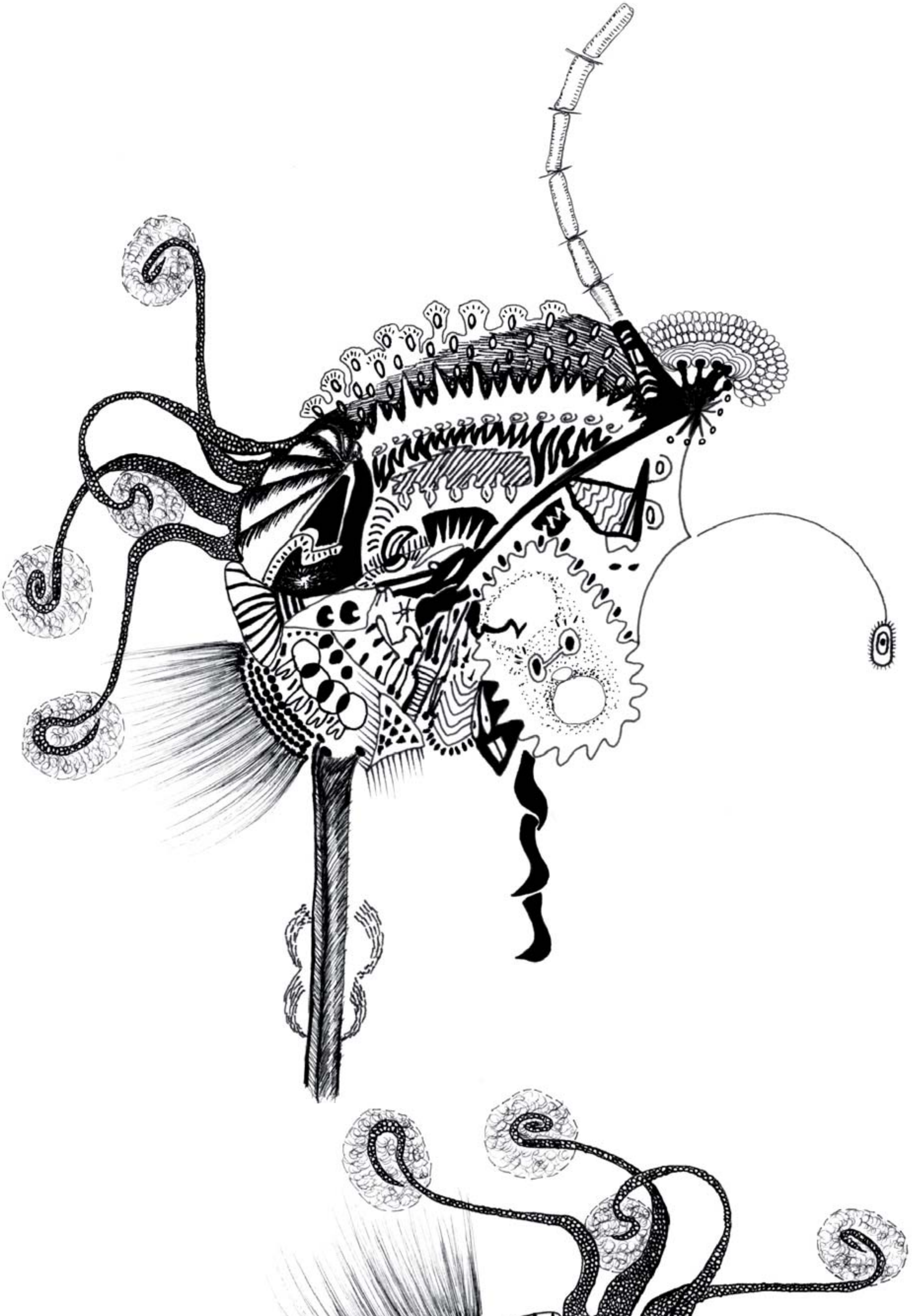
27. Ver Wiener, *Human beings*, páginas 210-211.

28. Wiener, *Human beings*, página 172.

29. Em *2001,* de Stanley Kubrick, o herói astronauta flutua dentro dos imensos bancos de memória de HAL 9000: uma máquina cônscia. Por uma coincidência marcante, HAL é IBM transpondo uma letra anterior no alfabeto.

NT 1 – Distopia – Em oposição ao conceito de utopia, distopia refere-se a uma "ansiedade sombria que toma conta de uma pessoa subitamente confrontada às crescentes e velozes mudanças da sociedade". Segundo o sítio da Universidade de Georgetown (EUA), foi inicialmente usada pelos escritores cataclísmicos do final do século XIX em sua paixão pelas catástrofes, podendo da mesma maneira ter sua importância também em outras literaturas contemporâneas, notadamente os ciberpunks.

NT 2 – Golem – Na tradição judaica, refere-se a um ser mítico que é trazido à vida por meio de um processo mágico, muitas vezes visto como um gigante de pedra. No hebraico moderno, a palavra golem significa "tolo", "imbecil" ou "estúpido", uma derivação da palavra gelem, que significa "matéria prima". Segundo o sítio www.chabad.org.br/interativo/FAQ/golem.html, o Golem teria sido criado no ano de 1580 em Praga por Rabi Yehuda Loevy, conhecido como o Maharal de Praga. Acesso em fevereiro de 2008.



6
A ALDEIA GLOBAL

O ÍCONE DA EXIBIÇÃO ficava no centro da Feira Mundial de Nova Iorque, em 1964: a Uniesfera. Construída pela US Stell, essa edificação era o triunfo da engenharia dos Estados Unidos. Nunca antes alguém havia conseguido criar uma representação da Terra em tal escala. Assim como a Torre Eiffel na Exposição de Paris em 1889, a Uniesfera instantaneamente tornou-se o símbolo reconhecível da Feira Mundial. Sua imagem ilustrava capas de revistas, artigos de jornais, pôsteres e lembrancinhas. O significado desse logotipo planetário era óbvio: a Feira Mundial de Nova Iorque era um encontro de toda a humanidade. Durante os dois anos da exibição, a Uniesfera era o ponto focal de todo o planeta.[1] Em sua edição internacional, a revista *Life* promoveu a abertura da Feira Mundial de Nova Iorque como o momento ideal para estrangeiros visitarem os Estados Unidos. Uma exibição global merecia um público global.[2] No começo dos anos 1960, a longa e penosa jornada marítima rumo aos Estados Unidos foi substituída por um rápido e monótono vôo de avião. Porém, mesmo com esse salto tecnológico, mover-se entre continentes ainda era caro. A iconografia da Uniesfera, ao contrário, antecipava a democratização da mobilidade internacional. Enquanto máquinas maiores e mais eficientes eram colocadas para funcionar, aviões estavam no processo de se tornarem um meio de transporte

de massa. Melhor ainda, tal como prometiam as exposições da Nasa, da General Motors e da Ford na Feira Mundial de 1964, a viagem espacial estaria em breve disponível a todos. Dentro de no máximo 25 anos, pessoas comuns tirariam suas férias na Lua. Como reflexo desse otimismo, a Uniesfera estava rodeada por três anéis que comemoravam famosas viagens espaciais: Yuri Gagarin – a primeira pessoa que orbitou a Terra; John Glenn – o primeiro estadunidense que repetiu a façanha; e Telstar – o primeiro satélite a transmitir sinais de televisão dos Estados Unidos à Europa.[3] Quando turistas de férias nos anos 1990 olhassem para a Terra a partir de seus *resorts* lunares, seria óbvio para eles que toda a humanidade compartilhava uma casa comum.

Os anéis que rodeavam a Uniesfera não só estimulavam fantasias sobre a viagem espacial. Ao lado de modelos das cápsulas de Gagarin e Glenn, uma versão em miniatura do Telstar também era representada em volta do globo gigante da US Steel. Em 10 de julho de 1962, platéias na América e na Europa assistiram com espanto ao momento em que a primeira transmissão ao vivo de televisão cruzou o Atlântico através desse satélite de comunicações. De volta aos anos 1930, a formação de redes de rádio permitiu que pessoas em diferentes partes dos Estados Unidos ouvissem simultaneamente os mesmos programas transmitidos dos estúdios em Nova Iorque.[4] Com o lançamento do Telstar, o mesmo processo começava a acontecer em escala global. Telespectadores em diferentes países agora poderiam ver as mesmas imagens em suas telas. Em 1964, transmissões ao vivo já eram um ingrediente essencial da cobertura de notícias da televisão. O modelo do Telstar que orbitava a Uniesfera prometia muito mais. No momento em que um grande número de satélites de comunicação estivesse em operação, pessoas ao redor do mundo assistiriam aos mesmos canais ao mesmo tempo. A televisão unia a humanidade.

Ao mesmo tempo em que os primeiros visitantes da Feira Mundial de 1964 admiravam a Uniesfera, Marshall McLuhan – um professor

canadense – publicava um livro que fornecia a explicação teórica desse sonho de harmonia audio-visual: *Os meios de comunicação como extensões do homem*. O simbolismo do satélite Telstar fora transformado em escrita. Assim que apareceu, *Os meios de comunicação como extensões do homem* virou um sucesso editorial. Ao contrário da maioria dos acadêmicos, McLuhan escrevia para um público não-especialista. Ele rejeitava as convenções de estilo da sua profissão: prosa densa, investigação detalhada e referências cuidadosas. Ao invés disso, a análise de McLuhan utilizava "sondas de pensamento": uma combinação ofuscante de títulos chamativos, generalizações espalhafatosas e inserções infundadas. Mesmo que enraivecesse seus colegas com essa estratégia, seu estilo populista agradou ao grande número de educados leitores fora da academia. Conceitos difíceis eram transformados em frases de efeito malucas. A história da humanidade era explicada por meio de exageros paradoxais. No lugar do texto acadêmico comum, *Os meios de comunicação como extensões do homem* fez da teoria social algo divertido de se ler.

O livro de McLuhan atingiu seu auge em meados dos anos 1960. Depois de ler *Os meios de comunicação como extensões do homem*, qualquer pessoa inteligente estava apta a falar sobre como a televisão, satélites, computadores e outras novas tecnologias transformavam radicalmente a sociedade estadunidense. Melhor de tudo, essas pessoas poderiam impressionar outras ao lançar suas sondas de pensamento memoráveis em artigos de jornal, palestras públicas e conversas em festas e jantares. A popularidade de *Os meios de comunicação como extensões do homem* rapidamente transformou McLuhan em uma celebridade "vip". Depois de alguns anos da sua publicação, esse obscuro professor canadense de outrora transformara-se em uma das pessoas mais famosas do mundo.[5] Seus livros eram campeões internacionais de venda. Seus pensamentos apareciam nos jornais mais importantes. Ele estrelava seus próprios programas televisivos.

Era consultor das maiores corporações. Em todas as partes do planeta, McLuhan era louvado como um gênio heróico: "o oráculo dos tempos modernos".[6]

O sucesso maciço de *Os meios de comunicação como extensões do homem* foi o final de uma longa jornada intelectual. À época em que esse livro foi publicado, McLuhan era professor de literatura inglesa na Universidade de Toronto. Havia sido educado para apreciar as formas tradicionais de expressão cultural: livros, poemas e peças. Dedicados ao legado artístico do passado, esperava-se que professores de inglês desdenhassem da mídia moderna: filmes, rádio e televisão. Contra as expectativas desse estereótipo, McLuhan tinha um fascínio de longa data pela vibração da cultura popular. Enquanto lecionava no meio-oeste dos Estados Unidos no final dos anos 1930, ele aplicou técnicas de crítica literária à análise de propagandas e quadrinhos. Inicialmente, ele acreditava que expor as limitações da cultura popular iria provar a superioridade da alta cultura.[7] Durante os anos 1950, McLuhan abandonou lentamente essa sabedoria convencional e começou a descobrir sua própria voz. A desconfiança da cultura popular transformou-se em celebração das novas tecnologias. A nostalgia do passado se tornou a esperança no futuro.

A transformação intelectual de McLuhan foi auxiliada por um livro que ganhou de presente: *Cibernética,* de Wiener. Pela primeira vez, ele percebeu que o computador não era só uma calculadora digital, mas também um dispositivo de comunicação. Acima de tudo, como muitos de seus pares, McLuhan convenceu-se de que essa nova tecnologia criara um novo paradigma teórico. Como no exemplo das conferências Macy, ele montou seu próprio projeto de pesquisa multidisciplinar na Universidade de Toronto. Durante os anos 1950, McLuhan e seus colegas se dedicaram à tarefa de desenvolver uma análise cibernética da mídia de massa e da cultura popular. Com a adoção da interpretação de Shannon dessa metateoria, eles decidiram

focar sua pesquisa sobre o papel que a informação exercia dentro da sociedade.[8] Assim como tantos de seus pares estadunidenses, a equipe de McLuhan acreditava que agora trabalhava na teoria social de ponta: cibernética sem Wiener. O entusiasmo sobre a estratégia de Shannon se inspirara no profundo e duradouro fascínio com os escritos de Harold Innis. No final dos anos 1940 e começo dos 1950, esse pensador canadense desenvolvera uma teoria que também propunha que o "movimento da informação" exercia o papel central na formação de sociedades humanas. A partir dessa premissa, Innis explicava o processo da evolução histórica. A invenção de uma nova forma de mídia sempre levava à emergência de uma nova civilização.[9]

Ao se afastar definitivamente do esnobismo cultural, McLuhan se tornou o "maior discípulo" da forma idiossincrática de determinismo tecnológico de Innis.[10] Mesmo como um professor de literatura inglesa, ele argumentava que o significado ideológico de um produto cultural era irrelevante. Ao invés disso, eram as tecnologias midiáticas usadas para criar esses produtos que tinham precedência. McLuhan acreditava que Innis descobrira como o comportamento humano era moldado pelo impacto psicológico da mídia. Como os cachorros de Pavlov[NT1], as pessoas respondiam mais ao estímulo de seus sentidos do que a suas imaginações. De acordo com McLuhan, toda tecnologia era uma "extensão do homem" que formava a percepção humana do ambiente em seu entorno. A cada nova forma de mídia introduzida, essa relação sensorial sempre se reconfigurava. E por esse processo cibernético mudar o comportamento das pessoas, um novo sistema social seria inevitavelmente criado. A inovação tecnológica era a força motriz da história. O fetichismo da maquinaria explicara a evolução da humanidade. "Os efeitos da tecnologia [midiática] não se dão no nível das opiniões ou conceitos, mas alteram razões de sentido ou padrões de percepção calmamente e sem resistência".[11]

McLuhan resumiu sua posição teórica em um slogan famoso: "O meio é a mensagem".[12] Não havia importância naquilo falado e, sim, no maquinário com que aquilo era dito. Essa percepção significava que a história da humanidade era entendida como uma série de "quebras de fronteiras" entre diferentes tecnologias midiáticas.[13] McLuhan rejeitou crucialmente todas as explicações políticas, econômicas e culturais para o surgimento da modernidade. Ao contrário, a criação da imprensa foi a única responsável por essa profunda transformação social. Ao substituir a cultura oral tradicional, essa nova tecnologia estimulara os sentidos humanos de maneiras completamente novas. Em resposta a esse ambiente de mídia alterado, as pessoas eram forçadas a adotar as atitudes psicológicas da modernidade: individualismo, racionalidade e auto-disciplina. Assim como a especificidade de cada letra iluminada foi substituída por peças padrões de tipografia, a diversidade das comunidades medievais foi superada pela homogeneidade das sociedades industriais. Todos agora eram os mesmos: cidadãos iguais do estado-nação; empregados anônimos de grandes corporações; e consumidores idênticos no mercado.[14] O todo da sociedade foi reconstruído sob a imagem das novas tecnologias midiáticas. A oficina de impressão de Johann Gutenberg inexoravelmente levou à existência da fábrica de Henry Ford.

Já que a impressão criou a sociedade moderna, McLuhan estava convencido de que o surgimento da mídia eletrônica marcaria a próxima quebra de fronteira na história humana. A partir do telégrafo e do rádio na era vitoriana, esse novo paradigma tecnológico, aos poucos, derrubou definitivamente a hegemonia do mundo escrito. Durante os anos 1950, a difusão da televisão fez com que a mídia eletrônica finalmente superasse a prensa tipográfica como a "extensão dominante do homem". Por mais importante que fosse, esse momento histórico não era o final do processo de transformação social. Inspirado nas teorias cibernéticas de Wiener e Shannon,

McLuhan acreditava que a mídia eletrônica já evoluía para além da televisão. Num futuro próximo, a transmissão em massa se fundiria com a computação e a telecomunicação em uma tecnologia demiúrgica...[15] Aquilo que o rádio e a televisão começaram seria completado pela "rede elétrica global".[16] No momento em que aquela convergência fosse plena, essa nova tecnologia midiática criaria uma nova – e melhor – ordem social. Cinco anos antes que seus primeiros nós se conectassem, McLuhan já identificara o salvador tecnológico da humanidade: a Internet.[17] "Playboy: Essa previsão de uma consciência global induzida eletronicamente não é mais mística do que tecnológica? McLuhan: Sim ... Misticismo é apenas a ciência do amanhã sonhada hoje."[18]

Assim como sua precursora, essa nova tecnologia da informação impôs sua própria visão psicológica sobre a humanidade ao estimular os sentidos de novas formas. Ao invés de dividir a sociedade em indivíduos isolados como fizera a imprensa, a mídia eletrônica incentivava sentimentos comunais entre as pessoas.[19] Essa mudança radical em atitudes mentais foi acelerada pela transformação do local de trabalho. Da mesma forma que a impressão substituíra a fazenda pela fábrica, o computador provia o protótipo para os novos métodos de produção completamente automatizados. Com a difusão do rádio e da televisão, a manufatura de bens físicos já começava a perder seu papel predominante na economia para a criação de informação. Isso significava que os especialistas estritamente limitados da era industrial logo tornariam-se redundantes. No seu lugar, a nova economia requereria um novo tipo de trabalhador: generalistas multitarefas.[20] De acordo com McLuhan, as conseqüências sociais dessas mudanças dentro do local de trabalho eram óbvias. Em bem pouco tempo, a consciência da impressão – a indiferença do racionalismo – seria sobreposta pela consciência da mídia eletrônica – a empatia da intuição.

Marshall McLuhan estava convencido de que a emergência de uma nova economia seria acompanhada pela transformação radical do sistema político. A imprensa não só tinha criado a fábrica, mas também o estado-nação. Se a Internet aboliria a primeira, também se livraria do segundo. Em *Os meios de comunicação como extensões do homem*, McLuhan explica que a combinação da imprensa e da roda permitiu que líderes políticos estendessem seu controle além dos limites da comunidade tribal: a "explosão do social". Enquanto essas tecnologias se espalhavam pelo mundo, a humanidade se dividiu em estados-nações rivais da "Galáxia de Gutenberg". Internamente, as instituições políticas da modernidade impuseram homogeneidade cultural e lingüística. Externamente, esses estados-nações deram ênfase às suas especificidades culturais e lingüísticas.[21] McLuhan acreditava que – depois de séculos de domínio – esse sistema político estava agora em crise. No momento em que a imprensa dominou a sociedade, as pessoas aceitaram as limitações da democracia representativa. Contudo, com a invenção da mídia eletrônica, elas agora queriam uma participação mais direta no processo de tomada de decisão política. Mais cedo ou mais tarde, a escolha entre candidatos em eleições esporádicas seria substituída por votação *on-line* em plebiscitos diários. As novas tecnologias da informação começavam a impor um novo paradigma: a "implosão do social".[22]

Ninguém conseguiria parar esse processo. A televisão substituía a imprensa e a "... Telstar ameaçava a roda".[23] Assim que todos ao redor do mundo assistissem aos mesmos programas, ódios nacionais e diferenças culturais inevitavelmente desapareceriam. O computador já aumentava o impacto social da televisão e dos satélites. Como demonstrado pela máquina de tradução russo-inglês em exposição no pavilhão da IBM na Feira Mundial de 1964, inteligências artificiais em breve removeriam as barreiras lingüísticas entre as pessoas.[24] A imprensa e a roda aprisionaram indivíduos dentro de estados-

nações. Televisores, telefones e computadores agora conectavam as pessoas do mundo. A rede eletrônica global criaria um sistema político global. A Internet estava prestes a unir em uma só uma humanidade dividida.

> Depois de três mil anos de explosão especializada, de especialização e alienação crescentes nas extensões tecnológicas de nosso corpo, nosso mundo tornou-se compressivo por uma dramática reversão. Eletricamente contraído, o globo já não é mais do que uma vila. A velocidade elétrica, aglutinando todas as funções sociais e políticas numa súbita implosão, elevou a consciência humana de responsabilidade a um grau dos mais intensos. [25]

Essa visão utópica da unidade mundial inspirou a frase de efeito mais famosa de McLuhan: "a aldeia global".[26] A convergência tecnológica da televisão, satélites e computadores na Internet iria – ao mesmo tempo – criar um sistema social único para toda a humanidade e restaurar a intimidade de se viver em uma comunidade tribal. O melhor do novo seria combinado com o melhor do velho. Essa feliz profecia contribuiu muito para a enorme popularidade de *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Leitores se deliciavam em ouvir que o ritmo veloz de inovação tecnológica traria a paz e prosperidade para todos. Ironicamente, de maneira privada, McLuhan era muito mais pessimista sobre as perspectivas da humanidade do que ele admitia em seus escritos. Como um católico devoto, ele acreditava que não existiam soluções tecnológicas para os problemas deste mundo.[27] Contudo, em *Os meios de comunicação como extensões do homem*, esses avisos foram tão bem escondidos que a maioria dos leitores de McLuhan os ignorou completamente. Ao invés disso, eles viram o que queriam ver. Liderados por Tom Wolfe, admiradores de *Os meios de comunicação como extensões do homem*

tomaram a interpretação mais otimista da análise e a transformaram em uma posição ideológica bem distinta: o mcluhanismo.[28]

De acordo com essa nova ortodoxia, a história humana foi uma sucessão de sistemas cibernéticos criados a partir da retroalimentação de diferentes tipos de mídia. O fenômeno moderno de fetichismo de mercadorias transformou-se no princípio universal de fetichismo tecnológico. Todo salto na evolução social foi identificado com a invenção de um novo tipo de mídia. Por acabar com o domínio da palavra falada, a invenção da imprensa levou ao crescimento do nacionalismo, do individualismo e do capitalismo industrial. Depois de quatro séculos de modernidade, a convergência da televisão, das telecomunicações e da computação novamente transformava o ambiente da mídia. O mcluhanismo foi identificado, sobretudo, com essa previsão de que a Internet criaria o novo – e muito melhor – sistema social da aldeia global. Sob seu novo arranjo sensorial, os males da Galáxia de Gutenberg que afligiam a humanidade por gerações – guerra, egoísmo e exploração – desapareceriam. A chegada iminente da Internet significava que as pessoas em breve viveriam, pensariam e trabalhariam numa civilização pacífica, igualitária e participativa.

Para os mcluhanistas, essa visão do futuro explicava o que acontecia aqui e agora. Cinco anos antes de ser inventada, sinais da Internet já podiam ser vistos no presente. Na Feira Mundial de Nova Iorque em 1964, aparelhos de televisão coloridos da RCA, satélites de comunicação da Telstar e computadores *mainframe* da IBM eram os profetas da maravilhosa sociedade da alta tecnologia que estava por vir. Por sua vez, o pleno potencial dessas máquinas só poderia ser compreendido na visualização de uma humanidade em um mundo onde o processo libertador da convergência à Internet fosse completo. Enquanto os profetas da inteligência artificial olhavam em direção à emergência do indivíduo sintético, os mcluhanistas acreditavam que a informatização recriaria toda a humanidade. Por viverem em uma

economia fetíchica, estavam convencidos de que a tecnologia era o ápice de uma nova fase na evolução social. O significado do presente fora revelado na antecipação desse caminho para o progresso. Assim como a obsessão da IBM pela inteligência artificial, os defensores do mcluhanismo dedicavam-se a promover seu próprio futuro imaginário: a sociedade da informação.

Notas:

1. Ver Editores dos livros Time-Life, *Official guide*, página 180.

2. Em 23 de março de 1964, a revista *Life* publicou um especial duplo, *Vacationland USA* (*Feriaslândia EUA*), para coincidir com a abertura da Feira Mundial.

3. Ver Neil de Grasse Tyson, *Unisphere*.

4. Ver Daniel Glover, *Telstar*; e Erik Barnouw, *A tower in babel*, páginas 235–285.

5. Ver Warren Hinckle, *Marshall McLuhan*.

6. Tom Wolfe, *What if he is right?*, página 110. Ver também Philip Marchand, *Marshall McLuhan*, páginas 136–211.

7. Ver Marshall McLuhan, *The mechanical mride*; e Marchand, *McLuhan*, páginas 42–110.

8. Ver Donald Theall, *The virtual Marshall McLuhan*, página 7; e Flo Conway e Jim Siegelman, *Dark hero of the information age*, página 277.

9. Ver Harold Innis, *Empire and communications*, páginas 166–167; e William Kuhns, *The post-industrial prophets*, páginas 139–168.

10. Kuhns, *The post-industrial prophets*, página 169. Ver também o prefácio de McLuhan em Harold Innis, *Empire and communications*, páginas V-XII.

11. Marshall McLuhan, *Understading media (Os meios de comunicação como extensões do homem*), página 18.

12. Ver McLuhan, *Understading media* (*Os meios de comunicação como extensões do homem*), páginas 7–21.

13. Ver McLuhan, *Understading media* (*Os meios de comunicação como extensões do homem*), página 39.

14. Ver Marshall McLuhan, *Gutenberg galaxy*, páginas 155–279; *Understading media* (*Os meios de comunicação como extensões do homem*), páginas 7–32, 170–178.

15. Ver McLuhan, *Understading media* (*Os meios de comunicação como extensões do homem*), páginas 354–359; e Eric Norden, *A entrevista da* Playboy*: Marshall McLuhan*, páginas 20–21.

16. Ver McLuhan, *Understading media* (*Os meios de comunicação como extensões do homem*), página 351.

17. Ver McLuhan, *Understading media* (*Os meios de comunicação como extensões do homem*), página 346–359; e Norden, *Marshall McLuhan* páginas 8–9, 18–19.

18. Norden, *Marshall McLuhan*, página 19.

19. Ver McLuhan, *Understading media* (*Os meios de comunicação como extensões do homem*), páginas 50–51.

20. Ver McLuhan, *Understading media* (*Os meios de comunicação como extensões do homem*), páginas 138, 207, 354.

21. Ver McLuhan, *Understading media* (*Os meios de comunicação como extensões do homem*), páginas 170–178.

22. Ver McLuhan, *Understading media* (*Os meios de comunicação como extensões do homem*), páginas 204, 308–337; e Norden, *Marshall McLuhan*, páginas 18–19.

23. McLuhan, *Understading media* (*Os meios de comunicação como extensões do homem*), página 256.

24. Ver McLuhan, *Understading media* (*Os meios de comunicação como extensões do homem*), página 80.

25. McLuhan, *Understading media* (*Os meios de comunicação como extensões do homem*), página 5.

26. Ver McLuhan, *Understading media* (*Os meios de comunicação como extensões do homem*), páginas 92–93.

27. McLuhan até sugeriu que a Internet poderia ser uma obra do demônio: "Ambientes de informação elétricos... [são] agora uma cópia razoável do corpo místico, uma manifestação sem vergonha do Anti-Cristo. Mesmo porque, o Príncipe desse mundo [Satã] é um excelente engenheiro elétrico". Marshall McLuhan, *Letter to Jacques Maritain*, página 370.

28. Para o texto fundador do mcluhanismo, ver Tom Wolfe, *What if he is right?*.

NT 1 – Cachorros de Pavlov – O termo refere-se ao estudo do psicólogo, fisiologista e físico russo Ivan Petrovich Pavlov (1849 – 1936), que ao observar o sistema digestivo dos cachorros, contruiu o conceito de "condicionamento clássico". Testes foram feitos com cachorros que respondiam com salivamento ao estímulo de um sino, antes mesmo de receberem qualquer comida, desde que condicionados para tal. Suas pesquisas foram determinantes para as teorias sobre temperamento, condicionamento e ações de reflexo involuntário tanto para a espécie animal como para a humana.



7
A ESQUERDA DA GUERRA FRIA

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO como extensões do homem foi uma publicação de sucesso construída sobre um paradoxo. Um professor de literatura inglesa escreveu um livro que virou um campeão de vendas porque falava aos seus leitores que eles deveriam assistir televisão ao invés de ler livros. Ironicamente, McLuhan precisava da palavra impressa para se tornar o profeta da morte iminente da cultura impressa. Escrever um livro importante ainda era pré-requisito para se tornar um proeminente intelectual. O valor do pensador era medido pela qualidade do texto. Durante o século XX, o papel icônico do livro dentro da vida intelectual foi reforçado pelo crescimento da mídia de massa. A própria carreira de McLuhan demonstrava como jornais, revistas, estações de rádio e canais de televisão estavam ansiosos para disseminar novas idéias saídas das universidades para o público em geral e – como em seu caso – transformar alguns acadêmicos em celebridades. Ao contrário das premissas do mcluhanismo, um livro famoso permaneceu como significante do intelectual influente na era da mídia eletrônica.

No início dos anos 1960, McLuhan alcançou um grau de reconhecimento público maior do que quase todos os outros acadêmicos dentro da esfera de influência estadunidense. *Os meios de comunicação como extensões do homem* foi um dos raros livros que passou

do especializado mercado universitário para a lista dos mais vendidos. Fundamentalmente, sua popularidade mundial não era o resultado de uma moda passageira. Como Tom Wolfe rapidamente compreendeu, os escritos de McLuhan providenciaram a fonte teórica para a construção da nova ideologia do mcluhanismo. Removidas as ambigüidades e qualificações de *Os meios de comunicação como extensões do homem*, sua análise poderia ser reinterpretada como uma celebração entusiástica do futuro imaginário da sociedade da informação. E melhor de tudo, essa profecia identificava os Estados Unidos como o protótipo da emergente aldeia global. Na metade dos anos 1960, o mcluhanismo era o último modelo do novo estilo de ideologias especialmente desenvolvidas para o conflito da Guerra Fria. Já que as duas superpotências não desejavam destruir-se com armas nucleares, o confronto militar entre elas no continente europeu foi altamente simbólico. Por mais que fosse vendida como o confronto contra um inimigo externo, a Guerra Fria foi – primeira e principalmente – voltada a oponentes internos. Ambos os lados necessitavam do perigo do ataque de seu rival como justificativa para impor disciplina não só em casa, mas também dentro de suas esferas de influência.

Com a eclosão da Guerra Fria em 1948, o líder da oposição Republicana na legislatura suplicou ao presidente dos Estados Unidos Harry Truman que "desse um susto dos infernos em todo o povo estadunidense", com fantasias chocantes sobre totalitários russos sem compaixão que planejavam dominar o mundo.[1] A admiração pela vitória do Exército Vermelho contra a Alemanha nazista teve que ser rapidamente substituída pelo medo da "ameaça vermelha" que dominava a civilização ocidental. Nos anos 1950, "julgamentos-espetáculo" de espiões russos, humilhações públicas de dissidentes da Esquerda, limpezas políticas de instituições do estado, treinos de defesa civil e juramentos de fidelidade foram usados para aterrorizar a população dos Estados Unidos junto à nova ortodoxia ideológica.[2]

De filmes de ficção científica sobre invasões alienígenas a seriados de TV com agentes secretos como heróis, a cultura popular estadunidense foi dominada pelo imaginário da mitologia da Guerra Fria.[3] Em uma democracia eleitoral como os Estados Unidos, a fixação de paranóia e patriotismo era o método mais eficaz de conseguir o consentimento de muitos para a hegemonia de poucos. Mais de quatro séculos antes, sob o disfarce de conselheiro de um cortesão do "príncipe" que desejava reinar sobre a Itália renascentista, Nicolau Maquiavel expôs o raciocínio cínico atrás dessa forma de política manipuladora:

> Todos concordam que é muito louvável um príncipe respeitar a sua palavra e viver com integridade, sem astúcias nem embustes. Contudo, a experiência do nosso tempo mostra-nos que se tornaram grandes príncipes alguns que não deram muita importância à fé dada e que souberam cativar, pela manha, o espírito dos homens e, no fim, ultrapassar aqueles que se basearam na lealdade.[4]

Durante a crise econômica dos anos 1930, um levante de sindicatos radicais e confrontamentos políticos contestaram a ordem social nos Estados Unidos. Contudo, ao contrário de seus camaradas europeus, militantes da classe trabalhadora estadunidense nunca conseguiram estabelecer seu próprio e independente partido político de massa.[5] Essa falha em escapar do gueto sectário teve conseqüências desastrosas nos anos 1950. Uma vez que a Guerra Fria estava em andamento, tornou-se cada vez mais difícil defender qualquer forma de socialismo nos Estados Unidos. Já marginalizada, a Esquerda estadunidense estava agora manchada pelas suas afinidades ideológicas com o inimigo estrangeiro. Nos anos 1920 e 1930, radicais estadunidenses – como seus camaradas europeus e asiáticos – argumentaram apaixonadamente sobre as implicações políticas da Revolução Russa de 1917 e as máximas teóricas de seu carismático líder, Vladimir Lênin.

Agarrados à posição ortodoxa, social-democratas acreditavam que o novo regime traía os princípios marxistas por abolir a democracia parlamentar e banir sindicatos independentes.[6] Em oposição, ao adotar a nova linha vinda de Moscou, leninistas declaravam que a ditadura revolucionária modernizava um país atrasado baseado nos interesses das massas. Acima de tudo, eles também estavam convencidos de que esse modelo russo de ativismo político tinha um significado universal. Enquanto os social-democratas buscavam criar uma organização de associação de massas para concorrer às eleições, os leninistas viram sua tarefa primordial na construção de um grupo pequeno e disciplinado de revolucionários profissionais: o partido da vanguarda.[7]

Como contestação à interpretação ortodoxa do marxismo, essa elite revolucionária se autoproclamava visionária do futuro pós-capitalista. Ao se tornarem Comunistas com *C* maiúsculo, o partido da vanguarda marcava sua tentativa de monopolizar a liderança das lutas dos trabalhadores pelo comunismo com *c* minúsculo. Em 1924, a morte de Lênin rapidamente levou seus seguidores a amargas divisões. Como a fábrica fordista, o Partido Comunista precisava de um diretor autocrático na gerência para decidir quem fazia o quê. Durante o final dos anos 1920, o conflito entre Joseph Stalin e Leon Trotsky para suceder Lênin como o mandante absoluto da Rússia foi expressado por uma disputa teórica entre definições concorrentes da versão leninista do marxismo. Forçados a tomar lados nessa disputa, membros do Partido Comunista estadunidense – tal como seus colegas na Europa e na Ásia – em breve se dividiram entre facções rivais de stalinistas e trotskistas. Enquanto ambos os lados se identificavam com a Revolução de 1917, eles discordavam energicamente sobre o legítimo herdeiro do legado revolucionário de Lênin: o regime de Stalin ou o exilado Trotsky. No início da Segunda Guerra Mundial, a Esquerda dos Estados Unidos estava dividida a respeito do significado do socialismo. Diferenças entre

social-democratas, stalinistas e trotskistas foram simbolizadas por interpretações incompatíveis do mesmo ideal político.[8]

Na Europa Ocidental, essas disputas ideológicas se davam dentro de grandes e poderosos movimentos trabalhistas. Nenhum grupo poderia monopolizar a análise teórica da Esquerda. Socialismo nem sempre significou stalinismo, e alguns comunistas eram fervorosos anti-stalinistas. A Esquerda estadunidense, ao contrário, era muito fraca para conseguir manter a sua própria integridade ideológica.[9] Como social-democratas e trotskistas tinham pouca influência política nos Estados Unidos, a elite desse país não via problemas em adotar a terminologia do seu inimigo da Guerra Fria. Socialismo era sinônimo de stalinismo e todos os comunistas eram stalinistas. No início da década de 1950, a Esquerda estadunidense encontrou-se despossuída ideologicamente. Se o totalitarismo russo era a única forma de socialismo, era quase impossível defender qualquer alternativa radical ao capitalismo nos Estados Unidos. Ainda pior, a linguagem política da Esquerda foi manchada pela retórica da propaganda stalinista. Literalmente, criticar o capitalismo soava antipatriótico. Todas as formas de socialismo eram não-estadunidenses por natureza. Para os conservadores, a "ameaça vermelha" provia a tão esperada oportunidade para abafar os sindicatos e o ativismo político.[10] Inicialmente, seus opositores foram lançados à confusão. Enquanto alguns tinham como prioridade a defesa das liberdades civis em casa, a maioria estava convencida de que a primeira prioridade da Esquerda estadunidense seria provar suas credenciais anti-stalinistas no confronto da Guerra Fria. Já que o socialismo – em todas as suas interpretações – era um conceito estrangeiro perigoso, uma forma mais patriótica de política radical deveria ser desenvolvida. Durante o longo período do regime conservador na década de 1950, essa ambição se tornou o chamado de luta para um novo movimento de intelectuais progressivos: a Esquerda da Guerra Fria.

> ... uma pessoa não pode fingir ser neutra ou indiferente a respeito desse confronto mundial. Entre o Ocidente e 'nós mesmos' existe não uma identidade completa de interesses, mas uma partilha de alguns objetivos limitados, e a compreensão desses interesses nos requer a dependência do poder ocidental e também levar adiante uma variedade de propostas radicais.[11]

Por mais de uma década, os pensadores da Esquerda da Guerra Fria se dedicaram a desenvolver uma forma distintamente estadunidense de política progressista. Ao longo dos anos 1950, eles lamentavam que a administração Republicana de direita era um exemplo perfeito de muitos dos piores aspectos da cultura de sua nação: o filistinismo[NT1], o paroquialismo e a intolerância.[12] Assim como exacerbavam problemas sociais em casa, essas atitudes danificavam a posição dos Estados Unidos no exterior. Devido ao entrave nuclear na Europa, a frente mais importante da Guerra Fria era a batalha da propaganda. Cada lado dedicava gigantescos recursos à tarefa de convencer pessoas ao redor do mundo da virtude da sua causa: "operações psicológicas".[13] A segurança de longo prazo da esfera de influência estadunidense agora requeria mais do que a "força bruta" da proeminência militar e econômica. A elite dos Estados Unidos também deveria conquistar a supremacia na "força suave" da hegemonia ideológica e cultural.[14] Nesse conflito vital, o símbolo do estadunidense racista e de visão curta era um desastre de propaganda.[15] Ao contrário disso, era necessário criar uma imagem mais positiva e atraente para os Estados Unidos. Já que os conservadores eram incapazes de cumprir esta tarefa, intelectuais de esquerda agarraram a oportunidade de inventar novas ideologias para o império estadunidense. Ao assumirem esse papel crucial na Guerra Fria, eles poderiam demonstrar que o Partido Republicano não era mais o mais efetivo oponente do stalinismo. Acima de tudo,

ao tornarem-se a face pública dos Estados Unidos no exterior, esses intelectuais provaram que um democrata de centro-esquerda como presidente do país seria capaz de defender os interesses da nação na arena global. Políticas progressistas não eram somente preferíveis moralmente, mas também recompensadoras politicamente.

No embate ideológico contra o inimigo russo, a mais importante conquista da Esquerda da Guerra Fria foi reconciliar o irreconciliável: os ideais liberais da Revolução Estadunidense de 1776 com as ambições imperiais da classe dominante dos Estados Unidos na década de 1950. De volta ao final do século XVIII, os fundadores do país acreditaram que o propósito primário de um governo constitucional era prover um arcabouço legal para as atividades espontâneas de indivíduos donos de propriedade.[16] De acordo com John Locke e seus admiradores, essa forma de organização social prometia um grau de liberdade sem precedentes na história humana.[17] No momento em que os revolucionários estadunidenses finalmente conquistaram a independência de sua nação, os princípios do liberalismo foram gravados na constituição da nova república: o governo mínimo, o regime do direito e a economia *laissez-faire*. Thomas Jefferson – o escriba da Declaração de Independência dos Estados Unidos e seu terceiro presidente – se orgulhava dos Estados Unidos serem uma nação onde havia: "... um governo sábio e frugal, que deverá restringir pessoas de machucarem-se umas às outras, de outra forma deverá deixá-las livres para regular suas próprias buscas de indústria e melhorias...".[18]

Comparado às monarquias absolutistas da Europa e Ásia, os Estados Unidos eram a terra natal da liberdade pessoal. Entretanto, ao mesmo tempo, a liberdade permanecia cercada. Mulheres eram cidadãs de segunda classe. Alguns indivíduos eram propriedade de outros indivíduos. A população indígena dos Estados Unidos foi sujeita a uma campanha impiedosa de extermínio. Liberalismo

significava liberdade para algumas pessoas, e não para todas elas.[19] Apesar de suas muitas falhas, essa crença serviu bem aos estadunidenses, conforme a sua república crescia de uma fina faixa de assentamentos na costa leste do continente ao poder dominante dentro de seu hemisfério. Entretanto, lá pela metade do século XX, as circunstâncias mudaram dramaticamente. Por mais flexível que o liberalismo fosse como ideologia, seus seguidores agora viam-se frente a frente com o intratável problema de que dois de seus princípios centrais – o governo mínimo e a economia *laissez-faire* – tornaram-se impossíveis de se colocar em prática.

Enquanto a Marinha Real dominasse os oceanos do mundo, os Estados Unidos estariam protegidos de agressões externas. Contudo, enquanto o Império Britânico desintegrava-se, o isolamento dos Estados Unidos chegava ao fim. Pela primeira vez, a nação necessitava de um grande estabelecimento militar para proteger seus interesses. No final da Segunda Guerra Mundial, o país possuía o exército, a marinha e a força aérea mais poderosos do planeta. Qualquer esperança de desmobilização militar depois da vitória contra a Alemanha e o Japão desapareceram assim que a Rússia rapidamente transformou-se de aliada à inimiga. Na era das armas nucleares, a posse de uma grande e cara força armada era incompatível com um governo mínimo. A mobilização do poderio militar estadunidense para a Guerra Fria forçou o abandono de um dos princípios fundamentais do liberalismo.

A expansão do estado dos Estados Unidos foi também incentivada pela difusão do fordismo. Na década de 1950, grandes negócios se tornaram dependentes de um grande governo para fiscalizar e direcionar a economia nacional. No início do século XIX, foi possível que uma pequena casta de políticos, empreendedores e financiadores governassem o país de uma forma íntima e informal. Porém, agora que os Estados Unidos eram a economia líder do mundo, mercados

desregulados e corrupção descarada pareciam relíquias de outra era. Em seu lugar, tanto corporações capitalistas quanto o Estado utilizavam uma burocracia gerencial racional e eficiente para administrar os seus negócios. A competição de mercado foi acrescida de um planejamento hierárquico. Assim como o governo mínimo, a economia *laissez-faire* era um anacronismo nos Estados Unidos da Guerra Fria. O fordismo substituía o liberalismo.

A burocratização dos negócios e também da política transformou a composição da classe dominante estadunidense. Apesar de cargos políticos e herança de fortunas ainda garantirem a filiação, novas rotas para a elite foram abertas. Os gerentes de enormes burocracias corporativas e estatais estavam agora entre os mais importantes tomadores de decisão da nação. Generais, almirantes e chefes de espionagem exerciam um poder imenso tanto em casa quanto no exterior.[20] Pela primeira vez, números significativos de acadêmicos também se encontraram admitidos nos círculos internos da elite estadunidense. Durante a Segunda Guerra Mundial, cientistas foram mobilizados para desenvolver novas tecnologias militares. Com a invenção da bomba atômica, esses intelectuais demonstraram enfaticamente sua importância vital para o estado moderno. Enquanto gerações mais antigas de cientistas foram aleatoriamente absorvidas na classe dominante, o governo começava agora a sistematicamente recrutar seus sucessores em posições de liderança. Graças ao seu papel de destaque no desenvolvimento da bomba atômica, von Neumann tornou-se um membro proeminente da liderança política e militar dos Estados Unidos. O caminho que ele trilhou, outros logo seguiriam. Seja no trabalho em armamento avançado, seja no ensino de seus alunos, esses favorecidos acadêmicos também administravam grandes organizações, contribuíam com planejamento militar, participavam de comitês investigativos e criavam a propaganda da Guerra Fria. O intelectual na torre de marfim transformou-se no

cientista-guerreiro-burocrata.[21] "Eles são... líderes de um novo tipo... empreendedores acadêmicos que sabem como captar dinheiro, montar uma organização e obter resultados no mundo afora."[22]

Nas fases de abertura da Guerra Fria, os gastos militares se concentraram no desenvolvimento de armamentos de alta tecnologia. Enquanto o confronto de superpotências se tornava institucionalizado, somas cada vez maiores de dinheiro foram também destinadas à pesquisa nas ciências sociais. Atracado em confrontos de propaganda com os russos, o governo dos Estados Unidos recrutava intelectuais para melhorar suas operações psicológicas ao redor do mundo. Acima de tudo, o país necessitava urgentemente de um reposicionamento razoável para o liberalismo *laissez-faire*. Da mesma maneira com que as ciências naturais foram utilizadas para inventar novos armamentos, cientistas sociais agora recebiam grandes contribuições financeiras de patrocinadores militares para desenvolver novas ideologias.[23] Até mesmo à época em que os republicanos estavam no poder, na década de 1950, o governo aceitava que o sucesso dessa missão dependia de uma participação dos intelectuais da Esquerda. Por mais que fossem críticos do conservadorismo em casa, radicais possuíam o conhecimento necessário para convencer estrangeiros céticos de que o império estadunidense representava progresso e modernidade. A força bruta precisava do apoio da força suave.

De volta aos anos 1930, intelectuais radicais nos Estados Unidos viviam uma existência empobrecida às margens da sociedade. Mesmo com essas dificuldades, a Esquerda estadunidense apoiou um renascimento cultural que inspirou alguns dos mais inovadores teóricos, escritores e artistas da década.[24] Esse breve momento de criatividade foi interrompido com a erupção de uma nova guerra mundial. Com medo da vitória nazista, a maior parte da Esquerda estadunidense se juntou à causa antifascista. Aqueles que foram uma vez excluídos agora tornavam-se parte integral do esforço militar.

Depois que a Alemanha foi derrotada, essa reconciliação com a sociedade dominante foi consolidada pela Guerra Fria. Bastante influenciados pela crítica de Trotsky ao totalitarismo, muitos dos líderes intelectuais da Esquerda estadunidense há muito eram anti-stalinistas. No começo da Guerra Fria, essa hostilidade contra o imperialismo russo convenceu muitos deles de que os radicais deveriam continuar com o apoio ao imperialismo estadunidense. Não mais contentes em criticar impotentemente pelas margens, esses pensadores acreditavam que deveriam modelar a política dos Estados Unidos em casa e no exterior em uma direção progressista. A Esquerda trotskista cresceu e se transformou na Esquerda da Guerra Fria.[25]

> [Os]... homens de poder... precisam de alguma maneira perceber as conseqüências do que fazem para que suas ações não sejam brutais, estúpidas, burocráticas, mas [ir] além [delas], [para que sejam] inteligentes e humanas. A única esperança de um governo humano é o uso extensivo das ciências sociais pelo governo.[26]

Para a elite do país, esses intelectuais radicais possuíam um recurso de valor inestimável: conhecimento íntimo do marxismo. Como o liberalismo *laissez-faire* era um anacronismo na época do fordismo, os estadunidenses inesperadamente se viram em desvantagem na guerra de propaganda com os russos. Mesmo com sua inferioridade econômica, autoritarismo político e fraqueza militar, seu inimigo stalinista gozava de superioridade no todo-importante campo de batalha ideológico. Esse momento de crise para o império estadunidense criou uma oportunidade para social-democratas desiludidos e leninistas arrependidos entrarem no santuário interno da elite dos Estados Unidos. Assim como os físicos nucleares durante a guerra contra a Alemanha e o Japão, eles eram as únicas pessoas com o conhecimento esotérico que poderia garantir a vitória para os Estados Unidos nessa disputa

geopolítica. A força suave era agora tão importante quanto a força bruta. Uma vez que o dinheiro militar começou a patrocinar as pesquisas das ciências sociais, esses intelectuais rapidamente emergiram como os gurus das equipes multidisciplinares que desenvolviam as armas ideológicas para operações psicológicas contra o inimigo russo. Os Estados Unidos descobriram que a maneira mais efetiva de criar alternativas ao marxismo era empregar ex-marxistas para o trabalho. "O confronto final [pela hegemonia global] será entre os comunistas e os ex-comunistas."[27]

Notas:

1. Arthur Vandenberg em Stephen Ambrose, *Rise to globalism*, página 151.

2. Ver Frank Donner, *The Un-Americans* e Joel Kovel, *Red hunting in the promised land*, páginas 87–136.

3. Ver Todd Gitlin, *Television's screens*; e Tom Engelhardt, *Ambush at kamikaze pass*.

4. Niccolò Machiavelli, *O príncipe*, página 99.

5. Ver Mike Davis, *Prisoners of the american dream,* páginas 3–7, 55–69; e Seymour Martin Lipset e Gary Marks, *It didn't happen here,* páginas 203–235.

6. Em 1918, o teórico chefe da social-democracia alemã definiu sua crítica das políticas autoritárias de Lenin: Karl Kautsky, *The dictatorship of the proletariat.*

7. Para o manifesto fundador de 1902 dessa instituição política, Ver V.I. Lenin, *What is to be done?* Ver também Marcel Liebman, *Leninism under Lenin*, páginas 25–83.

8. Ver James Cannon, *The history of american trotskyism*, páginas 100–101; e Vivian Gornick, *The romance of american communism*, páginas 27–106.

9. Em 1946, o Partido Socialista dos Trabalhadores – o grupo trotskista líder nos Estados Unidos – contava com somente 1.470 membros dos 145 milhões de habitantes do país. Ver Alan Wald, *The New York intellectuals*, página 300.

10. Ver Davis, *American dream,* páginas 82–101.

11. Irving Howe, *Steady work*, página 238. Howe foi um ex-trotskista que tornou-se guru do Partido Democrata.

12. Ver Richard Hofstadter, *Anti-intellectualism in american life*, páginas 1–23.

13. Ver Christopher Simpson, *Science of coercion*.

14. Ver Joseph Nye, *Soft power.*

15. Ver Benjamin Mays, *Race in America*; e Frances Stonor Saunders, *Who paid the piper?,* páginas 190–198.

16. Ver Alexander Hamilton, James Madison e John Jay, *The federalist*, páginas 13–83.

17. Ver John Locke, *Two treatises of government,* páginas 374–427. John Locke era o teórico chefe da Revolução Inglesa de 1688.

18. Thomas Jefferson, *First inaugural address,* páginas 2–3.

19. Ver Alexis de Tocqueville, *Democracy in America,* volume 1, páginas 343–432; *Democracy in America*, volume 2, páginas 222–225.

20. Ver C. Wright Mills, *The power elite.*

21. Ver Stuart Leslie, *The Cold War and american science*; e André Schiffrin, *The Cold War and the university*.

22. Christopher Rand, *Cambridge U.S.A.,* página 4.

23. Até 1952, o Departamento de Defesa provia 96% do financiamento governamental para pesquisa de ciências sociais. Ver Christopher Simpson, *Science of coercion*, página 52.

24. Ver Daniel Bell, *Sociological journeys*, páginas 119–137; e Wald, *New York intellectuals*, páginas 27–192.

25. Ver Wald, *New York intellectuals*, páginas 193–225, 267–310; Daniel Bell, *Sociological journeys*, páginas 119–137; e Saunders, *Who paid the piper?* páginas 7–56.

26. Ithiel de Sola Pool, *The necessity for social scientists doing research for governments*, página 111.

27. Ignazio Silone, *The initiates,* página 118.

NT 1 – Filistinismo – De filistino, relativo ao povo não-semita que habitava a Filistéria, ou Palestina, desde o século XII a.C., os filisteus. Contemporaneamente, o termo refere-se à pessoa que é guiada pelo materialismo e é usado correntemente para significar desdenho a valores artísticos e intelectuais ou desinformação sobre uma área específica do conhecimento.



8
OS POUCOS ESCOLHIDOS

JAMES BURNHAM FOI O PIONEIRO na guinada dos intelectuais de esquerda das margens ao centro da sociedade dos Estados Unidos. Durante os anos 1930, acompanhado de James Cannon, Max Schachtman e C.L.R. James, ele fora um dos mais importantes líderes do movimento trotskista estadunidense. Entretanto, no final dos anos 1930, tornou-se cada vez mais cético a respeito da política revolucionária. Após uma amarga discussão teórica com Trotsky, anunciou repentinamente que deixava o movimento e que "eu não [posso] mais me considerar... um marxista."[1] Pouco depois, Burnham publicou um livro no qual propunha uma nova teoria da evolução social: *A revolução gerencial.* Nesse sucesso de vendas, argumentava que a previsão de Marx de que o capitalismo *laissez-faire* seria substituído por uma sociedade comunista sem classes teria se provado falsa ao considerar a história recente. Apesar da competição de mercado em rápido desaparecimento, os trabalhadores, que eram a maioria da população, não estavam nem perto de se tornarem donos da sociedade. Ao contrário, o que se podia ver não só na Rússia stalinista e na Alemanha nazista, mas também nos Estados Unidos fordista, era que os burocratas que dirigiam o estado gigante e as corporações tornavam-se a nova classe dominante. A vanguarda leninista transformara-se na "elite gerencial".[2] Ao usar idéias tiradas

de alguns dos mais avançados teóricos marxistas daquele tempo, Burnham desafiara a credibilidade teórica do próprio marxismo.[3]

> A Revolução Russa não foi uma revolução socialista – que com todas as evidências, não pode acontecer em nossa época – mas uma revolução gerencial. ...[marxismo-]leninismo... não é uma hipótese científica, mas uma grande ideologia social que racionaliza os interesses sociais dos novos reguladores, torna-os aceitáveis às mentes das massas... A tarefa da ideologia é dar expressão apropriada ao regime [gerencial russo] de expurgos, tiranias, privilégios e agressões.[4]

Essa conquista intelectual foi a porta de entrada de Burnham para os mais altos escalões da elite estadunidense. Durante a Segunda Guerra Mundial, ele iniciou uma longa carreira como consultor e propagandista dos serviços de inteligência americanos.[5] Uma das tarefas mais urgentes de Burnham era achar uma base de sustentação teórica para sua análise gerencial que não remetesse ao marxismo. Como o liberalismo *laissez-faire* era tampouco útil, ele se voltou para um grupo de pensadores políticos cujas idéias eram populares na Itália fascista: Gaetano Mosca, Robert Michels e Vilfredo Pareto.[6] No trabalho desses teóricos, Burnham encontrou uma abordagem linha-dura que explicava porque a dominação de uma classe sobre outra era inevitável nas sociedades humanas. A ascensão da elite gerencial no século XX poderia ser agora interpretada como a manifestação moderna de um eterno imperativo sociológico. Melhor que tudo, essa análise explicava que – longe de liderar os trabalhadores em direção a uma utopia sem classes – o partido de vanguarda leninista não era nada além de uma variação russa da nova forma burocrática de dominação que varria o mundo industrializado.[7] Entretanto, devido ao apoio de Michels e Pareto à Itália fascista, Burnham teve que adaptar suas idéias a uma audiência estadunidense. Com

ênfase no conceito de "circulação de elites", ele argumentou que a dominação de classe era – paradoxalmente – a pré-condição da democracia eleitoral. As massas poderiam não ser capazes de se governar, mas poderiam escolher qual minoria iria governá-las.[8] De acordo com a reinterpretação de Burnham, os teóricos da elite não eram mais apologistas do inimigo totalitário dos Estados Unidos na Itália. Ao contrário, o subtítulo do seu livro de 1943, intitulado habilidosamente *Os maquiavélicos*, proclamava que eles se tornariam os "defensores da liberdade".

Assim que Alemanha e Japão foram derrotados, Burnham lançou-se em uma campanha para alertar seus conterrâneos do perigo do totalitarismo russo. Educado no movimento trotskista, ele não nutria nenhuma ilusão sobre as ambições imperialistas do outrora aliado dos Estados Unidos. Em *A Luta pelo mundo* e *A derrota iminente do comunismo,* pregava um esforço total dos Estados Unidos para liberar os povos da Europa e da Ásia da tirania stalinista.[9] Por ser um leninista decadente, estava bem a par de que a credibilidade dessa cruzada democrática estava ameaçada pela celebrada dissecação de Lênin da política do poder global em *Imperialismo: fase superior do capitalismo.* Para enfrentar esse desafio, Burnham se voltou à celebração teórica da missão civilizadora dos impérios mundiais: *Um estudo da história,* de Arnold Toynbee. Como vivia durante o colapso do poder imperial britânico, esse professor de clássicos ingleses procurou explicar a dramática reviravolta da sorte de seu país ao fazer comparações entre sua época e a época do mundo antigo. De acordo com Toynbee, a história da humanidade continha uma sucessão recorrente de ciclos pré-determinados: um "Estado Universal" fora fundado; a estabilidade levara à estagnação; a velha ordem entrara em colapso em um "tempo de dificuldades"; e, findado o processo, um novo "estado universal" se sobrepunha.[10] Distante de ser algo extraordinário, o gradual declínio da hegemonia britânica

no início do século XX agora podia ser entendido como a última repetição desse ritmo temporal transcendente. O colapso de um império global único seria inevitavelmente seguido pela ascensão de um novo – e mais avançado – Estado Universal.[11]

Para Burnham, essa teoria devastadora da história humana fornecia uma elogiosa explicação para o recente domínio dos Estados Unidos sobre o sistema mundial. Da mesma maneira com que Roma substituiu a Grécia após um longo período de instabilidade, o império estadunidense era agora o novo Estado Universal que emergia vitorioso do Tempo de Dificuldades desencadeado pela queda do império britânico.[12] A partir dos escritos de Toynbee, Burnham desenvolveu uma teoria persuasiva sobre geopolítica para a batalha ideológica da elite dos Estados Unidos na Guerra Fria. Com a antecipação da sociedade sem classes de Marx, a chamada de Lênin para a abolição do imperialismo foi descartada como uma fantasia utópica. Ao contrário, da mesma maneira com que eleitores tinham que decidir entre elites políticas que competiam em eleições, os povos do mundo eram forçados a escolher qual Estado Universal seria imposto sobre eles: O Estados Unidos democrático ou a Rússia totalitária.[13] Na época da Guerra Fria, não havia outra opção. "A realidade é que a única alternativa ao Império do Mundo Comunista é o Império Estadunidense, que será, mesmo que não literalmente global em fronteiras formais, capaz de exercer um controle mundial decisivo."[14]

O caminho que Burnham percorreu, grande parte da Esquerda estadunidense seguiu. Assim como ele, muitos outros achavam que o anti-stalinismo – a política de suas juventudes revolucionárias – levava-os agora em direção a uma reaproximação com a elite dos Estados Unidos. Como descobriu Burnham, essa conversão contava com retornos materiais. Os militares estadunidenses e a CIA – a nova agência de inteligência montada para combater a Guerra Fria – disponibilizava empregos acadêmicos e financiamento de pesquisas

para socialistas arrependidos. Publicar livros anti-marxistas poderia trazer fama e fortuna para os revolucionários desencantados. Como Burnham, talvez até tivessem a chance de tornarem-se membros influentes da elite dos Estados Unidos. Muitos deles acreditaram que o ato de ajudar a si próprios poderia ser combinando com ajudar aos outros. Como os conselheiros maquiavélicos para o "príncipe moderno", intelectuais progressistas seriam capazes de melhorar as vidas de pessoas comuns, tanto em casa quanto no exterior.[15] Ironicamente, apesar de ser um dos fundadores dessa nova e cada vez mais influente Esquerda da Guerra Fria, Burnham logo se desiludiu com sua própria criação. Em meados dos anos 1950, ele abandonou qualquer disfarce de radicalismo e caminhou para a extrema direita do conservadorismo estadunidense.[16] Com Burnham auto-desacreditado entre os progressistas, outros pensadores teriam que tomar o papel de continuar a construção de suas idéias propulsoras da Esquerda da Guerra Fria no início dos anos 1940.

A tarefa primária desses intelectuais estadunidenses era continuar a demolição teórica do marxismo. Como Burnham, eles enfrentavam o dilema de que a concepção materialista da história fora proposta primeiramente por dois dos maiores filósofos liberais: Adam Smith e Adam Ferguson. De volta ao final do século XVIII, esses pensadores escoceses perceberam que as sociedades humanas estavam em constante evolução. Por viverem na fronteira que separava as Terras Altas tribais e a Inglaterra proto-industrial, o contraste entre a tradição e a modernidade mostrava-se aguçado.[17] Como negação à crença dominante na imutabilidade da natureza humana, esses dois filósofos argumentavam que a mudança nos métodos de se criar riqueza levariam inevitavelmente a uma mudança de toda a estrutura da sociedade. Num lampejo de brilhantismo, Adam Smith resumia o processo da história como um movimento em quatro estágios de desenvolvimento econômico: caça, criação de animais, agricultura e comércio.[18]

No começo do século XIX, essa análise se tornou uma das principais inspirações teóricas dos movimentos trabalhistas que emergiam. Enquanto Adam Smith finalizara suas investigações com o advento do comércio, a Esquerda européia começava a argumentar que a evolução humana continuaria em direção à mais um estágio: o socialismo.[19] No seu texto panfletário de 1848, *O manifesto comunista*, Karl Marx e Friedrich Engels popularizaram essa nova interpretação da concepção materialista da história. Como Adam Smith e Adam Ferguson, eles também saudaram a destruição do feudalismo pelo capitalismo. Porém, ao mesmo tempo, eles estavam bastante cientes do sofrimento e da exploração causados por esse novo sistema econômico. Numa obra-prima de profecia, eles enxergaram uma época na qual a maioria da população usaria o poder produtivo da tecnologia moderna para criar uma sociedade igualitária e verdadeiramente democrática.

> O progresso da indústria, de que a burguesia é agente passivo e inconsciente, substitui o isolamento dos operários, resultante de sua competição, por sua união revolucionária mediante a associação. Assim, o desenvolvimento da grande indústria socava o terreno em que a burguesia assentou o seu regime de produção e de apropriação dos produtos. A burguesia produz, sobretudo, seus próprios coveiros. Sua queda e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis. [20]

Durante o final do século XIX e o início do século XX, o marxismo forneceu uma identidade ideológica distinta para os cada vez mais poderosos parlamentares de partidos socialistas e sindicatos industriais na Europa. Suas lutas cotidianas por reformas dentro do capitalismo levariam inevitavelmente ao momento revolucionário da emancipação socialista.[21] Entretanto, assim como o liberalismo *laissez-faire*, a credibilidade dessa profecia otimista foi fatalmente enfraquecida

pela deflagração da Primeira Guerra Mundial: o tempo de dificuldades precipitado pelo declínio do império britânico. A agitação política e econômica rapidamente levou à confusão teórica. Durante os anos 1920 e 1930, amargas divisões dentro dos movimentos trabalhistas europeus foram expressas por meio de interpretações incompatíveis do marxismo. Apesar de social-democratas e comunistas citarem os mesmos autores e os mesmos textos, os dois lados desenhavam conclusões completamente diferentes. Enquanto a Europa rumava para outra guerra catastrófica, o marxismo era ao mesmo tempo a teoria dos parlamentares reformistas e da ditadura revolucionária.

Com a falta de partidos de massa de trabalhadores, essas disputas ideológicas nos Estados Unidos deram-se fora da política oficial. No entanto, foi essa relativa segurança oferecida pela vida nas margens que encorajou a criatividade teórica da Esquerda estadunidense. Livres das incumbências da rígida disciplina partidária, intelectuais trotskistas estavam livres para experimentar as versões mais vanguardistas do materialismo histórico. Ao abandonarem sua crença na política revolucionária, esse espírito inovador logo focou-se em achar alternativas ao marxismo em todas as suas muitas variantes. Em *A revolução gerencial* e *Os maquiavélicos*, Burnham iniciou a tarefa de construir uma versão especificamente estadunidense da concepção materialista da história. Uma vez começada a Guerra Fria, a importância geopolítica desses livros tornou-se evidente. Ambas as superpotências estavam de acordo com a terminologia do conflito ideológico: marxismo significava stalinismo e todos os comunistas eram stalinistas. Ao invés de debater a correta interpretação do socialismo, como fizera a Esquerda européia nas décadas de 1920 e 1930, esses rivais imperiais queriam celebrar suas próprias versões distintas do materialismo histórico. Para os propagandistas russos, o problema era como impor uma ortodoxia rígida sobre uma análise subversiva de Marx da evolução social humana. Já o desafio para

os seus rivais estadunidenses era como criar uma versão crível da concepção materialista da história sem admitir qualquer dívida com relação ao teórico favorito de seus oponentes russos.

Assim como produzir cibernética sem Wiener, inventar o marxismo sem Marx tornara-se agora uma prioridade ideológica. Para os membros da Esquerda da Guerra Fria encarregados dessa tarefa vital, Burnham mostrou o caminho a seguir. Qualquer teoria de qualquer teórico social – inclusive aqueles que eram marxistas – poderia ser adaptada para a tarefa se o produto final não fosse explicitamente de inspiração marxista. Enquanto intelectuais russos eram forçados a trabalhar dentro do confinamento da única e verdadeira fé do stalinismo, acadêmicos estadunidenses podiam explorar a multiplicidade de diferentes abordagens. Sem possuírem teoricamente nada em comum, exceto a rejeição ao marxismo como a ideologia do Comunismo com C maiúsculo, os pensadores da Esquerda da Guerra Fria tornaram-se os gurus de uma nova posição filosófica: o *anti-comunismo*.

> Minha geração foi criada [nos anos 1930] na convicção de que o poder motriz básico no comportamento político é o interesse econômico de grupos... Sem contar o tanto de importância que continuamos a atrelar a interesses econômicos... ainda nos confrontamos, de tempos em tempos, com o grande número de comportamentos para os quais a interpretação econômica da política parece ser inadequada, equivocada ou totalmente irrelevante. É para dar conta dessa variedade de comportamentos que precisamos de um quadro conceitual diferente...[22]

Para os sucessores de Burnham, sua missão ideológica foi ajudada pela crescente disponibilidade de financiamento militar e ferramentas tecnológicas. Pelo início dos anos 1950, assim como nas ciências naturais, as equipes multidisciplinares tornaram-se a pesquisa

intelectual de ponta dentro das ciências sociais nas universidades estadunidenses. Além de enfraquecer as rivalidades acadêmicas, essa forma de trabalho colaborativo também foi desenhada para motivar uma metodologia comum entre as disciplinas. Assim como físicos ou químicos, sociólogos também poderiam descobrir a verdade ao medir, pesquisar e quantificar. Acima de tudo, eles também usariam a nova tecnologia da computação para dar sentido às suas descobertas.[23] Ao adotar essa metodologia atualizada, cientistas sociais estadunidenses alegavam que sua pesquisa tornara-se tão "imparcial" quanto a dos cientistas naturais. Entretanto, ao mesmo tempo, esses acadêmicos também promoviam seu trabalho como uma parte vital da batalha da Guerra Fria pela supremacia da força suave. Caros computadores e um grande número de coletores de dados foram necessários para verificar as diferentes teorias anti-comunistas que provavam a superioridade dos Estados Unidos sobre seu oponente russo. Nos departamentos de ciências sociais dos Estados Unidos dos anos 1950, não havia nada mais qualitativamente ideológico do que a pesquisa quantitativa sem valor conduzida nos computadores.

Essa natureza nada ingênua da imparcialidade da alta tecnologia na academia estadunidense foi revelada por sua continuada devoção ao culto do livro famoso. Como acontecera por séculos, era esperado dos intelectuais mais importantes que fornecessem quadros teóricos para que intelectuais menos influentes chegassem a conclusões a partir de suas pesquisas empíricas. Apesar desses gurus terem que basear seus argumentos em referências de estudos quantitativos, seus livros e artigos só se tornavam leituras essenciais se fossem identificados com um julgamento qualitativo específico sobre as sociedades humanas. Nos Estados Unidos da Guerra Fria, o objetivo principal de qualquer cientista social era escrever um texto canônico do anti-comunismo. Como Burnham demonstrou, desacreditar a autoridade ideológica do inimigo russo era não só um dever patriótico, mas também uma

excelente guinada na carreira. Entre todas as dificuldades que os acadêmicos anti-comunistas enfrentavam nos anos 1950, o problema mais intratável foi elaborar uma teoria crível para a análise da história econômica. Apesar de pesquisas quantitativas e estudos empíricos poderem desafiar pequenos detalhes nos escritos de Marx, à ciência social estadunidense faltava uma substituição de sua grande narrativa que explicasse a ascensão do capitalismo. Surpreendentemente, seus colegas nos departamentos de economia eram completamente incapazes de resolver esse problema. A partir do final do século XIX, teóricos liberais se concentraram em celebrar a perfeição matemática das leis imutáveis da competição de mercado. Acreditavam que o empreendimento privado refletia as eternas veracidades da natureza humana e, por isso, qualquer coisa que não fosse familiar sobre a vida em sociedades pré-capitalistas era dispensado como nada mais do que uma forma nascente de capitalismo.[24]

Nos Estados Unidos dos anos 1950, essa interpretação não-histórica do liberalismo era o credo da economia acadêmica. Porém, no momento em que essa teoria foi aplicada às outras ciências sociais, suas limitações espaciais e temporais rapidamente revelaram-se. Em meados do século XX, a maioria da população mundial continuava a viver em sociedades pré-capitalistas. Dentro das economias mais avançadas, o liberalismo *laissez-faire* não era mais o paradigma dominante. Para os acadêmicos dos Estados Unidos que queriam analisar a realidade social contemporânea, a invenção da versão patriótica do materialismo histórico era uma alta prioridade. Em *A revolução gerencial,* Burnham começara a tarefa de construir uma versão anti-comunista do desenvolvimento do capitalismo. Contudo, devido ao fato de seu livro ter como foco a transição do liberalismo para o fordismo, sua análise gerencial não ofereceu uma grande narrativa que explicasse a emergência e a evolução das economias de mercado. Já que uma abordagem global não podia ser encontrada

nos escritos de Burnham, a conclusão da tarefa teórica foi deixada para outros pensadores da Esquerda da Guerra Fria.

Em 1960, Walt Rostow – um proeminente acadêmico do centro de pesquisa Cenis financiado pela CIA no MIT – publicou o livro que finalmente proveu o império estadunidense com sua própria e distinta grande narrativa da modernidade: *Etapas do desenvolvimento econômico: um manifesto não-comunista.*[25] Assim como Burnham, esse intelectual também usara seu passado marxista como uma entrada para a elite dos Estados Unidos. Filho de imigrantes judaico-russos, ele criou-se dentro de um *milieu* socialista.[26] Enquanto estudava em Yale no final dos anos 1930, "argumentava sobre as virtudes do Comunismo" com seus colegas de classe.[27] Assim como muitos outros esquerdistas estadunidenses, foi a Segunda Guerra Mundial que transformou esse excluído em um incluído. Após trabalhar com os serviços de inteligência dos Estados Unidos nos esforços anti-fascistas, Rostow prosseguiu em uma carreira de sucesso como um analista acadêmico e propagandista da CIA.[28] Mesmo após abandonar o marxismo e ser financiado por fontes duvidosas, Rostow continuava a se identificar como um homem de esquerda. Ao contrário de Burnham, que pregava o retorno do liberalismo *laissez-faire* no final dos anos 1950, a pesquisa de Rostow sobre a história econômica era inspirada em uma visão progressista dos Estados Unidos como uma avançada democracia da prosperidade. Ele estava convencido de que a Esquerda da Guerra Fria não só venceria a batalha contra o totalitarismo russo no exterior, mas também teria sucesso em construir uma sociedade mais justa e humana em casa.

> [A] agenda da vida doméstica estadunidense para... [os anos 1960] consiste, em grande parte, de assuntos onde o problema é... para a comunidade agir... como uma coletividade em uma expandida diversidade de interesses comuns. Esse é o caso do problema da

> inflação; da construção de escolas e dos salários dos professores; do aumento de programas de construção de estradas; da reconstrução de velhas cidades, incluída a evacuação das favelas; da saúde pública; da assistência aos mais velhos.[29]

Em *Etapas do desenvolvimento econômico*, Rostow propôs sua própria substituição para os esquemas abstratos de desenvolvimento social de Karl Marx e Adam Smith. Como em *A riqueza das nações* e *O manifesto comunista*, a história humana era explicada como um movimento de um paradigma econômico para outro. Primeira e principalmente, essa abordagem permitia a Rostow teorizar a existência de sociedades tradicionais que existiram antes do capitalismo. Diferentemente de seus colegas acadêmicos nos departamentos de economia, ele entendia que a competição de mercado era mais uma criação histórica do que uma lei imutável da natureza. De acordo com Rostow, esse entendimento explicava porque a fase de abertura da transição de uma sociedade tradicional para o capitalismo era um processo longo e complexo. Porém, uma vez que certas pré-condições sócio-psicológicas para a modernização fossem atingidas, o país experimentaria então uma rápida "decolagem" de crescimento econômico. Dentro de um período relativamente curto, a nação alcançaria um estágio de maturidade industrial, com produção fabril, regulação de leis, mercados livres e governo constitucional. Inspirado por Burnham, Rostow enfatizou que essa fase liberal do capitalismo não era o ápice do processo de modernização. No próximo estágio de crescimento, a nação evoluiria para uma sociedade de consumo de massa onde os benefícios da industrialização seriam estendidos para a maioria da população. Sob o fordismo, trabalhadores tornariam-se proprietários de carros, moradores de casas em subúrbios e espectadores de TV habitantes de um estado de bem-estar social democrático e pluralista.[30] Ao fim da grande narrativa da história

humana, o programa social da Esquerda da Guerra Fria seria realizado por todo o mundo.

Logo que apareceu, *Etapas do desenvolvimento econômico* se tornou um dos textos canônicos do novo credo estadunidense. No subtítulo de seu livro, Rostow anunciou orgulhosamente que escrevera o "manifesto não-comunista". Pela primeira vez, um cientista social estadunidense da Esquerda da Guerra Fria criou uma versão plausível da concepção materialista da história. Melhor ainda, Rostow desafiou diretamente Marx em seu próprio território intelectual. Em *O capital*, a modernização econômica da Inglaterra provera a evidência empírica para a análise teórica de Marx da ascensão do capitalismo e, em conseqüência disso, sua eventual substituição pelo socialismo. Em seu livro, Rostow examinou a mesma história para chegar a conclusões inteiramente diferentes. Ambos os teóricos estavam de acordo que a Inglaterra fora pioneira no modelo de modernidade que o resto do mundo deveria seguir.[31] Porém, enquanto Marx enfatizara os conflitos de classe como a força motora do desenvolvimento capitalista, Rostow concluíra que o consenso social era a melhor maneira de motivar o rápido crescimento econômico.[32] Acima de tudo, ao invés de uma grande narrativa que culminasse no socialismo, ele argumentava que o processo da modernidade levaria ao fordismo do bem-estar social. Na batalha ideológica da Guerra Fria, os Estados Unidos possuíam agora uma alternativa atraente à interpretação stalinista do marxismo. Após uma longa espera, seus propagandistas finalmente possuíam a prova teórica de que os Estados Unidos eram a esperança da humanidade.

> As habilidades políticas domésticas e os hábitos sociais estadunidenses estão acomodados para obter ordem e direção de situações de poder difuso, em que interesses regionais, de classes, culturais e econômicos colidem e se entrelaçam em padrões complexos. Se a nação [dos Estados Unidos] pode evocar e sustentar o melhor para o seu próprio interesse

> e experiência, ela deve se dar razoavelmente bem em um mundo em que a história costuma impôr uma versão maior da política continental [estadunidense] como a base do trabalho para a vida internacional.[33]

Para Rostow, essa análise da história econômica provou que – quando adotasse o modelo de capitalismo dos Estados Unidos – toda a humanidade logo aproveitaria os benefícios da sociedade de consumo de massa. Assim como o consenso social em casa, a cooperação internacional seria retribuída por meio de um crescimento econômico mais rápido.[34] O stalinismo, ao contrário, era denunciado como uma patologia da modernização. Ao fomentar as revoltas nacionalistas em países em desenvolvimento, seus proponentes sabotaram a decolagem de suas economias. Ao promover o conflito de classes dentro de nações industrializadas, eles atrasaram o advento da sociedade de consumo de massa. Ao iniciarem a Guerra Fria, os patronos russos dessa ideologia aberrante forçaram as nações do "Mundo Livre" guiado pelos Estados Unidos a redirecionar escassos recursos da assistência social para os gastos de guerra.[35] O marxismo não era simplesmente uma versão obsoleta da concepção materialista da história. Pior de tudo, essa perigosa teoria encorajava uma oposição irracional e violenta à modernização ao redor do planeta. No penúltimo subtítulo de seu celebrado livro, Rostow resumiu sua posição em uma linha: "Comunismo: uma doença da transição".[36]

Apesar do stalinismo estar em ascensão em algumas partes do mundo, isso era visto como um fenômeno meramente temporário. Rostow estava convencido de que – a longo prazo – a lógica inerente da modernidade prevaleceria. Toda nação possuía uma história diferente e uma cultura diferente, mas, cedo ou tarde, todas teriam que seguir o mesmo caminho do progresso desbravado primeiramente pela Inglaterra e depois pelos Estados Unidos. Os estágios do crescimento eram um modelo universal aplicável a toda a humanidade. Isso

significava que o stalinismo era um beco sem saída histórico. Na grande narrativa do progresso, todos os países caminhavam em direção à convergência com o modelo de modernidade dos Estados Unidos. Era inevitável que – em algum momento do futuro – mesmo a Rússia e a China evoluiriam para um estilo estadunidense de sociedades de consumo de massa.[37] Entretanto, Rostow teve dificuldades em oferecer uma explicação sobre o porquê de todas as nações do mundo progredirem em estágios de crescimento para a terra prometida do fordismo do bem-estar social. Tanto no liberalismo quanto no marxismo, a subjetividade humana – na forma de interesse próprio ou conflito de classe – era celebrada como a força motriz da modernidade. Rostow, ao contrário, descreveu essa história como um processo sem sujeito. Pessoas poderiam criar as condições para a decolagem da industrialização, mas, a partir daí, o capitalismo se desenvolveria por meio de estágios de crescimento de acordo com sua própria racionalidade interna.[38] Como sugerido pela sua metáfora do avião, Rostow acreditava que a economia operava tal qual uma máquina autônoma. A programação de computadores na Cenis já fornecera provas científicas de que uma observação severa das regras do jogo capitalista era a pré-condição para o progresso por meio de estágios de crescimento.[39] Ao contrário de Marx, Rostow descartou a possibilidade de países subdesenvolvidos do Sul serem capazes de aprender com os erros dos do Norte e se industrializar de uma maneira mais inteligente.[40] Os cálculos dos *mainframes* do Cenis provavam que todas as nações teriam que seguir a mesma rota pré-determinada para a modernidade. Para Rostow, a arrogância do stalinismo ousava ao interferir nesse mecanismo cibernético transcendente. Liberdade e prosperidade só poderiam ser atingidas por uma humanidade que se submetesse às prioridades impessoais da modernização capitalista. No texto canônico de Rostow, o fetichismo da mercadoria tornara-se o motor da evolução social.

Além de promover os Estados Unidos como protótipo do futuro fordista para o resto do mundo, *Etapas do desenvolvimento econômico* também fornecia uma grande narrativa que justificava a própria Esquerda da Guerra Fria reescrever a história dos Estados Unidos. Durante a primeira metade do século XX, a maioria dos intelectuais entendera que a gigantesca burocracia do moderno estado dos Estados Unidos tinha pouco em comum com o governo mínimo dos primeiros anos da república. Ao contrário, na nova interpretação da história da nação da Esquerda da Guerra Fria, a evolução do país fora um processo linear e ininterrupto da Guerra da Independência até o domínio global. Apesar das condições sociais, políticas e econômicas terem mudado a ponto de não serem mais reconhecidas, os princípios liberais da Revolução de 1776 ainda definiam os Estados Unidos moderno.[41] Para a Esquerda da Guerra Fria, o propósito primário dessa análise histórica não foi oferecer uma interpretação mais apurada dos fatos da história da sua nação. Muito mais importante era o papel ideológico dessa tradição inventada. Ao negar que houvera uma ruptura radical na recente história estadunidense, a Esquerda da Guerra Fria foi capaz de argumentar que não havia incompatibilidade entre o liberalismo e o fordismo. Mesmo que o governo mínimo e a economia *laissez-faire* tivessem desaparecido, os fundamentos ideológicos dos Estados Unidos permaneceriam imutáveis. Assim como Humpty Dumpty em *Alice através do espelho,* os líderes da Esquerda da Guerra Fria insistiram que o liberalismo significaria aquilo que eles queriam que significasse.[42]

Para os promotores do anti-comunismo, essa redefinição era essencial. Como o totalitarismo stalinista alegava ser socialista, a Esquerda da Guerra Fria não queria se identificar como socialista. Por precisarem de uma alternativa, eles se descreviam então como liberais. Pelo final dos anos 1950, a Esquerda da Guerra Fria havia capturado com sucesso esse termo político. Desde o século XVIII,

liberalismo significava pregar o governo mínimo e a economia *laissez-faire*. Agora, nos Estados Unidos de meados do século XX, essa palavra definia os apoiadores de um estado militarizado e de um fordismo do bem-estar social. Para a Esquerda da Guerra Fria, adotar o apelido do liberalismo também simbolizava sua busca por uma ideologia anti-comunista de política progressista que substituísse as formas trabalhistas de classe do socialismo. Ao olhar para o outro lado do Atlântico, muitos deles acreditaram ter encontrado a resposta em uma facção do Partido Trabalhista Britânico: os fabianos[NT1]. Organizado no final do século XIX, esse grupo de intelectuais sempre rejeitou a política revolucionária em favor de reformas cautelosas. Assim como a Esquerda da Guerra Fria, eles também apoiaram simultaneamente melhorias sociais internas e expansão imperial no exterior. Acima de tudo, os fabianos forneceram um modelo de como intelectuais progressistas poderiam influenciar eventos ao "infiltrarem-se" em instituições do poder estabelecido. Enquanto funcionários públicos, políticos, acadêmicos, artistas e jornalistas, seus membros formavam uma iluminada elite gerencial que supervisionava a construção do estado de bem-estar social britânico.[43] Na sua versão não-marxista do socialismo, os fabianos eram melhores em organizar a vida dos trabalhadores do que os próprios trabalhadores.

> Se... nós perdermos o conforto ilusório da crença nesse gigante mágico, o Proletariado, que ditará, arrumará, retomará e criará... nós abrimos o caminho para o reconhecimento de uma elite de pessoas... inteligentes... e para o estudo do método de fazer esse elemento criativo efetivo nas relações humanas contra a opressão maciça do egoísmo e do conservadorismo auto-protetor sem imaginação.[44]

Durante os anos 1950, a Esquerda da Guerra Fria adaptou a ideologia burocrática dos fabianos para criar sua própria e distinta versão

estadunidense de política progressista. Pensadores pragmáticos ofereceriam uma orientação sobre como introduzir reformas internas e proteger os interesses da nação no exterior. Entretanto, ao contrário dos fabianos, socialistas utópicos, a Esquerda da Guerra Fria nunca se organizou como uma facção política formal. Já que muitos deles eram antigos trotskistas, esses intelectuais adquiriram uma desconfiança da disciplina de grupo. Ao invés disso, eles criaram uma elite difusa conectada por instituições acadêmicas, departamentos governamentais, publicações especializadas, galerias de arte, fundações corporativas, projetos militares, patronos políticos e laços pessoais. A Esquerda da Guerra Fria era a vanguarda que não precisava se organizar como um partido. O que os distinguia de seus companheiros estadunidenses não era a filiação formal a uma facção, mas uma ideologia compartilhada e uma cultura em comum.[45] No início do século XX, muitos intelectuais da elite estadunidense mantinham atitudes conservadoras e isoladas. Cinqüenta anos depois, os pensadores da Esquerda da Guerra Fria se orgulhavam de suas visões modernas e cosmopolitas. Não era necessária uma organização conspiratória, já que a sofisticação cultural era tão eficiente quanto qualquer carteirinha de partido para destacar os integrantes de seu movimento.

Essa coesão de grupo amplificou sua influência dentro da elite gerencial dos Estados Unidos. Apesar de cada um deles levar a cabo sua própria carreira individual, esses intelectuais uniam-se por um objetivo comum: pregar a política progressista para o império estadunidense. Ao escreverem textos canônicos do anti-comunismo, eles demonstravam que a adoção das políticas estrangeiras e sociais da Esquerda da Guerra Fria era inevitável. Ao processar seus achados nos computadores mais avançados, eles provavam que seu programa político era resguardado por pesquisas imparciais. Como Rostow demonstrou, tanto seus oponentes conservadores em casa quanto os inimigos totalitários do exterior resistiam em vão à velocidade do avanço da grande narrativa

da história humana. Acima de tudo, apesar de parecer que o liberalismo *laissez-faire* e o stalinismo marxista não possuíam nada em comum, essas ideologias obsoletas produziam os mesmos resultados quando postas em prática: instabilidade social e confronto global. Caso o império estadunidense quisesse evitar esses perigos, teria que implementar as políticas progressistas da Esquerda da Guerra Fria. Sob sua orientação, a modernização dos sistemas político e econômico criaria as condições para a paz e prosperidade da aldeia global.

Notas:

1. James Burnham, *Letter of resignation of James Burnham from the workers party*, página 257.
2. Ver James Burnham, *The managerial revolution*, páginas 20–87, 188–245.
3. Em particular, a hipótese de Burnham baseava-se – generalizada para cobrir todas as sociedades industriais – no trabalho de marxistas que argumentavam que a burocracia stalinista se tornara a nova elite dominante na Rússia pós-revolucionária. Ver Karl Kautsky, *The dictatorship of the proletariat*; Rudolf Hilferding, *State capitalism or totalitarian state economy?;* Leon Trotsky, *The class nature of the Soviet Union*; e C.L.R. James, *The USSR is a Fascist State Capitalism*.
4. Burnham, *The managerial revolution*, páginas 200–201.
5. Ver Daniel Kelly, *James Burnham and the struggle for the world*, páginas 121, 149–150.
6. Ver Gaetano Mosca, *The ruling elite*; Robert Michels, *Political parties*; e Vilfredo Pareto, *Sociological writings*.
7. Ver James Burnham, *The machiavellians*, páginas 160–175.
8. Ver Burnham, *The machiavellians*, páginas 115–118, 175–189; e Pareto, *Sociological writings*, páginas 111–114, 275–278.
9. Ver James Burnham, *The struggle for the world*, páginas 181–199, 242–246; *The coming defeat of communism*, páginas 135–148, 272–278.
10. Ver Arnold Toynbee, *A study of History*, páginas 12–34, 187–208, 555–558.
11. Ver Toynbee, *A study of History*, páginas 318–319.
12. Ver Burnham, *The struggle for the world*, páginas 40–55, 134–135, 187–199; *The coming defeat of communism*, páginas 44–59.

13. Ver Burnham, *The struggle for the world*, páginas 53–55, 140–143, 221; *The coming defeat of communism*, páginas 18–19.
14. Burnham, *The struggle for the world*, página 182.
15. De acordo com Antonio Gramsci, esses especialistas eram equivalentes contemporâneos aos cortesãos que aconselhavam os príncipes da Renascença Italiana. Ver Antonio Gramsci, *Selections from the prison notebooks*, páginas 5–14, 147–158.
16. Ver Kelly, *Burnham*, páginas 183–237.
17. Ver Christopher Berry, *Social theory of the scottish enlightenment*, páginas 1–19, 74–90.
18. Ver Smith, *Wealth of nations* (*A Riqueza das Nações*), *volume 1*, páginas 401–445; *volume 2*, páginas 213–253. Também ver Adam Ferguson, *An essay on the history of civil society*, páginas 74–146.
19. Ver Robert Owen, *A new view of society*; e Henri Saint-Simon, *Selected writings on science, industry and social organisation*.
20. Karl Marx e Friedrich Engels, *The communist manifesto* (*O manifesto comunista*), página 35.
21. Ver Karl Kautsky, *The class struggle*, páginas 199–202.
22. Richard Hofstadter, *Status politics*, página 191. "A interpretação econômica da política" é um eufemismo para marxismo.
23. Ver Lance Davis, J.R.T. Hughes e Stanley Reiter, *Econometrics*; Christopher Rand, *Cambridge U.S.A.*, páginas 129–158; e Steve Heims, *Cybernetics group*, páginas 1–13, 164–179, 248–272.
24. Ver Eugen Böhm-Bawerk, *Karl Marx and the close of his system*; e Rudolf Hilferding, *Böhm-Bawerk's Criticism of Marx*.
25. O Centro para Estudos Internacionais (Cenis, sigla em inglês) foi estabelecido em 1950. Ver Victor Marchetti e John Marks, *The CIA and the cult of intelligence*, páginas 181, 224-225; Christopher Simpson, *Science of coercion*, páginas 81-84; e Rand, *Cambridge U.S.A.*, páginas 95-105.
26. Ver W.W. Rostow, *Concept and controversy*, páginas 2-7. Os pais de Rostow deram seu nome em homenagem a Walt Whitman – o poeta radical estadunidense.
27. Michael Carson, *David Dellinger*.
28. Ver Rostow, *Concept and controversy*, páginas 28–58.
29. W.W. Rostow, *The national style*, página 131.
30. Ver W.W. Rostow, *The stages of economic growth*, páginas 17-92.
31. Ver Marx, *Capital, Volume 1*, página 90; e Rostow, *Stages of Economic Growth*, páginas 33-35.

32. Ver W.W. Rostow, *Essays on a half-century*, pages 65-78.
33. W.W. Rostow, *The United States in the world arena*, página 442.
34. Ver Rostow, *Stages of economic growth*, páginas 87–88; *United States*, páginas 214–217.
35. Ver Rostow, *United States*, páginas 141–3, 515–518; *Essays*, páginas 100–101.
36. Rostow, *Stages of economic growth*, página 162. Conscientemente ou não, Rostow repetia a afirmação de Lênin de que os socialistas europeus que criticavam as políticas repressivas do seu regime sofriam de uma desordem infantil. Ver V.I. Lenin, *Left wing communism*.
37. Ver Rostow, *Stages of economic growth*, páginas 133–137; e *United States*, páginas 423–430.
38. Ver Rostow, *Stages of economic growth*, páginas 36–58; *The process of economic growth*, páginas 274–306.
39. Ver Rand, *Cambridge U.S.A.*, página 100.
40. Em 1861, Marx assegurou a uma pregadora russa de socialismo agrário que seu país não estava necessariamente condenado a seguir o caminho inglês de desenvolvimento econômico. Ver Karl Marx, *Letter to Vera Ivanovna Zasulich*; e Theodor Shanin, *Late Marx and the russian road*, páginas 3–93.
41. Ver W.W. Rostow, *The national style*; e Richard Hofstadter, *The american political tradition*, páginas 315–352.
42. Ver Lewis Carroll, *Through the looking glass*, página 223.
43. Ver Sidney Webb, *Introduction to the 1920 reprint*; e Henry Pelling, *Origins of the labour party*.
44. H.G. Wells, *The open conspiracy*, página 56.
45. A identidade de grupo da Esquerda da Guerra Fria foi reforçada pelo papel de liderança no movimento de um grupo de intelectuais que cresceram juntos na comunidade judaica de Nova York. Ver Daniel Bell, *Sociological journeys*, páginas 118–137; e Irving Howe, *Steady work*, páginas 349–364.

NT 1 – Fabianos – Do original em inglês The Fabians. A Sociedade Fabiana foi constituída em 1884 aglutinando pessoas relacionadas ao pensamento socialista britânico, que se manifestou com mais força entre o fim do século XIX até a Primeira Guerra Mundial, aprofundando a causa socialista primeiramente formulada por Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837), Louis Blanc (1811-1882) e Robert Owen (1771-1858). Os Fabianos promoviam reformas graduais, ao invés de formas revolucionárias. Seus defensores foram, mais tarde, denominados de socialistas utópicos por seus opositores marxistas, os quais, por oposição, se autodenominavam socialistas "científicos".



9

TRABALHADORES LIVRES NA SOCIEDADE AFLUENTE

EM 1949, ARTHUR SCHLESINGER JR. escreveu o manifesto político do novo pragmatismo estadunidense: *O centro vital*. Ao rejeitar os dois extremos ideológicos obsoletos do capitalismo selvagem e do totalitarismo messiânico, esse profeta da Esquerda da Guerra Fria proclamava ter descoberto uma nova terceira via para a modernidade. Ao invés de polarizarem-se em campos rivais, os partidos políticos gradualmente aprendiam a trabalhar entre si. A tolerância de diferentes pontos de vista criou um consenso bipartidário sobre a maioria dos assuntos. Schlesinger argumentava que os Estados Unidos providenciaram, como sempre, o melhor modelo para esse sistema político pluralista. A imposição de um ultrapassado *laissez-faire* e de dogmas marxistas era impossível sob a constituição dos Estados Unidos. Apesar de muitos republicanos e democratas discordarem entre si, os dois partidos tiveram que colaborar no momento em que o poder se viu dividido entre o executivo e a legislatura. Nos Estados Unidos, decisões políticas eram tomadas por meio de debates informativos e investigações imparciais.[1] Agora que modernas técnicas de gestão de consenso

estavam disponíveis, as ideologias do confronto de classe não eram mais relevantes. Schlesinger estava convencido de que essa dispensa pragmática era a reedição moderna dos princípios da Revolução de 1776. Mesmo que o governo mínimo e a economia do *laissez-faire* tivessem sido descartadas, os Estados Unidos modernos ainda eram o campeão global do liberalismo.

> O espírito do centro... [é] o espírito da decência humana contra os extremos da tirania... O novo radicalismo, por ter ganhado força de uma concepção realista da... [humanidade], se dedica aos problemas assim que eles aparecem, e ataca-os de maneira que... melhor assegurem a liberdade e a realização do indivíduo.[2]

Durante a década de 1950, a Esquerda da Guerra Fria transformou a política pragmática de *O centro vital* em uma filosofia que englobava tudo. Com o espírito da época em mente, Daniel Bell anunciou em *O fim da ideologia* que a crescente irrelevância do liberalismo *laissez-faire* e do totalitarismo comunista marcava o iminente desaparecimento de todas as formas de militância política.[3] Assim como Burnham e Rostow, esse guru foi um fervoroso marxista durante os anos 1930 e adquiriu um conhecimento detalhado da teoria marxista no processo. Ao perder sua fé na revolução dos trabalhadores, Bell redirecionou seus estudos para a defesa do compromisso de classe como forma crível de política no mundo moderno. Em coro com Schlesinger, ele argumentava que o consenso social retiraria qualquer necessidade de intransigência revolucionária. Se a guerra de classes acabara, os partidos de classe estavam também obsoletos.[4] Agora que a política progressista estava focada em realizar melhorias pragmáticas na administração pública, nenhuma pessoa inteligente poderia acreditar em uma ideologia redentora, como o socialismo. Intelectuais de esquerda modernos deveriam se orgulhar de seu ceticismo sobre todos

os credos.[5] Entretanto, como em outros exemplos de ciência social sem juízo de valor, essa celebração anti-comunista de consenso político e eficiência administrativa disfarçava um profundo comprometimento das políticas com interesses próprios do império estadunidense. Uma falta de convicções significava lealdade inquestionável para um dos lados no confronto das superpotências. A Esquerda da Guerra Fria inventou a crença política que negava sua própria existência: a "ideologia do fim da ideologia".[6]

Em sua análise, Bell apropriou-se do populista argumento marxista de que a economia desempenha um papel determinante na evolução social para explicar o triunfo do consenso político. Como Burnham e Rostow, ele também teria aprendido com seus professores marxistas que uma crescente concentração de propriedade era uma parte integral do sistema capitalista. A economia dos pequenos negócios já evoluíra para uma economia dominada por grandes corporações. No entanto, como enfatizou Bell, esse desaparecimento do liberalismo *laissez-faire* não levou à revolução socialista. Nos anos 1930, o planejamento de estado stalinista parecia uma opção atrativa já que a única alternativa era o desemprego em massa e a pobreza generalizada sob o capitalismo de livre mercado. Felizmente, nos anos 1950, pessoas comuns não precisavam mais dispensar suas liberdades pessoais em favor da segurança da economia. Como na política, os Estados Unidos descobriram uma terceira via às duas ideologias obsoletas do liberalismo *laissez-faire* e do marxismo stalinista. De um lado, os Estados Unidos da América regulavam os mercados para prevenir outra depressão econômica e fornecer assistência social para os pobres. De outro, a economia estadunidense era dominada por negócios privados e empoderada por inovações empreendedoras. Nos Estados Unidos, capitalistas e trabalhadores podiam ter seus conflitos, no entanto, também colaboravam uns com os outros para assegurar que todos enriquecessem.[7] Bell argumentava que o

consenso político era fundado sobre esse acordo econômico. Ao invés de lutar entre si duramente pelo controle dos meios de produção, os dois lados tinham um interesse mútuo em melhorar a eficiência e o escalonamento da produção. Sectários ideológicos desapareceram porque os inimigos de classe se tornaram parceiros econômicos.

> Poucas mentes sérias ainda acreditam que alguém possa... através da "engenharia social" trazer à tona uma nova utopia de harmonia social... Poucos liberais "clássicos" insistem que o Estado não deveria desempenhar papel algum na economia... No mundo ocidental, portanto, existe hoje um esboço de um consenso entre os intelectuais sobre questões políticas: a aceitação de um Estado do bem-estar social; um desejo de um poder descentralizado; um sistema de economia mista e pluralismo político.[8]

Apesar de reconciliada com o capitalismo, a Esquerda da Guerra Fria dispensou com desdém os pressupostos teóricos da economia liberal considerando-os anacrônicos. Durante a década de 1930, o antigo dogma de mercados auto-ajustáveis foi desacreditado pela pior recessão da história estadunidense. Esse desastre econômico levou os fundadores do movimento a abraçar o socialismo revolucionário na sua juventude. Assim que finalmente perceberam que a panacéia inspirada nos russos ameaçava a vida e a liberdade de todo cidadão, esses intelectuais permaneceram de esquerda, mas sem um modelo econômico. Ao olhar novamente para as políticas do *New Deal*[NT1] do presidente dos Estados Unidos Franklin Roosevelt durante os anos 1930, eles descobriram que a intervenção estatal poderia ser usada para gerenciar o ciclo de negócios e melhorar o padrão de vida dos trabalhadores sem qualquer necessidade de nacionalizações em massa. Desde seus primeiros dias, a Esquerda da Guerra Fria celebrou essa solução pragmática como a terceira via além da

instabilidade de mercado e da tirania planejada. Durante os anos 1950, seu programa de acordo de classes se provou válido pelo rápido crescimento da economia dos Estados Unidos. Prosperidade tornara-se uma característica permanente da vida estadunidense.[9]

A Esquerda da Guerra Fria achou dificuldades em explicar como a economia do fordismo de assistência social operava. Crucialmente, como membros do alto clero do anti-comunismo, não foi permitido que achassem um substituto para as devoções do liberalismo *laissez-faire* no lugar mais óbvio: *O capital,* de Karl Marx. Em sua obra-prima, o teórico precursor do movimento socialista proveu dois conceitos-chave para o caminho evolucionário do capitalismo industrial. Primeiramente, com base no trabalho dos Fisiocratas Franceses[NT2], Marx, em *O capital, volume 2*, desenvolveu um modelo abstrato de economia nacional como um sistema dinâmico de retroalimentação. O ciclo contínuo de produção e consumo não só conectou entre si seus diferentes setores, mas também os compeliu a expandirem-se em paralelo.[10] Em segundo lugar, nos outros dois volumes, Marx analisou as mudanças institucionais inerentes ao capitalismo que facilitavam o rápido crescimento da economia inglesa no fim do século XIX. Sob pressão dos sindicatos, o estado foi forçado a regular as condições de trabalho do proletariado fabril. No momento em que essa intervenção política na economia foi combinada com a competição de mercado, empresas familiares foram forçadas a transformarem-se em corporações capitalistas.[11] Dos seus estudos da Inglaterra vitoriana, Marx foi capaz de equipar o movimento proletário com um notável e preciso prognóstico sobre quais seriam as características definidoras do fordismo: grandes governos e grandes negócios. Ironicamente, ao construir um modelo cibernético do capitalismo, essa crítica socialista também revelou inadvertidamente à elite gerencial emergente como ela poderia controlar a economia nacional para os seus próprios interesses.

Naturalmente, *O capital* de Marx teve num primeiro momento pouca influência pública fora dos círculos intelectuais da Esquerda radical. Ainda, e ao mesmo tempo, o endurecimento do dogma liberal dentro da economia acadêmica nas décadas finais do século XIX demonstrou a ameaça política à ordem estabelecida, assim expressada em sua interpretação subversiva de *A riqueza das nações,* de Adam Smith. Similarmente, na Esquerda respeitável, os fabianos sentiram que seria essencial fundar sua versão hierárquica do socialismo sobre uma rejeição à teoria de valor de Marx.[12] Em 1910, Rudolf Hilferding – um socialdemocrata austríaco – publicou um livro que desafiou essa atitude complacente: *O capital financeiro*. Como sugere o título, seu texto tomou a obra-prima de Marx como seu ponto de partida. Hilferding explicou que – durante as três décadas que separavam os dois trabalhos – a evolução do capitalismo além do liberalismo *laissez-faire* continuava firme e forte. Ajudados pelo estado, um cartel de corporações industriais e instituições financeiras agora dirigia a economia.[13] Apesar de ainda ser submetida às flutuações dos ciclos econômicos, essa forma organizada de capitalismo era uma premonição da emancipação socialista que viria. Se políticos, industrialistas e banqueiros já regulavam a competição de mercado com sucesso, então o movimento proletário estaria prestes a se tornar capaz de tomar o controle da economia. A coordenação espontânea de iniciativas individualistas dava passagem ao planejamento consciente do trabalho coletivo.

> O capital agora aparece como um poder unitário que exercita uma influência soberana sobre o processo de vida da sociedade: um poder que emerge diretamente da propriedade dos meios de produção, de recursos naturais, e de todo trabalho acumulado do passado, e do comando do trabalho vivo como uma conseqüência direta das relações de propriedade... O problema da propriedade alcança dessa

> maneira sua mais clara, mais inequívoca e mais aguçada expressão, ao mesmo tempo em que o desenvolvimento do capital financeiro resolve com sucesso, ele mesmo, o problema da organização da economia social.[14]

Décadas após sua publicação, *O capital financeiro* de Hilferding representou a teoria marxista de ponta não só para seus camaradas social-democratas, mas também para os seus oponentes comunistas. Em resposta à deflagração da Primeira Guerra Mundial, Lênin – ajudado por Nikolai Bukharin – usou sua análise do capitalismo cartelizado para fornecer uma explicação do materialismo histórico à rivalidade imperialista que deslanchou esse desastroso "tempo de dificuldades".[15] Assim que seu partido chegou ao poder na revolução de 1917, a nova política econômica do governo também foi inspirada por uma idiossincrática leitura do livro de Hilferding. Lênin e Bukharin estavam convencidos de que – sob a firme liderança da vanguarda comunista – a Rússia camponesa adentrava a mais avançada forma de modernidade industrial organizada: "o capitalismo de estado".[16] Requisições forçadas, hiperinflação e pagamentos em espécie eram premonições de um planejamento consciente. A regra de um só partido e o comando de um só homem eram precursores da democracia proletária. A economia militarizada da Primeira Guerra Mundial tornou-se o futuro imaginário do marxismo, realizando no presente o "comunismo de guerra".[17] Em resposta, seus críticos de esquerda denunciaram a hipocrisia de um regime que argumentava lutar pela liberdade do proletariado enquanto regulava o despotismo burocrático. No momento em que os comunistas venceram a guerra civil contra os monarquistas em 1921, Lênin e Bukharin também se desiludiram com sua própria versão tirânica de um estado capitalista. Cara a cara com a rebelião entre seus próprios apoiadores, a ditadura revolucionária necessitou

de uma nova estratégia econômica. Disciplinados pelas recentes experiências, Lênin e Bukharin adotaram uma interpretação mais sóbria da análise de Hilferding. Como um país não-desenvolvido, a Rússia não poderia pular dentro do socialismo de alta tecnologia em uma só tacada. Ao invés disso, empreendimentos industriais estatais agiriam como a vanguarda modernizante de uma economia que consistia excessivamente de pequenos negócios, oficinas de artesões e, acima de tudo, fazendas de camponeses. O futuro da Rússia leninista era o fordismo estadunidense.[18]

Notadamente, o regime comunista contratou economistas social-democratas para implementar suas novas políticas. Como recomendado em *O capital, volume 2,* eles enxergaram a economia russa como um sistema de retroalimentação que conectava diferentes setores de produção. Dotado de uma inteligente combinação de taxas, regulações e investimentos, o estado seria capaz de planejar um crescimento simbiótico da produção da indústria e da agricultura. Durante um longo período de transição, a Rússia evoluiria lentamente para uma moderna economia urbana. Como estudaram Marx e Hilferding, os social-democratas sabiam que esse país comunista ao seu estilo estava muitas décadas atrás de sequer chegar ao estágio fordista do capitalismo.[19] Após a morte de Lênin, em 1924, um feroz confronto para sucedê-lo rapidamente se desencadeou dentro do comando do partido. Além de divididas a respeito da política externa, as diferentes facções também discutiam apaixonadamente sobre o ritmo da industrialização na Rússia. Enquanto Bukharin e seus aliados mantiveram-se na abordagem cautelosa de Lênin, o grupo de Trotsky celebrou uma estratégia mais vigorosa. Se a vanguarda comunista não mudasse de estratégia, o plano socialista corria o perigo de ser superado pelo mercado capitalista. Ao aplicar a análise de *O capital, volume 1* do caminho inglês para a modernização na Rússia, Eugeni Preobrazhensky – a liderança economista trotskista – defendeu uma

exploração sistemática do campesinato para pagar um ritmo mais rápido de industrialização: a "acumulação socialista primitiva".[20]

Ao final da década de 1920, a relação da ditadura leninista com o campo atingiu um ponto crítico. Como as indústrias nacionalizadas eram incapazes de fornecer os bens necessários para comprar alimentos do campo suficientes para a população urbana, a economia se mantinha à beira de um colapso catastrófico.[21] Ao aproveitar-se do medo de uma agitação social entre os apoiadores do regime, Stalin – o chefe da burocracia partidária – jogou com essa oportunidade para tornar-se o indisputável mestre da Rússia. Já depois de excluir a facção de Trotsky do poder político, ele se voltou então para Bukharin e seus seguidores. Negócios privados e fazendas familiares foram culpadas por desestabilizar toda a economia. A sobrevivência do Partido Comunista pedia uma dramática reviravolta na política: o renascimento do comunismo de guerra. Stalin não precisava mais dos planejadores social-democratas. Terrorismo de estado e mobilização das massas eram métodos mais efetivos – e mais rápidos – de preparação para a decolagem da economia russa do que métodos financeiros como preços, lucros, salários, impostos e subsídios.[22]

No plano qüinqüenal de Stalin, o estado totalitário decidiu as metas de produção que maximizariam o crescimento industrial. Com o exercício do poder absoluto, ele poderia direcionar milhões de pessoas e vastos recursos na construção de fábricas de trator, moinhos de aço, represas geradoras de eletricidade, canais e ferrovias. Como resultado, a medição da produção substituía cada vez mais a contabilidade monetária como reguladora primária da economia. Ao seguir o conselho de Preobrazhensky, Stalin explorou impiedosamente o campesinato russo para pagar sua guinada à modernização. Junto com alimentos e impostos, a população rural também supriu a nova força de trabalho necessária para a rápida expansão do setor industrial. Ajudada por esse influxo, a ditadura

stalinista estava apta a reduzir os salários e as condições de trabalho dos russos. Como as metas de produção priorizavam a indústria pesada, as provisões de bens de consumo sofreriam inevitavelmente. No estado dos trabalhadores, os trabalhadores não tinham voz no gerenciamento dos seus próprios locais de trabalho. A interação entre os diferentes setores da economia foi substituída pela disciplina taylorista imposta hierarquicamente.[23] Por impor sua vontade sobre o campesinato e o proletariado, Stalin lançou um expurgo brutal do próprio partido no poder. Como seu antigo oponente Bukharin, Preobrazhensky foi um dos muitos comunistas que caíram vítimas da fúria do tirano.[24] No momento em que celebrou a política de acumulação primitiva de meados dos anos 1920, esse pensador de alguma maneira desprezou a exposição de Marx sobre o papel crucial das "conquistas, escravidões, roubalheiras [e] assassinatos" durante esse estágio de crescimento.[25] Como Preobrazhensky aprendeu às suas custas, Stalin não tinha nenhuma compunção em imitar – e ultrapassar – os mais desagradáveis atributos do caminho inglês para a modernidade. A promessa libertária do comunismo proletário transformara-se na cruel realidade do comunismo totalitário.

Fora da Rússia, os custos humanos do sistema stalinista eram todos freqüentemente desprezados na rapidez com que se admiravam suas conquistas econômicas. No início dos anos 1930, o comunismo era o futuro que dava certo. Após a Quebra de *Wall Street* em 1929, a economia mundial entrou em queda livre. O repentino desaparecimento de crédito barato precipitou a pior recessão da história humana. Atocaiados pelas caduquices do liberalismo, os governantes dos Estados Unidos e da Europa do início dos anos 1930 aparentavam não terem remédios para os mercados que encolhiam e o desemprego em massa. Em extremo contraste, a Rússia era o país que escapara com sucesso da crise econômica que varria o mundo. Como Stalin ostentou, o comunismo entregara os bens: mais aço,

mais tratores, mais carvão e mais trigo. Aquilo em que os exitosos russos foram pioneiros, o resto do mundo teria que imitar.[26] Para os social-democratas, a diretriz industrializadora de Stalin apresentou um dilema político. De um lado, o prognóstico de Hilferding de que o capitalismo entrava em um estágio fordista de crescimento se confirmara. Entretanto, por outro lado, a crueldade e a conformidade do stalinismo horrorizaram os social-democratas. Ao observar o que acontecera na Rússia, Hilferding alertou que a nacionalização da indústria e da agricultura poderiam também levar à imposição de uma nova forma de governo de classe totalitário no comando. Ao invés da competição de mercado ser desbancada pelo planejamento democrático, a vontade de um tirano e de sua trupe tornara-se a força motriz da economia.[27] Felizmente, na Áustria, o país nativo de Hilferding, os social-democratas romperam com a economia liberal de uma maneira mais iluminada. Suas políticas intervencionistas foram desenhadas não só para aumentar a produção dentro do setor industrial, mas também para fornecer habitação, hospitais, escolas e facilidades culturais para seus apoiadores da classe trabalhadora. Com reformas incrementadas, a Esquerda construía o estado do bem-estar social que elevaria as massas da pobreza, ignorância e doenças.[28]

Para os social-democratas, a experiência russa provou que era impossível saltar do capitalismo para o socialismo. Ao contrário das esperanças de 1917, não existia nada parecido com "a revolução contra o capital".[29] Ao refletir sobre a análise de Hilferding, os social-democratas enxergavam agora um longo período de transição entre o presente capitalista e o futuro socialista. Léon Blum – o líder do Partido Socialista Francês durante as décadas de 1920 e 1930 – argumentou que essa estratégia reformista também envolvia entrar no governo nacional. Para encarar o crescimento do fascismo na Europa, a Esquerda marxista teria que se juntar com todas as outras forças progressistas para proteger as liberdades republicanas, que

eram as pré-condições para o ativismo da classe trabalhadora. Com a "conquista do poder" pelo proletariado adiada para as gerações seguintes, os social-democratas tiveram que assumir a responsabilidade de administrar o sistema capitalista "aqui e agora": o "exercício de poder".[30] Como marxistas, suas reformas administrativas estavam comprometidas com uma estratégia econômica intervencionista: nacionalizar indústrias essenciais; planejamento a longo prazo; prover assistência social e proteção do emprego. Porém, diferentemente de seus rivais comunistas, os social-democratas colocaram limites em suas próprias ambições. Dada a conjuntura histórica, a Esquerda teria que aprender a conviver com o setor privado.

Desde o final do século XIX, John Hobson – um socialista inglês – antecipava essa alternativa progressista à economia liberal. O quanto faltasse para a classe trabalhadora deixar de ser pobre, teria que ser gerado em negócios – focados em vender seus bens em mercados estrangeiros – enquanto políticos continuariam suas guerras imperialistas para terem certeza de que suas nações capitalistas teriam acesso privilegiado a esses mercados. Por ter estudado *O capital*, Hobson percebeu que – mesmo para os vencedores – essa batalha econômica global levava a um desastre. Com o ganho de ritmo da mecanização, a quantidade de bens e serviços aumentava exponencialmente. Cedo ou tarde, o sistema capitalista enfrentaria sua *nêmesis*: a crise da superprodução.[31] Durante a década de 1920, Hobson estava convencido de que a Esquerda encontrara a solução para esse impasse econômico. Tratava-se de uma combinação entre crédito barato, empregos públicos e gastos com assistência social, onde um governo radical poderia criar vagas de trabalho, aumentar os salários e eliminar a pobreza. Hobson argumentava que essas políticas beneficiariam os dois lados da divisão de classes. Com o aumento da qualidade de vida, trabalhadores tornariam-se consumidores de bens e serviços que capitalistas não conseguiam

vender para mercados estrangeiros. A cura para a superprodução no mercado global era acabar com o subconsumo no mercado interno. Como Hilferding, Hobson estava convencido de que essa estratégia econômica reformista teria implicações revolucionárias. As medidas necessárias para acabar com a depressão eram também importantes passos à frente da transição ao socialismo.

> Uma distribuição igualitária do produto, que evoca produtividade total por meio da melhor técnica e da mais eficaz economia do trabalho, e que provê a todo trabalho "salvo" na produção de massa padronizada por um padrão de consumo maior... pediria uma cooperação de todos os setores econômicos, inclusive o consumidor, na regulação da indústria.[32]

Durante as décadas de 1920 e 1930, os social-democratas desenvolveram uma estratégia distinta para a transição do capitalismo para o socialismo. Como na Rússia de Stalin, o estado também deveria ter o papel de líder na economia. O planejamento teria prioridade sobre o mercado. Contudo, ao contrário dos comunistas, os social-democratas não favoreciam a nacionalização imediata de toda a economia. Ao contrário, o estado implementaria políticas de expansão para maximizar o crescimento equilibrado de ambos os setores, público e privado. Por meados dos anos 1930, com o liberalismo em desgraça, governos de direita começaram também a apreciar as vantagens da economia mista. Na Grã-Bretanha, os conservadores adotaram um programa intervencionista que incluía a desvalorização da moeda, o arrolamento de déficits públicos, a nacionalização de indústrias essenciais, a regulação do comércio e negociações com sindicatos.[33] As previsões de Hilferding e Hobson aparentemente se confirmavam. Até mesmo os capitalistas agora ajudavam a construir as instituições econômicas do socialismo.

Com uma posição mais cética, Michal Kalecki – um marxista polonês – argumentou que Esquerda e Direita poderiam adotar a mesma estratégia estadista para se proteger de recessões enquanto continuariam a lutar em muitos objetivos sociais diferentes. Ambos os lados da divisão de classes abraçaram a nova economia em resposta à chegada do fordismo. Como o capitalismo se expandiu e se concentrou, o aumento da produção não combinou com o crescimento do consumo. Já que a competição de mercado era incapaz de regular esse processo, o estado foi forçado a proporcionar a "demanda efetiva", cuja ausência havia precipitado a crise catastrófica nos anos 1930. Nesse novo arranjo fordista, a batalha política estava agora centrada em qual classe ganharia mais desse programa deflacionário. Ao aprender com a experiência da Primeira Guerra Mundial, a direita preferiu o gasto militar como método primário de estimular a economia, porque seus maiores beneficiários eram os elementos mais conservadores na sociedade. Ao invés disso, a Esquerda priorizou medidas de assistência social que fortaleceriam a posição de seus eleitores da classe trabalhadora.[34] Para marxistas, essas reformas de curto prazo serviam como uma meta de longo prazo. Ao liberar-se do desemprego, da ignorância e da pobreza, o proletariado preparava-se para se tornar o mestre da sociedade. Apesar de discordarem apaixonadamente sobre estratégias e táticas, ambos, social-democratas e comunistas, compartilhavam a mesma ambição revolucionária: a abolição do capitalismo e sua substituição pelo socialismo.

Para Burnham, Bell e Rostow, essa discussão sobre a correta interpretação do marxismo proporcionou uma base para sua formação política. Nos Estados Unidos dos anos 1930, como em qualquer lugar, comunistas e social-democratas debatiam intensamente sobre as lições da Revolução Russa e a possibilidade de um caminho eleitoral para o socialismo. A partir de seus envolvimentos com esse

ambiente radical, esses gurus da Esquerda da Guerra Fria adquiriram o conhecimento teórico que os transformaria nos membros-líderes da instituição estadunidense. Na batalha pela primazia da força suave sobre a Rússia stalinista, o império estadunidense precisava de antigos marxistas para inventar o marxismo sem Marx. Durante os anos 1940 e 1950, esses mestres pensadores prepararam-se para trabalhar nessa tarefa vital. Burhnam substituiu o proletariado pela classe gerencial como a principal beneficiária da nova sociedade pós-liberal. Bell transformou a ideologia revolucionária no fim da ideologia ao definir o credo político do industrialismo organizado. Rostow transformou o próximo estágio de crescimento do socialismo em consumismo na sua grande narrativa da modernidade. Para a Esquerda da Guerra Fria, essa criação do marxismo sem Marx não era só uma refutação das versões stalinista e trotskista do marxismo. Tão importante quanto, na sua recombinação estadunidense, o materialismo histórico também era marxista sem Hilferding, Hobson e Kalecki. De volta aos anos 1920 e 1930, a social-democracia tornara-se a terceira via original entre o totalitarismo e o liberalismo. A fim de apropriarem-se desse conceito, os entusiastas do Centro Vital requeriam uma análise econômica que justificasse o programa reformista de curto prazo do marxismo ortodoxo sem endossar suas aspirações de revolução a longo prazo. A terceira via passou por Nova Iorque, não por Viena, Paris, Londres ou Varsóvia.

Ao enfatizar o papel desbravador do *New Deal* na ascensão do fordismo, a Esquerda da Guerra Fria identificou os Estados Unidos como a vanguarda da civilização humana. De acordo com os cálculos de Rostow das diferenças na qualidade de vida, os Estados Unidos estavam de 30 a 40 anos à frente de seu rival stalinista em desenvolvimento econômico.[35] Aonde sua nação fosse, o resto do mundo deveria seguir. A partir dessa premissa, sucedeu-se – à época do fordismo – a teoria de ponta do materialismo histórico

que explicava o caminho estadunidense para a modernidade. Para essa tarefa, a Esquerda da Guerra Fria olhou os textos canônicos que refletiam as atitudes intelectuais dos arquitetos do *New Deal*. No momento em que Roosevelt tornou-se presidente dos Estados Unidos em 1933, seu programa intervencionista baseou-se em uma longa tradição de ativismo de estado que remetia à revolução de 1776. Como seus predecessores populistas, os democratas estavam convencidos de que os representantes eleitos pelo povo deviam legislar, financiar e implementar as medidas necessárias para corrigir as deficiências da economia liberal.[36] Durante uma década, o conflito sobre o recalibramento das relações entre planejamento e mercado dominou a política estadunidense. Na Feira Mundial de Nova Iorque de 1939, o alto governo e os grandes negócios celebraram a vitória dos modernistas do *New Deal* sobre seus oponentes tradicionalistas. O potencial utópico do novo paradigma fordista estava lá para que todos vissem em Democracidade e Futurama os dioramas de uma cidade futurística. Apesar da Esquerda marxista permanecer marginalizada nos Estados Unidos, suas políticas econômicas pós-liberais tornaram-se o mote da política progressista.

Em 1930, alguns anos antes de Roosevelt ser eleito presidente, Adolf Berle e Gardiner Means – dois intelectuais associados ao Partido Democrata – publicaram uma análise detalhada da nova estrutura institucional do fordismo estadunidense: *A moderna sociedade anônima e a propriedade privada.* Assim como Marx e Hilferding, eles descreveram como uma economia de pequenas empresas e agricultura familiar evoluiu para uma de corporações gigantes e grandes bancos. Sob a lei, os acionistas ainda eram donos dos grandes negócios. Entretanto, na prática, o controle real passara para a mão dos gerentes que tinham a responsabilidade cotidiana de administrar as fábricas e escritórios da economia fordista. O empreendedorismo individual fora substituído pela

hierarquia burocrática.[37] Crucialmente, como Burnham enfatizou mais tarde, as conclusões políticas de suas visões sobre a ascensão das corporações eram muito diferentes daquelas dos marxistas. Ao contrário de Hilferding, Berle e Means não localizavam o fordismo como um estágio de transição do liberalismo para o socialismo. Com os olhos nos dados, concluíram que a corporação construía a sociedade coletivista emergente a partir de sua própria imagem. Ao invés de preparar o caminho para a democracia proletária, a morte do liberalismo criava uma nova e poderosa classe governante: a elite gerencial. Com a competição de mercado reduzida, os planejadores agora dominavam a economia estadunidense.

> O comunista pensa em comunidade em termos de um estado; o diretor da corporação pensa em termos de um empreendimento; e apesar dessa diferença entre os dois poder levar a uma divergência radical nos resultados, ainda será verdade que o diretor da corporação que subordinaria os interesses de um acionista individual àqueles do grupo, se assemelha mais ao comunista em pensamento do que ao protagonista da propriedade privada.[38]

Como uma antecipação do *New Deal*, Berle e Means argumentaram na conclusão de seu livro que o potencial democrático do fordismo só poderia ser satisfeito por uma liderança iluminada.[39] Alguns poucos teriam que assegurar que muitos outros também participassem da nova prosperidade. No começo dos anos 1930, Berle pôs essa teoria em prática como um membro proeminente do grupo de intelectuais conselheiros de Roosevelt, o "*Brains Trust*". Durante o *New Deal*, ele desempenhou um importante papel ao reformar a estrutura regulatória da economia estadunidense, especialmente dentro do setor financeiro.[40] Por volta dos anos 1950, Berle tornara-se um dos padrinhos intelectuais da Esquerda da Guerra Fria. O percurso de sua

carreira era um exemplo para seus membros: uma combinação de pesquisa acadêmica inovadora e um distinto serviço público. Acima de tudo, duas décadas depois de sua publicação, essa análise do *New Deal* da ascensão do fordismo foi um dos textos fundadores da versão estadunidense do materialismo histórico. Ao lado de Means, Berle criou os conceitos centrais da teoria anti-comunista do capitalismo organizado da Esquerda da Guerra Fria.

Em suas buscas por substitutos para *O capital,* os principais pensadores do Centro Vital também precisavam de uma teoria cibernética da economia nacional. Felizmente para eles, John Maynard Keynes – um mandarim inglês – já havia produzido uma impecável e respeitável explicação para o emergente paradigma fordista: *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda.* Na época de sua publicação, em 1936, as inovadoras idéias do segundo volume de *O capital* de Marx não podiam mais ser ignoradas pela elite acadêmica. Da Rússia até os Estados Unidos, os governos interviam na economia de uma maneira que burlava todas as caduquices do *laissez-faire*. Conscientes ou não, suas políticas tratavam a economia nacional como um sistema de retroalimentação. Em *A teoria geral,* Keynes forneceu uma explicação não-marxista desse novo paradigma. Acima de tudo, numa impressionante obra de escolástica, seu livro conseguiu preservar a aparência da ortodoxia enquanto abandonava a substância da economia liberal. De acordo com Keynes, os antigos preceitos de competitividade agora aplicavam-se somente em níveis micro. Em meados do século XX, as regras do jogo liberal eram obsoletas na macroeconomia. Como a depressão catastrófica após a quebra de 1929 em *Wall Street* provou, o setor privado foi incapaz de gerar demanda suficiente por si só. Sob o fordismo, o estado deve ter a responsabilidade de gerenciar o mercado.[41]

Assim como os social-democratas, Keynes entendeu que reformas de assistência social eram não só moralmente desejáveis, como

economicamente essenciais. Inspirado por Hobson, ele argumentou que o método mais efetivo de lidar com a crise de superprodução era acabar com o subconsumo das classes trabalhadoras. Em coro com Kalecki, Keynes explicou que o grande aumento no gasto público necessário para atingir essa ambiciosa meta seria pago por si mesmo ao estimular a recuperação da economia: o "efeito multiplicador". Assim como os planejadores social-democratas russos, ele produziu um modelo de retroalimentação da economia nacional que mostraria como o gasto público poderia ser usado para sincronizar a produção em massa com o consumo de massa.[42] Entretanto, ao contrário de seus contemporâneos marxistas, Keynes estava convencido de que esse sistema cibernético poderia ser controlado sem nenhuma redistribuição dramática de riqueza e de poder. Ao injetar dinheiro com crédito barato, mais gastos com assistência e maiores déficits no orçamento, um governo de centro-esquerda foi capaz de prevenir que a economia caísse em recessão. Com um ajuste fino das políticas em resposta ao ciclo de negócios, o estado poderia maximizar a taxa de crescimento ajustada aos interesses de ambos: capital e trabalho.[43] Ao longo da década de 1930, a análise de Keynes ganhou admiradores entre o espectro político britânico. Em particular, os fabianos acreditaram que sua forma consensual de intervencionismo econômico oferecia uma terceira via entre o liberalismo deflacionário e o socialismo total. Apesar de inconsistente na teoria, o keynesianismo era ideologicamente confortador para os diversos inimigos ingleses do marxismo. As reformas social-democratas não eram mais as bases fundadoras do comunismo proletário. Ao contrário, como Keynes enfatizava, a supervisão estatal da economia da nação era a salvação da civilização burguesa.[44] O fim do desemprego e da pobreza criaria condições para um acordo de classes e estabilidade social. Keynes, e não Marx, era o profeta do fordismo.

Ao seguir a deixa dos fabianos, a Esquerda da Guerra Fria também tornou-se adepta do efeito multiplicador, da injeção de capital e do

ajuste fino. Com a citação de Keynes, eles podiam analisar as economias nacionais do fordismo sem qualquer perigo de contaminação não só por Marx, como também por Hilferding, Hobson e Kalecki. Pelo decorrer dos anos 1950, essa ideologia fabiana britânica tornou-se ortodoxa dentro das mais progressistas universidades estadunidenses. Da mesma maneira com que os setores público e privado cooperavam na economia mista, acadêmicos keynesianos ensinaram que a macroeconomia fordista e a microeconomia liberal eram teorias simbióticas. O estado e o mercado sabiam seus lugares no mundo externo assim como nos livros.[45] Em 1958, John Kenneth Galbraith – um economista canadense da Universidade de Harvard que trabalhara na administração de Roosevelt – publicou um texto essencial do keynesianismo da Esquerda da Guerra Fria, *A sociedade afluente*. Como afirmação aos achados de Rostow e Bell, ele argumentou que os Estados Unidos combinaram os melhores elementos da competição de mercado e da intervenção estatal em um novo sistema: o "capitalismo planejado". Sob a supervisão do governo, um ciclo virtuoso foi criado entre o aumento de produção e o consumo crescente. Com mais dinheiro para gastar, trabalhadores compraram mais bens e serviços. Com os lucros em alta, capitalistas pagaram mais dividendos, aumentaram salários e geraram empregos. Como resultado, estadunidenses comuns experimentavam um aumento sem precedentes na qualidade de vida. Pela primeira vez, a maioria da população que produzia a riqueza da nação também a consumia.[46]

Como Rostow, Galbraith estava convencido de que os Estados Unidos dos anos 1950 eram o modelo econômico para o resto do mundo. Da mesma maneira que os ingleses iniciaram o processo de industrialização no final do século XVIII, os Estados Unidos construíam agora a primeira sociedade de consumo da história da humanidade. Apesar da oposição dos ideólogos do *laissez-faire*, o governo federal aumentava com firmeza a extensão e o alcance dos

serviços de assistência social.[47] Segundo Galbraith, essa transformação social tornou-se possível dado o aumento da cooperação do alto governo com os grandes negócios. Graças ao gerenciamento keynesiano da demanda, a "tecnoestrutura" de estado das burocracias corporativas era agora capaz de planejar uma expansão contínua da produção sem ser – como acontecera no passado – desestabilizada pelo ciclo de aquecimento e recessão.[48] Ao longo dos anos 1950, o governo dos Estados Unidos se voltou para os colegas acadêmicos de Galbraith para desenvolver o conhecimento necessário para o ajuste fino do sistema fordista. Assim como os planejadores russos três décadas antes, os pesquisadores estadunidenses também construíram um modelo cibernético da interação dinâmica entre produção e consumo: economia de entrada e saída. Ao apropriarem-se da teoria matemática de formação de preço dos liberais, esses keynesianos explicaram como o estado poderia direcionar esse mecanismo de retroalimentação ao manipular seus fluxos financeiros.[49] Ao coletar dados, estudar os ciclos de negócios e rodar simulações de computador, o governo dos Estados Unidos podia determinar a combinação correta de expansão de crédito, gastos públicos e taxas de impostos para minimizar as flutuações do ciclo econômico e otimizar a taxa de crescimento. Assim como um *mainframe* da IBM, a tecnoestrutura da economia estadunidense era uma máquina programável. A Esquerda da Guerra Fria elevara a teoria fordista do keynesianismo para a era do computador.

Aplicado à Rússia dos anos 1920, o conceito de Preobrazhensky de acumulação primitiva socialista descreveu uma economia nacional em que o setor público crescia às custas do setor privado. Três décadas depois, Galbraith estava convencido de que o fordismo estadunidense ultrapassara essa barreira evolucionária. Sob o gerenciamento keynesiano, o estado e as corporações eram colaboradores, não competidores. Em uma retroalimentação circular positiva, os setores

público e privado ajudaram um ao outro a crescer mais rápido. Ao resolver simultaneamente a superprodução e o subconsumo, o gasto estatal beneficiava tanto o capital quanto o trabalho: a acumulação fordista avançada. Na propaganda de Guerra Fria estadunidense, a lição da economia keynesiana estava clara. O stalinismo prometera construir um paraíso socialista, mas o povo russo continuava empobrecido enquanto seus líderes concentravam os recursos na indústria pesada e na corrida armamentista. O capitalismo planejado dos Estados Unidos de 1950, ao contrário, proporcionava bens. O intervencionismo keynesiano criou prosperidade sem precedentes não só para empregadores, mas também, e ainda mais importante, para os trabalhadores. De acordo com Galbraith, Rostow e seus colegas da Esquerda da Guerra Fria, a nova prosperidade dos Estados Unidos se espalharia inevitavelmente além de suas fronteiras. Mesmo a Rússia teria eventualmente que abandonar o totalitarismo para poder evoluir para uma sociedade de consumo no estilo estadunidense. Cedo ou tarde, todo país imitaria o sistema estadunidense de capitalismo planejado, que asseguraria a pessoas comuns possuírem não apenas casas, automóveis e televisões, mas terem também direito à educação universal, à assistência médica de alta qualidade e a generosas pensões. O fordismo de bem-estar social significava uma boa vida para todos: a sociedade afluente.

Na aldeia global, as implicações do keynesianismo não eram ambíguas. Ao invés de serem enganadas pela retrógrada ideologia marxista, as nações do mundo deveriam copiar o atualizado modelo estadunidense de consenso político, moderação ideológica e acordo econômico. A terceira via era o único caminho para a modernidade de alta tecnologia. Na construção da sua concepção materialista da história, a Esquerda da Guerra Fria cuidadosamente encobriu suas dívidas intelectuais com Marx, Hilferding, Hobson e Kalecki. Pelo fim da década de 1950, eles incorporaram com

sucesso em sua análise econômica conceitos-chave de *O capital* com disfarces mais aceitáveis politicamente. Capitalismo organizado foi renomeado como capitalismo planejado. Intervenção estatal não era mais regulação proletária de empreendimento privado. O modelo da economia nacional cibernética em *O capital, volume 2* foi transformado em uma simulação da retroalimentação de entradas e saídas por computador. Ao creditar a outros as conquistas teóricas de Marx e seus admiradores, a Esquerda da Guerra Fria poderia dispensar o marxismo como uma relíquia stalinista. Longe de ser o pioneiro na teorização do fordismo, *O capital* era uma irrelevância agora que a elite gerencial sabia como aplicar o efeito multiplicador na economia, inflar a taxa de crescimento e realizar um ajuste fino no ciclo econômico.

> A revolução [marxista] era para ser catalisada pela crise capitalista – a depressão apocalíptica que arruinaria a já atenuada estrutura. Contudo, o sistema industrial tem, enquanto necessidade integral, uma arrumação para regular a demanda agregada que, enquanto lhe for permitido planejar, promete prevenir uma depressão mitigante... Tudo de que a revolução parecia depender, e mesmo a própria revolução, se desintegrou.[50]

Como apóstolos da terceira via, os sábios da Esquerda da Guerra Fria estavam determinados a provar que o marxismo não era a única ideologia da idade do vapor que tornara-se obsoleta pelo keynesianismo. De volta aos anos 1930, muitos empregadores estadunidenses se opuseram ao programa deflacionário do *New Deal* com esquemas de emprego público, controle de bancos, reconhecimento de sindicatos e subsídios agrícolas. Ao chegarem nas mesmas conclusões de Marx, Hilferding e Hobson, por caminhos opostos, a direita convenceu-se de que as reformas sociais do *New*

Deal eram o começo da revolução socialista. A rápida expansão do setor público de Roosevelt foi denunciada como o iminente fim da propriedade privada, da liberdade individual e da ordem moral. Não existia nenhum estágio do capitalismo além do liberalismo.[51] Duas décadas depois, as atitudes da direita em direção a uma regulação estatal da economia mudaram completamente. Como Kalecki apontou, as guerras eram boas para os negócios. Ao contrário das medidas de assistência social, essa forma militar de keynesianismo criou uma demanda efetiva sem enfraquecer o poder do capital sobre o trabalho na produção. Sempre que a demanda fosse fraca, comprar mais armas e aumentar o tamanho das forças armadas era um método agradável para os negócios que buscavam gerenciar o ciclo econômico. De volta aos anos 1940, o gasto total da guerra contra a Alemanha e o Japão acabou com a recessão que assolou os Estados Unidos por mais de uma década. Assim que os Estados Unidos saíram vitoriosos dessa batalha, a comunidade dos negócios aprendeu a amar o keynesianismo militar. Após um rápido temor, quando a paz ameaçou a volta da recessão, a deflagração da Guerra Fria assegurou que essa forma de estímulo fiscal se tornaria um atributo permanente da economia estadunidense. Para empresas como a IBM, as vantagens do confronto de superpotências eram óbvias. Na Guerra Fria dos Estados Unidos, os "braços permanentes da economia" forneceram o rápido crescimento que proporcionou grandes lucros para o capital e altos salários para o trabalho.[52]

Em meados dos anos 1930, a liderança nazista alertou a população alemã que o rearmamento do país demandava sacrifícios em sua qualidade de vida: "armas *ou* manteiga".[53] Duas décadas depois, o governo dos Estados Unidos não precisava confrontar seus cidadãos com essa escolha. Sob o fordismo, o gasto militar atuava agora como um multiplicador keynesiano que beneficiava todos os setores da economia. Na Guerra Fria estadunidense, gasto militar era gasto social.

Como parte da batalha contra a ameaça vermelha, conservadores finalmente aceitaram que os Estados Unidos deveriam construir estradas, financiar a educação, prover assistência médica e subsidiar a pesquisa acadêmica. Nesse estágio pós-liberal do crescimento, as divisões sobre a política econômica que polarizaram a Esquerda e a Direita nos anos 1930 desapareciam. Sob o gerenciamento de demanda keynesiano, a indústria estadunidense era tão produtiva que as necessidades militares e sociais da nação podiam se encontrar ao mesmo tempo: armas *e* manteiga. Com a correta combinação de regulação e estímulo financeiro, o governo dos Estados Unidos agora era capaz de programar o sistema de retroalimentação da máquina econômica para que atendesse aos interesses do capital e do trabalho. Como seus críticos apontaram, foi principalmente graças a esse acordo de classes baseado no militarismo que os Estados Unidos tornaram-se a casa da calmaria política.[54] Naturalmente, a Esquerda da Guerra Fria subestimou essa pré-condição bárbara para a ascensão da acumulação fordista avançada. Para eles, a corrida armamentista era um infeliz produto secundário da batalha contra a agressão comunista. Muito mais importante era o potencial democrático do estilo estadunidense de capitalismo planejado. Ao contrário de seus rivais marxistas, os progressistas estadunidenses possuíam uma teoria econômica atual que – se corretamente posta em prática – poderia proporcionar empregos, assistência social e prosperidade para todos. A terceira via era a pista mais rápida para a modernidade.

Assim que Kennedy tornou-se presidente dos Estados Unidos em 1961, a longa marcha da Esquerda da Guerra Fria por meio das instituições finalmente terminou. Ao emergir de obscuras facções trotskistas do início da década de 1940, esse movimento levara duas décadas para alcançar o topo do poder. Antigos socialistas revolucionários como Rostow e Bell eram agora confidentes dos governantes do império que dominava o mundo. A Esquerda da Guerra

Fria fora sobretudo responsável por definir o estilo ideológico dessa administração democrata. Durante o longo período de hegemonia conservadora, seus pensadores devotaram-se a desenvolver uma pragmática e patriótica forma de política progressista. Ao rejeitar o liberalismo *laissez-faire* e o totalitarismo stalinista, eles descobriram a terceira via para a modernidade: consenso político, compromisso econômico e administração eficiente. Acima de tudo, essa vanguarda intelectual do Centro Vital demonstrou habilidade e disposição ao assumir a batalha da propaganda contra o inimigo russo. Eles foram os únicos capazes de inventar uma grande narrativa anti-comunista da história que provava que o presente estadunidense era o futuro do resto do mundo. Em 1961, após um longo aprendizado, a Esquerda da Guerra Fria estava pronta para assumir seu posto. Sob a sua tutela, os Estados Unidos tornariam-se um império moderno e verdadeiramente progressista.

> Nós que agora apoiamos as medidas de responsabilidade... [na administração democrata] construímos sobre todos aqueles que já se foram antes... Nós somos os fiéis dos princípios da independência nacional e liberdade humana por todo o planeta, e... essa é uma responsabilidade natural que nos orgulha.[55]

Na ponta dessa nova administração estava a carismática figura de John F. Kennedy. Político habilidoso, Kennedy personificou muitas das virtudes prezadas pela Esquerda da Guerra Fria: energia juvenil, sofisticação cultural e tolerância social. Enquanto seu antecessor republicano fora formal e tradicional, o novo presidente cultivava sua imagem como um homem de cabeça aberta para o mundo moderno.[56] Ainda melhor, Kennedy era mestre da nova tecnologia da televisão. Muitos comentaristas da época acreditavam que ele vencera as eleições presidenciais devido à sua excelente performance

nos debates televisivos contra seu oponente. Com uma linda mulher e belas crianças, Kennedy representou o ideal de líder político como uma celebridade midiática.[57] Sob o sistema constitucional estadunidense, a mudança de regime requeria a indicação de fiéis partidários para dirigir a burocracia estatal. Obviamente, no momento em que o novo governo democrata foi formado, os autores dos textos canônicos do anti-comunismo foram premiados com trabalhos importantes. Rostow tornou-se um conselheiro presidencial. Schelesinger era íntimo da família Kennedy. A Berle foi dada a responsabilidade de desenvolver a política de administração para a América Latina. Galbraith foi indicado embaixador estadunidense na Índia.[58] Conforme recomendado pela Esquerda da Guerra Fria, a administração Kennedy promovia o consenso político ao dar também altos cargos para pessoas que não eram democratas de carteirinha. O recruta premiado do novo governo era Robert McNamara, o diretor administrativo da empresa de automóveis Ford. Gerenciada pelo homem que era chamado na mídia de "uma máquina da IBM sobre pernas", a eficiência administrativa, mais que o fervor ideológico, determinaria as prioridades militares dos Estados Unidos.[59]

A resiliência da nova administração democrata foi demonstrada com o assassinato de Kennedy em 1963. Salvo algumas pequenas mudanças, Lyndon Johnson – seu sucessor como presidente dos Estados Unidos – manteve a equipe do governo intacta.[60] Apesar de seu novo líder não ter a imagem moderna de Kennedy, a Esquerda da Guerra Fria era igualmente entusiasta sobre Johnson. Durante seus cinco anos no poder, sua administração dedicou-se à implementação do duplo programa do movimento, composto de reformas sociais domésticas e expansão imperial no exterior. Walt Rostow, sua escolha pessoal como conselheiro de segurança nacional, estava ao lado de Johnson nos momentos mais críticos de sua passagem pelo

posto.[61] A esse antigo marxista foi dada a chance de provar que o império estadunidense poderia atuar como uma força progressista e modernizadora no mundo.

> Está fora do alcance intermediário e elevado de abstração [o fato de] que novas maneiras de olhar as coisas emergem não só do que abraçam, mas do que transcendem no que já é sabido; e é dessas novas maneiras de olhar as coisas que novos caminhos de ação emergem. Para ajudar a definir esses caminhos, o intelectual deve estar preparado para entrar... no mundo da escolha operacional.[62]

Ambas as administrações, de Kennedy e Johnson, estavam convencidas de que o intervencionismo estatal poderia aumentar dramaticamente a taxa de crescimento se as políticas keynesianas corretas fossem adotadas. Sob seu antecessor republicano, um respeito pelos dogmas do liberalismo *laissez-faire* restringira as ambições do governo dos Estados Unidos. Após a Esquerda da Guerra Fria chegar ao poder, essas inibições desapareceram. Como Rostow e Galbraith demostraram em seus celebrados livros, os Estados Unidos tinham o dever de assegurar que a demanda efetiva manteria o passo do crescimento do potencial produtivo da economia. Melhor ainda, esse gasto público se auto-pagaria ao propulsionar ritmicamente uma taxa de crescimento ainda mais rápida. Determinados a ganhar o apoio de ambos os lados da divisão de classes, a nova administração democrata compartilhou seu munificente orçamento entre o capital e o trabalho. As compras de armas de alta tecnologia de McNamara rapidamente preencheram os livros de pedidos dos contratados da defesa. Para aquelas empresas que não se beneficiaram diretamente desse estímulo ao setor privado, os democratas também reduziram os impostos sobre lucros e dividendos. Sob a Esquerda da Guerra Fria, a comunidade empresarial não teria razões para reclamar.

Ao mesmo tempo, a administração Kennedy também iniciou uma veloz expansão do gasto com assistência para aumentar a qualidade de vida daquelas pessoas que perderam o estouro econômico da década anterior: a "guerra contra a pobreza". Após ter ganho as eleições presidenciais de 1964, Johnson construiu sobre essa iniciativa um ambicioso programa de melhorias na assistência médica pública, fornecimento de pensões, habitação e proteção ao meio ambiente.[63] Sob a administração da terceira via, a economia dos Estados Unidos era facilmente capaz de produzir tanto mais armas quanto mais manteiga. Como a pobreza estava abolida e a prosperidade estendida para todos, a Esquerda da Guerra Fria estava convencida de que os Estados Unidos tornavam-se a mais avançada democracia do bem-estar social no planeta. Em 1964, o presidente Johnson profetizava para uma audiência universitária que:

> O desafio do próximo meio século é se vamos ter sabedoria para usar... [nossa] riqueza para enriquecer e elevar a vida nacional, e para avançar na qualidade da nossa civilização estadunidense... nós temos a oportunidade de nos movermos não só em direção a uma sociedade rica e poderosa, mas de irmos além, em direção à Grande Sociedade... É um lugar onde a cidade dos homens serve não só às necessidades do corpo e às demandas do comércio, mas [também] ao desejo de beleza e à fome de comunidade.[64]

Ao longo do início dos anos 1960, a Esquerda da Guerra Fria agiu para acabar com o problema mais intragável dos Estados Unidos: o racismo legalizado. Apesar da auto-imagem de bastião da democracia, os Estados Unidos ainda não eram uma democracia plena no momento em que Kennedy foi eleito presidente. No sul do país, milhões de negros cidadãos estadunidenses não tinham o direito de votar. Para a Esquerda da Guerra Fria, a incompetência

da administração republicana anterior em lidar decisivamente com esse absurdo não era só moralmente repreensível, mas também estrategicamente perigosa. Na batalha da propaganda com os inimigos russos na aldeia global, a cobertura televisiva da polícia racista que batia em protestantes desarmados no sul dos Estados Unidos enfraquecia severamente a causa estadunidense.[65] E, pior ainda, uma vez no poder, o novo governo democrata também hesitou inicialmente. O compromisso político era difícil de se conquistar uma vez que os maiores oponentes orais do sufrágio universal eram os líderes da ala sulista de seu próprio partido. A vitória avassaladora de Johnson nas eleições executivas e legislativas de 1964 levou ao fim dessa divisão dentro do Partido Democrata. Um século depois da abolição da escravatura, o governo dos Estados Unidos finalmente estendeu o direito de voto para todos os estadunidenses.[66] Na redefinição do Centro Vital, liberalismo realmente significava liberdade para todo o povo.

O que começou como um constrangimento internacional terminou como uma vitória da propaganda da Guerra Fria. Na contramão das previsões de seus críticos, os Estados Unidos demonstraram sua capacidade de se auto-reformar. Os excluídos foram incluídos. Na batalha para ganhar a opinião pública global, a garantia de voto para todos os estadunidenses foi fortemente contrastada com a ausência de qualquer forma significante de democracia eleitoral na Rússia. Sob a liderança da Esquerda da Guerra Fria, os Estados Unidos remediavam seus últimos problemas econômicos e políticos. O sistema estadunidense provou ser um modelo social para toda a humanidade. Em nenhum outro lugar pessoas comuns desfrutavam de tanta liberdade e prosperidade. Nenhuma outra nação conseguia tanto sucesso em transformar novas tecnologias esotéricas em eletrodomésticos cotidianos. Não poderia haver dúvidas sobre qual superpotência representava o progresso e a modernidade. O longo

e árduo processo de evolução social culminara na mais avançada e sofisticada civilização da história humana: a grande sociedade dos Estados Unidos.

Notas:

1. Ver Arthur Schlesinger, Jr., *The vital centre*, páginas 11–34, 51–91, 131–218.

2. Ver Schlesinger, *The vital centre*, página 256.

3. Ver Daniel Bell, *The end of ideology*, páginas 39–45, 75–94, 275–314, 393–407.

4. Bell argumentou que o confronto entre capital e trabalho foi substituído nos Estados Unidos pela competição entre "novos 'grupos de status' criados pela prosperidade... por reconhecimento e respeitabilidade". Daniel Bell, *The radical right*, página 39.

5. Ver Daniel Bell e Henry David Aiken, *Ideology – A debate,* páginas 261–262.

6. Ver C. Wright Mills, *Letter to the new left.*

7. Ver Bell, The e*nd of ideology*, páginas 75–94, 211–226.

8. Bell, The e*nd of ideology*, páginas 402–403.

9. Ver W.W. Rostow, *The stages of economic growth,* páginas 75–81, 154–155; *The United States in the world arena,* páginas *8–12, 515–529.*

10. Ver Karl Marx, *O capital, volume 2*, páginas 427–599.

11. Ver Marx, *O capital, volume 1*, páginas 340–416; *O capital, volume 3*, páginas 505–514, 566–573.

12. Ver George Bernard Shaw, *Sixty years of fabianism*, página 313.

13. Ver Rudolf Hilferding, *Finance capital*, páginas 107–235.

14. Hilferding, *Finance capital*, página 235.

15. Ver V.I. Lenin, *Imperialism*; and Nikolai Bukharin, *Imperialism and world economy.* O termo *Time of troubles* foi um período da história russa que compreende os anos de interreino entre a morte do último dos Rurikides de Moscou, o Tsar Feodor Ivanovich, em 1598, e o estabelecimento da Dinastia Romanov, em 1613. A partir de então é usado para descrever diferentes momentos de crise política russa.

16. Ver V.I. Lenin, *State and revolution*, páginas 35, 39–40, 75; *The threatening catastrophe*, páginas 11–16.

17. Ver Nikolai Bukharin e Eugeni Preobrazhensky, *The ABC of communism*. Também ver E.H. Carr, *The bolshevik revolution*, *volume 2*, páginas 151–268.

18. Em reflexo à nova linha do partido em meados da década de 1920, Stalin definiu o comunismo como uma combinação do "arrastão revolucionário russo" com a "'eficiência estadunidense". Ver Joseph Stalin, *Foundations of Leninism*, página 109. Também ver Moshe Lewin, *Political undercurrents in soviet economic debates*, páginas 84–96.

19. Ver Naum Jasny, *Soviet economists of the twenties*, páginas 16–36, 89–157; e Meghnad Desai, *Marx's revenge*, 69–74.

20. Ver Eugeni Preobrazhensky, *The new economics*, páginas 77–146. Para a inspiração desse conceito de acumulação primitiva, ver Marx, *O capital, volume 1*, páginas 873–904.

21. Ver Alec Nove, *An economic history of the USSR*, páginas 136–159.

22 Ver Joseph Stalin, *The right deviation in the CPSU (B)*; e Lewin, *Political undercurrents*, páginas 97–124.

23. Ver Joseph Stalin, *New conditions – New tasks of socialist construction*; and Naum Jasny, *Soviet economists of the twenties*, páginas 37–55. Para a descrição de um projeto industrial stalinista icônico, ver Stephen Kotkin, *Magnetic mountain.*

24. Preobrazhensky foi executado em 1937. Para a destruição que Stalin aplicou a seus antigos camaradas, ver Isaac Deutscher e David King, *The great purges.*

25. Marx, *O capital, volume 1*, página 874.

26. Ver Joseph Stalin, *Report to the seventeenth congress of the CPSU (B).*

27. Ver Rudolf Hilferding, *State capitalism or totalitarian state economy?.*

28 Ver Helmut Gruber, *Red Vienna.*

29. Essa frase era o título de uma famoso artigo que dava boas vindas à Revolução Russa de 1917 escrito por Antonio Gramsci – o pai fundador do Partido Comunista Italiano. Ver James Joll, *Gramsci*, páginas 34-35.

30. Ver Léon Blum, '*Exercise et conquête du pouvoir*'.

31. Ver J.A. Hobson, *The Evolution of Modern Capitalism*, página 276. Também ver J.A. Hobson, *Imperialism*, páginas 71–93.

32. J.A. Hobson, *Rationalisation and unemployment*, páginas 104–105.

33. Ver Keith Middlemas, *Politics in industrial society*, páginas 214–265.

34. Ver Michal Kalecki, *The last phase in the transformation of capitalism*, páginas 65–97.

35. Ver Rostow, *Stages of economic growth*, páginas 93–105; *The process of economic growth,* páginas 317–325.

36. Para o quadro histórico do *New Deal*, ver Donald McCoy, *Coming of age*, páginas 193–334.

37. Ver Adolf Berle e Gardiner Means, *The modern corporation and private property,* páginas 3–140.

38. Berle e Means, *The modern corporation and private property*, página 245.

39. Ver Berle e Means, *The modern corporation and private property*, páginas 309–313.

40. Ver Donald McCoy, *Coming of age*, páginas 200–218.

41. Ver John Maynard Keynes, *The general theory of employment, interest and money*, páginas 3–34, 245–254, 372–384.

42. Ver Keynes, *General theory*, páginas 3–34, 313–332, 372–384. Também ver Toni Negri, *Keynes and the capitalist theory of the state*.

43. Para as implicações do livro de Keynes para os legisladores políticos ver Michael Stewart, *Keynes and after*, páginas 78–181.

44. Ver John Maynard Keynes, *The economic consequences of the peace*; e Toni Negri, *Keynes and the capitalist theory of the state*.

45. Esse duplo pensamento foi exemplificado no livro não acadêmico mais popular do período: Paul Samuelson, *Economics.*

46. Ver John Kenneth Galbraith, *The affluent society*, páginas 91–164.

47. Ver Galbraith, *The affluent society*, páginas 221–257.

48. Ver John Kenneth Galbraith, *The new industrial state*, páginas 117–134.

49. Ver Wassily Leontieff, *The structure of the american economy*; e Meghnad Desai, *Marx's revenge*, páginas 220–230.

50. Galbraith, *The new industrial state*, página 294.

51. Ver Walter Lippmann, *The good society.*

52. Ver Michal Kalecki, *The last phase in the transformation of capitalism*, páginas 65–97; e Michael Kidron, *Western capitalism since the war*, páginas 48–64.

53. Ver Richard Evans, *The Third Teich in power*, páginas 322–411.

54. Ver C. Wright Mills, *The power elite*, páginas 198–224, 325–361.

55. W.W. Rostow, *View from the seventh floor*, página 53.

56. Ver Arthur Schlesinger, Jr., *A thousand days*, páginas 113–117, 725–729, 739–749; e Robert Dallek, *John F. Kennedy*, páginas 274–275.

57. Ver Erik Barnouw, *The image empire*, páginas 160–170.

58. Ver Schlesinger, *A thousand days*, páginas 150–152; e Dallek, *John F.Kennedy*, páginas 308–309.

59. Ver Robert McNamara, *In retrospect*, páginas 13–25; e Errol Morris, *The fog of war.*

60. Ver Irving Bernstein, *Guns or butter*, páginas 15–26.

61. Ver David Halberstam, *The best and the brightest*, páginas 635–636.

62. Rostow, *United States*, página 490.

63. Ver Dallek, *John F.Kennedy,* páginas 575–606; e Bernstein, *Guns or butter*, páginas 27–42, 82–113, 156–306.

64. Lyndon Johnson, *Remarks at the University of Michigan,* páginas 1–2.

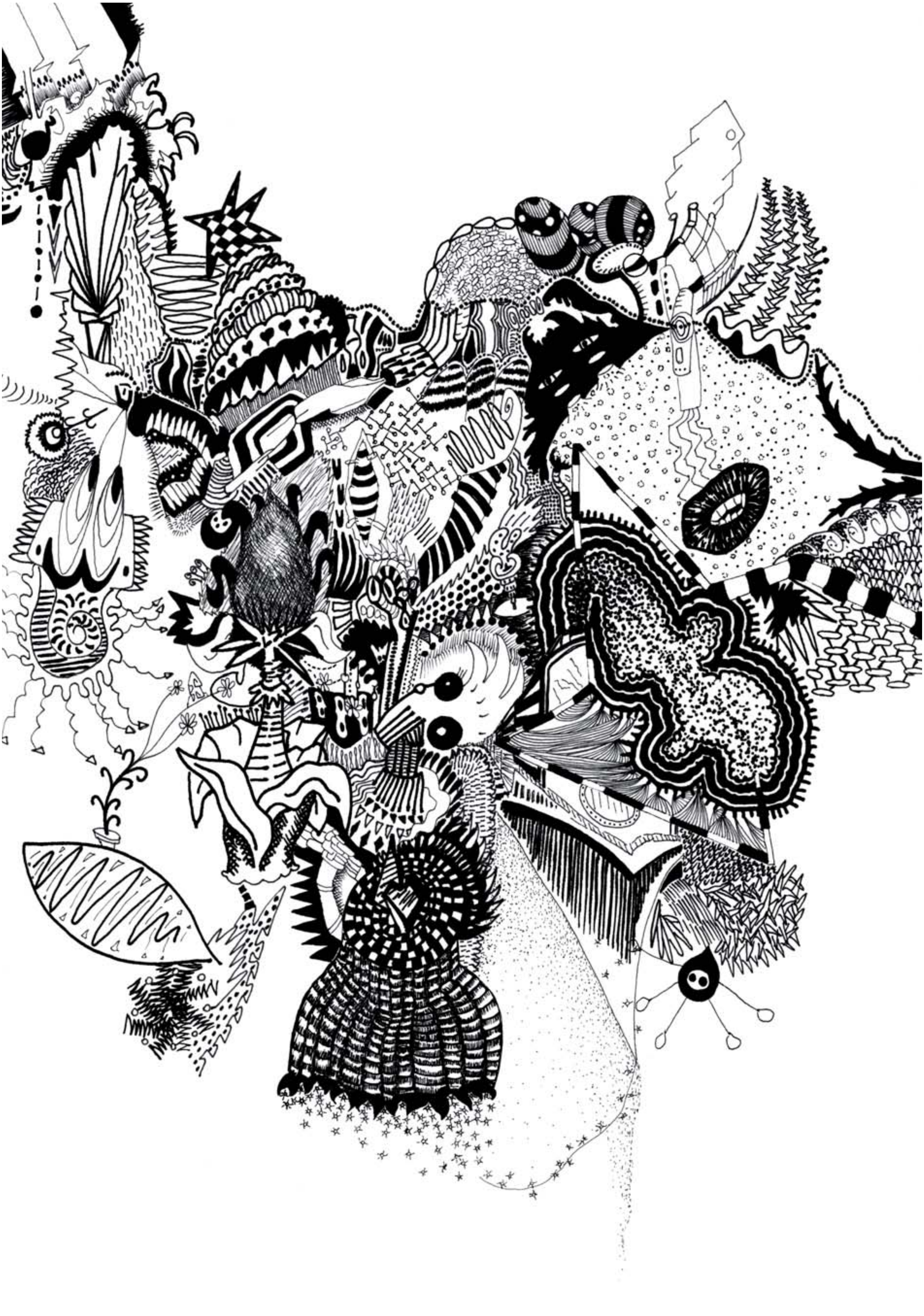
65. Ver Benjamin Mays, *Race in America*; e W.W. Rostow, *The diffusion of power*, páginas 64–67.

66. Ver Schlesinger, *A Thousand Days*, páginas 924–977; Bernstein, *Guns or butter*, páginas 43–81; e Dallek, *John F. Kennedy*, páginas 380–388, 492–495.

NT 1 – New Deal – Segundo o sítio Wikipedia <http://pt.wikipedia.org/wiki/New_Deal> “O New Deal (cuja tradução literal em português seria novo acordo ou novo trato) foi o nome dado à série de programas implementados nos Estados Unidos entre 1933 e 1937, sob o governo do presidente Franklin Delano Roosevelt, com o objetivo de recuperar e reformar a economia norte-americana, e assistir os prejudicados pela Grande Depressão. O nome dessa série de programas foi inspirado no Square Deal, nome dado pelo anterior presidente Theodore Roosevelt à sua política econômica.” O sucesso e os efeitos do New Deal ainda são controversos entre economistas e historiadores. Acesso em fevereiro de 2008.

NT 2 – Fisiocratas Franceses – Os fisiocratas surgiriam quando ainda não havia atividade industrial, apenas aquelas ligadas à agricultura. A seguinte tese <http://br.geocities.com/vilmarcarvalho4/a_prodigiosa_fisiocracia_epolitica.htm> contextualiza assim os fisiocratas: “Os fisiocratas franceses do século XVIII foram os primeiros a formular a existência de uma ordem natural reguladora do mercado. Por motivos diferentes do que clássicos ingleses usaram para fundar as ciências econômicas, os franceses declararam de maneira original que essa ordem organiza e reorganiza

automaticamente a economia. Uma espécie de 'mão invisível' funciona e dispensa a regulação externa do mercado, independente da vontade humana. Porém, essa concepção de mercado auto-regulado se constitui, décadas depois, na base dos argumentos liberais sobre o livre comércio e na consagração científica do *laissez-faire*, *laissez-passer*, destruindo as bases metafísicas do pensamento fisiocrata. Um conjunto de teorias que, entre os anos 1750 e 1780, constituíram-se na expressão do Iluminismo em matéria de economia política, providenciando a descoberta de que leis econômicas atuam na produção e circulação da riqueza, rompendo-se com o empirismo mercantilista da época e suas explicações que concebiam a riqueza como o excedente monetário e o Estado como a fonte geral dos interesses econômicos da sociedade." Professor Vilmar Antonio Carvalho da Silva, do Departamento de História da Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul – Famasul, Palmares – PE. Acesso em fevereiro de 2008.



10
OS PROFETAS DO PÓS-INDUSTRIALISMO

NO COMEÇO DOS ANOS 1960, a Esquerda da Guerra Fria adquiriu o papel de pivô dentro da elite estadunidense. O movimento fornecera a liderança ideológica para a batalha da propaganda contra o inimigo russo. Seus intelectuais haviam criado uma sofisticada versão estadunidense do materialismo histórico. A cibernética sem Wiener combinou bem com o marxismo sem Marx. Ao subcontratar a Esquerda da Guerra Fria para a tarefa de pensar sobre a sociedade, a classe dirigente estadunidense permitiu que esse movimento exercesse uma influência decisiva sobre a agenda política. Do começo dos anos 1950 em diante, esse grupo de intelectuais promoveu seus programas de consenso político, compromisso econômico e administração eficiente, assim como produziu evidências de que esses princípios já moldavam a sociedade estadunidense. No momento em que Kennedy tornou-se presidente, os projetos de pesquisa da Esquerda da Guerra Fria ajudaram a restaurar a hegemonia intelectual do Partido Democrata. A ciência social imparcial comprovava o caso para assim introduzir um largo escopo de reformas políticas, sociais e econômicas. Acima de tudo, os eleitores estadunidenses agora podiam confiar que as políticas do governo de seu país foram elaboradas pelas melhores cabeças.

Com os democratas no poder, a Esquerda da Guerra Fria acreditava que os sérios problemas domésticos remanescentes em seu país

estavam a caminho de serem resolvidos. Comparado ao oponente russo, os Estados Unidos já possuíam o sistema social mais avançado. Depois que as reformas dos democratas foram implementadas, seria óbvio ao mundo todo que somente os Estados Unidos poderiam criar uma boa sociedade. Porém, ao mesmo tempo, a Esquerda da Guerra Fria entendeu que essa conquista não culminaria em uma vitória decisiva na batalha pela propaganda global. Que o presente estadunidense era superior ao russo era relativamente fácil provar. Bem mais difícil era prever, a partir da batalha ideológica, qual superpotência seria dona do futuro. Infelizmente, para a Esquerda da Guerra Fria, seu programa oferecia melhorias apenas para o sistema já existente de fordismo do bem-estar social. Em seu *remix* do Centro Vital, a estratégia reformista da social-democracia fora privada de seu objetivo revolucionário: a transcendência do capitalismo. Do outro lado do confronto de superpotências, propagandistas não se depararam com esse problema. Ao contrário, os ideólogos do stalinismo estavam convencidos de que o regime russo construía inteiramente a nova civilização do socialismo. A partir da Revolução de 1917, seus apologistas argumentavam que quaisquer imperfeições em seu sistema social – como assassinato em massa e exploração de classe – eram expedientes temporários adotados para acelerar a chegada do paraíso na terra. Comunismo com um *C* maiúsculo era o precursor do comunismo com um *c* minúsculo. Sem importar o quão inferior o presente russo poderia ser quando comparado ao estadunidense, o stalinismo ainda era dono do futuro. Comparações espaciais foram descartadas por profecias temporais.[1]

Vitoriosa na batalha pela ideologia da elite estadunidense, a Esquerda da Guerra Fria foi responsável pela neutralização da ameaça ideológica. Por terem sido marxistas em sua juventude, os fundadores do movimento entenderam o apelo emocional da promessa do futuro socialista. Enfatizar apenas a superioridade do presente estadunidense

não seria suficiente para desacreditar as profecias libertárias dos inimigos de sua nação. Seja por instinto, seja por experiência, eles sabiam que o pragmatismo da terceira via oferecia apenas um tímido substituto para a síntese visionária do liberalismo e do socialismo de Marx e Engels. Ao invés da escolha casual entre duas ideologias incompatíveis para a proposição de um presente melhor, esses dois esquerdistas explicaram que o capitalismo moderno era uma época histórica inevitável que se encaminhava para a emancipação proletária. Longe de ser o oposto do socialismo, o liberalismo era uma pré-condição necessária. O livre comércio entre nações unia os trabalhadores do mundo.[2] A companhia de capital social era pioneira na posse coletiva de capital.[3] A extensão dos direitos dos trabalhadores criara as condições para que os socialistas intervissem no processo político.[4] Cortes na jornada semanal de trabalho liberavam tempo para que as pessoas aprendessem a gerir suas próprias vidas.[5] Após uma longa incubação dentro do capitalismo, o socialismo finalmente emergiria como uma distinta e plumada civilização. Somente então o liberalismo burguês completaria sua missão histórica: o triunfo do comunismo proletário.

> O monopólio do capital tornou-se um entrave sobre o modo de produção que floresceu ao seu lado e abaixo dele. A centralização do capital e a socialização do trabalho chegam a um ponto em que tornam-se incompatíveis com seu invólucro capitalista... Soa o dobre fúnebre da propriedade privada capitalista. Os expropriadores são expropriados.[6]

De volta ao final do século XIX, Marx e Engels estavam convencidos de que a classe trabalhadora estadunidense estava à frente na batalha mundial para a criação de uma nova sociedade de liberdade, igualdade e prosperidade. Como a nação mais liberal do planeta, os Estados

Unidos também deveriam ser os mais avançados no caminho ao socialismo. Com seus rivais britânicos já ultrapassados, os magnatas estadunidenses lideravam a transformação do capitalismo global e passavam de uma economia de pequenas empresas a uma dominada por corporações gigantes. Com uma maioria impressionante de eleitores homens com direito a voto, os Estados Unidos eram um dos poucos países no mundo em que o movimento trabalhista poderia tomar o poder de estado por meio das eleições.[7] Era apenas uma questão de tempo para que o proletariado estadunidense tomasse o seu lugar de direito como um contingente pró-eminente do movimento socialista internacional. A classe trabalhadora da nação mais desenvolvida econômica e politicamente do planeta estaria entre as primeiras a alcançar o objetivo revolucionário do comunismo libertário.

Durante os anos 1950, os gurus da Esquerda da Guerra Fria revisitaram o prognóstico de Marx para desacreditar a reivindicação stalinista de que a Rússia era o paraíso do proletariado. Se os padrões de vida das duas superpotências fossem comparados, seria óbvio que o comunismo estava muito mais próximo de ser realizado nos Estados Unidos fordista do que na Rússia comunista.[8] Mesmo que cultivassem esse paradoxo político entre eles mesmos, os intelectuais da Esquerda da Guerra Fria não tinham a intenção de disputar publicamente o monopólio ideológico stalinista sobre o marxismo. Ao contrário, eles inventaram suas próprias versões da concepção materialista de história para refutar essa perigosa teoria de que todas as suas interpretações estariam em competição. Em particular, os defensores do Centro Vital queriam evitar qualquer discussão sobre a admiração a Marx e Engels na observação dos aspectos mais radicais da democracia estadunidense. Politizados desde as batalhas contra os regimes autoritários da Europa continental, esses pensadores se opuseram apaixonadamente à ascendência de um grande governo. Assim como o mercado, o estado era uma estrutura fetichística que

oprimia muitos para o interesse de poucos.[9] O sufrágio universal era apenas o primeiro passo na domesticação desse monstro burocrático. Contanto que a política permanecesse como uma profissão especializada, a maior parte da população teria uma influência limitada sobre as decisões que moldavam suas vidas. De acordo com Marx e Engels, a democracia representativa deveria ser aprofundada em uma democracia participativa. Assim que todos tomassem parte no governo, a divisão entre os líderes e os liderados seria superada. Cidadãos, e não burocratas, deveriam estar no controle dos interesses coletivos da sociedade.[10]

Em *O capital, volume 3*, Marx também identificou a democracia participativa como o princípio organizacional da economia do proletariado. Assim como o estado, as firmas capitalistas impuseram a dominação de uma pequena elite sobre a maioria da população. Contudo, ao eleger os diretores de seus empreendimentos da mesma forma como faziam com os líderes de suas repúblicas, membros das cooperativas industriais eram pioneiros na democratização do sistema fabril.[11] Apenas no momento em que todos os trabalhadores também fossem gerentes, as diferenças entre capitalistas e proletariado finalmente desapareceriam. Em completa oposição aos seus discípulos social-democratas e comunistas do século seguinte, Marx e Engels denunciaram a nacionalização da indústria, da educação e da mídia. Para eles, o comunismo cooperativo era a antítese do capitalismo de estado.[12] Longe de defenderem a fusão do grande governo com grandes negócios, Marx e Engels esperavam pela vitória da democracia participativa sobre todas as formas de fetichismo burocrático. O mercado e o planejamento eram aspectos simbióticos do mesmo sistema opressivo. Como o exemplo heróico da Comuna de Paris de 1871 provara, as pessoas que produzissem a riqueza sob a qual a civilização humana fosse fundada deveriam tornar-se mestras de seu próprio destino coletivo: a “ditadura do proletariado”.[13]

Na busca por outros protótipos dessa sociedade auto-gestionável, Marx e Engels encontraram inspiração do outro lado do Atlântico. Nos estados fronteiriços dos Estados Unidos, uma democracia de base já estava em pleno funcionamento. Todos os oficiais públicos eram eleitos. Cidadãos cumpriam as leis por eles mesmos, formavam destacamentos policiais, serviam em júris e indicavam juízes. Nessa república liberal não havia nenhuma igreja de estado, nenhuma censura de imprensa e nenhum monopólio de governo sobre a educação. Comparado aos leviatãs burocráticos da Europa continental, seu exército profissional e serviço civil eram enxutos.[14] Marx e Engels viram o movimento trabalhista como o defensor moderno dos ganhos democráticos da Revolução Estadunidense. Em 1871, a Comuna de Paris optou por brigar ao invés de render sua artilharia ao governo central. A Esquerda marxista acreditava veementemente em cada palavra da Segunda Emenda da Constituição Estadunidense (*Bill of Rights*): "uma bem regulada milícia, o direito das pessoas de manter e portar armas, como necessário à segurança de um estado livre, não deve ser infringido."[15]

Para Marx e Engels, esse protótipo francês da ditadura do proletariado havia incorporado todos os ideais democráticos mais radicais da Revolução de 1776: a república federativa; encontros de centros administrativos, representantes com mandatos e um exército cidadão. Essencialmente, sua inovação constitucional mais importante foi tornar fora da lei a pior falha do sistema estadunidense: a profissionalização da política. Ao compatibilizar os ganhos dos membros da assembléia, oficiais públicos e trabalhadores qualificados, a Comuna de Paris certificou-se de que servir ao estado não poderia mais tornar-se uma carreira lucrativa.[16] Dentro de uma democracia participativa, amadores devem se encarregar da maior parte do trabalho administrativo da república. Em sua avaliação de despedida desse experimento político proletário, Marx salientou

uma de suas maiores conquistas: "a Comuna [de Paris] fez do lema das revoluções burguesas, governo barato, uma realidade ao destruir as duas grandes fontes de gastos – o efetivo do exército e o funcionalismo de Estado."[17]

A partir do final do século XIX, as diferentes correntes do marxismo estadunidense identificavam o socialismo como a encarnação moderna da orgulhosa tradição de políticas radicais de sua nação. Da mesma forma que seus antepassados haviam lutado pela independência da coroa britânica e pela abolição da escravidão pessoal, os ativistas do movimento trabalhista estavam em conflito com o imensurável poder dos "barões ladrões" que governavam, sob o capitalismo de monopólios, como monarcas absolutistas ou donos de plantações. Dos populistas até os Trabalhadores Industriais do Mundo (*Wobblies*)[NT1], a Esquerda estadunidense celebrou as aspirações mais comunais e igualitárias da Revolução de 1776. Durante os anos 1920 e 1930, tanto os social-democratas quanto os comunistas argumentavam que a longa batalha pela liberdade política em breve culminaria na vitória da emancipação econômica. O marxismo era uma crença inteiramente estadunidense.[18]

Os fundadores da Esquerda da Guerra Fria cresceram dentro desse ambiente socialista. Tendo guardado suas jovens utopias revolucionárias, eles eram agora os profetas do reformismo pragmático. Em uma esperta jogada, esses intelectuais redefiniram o significado do liberalismo. Ao enfatizar seus princípios pluralistas e consensuais, essa filosofia política foi esvaziada de seu conceito mais subversivo: o governo mínimo. Ao invés de cidadãos que administravam a república por eles próprios, os que votavam possuíam agora a possibilidade de escolha sobre quais partidos das elites concorrentes controlariam o estado. Com essa nova versão do liberalismo, o marxismo pôde ser condenado como uma ideologia não-estadunidense. Longe de ser o herdeiro da Revolução de 1776, o socialismo era uma importação

exótica do estrangeiro. Ao contrário de seus pares, os países menos desenvolvidos da Europa, a classe trabalhadora estadunidense nunca teve nenhuma necessidade de um movimento trabalhista poderoso. Como conseqüência, nem os social-democratas nem os comunistas foram capazes de suplantar o Partido Democrata como organização principal da Esquerda estadunidense. O marxismo não tinha nenhuma relevância no novo mundo do outro lado do Atlântico: o "excepcionalismo estadunidense".[19]

Paradoxalmente, ao celebrar suas origens paroquiais, a Esquerda da Guerra Fria proclamou suas ambições globais para o capitalismo planejado de estilo estadunidense. Em sua versão do materialismo histórico, os Estados Unidos de hoje estavam em todo lugar do amanhã. Até mesmo à época em que a marginalização do marxismo estava confinada aos Estados Unidos do presente, a hegemonia universal do anti-comunismo era inevitável a longo prazo. A admiração de Marx e Engels pela democracia proto-socialista do Oeste Selvagem havia desaparecido dos livros. Assim como seus oponentes stalinistas, os entusiastas da terceira via afirmaram que havia somente uma forma de comunismo: Comunismo com um *C* maiúsculo ao estilo russo. Enquanto o socialismo esteve indistinguível do totalitarismo, o capitalismo planejado dos Estados Unidos era obviamente o mais avançado sistema sócio-econômico do planeta.

A grande narrativa do progresso humano da Esquerda da Guerra Fria foi desenhada sobretudo para provar que, a partir da experiência estadunidense, as lutas de classe analisadas por Marx estavam agora terminadas. No passado *laissez-faire*, trabalhadores estadunidenses foram forçados a lutar por emancipação política e justiça econômica contra uma intensa oposição conservadora. Porém, nos Estados Unidos moderno, a reivindicação por democracia e prosperidade para todos não era mais controversa. Sob o fordismo do bem-estar social, conflitos sociais de classe tornaram-se mais disputas sobre *status* de

grupo do que lutas por poder de classe. De acordo com a Esquerda da Guerra Fria, o declínio do liberalismo econômico era também responsável por um outro bem-vindo paradoxo: o crescimento do liberalismo político. Diferente do totalitarismo russo, a democracia estadunidense havia sido fundada sob os princípios do livre discurso, da tolerância social e do pluralismo ideológico. Ainda assim, durante a maior parte da história estadunidense, o exercício desses direitos fora restringido a uma minoria da população. Felizmente, o advento do fordismo do bem-estar social finalmente criou as condições para que todos os estadunidenses gozassem dos benefícios desses princípios constitucionais. Os ideais democráticos da Revolução de 1776 não eram mais o privilégio de poucos. Na terra dos livres, todos agora possuíam o direito ao voto, a expressar suas opiniões e a fazer *lobby* com seus representantes.[20]

Da mesma forma com que se apropriou de conceitos úteis do socialismo, a Esquerda da Guerra Fria também separou as virtudes do liberalismo político dos vícios da economia *laissez-faire*. Mesmo que impressionante, esse truque teórico ainda permanecia preso em um presente perpétuo. O fordismo do bem-estar social poderia ser melhorado, mas nunca suprimido. Dessa forma, a ideologia do Centro Vital era incapaz de privar os inimigos russos de possuírem o futuro. Se a ameaça geopolítica colocada pela profecia marxista de comunismo deveria ser superada, os líderes dos Estados Unidos teriam que usar os recursos e habilidades necessárias à construção de uma visão alternativa plausível das formas das coisas por vir. Depois que os democratas vieram ao poder, a Esquerda da Guerra Fria foi finalmente capaz de levantar dinheiro para esse projeto prioritário. Em 1964, a Academia Estadunidense de Artes e Ciências ganhou um grande apoio financeiro para estabelecer uma equipe multidisciplinar de intelectuais dedicados a inventar a visão anti-comunista do futuro não-comunista: *A comissão para o ano 2000*.[21]

Daniel Bell – o intelectual sênior da Esquerda da Guerra Fria – foi encarregado dessa tarefa de alto nível. Assim como o chefe executivo, a maioria dos 42 membros da Comissão também foram recrutados das universidades da elite. Como uma seqüência do modelo multidisciplinar pioneiro das conferências Macy, o projeto foi desenhado sobre um grande leque de especialidades. Entre seus membros estavam não somente economistas, sociólogos e cientistas políticos, mas também geógrafos, biólogos e até um professor de estudos bíblicos. Juntaram-se a esses acadêmicos na equipe do projeto colegas da administração democrata, servidores de carreira civil, cientistas corporativos e os sábios das agências de inteligência militares.[22] Ao recrutar intelectuais que representavam diferentes disciplinas e grupos de interesse, os patrocinadores da Comissão Bell asseguraram que todos os setores da elite dos Estados Unidos envolveriam-se na invenção do novo futuro imaginário do império estadunidense.

Entre 1964 e 1968, esses especialistas da Esquerda da Guerra Fria escreveram artigos e participaram de seminários com um tema comum: como a sociedade estadunidense seria em 30 ou 40 anos? Com parcimônia e continuidade para compartilhar seus conhecimentos e debater suas hipóteses, atingiram um consenso de suas premonições para o ano 2000. Assim como a Feira Mundial de Nova Iorque de 1964, a inovação tecnológica forneceu o ponto de partida para a questão da comissão sobre a forma das coisas por vir. Aquilo que já existia na metade dos anos 1960 poderia ser facilmente extrapolado para a primeira década do novo século. Foguetes da Nasa, usinas atômicas e *mainframes* IBM já eram promovidos como os precursores do turismo espacial, eletricidade sem medição e inteligência artificial. Com o mesmo enfoque, Herman Kahn e Anthony Wiener, ambos do militarmente financiado Instituto Hudson, compilaram uma audaciosa lista de 100 iminentes invenções para a Comissão Bell.[23] Nos 40 anos seguintes, cientistas estadunidenses não só desenvolveriam

cruzeiros espaciais, energia gratuita e computadores conscientes, mas também descobririam – entre outras coisas – como controlar o tempo, colocar seres humanos em hibernação, fazer filmes holográficos, programar o sonho das pessoas, construir plataformas individuais de vôo e usar bombas nucleares para projetos de construção. Com o olhar sobre as impressionantes conquistas dos últimos 20 anos, a Comissão Bell estava convencida de que essas fantasias tecnológicas tornariam-se realidades cotidianas dentro das próximas quatro décadas.[24]

> [O] mundo do ano 2000 já chegou, com as decisões que tomamos agora, na forma como desenhamos o nosso ambiente e assim rascunhamos as linhas limítrofes, o futuro está comprometido... O futuro não é um salto sobre nossas cabeças para o longe; ele começa no presente.[25]

Em *Etapas do desenvolvimento econômico* de Rostow, a evolução por que passava o capitalismo foi apresentada como um processo sem sujeito. Mesmo que a origem de cada nação fosse diferente, seus caminhos de desenvolvimento depois da decolagem se tornariam cada vez mais idênticos. Da mesma forma que esse determinismo econômico explicava a história da modernidade, a Comissão Bell argumentava que a inovação tecnológica tornara-se a força impessoal que moveria a humanidade rumo ao futuro. Assim como em estágios anteriores de crescimento, as pessoas eram espectadoras de um movimento evolutivo fora de seus controles. Bell e seus colegas haviam feito uma modificação crucial na teoria canônica de Rostow. Em suas versões futuristas, o processo de modernidade tinha agora um objeto claramente visível como sujeito: a máquina. No lugar de humanos que decidiam seus próprios destinos, as novas tecnologias determinavam o que viria a acontecer. O fetichismo da mercadoria havia inspirado a profecia de ficção-científica social. Até o ano

2000, no máximo, a auto-expansão do capital fixo teria recriado a humanidade em sua própria imagem tecnológica de ponta.

O passo final da construção da Comissão Bell de um novo futuro imaginário estava em inventar uma utopia social pós-fordista para o império estadunidense. A Esquerda da Guerra Fria exigia uma reposição de terceira via para o prognóstico de Marx da libertação proletária. Felizmente, para a Comissão Bell, eles foram capazes de achar o que procuravam exatamente no livro de Marshall McLuhan, *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Assim como Marx, esse profeta também previu que o próximo estágio da modernidade varreria para longe as manifestações mais desagradáveis do capitalismo: rivalidades nacionais, exploração industrial e alienação social. Assim como no comunismo do proletariado, paz, prosperidade e harmonia reinariam na aldeia global. O que fez McLuhan tão mais atrativo do que Marx para a Esquerda da Guerra Fria foi que a mensagem desse oráculo era o determinismo tecnológico. Em confirmação à perspicácia da Comissão Bell, ele descartou o papel de decisão do ser humano dentro da evolução social. O fetichismo tecnológico elevara a máquina a sujeito da história. Para os propósitos da Esquerda da Guerra Fria, a profecia de McLuhan – especialmente despida de seus *caveats*[NT2] – era perfeita. De uma só vez, prometia todas as recompensas do socialismo sem nenhum dos perigos do ativismo da classe trabalhadora. Melhor ainda, essa revelação celebrava os anos 1960 nos Estados Unidos como o protótipo do futuro imaginário da sociedade da informação no presente. A Comissão Bell completou com sucesso sua missão de encontrar uma alternativa crível para a visão do comunismo de Marx. O império estadunidense possuía agora sua própria ideologia futurista: o mcluhanismo.

Ao seguir as pistas de *Os meios de comunicação como extensões do homem*, a Comissão Bell identificou as três tecnologias-chave que determinariam o futuro da humanidade: computação, mídia e

telecomunicações. Em sua lista de 100 invenções do ano 2000, Kahn e seus colegas previram que descobertas incríveis seriam feitas por todas as disciplinas das ciências naturais. Ainda assim, ao mesmo tempo, os gurus do Instituto Hudson foram convencidos de que somente as tecnologias de informação poderiam agir como demiurgos da nova ordem social. A priorização ideológica dessas máquinas específicas foi um fenômeno novo. Por mais de uma década, ao lado de foguetes espaciais e usinas atômicas, os computadores foram promovidos ao público em geral como uma das tecnologias icônicas da modernidade. Desde as conferências Macy, a cibernética provia o paradigma teórico para pesquisa acadêmica multidisciplinar. Inspirado por von Neumann e Shannon, cientistas universitários e corporativos haviam há muito tempo antecipado o advento da inteligência artificial. Porém, até a metade dos anos 1960, os gurus da computação focaram a atenção pública na possibilidade de substituir os seres humanos falhos por robôs escravos. Agora, pela primeira vez em um relatório do governo estadunidense, Kahn e Wiener afirmavam que o impacto primário dos avanços das tecnologias de informação agiria na transformação de toda a sociedade. Ao invés de fazer solitários superseres, o novo objetivo seria construir uma utopia coletiva. O futuro imaginário da inteligência artificial metamorfoseara-se no futuro imaginário da sociedade da informação.

Inspirada pelas antecipações de McLuhan do poder transformador da Rede, a Comissão Bell reverenciava o papel divino das tecnologias cibernéticas. Em sua opinião, o impacto total da mídia eletrônica sobre a humanidade apenas seria sentido no momento em que a televisão se fundisse com a computação e as telecomunicações. Ao acreditarem que a síntese desses três tipos de máquinas tornara-se o sujeito da história, exaltaram todo avanço da tecnologia da informação como mais um passo para a sociedade da informação. A Esquerda da Guerra Fria estava agora convencida de que – à medida em que o

processo de convergência era implementado – a humanidade moviase para seu destino utópico: a Rede. Assim como muitos de seus pares na elite estadunidense, a maior parte das pessoas da Comissão Bell nunca duvidou que os computadores um dia evoluiriam para seres conscientes.[26] Porém, ao contrário de Simon e Minsky, seus membros eram muito mais pessimistas sobre o tempo necessário para atingir esse milagre tecnológico. Notadamente Kahn e seus colegas excluíram o advento da "verdadeira" inteligência artificial de sua lista das 100 invenções mais prováveis até o ano 2000.[27] Ao relegar a criação do cérebro eletrônico a uma aspiração de longo prazo, a Comissão Bell enfatizava, em seu lugar, qual o caminho mcluhanista para o desenvolvimento das tecnologias da informação: a comunicação mediada por computadores. De acordo com os gurus da inteligência artificial, a máquina substituiria o indivíduo. Movendo-se além nessa profecia, a Comissão Bell afirmava que a máquina agora possuía um novo – e mais importante – objetivo: o remodelamento do sistema social. O fetichismo tecnológico criava uma civilização ciborgue.

Em 1966, três anos antes dos cientistas da Ucla, do Instituto de Pesquisa de Stanford, da UCSB e da Universidade de Utah conectarem seus primeiros quatro servidores entre si, a Comissão Bell convenceu-se de que a chegada da utopia da Rede era iminente.[28] Com confiança previram que a maioria dos estadunidenses teria acesso aos bancos de dados *on-line*, lojas e bibliotecas dentro da década seguinte.[29] Esse avanço tecnológico não somente transformaria radicalmente o local de trabalho, mas também teria profundos efeitos culturais e sociais. No lugar da mídia de massa homogeneizada, as pessoas seriam informadas e entretidas por "jornais eletrônicos" que seriam costurados de acordo com suas preferências pessoais. Ao invés da educação ficar confinada dentro das escolas e universidades, os indivíduos aumentariam seu conhecimento com cursos *on-line*. Do mesmo modo como escolhem líderes políticos nas eleições, cidadãos estariam aptos a expressar suas

opiniões por meio de "referendos instantâneos" que aconteceriam na Rede.[30] Justamente como McLuhan previra, as limitações do industrialismo estavam prestes a serem superadas pelas maravilhosas tecnologias da sociedade da informação. Melhor ainda, assim como Bell enfatizou em seu sumário presidencial sobre os achados da comissão, os Estados Unidos dos anos 1960 já entravam nesse futuro pós-capitalista. "Honestamente, domesticamente os Estados Unidos estão se tornando uma sociedade *comunal* ao invés de uma *contratual*."[31]

Uma década antes, esse mestre pensador da Esquerda da Guerra Fria havia anunciado que a era das utopias sociais havia acabado. A política moderna seria sobre como melhorar o capitalismo e não destroná-lo. Subitamente, em meados dos anos 1960, Bell começou a pregar o que ele apenas recentemente denunciava. O cético entendedor do fim da ideologia tornava-se o profeta confiante da sociedade da informação pós-fordista. Ao invés de ocultar os ideais libertários da Revolução de 1776, Bell agora predizia que a Rede reconheceria suas demandas mais radicais: democracia participativa, iluminismo universal e liberdade de imprensa. Ao abraçar o mcluhanismo, ele retornou ao utopismo de sua juventude trotskista em uma nova forma de tecnologia de ponta. Assim que todos estivessem *on-line,* grandes burocracias perderiam sua potência. Comunidades em rede tomariam seu lugar e tornariam-se a forma pré-eminente de organização social. Em 1964, em ressonância com Wiener e Vonnegut, os autores socialistas de *O manifesto da tripla revolução* avisaram à administração de Johnson que a "cibernação" (*cibernation*) da economia estadunidense estava devagar, porém progredindo para a destruição das fundações do acordo keynesiano: abundância de empregos em fábricas com salários altos. A Esquerda estadunidense precisava de soluções radicais para enfrentar os novos problemas da época pós-fordista. Políticas de terceira via não conseguiam mais prevenir as crises ameaçadoras do desemprego em massa e da

exclusão social.[32] Longe de esparramar desdenho sobre o que uma vez ele teria caracterizado como marxismo apocalíptico, a resposta de Bell foi burlar essa análise da Esquerda. Enquanto *O manifesto da tripla revolução* argumentava a favor de medidas reformistas sensatas – como uma renda mínima para todos os cidadãos – esse guru do Centro Vital proclamou a chegada iminente da revolução social toda-transformadora. A humanidade em breve viveria dentro de uma utopia pós-industrial de alta tecnologia: a aldeia global.

Ironicamente, a motivação para a dramática virada teórica de Bell era inteiramente pragmática. Esse líder da Esquerda da Guerra Fria mudou sua postura sobre o milenarismo social em oposição a uma nova – e mais perigosa – atualização do perigo ideológico do Leste. Em 1964, ao mesmo tempo em que a Comissão Bell era estabelecida, a Sociedade Cibernética Estadunidense organizou uma conferência sobre as implicações geopolíticas das novas tecnologias de informação. John F. Ford – o especialista da CIA nessa área – era um palestrante-chave nesse evento. Por alguns anos, esse analista tocava o alarme sobre a "distância cibernética" que se alargava entre as duas superpotências.[33] Apesar de seu começo lento e recursos escassos, os cientistas da computação russos continuamente alcançavam seus rivais estadunidenses. Tanto em equipamentos quanto em programas, suas máquinas começavam a equiparar – e até ultrapassar – a oposição estadunidense. Mais preocupante ainda, em 1956, os russos construíram uma das primeiras redes de computadores totalmente funcionais para prover um sistema de comandos e controle para a defesa aérea de Moscou.[34] No começo dos anos 1960, Ford e seus colegas da CIA convenceram-se de que os Estados Unidos estavam a ponto de serem ultrapassados por sua superpotência rival. Em sua apresentação para a conferência da Sociedade Cibernética Estadunidense, dera um aviso ríspido: cientistas russos estavam agora na linha de frente da pesquisa em comunicações mediadas por

computador. De acordo com Ford, a corrida para inventar a Rede tornaria-se "um novo tipo de competição internacional durante os próximos 15 anos."[35] Os Estados Unidos ignoraram essa perigosa virada de eventos e seus riscos. Uma ação decisiva era necessária para reverter a "distância cibernética" em relação aos russos.

De volta a 1957, os Estados Unidos tiveram um grande contratempo na luta pela propaganda na aldeia global no momento em que seu inimigo da Guerra Fria lançou com sucesso o primeiro satélite no espaço. Determinado a prevenir qualquer repetição dessa humilhação, o governo estadunidense rapidamente estabeleceu a Arpa: Agência de Projetos de Pesquisa Avançados (*Advanced Research Projects Agency*). Sob sua liderança, o talento e os recursos dos Estados Unidos poderiam ser mobilizados para garantir que o inimigo russo não aprontasse nenhuma outra potencialmente vergonhosa descoberta científica.[36] No começo dos anos 1960, assim que a CIA alertou o governo estadunidense para o perigo de chegar atrás de seu rival na corrida para a construção da Internet, foi dada à Arpa a responsabilidade de entrar na linha de frente dessa nova batalha tecnológica da Guerra Fria. Aglutinadora dos melhores cientistas da área, a agência criou, coordenou e financiou um programa ambicioso de pesquisa em comunicação mediada por computador. Dessa vez os Estados Unidos venceriam a corrida da tecnologia de ponta.[37]

Na conferência de 1964 da Sociedade Cibernética Estadunidense, Ford enfatizou que a competição para inventar a Internet era muito mais do que um teste de virilidade científica. Os russos estavam não somente à frente na corrida para o desenvolvimento de novas tecnologias, mas também, mais importante ainda, na competição para decidir qual lado era o mais avançado sistema social. Ford informou à sua audiência estadunidense que seus rivais estavam convencidos de que a "cibernética... [é] uma ciência... que regula... a construção do comunismo".[38] Armados com esse conhecimento,

os russos acreditaram que a Internet proveria a infra-estrutura tecnológica para uma utopia pós-stalinista. Ao identificar-se com essa cornucópia de alta tecnologia, a superpotência inimiga dos Estados Unidos esperava atingir uma vitória decisiva na propaganda global da guerra. Comunismo, e não fordismo, seria o protótipo do futuro cibernético.[39] A Arpa já estava engajada na tarefa de tomar a liderança tecnológica na comunicação mediada por computador. A missão prioritária da Comissão Bell era contrariar o aspecto ideológico desse novo perigo à força suave dos Estados Unidos. A construção da Internet deveria ser dissociada da emergência de uma forma cibernética de comunismo. Os Estados Unidos deveriam possuir o futuro.

Uma década antes, os Estados Unidos haviam gozado do monopólio sobre a cibernética. Na Rússia, a mídia e a academia desdenharam da metateoria do inimigo da Guerra Fria. Wiener foi denunciado como o filósofo do imperialismo estadunidense e do capitalismo corporativo.[40] Contudo, depois da morte de Stalin em 1953, essa condenação foi rapidamente substituída por admiração. Nikita Khrushchev – o novo líder da Rússia – aos poucos começou a abrir o sistema totalitário. Liderados por Axel Berg, um grupo de reformistas dentro do Partido Comunista chegou à conclusão de que a cibernética provia uma moldura metafórica soberba para falar sobre assuntos formalmente considerados tabus como economia, genética, psicologia e sociologia. À medida que Khrushchev relaxava os controles ideológicos, os intelectuais russos aplicavam sua nova teoria mestra por entre as disciplinas acadêmicas. Assim como o marxismo, a cibernética também era uma metodologia materialista.[41] Para os reformistas comunistas, Wiener era muito mais do que o defensor científico da liberdade acadêmica. Aclamada como a filosofia da era dos computadores, a cibernética tornou-se a justificativa teórica de seus progressistas programas político e econômico. Wiener era agora

celebrado como um intelectual engajado que corajosamente criticara o militarismo estadunidense e a exploração de classe.[42] Ao visitar Moscou em 1960, o fundador da cibernética foi tratado com uma estrela de rock. Com apelo aos melhores instintos de seus anfitriões comunistas reformistas, Wiener enfatizava a mensagem democrática de sua teoria mestra. Retroalimentação positiva seria o antídoto à má gestão burocrática dos dois lados da Guerra Fria. Marginalizado em casa, Wiener tornou-se um herói na Rússia.[43]

Desde as conferências Macy, a nova teoria da cibernética fora identificada com a nova tecnologia da computação. Por conta dessa conexão, argumentou-se que a descoberta da retroalimentação e da informação seriam presságios de mudanças revolucionárias dentro da sociedade. No entanto, em ambas as superpotências, as instituições conservadoras dos militares dominavam a indústria da computação. Felizmente, assim como seus pares estadunidenses, os gerentes russos também descobriram no começo dos anos 1950 que os computadores de guerra possuíam muitas aplicações pacíficas. Assim como as corporações privadas, as indústrias nacionalizadas também se beneficiaram da mecanização do trabalho administrativo.[44] Ainda assim, apesar de trabalharem dentro de hierarquias burocráticas semelhantes, os gurus da cibernética russa apresentavam um conceito muito diferente do futuro imaginário da computação comparado àquele de seus pares estadunidenses. Ao contrário de von Neumann, Simon e Minsky, eles dispensaram a inteligência artificial como uma fantasia de ficção científica.[45] Suas pesquisas focavam em fazer uma sociedade maquínica parecer mais humana ao invés de criar uma máquina parecida com o ser humano. Para o grupo de cibernética de Berg, o computador era o salvador tecnológico de ponta das aspirações frustradas da Revolução Russa de 1917.

No final dos anos 1950, os membros-líderes da elite comunista entenderam que seus métodos testados e confiáveis de gestão

hierárquica perdiam a eficácia. A taxa de nascimento diminuía. O padrão de vida ainda estava baixo. O descontentamento dos trabalhadores no Leste Europeu era um presságio do que poderia acontecer em casa se a economia russa não entregasse os bens de consumo.[46] Ironicamente, os maiores obstáculos para a mudança do sistema totalitário eram suas impressionantes conquistas. Durante os anos 1930 e 1940, o regime stalinista obteve sucesso em não somente organizar o lançamento da industrialização, mas também em derrotar a Alemanha nazista. Ao abandonar a estratégia de economia mista de Bukharin, o Estado totalitário concentrou a propriedade de quase todo o capital existente sob seu próprio controle. Por ignorar o modelo de retroalimentação de *O capital, volume 2*, os planejadores de Stalin conceberam a economia nacional como uma grande fábrica fordista.[47] Ao dissociarem-se de seus predecessores social-democratas e sua confiança em incentivos financeiros, deram ordens diretas até o fim da cadeia de comandos, aos gerentes de toda e qualquer firma e fazenda na Rússia. Projeções de produção foram estabelecidas de cima para baixo – e aqueles que falhassem em alcançá-las arriscavam serem presos, ou coisa pior.[48] Em 1951, no auge de seu poder, Stalin exultou que o planejamento central garantia o rápido e ininterrupto crescimento da economia russa. Como prova de sua superioridade histórica sobre o capitalismo de mercado, a gestão de Estado aboliu o ciclo de inchaço-e-estouro. O comunismo totalitário era a rota mais rápida até o comunismo proletário. "A... lei básica do socialismo... [é] a satisfação máxima da constante e crescente requisição de material e cultura por toda a sociedade através da contínua expansão e perfeição da produção socialista com base em técnicas superiores."[49]

Durante os anos 1930, o planejamento stalinista foi muito admirado por ter emancipado o sistema industrial de seu passado *laissez-faire*. Como Marx explicou, a competição de mercado era um método caótico e perdulário de regular a economia moderna. De acordo com

os promotores do stalinismo, quando uma sociedade capitalista fosse reorganizada numa nação-fábrica, esses problemas desapareceriam. Ao aplicar os preceitos de Lênin e Taylor, os gerentes científicos sabiam como otimizar a produção de bens e serviços. Infelizmente para seus admiradores, essa teoria stalinista não condizia com a experiência russa. A economia planejada era tão movida pela crise quanto a economia de mercado. Assim como os preços, projeções também criavam ciclos de inchaço-e-estouro. A falta de serviços e bens vitais veio casada a outros excessos. A corrida para atingir um objetivo econômico negligenciou outras necessidades igualmente importantes.[50] A essa falha de gerenciamento do local de trabalho foi adicionada a instabilidade estrutural dentro de uma economia nacional. Fundado para modernizar a sociedade agrária, o planejamento stalinista foi desenhado para priorizar investimentos em indústrias pesadas ao invés de elevar o padrão de vida. No momento em que o plano de projeções foi estabelecido, o Estado totalitário esforçou-se para limitar qualquer melhoria nas condições salariais dos trabalhadores e benefícios para os camponeses. A superprodução de bens industriais estava dependente da subprodução de bens de consumo.[51] Sob o stalinismo, o sistema de fábrica foi impedido de evoluir até a sociedade afluente: Ford sem fordismo.

Para os reformistas comunistas do final dos anos 1950, essa crescente crise foi uma oportunidade. Caso a elite stalinista quisesse continuar no poder, deveria abandonar o planejamento stalinista. As tarefas de acumulação primitiva já haviam sido amplamente alcançadas. A Rússia era agora uma nação industrial avançada que já movia-se para o próximo estágio de crescimento. Assim como Hobson, Kalecki e Keynes apontaram, elevar padrões de vida era o método mais efetivo de assegurar a expansão ininterrupta dessa economia fordista mais avançada. Os trabalhadores devem tornar-se consumidores. De acordo com os reformistas comunistas, o

planejamento stalinista era estruturalmente incapaz de levar adiante essa tarefa essencial. Projeções decididas arbitrariamente de cima-para-baixo bloquearam toda a retroalimentação oriunda das bases. Sobras e deficiências foram os inevitáveis resultados.[52] De volta aos anos 1920, Ludwig von Mises – um pai fundador da economia neoliberal – argumentou que as deficiências de planejamento do estado russo provaram que medidas físicas de volume de produção não poderiam ser usadas para decidir sobre os méritos relativos de diferentes bens e serviços. Preços de mercado eram o único método matemático racional de harmonizar as ambições dos produtores com os desejos dos consumidores.[53] Ao procurarem por uma terceira via entre stalinismo totalitário e sua antítese *laissez-faire*, os reformistas comunistas reviveram a estratégia centrista de Bukharin e seus seguidores dos anos 1920. A economia poderia ser descentralizada sem abandonar o monopólio do estado sobre o capital. Preços competitivos motivariam um desenvolvimento mais equilibrado da indústria pesada, dos bens de consumo e dos setores agrícolas. Firmas sob controle do estado não mais gastariam capital e trabalho se seus investimentos tivessem que gerar um nível de lucro mínimo. Crucialmente, o planejamento detalhado desses fluxos financeiros complexos havia se tornado bem mais fácil do que 30 anos antes. O Partido Comunista agora possuía a tecnologia que transformaria o Leste em uma sociedade afluente: o computador.[54]

Assim como Galbraith, esses reformistas cibernéticos também visualizaram a economia nacional como uma máquina programável. Com a correta mistura de incentivos indiretos e ordens diretas, o estado agora era capaz de lidar com a crise estrutural dos dois lados do planejamento stalinista. Preços racionais corrigiram o ciclo motivado pelo inchaço-e-estouro que afligia a maior parte da economia. Retroalimentação de baixo para cima desencorajou altos investimentos em indústria pesada aos custos do setor de bens

de consumo.[55] Inspirado pelo conceito esquerdista de Wiener da cibernética, o grupo de Berg acreditava que a Rússia tinha agora a oportunidade de construir a infra-estrutura tecnológica para o sistema econômico mais sofisticado – e democrático – na história humana. Os computadores seriam colocados em todas as fábricas, escritórios, lojas e instituições educacionais na próxima década. Nessa visão russa da Rede, a retroalimentação de duas vias entre produtores e consumidores calcularia a distribuição correta entre trabalho e recursos que mais eficientemente satisfariam a todas as diferentes necessidades da sociedade. Na Rússia do começo dos anos 1960, assim como na competição de mercado três décadas antes, o taylorismo hierárquico tornava-se um anacronismo. Os computadores e as telecomunicações criavam uma nova forma cibernética de gestão econômica: a "Rede de Informação Unificada".[56]

> Programação matemática assistida por computadores eletrônicos tornou-se o instrumento fundamental do planejamento a longo prazo, assim como a resolução de problemas econômicos dinâmicos de um escopo mais limitado. Aqui, o computador eletrônico não repõe o mercado. Ele preenche tarefas que o mercado nunca foi capaz de fazer.[57]

Desde a Revolução de 1917, o Partido Comunista tirava sua sustentação ideológica de seu auto-proclamado papel de vanguarda do comunismo proletário. Por quatro décadas, visões exuberantes desse futuro imaginário recompensavam a submissão a essa regra opressora no presente. Sob Stalin, os horrores da industrialização forçada eram vendidos à população russa como premonições da terra prometida do socialismo. O sofrimento coletivo era o precursor da prosperidade cooperativa.[58] Ironicamente, foi o bem sucedido término da industrialização primária que colocou um

dilema existencial potencialmente fatal para o Partido Comunista. A disciplina taylorista havia deixado de ser referência enquanto modernidade organizacional. De acordo com os reformistas, o partido dirigente requeria uma nova visão do futuro socialista caso quisesse liderar sob esse novo paradigma. Alcançados os objetivos de Stalin da industrialização da economia russa, a vanguarda deveria mover-se adiante para enfrentar o desafio das tarefas do próximo estágio de sua missão histórica-mundial. Sob sua liderança, os melhores engenheiros e cientistas do país deveriam focar suas energias no protótipo do futuro cibernético. A sociedade fabril russa deveria ser atualizada na Rede de Informação Unificada. Ao substituir Stalin por Wiener, o comunismo burocrático seria capaz de preservar a sua hegemonia ideológica sobre o futuro imaginário do comunismo proletário.

Assim como seus oponentes conservadores, os reformistas viam a si mesmos como os herdeiros por direito da Revolução Russa de 1917. A construção da Rede de Informação Unificada foi a redescoberta da elite gerencial de sua missão histórica-mundial. Em 1961, no 22º Congresso do Partido Comunista, Khrushchev assegurou ao povo russo que a construção do socialismo seria completada durante o tempo de vida da maior parte de sua audiência. Depois de décadas de expurgos, guerras, corrupção e austeridade, a terra prometida estava à vista. Até os anos 1980, no máximo, todos os habitantes da Rússia, da Ásia Central e da Europa Oriental gozariam de todas as maravilhas do comunismo proletário.[59] Como sucessor de Lênin e Stalin, a legitimidade política de Khrushchev foi fundada na credibilidade dessa promessa profética. Por mais de quatro décadas, o Partido Comunista esteve aprisionado na contradição ideológica de sua própria construção. Durante os levantes de 1917, Lênin mostrara sua maestria sobre o movimento revolucionário russo ao identificar-se com as realizações simultâneas de seus – incompatíveis – ideais políticos fundadores: democracia participativa e partido de vanguarda. Em seus discursos e escritos,

esse intelectual marxista celebrava a determinação dos trabalhadores e camponeses russos em tomar responsabilidade por suas próprias vidas. Assim como a Comuna de Paris, as assembléias populares, coletivos de fábricas e comitês de soldados modernizavam as instituições democráticas. Participação em massa era o antídoto revolucionário para o despotismo monárquico.[60] Assim como encorpar as esperanças do futuro industrializado, os experimentos da Revolução de 1917 em auto-gestão foram também a aplicação das tradições igualitárias dos camponeses dentro de um cenário urbano. A partir da metade do século XIX em diante, os radicais russos sonhavam em atiçar um levante rural espontâneo contra o sistema absolutista. Mikhail Bakunin, seu filósofo-mestre, visualizou de antemão que essa insurgência camponesa culminaria na destruição total do estado russo: "anarquia". Uma vez liberadas de controles centrais, as vilas comunas seriam perfeitamente capazes de tratar de seus próprios interesses, assim como trabalharem juntas para alcançar seus objetivos coletivos.[61] Até 1917, essas atitudes anarquistas foram importadas para dentro das cidades. Com uma grande proporção da classe trabalhadora oriunda do campo, os socialistas russos acharam ávidos ouvintes ao argumentarem que encontros em massa deveriam ser usados para gerenciar as fábricas, bem como as vilas. O atraso agrário era – paradoxalmente – mais politicamente avançado do que a modernidade industrial.[62] Na véspera da tomada de poder de seu partido, Lênin prometeu que a Rússia revolucionária construiria a primeira democracia realmente participativa do mundo:

> A partir do momento em que todos os membros da sociedade, ou mesmo apenas uma grande maioria, aprenderem como governar o estado por eles mesmos, tocar os negócios com suas próprias mãos... a partir desse momento a necessidade de qualquer governo começaria a desaparecer.[63]

De volta ao começo da década de 1870, Bakunin provocou a liderança intelectual de Marx no movimento trabalhista internacional. Como premonição ao crescimento do socialismo de estado no próximo século, esse primeiro patriarca do anarquismo denunciou seu rival como o apologista do despotismo industrial. Com vista para a Rússia mais do que para a Inglaterra ao criar o seu modelo revolucionário, Bakunin publicamente posicionou-se como o defensor da rebelião espontânea e da democracia direta.[64] Ainda assim, simultaneamente, esse inimigo da autoridade também era um devoto da política conspiratória. Quando finalmente o povo russo levantou-se contra seus opressores, sua batalha requeria uma direção firme de uma elite auto-eleita: a "ditadura invisível".[65] Nessa hora, a fascinação de Bakunin pelas conspirações revolucionárias fez com que ele perdesse essa batalha com Marx. Ironicamente, também faria dele o profeta não-reconhecido do marxismo corrente, dominante no século XX: Comunismo com *C* maiúsculo. Nos primeiros anos da década de 1900, o conceito de Lênin de partido de vanguarda havia sido inicialmente uma racionalização do sigilo e disciplina exigidas por qualquer organização política para continuar com atividades subversivas sob uma monarquia absolutista.[66] Mas, para a Revolução de 1917, ele fora bem sucedido em sintetizar os dois lados opostos da política de Bakunin em uma única teoria mestra. Lênin havia descoberto que a ditadura era a antecipação da anarquia. O velho programa marxista de democracia parlamentarista e sindicatos de livre comércio era obsoleto. A elite comunista era a representação do futuro imaginário do comunismo proletário no presente.

Em cada momento decisivo de sua história, as facções rivais do partido de Lênin lutavam pela posse dessa missão histórica-mundial. Nos anos 1930 Stalin prevaleceu, e seu programa de industrialização foi declarado como a única rota para o futuro imaginário. Depois da morte do tirano, os reformistas comunistas ganharam a chance de

questionar esse acordo ideológico. Os stalinistas estavam parados no passado industrial. A construção da Rede era a tarefa das emergentes gerações de reformistas da alta tecnologia. A nova vanguarda de comunistas computadorizados com um *C* maiúsculo lideraria a construção de uma forma de comunismo mcluhanista com um *c* minúsculo: *comunismo cibernético*. A partir do final dos anos 1950, o grupo de Berg pregava esse programa reformista dentro dos círculos internos da elite russa. Em 1961, em seu 22º Congresso, o Partido Comunista formalmente adotou o objetivo de espalhar os benefícios da informatização sobre toda a economia. Dentro de duas décadas, assim como prometeu Khrushchev em seu discurso de líder, o povo russo viveria no paraíso pós-industrial do comunismo cibernético. Essa aprovação não-oficial de Moscou encorajou outros movimentos reformistas na Europa Oriental. Em 1967, a nova liderança do Partido Comunista da Tchecoslováquia estabeleceu um grupo multidisciplinar de especialistas para prover um esquema teórico para a sua decisão de quebrar com o passado stalinista. Com o apropriado título de *Economia socialista e revolução tecnológica*, Radovan Richta e sua equipe produziram o manifesto marxista-mcluhanista campeão de vendas da Primavera de Praga de 1968.[67] Eles explicaram que as ordens de cima para baixo e as projeções arbitrárias foram necessárias para a gestão do proletariado semi-educado da fábrica, mas, com a disseminação da computadorização, esses controles tayloristas perderiam sua efetividade. A estrutura social da economia já mudava rapidamente. Técnicos e cientistas eram os precursores de uma nova classe trabalhista: habilidosa, educada e informada.[68] Se esses proletários pós-industriais fossem de fato trabalhar dentro da economia do conhecimento emergente, o Partido Comunista teria que perder seu monopólio político. A retroalimentação de duas vias era incompatível com a censura e a intimidação. A gestão hierárquica deveria ser suplementada pela participação do trabalhador.[69]

Absolvido de seus crimes stalinistas, o partido leninista poderia agora ser reconectado com os ideais libertários da Revolução Russa. Os conselhos de trabalhadores e as comunas camponesas eram premonições da utopia participativa computadorizada por vir. Ao abraçar o relatório Richta entusiasticamente, o Partido Comunista da Tchecoslováquia dedicou-se a realizar a nova utopia: *o futuro imaginário do comunismo cibernético.*

> Devido à sua lógica interna, as revoluções científicas e tecnológicas apontam para a possibilidade de sobreposição da velha divisão industrial do trabalho, assim como substituí-la por uma organização consciente de cooperação humana, em que... a divisão entre as forças intelectuais de produção e trabalho, entre o trabalho físico e mental, desaparece – em que, em resumo, um e todos podem se afirmar por meio da atividade criativa, em qualquer forma que se assuma.[70]

Notas:

1. Ver Susan Buck-Morss, *Dreamworld and catastrophe*, páginas 2, 3, 9.

2. Ver Karl Marx e Friedrich Engels, *O manifesto comunista*, páginas 12, 34.

3. Ver Karl Marx, *O capital, volume 3*, páginas 567, 573; e Friedrich Engels, *Socialism: scientific and utopian*, páginas 74, 101.

4. Ver Friedrich Engels, *The prussian military question and the german workers' party*.

5. Ver Marx, *O capital, volume 1*, páginas 389, 416; *Grundrisse*, páginas 707, 711.

6. Ver Marx, *O capital, volume 1*, página 929.

7. Ver Karl Marx, *Letter to Nicolai Danielson; Speech to the hague conference*, página 322; e Friedrich Engels, *Letter to Eduard Bernstein.*

8. Ver W.W. Rostow, *The process of economic growth*, páginas 328, 331.

9. Ver Karl Marx e Friedrich Engels, *The german ideology*, páginas 51, 54; e Karl Marx, *Critique of Hegel's philosophy of right*, páginas 5, 19. Também Ver Richard Hunt, *The political ideas of Marx and Engels, volume 1* páginas 171, 175.

10. Ver Marx, *Critique of Hegel's philosophy of right*, páginas 54, 127; *The Civil War in France*, páginas 37-48. Também Ver Hunt, *Marx and Engels, volume 2*, páginas 212, 265.

11. Ver Marx, *O capital, volume 3*, páginas 511, 514.

12. Ver Karl Marx, *Debates on freedom of the press*; *Critique of the Gotha programme*, páginas 354-357; e Friedrich Engels, *Socialism: scientific and utopian*, páginas 90, 94.

13. Para a inspiração republicana desse slogan revolucionário, ver Hunt, *Marx and Engels, volume 1*, páginas 284-336.

14. Ver Karl Marx, *On the Jewish question*, páginas 216-218; e Friedrich Engels, *The origins of the family, private property and the state*, páginas 194,195. Ver também Alexis de Tocqueville, *Democracy in America, volume 1*, páginas 61-101, 206-263; *Democracy in America, volume 2*, páginas 99-132.

15. Constituição Estadunidense**,** *The Bill of rights*. Ver também Marx, *Civil war*, páginas 30-37.

16. Ver Marx, *Civil war*, páginas 40-41; e Friedrich Engels, *The civil war in France – Introduction*, páginas 17-18.

17. Marx, *Civil war*, página 43.

18. Ver Howard Zinn, *A people's history of the United States*, páginas 211-295, 321-357, 377-406.

19. Ver Seymour Martin Lipset, *American exceptionalism*; e Seymour Martin Lipset e Gary Marks, *It didn't happen here*.

20. Ver W.W. Rostow, *The national style*, páginas 272-295.

21. Para a história passada do projeto, ver Daniel Bell, *Towards the year 2000*, página 113.

22. Para os membros da Comissão Bell, Ver *Towards the Year 2000*, páginas 382-386.

23. Kahn atingiu a notoriedade primeiramente nos anos 1950 por seu trabalho na agência de inteligência da força aérea estadunidense Rand, onde afirmava que os Estados Unidos poderiam vencer uma guerra nuclear contra a Rússia. Ver Herman Kahn, *On thermonuclear war*.

24. Ver Bell, *Towards the year 2000*, páginas 79-84; Herbert Kahn e Anthony Wiener, *The year 2000*, páginas 66-117.

25. Bell, *Towards the year 2000*, página 1.

26. Ver Herbert Kahn e Anthony Wiener, *The year 2000*, páginas 52, 91-94; e Bell, *Towards the year 2000*, páginas 31, 80, 308, 353.

27. Ver Herbert Kahn e Anthony Wiener, *The year 2000*, página 55.

28. O cerne original da Internet nasceu em setembro de 1969. Ver Janet Abbate, *Inventing the internet*, páginas 56-64; Arthur Norberg, Jody O'Neill e Kerry Freedman, *Transforming computer technology*, páginas 171-172.

29. Ver Bell, *Towards the year 2000*, página 4; Herbert Kahn e Anthony Wiener, *The year 2000*, página 83.

30. Ver Bell, *Towards the year 2000*, páginas 52, 145, 260-262, 303-304, 352.

31. Bell, *Towards the Year 2000*, páginas 303-304.

32. Ver Triple Revolution, *Manifesto of the triple revolution*.

33. Ver John F. Ford, *Soviet cybernetics and international development*, páginas 185-190. A frase de Ford "distância cibernética" ecoou as falsas afirmativas de Kennedy sobre uma crescente "distância de mísseis" entre os Estados Unidos e a Rússia durante as eleições presidenciais estadunidenses de 1960. Ver Robert Dallek, *John F. Kennedy*, páginas 288-290.

34. Ver Igor Apokin, *The development of electronic computers in the USSR*; e V.P. Shirikov, *Scientific computer networks in the Soviet Union*, páginas 168-169.

35. Ford, *Soviet cybernetics and international development*, página 189.

36. Ver Norberg, O'Neill e Freedman, *Transforming computer technology*, página 123.

37. Ver Abbate, *Inventing the internet*, páginas 76-81; Norberg, O'Neill e Freedman, *Transforming computer technology*, páginas 24-118, 153-196.

38 Ver Ford, *Soviet cybernetics and international development*, páginas 166-167.

39. Ver Ford, *Soviet cybernetics and international development* páginas 171-190; e Maxim Mikulak, *Cybernetics and marxismleninism*, páginas 137-140, 153-154.

40. Ver Arnost Kolman, *The adventure of cybernetics in the Soviet Union*; Slava Gerovitch, *From newspeak to cyberspeak*, páginas 115-131.

41. Ver D.A. Pospelov, *The establishment of "informatics" in Russia*, páginas 231-249; Gotthard Günther, *Cybernetics and the dialectical materialism of Marx and Lenin*; e Gerovitch, *From newspeak to cyberspeak*, páginas 200-214, 253-264.

42. Ver Arnost Kolman, *What is cybernetics?* e Gerovitch, *From newspeak to cyberspeak*, páginas 154-251.

43. Ver Flo Conway e Jim Siegelman, *Dark hero of the information age*, páginas 315-316.

44. Ver Igor Apokin, *The development of electronic computers in the USSR*; A.Y. Nitussov e B.N. Malinovsky, *Economic changes in the sixties and the internationalisation of soviet computing*, páginas 163-164.

45. Ver Arnost Kolman, *What is cybernetics?*, páginas 141-142; Loren Grahem, *Science, Philosophy and human behaviour in the Soviet Union*, páginas 277-280.

46. Ver Stanislaw Gomulka, *Growth, innovation and reform in Eastern Europe*, páginas 93-149; Moshe Lewin, *Political undercurrents in soviet economic debates*, páginas 127-188.

47. Ver Lewin, *Political undercurrents in soviet economic debates*, páginas 97-124; Stephen Kotkin, *Magnetic mountain*, páginas 355-366.

48. Para a militarização de Stalin da burocracia de Estado russa, ver Peter Holquist, *State violence as technique.*

49. Ver Joseph Stalin, *Economic problems of socialism in the USSR*, página 45.

50. Para uma visão trabalhista das falhas deste sistema fabril, ver Miklós Haraszti, *Worker in a worker's state*.

51. Ver Jacek Kuron e Karol Modzelewski, *Open letter to the polish united workers party*, páginas 18-51.

52. Ver Lewin, *Political undercurrents in soviet economic debates*, páginas 127-157.

53. Ver Ludwig von Mises, *Planned chaos*. O texto fundador da teoria de jogos forneceu a confirmação matemática dessa assertiva teórica: John von Neumann e Oskar Morgenstern, *Theory of games and economic behaviour*.

54. Ver Leonid Kantorovich, *My journey in science*, páginas 27-38; Lewin, *Political undercurrents in soviet economic debates*, páginas 158-188; e A.Y. Nitussov, *Leonid Vitalyevich Kantorovich*.

55. Ver D.A. Pospelov, *The establishment of "Informatics" in Russia*, páginas 243-253; e Lewin, *Political undercurrents in soviet economic debates*, páginas 158-188.

56. Ver B.N. Malinovsky, *Viktor Mikhaylovich Glushkov*, páginas 141-145; e Gerovitch, *From newspeak to cyberspeak*, páginas 253-279.

57. Ver Oskar Lange, *The computer and the market*, página 161. Lange foi um economista polonês que trabalhou com o movimento cibernético russo.

58. Para o projeto cultural do stalinismo, ver Jeffrey Brooks, *Thank you, Comrade Stalin!,* e Stephen Kotkin, *Magnetic mountain*.

59. Ver Nikita Khrushchev, *Report on the programme of the communist party of the Soviet Union*, páginas 22-23.

60. Ver V.I. Lenin, *State and revolution*, páginas 37-40, 67-79; e Oskar Anweiler, *The soviets*, páginas 144-207.

61. Ver Mikhail Bakunin, *The programme of the slav section*; Franco Venturi, *Roots of revolution*, páginas 36-62, 429-506; Aileen Kelly, *Mikhail Bakunin*, páginas 151-226.

62. Ver Jacques Camatte, *Community and communism in Russia*; Oskar Anweiler, *The soviets*, páginas 20-143; Franco Venturi, *Roots of revolution*, páginas 507-557.

63. Ver Lenin, *State and revolution*, páginas 78-79.

64. Ver Mikhail Bakunin, *On Marx and marxism*; e Kelly, *Mikhail Bakunin*, páginas 151-226.

65. Ver Mikhail Bakunin, *Letter to Albert Richard*; Franco Venturi, *Roots of revolution*, páginas 354-388; Kelly, *Mikhail Bakunin*, páginas 227-288.

66. Ver V.I. Lenin, *What is to be done?* e Marcel Liebman, *Leninism under Lenin*, páginas 25-96.

67. Para a declaração dos membros e missão desse grupo reformista, ver Radovan Richta, *Economia socialista e revolução tecnológica*, páginas X-XX. Também ver Z.A.B. Zeman, *Prague spring*, páginas 87-90.

68. Ver Richta, *Crossroads*, páginas 11-24.

69. Ver Richta, *Crossroads*, páginas 177-251.

70. Ver Richta, *Crossroads*, página 98.

NT 1 – Wobblies – Em 1905, representantes de 43 grupos diferentes juntaram-se sob o nome de Trabalhadores Industriais do Mundo (em inglês Industrial Workers of the World ou IWW) para a formação de uma organização em oposição à Federação Estadunidense de Trabalho (American Federation of Labour). O grupo dividiu-se dramaticamente a partir de 1924 por conflitos externos e repressão por parte do governo. Atualmente possui aproximadamente 2000 membros, em sua maior parte nos Estados Unidos, Austrália, Canadá, Irlanda e Inglaterra. O site oficial do IWW é o < http://www.iww.org/pt >. Mais informações podem ser encontradas aqui < http://www.marxists.org/history/usa/unions/iww/ > e aqui um dicionário de termos usados no começo da organização < http://en.wikipedia.org/wiki/Wobbly_lingo >. Acesso em fevereiro de 2008.

NT 2 – Caveat – Termo muito usado pelo sistema jurídico de lei civil e designa um ato processual. Significa também aviso, advertência, um conselho para que haja cautela. Do latim "cavere" – tomar cuidado, acautelar-se, precaver-se.



11

A ESTRADA ESTADUNIDENSE PARA A ALDEIA GLOBAL

DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO, a CIA observou com crescente preocupação a ascendência dos reformistas pós-industriais do Leste ao poder. Incorporada a análise de seu oponente, John F. Ford argumentou que a corrida tecnológica para desenvolver a Internet havia se tornado a batalha-chave que decidiria se os Estados Unidos ou a Rússia liderariam a humanidade à sociedade da informação. A superpotência que fosse dona desse futuro imaginário teria hegemonia sobre todo o planeta. Em resposta aos relatórios da CIA, a administração Kennedy ordenou que a Arpa entrasse na batalha contra o inimigo comunista cibernético. Em 1962, o líder da agência recrutou o mais inteligente entre os melhores para essa missão vital: J.C.R. Licklider. Durante os anos 1950, esse psicólogo-matemático participou das conferências Macy e mais tarde trabalhou com a equipe do MIT para construir o sistema de controle em rede do esquema de mísseis de defesa Sage. Somado às suas credenciais keynesianas, ele em seguida transferira seu conhecimento para o setor privado como vice-presidente da companhia de computação de ponta BBN. Ao ser indicado como diretor de pesquisa da Arpa

para a Internet, Licklider foi o exemplo de intelectual da terceira via: guerreiro-acadêmico-empreendedor-burocrata.[1]

O governo dos Estados Unidos estabeleceu o objetivo principal da sua missão: os Estados Unidos deveriam inventar a Internet primeiro. Foi trabalho de Licklider certificar-se de que os russos perderiam a corrida tecnológica dessa vez. Munido com dinheiro de impostos, ele procurou o pequeno bando de cientistas da computação com especialização nessa área. Ambas as superpotências haviam construído sistemas de controle e comandos militares especializados, mas nenhum dos lados tentara algo tão ambicioso e complexo como a construção da Rede de Informação Unificada. Assim que, em 1960, Paul Baran trouxe à tona a proposta de escrever um programa que permitiria que pessoas de diferentes localidades utilizassem o "tempo-compartilhado" de *mainframes*, seus chefes na agência de inteligência Rand eram obviamente bastante céticos. De acordo com a sua tese, uma rede de computadores caros e fragmentados proveria uma infra-estrutura de comunicação mais robusta do que as já existentes no pós-guerra nuclear, feitos de dispositivos baratos e confiáveis. Ainda assim, depois de alguns poucos anos, o Centro de Pesquisa da Força Aérea Estadunidense tinha como prioridade o trabalho nesse projeto improvável.[2] Com uma generosa contribuição financeira da Arpa, Baran e seus colegas tiveram um papel de destaque no desenvolvimento de um novo método de transmitir dados entre computadores através de linhas telefônicas: a troca de pacotes – o protocolo *packet-switching*. Ultrapassando a oposição russa, eles ajudaram a criar uma interface universal que permitiu com que todos os modelos de máquinas se comunicassem. No momento em que os servidores da Ucla, do Instituto de Pesquisa de Stanford, da UCSB e da Universidade de Utah foram conectados em 1969, o programa da equipe da Rand forneceu a arquitetura técnica – apropriadamente nomeada – para a primeira interação da rede: Arpanet.[3]

Desde o início, Licklider estava bem ciente de que o propósito principal de seu projeto não era investigar o potencial militar das aplicações para *mainframes* de tempo-compartilhado. Na proposta para financiamento de Baran, sua pesquisa era justificada como uma medida de eficiência que permitiria com que os laboratórios da Arpa compartilhassem os recursos de seus computadores. A médio prazo, havia a promessa de que o protocolo de troca de pacotes otimizaria a confiabilidade das comunicações no campo de batalha.[4] Contudo, para Licklider, essa justificativa militar era tão somente uma forma de alcançar um objetivo final. De volta ao final dos anos 1950, a Força Aérea Estadunidense financiara o estudo psicológico dos funcionários que operavam o sistema Sage de controle de mísseis. Dessa pioneira pesquisa da interação humano-computador, concluiu que o *mainframe* era muito mais do que uma máquina de calcular. Entre seus pares, Licklider logo se tornou conhecido por suas premonições sobre a Internet. Assim como seus correlatos na Rússia, ele acreditava que a fusão de computação, mídia e telecomunicações era iminente.[5] Ao tornar-se diretor da Arpa, Licklider teve a chance de realizar suas próprias premonições. Com dinheiro desviado do orçamento da defesa estadunidense, ele se preparou para realizar seu sonho de construir um sistema de comunicações mediado por computador e acessível a todos: a "rede intergaláctica".[6]

Altamente influenciado por seu colega Wiener, do MIT, a visão de Licklider sobre o futuro com fios parecia-se muito com aquela dos russos proponentes do comunismo cibernético. Esse diretor da Arpa estava convencido de que – no máximo em uma década – máquinas de escrever seriam transformadas em terminais conectados a uma rede global de *mainframes*. No momento em que todo escritório, fábrica e instituição educacional estivesse ligada à Internet, as pessoas seriam capazes de acessar as informações de um banco de dados *on-line* a despeito de sua localização geográfica. Uma vez que os

consoles computacionais estivessem combinados com transmissão de televisão interativa, os cidadãos começariam a participar diretamente do processo decisório democrático. Por seus terminais, indivíduos formariam comunidades virtuais por afinidade com outras pessoas ao redor do mundo. Acima de tudo, como seu amigo Wiener, Licklider acreditava que a Internet também transformaria radicalmente o local de trabalho. A fábrica e o mercado não seriam mais os métodos mais eficientes e produtivos de gerir a economia. Sobre o sistema de retroalimentação superior da Internet, as pessoas poderiam trabalhar juntas em um patamar muito mais alto de colaboração e inteligência: a "criatividade cooperativa".[7]

Durante sua breve jornada como seu primeiro diretor, Licklider foi bem sucedido em introjetar sua visão social da computação no projeto de pesquisa da Arpa. Como pré-condição de financiamento, ele insistiu que todos os que recebiam bolsas participassem em um experimento computacional de tempo-compartilhado. Desses inicialmente relutantes recrutas, Licklider foi o mentor da comunidade virtual formadora da Internet. Na prática de suas próprias idéias, ele encorajou os cientistas financiados pela Arpa a cooperarem criativamente sobre o sistema tecnológico que construíam. Era esperado dos acadêmicos que construíssem a Internet como sua própria imagem.[8] Para Licklider, o propósito principal da comunicação mediada por um computador era facilitar os métodos de trabalho idiossincráticos da comunidade científica. Ao invés de comercializar informação uns com os outros como a maioria esmagadora dos produtores culturais, acadêmicos colaboravam ao compartilhar conhecimento. Promoção e prestígio dependiam da contribuição de artigos a periódicos, apresentação de teses em conferências e distribuição de resultados para a revisão entre pares.[9] Mesmo que profundamente atreladas às hierarquias do estado e das corporações, ainda assim as universidades estadunidenses privilegiavam essa economia da

dádiva acadêmica. De armas nucleares à tese do fim da ideologia, esse método comunista de conhecimento avançado provou seu valor tanto nas ciências naturais quanto nas sociais. Como um diretor de terceira via da Arpa, Licklider não sentia nenhum mal-estar em trabalhar com o setor privado. Sob um sucessor, a BBN – seu antigo empregador –, recebeu o contrato para prover os computadores e equipamentos para a Arpanet.[10] Porém, ao mesmo tempo, Licklider também nutriu cuidadosamente o cerne não-comercial da Internet. Com o foco na pesquisa pura, a Arpa foi capaz de recrutar cientistas líderes que de outra forma teriam empecilhos morais em trabalhar para os militares estadunidenses.[11] Isolados de pressões e distrações externas, os pesquisadores de Licklider poderiam concentrar todos os seus esforços em sua tarefa principal: inventar a Internet o mais rápido possível.

No começo dos anos 1960, cientistas britânicos do Laboratório de Física Nacional estavam à frente no desenvolvimento do trabalho em rede por computador. Infelizmente para eles, a visão de seu governo trabalhista sobre o "calor quente e branco da revolução tecnológica" era muito mais limitada do que aquela de Licklider. Para essa administração falida, o propósito principal da pesquisa financiada pelo estado era produzir rapidamente aplicações comerciais.[12] Ao contrário, Licklider foi capaz de evitar esse tipo de pensamento a curto prazo. Graças aos militares dos Estados Unidos, possuía o dinheiro para patrocinar a emergência de um espaço social emancipado tanto do mercado quanto da fábrica. Dentro dessa economia da dádiva da alta tecnologia, equipamentos e programas de computadores proprietários eram obstáculos técnicos ao modo mais eficiente de se trabalhar. Compartilhar conhecimento era muito mais produtivo do que comercializar informação. Como as cooperativas descritas por Marx em *O capital*, *volume 3*, os desenvolvedores da Arpanet foram encorajados a se comportarem como comunidades auto-

governantes. As pessoas que construíram a Internet eram aquelas que a coordenavam. Em uma reviravolta irônica, no auge da Guerra Fria, os militares estadunidenses financiavam a invenção do comunismo cibernético.

Em 1966, em seu seminário "O futuro da tecnologia", Licklider apresentou para a Comissão Bell um relatório sobre o progresso do projeto do governo dos Estados Unidos de construir a Internet.[13] Pelo esforço da Arpa, os Estados Unidos agora tomavam a frente na corrida para a construção do futuro cibernético. Enquanto a Rede de Informação Unificada dos russos permanecia no estágio conceitual, os cientistas de Licklider já realizavam testes *beta* com as estruturas tecnológicas e normas sociais da sociedade da informação. A partir de sua própria experiência, a equipe da Arpanet provava que protocolos comuns e a criatividade cooperativa eram as forças motrizes da convergência da mídia, telecomunicações e computação. Depois de ouvir a apresentação de Licklider, não restava dúvidas à Comissão Bell de que a profecia mcluhanista estava prestes a se tornar realidade. Mesmo que as reivindicações do guru canadense de que a televisão já transformava a humanidade fossem exageradas, os resultados preliminares do programa de pesquisa da Arpa demonstravam que a convergência da computação, mídia e telecomunicações seria catalisadora de "mudanças sociológicas importantes".[14] Licklider criara a premonição do futuro imaginário no presente: a democracia *hacker*.

> Enquanto falava com esses exploradores digitais... achei um elemento comum... Era a filosofia do compartilhar, da abertura, da descentralização, e do colocar as mãos em máquinas a todo custo – para melhorar a máquina, para melhorar o mundo. Essa ética *Hacker* é sua dádiva para nós: algo com valor até para aqueles de nós que não têm nenhum interesse em computadores.[15]

Ironicamente, foi à elite russa que faltou a auto-confiança para patrocinar até mesmo um pequeno experimento de comunismo cibernético ao estilo da Arpa. Os reformistas ofereceram o rejuvenescimento da missão histórica-mundial do partido de vanguarda. No entanto, para seus oponentes conservadores, as vantagens de possuírem o futuro imaginário eram de longe vencidas pelo medo que a Internet colocava sobre seus poderes e autoridades. Se as propostas do grupo de Berg fossem levadas a sério, os trabalhadores e camponeses não seriam mais subjugados sob a disciplina taylorista. Ao contrário, eles seriam capazes de organizar suas próprias vidas sob a Rede de Informação Unificada.[16] Mesmo enquanto um movimento oposicionista, a elite comunista equacionou conhecimento com poder. Antes da Revolução de 1917, Lênin havia combinado o papel político de líder do partido com o papel ideológico do editor do jornal. Como Bakunin, ele insistiu que a ditadura de intelectuais tinha a função de direcionar as lutas anarquistas das massas contra a monarquia.

Assim que o partido de Lênin chegou ao poder em outubro de 1917, o primeiro decreto do novo governo foi anunciar sua supremacia ideológica: a reimposição da censura da imprensa.[17] As táticas do submundo justificavam agora o reaparecimento do estado absolutista sob uma nova forma. Na Rússia conservadora, a elite comunista foi a educadora da maioria ignorante e analfabeta. A verdade científica estava em guerra com a "falsa consciência".[18] Como a arma mais poderosa nessa batalha ideológica, o partido de vanguarda possuía a correta interpretação da única teoria que revelava o caminho para a modernidade: o marxismo. Depois da morte de Lênin, a disputa política pela sucessão foi conduzida em público por meio de uma amarga briga sobre seu legado ideológico. Na época em que Trotsky e Bukharin finalmente desapareceram, Stalin silenciou qualquer debate sobre o significado do marxismo na Rússia. A citação de textos aprovados substituiu o estudo dos livros canônicos. O ditador

decidiu pela ortodoxia não somente na política e economia, mas também nas artes e ciências. A força bruta policiava estritamente todas as manifestações de força suave. Nesse mundo paranóico, até mesmo questionar o traço oficial na pintura abstrata ou a biologia genética tornaram-se uma atividade traiçoeira. Sob Stalin, artistas e cientistas eram recompensados não somente por suas habilidades técnicas, mas também por suas lealdades políticas. Ao mesmo tempo admirados e temidos, os intelectuais eram a elite cultural da sociedade fabril russa: os "engenheiros da alma humana".[19]

Após a morte de Stalin, os conservadores comunistas continuaram fiéis aos ensinamentos de seu mestre. Permitir aos intelectuais debater livremente entre eles foi o primeiro passo para desmantelar o monopólio político do partido que estava no poder. Se artistas e cientistas podiam escapar da disciplina fabril, então o resto da população inevitavelmente os seguiria. Em 1956, o relaxamento do controle ideológico na Hungria detonou um levante popular contra o poder russo que teve de ser destruído pela força militar.[20] Para os conservadores comunistas, as reformas cibernéticas de Berg foram a iteração da alta tecnologia com essa estupidez política. A retroalimentação de baixo para cima introduziu o caos na ordem burocrática. Com a derrubada de Khrushchev em 1964, o movimento cibernético comunista perdia seu patrono mais importante. Ao abandonar a construção da Rede de Informação Unificada, o novo governo de Leonid Brezhnev certificou-se de que a computação seria mantida sob estrito controle político.[21] No momento em que o manifesto teórico dos reformistas tchecoslovacos celebrou a Internet como o demiurgo da democracia participativa, a imagem subversiva dessa tecnologia cibernética foi confirmada para esses burocratas conservadores. Em 1968, o governo russo mandou seus tanques acabarem com a Primavera de Praga.[22] A perpetuação do Comunismo totalitário dependia da prevenção do comunismo cibernético. Ao

invés disso, os experimentos de Licklider com a criatividade em rede podiam ser generosamente financiados nos Estados Unidos da terceira via. Sob o militarismo keynesiano, a economia da dádiva acadêmica foi apreciada por seu pequeno – porém vital – papel dentro da economia mista do fordismo. Compartilhar informação foi simplesmente o método mais eficiente de conduzir pesquisas científicas. A despeito de suas vantagens pragmáticas, os stalinistas da Rússia suspeitaram profundamente da economia da dádiva acadêmica. A revisão em pares se parecia demais com a democracia proletária, para seus gostos. Sob o regime de Brezhnev, as redes acadêmicas experimentais e comerciais da Rússia foram impedidas de adquirir os protocolos comuns que as permitiriam fundir-se rumo à Internet.[23] A pesquisa estava mais focada em desenvolver máquinas especializadas para os militares do que em produzir computadores baratos para as massas. O conhecimento teórico dos cientistas russos nunca se equiparou às habilidades empreendedoras dos gerentes industriais. Ao invés de resolver seus problemas, as tecnologias cibernéticas acabaram vítimas das falhas do sistema de planejamento stalinista. Limitando ainda mais a influência política do *lobby* de computadores domésticos, o regime de Brezhnev, no final dos anos 1960, decidiu fabricar clones do System/360 da IBM para seus clientes industriais e educacionais. O medo do futuro imaginário havia desencorajado qualquer investimento sério em seus precursores no presente.[24]

Na conferência da Sociedade Cibernética Estadunidense em 1964, Ford argumentou que a corrida para inventar a Internet era uma competição tanto tecnológica quanto ideológica. Durante os próximos cinco anos, a equipe dos Estados Unidos despontou na frente de sua rival russa. Assim que os stalinistas desistiram da corrida, a construção da Internet adquiriu um ápice próprio nos Estados Unidos. O dinheiro da Arpa direcionou a pesquisa da ciência da

computação para atingir esse objetivo técnico e político. A Comissão Bell focou a atenção dos departamentos de ciências sociais sobre a transição para a sociedade da informação. Crucialmente, ao entrar nessa competição tecnológica, a administração democrata descobriu uma arma de propaganda poderosa. A Esquerda da Guerra Fria convenceu-se de que o domínio do futuro imaginário da Internet era essencial para atingir a hegemonia intelectual no presente. Ao abandonar a profecia do comunismo cibernético, os russos admitiam a derrota nesse crucial campo de batalha ideológico. A Arpanet era a versão 1.0 do futuro pós-industrial. O *remix* estadunidense tornou-se o original.

A Comissão Bell foi montada para completar a tarefa começada nos laboratórios de desenvolvimento da Arpanet. Assim como o marxismo, o comunismo cibernético deveria ser transformado em uma ideologia estadunidense. Antes que a Comissão Bell iniciasse seus trabalhos, as especulações da Esquerda da Guerra Fria sobre a sociedade da informação ainda eram modestas quando comparadas àquelas dos profetas russos da Internet. Na conferência de 1964 da Sociedade Cibernética Estadunidense, McLuhan – que assim como Wiener também era amigo de Licklider – foi o único participante da conferência que estava convencido de possuir a teoria anti-comunista que decifrava esse novo futuro imaginário: o determinismo tecnológico.[25] Infelizmente para seus admiradores estadunidenses, esse intelectual canadense era um místico católico malicioso, ao invés de um membro confiável da Esquerda da Guerra Fria. A tarefa da Comissão Bell foi domesticar a nova teoria mestre do mcluhanismo. As perguntas maliciosas colocadas por seus fundadores permaneceriam sem respostas. A menor semelhança entre a sociedade da informação e o comunismo cibernético deveria ser escondida. Acima de tudo, o mcluhanismo deveria provar que o futuro em rede era *made in USA*.

De volta aos anos 1950, Rostow e Galbraith declararam que os Estados Unidos estavam sendo pioneiros no novo estágio de consumo em massa do crescimento. Uma década depois, esses dois mestres pensantes do movimento acreditavam que a administração Johnson estava prestes a completar a transformação dos Estados Unidos em uma democracia do bem-estar social avançada. Tanto Rostow quanto Galbraith argumentavam que a satisfação de desejos materiais em breve levaria à emergência de uma nova agenda política: os desejos pós-escassez.[26] Em seu projeto da grande sociedade, o governo democrata antecipava essa mudança na opinião pública, ao introduzir medidas referentes à proteção ambiental e ao desenvolvimento comunitário.[27] A tarefa da Comissão Bell era muito mais ambiciosa. Seus membros foram encarregados de planejar a transição do estágio de consumo em massa do crescimento à nova época do pós-industrialismo. Em dois relatórios internos, a Comissão Bell predisse confiante as mudanças sociais que ocorreriam nos próximos 40 anos. A produção de bens seria suplantada pela produção de serviços. O estado-nação seria subsumido à aldeia global. Essas dramáticas mudanças econômicas e políticas conduziriam à emergência de uma nova cultura pós-industrial.[28] A lição tirada da versão da Esquerda da Guerra Fria sobre a concepção materialista da história estava clara. A sociedade afluente inexoravelmente evoluía para a sociedade da informação. Acima de tudo, foram os Estados Unidos o protótipo desse futuro maravilhoso. O experimento da Arpanet de Licklider foi a premonição da criatividade cooperativa para todos. Os sonhos utópicos do comunismo cibernético à moda russa somente podiam se tornar realidade cotidiana dentro da aldeia global ao estilo dos Estados Unidos.

> Nunca mais o homem terá de viver do suor de sua testa. A promessa da automação e da tecnologia poderá ser cumprida em todo o mundo, e todos compartilharão os frutos da ciência moderna –

> todos aqueles que escolherem poderão em breve viver em uma cultura pós-industrial.[29]

Entre 1967 e 1968, a Comissão Bell apresentou seus achados iniciais em dois robustos livros: *O ano 2000: uma estrutura para especulação sobre os próximos trinta e três anos,* de Herbert Kahn e Anthony Wiener; e *Towards the year 2000: Work in progress (A caminho do ano 2000: trabalho em andamento)*, de Daniel Bell. No primeiro, os sêniores do Instituto Hudson publicaram o relatório que fora usado como ponto de partida para as discussões entre os membros do projeto. No segundo, o chefe da comissão proveu uma versão editada das teses e seminários de sua equipe. Apesar da importância de seus temas, nenhum dos dois livros teve impacto significante fora dos círculos internos da Esquerda da Guerra Fria. O relatório do Instituto Hudson foi escrito em um estilo tortuosamente burocrático. Apesar de sua capa impactante, o livro de Bell foi uma caldeirada confusa de transcritos e intervenções sem nenhuma voz autoral singular. Essas publicações foram para alguns poucos escolhidos, mais do que para o leitor comum. Enquanto a Comissão Bell continuava seu trabalho de pesquisa, essa exclusividade não era um problema. Porém, uma vez que a equipe do projeto concordou com o novo futuro imaginário para o império estadunidense, seus achados deveriam ser apresentados de uma forma mais acessível. Caso a Comissão Bell desejasse completar sua missão com sucesso, deveria produzir um texto canônico da teoria anti-comunista: a codificação definitiva da profecia da sociedade da informação. Ironicamente, mesmo que fornecesse a primeira iteração desse futuro imaginário, *Os meios de comunicação como extensões do homem* não tinha como preencher esse papel vital. Em seus escritos, McLuhan não só demonstrou seu descrédito político, como também deliciou-se em promiscuamente combinar idéias da literatura modernista, da cultura de massa e da

teologia católica com idéias tiradas da cibernética, da psicologia comportamental, da sociologia positivista e da física quântica. Apesar de ser extremamente popular com o público em geral, esse estilo exuberante horrorizou a Esquerda da Guerra Fria. O pensamento intuitivo e inquisitivo de McLuhan chocou-se ofensivamente contra a metodologia permitida do trabalho intelectual. Nos textos acadêmicos e nos relatórios de governo, a forma aceita de fazer as coisas envolvia coletar cuidadosamente evidências e meticulosamente referenciar as fontes. Para que o mcluhanismo se tornasse o novo dogma da hegemonia estadunidense, a Esquerda da Guerra Fria deveria reconciliar a técnica idiossincrática de McLuhan com esses requisitos profissionais. Pensamentos literários sobre a sociedade deveriam tornar-se uma rígida ciência social. Pronunciamentos oraculares deveriam ser baseados em pesquisas imparciais. Apenas depois dessas correções, os intelectuais da Esquerda da Guerra Fria completariam a construção de sua nova ortodoxia intelectual: o mcluhanismo sem McLuhan.[30]

Zbigniew Brzezinski – um polonês imigrante e proeminente analista geopolítico da Universidade de Colúmbia – foi o primeiro membro da Comissão Bell que tomou como tarefa reescrever *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Em 1968, ele publicou um artigo que promovia sua nova interpretação da profecia da sociedade da informação, que foi seguida em 1970 por seu grande livro *Entre duas eras: América, laboratório do mundo*. Diferentemente de McLuhan, Brzezinski meticulosamente observou as formalidades de sua profissão ao incluir estatísticas, notas de rodapé e uma bibliografia em suas publicações. Tão importante quanto, ele substituiu as excêntricas frases de efeito de *Os meios de comunicação como extensões do homem* por seus próprios neologismos sóbrios. A imagem paradoxal da aldeia global foi substituída por um conceito mais confiável de "cidade global".[31] Acima de tudo, *Entre duas eras* focava a análise da mudança

do fordismo para a sociedade "tecnotrônica".[32] Ao baixar o tom do estilo populista de *Os meios de comunicação como extensões do homem*, Brzezinski foi capaz de endossar sua predição visionária da sociedade da informação com uma aura de respeitabilidade acadêmica. Ainda melhor, ao incorporar os estágios de crescimento de Rostow na análise, ele havia adicionado um rigor teórico ao impressionante apanhado geral do processo histórico de McLuhan. No *remix* de Brzezinski de *Os meios de comunicação como extensões do homem*, a chegada iminente do pós-industrialismo foi comprovada por análise objetiva, ao invés de uma asserção subjetiva. A profetização do futuro havia se tornado uma ciência social imparcial.

Mesmo assim, essa imagem de conhecimento teórico imparcial derivado de uma pesquisa empírica e cuidadosa foi uma fraude. Em seu artigo e livro, Brzezinski agiu como um amplificador do catecismo mcluhanista. A rede eletrônica global poderia ter sido renomeada para "a grade global de informação", mas a profecia era exatamente a mesma.[33] A tecnologia era a força motriz da história humana. A convergência da computação, da mídia e das telecomunicações na Internet criava um novo sistema social. A produção de bens era superada pelo fornecimento de serviços. A democracia representativa seria em breve suplementada pelo voto *on-line*. O estado-nação era integrado ao processo de unificação mundial. Os padrões lineares de pensamento da alfabetização eram substituídos pela consciência fragmentada da comunicação audiovisual.[34] Mesmo se essas asserções fossem justificadas por estatísticas, gráficos e referências, a defesa de Brzezinski do mcluhanismo era fundamentada sobre a fé e não sobre a razão. Fatos provaram o que já estava acordado como o objetivo transcendente da história humana: a sociedade da informação.

> No curso do trabalho [de escrever o livro], eu expressei minhas opiniões pessoais e expus meus preconceitos. Esse esforço é, portanto,

> mais da natureza de especulação baseada em evidência do que um exercício sistemático em metodologia de ciência social.[35]

Como o subtítulo de seu livro sugeria, a firme crença de Brzezinski na profecia da sociedade da informação veio de um profundo patriotismo por seu país adotivo. A Comissão Bell foi criada para tomar o futuro de seu rival russo para o império estadunidense. Assim como a maior parte de seus membros, Brzezinski acreditava que a equipe do projeto havia completado com sucesso sua vital missão. Os Estados Unidos agora possuíam seu próprio futuro imaginário para a batalha da propaganda da Guerra Fria. No momento em que os russos proclamassem o inevitável triunfo do comunismo cibernético, os estadunidenses seriam capazes de se opor a eles, ao predizer a chegada iminente da sociedade tecnotrônica. Crucialmente, ao entrar nessa guerra de mídia sobre qual superpotência representava o destino da alta tecnologia da humanidade, os Estados Unidos deveriam convencer as pessoas do mundo que o seu futuro imaginário era mais moderno do que aquele do império russo. Em seu livro, Brzezinski devotou muitas páginas para provar que o Comunismo stalinista era uma ideologia obsoleta da era do vapor.[36] Eram os Estados Unidos – e não a Rússia – que lideravam a humanidade rumo à utopia pós-industrial.

Ao admitir a importante contribuição do marxismo no passado para as ciências sociais, enquanto cuidadosamente evitava qualquer séria discussão de *O capital*, Brzezinski foi capaz de descartar essa teoria como uma relíquia do passado industrial. Em seu lugar, o mcluhanismo foi anunciado como o método atualizado de entender a transição para a sociedade da informação.[37] Essa abordagem de determinismo tecnológico predisse as direções das mudanças sociais, políticas e econômicas. Assim como Licklider, Brzezinski previu confiante que a grade de informação global estaria totalmente operacional em meados da década de 1970.[38] Por conta dessa maravilha tecnológica,

as políticas da valiosa Esquerda da Guerra Fria rapidamente se espalhariam por todo o mundo. Em coro com Schlesinger, Bell, Rostow e Galbraith, ele profetizou que rígidas ideologias seriam superadas por soluções pragmáticas. Partidos monolíticos seriam substituídos por grupos de pressão. O confronto de classe abriria caminho para a parceria entre os setores público e privado. Já que os Estados Unidos eram o país mais tecnologicamente avançado no planeta, o resto do mundo inevitavelmente teria que imitar o que já acontecia ali. O futuro da sociedade da informação era uma versão melhorada e globalizada do presente dos Estados Unidos.[39]

Apesar de seus melhores esforços, a tentativa de Brzezinski de criar a teoria mestra do mcluhanismo só foi parcialmente bem-sucedida. Como Bell apontou, seus escritos colocavam muita ênfase no determinismo tecnológico. Excitado pela significância geopolítica da grade global de informação, Brzezinski falhara em prover uma análise detalhada de como a estrutura social do pós-industrialismo pareceria.[40] Mais seriamente, a sua apropriação do futuro imaginário de McLuhan era primeiramente uma celebração dos Estados Unidos contemporâneo. Caso eles quisessem vencer a batalha da propaganda contra a Rússia, seus incentivadores teriam que oferecer uma visão muito mais utópica do pós-industrialismo. As minimizações do impacto revolucionário da criatividade cooperativa em Brzezinski significavam que suas atualizações limitadas ao programa do Centro Vital foram insuficientemente futuristas para fornecer uma alternativa atrativa à profecia do comunismo cibernético. Felizmente, para a Esquerda da Guerra Fria, Bell também começara a trabalhar em sua própria interpretação do mcluhanismo. Primeiramente com dois artigos, em 1967 e 1968, ele devotou-se a escrever o importante livro que codificaria os achados de sua comissão.[41] Ele coroaria sua carreira ao tornar-se o intelectual que proveu a teoria anti-comunista definitiva para analisar as implicações sociais da

convergência tecnológica. Assim como Brzezinski, Bell traduziu as premonições inspiradas do oráculo canadense em um discurso racional e evidenciado por notas de rodapé da ciência social. Depois de anos de esforço, o trabalho estava finalmente concluído. Em 1973, Bell publicou o texto canônico do futuro imaginário da Esquerda da Guerra Fria: *O advento da sociedade pós-industrial*.

Tão logo foi publicado, esse livro clássico tornou-se a principal justificativa acadêmica da profecia mcluhanista. Primeiramente, Bell permaneceu fiel ao núcleo teórico de *Os meios de comunicação como extensões do homem*: as tecnologias da informação construíam a sociedade da informação. Assim como McLuhan e Brzezinski, também alegou que a manufatura de bens estava sendo substituída pela oferta de serviços, que a independência nacional dava lugar à interdependência global e que novas formas de mídia criavam uma nova cultura.[42] Da participação de Licklider nas discussões de sua comissão, Bell sabia que a convergência da computação, da mídia e das telecomunicações estava prestes a transformar toda a sociedade. No máximo até o fim dos anos 1970, a maior parte dos lares e negócios estadunidenses estariam conectados à Internet e teriam acesso à sua incrível variedade de serviços *on-line*. Da mesma forma que a máquina a vapor produziu a era industrial, o computador construía o futuro pós-industrial.

> A maior revolução social da última metade do século XX é a tentativa de aumentar [a] "escala" [das instituições políticas e econômicas] através dos novos dispositivos tecnológicos, sejam eles informação computacional em "tempo-real", sejam novos tipos de programação quantitativa.[43]

De acordo com Brzezinski, o mcluhanismo era um determinismo tecnológico linha-dura. A máquina era o sujeito da história. Bell, ao contrário, queria fundir sua nova ortodoxia com a mais familiar

teoria do determinismo econômico. A evolução social era um processo sem sujeito. Como membro líder da Esquerda da Guerra Fria nos anos 1950, Bell ajudou a inventar a versão estadunidense da concepção materialista da história. Em seu icônico livro, ele aplicou essa teoria anti-comunista à análise do pós-industrialismo. Enquanto Brzezinski identificava a sociedade tecnotrônica por seu maquinário inovativo, Bell argumentava que o novo sistema social também deveria ser identificado pela novidade de seus fins econômicos.[44] Em sua interpretação do mcluhanismo, a mudança da produção de bens para a provisão de serviços foi elevada à característica definidora do futuro pós-industrial. Sob o capitalismo, tanto empregadores quanto trabalhadores estavam focados na acumulação de riqueza material. Ao contrário, a atividade principal da sociedade da informação seria a criação de conhecimento. Cientistas em seus laboratórios de pesquisa prefiguravam os métodos democráticos e comunais de trabalho do futuro. Assim como seus predecessores, esse novo estágio de crescimento seria construído pela classe do novo.[45]

Na opinião de Bell, havia evidências suficientes de que essa transformação social já acontecia dentro dos Estados Unidos. Em 1962, Fritz Machlup – um economista imigrante alemão – publicou estatísticas detalhadas que mostravam como a classe trabalhadora industrial desaparecia rapidamente. Em seu lugar, burocratas e técnicos tornavam-se os membros mais importantes da economia.[46] Em sua atualização de 1967 da tese da sociedade afluente, Galbraith também argumentou que a crescente automação e a melhoria na educação fariam com que o trabalho fabril fosse substituído pelo trabalho em escritórios. No mesmo ano, Peter Drucker – pai fundador da teoria da gestão moderna – explicava que o desenvolvimento econômico conduziria ao surgimento de uma nova classe de produção pós-taylorista: os “trabalhadores do conhecimento”.[47] Ao construir sobre essa pesquisa, Bell criou páginas de tabelas para o seu grande tomo

no intuito de provar que o trabalho manual dava lugar ao trabalho mental, que a produção de coisas era substituída pelo fornecimento de serviços e que uma crescente proporção dos salários era voltada para a pesquisa científica.[48] Assim como Burnham, Galbraith, Rostow e Drucker explicaram, essa mudança nos padrões de emprego começou com o surgimento do fordismo. Bell agora proclamava que essa transformação acelerava à medida que a economia dos Estados Unidos movia-se para o próximo estágio de crescimento. A informatização da produção em breve acabaria com a necessidade da maior parte do trabalho físico. Ao extrapolar a história recente, era óbvio que os trabalhadores de colarinho branco do fordismo eram os precursores do grupo social superior do pós-industrialismo: a classe do conhecimento.[49] "Se as figuras dominantes dos últimos cem anos foram o empreendedor, o homem de negócios e o executivo industrial, os 'novos homens' são os cientistas, os matemáticos, os economistas e os engenheiros da nova tecnologia intelectual."[50]

Em suas recombinações de *Os meios de comunicação como extensões do homem*, Brzezinski e Bell transformaram as viagens da imaginação de McLuhan em uma análise acadêmica sóbria. Inspirados por Licklider, eles provaram que a Internet era uma máquina demiúrgica. Com as últimas pesquisas em mãos, examinaram o impacto social e econômico do pós-industrialismo com muito mais profundidade. Ainda assim, suas páginas de discussões teóricas, estatísticas detalhadas e meticulosas notas de rodapé eram apenas um detalhe de fundo no cenário para o começo da sua transição de fé: as novas tecnologias da informação criavam um novo sistema social. Mesmo com a recusa de Brzezinski e Bell em reconhecer o seu mentor, ambos permaneceram completamente dependentes dos enunciados oraculares de McLuhan. À Esquerda da Guerra Fria faltou um futuro imaginário próprio, e então foi forçada a pegar um emprestado de alguma outra pessoa. Mesmo que as visões extasiadas

de McLuhan fornecessem a alternativa anti-comunista ao comunismo cibernético, a credibilidade de suas especulações estava ameaçada pela metodologia não-ortodoxa que lhe permitira prever as formas das coisas que viriam. Recombinar *Os meios de comunicação como extensões do homem* foi essencial para a garantia de que as origens intelectuais faltosas da profecia da sociedade da informação estariam bem escondidas. Graças a Brzezinski e Bell, agora era possível ser um mcluhanista sem ter que citar McLuhan.

Para a Esquerda da Guerra Fria, *Os meios de comunicação como extensões do homem* havia dotado o império estadunidense de um objetivo transcendental: o pós-industrialismo. A maior benção do mcluhanismo era que a luta de classes não atuava na criação desse futuro utópico. Porque a nova sociedade seria à imagem das novas mídias, a emancipação social poderia chegar sem nenhuma intervenção humana consciente. Ao elevar o *remix* de Bell sobre McLuhan a um texto canônico para a análise da transição para o futuro, os acadêmicos estadunidenses foram também capazes de recuperar o materialismo histórico de Marx. As idéias perigosas haviam sido dispensadas como anacronismos do passado industrial movido-a-vapor. Os conceitos inofensivos foram reempacotados para o futuro pós-industrial computadorizado. Acima de tudo, não havia mais nenhuma necessidade de ler livros subversivos como *O capital*, como fizeram os fundadores da Esquerda da Guerra Fria em sua juventude. O mcluhanismo sem McLuhan explicava por que Marx fora removido do marxismo. O que era válido de ser salvo foi incorporado dentro da obra teórica mestra de Bell. Para os intelectuais estadunidenses patriotas, tudo o que eles precisavam saber sobre a evolução do futuro da humanidade poderia ser achado nas frases aprendidas e diagramas detalhados de *O advento da sociedade pós-industrial*.

No começo dos anos 1970, o *remix* de McLuhan feito pela Esquerda da Guerra Fria originou uma disciplina acadêmica própria:

a futurologia. Equipados com seus textos canônicos como guias teóricos, discípulos de Brzezinski e Bell escreveram artigos confiantes, falaram em conferências e lecionaram cursos sobre o que ainda não havia acontecido.[51] Essa auto-confiança era fundada naquela clara visão de seus gurus da sociedade da informação. Em *Os meios de comunicação como extensões do homem*, McLuhan deu apenas uma vaga idéia de como a aldeia global se pareceria. Já a Comissão Bell promoveu uma descrição positiva do futuro pós-industrial. As promessas do comunismo cibernético só poderiam ser contrariadas ao se tornarem criações da sociedade da informação. Acima de tudo, como um de seus argumentos-chave, as publicações da equipe enfatizavam que – se você olhasse com cuidado suficiente – a forma das coisas por vir já poderia ser percebida dentro dos Estados Unidos contemporâneo. Em *O advento da sociedade pós-industrial*, Bell argumentava que os gerentes e acadêmicos empregados do fordismo já trabalhavam dentro de uma economia pós-industrial. O que era ultra-moderno nos Estados Unidos dos anos 1960 era uma premonição de como a vida se pareceria na primeira década dos anos 2000.

Mais do que qualquer outra instituição, a Comissão Bell acreditava que a universidade era a precursora da sociedade da informação. Desde os anos 1940, a educação universitária foi o setor em expansão da economia dos Estados Unidos. Para a Esquerda da Guerra Fria, a universidade há tempos se tornara um epítome da terceira via. Com financiamentos que vinham de uma variedade de fontes públicas e privadas, os *campi* das universidades estadunidenses combinavam as melhores características do estado e do mercado.[52] De acordo com Brzezinski e Bell, essas universidades eram também precursoras do futuro da sociedade da informação no presente. Seus estudantes adquiriam as habilidades necessárias para se juntarem à classe do conhecimento. Seus cientistas sociais usavam computadores para

analisar os atuais problemas e predizer os desenvolvimentos futuros. Seus laboratórios de pesquisa inventavam a maior parte das novas tecnologias da informação.[53] Mais que isso, os acadêmicos eram membros da emergente classe do conhecimento: criadores de idéias e não de coisas. Se os futurologistas quisessem saber como o pós-industrialismo seria, precisariam apenas olhar para fora da janela de seu escritório e observar toda a sociedade remodelada como um gigante *campus* de universidade.

> Talvez não seja extremo afirmar que se a empresa foi a instituição-chave nos últimos 100 anos, devido ao seu papel em organizar a produção para a criação em massa de produtos, a universidade se tornará a instituição central dos próximos 100 anos devido ao seu papel de nova fonte de inovação e conhecimento.[54]

Esse futuro imaginário era sedutor para uma audiência influente e interessada dentro dos Estados Unidos da Guerra Fria. Bem como o grande número de pessoas que estudavam ou trabalhavam em universidades, uma crescente proporção da população era graduada nessas instituições. Assim como Machlup e Bell enfatizaram em seus estudos, o diploma havia se tornado um pré-requisito para o avanço dentro das hierarquias de gestão de grandes negócios e do alto governo.[55] Era muito lisonjeador para os trabalhadores de colarinho-branco ouvir que eram a esperança do futuro ao invés dos trabalhadores fabris. Dentro dos rapidamente expansivos setores de mídia, telecomunicações e computação, a profecia do pós-industrialismo teve ainda mais ressonância. Seus empregados ficaram encantados ao serem lançados ao patamar de construtores do futuro da alta tecnologia. Assim como a fábrica fora o ícone do industrialismo para os seus avós, a universidade era o símbolo do pós-industrialismo para esses modernos estadunidenses.

Os profetas da Esquerda da Guerra Fria estavam ansiosos para liderar a classe do conhecimento que ascendia ao paraíso dos computadores. Como contraponto às suas próprias afirmações teóricas de que a tecnologia era o sujeito da história, esses intelectuais viam a si mesmos como os espíritos que se moviam pela transição ao futuro utópico. Em coro com os reformistas comunistas do Leste, eles acreditavam que apenas seu seleto grupo possuía o conhecimento social que guiaria a humanidade com sucesso durante os próximos 20 anos, tempo que demoraria para alcançar a terra prometida. Assim como inspirados empresários dos primórdios do capitalismo, eles eram os líderes da nova classe que inventava os novos métodos de trabalhar e as novas formas de viver. Suas equipes de pesquisa multidisciplinar já mostravam como as idéias seriam produzidas no futuro pós-industrial. Seus colegas direcionavam as instituições acadêmicas que se tornariam as fortalezas da sociedade da informação. Seus gostos e aspirações inspirariam a cultura do pós-industrialismo. Assim como os fabianos da Inglaterra no final da era vitoriana, a Esquerda da Guerra Fria desenvolvia novas políticas de governo para gerenciar com sucesso a transição ao novo estágio da modernidade. Acima de tudo, os gurus do movimento escreviam os textos canônicos que definiriam as formas das coisas por vir. Assim como os teóricos do partido de vanguarda leninista, seu entendimento único da grande narrativa da modernidade deu-lhes a liderança sobre o grupo social que encarnaria a promessa da emancipação universal. Sob a firme direção da Esquerda da Guerra Fria, a classe do conhecimento passaria às próximas duas décadas contruindo o futuro imaginário do pós-industrialismo.

Na propaganda russa dos anos 1930, o militante dedicado do partido fora celebrado como o "novo homem" nietzschiano da utopia stalinista.[56] Trinta anos depois, os pensadores da Esquerda da Guerra Fria proclamavam a si mesmos como os cidadãos ideais da aldeia

global estadunidense. Cosmopolitas e sofisticados, os membros desse movimento combinavam as virtudes liberais da educação, tolerância e espírito questionador com as modernas vantagens de aviões a jato, televisão colorida, telefonia de longa distância e computadores *mainframe*. Mesmo que só alguns poucos intelectuais gozassem dessa existência privilegiada no presente, todos seriam capazes de viver como eles no futuro pós-industrial. Os gurus da Esquerda da Guerra Fria descobriram o embrião da nova sociedade em seus próprios locais de trabalho acadêmico. Já viviam no futuro imaginário do pós-industrialismo. Eram a vanguarda cibernética da classe do novo. Tendo visto o protótipo da utopia da alta tecnologia estadunidense, sua missão agora era pregar a boa nova às pessoas esperançosas do mundo: o Primeiro Advento da Internet Messiânica.

Notas:

1. Ver Arthur Norberg, Jody O'Neill e Kerry Freedman, *Transforming computer technology*, páginas 26-30, 68-74; e Leo Beranek, *BBN's Earliest Days*, página 9-12.

2. Ver Paul Baran, *On distributed communications*; e Katie Hafner e Matthew Lyon, *Where wizards stay up late*, página 52-67.

3. Ver Janet Abbate, *Inventing the internet,* páginas 56-64; Norberg, O'Neill e Freedman, *Transforming computer technology*, páginas 171-172.

4. Ver Norberg, O'Neill e Freedman, *Transforming computer technology*, páginas 171-172.

5. Para seu manifesto sobre as implicações sociais da computação em rede, Ver J.C.R. Licklider, *The computer as a communications device*.

6. Esse apelido para a Internet foi um *remix* da rede elétrica global de McLuhan.

7. Ver J.C.R. Licklider, *Mancomputer symbiosis*; *The computer as a communications device*; e Hafner e Lyon, *Wizards*, páginas 34-35.

8. Ver Abbate, *Inventing the internet*, página 54-60; Norberg, O'Neill e Freedman, *Transforming computer technology*, páginas 88-112, 153-179.

9. Ver Warren Hagstrom, *Gift giving as an organisational principle in science*.

10. Ver Leo Beranek, *BBN's earliest day*s, página 12; e Norberg, O'Neill e Freedman, *Transforming computer technology*, páginas 167-168.

11. Ver Steven Levy, *Hackers*, páginas 130-132.

12. Ver Abbate, *Inventing the internet*, páginas 21-41.

13. Ver Daniel Bell, *Towards the year 2000*, página 368.

14. Bell, *Towards the year 2000*, página 379.

15. Levy, *Hackers*, página 7.

16. Um reformista se lembra de ter sido abordado por uma questão reveladora de um alto burocrata: "onde está o papel de destaque do Partido (Comunista) em sua máquina (cibernética)?" Igor Poletaev em Slava Gerovitch, *From newspeak to cyberspeak*, página 167.

17. Ver John Reed, *Ten days that shook the world*, página 166.

18. Ver V.I. Lenin, *What is to be done?* páginas 34-65; George Lukács, *History and class consciousness*, páginas 46-222, 295-342; e Richard Barbrook, *Media freedom*, página 38-42.

19. Para as implicações políticas do infame *slogan* de Stalin, ver A.A. Zhdanov, *On literature, music and philosophy*.

20. Ver François Fejtö, *A history of the people's democracies*, páginas 29-123; e Andy Anderson, *Hungary 56*.

21. Ver Gerovitch, *From newspeak to cyberspeak*, páginas 279-292.

22. Ver Z.A.B. Zeman, *Prague Spring*.

23. Ver V.P. Shirikov. *Scientific computer networks in the Soviet Union*; e Gerovitch, *From newspeak to cyberspeak*, páginas 279-284.

24. Ver A.Y. Nitussov e B.N. Malinovsky, *Economic changes in the sixties and the internationalisation of soviet computing*.

25. Ver Marshall McLuhan, *Cybernation and culture*.

26. Ver W.W. Rostow, *The process of economic growth*, páginas 326-328; *The diffusion of power*, 528; e John Kenneth Galbraith, *The new industrial state*, páginas 323, 367-368.

27. Ver Irving Bernstein, *Guns or butter*, páginas 261-306.

28. Ver Bell, *Towards the year 2000*, páginas 56, 95-96, 323; e Herbert Kahn e Anthony Wiener, *The Year 2000*, páginas 185-193, 198-202.

29. Kahn e Wiener, *The year 2000*, página 378.

30. Apesar de sua bem óbvia dívida teórica com McLuhan, Kahn e Wiener nunca mencionaram os escritos dele em seus livros, enquanto a coleção

catedrática de ensaios e seminários continham apenas três rápidas referências ao primeiro profeta do pós-industrialismo.

31. Ver Zbigniew Brzezinski, *Between two ages*, página 19.

32. Brzezinski inventou o seu neologismo "tecnotrônico" ao combinar as palavras "tecnologia" e "eletrônica". Ver Brzezinski, *Between two ages*, página XIV.

33. Ver Brzezinski, *Between two ages*, página 299.

34. Ver Zbigniew Brzezinski, *America in the technetronic age*, páginas 16-18, 26; *Between two ages*, páginas 35, 9-23, 59-60, 117.

35. Brzezinski, *Between two ages*, página XVI.

36. Ver Brzezinski, *Between two ages*, páginas 72-75, 77-84, 123-193.

37. Ver Brzezinski, *Between two ages*, páginas 72-84, 115-125.

38. Ver Brzezinski, *Between two ages*, páginas 32, 59, 299.

39. Ver Brzezinski, *America in the technetronic age*, páginas 25-26; *Between two ages*, páginas 258-265, 274-309.

40. Ver Daniel Bell, *The coming of post-industrial society*, páginas 38-39.

41. Ver Daniel Bell, *Notes on the post-industrial society (I)*; *Notes on the post-industrial society (II)*.

42. Ver Bell, *Notes (I)*, páginas 27-28; *Notes (II)*, páginas 109-111; *The coming of post-industrial society*, páginas 14-15, 126-128, 483-486.

43. Ver Bell, *Notes on the post-industrial society*, página 42.

44. Ver Bell, *Notes on the post-industrial society*, página 127.

45. See Bell, *Notes on the post-industrial society*, páginas 167-265, 343-345, 378-386. Para os precursores da análise de Bell, ver Richard Barbrook, *The class of the new*.

46. Ver Fritz Machlup, *The production and distribution of knowledge in the United States*.

47. Ver Galbraith, *New industrial state*, páginas 238-250; Peter Drucker, *The effective executive*, página 34.

48 Ver Bell, *Notes on the post-industrial society*, páginas 16-19, 130-142, 212-265.

49 Ver Bell, *Notes on the post-industrial society*, páginas 27-33, 167-265. Ver também Barbrook, *Class of the New*.

50. Ver Bell, *Notes on the post-industrial society*, página 344.

51. Ver Irving Louis Horowitz, *Ideology and utopia in the United States*, páginas 113-130; William Kuhns, *The post-industrial prophets*, páginas 247-261.

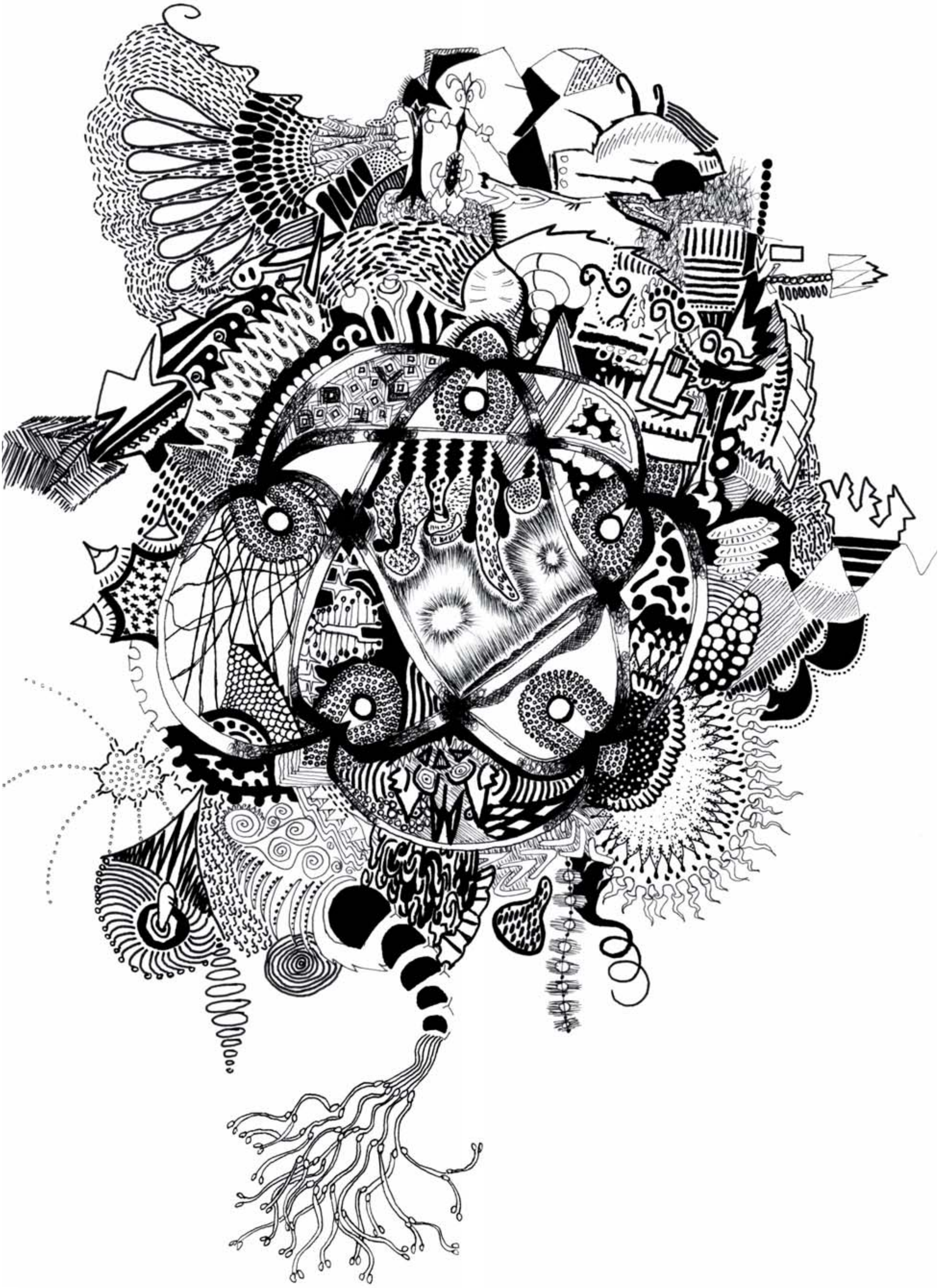
52. Ver Galbraith, *New industrial state*, páginas 367-368, 372-378; Clark Kerr, *The uses of the university*, página 29-41.

53. Ver Daniel Bell, *Towards the year 2000*, página 6, 32, 342-344; *The coming of post-industrial society*, páginas 116-117, 212-265, 409-411, 423; e Brzezinski, *Between two ages*, páginas 200-205.

54. Ver Bell, *Notes (I)*, página 30.

55. Ver Fritz Machlup, *The production and distribution of knowledge in the United States*, páginas 77-100; Bell, *Notes on the post-industrial society*, páginas 213-242.

56. Ver Bernice Rosenthal, *New myth, new world*, páginas 233-350; e Henri Lefebvre, *Introduction to modernity*, páginas 84-85.



12
O LÍDER DO MUNDO LIVRE

DURANTE OS ANOS 1950, a Esquerda da Guerra Fria tornou-se a mentora de uma nova geração de ambiciosos jovens estudantes estadunidenses. Encorajadas por subsídios do governo, as principais universidades dos Estados Unidos embarcaram em uma rápida expansão de seus departamentos de ciências sociais. Para os acadêmicos e alunos mais extrovertidos dessas instituições, a filosofia da terceira via da Esquerda da Guerra Fria fornecia um substituto sofisticado e atualizado das velhas e cansadas ideologias do liberalismo *laissez-faire* e do socialismo stalinista. Essa ascendência intelectual em casa era a recompensa do movimento por seus notáveis serviços ao Estado dos Estados Unidos na Europa Ocidental. Os mentores da nova geração de cientistas sociais estadunidenses ganharam suas posições proeminentes dentro da elite governante da nação ao vencerem a rodada decisiva na batalha ideológica contra o stalinismo e o continente dividido. Dentro de sua esfera de influência, o império estadunidense encontrou poucos problemas para conquistar a lealdade das elites locais e dos eleitores conservadores. Ao olhar o que acontecera no Leste Europeu, era óbvio que o stalinismo ameaçava as grandes conquistas da civilização burguesa: os direitos civis, o vigor da lei e o pluralismo político. Mais importante, os militares dos

Estados Unidos e a CIA defendiam a propriedade dos privilegiados contra a expropriação dos invasores russos ou dos radicais de sua terra natal.

Muito mais difícil foi persuadir a Esquerda a colaborar com a hegemonia estadunidense sobre a Europa Ocidental. Para qualquer socialista de respeito no final dos anos 1940, os Estados Unidos ainda eram – apesar de sua grande contribuição para a derrota do fascismo – o impositor imperialista da exploração capitalista. Ainda assim, dentro de alguns poucos anos, essa imagem negativa dos Estados Unidos sofreria uma reviravolta bem-sucedida. Patrocinada pela CIA, a Esquerda da Guerra Fria organizou uma campanha de propaganda para rotular novamente os Estados Unidos como o amigo das causas progressistas: o Congresso para a Liberdade Cultural (CCF). Assim como muitos outros aspectos do movimento, essa iniciativa teve sua origem no trotskismo estadunidense. De volta ao final dos anos 1930, um grupo de ativistas de Nova Iorque estabeleceu um protótipo do CCF para protestar contra a perseguição stalinista à arte moderna.[1] Em solidariedade a essa nova organização, o próprio Leon Trotsky ajudou André Breton – o "papa" francês do surrealismo – e Diego Rivera – o comunista muralista mexicano – a escrever uma defesa apaixonada do papel da experimentação de vanguarda na batalha revolucionária.[2] No entanto, na metade dos anos 1940, os fundadores do CCF haviam se desiludido com o trotskismo. Assim como aconteceu com Burnham, sua oposição ao totalitarismo russo rapidamente os reconciliou com o capitalismo estadunidense. Em um movimento inaugural da Guerra Fria, esses ex-trotskistas trabalharam com os serviços de inteligência dos Estados Unidos para rachar a conferência cultural hospedada pelos simpatizantes stalinistas em Nova Iorque. Motivados por esse sucesso, eles decidiram reavivar o CCF com dinheiro proveniente da recém-fundada CIA. A Esquerda trotskista aos poucos evoluiu para a Esquerda da Guerra Fria.[3]

Enquanto sua precursora foi projetada para atacar apologistas domésticos do regime russo, essa nova repetição do CCF foi – desde seu surgimento – focada na luta de propaganda dentro da Europa Ocidental. Diferentemente da situação política dos Estados Unidos, o stalinismo emergiu da Segunda Guerra Mundial como a força dominante da Esquerda na maior parte do continente. O exército russo conquistou a vitória militar sobre a Alemanha nazista. Os stalinistas lideraram um dos movimentos de resistência mais efetivos na Europa ocupada. Bem antes da maior parte da elite dos Estados Unidos, os organizadores do CCF – como ex-trotskistas – conscientizaram-se de que esse apoio maciço da Esquerda stalinista ameaçava a hegemonia estadunidense sobre a Europa Ocidental. Naqueles países onde seus rivais social-democratas foram severamente enfraquecidos pela guerra e pelo fascismo, os comunistas agora proviam a única alternativa crível à ordem tradicional.[4] Tanto entre os trabalhadores quanto entre os intelectuais, o movimento stalinista veio para incorporar o futuro imaginário do comunismo proletário no presente. Em 1948, o Partido Comunista Tchecoslovaco pôde destruir a democracia parlamentar, pois ganhou a maior parte das cadeiras nas eleições parlamentares de 1946. Protegidos pelo bem organizado apoio de boa parte da população, os simpatizantes russos também estavam em posição de tomar o poder em países como França e Itália, sem nenhuma necessidade de intervenção direta de sua superpotência patrocinadora. Se o governo estadunidense não agisse rapidamente, a Guerra Fria estaria perdida na Europa quase antes de começar. A força suave estava prestes a triunfar sobre a força bruta.[5]

Ao final dos anos 1940, o império estadunidense formou alianças militares e providenciou subsídios econômicos para consolidar seu controle sobre a metade ocidental do continente. Com o endurecimento das linhas limítrofes, a luta da propaganda entre os rivais superpotentes tornou-se ainda mais intensa. A despeito de sua

superioridade militar e econômica, a posição favorável dos Estados Unidos no continente foi ameaçada pela suspeita das intenções estadunidenses sobre a Esquerda européia. Nesse momento de crise, os primeiros marxistas do CCF vieram para o resgate. Diferentemente dos conservadores estadunidenses, eles possuíam a maneira certa para persuadir os europeus esquerdistas a rejeitar o stalinismo. Com dinheiro da CIA e conselhos das companhias de mídia dos Estados Unidos, o CCF embarcou em um programa ambicioso de publicar livros, estabelecer revistas, fazer transmissões de rádio, realizar conferências e patrocinar exibições de arte. Assim como seus antecedentes comunistas dos anos 1930, essa organização de ponta era dedicada à promoção de uma única idéia. Porém, ao invés de reverenciar o stalinismo, o CCF usava as técnicas stalinistas para expor a hipocrisia do stalinismo.[6] "Os Estados Unidos, como anti-comunistas, possuem a peculiar vantagem potencial na propaganda de massa. A propaganda estadunidense poderia ser, e se beneficiaria se fosse, em sua maior parte verdadeira, ou chegasse perto da verdade."[7]

Da mesma forma com que os partidos stalinistas criaram seu próprio circuito cultural, o CCF também dedicou-se a construir um espaço próprio dentro das cabeças da Esquerda européia ocidental. A ideologia deveria tornar-se um senso comum. Radicais europeus deveriam ser convencidos de que o capitalismo estadunidense era muito mais igualitário, progressivo e democrático do que o socialismo russo. Obviamente, as estrelas do CCF foram os fundadores estadunidenses da Esquerda da Guerra Fria. Sendo a conexão para os recursos da CIA, Burnham dominou politicamente a organização até que a deixou, numa explosão de fúria, no começo dos anos 1950. O Centro Vital de Schlesinger tornara-se o manifesto de sua propaganda ofensiva. Bell promoveu sua tese do fim da ideologia nas conferências do CCF e no escoamento midiático deste durante o final dos anos 1950.[8] Mesmo quase que declaradamente financiado

pela CIA, o CCF manteve a pretensão de que era uma iniciativa independente de preocupados intelectuais estadunidenses. No mundo de vitrine da Guerra Fria, a Esquerda e a Direita tornaram-se quase indistinguíveis.

Assim como em outra missão da CIA, a maior prova de sucesso foi a conversão de agentes inimigos. Nos livros patrocinados pelo CCF, como *I chose freedom (Eu escolhi a liberdade)* e *The god that failed (O Deus que falhou)*, os que eram crentes na falsa utopia russa publicamente se arrependiam dos pecados de seu passado leninista.[9] A partir de textos tão celebrados, a Esquerda da Guerra Fria criou um catecismo anti-comunista. Socialistas modernos sabiam: se a social-democracia na Europa Ocidental devesse escolher entre socialismo e democracia, a democracia fordista era preferível ao socialismo stalinista. Dado o que acontecia na metade russa do continente, o sucesso da ofensiva propagandística do CCF era quase inevitável. Ao precisar de liberdades liberais para proteger os socialistas e o ativismo sindical, a maior parte da Esquerda da Europa Ocidental tinha uma boa razão para temer o inimigo stalinista do Leste. Na eclosão da Guerra Fria em 1948, George Orwell – que mais tarde, uma vez que estava seguramente morto, tornou-se o novelista socialista favorito do CCF – explicou o dilema do Partido Trabalhista Britânico:

> Do ponto de vista dos russos e dos comunistas, a social-democracia é um inimigo mortal... A razão é clara o suficiente. A social-democracia, diferentemente do capitalismo, oferece uma alternativa ao comunismo. E não funcionará responder usualmente com um trocadilho, "Eu recuso escolher [entre a Rússia e os Estados Unidos]." Não somos mais fortes o suficiente para agüentarmos sozinhos, e, se falharmos em fazer nascer uma união da Europa Ocidental, seremos obrigados, a longo prazo, a ter que subordinar nossas políticas a um "grande poder" ou outro. E... todos aqueles [ou aquelas – do

> lado da esquerda do Partido Trabalhista] sabem em seus corações que devemos escolher os Estados Unidos. A grande maioria do povo [britânico]... faria essa escolha quase instintivamente.[10]

O CCF ajudou a transformar essa aliança tática de curto prazo em uma dependência estratégica de longo prazo. A Esquerda da Guerra Fria compartilhava do mesmo passado intelectual e político que a Esquerda da Europa Ocidental. Sob sua tutela, socialistas de mente aberta rapidamente descobriram a terceira via estadunidense, a modernidade além do capitalismo selvagem e do totalitarismo leninista. Depois de três décadas desastrosas de guerras, genocídio e colapso econômico, a ideologia do fim da ideologia parecia muito atrativa para um grande número de pessoas da Esquerda da Europa Ocidental. Em 1956, Tony Crosland – um antigo admirador da Rússia stalinista – produziu um texto-chave em que explicava como a política consensual do Centro Vital poderia ser adaptada com êxito do outro lado do Atlântico: *The future of socialism (O futuro do socialismo)*. Primeiro e antes de mais nada, esse membro proeminente do Partido Trabalhista britânico dispensou o marxismo russo como um anacronismo. Em seu lugar, teorizar os Estados Unidos da terceira via era pregada como a análise atual da sociedade.[11] As implicações políticas de sua troca de lealdades doutrinais eram claras. A luta de classes e o extremismo ideológico não eram mais relevantes. Parceria social e *status* político eram as únicas formas de prosseguir.[12] Desde que o sistema russo perdera seu encanto, a Esquerda da Europa Ocidental deveria então imitar a modernidade dos Estados Unidos: a prosperidade do consumidor, a mobilidade de classes, a educação em massa e a eficiência econômica.[13] Ao traçar esse novo objetivo, Crosland transformou o propósito político das reformas social-democratas. Longe de ser um estágio transitório na rota para um comunismo proletário, a construção de uma versão

cultural e tolerante do fordismo do bem-estar social ao estilo dos Estados Unidos era agora um fim em si mesmo. Sem nenhuma surpresa, o CCF entusiasticamente promoveu a lisonjeada análise de Crosland em seus eventos e publicações. Até o fim da década, esse *remix* europeu da terceira via tornou-se a nova ortodoxia do socialismo parlamentar. Nas suas conferências de 1959, Bad Godesberg, do Partido Social Democrata alemão – o partido fundado pelo círculo interno de Marx – publicamente renunciou à sua aliança ao marxismo.[14] A Esquerda da Europa Ocidental foi uma estudante diligente de seu professor estadunidense.

Qualquer social-democrata que duvidasse da aliança de seu partido com os Estados Unidos precisava apenas olhar para o destino de seus companheiros no Leste stalinista. Assim como as colônias dos velhos impérios europeus, as nações dentro da esfera russa de influência eram escravas de um despotismo estrangeiro. Dissidentes socialistas e ativistas sindicais eram assassinados, torturados e aprisionados. Até os líderes emergentes da Europa Oriental que eram muito independentes em seu pensamento corriam o risco de se tornarem vítimas de julgamentos encenados.[15] A morte de Stalin em 1953 melhorou as condições, mas não pôs fim à repressão. No momento em que os trabalhadores e estudantes da Hungria se levantaram na revolta de 1956 contra os opressores stalinistas, o exército russo cruelmente esmagou o levante. A contradição evidente entre essa realidade autoritária e as promessas libertárias do comunismo proletário era um presente para a propaganda do CCF. Longe de ser o estado dos trabalhadores, o sistema stalinista provou ser a ditadura contra o proletariado.

Ao expor os crimes da Rússia no Leste, o CCF enfatizou as vantagens da Esquerda em colaborar com os líderes estadunidenses do Ocidente. Socialistas dentro da esfera de influência dos Estados Unidos podiam não somente fazer campanhas abertamente como

também, em alguns países, formar governo. Os Estados Unidos até publicamente apoiaram alguns dos mais alegres sonhos da Esquerda européia. Durante os "tempos de dificuldades" da metade do século XX, tanto os social-democratas quanto os comunistas defenderam a unificação do continente como a alternativa progressista à rivalidade beligerante dos nacionalismos autárquicos. No começo da Guerra Fria no final dos anos 1940, o império estadunidense proclamou-se vitorioso na batalha contra a Esquerda. Sob seu patrocínio, as nações dentro da esfera de influência dos Estados Unidos já se uniam através de alianças militares e acordos econômicos: a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e o Mercado Comum Europeu. Ao promover a análise de Rostow desse processo, a propaganda do CCF enfatizou que os Estados Unidos proviam o modelo mais progressista para a eventual política de integração da Europa. O futuro do socialismo estava no Oeste e não no Leste.[16]

Seguindo o exemplo de sua primeira encarnação, o CCF da Esquerda da Guerra Fria também avançou sua causa política ao apoiar o modernismo artístico. Como o seu nome sugeria, denunciar a ausência de liberdade cultural era um método efetivo de expor as falhas políticas do stalinismo. Essa estratégia foi desenvolvida originalmente no final dos anos 1930 para desacreditar os apologistas do totalitarismo russo dentro da comunidade de intelectuais de Nova Iorque. Na fundação do primeiro CCF, tanto militantes trotskistas quanto artistas modernistas nos Estados Unidos estavam convencidos de que radicalismo político e experimentação cultural eram inseparáveis. Porém, até o momento em que sua segunda versão foi arranjada, essa premissa não era mais válida. Assim como seus companheiros trotskistas, os boêmios culturais agora também eram parte do que era estabelecido. Durante o começo dos anos 1940, os defensores do modernismo tornaram-se os árbitros do mundo da arte de Nova Iorque. Apoiados por um importante público

e por patronos privados, eles formaram o primeiro movimento de vanguarda autenticamente estadunidense: o expressionismo abstrato.[17] No renascimento do CCF, esses artistas modernistas mais uma vez juntaram forças com seus amigos políticos da ala da Esquerda para protestar contra as iniqüidades da censura stalinista. Apesar da similaridade de sua retórica, a segunda versão dessa campanha cultural carregava um objetivo político muito diferente. Em suas exibições e publicações, o CCF celebrou Jackson Pollock, Mark Rothko e outras estrelas do expressionismo abstrato como símbolos da devoção da elite estadunidense pela liberdade individual. Ao invés de servir à revolução socialista, a vanguarda agora trabalhava para o imperialismo estadunidense.[18]

Em sua juventude trotskista, os fundadores da Esquerda da Guerra Fria identificaram – corretamente – o modernismo artístico com o momento da criatividade utópica deslanchada pela Revolução Russa de 1917. Ainda assim, pelo final dos anos 1940, eles foram bem sucedidos em quebrar a conexão histórica entre a política comunista e a estética de vanguarda. Ironicamente, foram as políticas culturais do estado russo que criaram a oportunidade de recuperação do modernismo por sua superpotência rival. Ao final dos anos 1920 e começo dos anos 1930, a ditadura do stalinismo cruelmente esmagou a vanguarda artística e reviveu a estética do velho regime com uma nova mensagem: o realismo socialista.[19] Desde que os russos foram tolos o suficiente para abandonar o modernismo, a Esquerda da Guerra Fria capturou com alegria as imaginações da alta tecnologia democrática para o Ocidente. No momento em que o primeiro CCF apoiou essa vanguarda estética, o novo estilo tinha apelo apenas para um seleto grupo. Entretanto, no momento em que essa organização foi revivida, esses primeiros trotskistas tornaram-se jogadores importantes dentro da elite dos Estados Unidos. Ajudados por seus poderosos benfeitores, eles reempacotavam a estética

modernista como a celebração da modernidade dos Estados Unidos. Desvelada sua política subversiva, a iconografia dessa vanguarda foi popularizada pelas fábricas de sonhos de Nova Iorque e Hollywood. Da arquitetura aos móveis, o modernismo comunista se tornou o estilo doméstico do fordismo dos Estados Unidos.

Para o CCF, a imagem de uma cultura vibrante e inovadora do outro lado do Atlântico era uma arma poderosa em sua batalha ideológica contra o stalinismo na Europa Oriental. Os Estados Unidos não eram mais uma nação de filisteus. Ao contrário, tornaram-se a casa espiritual da emergente classe do conhecimento. Nova Iorque substituiu Paris como a capital do mundo da arte. Até os rebeldes culturais eram fabricados nos Estados Unidos. Mesmo que distintos, o *cool jazz* e a poesia *beat*[NT1] provaram que a criatividade artística florescia nos Estados Unidos. A propaganda do CCF martelou a mensagem política desse renascimento cultural: a modernidade vinha do Ocidente e não do Leste. Longe de ameaçar seus valores centrais, a hegemonia estadunidense era benéfica para a civilização européia. O melhor do antigo era combinado com o melhor do novo.

A ênfase do CCF na alta cultura foi arquitetada para impressionar a minoria educada entre a Esquerda da Europa Ocidental. Até mesmo à época em que fora trotskista, a Esquerda da Guerra Fria desconfiava dos gostos da maior parte da classe trabalhadora. Como líderes da nova classe do conhecimento, essa elite de vanguarda lutou não apenas contra as crueldades do stalinismo totalitário, mas também contra a banalidade da cultura popular.[20] Entretanto, ao mesmo tempo, o próprio CCF foi beneficiário da mídia de massa cujos efeitos sociais foram tão fortemente depreciados em suas publicações. Durante os anos 1950, eram os filmes de Hollywood e a música *rock'n'roll* que deram de longe a maior contribuição para assegurar a hegemonia estadunidense sobre a Europa Ocidental. Crucialmente, essas formas de arte populistas seduziram os militantes anônimos da Esquerda.

Com o aumento do ganho da classe trabalhadora, números cada vez maiores de pessoas imitavam a moda e os estilos de vida da primeira sociedade afluente do mundo do outro lado do Atlântico. Em nenhum outro lugar as ambigüidades dessa cultura popular democrática eram mais proeminentes do que no impacto do *rock'n'roll* sobre a juventude da Europa dos anos 1950. De um lado, suas estrelas estadunidenses simbolizavam a rebelião libertária contra a autoridade patriarcal e a conformidade moral. De outro lado, seus músicos encorajavam uma admiração ao conformista estilo de vida consumista dos mestres da Guerra Fria. Elvis Presley – "o rei do *rock'n'roll*" – não apenas chocava os mais velhos com seus movimentos sedutores de quadril, mas também batia ponto com uma turnê altamente publicitária de seu dever com o Exército dos Estados Unidos na Alemanha Ocidental.[21]

O CCF fortaleceu-se em um momento histórico no qual estrelas pop estavam na linha de frente da geopolítica global. Ao final dos primeiros "tempos de dificuldades", um novo Estado Universal havia restabelecido paz e prosperidade ao conquistar o mundo conhecido. Para Burnham, a lição da histórica análise de Toynbee foi clara: os Estados Unidos deveriam liberar toda a Europa e a Ásia do totalitarismo russo.[22] Entretanto, ironicamente, seus apaixonados escritos anti-comunistas em breve tornariam-se os textos fundadores de um sistema de mundo bem diferente: a paz armada da Guerra Fria. Essa nova ordem global começou como um compromisso diplomático desenhado para colocar um fim nas rivalidades imperiais que impuseram – por três traumáticas décadas – a miséria e a destruição às pessoas do planeta. Nos meses finais da Segunda Guerra Mundial, o presidente estadunidense Franklin Roosevelt e o ditador russo Joseph Stalin se encontraram no *resort* litorâneo ucraniano de Yalta para finalizar a sucessão do defunto império britânico. Como sua primeira tarefa, as superpotências não-européias deveriam resolver o destino da Europa.[23]

Os dois aliados do tempo da guerra rapidamente decidiram dividir o problemático continente entre eles: o Acordo de Yalta. Quase por acidente, eles descobriram uma solução mutuamente benéfica. Sob a ocupação estadunidense e russa, os fratricidas europeus foram impedidos de começar mais alguma guerra. O que provou ser mais difícil foi concordar com a exata demarcação da linha de trégua entre suas duas esferas de influência. Em breve os dois lados alegariam que o outro falhara em respeitar os termos do Acordo de Yalta.[24] No entanto, nem os Estados Unidos nem a Rússia apresentavam nenhuma intenção em desdobrar sua briga em uma guerra de atiradores na Europa. A partir da Alemanha, as duas superpotências transformaram as fronteiras temporárias do Acordo de Yalta em uma fronteira permanente: a "Cortina de Ferro". No lugar do império britânico, dois estados universais compartilhavam agora a tarefa de policiar o planeta. O confronto permanente era a pré-condição da colaboração mútua. Guerra era paz.

> No passado, os grupos dominantes de todos os países lutavam uns contra os outros, e o vitorioso saqueava o subjugado. Em nossos dias, eles não lutam uns contra os outros de forma nenhuma. A guerra é travada por cada grupo dominante contra seus próprios sujeitos, e o objetivo não é prever ou obter conquistas de territórios, e sim manter a estrutura da sociedade intacta.[25]

Como foi tragicamente demonstrado durante a Guerra Civil Grega de 1945-1950 e a Revolução da Hungria de 1946, Estados Unidos e Rússia não tinham o menor remorso em usar a violência extrema se esse fosse o método mais efetivo de avançar seus interesses imperialistas na Europa. Ainda assim, ambas as superpotências se beneficiaram da manutenção da estabilidade política e social dentro de suas esferas de influência. A partir do momento em que a Guerra

Fria tornara-se uma normalidade cotidiana, a violência militar foi transubstanciada em um espetáculo de mídia. Força bruta tornou-se força suave. Evitar uma confrontação tudo ou nada na Europa então dependia de que as massas acreditassem no pesadelo do *Armagedom* atômico. Ao mesmo tempo, pela razão da corrida armamentista ser – como estratégia militar – literalmente louca, Estados Unidos e Rússia deveriam prevenir que essa forma irracional de *realpolitik* inspirasse pensamentos rebeldes de pacifismo e derrotismo entre os cidadãos de seus satélites.[26] Na propaganda da Guerra Fria, o confronto das superpotências foi endossado com as mais altas aspirações da humanidade: democracia, justiça e igualdade. A sobrevivência das espécies não fora colocada em risco por uma insignificante disputa territorial entre dois impérios egoístas. Ao contrário, Estados Unidos e Rússia estavam engajados em uma batalha histórica mundial para decidir o destino da humanidade. De acordo com a lógica "duplipensante"[NT2] da Guerra Fria, a essência da liberdade era a submissão voluntária a uma superpotência imperialista.

No começo dos anos 1950, o Congresso para a Liberdade Cultural era uma instituição pioneira dessa nova ordem mundial na metade estadunidense da Europa. Do outro lado da Cortina de Ferro, uma ideologia monolítica foi doutrinada – com resultados mistos – nas mentes das massas. O Comunismo totalitário foi proclamado como o único caminho para o comunismo proletário. Ao invés de insistir na uniformidade política e ideológica, a hegemonia estadunidense fortaleceu-se entre a heterogeneidade e o pluralismo. O mundo livre liderado pelos Estados Unidos na Europa incluía a Grã-Bretanha imperial, a Escandinávia social-democrata, a Itália católica, a heterodoxia stalinista iugoslava e a Espanha fascista. O CCF proveu a grande narrativa estadunidense da modernidade que unia esses satélites em suas diversidades. Depois de aterrorizá-los com pesadelos nucleares, seus cidadãos foram seduzidos com promessas de uma

prosperidade consumista e futuros de alta tecnologia. Consenso político, acordos de classe e gestão eficiente em casa garantiriam a cooperação internacional e a paz global. Sob a tutela benevolente dos Estados Unidos, as nações da Europa Ocidental firmemente progrediam através dos estágios de crescimento rumo ao consumo de massa e à unidade continental. Seu destino de longo prazo era tornarem-se prósperos subúrbios da cidade global da sociedade da informação. O futuro da Europa era os Estados Unidos.

Notas:

1. Essa primeira versão do CCF foi chamada de Comitê pela Liberdade Cultural. Ver Judy Kutulas, *The long war*, páginas 154-163; e Alan Wald, *The New York intellectuals*, páginas 139-147.

2. Para o seu *Manifesto: towards a free revolutionary art*, ver Leon Trotsky, *Art and revolution*, páginas 115-121.

3. Ver Frances Stonor Saunders, *Who paid the piper?,* páginas 45-56; e S.A. Longstaff, *The New York intellectuals and the cultural cold war, 1945-1950.*

4. O Partido Comunista venceu com 26% dos votos populares nas eleições francesas de 1945. Ver Serge Halimi, *Sisyphus est fatigué*, página 251.

5. Ver James Burnham, *The coming defeat of communism*, páginas 182-195; Wald, The *New York intellectuals*, páginas 267-280. Para a tragédia da tomada stalinista da Tchecoslováquia, ver John Bloomfield, *Passive revolution*.

6. Ver Burnham, The *coming defeat of communism*, páginas 165-181; e Saunders, *Who paid the piper?,* páginas 85-278; Giles Scott-Smith, *The organising of intellectual consensus (Part I)*.

7. Ver James Burnham, *The struggle for the world*, página 178.

8. Ver Saunders, *Who paid the piper?,* página 63; Scott-Smith, *Intellectual consensus (Part II)*, páginas 19-20.

9. Ver Victor Kravchenko, *I chose freedom*; Richard Crossman, *The God that failed*.

10. George Orwell, *In defence of Comrade Zilliacus*, páginas 451, 453.

11. Ver Anthony Crosland, *The future of socialism*, páginas 27, 23-26, 60-69, 104-133, 325-327.

12. Ver Crosland, *The future of socialism*, páginas 29-42, 76-80, 111-122, 328-340.

13. Ver Crosland, *The future of socialism*, páginas 151, 155-159, 179-187, 195-207, 248-251.

14. Ver Partido Social Democrata, *Basic programme of the Social Democratic Party of Germany*.

15. Ver François Fejtö, *A history of the people's democracies*, página 725.

16. Para ver o apoio da CIA ao movimento federalista europeu, ver Richard Aldrich, *The hidden hand*, páginas 342-370.

17. Ver Clement Greenberg, *Art and culture*; e Serge Guilbaut, *How New York stole the idea of modern art*, páginas 49-124.

18. Ver Saunders, *Who paid the piper?,* páginas 213-278; Guilbaut, *How New York stole the idea of modern art*, páginas 139-194.

19. Ver John Bowlt, *Russian art of the Avant-Garde*, páginas 265-297.

20. Ver Michael Wreszin, *A rebel in defence of tradition*, páginas 325-326.

21. Ver George Melly, *Revolt into style*, páginas 36-47; Jeff Nuttall, *Bomb culture*, páginas 11-36.

22. Ver Burnham, *Struggle for the world*, páginas 42-55, 181-199, 242-248; e *The coming defeat of communism*, páginas 135-148, 208-221, 272-278.

23. Ver Jeremy Isaacs e Taylor Dowling, *Cold War*, páginas 11-19, 24.

24. Ver W.W. Rostow, *The United States in the world arena*, páginas 101-118, 128-131, 177-188.

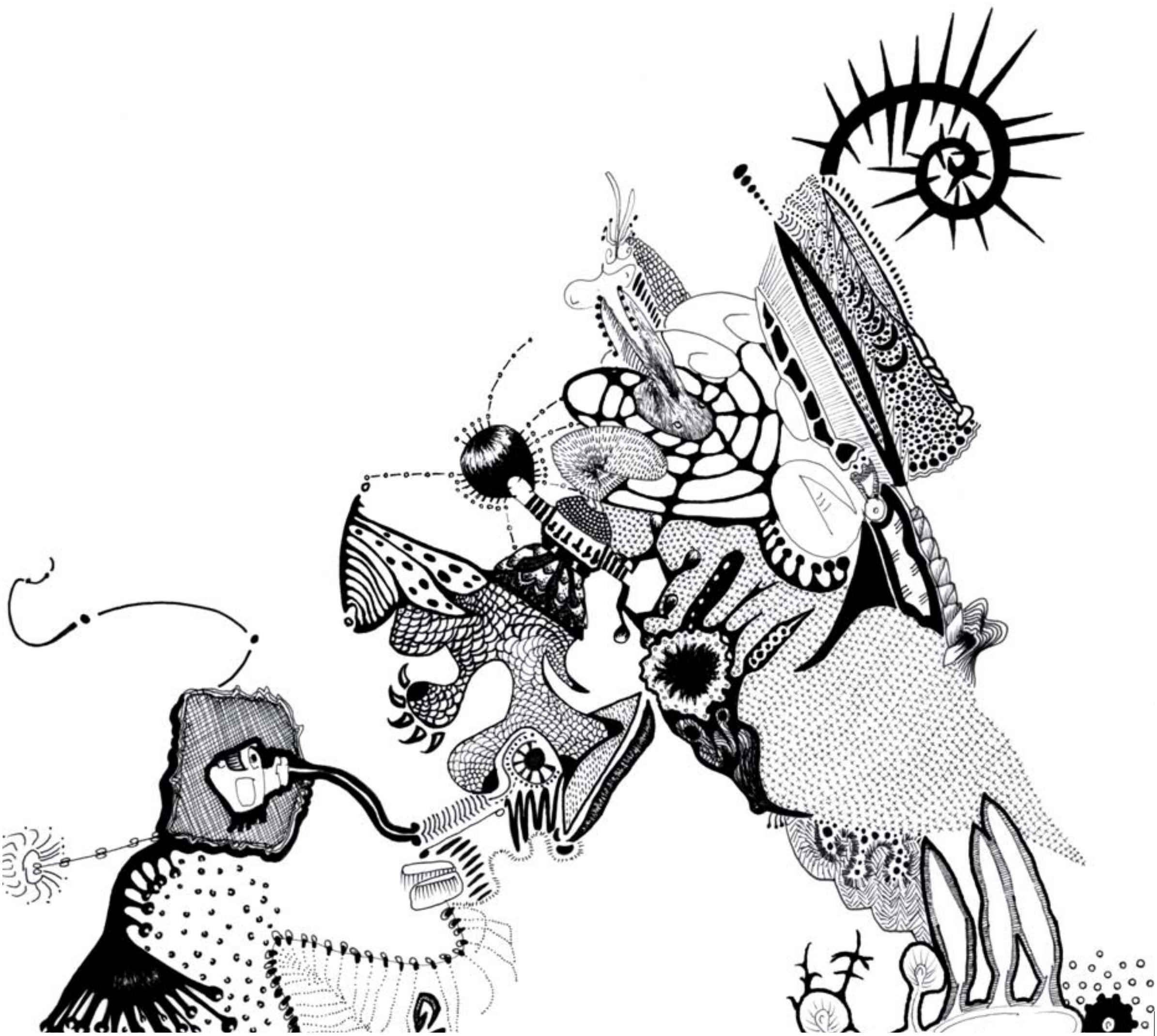
25. Ver George Orwell, *Nineteen Eighty-Four*, página 161.

26. Ver Nuttall, *Bomb culture*, páginas 42-65.

NT 1 – Beat – O termo beat originalmente significa "cansaço" ou "derrota", para depois conotar "beatitude" espiritual de uma geração. O seu criador foi Jack Kerouac (1922 – 1969) em 1948. Essa geração refere-se a um pequeno grupo de escritores estadunidenses ativos nos anos 1950, com especial destaque para os poetas que divulgaram a chamada poesia beatnik, (o sufixo -nik foi emprestado de Sputnik, o satélite russo recém lançado), que teve importantes repercussões na cultura popular. A designação beatnik expressava a alienação cultural e social e tem um sentido pejorativo em face da atitude de demissão dos beatniks perante a política (embora tenham se alinhado aos movimentos anti-nucleares) e os problemas

sociais. Os escritores dessa geração foram buscar inspiração no jazz, no Zen e em certos cultos indígenas e distinguiam-se até no aspecto físico, no uso de sandálias e calças jeans e a barba crescida, atitude que precedeu os hippies dos anos 1960. Construíram uma imagem de rebeldes com causa anárquica, escolheram um estilo de vida recheado de sexo livre, álcool e psicoativos. Tentaram libertar a poesia de academismos ao levá-la para as ruas; cultivaram a expressão caótica e a linguagem obscena. Extraído de Carlos Ceia, s.v. "beat generation", E-Dicionário de Termos Literários, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, < www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/B/beat_generation.htm> Acesso em fevereiro de 2008.

NT 2 – Duplipensante – Corresponde a um conceito cunhado por George Orwell no livro *1984,* segundo o qual é possível o indivíduo conviver e aceitar simultaneamente duas crenças diametralmente opostas.



13
O GRANDE JOGO

A ESQUERDA DA GUERRA FRIA estava convencida de que a profecia da sociedade da informação pendia dramaticamente o equilíbrio das forças internacionais a favor dos Estados Unidos. O marxismo era exposto como uma ideologia defunta da idade do vapor. Isso significou que, pela primeira vez desde a Revolução de 1917, a Rússia perdera a propriedade sobre o futuro. Na nova era do computador, os Estados Unidos eram a vanguarda do progresso humano. Com suas universidades bem financiadas, era a pátria da classe do conhecimento emergente. Com sua notoriedade científica, construíam o protótipo da Internet. Não havia nenhuma dúvida de que os Estados Unidos eram a única nação capaz de conduzir a humanidade para a aldeia global pós-industrial. Dentro da Europa Ocidental, os Estados Unidos já não precisavam contar somente com a supremacia do poder militar e econômico para proteger seus interesses. A maioria dos europeus ocidentais sucumbiu feliz à hegemonia cultural estadunidense: "coca-colonização". A força bruta foi atualizada para força suave. Naturalmente, o CCF e seus apoiadores da CIA acreditavam que suas operações psicológicas desempenharam um papel decisivo em conquistar os corações e mentes das pessoas dentro da esfera de influência dos Estados Unidos. Primordialmente

leninistas, os líderes da Esquerda da Guerra Fria estavam convencidos de que uma vanguarda de intelectuais comprometidos possuía o poder de moldar as mentes das massas. O CCF admitiu os stalinistas nesse todo-poderoso campo de batalha ideológico – e decisivamente os derrotou. Entretanto, ao mesmo tempo, seus treinamentos marxistas também lhes disseram que a hegemonia cultural fora fundada sobre a ascendência política e econômica dos Estados Unidos. Na Europa Ocidental, os social-democratas se beneficiaram da popularidade da mensagem geopolítica do CCF: a diluição da independência nacional era um passo progressivo. O egoísmo pragmático era dotado de significação histórico-mundial.[1]

Em meados dos anos 1950, os líderes do socialismo parlamentarista perceberam que o regime estadunidense fornecera empregabilidade plena e também elevara os padrões de vida de seus eleitores. Como seu decisivo movimento de abertura na Guerra Fria, o governo dos Estados Unidos deu o pontapé inicial para a revitalização da economia da Europa Ocidental com um programa keynesiano de generosos subsídios e crédito barato. A metade estadunidense do continente estava mais uma vez aberta para os negócios.[2] Em alguns poucos anos, bancos e companhias dos Estados Unidos conseguiram postos essenciais dentro das várias economias da Europa Ocidental. A partir de então, suas subsidiárias – e seus imitadores locais – conduziram a transição para o bem-estar social fordista.[3] A prosperidade econômica teve um impacto social dramático. Durante milênios, os ricos foram os principais árbitros do gosto dentro da Europa. Ao invés disso, os ícones do estilo fordista estadunidense eram mercadorias produzidas em massa para vender a todas as pessoas: automóveis, camisetas, jeans, hambúrgueres, cigarros, refrigeradores, máquinas de lavar roupa e álbuns de *rock'n'roll.* Obviamente, uma proporção crescente do eleitorado do Partido Socialista da Europa Ocidental era cativada pela cultura popular estadunidense. Do outro lado do Atlântico, os

trabalhadores desfrutavam de salários altos, empregos seguros, boa educação e mobilidade de classe. Enquanto o sonho do proletariado europeu ocidental era viver o sonho norte-americano, políticos social-democratas davam boas-vindas à ideologia da terceira via, que explicava por que a Esquerda poderia administrar o bem-estar social fordista de acordo com os interesses dos eleitores melhor do que a direita.

Durante os anos 1950, um bem de consumo simbolizou, acima de todos os outros, a chegada da sociedade afluente no estilo estadunidense: o aparelho de TV. Como o rádio nos anos 1920, essa nova tecnologia midiática muito rapidamente se transformou de um luxo em uma necessidade. Assistir à televisão logo se tornou a atividade mais importante depois de trabalhar e dormir. Ser um membro da audiência da TV era a mais importante experiência coletiva. Políticas nacionais e rivalidades internacionais agora atuavam na tela da televisão. A produção e o consumo harmonizaram-se por meio de campanhas publicitárias de TV. As últimas modas e inovações tecnológicas viraram tendências. Estilos de vida modernos foram elogiados. Acima de tudo, a televisão fornecia entretenimento para uma audiência em massa. Depois de um árduo dia de trabalho, a recompensa era sentar para assistir à telinha. Mesmo que não fossem tão bem pagos como os estadunidenses, trabalhadores do Ocidente Europeu ainda assim experimentavam o mesmo mundo fantasioso de charme, prosperidade, aventura e celebridade por algumas horas a cada noite. O fordismo democratizava o capitalismo.[4]

Assim que o CCF lançou sua propaganda ofensiva contra o stalinismo na Europa Ocidental do final dos anos 1940, sua tarefa parecia amedrontadora. Longe de ser identificado com afluência e democracia, o capitalismo foi tido como responsável pelos sofrimentos das três décadas anteriores: guerra, fascismo, genocídio, pobreza e desemprego em massa. Porém, como as economias da Europa Ocidental moveram-se com sucesso do liberalismo *laissez-faire*

para o bem-estar social fordista, as atitudes públicas gradualmente começaram a mudar. Em meados dos anos 1950, o programa do Centro Vital foi confirmado. O capitalismo estadunidense provou-se política e economicamente superior ao socialismo russo. No final dos anos 1940 e no início dos anos 1950, a CIA engajou-se em "sujas traquinagens" para prevenir que os Partidos Comunistas Francês e Italiano ganhassem eleições. Ao dividir o voto da Esquerda, a CIA teve sucesso não só em deter os stalinistas na tomada do poder, como também em isolar a opção da neutralidade. Nesse momento de crise na erupção da Guerra Fria, operações encobertas tiveram um papel decisivo em estabilizar o domínio estadunidense sobre a sua metade do continente.[5] Todavia, o que transformou essa vitória de curto prazo em ascendência de longo prazo foi o renascimento econômico da região. A CIA poderia ter financiado o CCF para manipular a Esquerda da Europa Ocidental a favor dos interesses do império estadunidense, mas os partidos socialistas parlamentares abraçaram a nova crença porque quiseram ganhar votos de um eleitorado crescentemente próspero. No lugar da sua própria interpretação do marxismo, a social-democracia possuía agora a ideologia do fim da ideologia para se distinguir do comunismo.

No início dos anos 1960, as nações-líderes da Europa Ocidental haviam quase completado a transição para o fordismo. Ao construir sobre o seu sucesso na década anterior, a Esquerda da Guerra Fria promovia o pós-industrialismo como a próxima fase de crescimento fabricada nos Estados Unidos a ser imitada por esses satélites. Enquanto assistiam televisão, europeus ocidentais já viviam parcialmente dentro da sociedade da informação. Quando os noticiários de TV cobriram os encontros entre as superpotências e as reuniões das Nações Unidas, as mídias eletrônicas do continente prefiguravam a aldeia global no presente. Graças ao mcluhanismo, a Comissão Bell era agora capaz de projetar o impacto social da

televisão nos anos 1960 em direção ao futuro imaginário. A acelerada convergência de mídia, telecomunicações e computação poderia deslanchar mudanças tão importantes na história humana quanto a Revolução Industrial. O papel demiúrgico da Internet libertaria a humanidade sem qualquer necessidade de luta de classes. Camuflada pela teoria anti-comunista, a profecia da sociedade da informação tornou-se a substituta estadunidense para o comunismo cibernético. No lugar do partido de vanguarda leninista, a classe do conhecimento mcluhanista encaminhava agora a humanidade em direção ao futuro brilhante da democracia participativa e da criatividade cooperativa. Enquanto dono do tempo, os Estados Unidos mantiveram seu controle sobre o espaço da Europa Ocidental.

Em seu clássico panfleto de 1916, *Imperialismo*, Lênin advertia que o século XX era a época da guerra infinita e da estagnação econômica.[6] Contudo, com notável velocidade, a elite dos Estados Unidos obteve sucesso na construção de um novo – e mais avançado – sistema imperial sobre as ruínas do velho. No Acordo de Yalta de 1945, Estados Unidos e Rússia dividiram o continente vencido entre eles. Sob suas hegemonias comungadas, paz e prosperidade finalmente retornaram à Europa depois de 30 anos de caos. Na conferência de Yalta, as duas superpotências também criaram um esboço para a governança global. Como a Europa Ocidental e o Japão caíram dentro de sua esfera de influência, a elite dos Estados Unidos estava convencida de que herdara a responsabilidade de seus defuntos impérios coloniais. Porém, como herdeiro da Revolução de 1776, o governo estadunidense não teve nenhum desejo em repetir os enganos desses imperialistas fracassados. Ocupar os países de outras pessoas não era apenas imoral, mas também, e ainda pior, extremamente caro.[7] De volta ao começo do século XIX, os britânicos provaram que o sistema mundial poderia ser bem sucedido ao lado de formas mais liberais. À época em que a Marinha Real policiava os oceanos

e a cidade de Londres regulava o sistema financeiro global, o livre comércio criou a "paz perpétua" entre os povos do mundo. Ao invés de lutarem umas contra as outras, as nações faziam comércio umas com as outras.[8] Através da especialização dentro do mercado global, todas as regiões do planeta tornaram-se mais prósperas.[9] Na medida em que o conhecimento científico avançava, novas tecnologias como estradas de ferro, navios a vapor e telegrafia reuniam os cidadãos do mundo. Ainda melhor para seus admiradores estadunidenses, a Inglaterra era o poder dominante nesse sistema liberal global sem o custo e os traumas de administrar um vasto império colonial: o imperialismo do livre comércio.[10]

No final da Segunda Guerra Mundial, o consenso da elite dos Estados Unidos culpou a falência do sistema de liberalismo global à moda britânica por precipitar três décadas de morte e destruição.[11] Essencialmente, a administração de Truman foi convencida de que esse desastre poderia ter sido evitado. As análises de Lênin e Toynbee sobre o imperialismo eram para lá de pessimistas. No final da Primeira Guerra Mundial, o presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, tentou reconstruir a arruinada economia global sobre princípios mais democráticos, mas foi contrariado pela oposição míope dentro e fora de casa.[12] Trinta anos depois, a administração de Truman sabia que poderia ter sucesso onde seu precursor falhara. Depois de outra conflagração global, o Partido Republicano finalmente percebeu que os Estados Unidos não poderiam desistir de suas responsabilidades internacionais. Mais importante ainda, seus rivais imperiais foram todos severamente enfraquecidos pela guerra. Com a única base industrial não danificada e as maiores forças armadas no mundo, a superpotência dominante estava apta a reordenar o globo sob seus próprios interesses.[13] Como rejeição ao colonialismo europeu fora de moda, a hegemonia estadunidense foi fundada sobre instituições globais que indiretamente limitaram a independência de seus estados

membros. Por um lado, havia as organizações econômicas que uniam a esfera de influência dos Estados Unidos: o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial, o Acordo Geral de Tarifas e Comércio (Gatt), a Organização para Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OECD) e o Mercado Comum Europeu. Por outro lado, havia as alianças militares que protegiam as fronteiras do novo império: a Otan, a Anzus, a Organização do Tratado do Sudeste Asiático (Seato) e o Pacto de Bagdá.[14] Englobando esses órgãos sob sua influência estavam as Nações Unidas, que agiam – ao mesmo tempo – como um governo mundial embrionário e uma plataforma pública para a rivalidade das superpotências. Só para lembrar a todos quem era o chefe, o quartel-general da ONU ficava em Nova Iorque.

Como seus antigos opressores na Europa Ocidental e no Japão, as mais novas nações independentes do Sul logo se encontraram alistadas ao lado dos Estados Unidos na Guerra Fria. Ao livrarem-se do colonialismo, era esperado agora que elas unissem as suas instituições militares e econômicas ao novo sistema mundial. Como o recente "tempo de dificuldades" tragicamente provou, o nacionalismo autárquico criava guerra e pobreza. O liberalismo global era a única garantia de paz e prosperidade.[15] Entretanto, em oposição profunda à Europa Ocidental, abraçar o modelo estadunidense não era obviamente a opção preferida na periferia do sistema mundial. Imposto pelo odiado mestre colonial, o capitalismo bloqueou o desenvolvimento da economia indígena por gerações. Ao contrário, a ditadura stalinista transformava – em menos de três décadas – uma nação empobrecida e derrotada de camponeses em uma vitoriosa superpotência industrial nuclear. Para radicais nas novas nações do Sul, o modelo russo representou a esperança de transformar a independência formal em soberania plena. "Politicamente, deve haver uma completa ruptura com o capitalismo mundial... durante o período de reconstrução... [a] estratégia marxista-leninista.... [é a] transição para uma economia autônoma, auto-sustentada."[16]

Em 1950, a Guerra Fria repentinamente lançou chamas em uma guerra de tiros na Ásia Oriental. Culpada em casa por seus oponentes republicanos ao falhar em evitar a Revolução Chinesa de 1949, a administração de Truman enviou uma força expedicionária dos Estados Unidos para proteger os nacionalistas pró-estadunidenses na Coréia contra seus rivais pró-russos. Durante os três anos seguintes, as duas superpotências lutaram entre si sobre qual ditador oprimiria o povo coreano.[17] Ao contrário das expectativas da liderança democrata, seu movimento decisivo contra o avanço do comunismo no Sul não era popular em casa. Em 1952, o candidato republicano ganhou as eleições presidenciais nos Estados Unidos pela primeira vez desde o final dos anos 1920. Apesar de toda a ênfase dada pela propaganda à necessidade vital de resistir à "ameaça vermelha", os eleitores estadunidenses estavam infelizes com as forças armadas de sua nação que lutavam uma guerra terrestre anti-comunista na distante Ásia Oriental.[18]

Durante o resto da década, o Partido Democrata encontrou-se fora do poder. Traumatizado por sua derrota, sua liderança precisava desesperadamente de uma nova estratégia para resolver as crises no Sul, como o confronto coreano. Infelizmente, para os democratas, a administração de Eisenhower cuidadosamente evitou cometer o mesmo erro do seu antecessor. Os Estados Unidos não precisavam de força militar para insuficientemente punir satélites subservientes. Na ocasião em que britânicos e franceses invadiram o Egito sem permissão estadunidense, em 1956, uma combinação de pressão política e sanções econômicas rapidamente os forçaram a voltar atrás.[19] Ao aplicar as lições aprendidas em suas operações secretas contra os Partidos Comunistas da Europa Ocidental, a CIA removeu com sucesso os governos não-amigáveis do Irã, da Guatemala, do Congo e de outras "áreas de tensão".[20] Sob os republicanos, o público estadunidense pôde usufruir os benefícios materiais e psíquicos de

hegemonia global sem ter que sofrer os custos humanos e materiais de guerras estrangeiras.

No final dos anos 1950, Kennedy – enquanto preparava seu plano para a presidência dos Estados Unidos – estava bem atento ao fato de que sua vitória sobre seu oponente republicano dependia dos democratas recuperarem sua reputação como vencedores dos interesses dos Estados Unidos no Sul. Felizmente, ele soube exatamente onde encontrar os intelectuais que poderiam ajudá-lo a vencer a vindoura eleição: a agência de inteligência Cenis, no MIT.[21] Graças aos sucessos na Europa Ocidental, a CIA financiou Rostow e seus colegas para afiar sua grande narrativa anti-comunista da história em um trabalho de pesquisa sobre as nações emergentes do Sul. Na medida em que os anos 1950 progrediam, a Esquerda da Guerra Fria ficava cada vez mais frustrada com as falhas da administração de Eisenhower. Como seus antecessores europeus, o império estadunidense começava a se identificar com a ordem autoritária da minoria privilegiada que se safou do velho sistema colonial: proprietários de terras, burocratas e comerciantes. Por temerem uma inquietude social, esses membros da elite tradicional estavam ansiosos para cooperar com o novo senhor feudal estadunidense que protegia suas riquezas e poder. Infelizmente, eles também dispunham de um direito adquirido para atrasar a modernização econômica. A curto prazo, a política do Partido Republicano de compartilhar poder com as elites tradicionais poderia ser barata e fácil. Contudo, como enfatizou a Esquerda da Guerra Fria, essa estratégia conduziria ao desastre a longo prazo. Se os Estados Unidos não perdessem rapidamente sua reputação de "amantes de ditadores", todas as lutas pela democracia política e justiça econômica no Sul poderiam se desdobrar em rebeliões nacionalistas lideradas por comunistas contra o imperialismo ianque.[22] Na "lógica de vitrine"[NT1] da Guerra Fria, um estado totalitário e policial

transformava-se no defensor do progresso e da liberdade na maior parte do mundo em desenvolvimento. A Revolução Chinesa de 1949 era uma profunda advertência do que poderia acontecer em qualquer outro lugar no Sul. Derrotados nas cidades no final dos anos 1920, os comunistas, ao contrário – como Bakunin recomendara – focaram suas energias em organizar o campesinato. Durante as duas décadas seguintes, esse partido de vanguarda desenvolveu uma estratégia de combate de guerrilha rural que finalmente sagrou-se vitoriosa sobre seus oponentes apoiados pelos Estados Unidos.[23] Como o líder supremo do comunismo chinês, Mao Tse-Tung supervisionou a transformação dessa experiência revolucionária em uma teoria epônima: maoísmo. Sua nova forma de marxismo-leninismo se inspirou em uma perspicácia fundamental: era impossível ao Sul modernizar-se sem um violento motim social na zona rural. A elite tradicional era responsável não só por manter o campesinato na pobreza e ignorância, mas também por ajudar poderes estrangeiros a dominar as economias do mundo subdesenvolvido.[24] Ao organizar politicamente a população rural oprimida, o Partido Comunista Chinês poderia combinar as lutas pela justiça social e a independência nacional. Entre os maoístas, a independência era mais do que somente uma técnica de sobrevivência para guerrilheiros. A autarquia econômica era a pré-condição essencial para começar o processo de modernização do Sul.[25]

Durante os anos 1930, Stalin explorou cruelmente o campesinato russo para pagar pelo seu ambicioso programa de industrialização. O movimento da população da zona rural para as cidades deu a medida do progresso em direção à utopia comunista. Como condutor de um exército de guerrilha rural, Mao naturalmente rejeitou essa versão stalinista de acumulação primitiva. Ao invés disso, como Bakunin e seus admiradores, o principal chefe do comunismo chinês

acreditou que as comunas camponesas eram as precursoras do futuro comunista no presente. Na Rússia de Stalin, a fábrica foi idealizada como o epítome de modernidade racional. Contudo, na China maoísta, essa fascinação com as hierarquias tayloristas foi denunciada como pessimismo ideológico. Ao contrário de seus antecedentes proletários, o comunismo camponês poderia ser criado "aqui e agora". Democracia participativa e criatividade cooperativa já existiam em formas pré-figurativas dentro das aldeias da China.[26] Não havia necessidade de que o país ultrapassasse o estágio industrial de crescimento para alcançar a terra prometida. Com uma combinação de mobilização de massa e fervor ideológico, a China maoísta poderia pular diretamente para dentro do futuro imaginário do comunismo camponês: o "grande salto adiante".[27]

A Esquerda da Guerra Fria identificou essa nova mutação do stalinismo como a maior ameaça para a hegemonia estadunidense sobre o Sul.[28] No ano anterior às eleições presidenciais dos Estados Unidos, seus piores medos foram confirmados. Por não oferecer nenhuma esperança de liberdade política e desenvolvimento econômico no Sul, a administração de Eisenhower permitiu aos comunistas seqüestrarem a Revolução Cubana de 1959.[29] Incentivados por essa vitória, os movimentos da guerrilha rural emergiam para desafiar os regimes pró-estadunidenses pelo Sul. Ao retomar as lições da Revolução Cubana, Che Guevara explicou como um pequeno grupo de radicais poderia lançar uma insurreição armada que inspiraria o campesinato empobrecido a se revoltar contra os opressores apoiados pelos Estados Unidos.[30] Os russos poderiam ganhar a Guerra Fria – sem nem mesmo ter que arriscar uma demonstração militar na Europa – se conduzissem uma insurreição anti-imperialista mundial contra o império estadunidense. Em uma reprise global da Revolução Chinesa de 1949, os heróicos camponeses do Sul derrotariam os capitalistas corruptos do Norte.

Desde a Segunda Guerra Mundial, o movimento revolucionário proletário, por várias razões, foi temporariamente deixado de lado nos países capitalistas norte-americanos e europeus ocidentais, enquanto o movimento revolucionário dos povos na Ásia, África e América Latina têm crescido vigorosamente. De certo modo, a revolução do mundo contemporâneo apresenta um quadro de circundamento de cidades por áreas rurais. Na análise final, a grande causa da revolução mundial se articula nas lutas revolucionárias dos povos asiático, africano e latino-americano, que são os que compõem a maioria da população mundial oprimida.[31]

Ajudados pela CIA, Rostow e seus colegas desenvolveram a atualizada resposta anti-comunista para a crise revolucionária no Sul: a Teoria da Modernização do MIT. Primeiramente, dispensaram a análise geopolítica de Lênin e de Mao como uma relíquia da época já ultrapassada do imperialismo europeu. Diferentemente de seus antecessores europeus e japoneses, a prosperidade do império estadunidense não estava fundada na exploração de colônias além-mar.[32] Presos na competição global com a Rússia, a prioridade dos Estados Unidos era preservar a estabilidade política dentro de sua esfera de influência. Como na Europa Ocidental, o descontentamento social no Sul poderia eventualmente diminuir o crescente padrão de vida. Ao contrário das reivindicações maoístas, era do interesse pessoal dos Estados Unidos acelerar a urbanização e a industrialização do mundo em desenvolvimento.[33] Debaixo da proteção benevolente do império estadunidense, empobrecidas nações camponesas poderiam agora começar o árduo processo de construção de sociedades prósperas e pluralistas. Com generosa ajuda financeira do governo dos Estados Unidos e orientação do time multidisciplinar de especialistas treinados do MIT, as nações do Sul poderiam progredir mais rapidamente por meio dos estágios de crescimento rumo ao objetivo do fordismo do bem-estar social.

Como os fabianos, a Esquerda da Guerra Fria acreditava que o imperialismo bem-sucedido requeria uma missão civilizadora.

Inspirado pelo sucesso do CCF na Europa Ocidental, os acadêmicos do Cenis estavam convencidos de que os Estados Unidos poderiam ganhar o apoio das massas empobrecidas no mundo em desenvolvimento. Os Estados Unidos deveriam abertamente ajudar as elites modernizadoras em suas batalhas contra ambos: reacionários feudais e revolucionários totalitários. Com seus rivais superados, essa vanguarda da "terceira força" conduziria o pobre urbano e o camponês para a democracia e a abundância. Como na Europa Ocidental, os protegidos estadunidenses no mundo em desenvolvimento foram encorajados a imitar as políticas centristas da Esquerda da Guerra Fria: consensos políticos, compromisso econômico e eficiência administrativa. Em um nível global, o livre-comércio poderia ser necessário para prevenir o renascimento dos blocos imperialistas autárquicos. Contudo, nacionalmente, o liberalismo *laissez-faire* era tão anacrônico no Sul quanto no Norte. A "terceira força" deveria seguir a terceira via do capitalismo planejado para prosperidade.[34]

A agência de inteligência Cenis acreditava que a mídia desempenhava um papel fundamental na preparação das pré-condições para começar e acelerar o processo de industrialização. Em sociedades agrárias, havia muitas barreiras psicológicas irracionais que desmotivaram a adoção de atitudes e estilos de vida modernos.[35] Em coro com McLuhan, esses teóricos do MIT estavam convencidos de que a expansão das novas mídias mudaria inevitavelmente a consciência das pessoas que, em troca, conduziriam à emergência de uma nova sociedade. Com dinheiro e orientação dos Estados Unidos, as elites modernizadas do Sul estavam agora aptas a montar jornais e estações de rádio em seus países. Elas também estendiam seus sistemas telefônicos e começavam a transmissão de televisão. Pela primeira vez, os camponeses desses países em desenvolvimento aprendiam sobre o

mundo fora de suas aldeias. Com o passar do tempo, preconceitos e medos tradicionais seriam erodidos. Ideologias modernistas dariam uma identidade comum para a nova nação, construída por pessoas de diferentes origens sociais e culturais.[36] Graças à mídia, as massas ficariam ansiosas para abraçar a industrialização ao estilo dos Estados Unidos. Como rejeição à falsa utopia de comunismo totalitário, eles poderiam agora olhar adiante para tornarem-se plenos membros da sociedade da informação global.

A Cenis acreditava que a nova classe necessária para conduzir o processo de industrialização já existia na maior parte dos países no Sul. Entretanto, em alguns desafortunados países, a elite modernizada nativa não existia. Nesses casos, a Esquerda da Guerra Fria argumentou que os Estados Unidos deveriam intervir para forçar a classe dominante tradicional a assumir este papel. Às vezes, como aconteceu na Turquia dos anos 1920, o exército poderia prover a liderança decisiva necessária para fazer a dolorosa ruptura com o passado. Se supervisionados pelos graduados da Cenis, regimes autoritários estariam aptos a criar as pré-condições sócio-econômicas para a democracia representativa e o fordismo de bem-estar social florescerem no futuro.[37] Como nas operações secretas da CIA na Europa Ocidental no final dos anos 1940, a repressão política dentro da esfera de influência dos Estados Unidos no Sul era uma inconveniência temporária dentro do desdobramento da grande narrativa do progresso social.

> [Isso] parece... ser o mal maior [em nações pré-modernas] para desenvolver "o governo popular" às custas de uma administração viável capaz de levar a cabo uma amálgama das vontades da elite e da massa. Enquanto a administração eficiente pode de fato deprimir alguns aspectos da politização, tal sedação pode ser benéfica a longo prazo.[38]

Rostow e seus colegas acreditaram que a teoria da modernização do MIT se tornaria a ortodoxia aceita pelo Sul assim que o crescimento econômico começasse a acelerar. Só havia um grande obstáculo que impedia esse feliz resultado. No mundo em desenvolvimento, existia uma pequena minoria de revolucionários fanaticamente determinados a sabotar a decolagem de seus países. Em seus estudos da pesquisa, os acadêmicos da Cenis descobriram que o lento passo da modernização causava neuroses psicológicas entre um grupo social fundamental: os intelectuais. Alienados e frustrados, muitos membros da embrionária classe do conhecimento no Sul sucumbiram às tentações de romantismo revolucionário e extremismo ideológico.[39] Na repetida frase de Rostow, o comunismo era uma doença psicológica da transição para a modernidade. Com ajuda da Rússia e da China, esses descontentes intelectuais agora lideravam movimentos camponeses de guerrilha pelo Sul. Em vez de desenvolver suas economias, governos pró-Estados Unidos eram forçados a concentrar seus escassos recursos em derrotar esse inimigo intransigente.[40]

Como as ditaduras chinesa e russa perseguiam impiedosamente seus inimigos internos, a Esquerda da Guerra Fria aceitou que algumas vezes fosse necessário – se passível de arrependimento –, aos regimes apoiados pelos Estados Unidos, assassinar, torturar e aprisionar subversivos comunistas e seus simpatizantes. Entretanto, esses especialistas do MIT temiam que a política de repressão indiscriminada fosse polarizar o debate político no Sul na escolha entre dois extremos incômodos: a oligarquia tradicional e a vanguarda revolucionária.[41] Se a "terceira força" quisesse prevalecer, seus patrocinadores estadunidenses precisavam de uma estratégia mais inteligente para derrotar as insurreições rurais. Por terem aprendido com os escritos de Mao e Guevara sobre o combate de guerrilha, a CIA e a Cenis acreditavam que as forças especiais dos Estados

Unidos e seus aliados locais poderiam acomodar as técnicas de seus inimigos revolucionários para vencer a batalha no campo: contra-insurgência.[42]

De acordo com a teoria da modernização do MIT, toda nação teria seu próprio e único caminho de desenvolvimento. Ao mesmo tempo, toda economia deveria mover-se pela mesma seqüência pré-determinada de estágios de crescimento. Para a equipe da Cenis, essa dualidade explicava a dura dicotomia entre as condições de vida do Norte e do Sul. Os admiradores de Lênin e Mao colocaram a culpa sobre o imperialismo estadunidense por perpetuar o "subdesenvolvimento" do mundo em desenvolvimento.[43] Como rejeição a essa análise, Rostow e seus colegas argumentaram que cada nação estava em um momento diferente do tempo em um único processo histórico. Dos seus vários pontos de partida, esses países do mundo convergiam todos para a aldeia global liderada pelos Estados Unidos. Mais cedo ou mais tarde, o Sul pobre desfrutaria do mesmo padrão de vida do Norte rico.[44] A recente mudança do significado ideológico de liberalismo dentro da teoria política estadunidense transformou essa grande narrativa anti-comunista na justificativa histórica da liderança global dos Estados Unidos. Dentro de uma economia mundial composta de nações em diferentes estágios de crescimento, o livre comércio permaneceu como a única alternativa crível à autarquia nacionalista. Felizmente, assim que suas economias se desenvolvessem dentro do mercado global, toda nação adotaria lentamente mais conceitos modernos de liberalismo. Em uma escala mundial, a competição de mercado já era acrescida de instituições financeiras internacionais e planejamento regional. A aldeia global necessitava de um governo global.

Como na Europa Ocidental, os Estados Unidos – a primeira nação continental – forneceram o melhor modelo para essa emergente federação mundial. Para Rostow e outros membros da Cenis, a

experiência da Revolução de 1776 provou que a unidade econômica poderia ser combinada com democracia política em uma escala global.[45] A popularidade internacional dos filmes de Hollywood e do *rock'n'roll* mostrou como os Estados Unidos já atuavam como um protótipo do mundo unificado. Como uma nação de imigrantes e descendentes de imigrantes, o país era o primeiro com uma postura verdadeiramente internacional. A Esquerda da Guerra Fria entusiasmou-se com o fato do "caldeirão" cultural estadunidense ser o pioneiro da cultura da aldeia global que viria. No momento em que todos no planeta acessassem as novas tecnologias da informação, peculiaridades nacionais e étnicas misturariam-se em uma identidade universal ao estilo estadunidense. Como no futuro de ficção científica da série de TV *StarTrek,* a diversidade da humanidade logo trabalharia em conjunto para um propósito comum sob o capitão estadunidense. Até os alienígenas gostariam de estar no time.[46] Os Estados Unidos de hoje eram a premonição de todos os outros lugares de amanhã.

> A velocidade com a qual os meios de comunicação estão agora em desenvolvimento nos leva a argumentar que as presentes nações do mundo se moverão para relações de intimidade e interação crescentes. Entre elas, o urgente imperativo de dominar a força militar e a necessidade de lidar com as pessoas em todo lugar na base da proximidade acelerada tende fortemente para um movimento na direção de uma organização federalizada mundial sob uma efetiva lei internacional.[47]

Na campanha presidencial de 1960, o entusiasmo de Kennedy com a teoria da modernização do MIT reforçou sua imagem pública como o candidato mais moderno. Após sua vitória, a nova administração adotou imediatamente a estratégia dual da Cenis: desenvolvimento e repressão. Nos noticiários, o presidente Kennedy identificou-se

com a elite das unidades militares dos Estados Unidos treinadas para o combate contra-insurgente.[48] Como sua primeira operação secreta, os democratas aprovaram o plano prévio do governo de uma invasão de Cuba liderada pela CIA. Com ajuda dos Estados Unidos, a terceira força derrotaria o totalitarismo sem restabelecer a velha oligarquia.[49] No momento em que essa aventura terminou em desastre, Kennedy rapidamente lançou seu ambicioso programa de subsídios e conselhos para acelerar o crescimento econômico na América Latina: a Aliança para o Progresso. Para assegurar seu sucesso, Rostow foi apontado para supervisionar o projeto.[50] Se a força militar não podia remover o comunismo da sua base caribenha, a modernização política e econômica preveniria que o contágio revolucionário se espalhasse para outros países da região. Em uma iniciativa bastante promovida publicitariamente, o governo Kennedy mandou jovens estadunidenses idealistas trabalharem em projetos de assistência social no Sul financiados pelos Estados Unidos: *Peace Corps*. Ao ajudar aqueles em aflição, esses voluntários demonstravam que a superpotência número um apoiava o progresso social das partes menos afortunadas do mundo.[51] No encontro de um Fórum Regional de Economia em 1961, no Uruguai, os delegados latino-americanos não sabiam qual político de esquerda era a maior ameaça para a velha ordem do continente: Che Guevara – o representante da Cuba revolucionária – ou Douglas Dillon – o proponente dos Estados Unidos da teoria da modernização do MIT.[52]

Na época em que Kennedy chegou ao poder, em 1961, a partilha da Europa fora solidificada. Apesar da corrida nuclear ter continuado incontrolada, uma guerra total entre os Estados Unidos e a Rússia parecia agora muito improvável. Ainda assim, um ano depois, uma série de erros de cálculo de ambos os lados quase dispararam o *Armagedom* atômico. Em 1962, a competição entre as duas superpotências pelo controle de Cuba escalonou-se à mais perigosa crise da Guerra Fria.

Por temer outra invasão patrocinada pela CIA, o regime revolucionário concordou com que os russos estacionassem mísseis nucleares em sua ilha. Assim que a vigilância aérea dos Estados Unidos descobriu suas bases, o regime de Kennedy ameaçou uma guerra caso aquelas armas não fossem removidas de Cuba. Em uma manobra aterrorizante, ambos os lados – em um momento de insanidade – decidiram arriscar perder tudo pela disputa de quem controlaria uma pequena ilha caribenha.[53]

De volta a 1916, Lênin argumentou que o imperialismo era a batalha sobre quem controlava as riquezas do mundo. A guerra incessante era um resultado inevitável. Ainda assim, na Europa saudável, os impérios estadunidense e russo respeitaram fielmente as condições do Acordo de Yalta durante quase duas décadas. Nunca se permitiu que a escalada da postura militar e a retórica propagandista chegassem a um nível de confrontação máxima. Até mesmo na ocasião em que lutaram uma contra a outra pelo controle da Coréia, as duas superpotências mantiveram com sucesso sua confrontação armada localizada na península.[54] No começo dos anos 1960, viver com a Guerra Fria tornara-se uma normalidade. Crises iam e vinham, mas nada mudava fundamentalmente. Poucas pessoas previram a crise cubana que ameaçou a sobrevivência da humanidade. Acima de tudo, eles estavam surpresos que a última cartada entre as superpotências acontecera no Sul ao invés de na Europa.

Paradoxalmente, o Acordo de Yalta era responsável por esse espasmo de irracionalidade. Ao dividir a Europa, os Estados Unidos e a Rússia impuseram a paz no continente. Mas, como ambos estabeleceram a ordem dentro de suas esferas de influência, as oportunidades de competição entre eles ficavam cada vez mais escassas. Como resultado, rivalidades imperiais foram crescentemente desviadas para o Sul. Nessa extensão do Acordo de Yalta, a perigosa confrontação nuclear na Europa foi sublimada em um "grande jogo"

de diplomacia, espionagem, conspirações, campanhas de propaganda e operações secretas encenadas em terras exóticas. Agentes russos e estadunidenses experimentaram a emoção de lutar pelo domínio das políticas internas de países de outros povos. Nesse jogo da Guerra Fria, as nações do Sul se tornaram as peças no tabuleiro que eram perdidas ou conquistadas no momento em que as lealdades migravam de um bloco político a outro. Todo país do mundo em desenvolvimento carregava uma importância simbólica como mais uma peça no confronto entre as superpotências. A força suave era agora a medida da força bruta.

Embora ambos os lados jogassem para vencer, o objetivo do jogo da Guerra Fria era continuar o jogo sem nunca ganhar.[55] Em um sistema mundial fundado na rivalidade cooperativa de dois blocos políticos, a vitória completa de um lado era uma derrota desastrosa para ambos os lados. O jogo da Guerra Fria não teve – e nem poderia ter – um placar final. Ao mover o campo de batalha para o Sul, a Rússia e os Estados Unidos agora eram capazes de competir pelo domínio do mundo sem alterar fundamentalmente o equilíbrio de forças geopolíticas. Perder ou ganhar uma batalha em cima de um país habitado por camponeses empobrecidos nunca seria importante o suficiente para ativar uma confrontação nuclear. Melhor de tudo, ao contar o número de estados-clientes em cada bloco político, era agora possível medir qual lado estava à frente em qualquer momento particular no jogo de "soma zero"[NT2] da Guerra Fria. Rússia e Estados Unidos preservaram a estabilidade no Norte rico ao exportar instabilidade para o Sul pobre.[56] "(A teoria dos jogos) projeta modelos simétricos em um clima político assimétrico, assim como uma compreensão das regras do jogo dentro de um contexto de desorganização social e desequilíbrio político."[57]

O culto ao computador encorajou essa ritualização cibernética da Guerra Fria. Turing e von Neumann identificaram o ato de jogar

como uma marca fundamental de inteligência. Se processado por um computador, o irracional poderia parecer racional. Nas simulações de Kahn, era até mesmo possível calcular qual lado ganharia uma guerra nuclear. Para os gurus do Centro Vital, a teoria dos jogos oferecia uma análise objetiva sobre a disputa das superpotências no Sul. Caóticas batalhas por justiça de classe e independência nacional eram realizadas de acordo com certas regras. Por meio de sua reprodução em programas de computador, o lado dos Estados Unidos poderia descobrir como ficar no topo nessas disputas. Como a economia, a Guerra Fria era uma máquina programável. No início dos anos 1960, a teoria da modernização do MIT era a mais avançada estratégia estadunidense para jogar esse jogo geopolítico no Sul. Com concessões da Arpa, cientistas sociais criaram simulações de computador que apontavam as melhores táticas para cada localidade.[58] No começo do jogo da Guerra Fria, os Estados Unidos controlavam a maior parte das peças no tabuleiro. Mas, pela aliança com as velhas elites dos tempos coloniais, o novo império, vagarosa porém seguramente, alienou a maioria da população no Sul. Revigorado pela Revolução Cubana de 1959, o stalinismo era agora a ideologia preeminente de emancipação política e justiça social na Ásia, África e América Latina. Ao chegar ao poder, o Partido Democrata estava determinado a provar que suas políticas progressistas não eram apenas moralmente preferíveis, mas também a estratégia mais efetiva para esmagar a ameaça comunista no mundo em desenvolvimento. Fundamentalmente, as vitórias premiadas no além-mar ajudavam a ganhar eleições em casa. Patriotas estadunidenses queriam ver o time do seu país como o líder no grande jogo do Sul. A nova administração democrata não queria desapontá-los.

A crise cubana dos mísseis foi a primeira vez em que as duas superpotências esqueceram que o jogo da Guerra Fria era só um jogo. Comparada com as regiões industriais saudáveis da Europa, uma pequena ilha turística produtora de açúcar no Caribe era um

peão dispensável. Por ignorarem essa realidade geopolítica, os líderes da Rússia e dos Estados Unidos no início dos anos 1960 tomaram uma série de decisões imprudentes, a ponto de chegarem perto de destruir a civilização humana. A simbólica força suave de uma revolução comunista no "quintal" dos Estados Unidos persuadiu ambos os jogadores para uma escalada rumo à beira da catástrofe para assegurar uma única peça no tabuleiro. Depois de olhar o abismo, os dois irmãos inimigos voltaram-se aos seus sentidos de lucidez e fecharam um acordo. Cuba assegurou sua independência em relação aos Estados Unidos ao submeter-se à hegemonia russa. Não havia nenhuma terceira opção neutra no jogo de "soma zero" no Sul. Embora o desastre tenha sido evitado, a administração de Kennedy temia que a perda de quaisquer outras peças no tabuleiro poderia mais adiante debilitar a posição dos EUA no jogo e detonar uma reação em cadeia de insurreições anti-estadunidenses pelo Sul, convenientemente nomeada de "teoria do efeito dominó". Mao tornara-se o estrategista mestre do jogo da Guerra Fria. Os computadores da Cenis previram que uma vitória comunista em um país poderia provocar um ciclo de retroalimentação negativo que poderia desestabilizar todo o Sul.[59]

Ao inverter a profecia revolucionária de Mao, esses analistas do MIT convenceram-se de que – depois da derrota dos Estados Unidos em Cuba – todo regime pró-Estados Unidos no mundo em desenvolvimento adquiriu imensa significação ideológica. Até mesmo nações de pequeno valor econômico ou estratégico eram agora peças importantes no tabuleiro. Se fosse permitido às guerrilhas de revolucionários tomar o poder em outro país dentro do mundo em desenvolvimento, o inimigo maoísta teria provado que havia caminhos alternativos para a modernidade. Depois de vencer o primeiro torneio na Europa Ocidental, os Estados Unidos teriam perdido a segunda rodada no Sul. Em vez da liderança humanitária

dos Estados Unidos para a sociedade da informação, o comunismo seria – mais uma vez – a onda do futuro. A Esquerda da Guerra Fria insistiu que essa análise geopolítica conduzia inexoravelmente a uma conclusão: os Estados Unidos deveriam infligir uma derrota humilhante na revolução camponesa no Sul. A força bruta deveria ser usada para aumentar a força suave. Controlar um pedacinho de espaço demonstraria às pessoas do mundo que os Estados Unidos ainda possuíam as vastas imensidões do tempo.

Notas:

1. Um historiador do CCF enfatizou que é importante reconhecer que o envolvimento da CIA era centrado na promoção e manipulação de pontos de vista existentes da Esquerda (na Europa Ocidental)... e não na criação deles a partir do ar". Giles Scott-Smith, *The organising of intellectual consensus (Part I)*, página 8.

2. Ver W.W. Rostow, *The United States in the world arena*, páginas 214–217; e Kees van der Pilj, *The making of an Atlantic ruling class*, páginas 138–177.

3. Ver Jean-Jacques Servan-Schreiber, *The american challenge*, páginas 17–67; e van der Pilj, *The making of an Atlantic ruling class*, páginas 178–195.

4. Ver Guy Debord, *Society of the spectacle* (*A Sociedade do Espetáculo*), teses 1–54; e Raymond Williams, *Television*, páginas 19–31, 44–118.

5. Ver William Blum, *Killing hope*, páginas 27–39, 61–64, 104–108; e Rhodri Jeffreys-Jones, *The CIA and american democracy*, páginas 49–53.

6. Ver V.I. Lênin, *Imperialism*, página 147.

7. Ver Andrew Bacevich, *American empire*, páginas 7–31.

8. Ver Immanuel Kant, *To perpetual peace*.

9. Ver David Ricardo, *The principles of political economy*, páginas 77–93.

10. Ver Ellen Meiksins Wood, *Empire of capital*, páginas 73–101; P.J. Cain e A.G. Hopkins, *British imperialism*, páginas 53–104; e Ronald Hyam, *Britain's imperial century*, páginas 1–73.

11. Ver W.W. Rostow, *The diffusion of power*, páginas 133–134.

12. Ver Rostow, *United States*, páginas 23–25.

13. Ver Rostow, *United States*, página 43–88, 165–171; e Stephen Ambrose, *Rise to globalism*; páginas 27–28, 100–101.

14. Ver van der Pilj, *Atlantic ruling class*, páginas 107–177; e Donald White, *The american century*, páginas 161–210.

15. Ver W.W. Rostow, *The stages of economic growth*, páginas 108–121, 139–144; e *United States*, páginas 250–258.

16. Ver Mohamed Babu, *Development strategy – Revolutionary-style*, páginas 63–64.

17. Ver Jeremy Isaacs e Taylor Dowling, *Cold War*, páginas 83–105; e Blum, *Killing Hope*, páginas 45–55.

18. Ver Rostow, *United States*, página 242.

19. Ver Ambrose, *Rise to globalism*, página 253.

20. Ver Blum, *Killing hope*, páginas 64–83, 156–163; e Jeffreys-Jones, *The CIA and american democracy*, páginas 81–117.

21. Ver W.W. Rostow, *Concept and controversy*, páginas 188–253; e Robert Dallek, *John F. Kennedy*, páginas 220–226.

22. Ver Eleanor Roosevelt e Huston Smith, *What are we for?*, páginas 10–12. Roosevelt era um ícone da Esquerda do Partido Democrata e a influente esposa do presidente dos *Estados Unidos* no período de 1933–1945.

23. Ver Mao Tse-Tung, *Six essays on military affairs*; e Geoffrey Fairbairn, *Revolutionary guerrilla warfare*, páginas 65–124.

24. Ver Mao Tse-Tung, *Analysis of the classes of chinese society*; *Report on an investigation of the peasant movement in Hunan*.

25. Ver Mao Tse-Tung, *We must learn to do economic work*; Edgar Snow, *Red star over China*, páginas 211–244; e Bill Brugger, *China: Liberation and transformation*, páginas 29–38.

26. Ver William Hinton, *Fanshen*, páginas 319–416. Ao unir o Partido Comunista, Mao envolveu-se com o movimento cooperativo camponês; ver Philip Short, *Mao*, páginas 101–102.

27. "No futuro, tudo será chamado de comuna, [inclusive] fábricas ... e cidades". Mao Tse-Tung in: *Short, Mao*, página 485. também Brugger, *China*, páginas 109–129, 174–206.

28. Os especialistas do Cenis estudaram diligentemente a crítica do imperialismo de seus oponentes maoístas: W.W. Rostow, *The Prospects for communist China*, páginas 18–45.

29. Ver Rostow, *Diffusion of power*, páginas 49–52; e Arthur Schlesinger, Jr., *A thousand days*, 215–220.

30. Ver Che Guevara, *Guerrilla warfare*; e Regis Debray, *Revolution in the revolution?*

31. Ver Lin Biao, *People's war*, página 84. Biao foi o ministro da defesa do governo chinês entre 1959–1971.

32. Ver W.W. Rostow, *View from the seventh floor*, página 115.

33. Ver Max Millikan e Donald Blackmer, *The emerging nations*, páginas 144–145; e Rostow, *View from the seventh floor*, páginas 106–111.

34. Ver W.W. Rostow, *Essays on a half-century*, páginas X-XI, 8–11, 65–67, 85–118; e Millikan e Blackmer, *Emerging nations*, páginas 55–67.

35. Ver Millikan e Blackmer, *Emerging nations*, páginas 5–6, 23–26, 43–48; David McLelland, *The impulse to modernisation*; e Alex Inkeles, *The modernisation of man*.

36. Ver Ithiel de Sola Pool, *Communications and development*; e Leonard Binder, *Ideology and development.*

37. Ver Millikan e Blackmer, *Emerging nations*, páginas 31–34; e Myron Weiner, *Modernisation of politics and government*, páginas 213–218.

38. Ver Ralph Braibanti, *Administrative modernisation*, página 167.

39. Ver Millikan e Blackmer, *Emerging nations*, páginas 22, 36–37, 69–70, 95–96, 102-104; e Harold Lasswell, *The world revolution of our time*, páginas 88–94.

40. Ver Rostow, *View from the seventh floor*, páginas 113–114; *Essays,* páginas 99–103.

41. Ver Millikan e Blackmer, *Emerging nations*, páginas 97–98.

42. Ver Millikan e Blackmer, *Emerging nations*, páginas 110–114; e Rostow, *United States*, páginas 319–323.

43. Ver Andre Gunder Frank, *Capitalism and underdevelopment in Latin America*.

44. A coleção de ensaios da Cenis chamada *Modernisation* abriu com a proposição de que muitos países do mundo em desenvolvimento experimentam atualmente um processo compreensivo de mudança que a Europa e os Estados Unidos já experenciaram. Weiner, *Prefácio*, pág. v.

45. Ver W.W. Rostow, *The national style*; *Essays*, páginas 29–30.

46. Ver Startrek.com, *Star Trek – The original series*; e Melancholic Troglodytes, *The Star Trek myth*.

47. Ver Rostow, *United States,* página 549.

48. Ver Dallek, *Kennedy*, página 350.

49. Ver Schlesinger, *Thousand days*, páginas 233–297; e Rostow, *Diffusion of power*, páginas 208–215.

50. Ver Rostow, *Diffusion of power*, páginas 216–221; e Schlesinger, *Thousand days*, páginas 186–205.

51. Ver Schlesinger, *Thousand days*, páginas 604–609.

52. Ver Schlesinger, *Thousand days*, páginas 761–765.

53. Ver Errol Morris, *The fog of war*; Schlesinger, *Thousand days*, páginas 794–841; e Dallek, *Kennedy*, páginas 535–574.

54. Ver Rostow, *United States*, páginas 231–232; e Isaacs e Dowling, *Cold War*, páginas 101–102.

55. Anatol Rapoport – um guru da teoria dos jogos – enfatiza que o oponente fala a mesma língua; ele é visto como "uma imagem no espelho de si mesmo". Anatol Rapoport, *Fights, games and debates*, página 9.

56. Para a teorização matemática dessa nova forma de competição geopolítica, ver Rapoport, *Fights, games and debates*, páginas 105–242.

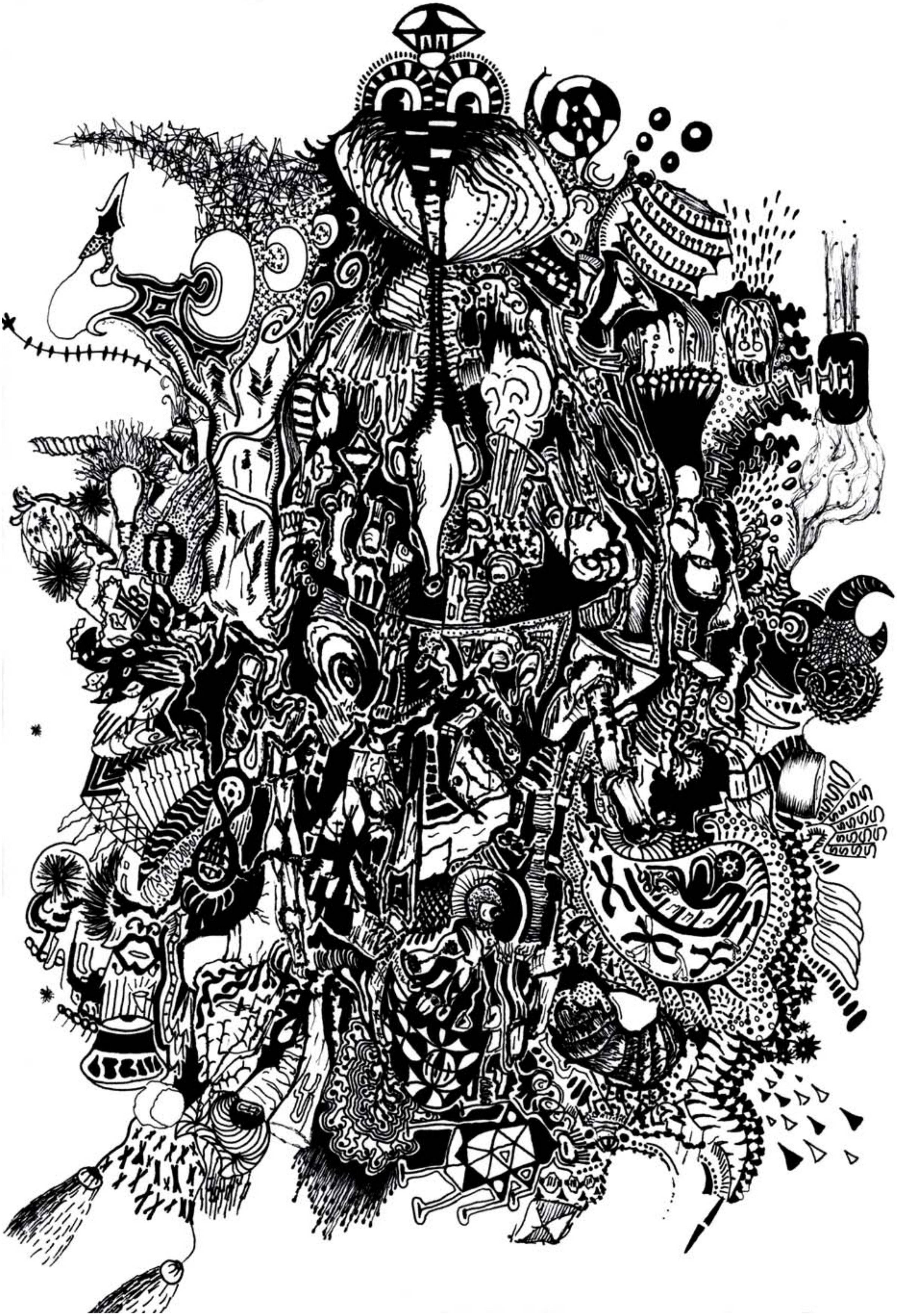
57. Ver Irving Louis Horowitz, *The war game*, página 21.

58. Ver Andrew Wilson, *The bomb and the computer*, páginas 66–76.

59. Ver Rostow, *United States*, páginas 293–294; e Robert McNamara, *In retrospect*, páginas 214–215.

NT 1 – Lógica de vitrine – O termo advém do original em inglês *looking glass*, apelido para um dos postos implementado pelo Comando Aéreo Estratégico dos Estados Unidos (SAC) durante a Guerra Fria para certificar-se de que as operações continuariam no evento de bombardeio aos seus centros de comando estratégicos. O nome é uma alusão ao fato de que um avião poderia executar as mesmas funções "espelhando" o que normalmente é conduzido em terra. Intelligence Encyclopedia. Encyclopedia of Espionage, Intelligence and Security. Copyright © 2004 by The Gale Group, Inc.

NT2 – Soma-zero – Termo que advém da teoria dos jogos idealizada por John von Neumann, pela qual, numa situação definida por interesses competitivos, cada um procura maximizar seus ganhos em detrimento do outro.



14
A INVASÃO ESTADUNIDENSE NO VIETNÃ

NA FEIRA MUNDIAL DE NOVA IORQUE de 1964, a Uniesfera foi flanqueada em um dos lados pela área internacional. Ao andarem entre seus pavilhões, visitantes da exposição deparavam-se com uma visão de harmonia global. De todos os cantos do mundo, representantes de muitas nações diferentes viajaram a Nova Iorque para orquestrar um espetáculo para seus amigos estadunidenses. Aliados próximos como a França e a Coréia do Sul mostraram sua gratidão pela ajuda dos Estados Unidos no passado ao participarem entusiasticamente do evento. Antigos inimigos dos Estados Unidos, como o Japão e a Espanha, construíram pavilhões impressionantes para a exposição. Até mesmo Israel e seus vizinhos árabes coexistiram pacificamente dentro da área internacional. A mensagem mcluhanista da Uniesfera fora confirmada. Em um canto da Feira Mundial, o globo já era uma aldeia.[1]

De volta a 1939, o pavilhão russo foi uma das estrelas do espetáculo.[2] Porém, na Feira Mundial de 1964, não havia exibição da superpotência nº 2. Essa omissão não era um acidente. Ao esnobar o Departamento de Exposições Internacionais das Nações Unidas, os organizadores foram capazes de produzir uma Feira Mundial que excluía a maior parte da população mundial. Dessa vez, o inimigo comunista não foi convidado.[3] Mais do que qualquer outra exposição na Feira

Mundial de 1964, o enorme pagode[NT1] vermelho-dourado situado em uma posição privilegiada logo ao lado da Uniesfera simbolizava o surrealismo geopolítico do conceito de aldeia global da elite dos Estados Unidos.[4] Dentro desse prédio, visitantes viam exposições da "antiga e moderna cultura chinesa... e... da evolução do dinheiro chinês". Um restaurante servia comida chinesa e concertos de música chinesa eram apresentados. À primeira vista, os visitantes da Feira Mundial poderiam ser perdoados por pensarem que a China – um país muito grande no Leste da Ásia – patrocinara esse impressionante pavilhão. No guia da Feira Mundial, o pagode vermelho-dourado estava claramente demarcado como a participação da "República da China". Ainda assim, esses inocentes visitantes teriam se enganado. De maneira bizarra, fora Taiwan – uma ilha fora da China continental – a responsável por organizar o pavilhão chinês na Feira Mundial.[5]

Essa paródia geopolítica comemorava o momento traumático da primeira grande derrota dos Estados Unidos na Guerra Fria. Em 1949, a China – um aliado dos Estados Unidos de longa data – inesperadamente transferiu sua lealdade para o inimigo russo. Traumatizadas pela perda de uma peça tão importante nos movimentos de abertura do grande jogo, sucessivas administrações estadunidenses recusavam com desdém o reconhecimento do novo governo maoísta no continente. Em seu lugar, Taiwan – o refúgio do antigo regime – veio a ser seu substituto simbólico para a China Vermelha.[6] Organizada pelos membros líderes da elite dos Estados Unidos, a Feira Mundial materializava esse duplipensar da Guerra Fria na forma do pagode vermelho-dourado da República da China auto-estilizada. Mesmo que alguns países importantes estivessem ausentes, a elite dos Estados Unidos ainda possuía um número suficiente de pavilhões do além-mar na sua exposição para celebrar a hegemonia estadunidense sobre o planeta. Na Feira Mundial ocorrida em meados dos anos 1960 em Nova Iorque, era fácil conceber o globo

como uma aldeia. Por mais de um século, essa cidade foi o portal para milhões de pessoas da Europa e da Rússia que vinham à procura de uma vida melhor do outro lado do Atlântico.[7] A elite dos Estados Unidos estava convencida de que – assim como esses imigrantes – quase todos os estrangeiros desejavam tornar-se estadunidenses. Como a Esquerda da Guerra Fria continuava a enfatizar, o destino de todas as nações do mundo era a assimilação dentro da aldeia global dominada pelos Estados Unidos.

Na América Latina do início dos anos 1960, a administração democrata promoveu a Aliança para o Progresso como a rota mais rápida para a versão estadunidense de modernidade da alta tecnologia. Guiados por especialistas treinados pelo MIT, a terceira força entregaria um rápido desenvolvimento econômico sem sacrificar o pluralismo político. De volta ao final dos anos 1940, a elite estadunidense fez promessas similares para pessoas do Ocidente Europeu e, em uma década, concretizaram-nas. A Esquerda da Guerra Fria reivindicava que a Aliança para o Progresso agora estendesse benefícios do fordismo do bem-estar social para os trabalhadores e camponeses da América Latina. Enquanto eles resistissem firmemente às tentações do maoísmo cubano, as massas há tanto oprimidas em breve aproveitariam tanto a prosperidade quanto a democracia. A Aliança para o Progresso foi criada para simbolizar a quebra dos democratas com as falhas políticas do passado. Antes deles chegarem ao poder, Rostow e seus colegas da Cenis furiosamente condenaram a estratégia republicana de se alinhar com as elites da América Latina. Ao invés disso, os Estados Unidos deveriam tornar-se o defensor das forças progressistas no Sul. Mas, uma vez que estavam no poder, esses especialistas do MIT logo começaram a duvidar da sabedoria de sua própria análise. Como sua predecessora, a nova administração democrata aprendeu rapidamente a não confiar nos reformistas nacionalistas do continente ao sul. No Ocidente Europeu,

os defensores do socialismo da terceira via eram admiradores devotos dos Estados Unidos. Em oposição, os líderes da terceira força na América Latina eram muito mais atraídos pela opção inaceitável no jogo de soma-zero da Guerra Fria: neutralidade. Como a Aliança para o Progresso não foi capaz de recrutar esses intelectuais urbanos para a causa dos Estados Unidos, os gurus da teoria da modernização do MIT entenderam – muito para seu próprio horror – que a elite modernista dessa parte do mundo em desenvolvimento queria seguir seu próprio caminho para a modernidade. Desde que a terceira força demonstrou sua instabilidade política, os democratas decidiram retomar as políticas do passado sob um novo disfarce. A força suave teve que ser revigorada com força bruta. Como fora recomendado pelos manuais da Cenis, eles persuadiriam os militares a assumir o papel da vanguarda modernista. Financiada, treinada e organizada pelo governo dos Estados Unidos, a força das velhas oligarquias transformaria-se no motor da nova ordem social na América Latina. Democratas com *D* maiúsculo decidiram que democracia com *d* minúsculo era uma opção extra.[8]

De volta ao começo do século XIX, a Doutrina Monroe foi a primeira a afirmar a hegemonia dos Estados Unidos sobre o continente inteiro. Como esperaram pacientemente até o meio do século XX para substituir os britânicos, o império estadunidense não tinha a intenção de deixar seus vizinhos no Sul escaparem de suas garras.[9] Em 1954, a administração Eisenhower ordenou à CIA que restaurasse a elite tradicional no poder na Guatemala assim que as políticas de seu novo governo eleito democraticamente ameaçassem os interesses de negócios dos Estados Unidos. Agora que estava no poder, a Esquerda da Guerra Fria tornava-se igualmente determinada a prevenir que radicais nacionalistas incomodassem a ordem estabelecida na América Latina. Dando seqüência ao assassinato do ditador da República Dominicana pela CIA, em 1962,

a administração Kennedy invadiu essa ilha caribenha para garantir que seus protegidos manteriam o controle político.[10]

Depois dessa vitória, o próximo alvo foi o Brasil. Em 1964, a CIA organizou um golpe militar para derrubar o governo reformista de João Goulart. Muito para o deleite de seus apoiadores, esse presidente brasileiro adotou uma política externa mais independente.[11] De acordo com Rostow, sua indulgência ao sentimento popular provou que políticos eleitos não demonstravam a maturidade esperada para administrar o país mais importante da América Latina. Em seu lugar, generais treinados pelos Estados Unidos teriam que providenciar a tão necessária liderança para a elite modernista brasileira.[12] Ao destruir o pluralismo político, esse substituto militar da terceira força foi – paradoxalmente – mais capaz de implementar o programa econômico e administrativo da terceira via. A ditadura no presente garantia o futuro da democracia no Brasil. Em repúdio ao seu próprio programa da Aliança para o Progresso, a Esquerda da Guerra Fria convenceu-se de que a elite tradicional era o único aliado confiável dos Estados Unidos na América Latina. Assim como seu predecessor republicano, a administração democrata agora denunciava o nacionalismo econômico como o caminho para a tirania stalinista. Assim como na década anterior, o anticomunismo transformava torturadores fascistas e oligarcas corruptos em líderes do mundo livre liderado pelos Estados Unidos. Ao invés de ser a estratégia estadunidense mais atual para o Sul, a teoria modernista do MIT transformou-se no novo nome para a velha moda imperialista do livre comércio. "E sobre a eficácia da política recomendada por Rostow, esta fala por si mesma: nenhum país, uma vez subdesenvolvido, conseguiu desenvolver-se de acordo com as etapas de Rostow [de crescimento ao fordismo ao estilo dos Estados Unidos]."[13]

Ao longo da América Latina durante meados dos anos 1960, a administração democrata só conquistou vitórias após sua campanha

anti-insurgência contra grupos nacionalistas de esquerda inspirados na Revolução Cubana. Em 1967, forças lideradas pela CIA na Bolívia obtiveram sucesso até mesmo na captura e morte de Che Guevara: o celebrado teórico da guerrilha rural.[14] Mas, para a Esquerda da Guerra Fria, a disciplina dos povos desobedientes da América Latina foi apenas um sucesso parcial. Por mais que o caminho cubano para a modernidade tivesse sido interrompido no Brasil e na Bolívia, derrotar esse oponente desorganizado e dividido teria pouco impacto no resto do mundo em desenvolvimento. Caso quisesse desacreditar a profecia maoísta de uma revolução camponesa global, então o império estadunidense deveria enfrentar – e humilhar – o movimento mais forte de guerrilha rural no Sul. Conquistar essa peça vital do tabuleiro garantiria a manutenção da posição dominante dos Estados Unidos no jogo da Guerra Fria. Acima de tudo, ao derrotar o melhor lutador de seu inimigo, a administração democrata provaria sem sombra de dúvidas que os Estados Unidos possuíam o futuro imaginário.

Ao mesmo tempo em que a Comissão Bell começava suas deliberações, a elite dos Estados Unidos convencia-se de que encontrara o lugar perfeito para encenar seu mundialmente histórico confronto com a revolução camponesa maoísta: o Vietnã. De volta ao final dos anos 1940 e início dos 1950, guerrilhas lideradas por comunistas manobraram e batalharam melhor do que o mais numeroso e mais bem equipado exército de ocupação francês. Até mesmo maciças quantidades de ajuda dos Estados Unidos falharam em reverter essa situação.[15] Assim que o velho poder imperial finalmente assumiu a derrota em 1954, o novo império estadunidense interveio para dividir o Vietnã em dois. Enquanto os comunistas vitoriosos assumiram o poder no norte, uma ditadura anticomunista patrocinada pelos Estados Unidos foi imposta no sul.[16] No início dos anos 1960, essa divisão artificial do Vietnã não era mais sustentável. Corrupto e repressivo, o regime no sul foi incapaz de defender-se contra o

movimento insurgente revolucionário. A administração democrata entendeu que – se os Estados Unidos não atuassem decisivamente – o norte maoísta em breve assumiria o controle do país inteiro.[17] De acordo com a teoria do dominó, uma vitória comunista no Vietnã seria rapidamente seguida de uma tomada de poder comunista em toda a Ásia Sudoeste e, em um cenário mais pessimista, significaria a implosão do império estadunidense. Em 1964, Johnson, o presidente dos EUA, explicou a necessidade da guerra:

> Por que estamos no Vietnã? Ao redor do globo, de Berlim à Tailândia, [existem] pessoas cujo bem-estar assegura-se na crença de que podem contar conosco se atacados. Deixar o Vietnã à sua própria sorte sacudiria a fé de todas essas pessoas na validade de um compromisso estadunidense... O resultado seria um crescimento do distúrbio e da instabilidade, e uma guerra ainda maior.[18]

A administração democrata estava extremamente confiante na vitória. Enquanto os Estados Unidos fossem a nação mais poderosa e rica no planeta, o Vietnã seria um país camponês retrógrado com poucos recursos naturais.[19] Assim como no passado, superioridade econômica e tecnológica significava invencibilidade militar. Liderados pela Esquerda da Guerra Fria, os Estados Unidos agora também dominavam a vantagem ideológica. Ao possuir um entendimento mais sofisticado da grande narrativa da modernidade, a Esquerda da Guerra Fria sabia como derrotar o stalinismo no mundo em desenvolvimento.[20] Sob a supervisão de conselheiros treinados no MIT, uma nação chamada Vietnã do Sul seria construída no modelo estadunidense. Como já acontecera na Europa Ocidental, a metade anti-comunista do país tornaria-se uma sociedade de consumo de massa próspera e democrática. Dentro de algumas décadas, o Vietnã do Sul estaria totalmente integrado à aldeia global. Em oposição, assim

como seus aliados russos e chineses, o Norte comunista condenaria-se à estagnação no estágio de crescimento de sua ideologia da era do vapor. A teoria modernista do MIT provaria sua superioridade sobre a revolução camponesa maoísta.

Nas primeiras etapas do conflito, a administração Kennedy colocou a CIA no comando do conflito contra comunistas vietnamitas.[21] Injetados com dinheiro e armamento, seus especialistas anti-insurgentes treinados na Cenis e conselheiros em desenvolvimento econômico começaram o trabalho de modernizar a estrutura militar e burocrática do estado do sul. Como sua prioridade, a CIA queria ganhar os corações e mentes da maioria da população vietnamita: os camponeses. Como uma imitação do inimigo maoísta, sua propaganda prometia que a corrupção e a brutalidade da velha ordem feudal em breve seriam varridas para longe do país. Ao seguir os preceitos da teoria modernista do MIT, a CIA lançou o "Programa de Desenvolvimento Revolucionário" no interior vietnamita. Reforma agrária, educação universal, tratamento médico, liberdade de expressão e um governo honesto garantiriam a lealdade dos camponeses.[22] Financiados pela Arpa, especialistas acadêmicos inventaram um jogo de computador para desenvolver táticas vencedoras de guerra para as forças lideradas pela CIA em campo.[23] Diferente do derrotado regime colonial francês, a elite modernista patrocinada pelos Estados Unidos sabia como derrotar a vanguarda revolucionária inspirada na China.

No momento em que Johnson tornava-se presidente, a estratégia de contra-insurgência da CIA para pacificar o interior vietnamita estava estagnada. O operacional paramilitar não pôde fazer com que um exército que não quisesse lutar guerreasse e conselheiros treinados no MIT não conseguiram eliminar a corrupção em um sistema político fundado na mesma.[24] A mal-construída nação do Vietnã do Sul estava à beira do colapso. Determinada a ganhar essa

rodada no jogo da Guerra Fria, a administração Johnson decidiu em 1964 mandar a Força Aérea dos Estados Unidos para a batalha. Rostow – o conselheiro de segurança presidencial – e McNamara – o ministro da defesa – organizaram intensos e cada vez mais destrutivos ataques contra áreas controladas pelos comunistas no sul, no norte libertado e em rotas de abastecimento da guerrilha nos países vizinhos. Guiados por *mainframes* da IBM, bombardeiros B-52 eram capazes de localizar e destruir qualquer alvo inimigo. De acordo com as simulações de computador financiadas pela Arpa, o sucesso dessa ofensiva aérea estava garantido.[25] Assim que suas perdas em pessoas e propriedades alcançassem o ponto crítico, os comunistas seriam forçados a admitir sua derrota e concordariam em abandonar sua batalha contra o regime pró-estadunidense no sul. Em 1965, Rostow garantiu a seus colegas de governo que as "[guerrilhas] *vietcongue* já se desfazem sob o bombardeio. Entrarão em colapso dentro de semanas. Não meses, semanas."[26]

Dentro de um curto período de tempo, ficou claro que a Força Aérea dos Estados Unidos – assim como a CIA – não conseguiria chegar à vitória. Em uma década de conflito, os estadunidenses jogaram mais explosivos no Vietnã – e nos vizinhos Camboja e Laos – do que em sua campanha contra a Alemanha e o Japão no início da década de 1940.[27] Ainda assim, a despeito de toda morte e destruição sofrida, os comunistas nunca chegaram ao seu ponto crítico. Logo, o presidente Johnson aceitou relutante que bombardeios por si só não derrotariam a resistência vietnamita. Em 1965, ele decidiu enviar o exército para acabar o serviço. Os Estados Unidos tornavam-se o novo colonizador do Vietnã. Como seus colegas das forças aéreas, generais dos Estados Unidos também estavam convencidos de que com uma combinação de enorme poder de fogo e armamento altamente tecnológico rapidamente ganhariam a guerra. De volta à década de 1950, as guerrilhas vietnamitas conquistaram o interior ao

concentrarem suas forças em rápidos ataques surpresa seguidos de fugas, contra o amplamente disperso e lento exército francês. Uma década depois, Rostow argumentou que avanços em tecnologia de armamentos haviam mudado completamente o equilíbrio de forças no campo de batalha asiático.[28] Transportados por helicópteros, soldados estadunidenses agora eram capazes de levar a guerra ao inimigo nas vilas. Dirigidas por planejamento computadorizado, as missões de "busca e destruição" do exército dos Estados Unidos expeliriam e eliminariam as guerrilhas comunistas. Com a dedicação da administração Johnson em enviar cada vez mais tropas e recursos ao conflito, generais previram confiantes que a vitória estava próxima: "a luz no fim do túnel."[29]

Em sua luta contra o comunismo vietnamita, o exército dos Estados Unidos se deparava com um problema inesperado: medir seu progresso no campo de batalha. Ao lutar uma guerra convencional, ganhar significava conquistar o território do oponente. Mas, no final da década de 1940 e início dos anos 1950, os maoístas vietnamitas venceram o exército francês ao ganhar os camponeses para sua causa. Uma vez que o regime colonial perdera seu controle sobre o interior, seu destino estava selado. Sem tomar uma única cidade, guerrilhas rurais conquistaram um exército moderno. Ao aprender com essa derrota, o exército estadunidense sabia que controlar os camponeses era a chave para a vitória. O grande problema era como estimar o resultado das ofensivas no interior. Incapaz de medir ganhos territoriais, o exército dos Estados Unidos decidiu então focar no número de combatentes inimigos mortos em cada operação: a "contagem de corpos" (*body count*). Com esse dado, seus analistas poderiam programar computadores para calcular qual lado infligia o maior dano ao seu oponente: o "índice de mortandade" (*kill ratio*). O exército dos Estados Unidos possuía agora a medida matemática da vitória.[30]

Essa solução estatística agradava aos políticos em casa. Enquanto trabalhou para a Ford nos anos 1950, McNamara melhorou dramaticamente a eficiência administrativa ao usar computadores para produzir estatísticas detalhadas sobre as diferentes atividades da empresa: "análise de custo-benefício". Em seu novo emprego como ministro da defesa, ele incitava o exército dos Estados Unidos a aplicar esse método de alta tecnologia para fabricar carros à tarefa de lutar em guerras.[31] Felizes em colaborar, generais tornaram-se administradores da era do computador. No Vietnã, o exército dos Estados Unidos mataria comunistas de maneira tão eficiente quanto a Ford fabricava carros em casa. Como no setor privado, os generais mediam cuidadosamente se seus subordinados alcançavam suas metas de produção. Ao processarem dados dos campos de batalha em *mainframes* de alta-velocidade espalhados pelo país, analistas produziriam estatísticas detalhadas que provavam que os estadunidenses ganhavam a guerra. De acordo com a pontuação de contagem de corpos, os militares dos Estados Unidos possuíam a vantagem no índice de mortandade. A resistência vietnamita perdia lutadores mais rapidamente do que podia recrutá-los. Colaboradores estadunidenses em breve superariam o número de militantes comunistas no interior do país. Assim como em seus tempos de Ford, McNamara agora detinha os fatos e os números para vencer a competição. Em meados de 1967, Rostow encontrou uma nova justificativa para seu prognóstico otimista: "o outro lado está perto do colapso... Os gráficos são muito bons... A vitória está muito próxima."[32]

Durante o desenrolar do conflito, o governo estadunidense procurou desesperadamente pela arma maravilhosa que poderia vencer a guerra. Nesse mercado de ávidos vendedores, laboratórios de pesquisa universitários e fornecedores militares agarraram a oportunidade de testar suas tecnologias militares de ponta no

campo de batalha. Tudo foi experimentado, mas nada desferiu o golpe decisivo contra a resistência vietnamita. Em 1967, o governo Johnson acreditava que finalmente encontrara sua bala mágica. Uma equipe multidisciplinar dos cientistas mais promissores dos Estados Unidos criou um plano para construir uma impenetrável barreira de alta tecnologia para separar as duas metades do Vietnã: a linha McNamara, assim nomeada em homenagem ao secretário de defesa. Nessa versão militar do Panóptico informacional, milhões de sensores eletrônicos – intercalados com minas e armadilhas – seriam instalados ao longo das fronteiras do estado ao sul. Robôs móveis patrulhariam os céus. Computadores colheriam e classificariam os dados dos dispositivos de vigilância da barreira. Assim que guerrilhas comunistas fossem detectadas atravessando a Linha McNamara para se infiltrarem no sul, aviões e tropas carregadas por helicópteros dos Estados Unidos se juntariam para repelí-las. Ao ser melhorado e expandido, esse sistema conseguiria – em poucos anos – controlar operações de combate em toda a zona de guerra do sudeste da Ásia: o "campo de batalha eletrônico". Mais cedo ou mais tarde, tecnologias pós-industriais lançariam o golpe de misericórdia contra a revolução camponesa.[33]

Ao longo de cinco anos, o governo dos Estados Unidos financiou um programa de desenvolvimento luxuoso para colocar essa nova estratégia militar em prática. Já que a sociedade da informação era a próxima etapa no desenvolvimento humano, a convergência da mídia, das telecomunicações e da computação deveria fornecer a solução tecnológica para o antiimperialismo nacionalista no Vietnã. Durante o final dos anos 1960 e início dos 1970, o exército estadunidense aplicou esforços consideráveis para construir uma barreira eletrônica que bloqueasse as rotas de abastecimento entre o norte liberado e o sul ocupado. Dentro de poucos minutos de detecção das forças inimigas por seus sensores ADSID, os Systems/360 da IBM calculariam sua localização e despachariam bombardeiros

B-52 para destruí-los.[34] Era inevitável que o mcluhanismo da era do computador saísse vitorioso de seu embate com o maoísmo da era do vapor nas florestas do Vietnã. “Prevejo... campos de batalha... que estão sob 24 horas... de vigilância em tempo real... nos quais poderemos destruir qualquer coisa que localizarmos por meio de comunicação instantânea e aplicar quase instantaneamente poder de fogo altamente letal.”[35]

Como todas as outras sofisticadas estratégias para vencer a guerra, o campo de batalha eletrônico também não entregou o que prometeu. Em 1972, mesmo após cinco anos de testes e refinamentos, a Linha McNamara falhou em detectar um grande número de barulhentos tanques vietnamitas e outros equipamentos pesados que moviam para baixo as rotas de abastecimento do norte para lançarem uma ofensiva no sul. A ingenuidade maoísta superara o maquinário mcluhanista.[36] Muito antes desse fiasco constrangedor acontecer, os custos da ocupação tornaram-se insustentáveis para o império estadunidense. De uma pequena parte dos gastos públicos sob Kennedy, os custos da guerra explodiram sob a administração Johnson.[37] Mais problemático ainda, nos anos imediatamente posteriores à invasão de 1965, o tamanho das forças expedicionárias dos Estados Unidos aumentou exponencialmente. Em 1967, o governo Johnson encaminhou mais de 500 mil soldados ao conflito.[38] Pela primeira vez desde a Coréia, no início da década de 1950, os Estados Unidos lutavam uma enorme – e caríssima – guerra terrestre.

De volta a 1954, enquanto o regime colonial francês entrava em colapso, os chefes de gabinete dos Estados Unidos contaram a seus mestres políticos que o sudoeste da Ásia era “desprovido de objetivos militares decisivos.”[39] Essa conclusão não era uma surpresa. Diferente dos colonialistas franceses, o novo império estadunidense possuía maneiras muito mais lucrativas de fazer dinheiro do que explorar os camponeses empobrecidos da região. Localizado muito longe tanto

dos Estados Unidos quanto da Europa, a orientação geopolítica do Vietnã também apresentava um impacto mínimo no balanço de força das superpotências. Mesmo que os comunistas unificassem o país, os Estados Unidos teriam pouco a temer. Por terem lutado contra a dominação chinesa desde os tempos medievais, os vietnamitas poderiam muito bem preferir uma aliança com o distante Estados Unidos capitalista a ser dominado por um vizinho mais poderoso que por acaso era uma alma gêmea ideológica. A história estava do lado dos otimistas. Como parte do conflito comum contra o Japão no início da década de 1940, o precursor da CIA armou e treinou a resistência vietnamita. Vinte anos depois, seria muito mais fácil e barato para os estadunidenses renovar sua aliança com os comunistas do que lutar contra eles pela posse de um insignificante país agrícola. Se – como os democratas alegavam na época – a administração Johnson formulasse sua política externa por meio de racionais análises de custo-benefício calculadas em computadores, então a subsidiária falida dos Estados Unidos no Sudeste da Ásia seria imediatamente fechada.

Durante os anos 1960, a Esquerda da Guerra Fria proveu a liderança intelectual para aqueles dentro da elite dos Estados Unidos opostos a fechar um acordo de benefício mútuo com os líderes comunistas do Vietnã. Durante as administrações de Kennedy e Johnson, Rostow foi um dos elementos-chave por trás da invasão estadunidense do Sudeste da Ásia. Enquanto cada estratégia militar falhava, ele sempre foi o defensor mais entusiasta de uma agressividade escalonada. Mais um empurrão alcançaria o ponto de ruptura da resistência vietnamita. Ao ser questionado como sendo um imperialista antiquado, Rostow, contrariado, refutava essa acusação. Em oposição aos impérios europeus vilões do panfleto de Lênin, os Estados Unidos não desejavam roubar os poucos recursos do Vietnã ou explorar seus camponeses.[40] O país lutava por um prêmio muito mais

valioso: "credibilidade". Mesmo com o Vietnã irrelevante econômica e estrategicamente, derrotar seu movimento de guerrilha maoísta possuía um imenso valor simbólico. No jogo da Guerra Fria, os Estados Unidos confrontariam e humilhariam um movimento revolucionário endurecido pela batalha. Em todo o Sul, o recado seria claro. A estrada revolucionária para a modernidade seria desacreditada. Não haveria alternativas à hegemonia dos Estados Unidos.

Os estadunidenses precisavam lutar contra um oponente sério como os vietnamitas para que sua vitória sobre o comunismo tivesse alguma credibilidade nos países em desenvolvimento. Mas se ninguém fora do Sudeste da Ásia testemunhasse o drama dessa competição titânica contra o campeão dos pesos-pesados da revolução camponesa, o impacto ideológico desse triunfo seria mínimo. As pessoas precisavam ser espectadoras desse confronto militar para que seu resultado tivesse algum significado simbólico. Por sorte, na aldeia global emergente, uma porção cada vez maior da população mundial acessaria a nova tecnologia da televisão. Até mesmo aqueles que não possuíam um aparelho ouviriam falar sobre a história dramática que se desdobraria nas telas da TV através de outros meios ou de seus amigos. Para essa operação psicológica vital, o exército dos Estados Unidos garantiu que as equipes de reportagem estadunidenses e estrangeiras no Vietnã pudessem fornecer imagens dramáticas – ao lado de comentários simpáticos – para as audiências que as assistiam de suas salas de estar ao redor do mundo.[41] Do ponto de vista do poder invasor no campo de batalha, essas reportagens apresentavam uma experiência unidirecional das idas e vindas da guerra distante. Jornalistas heróicos partiram em missões de busca e destruição com tropas dos Estados Unidos. Especialistas na TV explicavam a última estratégia estadunidense para vencer a guerra. Funcionários de imprensa da embaixada estadunidense falavam sobre índices de mortalidade vantajosos e as crescentes contagens de corpos.

Acima de tudo, os telespectadores viam – com seus próprios olhos – o maravilhoso poder destrutivo do armamento de alta tecnologia estadunidense.[42] A força bruta criava os efeitos especiais para a força suave. No sentido mais literal da frase, a invasão estadunidense no Vietnã era uma demonstração de força: uma espetacular exibição dos desejos imperialistas.

> No final, a vitória seria nossa... um ponto muito importante se afirmou: a infantaria dos Estados Unidos com o uso de técnicas estabelecidas, engenhosidade improvisada e muito suporte aéreo, pode buscar e destruir o melhor exército de guerrilha no mundo.[43]

Em janeiro de 1968, a resistência vietnamita lançou um levante urbano contra a ocupação estadunidense: a Ofensiva Tet. Convencidos, após estudar Mao e Guevara, de que a guerra seria decidida no interior, o exército dos Estados Unidos foi inicialmente tomado de surpresa por essa mudança brusca de estratégia. Seu oponente quebrara as regras do jogo computadorizado da contra-insurgência. Na primeira semana da Ofensiva Tet, guerrilhas vietnamitas tomaram controle das maiores cidades nas províncias e grandes áreas de Saigon – a capital do estado sulista. Mas, ao recuperar-se do choque momentâneo, o imenso poder de fogo do exército dos Estados Unidos esmagou o levante sem piedade. No momento em que a última contagem de corpos foi feita, os estadunidenses eram claramente os vencedores da Ofensiva Tet. Os comunistas perderam quase metade de seu exército em um ataque frontal suicida contra uma força muito superior. Crucialmente, a maioria da população urbana do sul recusou-se a fazer parte do levante contra o exército estadunidense e seus colaboradores locais.[44] Rostow e seus colegas estavam jubilantes. Os acadêmicos da Cenis sabiam que os vietnamitas ignoraram o princípio básico da guerra de guerrilha camponesa

maoísta ao atacar as cidades. De acordo com seus cálculos de computador, o exército estadunidense finalmente infligiu o golpe decisivo ao seu inimigo comunista. Depois da Ofensiva Tet, uma vitória estadunidense era certa.[45]

Para azar da administração Johnson, os computadores do exército erraram em muito seus cálculos. Como eventos subseqüentes provariam, o Vietnã – uma nação sem televisão – acabara de ganhar a guerra na televisão. No primeiro dia da Ofensiva Tet, pessoas ao redor do mundo assistiam maravilhadas enquanto o exército dos Estados Unidos lutava contra guerrilhas comunistas no terreno da embaixada estadunidense em Saigon. Ao se tornar matéria principal dos noticiários diários, a resistência vietnamita capturou a atenção da audiência internacional da TV o máximo de tempo possível. Semana após semana, suas guerrilhas teimosamente mantinham seu território contra as forças altamente superiores dos Estados Unidos. No mesmo momento em que foram derrotados no campo de batalha asiático, os comunistas emergiram vitoriosos na aldeia global. Ao fazer sua própria e espetacular demonstração de força, os vietnamitas ganharam a guerra da televisão. A força bruta foi sacrificada para a criação de uma força suave irresistível.[46] Assim que a Ofensiva Tet finalmente acabou, Walter Cronkite – o apresentador mais amado do mais conceituado noticiário da televisão dos Estados Unidos – deu uma análise sombria dos impactos a longo prazo dessa ofensiva sobre o conflito. Pela primeira vez, uma autoridade expressava publicamente o que muitos estadunidenses pensavam depois de assistirem a três meses da dramática cobertura televisiva do brutal combate urbano: a vitória não era certa.

> Fomos muitas vezes desapontados pelo otimismo dos líderes estadunidenses... em ter alguma fé na linha prateada que eles acham nas mais escuras nuvens. Porque parece agora cada vez mais certo

> que a sangrenta experiência do Vietnã vai acabar em ponto morto. Dizer que estamos perto de uma vitória é acreditar... nos otimistas que já erraram no passado.[47]

Durante a rápida evolução da guerra depois da invasão de 1965, a maioria esmagadora dos estadunidenses patrioticamente apoiou a firme ação da administração Johnson para estancar o avanço do comunismo no Vietnã.[48] Noite após noite, os programas de notícias vespertinos diziam a eles que as tropas dos Estados Unidos estavam à beira de vencer seus oponentes guerrilheiros. Com o governo liderado pelas melhores mentes no país, eles não tinham razões para duvidar das previsões de seus líderes políticos. A Ofensiva Tet mudou tudo. Nos três anos anteriores a 1968, a administração Johnson reempacotara como grandes vitórias o fracasso de suas ofensivas militares no interior. Mas, no momento em que guerrilhas comunistas que lutavam nas cidades dominaram os noticiários todas as noites, essa hiper-realidade cuidadosamente construída subitamente implodiu. O uso inteligente das tecnologias da informação pela resistência vietnamita infligiu uma derrota esmagadora sobre as ideologias estadunidenses da sociedade da informação. Na luta por credibilidade no Sul, o governo democrata a perdeu em casa. O apoio público à guerra caiu dramaticamente e nunca se recuperou.[49] Durante os seis meses subseqüentes ao levante, Johnson anunciou sua renúncia à presidência, o comandante das forças estadunidenses no Vietnã foi dispensado e um comitê do círculo interno da elite dos Estados Unidos concluiu que a ocupação era insustentável. Depois de tentar de tudo, a única opção restante era a retirada com o mínimo de dano simbólico: "paz com honra".[50]

O colapso do suporte público em casa foi fatal em um exército de ocupação composto em grande maioria por recrutados. Assim como o seu regime-cliente vietnamita, o governo estadunidense descobriu

que seria impossível persuadir soldados a lutar se eles estavam determinados a não lutar. Oficiais de elite foram assassinados por suas próprias tropas. Soldados magoados publicavam jornais anti-guerra. O uso de drogas tornou-se amplo dentro das forças armadas.[51] Por sete agonizantes anos após a Ofensiva Tet, o império estadunidense recusou-se a conceder a derrota. Enquanto a infantaria em motim voltava para casa, bombardeiros dos Estados Unidos continuavam a infligir dor e miséria sobre os desafortunados habitantes do Sudeste da Ásia. Os Estados Unidos – como os comunicólogos da mídia continuavam a lembrar seus telespectadores – estavam atolados em areia movediça. Em 1975, a agonia finalmente acabou. Um escândalo político em casa permiti u que oponentes da guerra no legislativo cortassem o suporte financeiro e militar ao estado fantoche fabricado nos Estados Unidos. Desprovido de seu mecenas estadunidense, a nunca construída nação do Vietnã do Sul rapidamente entrou em colapso. Na última cena do episódio final da longa série televisiva, tropas comunistas tomaram o controle do palácio presidencial do regime-cliente dos Estados Unidos em Saigon. Depois de mais de três décadas de guerra, o Vietnã foi finalmente liberado da ocupação estrangeira. Infelizmente, as equipes de noticiários da TV internacional chegaram muito tarde para o momento dramático em que o tanque vietnamita atravessava os portões frontais do palácio. Determinados a capturar essa imagem mundialmente histórica para os telespectadores da aldeia global, os vitoriosos rapidamente consertaram o portão e tomaram suas posições. Assim que as equipes de câmeras ficaram prontas, o tanque transpassou os portões pela segunda vez e soldados vietnamitas novamente liberaram o palácio. Noticiários noturnos ao redor do mundo possuíam agora a imagem ícone para acompanhar sua história principal. A guerra vencida na televisão acabava na televisão.[52]

Em oposição às drásticas previsões dos especialistas da Cenis, a libertação de Saigon não levou os dominós estadunidenses a

derrubarem-se pelo Sul. Ao contrário, os maoístas vitoriosos rapidamente voltaram-se uns contra os outros. No final dos anos 1970, o Vietnã foi atacado primeiro pelo Camboja e, depois, após derrotar esse antigo aliado, pelo seu prévio patrocinador, a China.[53] Assim que a paz finalmente chegou, o país – atrasado – começou a modernizar sua economia. Com os comunistas seguros no poder, o Vietnã foi capaz de focar suas energias na industrialização e na urbanização. No início da década de 1960, Rostow previu que a unificação das duas metades do país levaria a uma autarquia econômica ao estilo maoísta. Ao invés disso, o Vietnã – como a própria China – decidiu imitar seus vizinhos do Leste da Ásia que haviam se industrializado com sucesso dentro da esfera de influência dos Estados Unidos durante as décadas de 1960 e 1970. Em meados de 2000, empresas estadunidenses investiam somas substanciais na economia vietnamita. Com a chegada da Internet, esse país outrora isolado entrava para a aldeia global. Em casa, revistas de negócios dos Estados Unidos reportavam que o livre comércio obtinha sucesso onde a força militar falhara.[54] A força suave provava sua superioridade sobre a força bruta. Nos últimos anos de sua vida, Rostow sentia-se suficientemente confiante para afirmar que a grande narrativa da história – três décadas depois de 1975 – justificava os erros do passado:

> [O] povo estadunidense... segurou as linhas inimigas [no Vietnã] para que uma Ásia livre pudesse sobreviver e crescer; porque, no final, a guerra... [foi] sobre quem iria controlar o equilíbrio de poder na Ásia... Aqueles [estadunidenses] que morreram ou foram feridos ou são veteranos desse conflito não foram envolvidos em uma guerra sem sentido.[55]

Assim como a maioria dos filmes de Hollywood sobre o conflito no Vietnã, o artigo de Rostow tentava reempacotar a mais humilhante

derrota dos Estados Unidos como uma vitória em retrospectiva.[56] Porém, era tarde demais para resgatar uma reputação pública arruinada pelo espetáculo midiático da Ofensiva Tet. Bem no início de 1968, Rostow estava no ápice de sua carreira. Esse intelectual da Esquerda da Guerra Fria foi o conselheiro mais próximo do líder político mais poderoso do planeta. Com seu profundo conhecimento da concepção materialista da história, ele criava sábias e racionais regulamentações para o príncipe moderno. Mas, antes do ano acabar, Rostow fora destituído do cargo e abertamente criticado. Sua queda começou nas semanas em que a dramática cobertura televisiva da Ofensiva Tet estilhaçou a credibilidade das previsões otimistas de vitória iminente da administração Johnson. Pior de tudo, a desastrosa aventura imperial dos democratas no Vietnã sombreou completamente suas impressionantes realizações políticas e sociais em casa. Ao final de 1968, os republicanos foram capazes de ganhar com uma pequena maioria nas eleições presidenciais. Ao falhar na entrega de uma vitória rápida e fácil no Vietnã, a Esquerda da Guerra Fria perdera seu poder político nos Estados Unidos.[57]

Na oportunidade em que Rostow pediu para retomar seu velho emprego no MIT, sua requisição foi educadamente negada. Muito identificado com o fiasco estadunidense no Vietnã, o fundador do mundialmente famoso centro de pesquisa Cenis tornara-se uma vergonha política. Recusado em todas as outras universidades da elite, Rostow foi forçado a aceitar uma posição acadêmica na Universidade de Austin, então sob os cuidados de seu antigo empregador: Lyndon Johnson.[58] Além de envergonhá-lo publicamente como indivíduo, o exílio no Texas do autor de *Etapas do desenvolvimento econômico* marcava também o fim da hegemonia coletiva da Esquerda da Guerra Fria sobre a vida intelectual dos Estados Unidos. De volta a 1960, na oportunidade em que Rostow deixou o MIT para fazer parte da administração Kennedy, esse movimento definiu sua identidade

comum por meio de suas políticas consensuais de terceira via. Mas, em 1968, a guerra estadunidense contra os vietnamitas estilhaçou essa imagem de unidade ideológica. Ao invés de falar em uma só voz, os mestres pensadores da Esquerda da Guerra Fria agora discutiam nervosamente entre si. Rostow fora o arquiteto bélico da invasão. Galbraith sempre opusera-se à intervenção na região. Kahn afirmava que uma estratégia mais sofisticada de contra-insurgência traria a vitória. Schlesinger publicou um livro que defendia a negociação de um acordo com a resistência comunista.[59] Assim como o resto do público estadunidense, o Centro Vital foi forçado a escolher entre duas posições incompatíveis: o imperialismo patriótico ou o ativismo anti-guerra. Não havia uma solução de terceira via para essa crise.

Tal como o consenso político, o compromisso econômico foi outro princípio valorizado pela Esquerda da Guerra Fria que tornou-se vítima do conflito. Inspirados pela teoria keynesiana, ambas as administrações de Kennedy e Johnson simultaneamente cortaram impostos e aumentaram gastos. No início, essa política de expansão foi um grande sucesso. A taxa de crescimento subiu, assim como a taxa de empregos, salários e lucros.[60] Infelizmente, enquanto os custos da ocupação do Vietnã cresciam incontrolavelmente, essa expansão da demanda efetiva ultrapassou os poderes produtivos da economia dos Estados Unidos. Pior ainda, os estímulos resultantes divergiam cada vez mais das soluções para as urgentes necessidades sociais em casa para financiar a expansão imperial além-mar. Contrariamente às expectativas da Esquerda da Guerra Fria, os Estados Unidos deveriam escolher entre armas ou manteiga. No final da década de 1960, os gastos militares estadunidenses começavam a desestabilizar o sistema financeiro global. Enquanto a espiral inflacionária decolava, governos – através do Norte – sofriam para controlar a crise econômica.[61] Em meados dos anos 1950, a Esquerda da Guerra Fria argumentou que a intervenção do estado era essencial

para corrigir os ciclos de inchaço-e-estouro do mercado. Regulação iluminada era a garantia de prosperidade. Porém, no momento em que a administração democrata colocou sua política keynesiana em prática em meados dos anos 1960, suas políticas expansionistas, ao invés disso, desestabilizaram o mercado. Frustrando as expectativas de Galbraith e dos pesquisadores da Cenis, a economia não podia ser programada como um System/360 da IBM. O sistema operacional do Centro Vital travara.

Na década de 1950, os fundadores da Esquerda da Guerra Fria estavam convencidos de que – ao analisar objetivamente a evidência empírica com uma teoria imparcial – o governo dos Estados Unidos seria capaz de formular políticas de maneira informada e inteligente. Ao utilizarem jogos de computador, especialistas acadêmicos poderiam calcular sem paixão as jogadas vencedoras na competição pela hegemonia global. Mais ainda, no momento em que as administrações Kennedy e Johnson tomaram suas decisões-chave sobre a intervenção no Vietnã, a ideologia sempre precedera a racionalidade. No grande jogo entre as superpotências, conflitos no Sul empobrecido não eram mais as inofensivas sublimações de perigosas rivalidades no rico Norte. No início dos anos 1960, a Esquerda da Guerra Fria convenceu-se de que a segurança do império estadunidense dependia de assegurar uma vitória simbólica sobre o comunismo vietnamita. Enquanto dedicava mais e mais recursos a ganhar essa guerra invencível, a administração democrata inadvertidamente transformou uma empobrecida região de plantação de arroz no mais valioso metro quadrado imobiliário do planeta. A guerra tornara-se um fim em si mesmo.

> "A cada ponto decisivo, nós apostamos; a cada ponto para evitar danos à nossa eficácia se falhássemos em nosso compromisso, nós aumentamos as apostas. Nós não falhamos, e a aposta (e o nosso compromisso) é agora muito alta".[62]

Enquanto a situação militar se deteriorava após a invasão de 1965, o presidente Johnson e seus conselheiros tornaram-se cada vez mais incapazes de distinguir seu pensamento positivo da realidade em campo no Vietnã. Paradoxalmente, a disponibilidade das últimas tecnologias da informação motivou suas ilusões sobre a guerra. Graças aos avanços do poder computacional e das telecomunicações, políticos nos Estados Unidos acreditavam que eram capazes de dirigir operações militares do outro lado do mundo. Maravilhados pela proximidade virtual da luta, eles colocaram sua confiança na interpretação mediada da guerra provida pelas tecnologias da informação. Crucialmente, os civis nunca questionaram seriamente a validade dos dados disponibilizados pelos militares dos Estados Unidos. Enquanto a contagem de corpos diária continuasse crescente, Johnson – encorajado por Rostow – persuadiu-se de que a vitória estava próxima. Toda vez que informações do campo de batalha alimentavam os *mainframes* da IBM, os programas de computador da Cenis calculavam que os estadunidenses ganhavam a guerra. Ironicamente, ao contrário de ajudar a liderança democrata a entender o que acontecia no Sudeste da Ásia, essas estatísticas computadorizadas criavam uma hiper-realidade ideológica. Como os sujeitos do Teste de Turing, a administração Johnson não conseguia mais distinguir a imitação e o original. O fetiche tecnológico enganou seus maiores admiradores.[63]

Em nenhum lugar essa contradição entre teoria e prática era mais clara do que no histórico social dos vietnamitas que davam boas vindas à ocupação estadunidense de seu país. De acordo com os manuais da Cenis, os Estados Unidos deveriam ter apoiado a elite modernista da terceira força. Ao invés disso, a administração democrata tornou-se o novo protetor da minoria que prosperou sob o domínio francês: os proprietários de terras ausentes, os negociantes estrangeiros, os burocratas nepotistas e os generais

gananciosos. Assim como no Brasil, especialistas do MIT escolheram as forças militares dessa oligarquia corrupta como substituto da elite modernista faltosa. Obviamente, o campesinato vietnamita não apreciou sua boa sorte ao ter o colonialismo europeu da era do vapor substituído pelo imperialismo estadunidense da era do computador. Tudo o que aconteceu foi que seus opressores transferiram suas lealdades a outro poder estrangeiro. A decisão da administração democrata de alinhar-se com a elite tradicional condenou a causa estadunidense no Vietnã. A força bruta não poderia substituir a força suave. Para os camponeses, expulsar os imperialistas que protegiam o velho regime significava a vitória sobre os parasitas proprietários de terra e os negociantes que há séculos os exploravam. Em refutação ao prognóstico de Rostow, a maioria da população vietnamita viu o maoísmo como mais moderno do que a teoria da modernização do MIT. A promessa dos Estados Unidos de democracia e prosperidade dentro da aldeia global no futuro não era substituto para os benefícios imediatos da independência nacional e da reforma agrária. No Vietnã dos anos 1960, comunismo ainda era a onda do futuro.[64] Assim que o conflito finalmente acabou, Vo Nguyen Giap – o líder militar da resistência – celebrou a mobilização maoísta como um estágio mais alto de modernidade do que a tecnologia mcluhanista: "nosso povo... obteve sucesso em fazer a civilização triunfar sobre a força bruta e sobrepor os armamentos superiores de nosso inimigo com nossa absoluta superioridade política e moral."[65]

A fraqueza política da posição estadunidense no Vietnã inexoravelmente levou à decisão em 1965 de esmagar o levante camponês com uma força fora do comum. Sem nenhuma outra solução para a crise, a administração Johnson rapidamente perdeu o controle sobre os militares em seu desespero por uma vitória rápida. Incapazes de conquistar os corações e as mentes dos camponeses vietnamitas, as forças armadas estadunidenses declararam guerra total contra

todo o interior do país. Com a necessidade de obterem alta pontuação na contagem de corpos para satisfazerem seus comandantes, soldados começaram a massacrar civis e depois a contar suas mortes como perdas comunistas.[66] O que começou como atrocidades espontâneas rapidamente evoluiu para uma política deliberada de genocídio. Na China da década de 1930, os maoístas descreveram poeticamente seu exército de guerrilha como peixes que nadavam no mar dos camponeses.[67] Ao falhar na busca pelo peixe, os militares dos Estados Unidos decidiram que esvaziariam o mar. Uma parte cada vez maior do interior vietnamita foi transformada em uma "zona de fogo cruzado" para aterrorizar e empurrar a população para as cidades. Se não houvesse mais camponeses, a revolução camponesa chegaria ao fim.[68]

Em 1968, Samuel Huntington – um cientista político da Universidade de Harvard – afirmou que os militares estadunidenses haviam finalmente encontrado o antídoto à ameaça maoísta no Sul.[69] Ao destruir o campesinato como uma classe, os estadunidenses privavam o movimento revolucionário no Vietnã de sua base social. Como um bônus, os refugiados nas cidades do sul agora estavam disponíveis como uma fonte de mão-de-obra barata. A economia vietnamita estava prestes a decolar nos estágios industriais do crescimento. Corroborando com Stalin nos anos 1930, Huntington elogiava a violência de estado pela sua habilidade alquímica de acelerar o processo de modernização. Nessa causa nobre, o massacre indiscriminado de civis vietnamitas pelos militares dos EUA fora perdoado como uma necessidade infortuna. De volta à década de 1950, o CCF definiu com sucesso o confronto das superpotências na Europa como a escolha entre a democracia estadunidense ou a ditadura russa. Mas, no Vietnã dos anos 1960, essa comparação favorável não podia ser feita. Como as ofensivas militares do exército dos Estados Unidos no interior demostraram, a Esquerda da Guerra Fria tornara-se mais totalitária que seus opositores stalinistas. Pior

de tudo, diferente da Rússia da década de 1930, a destruição dos camponeses no Vietnã não levava – como Huntington prometeu – à rápida industrialização do país. Ao contrário, assim como a velha classe dominante, esses novos proletários também acabaram por viver às custas dos cidadãos dos Estados Unidos. A teoria de modernização do MIT colocada em prática criou as esquálidas favelas de Saigon.[70]

Enquanto a guerra do Vietnã se intensificava em meados dos anos 1960, Rostow gastou muitas horas debatendo a administração Johnson em encontros universitários e com delegações de estudantes.[71] Porém, todos os seus esforços foram em vão. Dentro das universidades, os gurus da Esquerda da Guerra Fria tornavam-se alvos do crescente movimento militante estudantil antiguerra. Ao invés de ser creditada por seus grandes feitos políticos e sociais em casa, a administração Johnson foi identificada pelo imaginário brutal do campo de batalha vietnamita que dominava os noticiários da TV. A audiência que uma vez ouvia maravilhada passou a ser abertamente hostil. Estudantes radicais denunciavam seus professores anticomunistas como protagonistas do genocídio. Dentro do ícone institucional da sociedade da informação, a classe do conhecimento se aliava à revolução antiimperialista. Se em nada mais, ao menos em seu desdém pelos intelectuais culpados da Esquerda da Guerra Fria os militantes da Nova Esquerda estavam unidos.

No exato momento em que a Comissão Bell começou a pregar a profecia do pós-industrialismo para os povos do mundo, a Ofensiva Tet inesperadamente expôs as limitações da superioridade tecnológica estadunidense. Como os líderes da resistência vietnamita enfatizaram, a humanidade – e não o maquinário – era o sujeito da história. Ainda pior, como a Esquerda da Guerra Fria percebeu, para seu desânimo, a hegemonia imperial estadunidense era agora ameaçada por dois componentes-chave da sociedade da informação emergente: a classe do conhecimento e a mídia eletrônica. Protestos

de estudantes desmoralizavam tropas no Vietnã. Os noticiários da TV eram responsáveis por minar o apoio à guerra em casa. Traumatizados por sua queda do poder, Rostow e outros falcões da Esquerda da Guerra Fria precisavam de um bode expiatório para seus próprios julgamentos desastrosos. Assim como os nazistas que culpavam os marxistas e os judeus pela derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, eles alegaram que os militares dos Estados Unidos foram traídos por uma "facada nas costas" de *hippies* infantis e jornalistas irresponsáveis.[72] Esses dois privilegiados setores da nascente sociedade da informação atiravam-se inexplicavelmente contra seus generosos benfeitores.

No final dos anos 1960, a Nova Esquerda forjou sua identidade por meio da rejeição da crença da Esquerda da Guerra Fria. A realidade assassina do Vietnã expôs a hipocrisia da retórica consensual da terceira via. Democratas com *D* maiúsculo provaram-se os inimigos da democracia com *d* minúsculo. Obviamente, esses jovens ativistas queriam ser tudo aquilo que seus antecessores não eram: revolucionários, francos e apaixonados. A admiração pelo heroísmo dos combatentes pela liberdade vietnamita rapidamente levou-os a rejeitar toda a ortodoxia da Guerra Fria. Opositores estadunidenses ao imperialismo dos Estados Unidos deveriam ser anti-anticomunistas. Ao esquecer seus antigos crimes na Cuba stalinista, a Nova Esquerda idolatrou Che Guevara como um mártir revolucionário assim como Cristo, que sacrificou sua vida pelos pobres.[73] Mais seriamente, ao ignorar a brutal realidade da China maoísta, os líderes do movimento anti-guerra abraçaram a ideologia dos vietnamitas inimigos dos Estados Unidos: o maoísmo.[74] Em forma de colonização reversa, a vanguarda revolucionária do Sul agora possuía um batalhão no Norte.

De volta aos anos 1930, stalinistas e trotskistas nos Estados Unidos olharam para a Rússia como modelo de futuro imaginário socialista. Três décadas depois, a Nova Esquerda encontrou uma nova pátria

comunista: o Sul. Ao inverter os estágios do crescimento de Rostow, esses *hippies* radicais argumentavam – como Giap – que a China camponesa encontrava-se em um ponto mais avançado da grande narrativa da história do que os Estados Unidos fordista. A cada noite, através dos noticiários da TV, a resistência vietnamita provava que a solidariedade, e não a tecnologia, era a medida do progresso humano. Ao iniciar a "Grande Revolução Cultural Proletária" em 1966, Mao livrava a China dos últimos vestígios de hierarquia capitalista. Dentro da sociedade fabril na Rússia, especialistas ainda dominavam as massas assim como faziam nos Estados Unidos. Felizmente, graças a Mao, os chineses já viviam de acordo com os princípios da Comuna de Paris. No Sul, democracia participativa e criatividade cooperativa não eram reservados para o futuro imaginário da sociedade da informação. O comunismo camponês existia no aqui e agora. Por serem a vanguarda do Sul no Norte, revolucionários estadunidenses receberam a tarefa de refazer seu país à imagem da China. Em seu retorno do país das maravilhas maoístas, Huey P. Newton – o líder do Partido dos Panteras Negras – reportou:

> Tudo o que vi na China demonstra que a República Popular é um território livre e liberado, com um governo socialista. O caminho está aberto para as pessoas conquistarem sua liberdade e determinarem seu próprio destino. Lá, o ditado de Marx – de cada um de acordo com suas habilidades, a cada um de acordo com suas necessidades – está em operação.[75]

Na Feira Mundial de Nova Iorque de 1939, viver num subúrbio e ter um carro simbolizava as maravilhas do futuro imaginário. Porém, três décadas depois, radicais *hippies* que cresceram nessa utopia fordista estavam mais cientes das desvantagens da sociedade afluente. Encaixotados em seus prósperos subúrbios, muitos estadunidenses

levavam vidas frustradas e sem realizações. Para todas as tendências da Nova Esquerda, os horrores da Guerra do Vietnã foram a mais extrema manifestação dessa tão profunda angústia social. No final dos anos 1960, a luta contra o sistema era tanto cultural quanto política. A moda *hippie* e as drogas psicodélicas simbolizavam a rejeição dos valores corrompidos da geração de seus pais.[76] Morar em uma casa comunitária e possuir um toca-discos eram os novos símbolos do futuro imaginário. Para uma dedicada minoria, cair completamente fora da sociedade do consumo era a derradeira declaração de independência da grande narrativa de modernidade da Esquerda da Guerra Fria. Ao invés de esperar pacientemente pela chegada da sociedade da informação, a Nova Esquerda prefiguraria a democracia participativa e a criatividade cooperativa dentro de suas próprias organizações.[77] Se os camponeses chineses podiam tomar conta de suas próprias vidas, então os rebelados do afluente Estados Unidos também poderiam liberar-se do alto governo e dos grandes negócios. Essencialmente, ao olhar para o Sul, a Nova Esquerda redescobriu os princípios fundadores da sua própria nação. Antes do advento do fordismo, os Estados Unidos foram a terra de encontros na prefeitura das cidades, movimentos de protesto e ativismo de base. Depois de um grande desvio pela Europa, Rússia e China, os ideais libertários da Revolução de 1776 retornavam aos Estados Unidos sob um disfarce maoísta. O passado tornara-se o futuro. Che era a versão mais sensual de Jefferson.

Em *Os meios de comunicação como extensões do homem*, a nova geração encontrou um outro espírito congênere que compartilhava sua antipatia pelo desalmado capitalismo moderno. Assim como eles, McLuhan também favorecia um futuro imaginário que prometia o retorno da intimidade da vida em aldeia. Melhor ainda, esse guru canadense celebrava o potencial emancipatório das novas mídias. Para a Nova Esquerda, concertos de *rock*, acontecimentos

psicodélicos, poesia *beat*, fanzines, filmes alternativos, estações de rádio comunitárias e projeções de vídeo eram parte integral do fazer a revolução. Jovens criavam suas próprias formas de expressão para combater as ideologias repressivas promovidas pela mídia comercial da sociedade careta.[78] Como Mao, McLuhan forneceu a esses radicais a confirmação teórica do que já faziam. Por ser participativa, coletiva e intuitiva, a contracultura *hippie* era a personificação do futuro imaginário da aldeia global no presente. A Nova Esquerda rejeitou todas as ideologias da Esquerda da Guerra Fria, menos seu produto mais sedutor: o mcluhanismo.

No final da década de 1960, ativistas da contracultura transformaram a profecia da sociedade da informação na teoria da sua própria rebelião. Criado para substituir o futuro imaginário do comunismo cibernético, o mcluhanismo agora tornava-se seu raciocínio intelectual. Nessa recombinação, os experimentos de mídia da Nova Esquerda eram louvados como precursores da utopia participativa da Rede: a ágora eletrônica. O monólogo da propaganda capitalista se transformava no diálogo de comunidades *hippies*. Do outro lado do Atlântico, os situacionistas foram pioneiros nessa fusão teórica de marxismo e mcluhanismo. Em oposição aos seus camaradas maoístas, esses pensadores da Nova Esquerda encontraram sua inspiração revolucionária na pátria do capitalismo global. Os habitantes dos Estados Unidos e da Europa Ocidental talvez tenham sido pacificados pela democracia de bem-estar social, bens de consumo e fantasias da televisão: a "sociedade do espetáculo."[79] Mas, por construir essa infra-estrutura tecnológica, o fordismo também intimou seu próprio castigo. Ao antecipar o surgimento da Internet, os situacionistas acreditavam que o fluxo de informação unidirecional dos poucos aos muitos já estava em processo de ser transformado em comunicação interativa de duas vias para toda a população. A política partidária e a hierarquia burocrática da era dos jornais e da televisão em breve

estariam obsoletas. Em seu lugar, a Comuna de Paris renasceria como a ágora eletrônica. Enquanto as instituições fetichísticas do mercado e do Estado definhavam, a sociedade do espetáculo fordista seria superada pela sociedade cibernética da Internet.[80] Após a Revolução de Maio de 1968, essa análise situacionista foi popularizada no Norte como a teoria de ponta do marxismo–mcluhanismo. Determinismo tecnológico tornou-se agora a prova da inevitável vitória no confronto de classes. Enquanto a mídia, as telecomunicações e a computação convergiam, a humanidade reemergia como sujeito da história. A sociedade afluente era a precursora imediata do comunismo cibernético.[81]

> Como quase todos na Esquerda [dos Estados Unidos], tenho uma suspeita genuína da mídia de massa, especialmente da televisão. [Porém]... algum dia em breve a maioria das famílias na NAÇÃO DE PORCOS [estadunidense] será capaz de ter um computador à sua disposição através de seus aparelhos de TV... o meio de comunicação mais revolucionário desde que a própria linguagem foi inventada.[82]

Na esquerda libertária da Nova Esquerda, a construção da ágora eletrônica prometia completar a grande narrativa da história. De acordo com Marx e Engels, pressentimentos do comunismo de alta tecnologia podiam ser encontrados em sociedades tribais: "comunismo primitivo".[83] Antes das invasões européias, os nativos americanos viviam suas vidas com êxito sem nenhuma necessidade de estado ou de mercado. Para membros mais radicais da Nova Esquerda, esses povos indígenas, comparados com a fábrica stalinista ou a aldeia maoísta, pareciam oferecer um modelo democrático muito mais igualitário para a utopia pós-capitalista.[84] Com a invenção da Internet iminente, os povos do Norte conquistavam agora a oportunidade de recriar essa sociedade participativa em um nível

tecnológico muito maior. Nas universidades, a pesquisa acadêmica já se organizava como uma economia da dádiva tribal. De suas "Bases Vermelhas" na educação superior, a Nova Esquerda se apresentaria para reconstruir o todo da sociedade dos Estados Unidos à imagem do *campus*. Já que a cibernetização aboliria a maior parte dos trabalhos nas fábricas, todos deveriam viver como um estudante. Com uma sobra cada vez maior de bens de consumo, tudo estaria disponível de graça. Depois de séculos de sofrimento, o caminho da modernização alcançara seu destino final: a utopia socialista-feminista do comunismo cibernético.[85]

Focada na ameaça ideológica do além-mar, a Esquerda da Guerra Fria sem querer forneceu inspiração política para seus novos opositores da Nova Esquerda em casa. No início dos anos 1970, muitos jovens estadunidenses equacionaram a aldeia global com o comunismo cibernético. Entusiasmados com uma mistura de maoísmo e mcluhanismo, membros radicais da classe do conhecimento convenceram-se de que a economia da dádiva acadêmica era a precursora da revolução social. Porém, apesar de sua imagem cada vez mais subversiva, o governo dos Estados Unidos nunca abandonou seu problemático método de organizar o trabalho intelectual. Na Rússia, controles políticos sobre distribuição de informação atrasavam o ritmo da pesquisa científica. Se os Estados Unidos fossem ganhar a corrida tecnológica da Guerra Fria, suas instituições acadêmicas necessitavam de métodos mais sofisticados de trabalho. Enquanto esteve na Arpa, Licklider começou o processo de construção da Internet com a criação de uma comunidade autogerida de cientistas da computação. Gerenciados com inteligência, os praticantes do comunismo cibernético poderiam ser persuadidos a servir aos interesses dos militares dos Estados Unidos. Em troca, aos construtores da Rede foi permitido implementarem a economia da dádiva acadêmica nos costumes sociais e na arquitetura técnica da

Internet. Isolada do estado e do mercado, a universidade tornou-se o protótipo da sociedade da informação pós-capitalista. No Leste, o comunismo ainda restava como um futuro imaginário distante. Ironicamente, no Ocidente, a economia da dádiva da alta tecnologia foi embrionária. Dentro de um pequeno grupo de cientistas da computação, a democracia participativa e a criatividade cooperativa da Internet já haviam chegado. Perante um seleto encontro de estadunidenses e europeus responsáveis pela tomada de decisões no conspiratório encontro do Grupo Bilderberg de 1969, McLuhan propositadamente salientava esse dilema ideológico ao perguntar "o que nunca deveria ser questionado em público": "por que lutamos contra o comunismo? Somos o povo mais comunista na história do mundo."[86]

Enquanto os *campi* estadunidenses eram engolidos por uma turbulência revolucionária, Daniel Bell continuava a trabalhar em seu texto canônico sobre o futuro imaginário da Esquerda da Guerra Fria. As impressionantes sondas de pensamento de McLuhan eram lentamente traduzidas em teoria acadêmica mcluhanista e cuidadosamente provida de evidência empírica. Em 1973, o grande trabalho foi finalmente publicado. Durante os anos seguintes ao primeiro encontro da Comissão Bell, o excessivo otimismo nas soluções de alta tecnologia levou os Estados Unidos ao desastre em casa e no exterior. Como outros pensadores da Esquerda da Guerra Fria, seu presidente estava desorientado pela repentina implosão do movimento. O defensor da ideologia do fim da ideologia foi confrontado pela escolha entre duas ideologias incompatíveis – e indesejáveis. Por um lado, Bell recusava juntar-se aos seus amigos falcões que em breve se tornariam servos leais da facção neo-conservadora do Partido Republicano.[87] Por outro lado, ele perdia as esperanças ao ver estudantes revolucionários cometerem os mesmos erros que ele cometera em sua juventude. Assim como o trotskismo,

o maoísmo era uma ideologia totalitária de um estágio anterior de crescimento.

Em *O advento da sociedade pós-industrial*, Bell afirmava que a classe do conhecimento era a nova vanguarda do futuro. Durante seus momentos libertários, a Nova Esquerda acreditou que democracia participativa e criatividade cooperativa poderiam ser inauguradas dentro de suas próprias organizações. Mas, para Bell, o único caminho certeiro para a emancipação humana era completar a convergência da mídia, telecomunicações e da computação rumo à Internet. Até esse futuro imaginário chegar ao novo milênio, a classe do conhecimento permaneceria uma minoria privilegiada. Muito aquém de ser uma "base vermelha", a universidade era o lar de alta tecnologia do elitismo intelectual. Ao publicar seu texto canônico, Bell reafirmava a declaração de propriedade da Esquerda da Guerra Fria sobre a profecia mcluhanista. Com ambos os maoístas e situacionistas fascinados pelo poder divino das tecnologias da informação, essa codificação da pesquisa de sua comissão possuía um potencial ideológico. O Centro Vital tomava de volta a modernidade da Nova Esquerda. O mcluhanismo era o substituto para o marxismo, não seu revigorante. A tecnologia era – novamente – a criadora da história. O próximo estágio do crescimento seria *made in USA*. A Esquerda da Guerra Fria estava morta – e a aldeia global ainda era o futuro imaginário. "Em uma cultura cibernética, o poder cresce das impressões de um computador, não do cano de uma arma".[88]

Notas:

1. Ver Editores do Time–Life Books, *Official guide*, páginas 118–171.

2. Ver Feira Mundial de Nova Iorque de 1939, *Official guide book*, página 148; e Jeffrey Hart, *Yesterday's America of Tomorrow*, página 65.

3. Ver Robert A. M. Stern, Thomas Mellins e David Fishman, *New York 1960*, páginas 1028, 1039.

4. Este edifício pode ser visto no canto esquerdo ao fundo da foto da família Barbrook.

5. Ver Editores do Time–Life Books, *Official guide*, páginas 112, 120, 166.

6. Ver David Halberstam, *The best and the brightest*, páginas 106–120; e Stephen Ambrose, *Rise to globalism*, páginas 192–193.

7. Ver Ric Burns e James Sanders com Lisa Ades, *New York*, páginas 220–230.

8. Ver John Gerassi, *The great fear in Latin America*, páginas 305–316.

9. Ver James Monroe, *Monroe doctrine*; e Maurice Lemoine, *Uncle Sam's manifest destiny*.

10. Ver William Blum, *Killing hope*, páginas 175–184; e Gerassi, *The great fear in Latin America,* páginas 194–202.

11. Ver Blum, *Killing hope*, páginas 163–172; e Gerassi, *The great fear in Latin America*, páginas 82–99.

12. Ver W.W. Rostow, *The diffusion of power*, páginas 310, 411, 419–420, 425.

13. Andre Gunder Frank, *Sociology of development*, página 26.

14. Ver Che Guevara, *Bolivian diary*; e Blum, *Killing hope*, páginas 221–229.

15. Ver Robert Taber, *The war of the flea*, páginas 59–72.

16. Ver Neil Sheehan, Hedrick Smith, E.W. Kenworthy e Fox Butterfield, *The Pentagon papers*, páginas 1–13, 26–40; e Neil Sheehan, *A bright shining lie*, páginas 145–172.

17. Ver Sheehan, Smith, Kenworthy e Butterfield, *The Pentagon papers*, páginas 13–25, 41–78; e Gabriel Kolko, *Anatomy of a war*, páginas 80–108.

18. Ver Lyndon Johnson, *Peace without conquest*, página 2.

19. O Presidente Johnson esnobou o Vietnã como um "maldito país pequeno e insignificante". Irving Bernstein, *Guns or butter*, página 329.

20. Na lista das cem invenções eminentes da Comissão Bell, a de número 37 era o descobrimento de "novas e relativamente eficazes técnicas de contra-insurgência". Herbert Kahn e Anthony Wiener, *The year 2000*, página 53.

21. Ver John Kennedy, *Special message to Congress on urgent needs*; e Robert Dallek, *John F. Kennedy*, páginas 442–461, 664–669.

22. Ver Rostow, *Diffusion of power*, páginas 451–459; e Halberstam, *Best and brightest*, páginas 121–129.

23. Ver Andrew Wilson, *The bomb and the computer*, páginas 118–126.

24. Ver Daniel Ellsberg, *Secrets*, páginas 114–115, 129–131, 169; e Mary McCarthy, *Vietnam*, páginas 69–97.

25. Ver Wilson, *The bomb and the computer*, páginas 168–169.

26. Walt Rostow, em Ellsberg, *Secrets*, página 184.

27. Ver Michael Maclear, *Vietnam*, página 249.

28. Ver Rostow, *Diffusion of power*, página 450; e Halberstam, *Best and brightest,* páginas 122–124, 542–543.

29. Ver Sheehan, Smith, Kenworthy e Butterfield, *The Pentagon papers*, páginas 382–417, 459–485; e Robert McNamara, *In retrospect*, páginas 209–214.

30. "Contagem de corpos é o mesmo que jogos de futebol americano. Eles mantêm a pontuação e, enquanto o outro lado não tiver mais mortes, há de ser um sucesso." Moderador do painel em *Winter Soldier Investigation*, *Third marine division, part 2*, página 3. Ver também McNamara, *In retrospect*, páginas 48, 237–238; e Maclear, *Vietnam*, páginas 224–227.

31. Ver McNamara, *In retrospect*, páginas 10–25; e Halberstam, *Best and brightest*, páginas 215–247.

32. Ver Walt Rostow, em Daniel Ellsberg, *Secrets*, página 184.

33. Ver Sheehan, Smith, Kenworthy e Butterfield, *The Pentagon papers*, páginas 507–509; Berkeley Sespa, *Science against the people*, páginas 1–6, 17–18; e Paul Dickson, *The electronic battlefield*, páginas 20–31.

34. Ver Berkeley Sespa, *Science against the people*, páginas 8–9; e Dickson, *electronic battlefield*, páginas 32–54, 67–75.

35. W.C. Westmoreland, *Address to the association of the United States army*, página 221. Westmoreland era comandante-chefe do exército dos Estados Unidos no Vietnã de 1964 a 1968.

36. Ver Berkeley Sespa, *Science against the People*, página 14; e Dickson, *The Electronic battlefield*, páginas 78–80.

37. Em 1967, o custo da ocupação do Vietnã aumentou para mais de um terço do orçamento militar estadunidense. Ver McNamara, *In retrospect*, página 265.

38. Ver Maclear, *Vietnam*, páginas 178–179.

39. Ver Sheehan, Smith, Kenworthy e Butterfield, *The Pentagon papers*, páginas 44–45.

40. Ver W.W. Rostow, *View from the seventh floor,* páginas 112–120.

41. Ver Michael Mandelbaum, *Vietnam: the television war*; e Michael Herr, *Dispatches*, páginas 214–219.

42. Ver CBS, *The Vietnam war: courage under fire*; *The Vietnam war: the end of the road*; e Mandelbaum, *Vietnam*, páginas 158–160.

43. Morley Safer – um repórter correspondente da TV CBS, *Vietnam War*.

44. Ver Sheehan, Smith, Kenworthy e Butterfield, *The Pentagon papers*, páginas 589–601, 613–621; e Maclear, *Vietnam*, páginas 274–300.

45. Ver Rostow, *Diffusion of power*, 459–470; e Sheehan, Smith, Kenworthy e Butterfield, *The Pentagon papers*, páginas 615–621.

46. O jornalista do *The Washington Post* que cobriu essa crise estava convencido de que a "Ofensiva Tet era a primeira superbatalha televisiva dos Estados Unidos da América". Don Oberdorfer, *Tet!*, página 159.

47. Walter Cronkite na CBS, *The Vietnam War: the end of the road*.

48. Ver Rostow, *Diffusion of power*, 478–481.

49. Ver Oberdorfer, *Tet!,* páginas 238–345; e Halberstam, *Best and brightest*, páginas 647–648.

50. Ver Bernstein, *Guns or Butter*, páginas 473–521; e Halberstam, *Best and brightest*, páginas 647–658.

51. Para um relato da revolta dos alistados contra seus oficiais ver Kolko, *Anatomy of a war*, páginas 359–367; e Jonathan Neale, *The american war*, páginas 117–146.

52. Ver Maclear, *Vietnam*, páginas 465–466; e CBS, *Vietnam War.*

53. Ver Grant Evans e Kelvin Rowley, *Red brotherhood at war*, páginas 34–62, 84–164.

54. Ver Frederick Balfour, *Vietnam toddles into a capitalist future*; *Vietnam's time is running out*.

55. Ver W.W. Rostow, *The case for the Vietnam war*, página 6.

56. Em um filme de fantasia de 1985, seu herói veterano do Vietnã tristemente pergunta: "Senhor, conseguiremos vencer desta vez?" George Cosmatos, *Rambo: first blood part 2*.

57. Ver Bernstein, *Guns or butter*, páginas 471–542.

58. Ver Geoffrey Hodgson, *Walt Rostow*.

59. Ver Dallek, *Kennedy*, páginas 355, 451, 460–461; Herman Kahn, *Toward a program of victory*; e Arthur Schlesinger Jr., *The bitter heritage*.

60. Ver Dallek, *Kennedy*, páginas 333–335, 506–509, 583–589; e Bernstein, *Guns or butter*, páginas 27–42, 82–113.

61. Ver Bernstein, *Guns or butter*, páginas 358–378; e Alain Lipietz, *L'Audace ou l'enlisement*, páginas 37–64.

62. Ver John McNaughton – um novato no ministério de defesa dos Estados Unidos – em Sheehan, Smith, Kenworthy e Butterfield, *The Pentagon papers*, página 492.

63. Ver Oberdorfer, *Tet!*, páginas 98–100; e Halberstam, *Best and brightest*, páginas 637–639.

64. Ver Robert Taber, *The war of the flea*, páginas 73–89; e Kolko, *Anatomy of a war*, páginas 107–108, 208–222.

65. Vo Nguyen Giap, *National liberation war in Vietnam*, página 28.

66. Ver Halberstam, *Best and brightest,* páginas 616–618; e Noam Chomsky, *For reasons of state*, páginas 83–84.

67. Ver Geoffrey Fairbairn, *Revolutionary guerrilla warfare*, páginas 98–100; e Mao Tse-Tung, *Six essays on military affairs*, páginas 268–271.

68. Em 1971, um soldado estadunidense informou a um comitê do Congresso dos Estados Unidos que "[o] exército não distingue vietnamitas do norte, vietnamitas do sul, *vietcongs* e civis – são todos china (*gooks*), todos são considerados sub-humanos. E todos podem ser mortos e todos são mortos". Jamie Henry em *Winter Soldier Investigation*, *Third marine division, part 3*, página 4.

69. Ver Samuel Huntington, *The bases of accommodation*.

70. Ver Kolko, *Anatomy of a war*, páginas 465–469, 489–491.

71. Ver Rostow, *Diffusion of power*, páginas 497–498.

72. Ver Rostow, *Diffusion of power*, páginas 484–503; e C. Dale Walton, *The myth of inevitable U.S. defeat in Vietnam*, páginas 33–47.

73. Um líder hippie aclamava: "Che é um herói maior que... Kennedy para a juventude amerikana. (sic) Você precisa nascer um Kennedy. Qualquer um pode virar um Che. Revolucionários têm vida eterna – porque vivemos um dentro do outro." Jerry Rubin, *Do It!* página 130.

74. Ver A. Belden Fields, *Trotskyism and maoism*, páginas 184–229; e Kirkpatrick Sale, *SDS,* páginas 369–556.

75. Huey P. Newton, *Revolutionary suicide*, página 326.

76. Ver Charles Reich, *The greening of America*; e Rubin, *Do it!*

77. Bob Avakian – um líder maoísta estadunidense – argumentava que esses coletivos hippies já eram "metade comunistas" em sua estrutura organizacional. Ver Bob Avakian, *From Ike to Mao*, página 218.

78. Ver David Armstrong, *A trumpet to arms*; e Theodore Roszak, *The making of a counter culture*.

79. Ver Guy Debord, *A sociedade do espetáculo*; e Raoul Vaneigem, *A arte de viver para as novas gerações*.

80. Ver Raoul Vaneigem, *Notice to the civilised concerning generalised self-management*; e Daniel Cohn-Bendit e Gabriel Cohn-Bendit, *Obsolete communism*, páginas 103–112.

81. Ver Richard Barbrook, *Media freedom*, páginas 96–113.

82. Abbie Hoffman, *Woodstock nation*, página 105. Essa profecia mcluhanista hippie foi feita em 1969.

83. Ver Friedrich Engels, *The origins of the family, private property and the state*; e Franklin Rosemont, *Karl Marx and the iroquois*.

84. Os situacionistas descobriram uma descrição atraente dessa economia da dádiva tribal em Marcel Mauss, *The gift*.

85. Ver Shulamith Firestone, *The dialectic of sex*, páginas 183–195, 210–224.

86. Ver Marshall McLuhan, *Letter to Prince Bernhard of the Netherlands*, página 373. Ver também Mike Peters, *Bilderberg and the Origins of the EU*.

87. Ver Wald, *New York intellectuals*, páginas 344–365.

88. Michael Shamberg e Raindance Corporation, *Guerrilla television*, página 30. Essa compreensão é uma remontagem da Nova Esquerda da famosa frase de Mao: "Poder político cresce do cano de uma arma", Mao Tse-Tung, *Quotations of chairman Mao Tse-Tung*, página 61.

NT 1 – Pagode – Templo ou monumento memorial da Índia e de outras regiões do Oriente geralmente em forma de torre, com diversos andares e telhados a cada andar e terminados freqüentemente em pontas recurvadas para cima. Termo também usado para mesquitas mouras e varelas budistas.

15

AQUELES QUE ESQUECEM O FUTURO ESTÃO CONDENADOS A REPETI-LO

EM 30 DE ABRIL DE 2005, o âncora do noticiário noturno da ABC (*American Broadcasting Company*) apresentou – em um tom sóbrio e cauteloso – um curto relato sobre o trigésimo aniversário da "queda de Saigon". As fotos batidas há poucas horas do dia das celebrações da vitória vietnamita foram sucedidas por uma longa cobertura de veteranos estadunidenses que homenageavam seus falecidos colegas. O material de arquivo lembrou aos espectadores a rebelião política e cultural da Nova Esquerda contra a guerra interna. Comentários de especialistas provaram que esse conflito ainda dividia a nação. Nesse aniversário em particular, noticiar as comemorações da Guerra do Vietnã não era apenas uma questão de apontar um momento histórico decisivo. Poucos minutos antes, o noticiário da ABC relatava a última péssima notícia do Iraque. Para muitos estadunidenses, os paralelos com o Vietnã eram óbvios. Três décadas depois, os soldados dos Estados Unidos lutavam mais uma vez contra guerrilhas em um país distante. Em 2005, as atuais relações no Oriente Médio carregavam uma perturbadora semelhança com a história do Sudeste Asiático.

O que mudou dramaticamente nos trinta anos transcorridos foi o credo ideológico dos inimigos dos Estados Unidos. No momento em que a administração Johnson lançou sua guerra contra os vietnamitas, a tarefa militar era estancar a disseminação do comunismo: o caminho autárquico para a modernização do Sul. Trinta anos depois, esse sonho estadunidense realizou-se. Longe de ser a onda do futuro, o comunismo era agora história. A China e o Vietnã abandonaram o maoísmo a favor de uma economia de mercado. Os regimes autoritários do Leste Europeu entraram em colapso. Acima de tudo, o comunismo perdera seu centro nervoso russo. Em 1968, ao esmagar o movimento reformista tchecoslovaco, o governo Brezhnev institucionalizou o conservadorismo burocrático dentro do bloco do Leste. Assim como as mudanças sociais, a inovação tecnológica tornou-se desacreditada como uma força disruptiva e subversiva.[1] De volta aos anos 1930, o planejamento de estado stalinista esteve na vanguarda da modernidade econômica. Entretanto, como apontaram os teóricos da Primavera de Praga, esse não era mais o caso na era do computador. Ao se manter firme em seu monopólio ideológico, o Partido Comunista privou-se da informação que necessitava para fornecer os bens necessários.

Nos anos 1980, os trabalhadores poloneses se rebelaram ao serem mais uma vez chamados a pagar pelos erros dos planejadores da economia.[2] Como uma versão invertida da teoria do efeito dominó, a desintegração do comunismo em um país iniciou uma reação em cadeia de eventos que dentro de uma década derrubaram o império comunista como um todo. Ao se tornar o líder russo em 1985, Mikhail Gorbachev tentou – tardiamente – abrir o sistema stalinista para uma retroalimentação a partir das bases. Como há muito já haviam esquecido sua missão histórica-mundial, o partido de vanguarda estava muito mais interessado em se tornar um pomposo membro da burguesia Ocidental. Como a elite dominante se apressou

em enriquecer ao privatizar os recursos estatais, os planejadores cibernéticos estavam entre os últimos crentes em soluções fora do mercado. Em uma reviravolta irônica, a chegada da Internet na Rússia coincidiu com o desaparecimento do futuro imaginário comunista. A nova geração de reformistas decidiu que só o livre mercado poderia alcançar o que o planejamento de estado fora incapaz de fazer: otimizar a distribuição da força de trabalho e dos recursos por meio da economia.[3] Em 1991, a renúncia de Gorbachev marcou o derradeiro fim da era comunista. Ao vivo na televisão, estátuas stalinistas foram derrubadas e bandeiras vermelhas abaixadas sobre o Kremlin. A transição para o capitalismo poderia agora ser acelerada. O comunismo era o futuro que falhara.

Em sua neoconservadora obra campeã de vendas de 1992, Francis Fukuyama anunciou orgulhosamente que – ao fim da grande narrativa da história – o mundo inteiro se tornara estadunidense.[4] A experiência do século XX provou que não havia alternativa para o modelo dos Estados Unidos de capitalismo democrático. Ao vencer a Guerra Fria, os Estados Unidos cicatrizaram as divisões criadas pela queda do império britânico. Com a autarquia desacreditada, o liberalismo econômico – mais uma vez – unia a humanidade. As únicas sobras stalinistas eram os aventureiros regimes de Cuba e da Coréia do Norte. Como Rostow, Fukuyama e seus admiradores estavam convencidos de que a Rússia, a China e outros países "pós-comunistas" seriam todos capazes de imitar o modelo estadunidense de fazer as coisas. Com todas as alternativas agora desacreditadas, só havia um caminho para a modernidade. Sob a tutela das instituições internacionais lideradas pelos Estados Unidos, livres mercados e mídia livre espalhavam os benefícios do capitalismo estadunidense para todos no planeta. Marcas globais criavam uma humanidade globalizada. Ao aparecerem juntos em conferências da ONU e encontros do G8, os líderes das grandes potências formavam o executivo

desse novo Estado Universal. Guiados pela elite dos Estados Unidos, a aldeia global era a universalização do arranjo constitucional da Revolução Estadunidense de 1776.[5] Um único mercado precisava de um único modelo de governo.

Entre 1948 e 1991, o equilíbrio da Guerra Fria sustentou a dominação dos Estados Unidos do sistema mundial. Assim que o seu oponente russo se dobrou, os Estados Unidos foram proclamados como os vencedores desse grande jogo. O capitalismo derrotara o comunismo. Para a elite dos Estados Unidos, infelizmente, essa vitória também veio com o custo de perder as vantagens geopolíticas do acordo de Yalta. Sem a ameaça externa para disciplinar seus satélites, o controle estadunidense sobre sua esfera de influência seria severamente enfraquecido.[6] Nesse momento de crise ideológica, Huntington – o apologista do genocídio no Vietnã – forneceu uma nova racionalidade geopolítica para a hegemonia dos Estados Unidos: o "choque das civilizações".[7] A vitória da democracia estadunidense sobre o totalitarismo russo enganara os defensores da globalização. Durante os anos 1990, ao invés de unirem-se em torno de valores comuns, os povos do mundo tornaram-se ainda mais divididos por suas diferentes – e competitivas – identidades culturais. Obviamente, nessa refilmagem da Guerra Fria, os Estados Unidos novamente estrelaram como o defensor da civilização Ocidental contra a bárbara ameaça do Oriente. Como substitutos dos russos e dos chineses, os muçulmanos eram identificados como o novo inimigo. Como uma atualização à condenação de Rostow do comunismo como a doença mental de países subdesenvolvidos, Huntington culpou o fanatismo *jihadi* como uma patologia da cultura islâmica. Devido a essa profunda raiz psicológica, esse choque confessional de civilizações entre Ocidente e Oriente iria dominar a política global por gerações.

Por mais de duas décadas, a memória da derrota – a "síndrome do Vietnã" – limitou as ambições imperiais da elite dos Estados Unidos.

Eleitores estadunidenses puniriam o partido que se envolvesse em custosas guerras pelo Sul mais do que o necessário. Após os ataques da Al-Qaeda em Nova Iorque e Washington em 2001, republicanos neoconservadores agarraram-se à oportunidade de mobilizar apoio público para uma política externa descaradamente mais agressiva.[8] Numa retomada da vitória sobre o comunismo na Guerra Fria, os Estados Unidos derrotariam seu novo inimigo ao remodelar o mundo muçulmano sob a sua própria imagem. Vitórias militares no Afeganistão e no Iraque seriam catalisadoras de uma transformação política e cultural mais abrangente em toda a região. Sob a liderança estadunidense, os habitantes do Oriente Médio descobririam os benefícios da democracia eleitoral e dos mercados competitivos. Assim que a mídia local fosse reformada de acordo com o modelo estadunidense, as pessoas aprenderiam a apreciar o pluralismo cultural e político. Os propagandistas do Partido Republicano argumentaram que a maioria dos muçulmanos poderia ser facilmente cooptada para o lado estadunidense na "guerra contra o terror". Para os habitantes do Oriente Médio e da Ásia Central, a escolha era entre a pobreza do passado islâmico e a prosperidade do futuro estadunidense.[9] Em 2002, o presidente George Bush explicou que:

> Hoje, os Estados Unidos desfrutam de uma posição sem paralelos de força militar e grande influência política e econômica. Ao manter nossa herança e princípios, nós buscamos criar um equilíbrio [global] de poder... no qual todas as nações e todas as sociedades possam escolher por si mesmas as recompensas da liberdade política e econômica. Através da história, a liberdade foi ameaçada pela guerra e pelo terror e ela foi testada pela disseminação da pobreza e das doenças. Hoje, a humanidade tem em suas mãos a oportunidade de estender os triunfos da liberdade sobre todos esses adversários. Os Estados Unidos acolhem nossa responsabilidade de liderar essa grande missão.[10]

Não foi por acidente que a análise geopolítica da administração de Bush era uma releitura de Rostow para o início do século XXI. Após a divisão da Esquerda da Guerra Fria sobre o Vietnã, alguns de seus membros mais extremistas reinventaram-se nos anos 1970 como gurus neoconservadores das agências de inteligência republicanas. Apesar da mudança da filiação partidária, eles alegavam que seus objetivos políticos se mantinham iguais: reforma social interna e expansão imperial além-mar.[11] Para esses neoconservadores, as conclusões de Huntington eram, de longe, pessimistas demais. Como os comunistas, os muçulmanos também poderiam ser convertidos ao modelo político e cultural estadunidense. De acordo com o credo mcluhanista, todas as civilizações convergiam para uma aldeia global dominada pelos Estados Unidos. Repetindo Huntington em seu infame artigo de 1968, eles argumentaram que a força militar deveria ser usada para acelerar esse processo. Não importando o que tivesse acontecido de errado da última vez, os inspiradores avanços na tecnologia da informação desde os anos 1970 mudaram tudo.[12] Na sua nova estratégia de "choque e intimidação", as forças militares dos Estados Unidos previram que o poder e a precisão de seu arsenal de alta tecnologia aterrorizariam o inimigo até levá-lo à submissão.[13] Dessa vez, sofisticados jogos de computador poderiam elaborar a estratégia vencedora.[14]

Para a administração Bush, força bruta era força suave. A Guerra do Iraque não era apenas uma guerra pelo petróleo, mas também, e ainda mais importante, uma guerra pela mídia. Com a cobertura ao vivo das vitórias militares de alta tecnologia dos Estados Unidos em todas as cores nos noticiários de TV globais, todo o mundo entenderia que os Estados Unidos eram a nação mais avançada do planeta. Como os falcões que pregaram a invasão do Vietnã, Donald Rumsfeld – o Secretário de Defesa estadunidense – acreditava que a conquista do Iraque seria uma espetacular "demonstração do poder estadunidense".[15] Controlar o espaço significava a posse do tempo – e

possuir o tempo era o controle sobre o espaço. Em aprovação a seu argumento, como se ainda fossem os anos 1950, os primeiros ministros britânico, espanhol, italiano e japonês aderiram entusiasticamente à causa dos Estados Unidos no início dos anos 2000. Na sua luta contra a ameaça islâmica, os Estados Unidos estavam em vantagem tanto em espaço quanto em tempo.

Como seus antecedentes da Esquerda da Guerra Fria, a direita neoconservadora honrou a memória da Revolução de 1776 enquanto repudiava suas aspirações mais libertárias. Platão, mais que Jefferson, era o filósofo da sua visão oligárquica da república.[16] Para aqueles que se recusavam a se conformar, a administração Bush possuía agora a maquinaria ideal para lidar com eles. Longe de enfraquecer o estado, o desenvolvimento da comunicação mediada por computador aumentava o poder de suas instituições repressoras. Dos sistemas de câmeras de vigilância aos programas de monitoramento de mensagens eletrônicas, o governo dos Estados Unidos e seus aliados sistematicamente adquiriam as ferramentas para uma vigilância constante de toda a população global.[17] No setor privado, as tecnologias da informação similarmente revitalizaram as hierarquias tayloristas. Com códigos de barra e etiquetas de identificação por radiofreqüência, corporações poderiam agora rastrear a fabricação e a venda de cada produto. Com auditorias e metas, também poderiam checar a performance de cada funcionário. Ao contrário de desaparecer, as hierarquias fordistas ainda regulavam a economia pós-fordista.[18] No momento em que a produção foi terceirizada para seus empreendedores artesanais, a classe do conhecimento não foi liberada da autoridade da fábrica. Pelo contrário, graças ao panóptico em rede, a elite corporativa era agora capaz de controlar suas vidas muito mais detalhadamente do que no passado fordista. O tecno-coletivismo do mcluhanismo metamorfoseou-se no tecno-autoritarismo da consultoria gerencial de McKinsey.[19]

No início do século XXI, a hegemonia estadunidense aparentava ser invencível. Na política, cultura e economia, não havia outro modo de se fazer as coisas. Mas o que nunca foi visualizado por esses devaneios neoconservadores era o fato de que os militares estadunidenses mais uma vez lutariam uma guerra invencível no Sul. Oficiais estadunidenses no Iraque, assim como aqueles no Vietnã trinta anos antes, falavam sobre contagem de corpos, construção da nação e a "luz no fim do túnel".[20] Como uma repetição do erro de Johnson, Bush depositou muita confiança no seu arsenal de alta tecnologia.[21] A estratégia de choque e intimidação foi inspirada pelas mesmas falhas presunções como a Linha McNamara. Como numa repetição do colapso da Ofensiva Tet, os jogos de guerra dos computadores militares dos Estados Unidos falharam em prever a realidade do campo de batalha do Iraque.[22] Pior ainda, como em sua aventura no Sudeste Asiático, o mestre da mídia perdera também a guerra da mídia. Ao invés da cobertura da derrubada da estátua do tirano, imagens de prisioneiros iraquianos torturados por carrascos estadunidenses foram os ícones do conflito.[23] O sectarismo e a brutalidade dos *jihadis* na resistência não mudou o veredicto. Os militares dos Estados Unidos estavam emperrados em outro pântano no Sul. Entre os céticos, a análise era condenatória: "O Iraque é o Vietnã acelerado".[24]

Qualquer que fosse o seu fracasso como política externa, a guerra contra o terror dos Estados Unidos era uma boa notícia para os negócios dos Estados Unidos. Como todas as administrações desde os anos 1940, a política econômica do governo Bush foi baseada no keynesianismo militar. Após sua derrota em meados dos anos 1970 no Vietnã, o Departamento de Defesa redescobriu rapidamente seu apetite por um arsenal de alta tecnologia. Diante da escolha entre armas e manteiga, a administração Reagan priorizou, nos anos 1980, a reconstrução das Forças Armadas da nação. Assim que a Guerra Fria

finalmente terminou em 1991, os "dividendos da paz" levaram a uma pequena queda nas encomendas por parte dos militares dos Estados Unidos. Essa década de relativa carência findou com a descoberta do novo inimigo islâmico. No início dos anos 2000, o governo Bush estava apto a reviver a versão conservadora do keynesianismo militar com grande êxito. Enquanto o Iraque e o Afeganistão explodiam em guerra civil, a economia estadunidense manteve-se crescente.[25]

Durante os anos 1970 e 1980, o efeito multiplicador dos gastos militares empoderou a emergência do Vale do Silício, no norte da Califórnia, como o roteador global da economia pós-industrial. Com os lucros dos contratos de defesa, seus negócios poderiam financiar o desenvolvimento de produtos mundialmente imbatíveis para o mercado civil. Graças aos financiamentos governamentais, acadêmicos em Stanford, Berkeley e em outras universidades locais tiveram o tempo e os recursos para inventar as tecnologias de informação de ponta que as empresas do Vale do Silício tornaram-se tão aptas em comercializar.[26] Como Rostow, Galbraith e Bell argumentaram, a ação em sinergia dos setores público e privado era a receita para o êxito econômico. Dos computadores pessoais às redes de telecomunicações, as máquinas mais avançadas eram fabricadas nos Estados Unidos. Pelos anos 1980, os gurus do mcluhanismo do Vale do Silício asseguravam aos líderes do empresariado estadunidense que a manufatura fordista era história. Os pioneiros da sociedade pós-industrial não precisavam mais de uma larga base industrial.

De volta à metade dos anos 1960, o mcluhanismo fora inventado como o credo do Centro Vital. Duas décadas depois, o significado dessa teoria essencial no meio da elite dos Estados Unidos moveu-se para a direita. Com a Esquerda da Guerra Fria desacreditada, muitos de seus membros acharam consolo ideológico no renascimento do liberalismo de livre mercado nos anos 1970: o neoliberalismo. Apesar dessa mudança de posição política, esses novos convertidos

enfatizaram que não apresentavam nada em comum com os obsoletos conservadores que lamentavam a perda dos estilos de vida tradicionais. Ao contrário, eles identificaram sua nova ideologia do *laissez-faire,* assim como a sua terceira via predecessora, com o futuro imaginário da sociedade da informação. Em 1983, Ithiel de Sola Pool – um antigo funcionário da Cenis e membro da Comissão Bell – codificou sua apropriação neoliberal do mcluhanismo na sua obra principal, *Technologies of freedom (Tecnologias da liberdade).* Ao invés de construir a ágora eletrônica, a convergência da mídia, das telecomunicações e da computação criava o mercado eletrônico. De programas de computadores a novelas, todas as formas de informação seriam logo negociadas como mercadorias pela Internet. Pela primeira vez, todos poderiam ser um empreendedor de mídia.[27] Longe de ser um retorno ao passado, políticas de livre mercado eram a rota mais rápida para o futuro da alta tecnologia. Jefferson, e não Mao, era o profeta da revolução cibernética.

> O fácil acesso, o baixo custo e a inteligência distribuída dos modernos meios de comunicação são a principal razão para esperança. O compromisso da cultura estadunidense com o pluralismo e os direitos individuais é a razão para otimismo, como é a flexibilidade e a profusão da tecnologia eletrônica.[28]

Pelo fim dos anos 1980, essa mistura conservadora se tornou a forma dominante do mcluhanismo estadunidense. George Gilder – um ativista do Partido Republicano – proclamou as empresas de computadores do norte da Califórnia como as mensageiras do paraíso do mercado livre. Todo setor da economia dos Estados Unidos seria, em breve, reorganizado como imitação desses pioneiros do pós-fordismo neoliberal: o modelo do Vale do Silício. Na Rússia do início dos anos 1960, os comunistas cibernéticos ansiavam por

computadores que calculassem a distribuição otimizada do trabalho e dos recursos. Mais de duas décadas depois, nos Estados Unidos, Gilder argumentava que somente mercados desregulados proveriam o cerne econômico desse sistema de retroalimentação de duas vias. Especuladores do Vale do Silício, *yuppies* e engenheiros aficcionados por computadores eram os novos criadores do futuro conectado. Controles estatais e leviatãs corporativos eram agora obsoletos. Tanto as reformas social-democratas quanto o planejamento stalinista eram relíquias do passado fordista. Ao suplantar o comunismo cibernético, o modelo de livre empreendimento do Vale do Silício tornou-se a nova visão do futuro.[29] Em seu grande trabalho, Bell previu que a fábrica seria desbancada pelo *campus*. Entretanto, nos Estados Unidos de 1980, o pós-industrialismo tomou uma forma bastante diferente. De olho no Vale do Silício, os profetas neoliberais estavam convencidos de que a fábrica e o *campus* convergiam para uma entidade superior: a firma empreendedora de alta tecnologia.[30]

Em 1993, os editores da *Wired* anunciaram nas primeiras páginas de sua primeira edição que a sua nova revista de cibercultura era dedicada ao padroeiro da Internet: Marshall McLuhan.[31] Após três décadas de antecipação, a profecia desse guru canadense estava prestes a ser cumprida. No patamar federal, Al Gore – o vice-presidente dos Estados Unidos – defendia a conexão de todo escritório e casa estadunidenses a uma rede de banda larga em fibra ótica, a "supervia da informação".[32] Com mais importância, no nível da base, *hackers* e ativistas comunitários já exploravam as aplicações artísticas e sociais dessas novas tecnologias de mídia.[33] Baseada em São Francisco, a *Wired* promoveu essa emergente cena da Internet como herdeira da contracultura *hippie*. Seus editores fundadores incluíam celebridades locais da geração *baby-boom* do pós-guerra: Stewart Brand, Kevin Kelly, Howard Rheingold e John Perry Barlow. A editoração gráfica da revista imitou a estética psicodélica de Haight-Ashbury[NT1] do final

dos anos 1960. Sua linha editorial compartilhava a suspeita da Nova Esquerda de Berkeley das burocracias de governos e corporações. Acima de tudo, como seus predecessores *hippies*, os escritores da *Wired* identificavam-se como os defensores dos princípios libertários da Revolução Estadunidense de 1776. Em 1996, no encontro de líderes políticos e econômicos em Davos, John Perry Barlow – que se proclamava o Thomas Jefferson da Internet – lançou o manifesto político da revista: "A declaração de indepêndencia do ciberespaço". No congresso estadunidense, conservadores morais tentavam impor controles ao estilo da TV sobre os conteúdos de sítios da Internet. Com apelo à teologia mcluhanista, Barlow explicou que esses métodos autoritários do fordismo não tinham mais qualquer relevância dentro da democracia participativa da Internet.

> Governos do mundo industrial... Eu venho do ciberespaço, o novo lar da mente. Em nome do futuro, eu peço a vocês do passado que nos deixem em paz. Vocês não se engajaram em nossa grande e agregadora conversação, também não criaram as riquezas dos nossos mercados. Vocês não conhecem nossos... códigos não-escritos que já oferecem para nossa sociedade mais ordem do que poderia ser obtida por quaisquer das suas imposições.[34]

Para o seu colega da *Wired*, Howard Rheingold, a Internet também foi a curandeira da alienação social. Em sua atualização da Nova Esquerda mcluhanista do início dos anos 1990, BBSs, MUDs[NT2], serviços de bate-papo instantâneos e servidores de lista de e-mail representavam os princípios da ágora eletrônica postos em prática: as "comunidades virtuais".[35] Fundada sobre o compartilhamento de informação e conhecimento, a Internet era uma das "ferramentas para pensar" que liberariam a humanidade da sociedade fabril fordista.[36] A análise de Rheingold buscou sua inspiração nas duas décadas de

ativismo digital do norte da Califórnia. No começo dos anos 1970, Berkeley era o lar da primeira rede de acesso aberto do mundo, *A memória comunitária.* Como os experimentos de mídia da Nova Esquerda, esse projeto tentou quebrar a divisão entre produtores e consumidores no meio da computação.[37] Uma década depois, com base em suas experiências em comunidades *hippies,* os camaradas de Rheingold e editores da *Wired,* Stewart Brand e Kevin Kelly, desempenharam um papel central em estabelecer a comunidade virtual pioneira na São Francisco do final dos anos 1980, a Well. Como a Minitel cinco anos antes na França, essa proto-Internet californiana confirmou o prognóstico mcluhanista. Dentro das comunidades do ciberespaço, as antigas hierarquias de raça, classe, idade e genêro importavam muito menos. Conectados pela cooperação criativa, os membros da Well estavam aptos para se expressarem livremente, definirem suas próprias identidades e trabalharem em conjunto de formas mais igualitárias.[38] O caminho que São Francisco trilhava, o resto do mundo certamente seguiria. O ponto central da aldeia global *hippie* ainda se localizava no norte da Califórnia.

Em meados dos anos 1990, a *Wired* passou a apropriar-se dessa utopia da Nova Esquerda por uma causa neoliberal: a "ideologia californiana".[39] Ao ignorar as liberdades coletivas desejadas pelos radicais *hippies*, seus colaboradores, ao contrário, identificaram a Internet com a liberdade dos indivíduos dentro de um mercado. Esses mcluhanistas re-estilizados argumentaram vigorosamente que grandes governos deveriam manter-se afastados dos bacanas empreendedores de novas mídias recheados de recursos que compravam espaços publicitários nas páginas da *Wired.* Em 1999, Kevin Kelly publicou um dos textos canônicos da explosão *ponto com, Novas regras para uma nova economia.* Ao combinar comunismo cibernético com neoliberalismo em rede, esse ecologista *hippie* defendeu tanto o compartilhamento quanto a troca de informação. A história do computador pessoal e da Internet

forneceu uma importante lição para os negócios nos Estados Unidos: "sigam os livres". Tecnologias que eram protótipos dentro da economia da dádiva da alta tecnologia poderiam ser, com sucesso, transformadas em produtos comerciais.[40] Ao seguir esse caminho de desenvolvimento, empreendedores do mundo *ponto com* já transformavam com êxito as comunidades virtuais em empreendimentos lucrativos. Nas páginas da *Wired*, as amargas divisões políticas estadunidenses do final dos anos 1960 e do início dos anos 1970 desapareceram. O Vietnã era agora um desimportante lugar no passado no qual os conservadores burocratas stalinistas tentavam em vão impedir a força democratizante da Internet.[41] Lado a lado com as reflexões dos antigos *hippies* ativistas, a *Wired* também publicava entrevistas hagiográficas com Newt Gingrich – o líder republicano na Câmara dos Deputados – e os Tofflers – a equipe de marido e mulher ex-comunistas que eram seus principais conselheiros.[42] Em coro com Gilder, esses ideólogos conservadores disseram aos leitores da revista que os Estados Unidos eram abençoados com uma combinação vencedora de rudes individualistas, gênios inventores, investidores de risco e mercados competitivos. Gingrich e os Tofflers descobriram a trajetória neoliberal da grande narrativa da modernidade em rede: "No ciberespaço... mercado após mercado vem se transformando pelo progresso tecnológico, de um 'monopólio natural' em outro em que a competição é a regra."[43]

Três anos antes da *Wired* ser lançada, Barlow e outros membros da *Well* montaram a *Fundação da fronteira eletrônica (Eletronic frontier foundation),* a EFF.[44] Como seu nome sugeria, essa organização de liberdades civis identificou a futurística sociedade da informação com a democracia nua e crua do antigo Velho Oeste. Entretanto, diferentemente de Marx e da Nova Esquerda, os capitalistas *hippies* da EFF não podiam enxergar possibilidades socialistas nessa experiência histórica. Para eles, o arranjo constitucional da Revolução de 1776 deveria ser admirado por nutrir os pioneiros auto-suficientes e de

pensamento independente que construíram a nação estadunidense a partir do meio selvagem. Nos anos 1990, respeitar a Carta de Direitos da Constituição dos Estados Unidos ainda era a melhor maneira de garantir essas liberdades pessoais. Na nova fronteira eletrônica, uma nova geração de bucaneiros individualistas criavam uma versão virtual do Velho Oeste. Libertados das hierarquias do alto governo e dos grandes negócios, empreendedores, técnicos e artistas construíam uma sociedade em rede na qual todos os estadunidenses seriam livres para expressar suas idéias e transformar suas criatividades em dinheiro: "democracia jeffersoniana".[45]

De acordo com essa ortodoxia *ponto com,* tanto as profecias da Esquerda da Guerra Fria quanto as da Nova Esquerda sobre a sociedade da informação estavam equivocadas. Longe de transcender o mercado, a Internet era sua apoteose. Gerentes inteligentes sabiam como fazer o comunismo cibernético servir aos objetivos do *status quo.* Na virada do milênio, a rede de comércio global anunciou orgulhosamente que a Internet remodelava o mundo inteiro sob as linhas estadunidenses.[46] Em atualização a Rostow e Bell, esses adeptos da linha editorial da *Wired* insistiram que o significado do mcluhanismo era o neoliberalismo no estilo Gilder. A classe do conhecimento não era mais a vanguarda do futuro imaginário coletivista. Ao contrário, nos Estados Unidos do final dos anos 1990, os produtores de novas mídias eram analistas simbólicos, literatos digitais, um enxame de capitalistas e *bobos* (boêmios burgueses, os pós-*yuppies*): membros individuais de uma nova classe dominante com múltiplos nomes.[47] A empresa *ponto com* superou tanto o *campus* quanto a comuna. A partir desse tema, Thomas Friedman – o animador da torcida da globalização no *Wall Street Journal* – exultou as implicações geopolíticas desse novo paradigma dos negócios: "é um mundo pós-industrial, e os Estados Unidos de hoje são bons em tudo que é pós-industrial. Em um mundo em que o vencedor leva tudo,

os Estados Unidos... certamente têm o sistema [socioeconômico] vencedor-leva-muito."[48]

A retomada da *Wired* do mcluhanismo otimista capturou o *zeitgeist* do pós-Guerra Fria. Com o desastre do Vietnã esquecido, os futuros imaginários da Feira Mundial de Nova Iorque de 1964 voltavam à moda. Pelo início dos anos 2000, muito dinheiro foi de fato comprometido com suas realizações. Empreendedores estadunidenses desenvolviam aviões-foguete que um dia levariam turistas para o espaço sideral.[49] Um consórcio global foi formado para construir um reator de fusão experimental como o primeiro passo em direção à criação de uma fonte de energia barata sem limites.[50] Mesmo os mais embaraçosos erros da profecia foram apagados da memória coletiva. Nos anos 1970, os seguidores de Turing e von Neumann foram forçados a aceitar, relutantes, que os *mainframes* da IBM nunca poderiam pensar. Apesar desse revés, o entusiasmo dos militares dos Estados Unidos com o sonho de ficção científica de robôs guerreiros manteve os laboratórios de pesquisa nos negócios. Ao combinarem dois futuros imaginários, alguns aprendizes da inteligência artificial convenceram-se de que o que era impossível em computadores do tamanho de um cômodo poderia ser alcançável em PCs conectados à Internet. Outros como Kurzweil e Vinge mantiveram a esperança de que os rápidos avanços nos equipamentos e seus programas culminariam eventualmente na conquista da singularidade.[51] Pelas páginas da *Wired*, esses proponentes da inteligência artificial eram bem-vindos, junto aos outros defensores dos futuros da Feira Mundial de 1964.[52] Na ideologia californiana, o determinismo tecnológico mcluhanista foi abraçado como uma filosofia social avassaladora. Ao ler seus artigos sobre a forma das coisas que viriam, os fãs da *Wired* poderiam aprender como desfrutar do capitalismo neoliberal "fora de controle". Iluminados pelo mcluhanismo, eles engajariam-se em construir espontaneamente um futuro que era inevitável.

Durante a arrancada para a invasão estadunidense do Iraque em 2003, a coesa aliança do primeiro ministro britânico, Tony Blair, com o presidente dos Estados Unidos, George Bush, confundiu muitos dos apoiadores de seu Partido Trabalhista.[53] Diferentemente de sua antecessora democrata, essa administração republicana se orgulhava de suas posições reacionárias em temas sociais, culturais e ambientais. Mas, apesar de toda evidência contrária, Blair e sua panelinha nunca hesitaram em suas crenças no futuro estadunidense. Muito antes de chegar ao poder, esse primeiro ministro britânico convenceu-se de que a modernidade era *made in USA*. Durante os anos 1980 e 1990, a elite dos Estados Unidos cultivou suas conexões com as facções de direita do Partido Trabalhista. Como seu antecedente CCF, o BAP – Projeto britânico-estadunidense para a próxima geração – agregou políticos, intelectuais, jornali stas e ativistas dos dois lados do Atlântico.[54] Em 1997, Blair planejou sua bem sucedida campanha eleitoral nos moldes das campanhas do presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton.[55] Como atualização à Crosland, Tony Giddens – o teórico favorito do primeiro-ministro – explicou que a estratégia centrista dos democratas era o epítome da política pós-moderna. Como nos anos 1950, o Partido Trabalhista britânico deveria seguir o caminho estadunidense para o futuro, a "terceira via".[56] "Cinco anos antes de me associar ao BAP, eu pensei que a criação de riqueza e a política progressista eram completamente incompatíveis. O BAP foi uma das coisas que me fez pensar que isso era absurdo."[57]

Quatro décadas antes, os líderes do socialismo parlamentarista da Europa ocidental abraçaram entusiasticamente os preceitos do Centro Vital, pois faziam sentido eleitoral. Dos anos 1950 até o início dos anos 1970, promessas de um modelo mais igualitário e tolerante do fordismo de bem-estar social eram conquistadoras de eleitores. Infelizmente, nos anos 1980, esse programa social-democrata perdeu muito da sua credibilidade. Durante a década anterior, o gerenciamento de

demanda keynesiano falhou em curar as crises gêmeas do fordismo: a inflação alta e o desemprego em massa. Muito para a surpresa da Esquerda da "terceira via", a direita neoliberal possuía então as atuais políticas econômicas conquistadoras de eleitores: corte de impostos, desregulação e privatização.[58] Mas, diferente de seus camaradas mais radicais, esses respeitáveis socialistas parlamentaristas não tentavam buscar uma explicação para esse desvio indeterminado da grande narrativa da história com textos canônicos do trotskysmo, maoísmo ou situacionismo. Ao contrário, como nos anos 1950, eles buscaram uma sustentação ideológica do outro lado do Atlântico. Graças às interpretações do mcluhanismo de Sola Pool e Gilder, eles puderam entender por que a social-democracia perdera seu apelo eleitoral. A regulação burocrática e a propriedade estatal eram as retrógradas políticas do defunto modelo econômico de autarquia industrial. Para administrar um governo nacional na nova época da globalização, a Esquerda européia deveria comprometer-se com uma estratégia pós-industrial que combinasse justiça social e inovação tecnológica. A terceira via deveria ser atualizada para a Terceira Via.

Em 1983, enquanto visitava o Vale do Silício, François Miterrand – o presidente socialista da França – anunciou a conversão do seu partido a essa versão do mcluhanismo. Desde que sua estratégia anterior de nacionalização e planejamento centralizado falhara em reativar a economia francesa, seu governo, ao invés disso, focaria sua atenção em ajudar firmas empreendedoras, especialmente dentro dos setores de mídia, computação e telecomunicações.[59] A Minitel – a proto-Internet estatal lançada em 1981 – transformaria-se na próxima década em um mercado eletrônico em plena plumagem.[60] Dentro de poucos anos, políticos progressistas ao redor do mundo identificaram-se com esse mcluhanismo ao estilo californiano. A reforma de governos implementaria políticas que acelerariam a transição de suas nações para a sociedade da informação. No final

dos anos 1980 e início dos 1990, o declínio e a queda do comunismo forneceram a prova irrefutável de que todas as alternativas estatistas haviam falhado. Mesmo que levados a cabo por social-democratas, o planejamento econômico e a propriedade pública eram anacrônicos. Na era da Internet, o caminho para o progresso apontava um novo destino: o mercado eletrônico global. Por meados dos anos 1990, os partidos de esquerda e direita da Europa pós-moderna competiam sobre quem possuía a melhor estratégia para implementar o modelo do Vale do Silício em seu país. Quaisquer que fossem suas diferenças ideológicas, todos os lados agora concordavam que o próximo estágio de crescimento era o pós-industrialismo ao estilo dos Estados Unidos. Assim como seus colegas do Partido Democrata, a tarefa da Esquerda européia era provar que só os seus políticos sabiam a rota mais rápida para o futuro imaginário da sociedade da informação.

Durante os anos 1990, a administração Clinton viu-se como a defensora global desse renovado mcluhanismo da terceira via. Em cooperação com seus aliados, os Estados Unidos espalhariam o consenso político, o entendimento multicultural e a competição de mercado até os mais distantes cantos do planeta Terra. Encorajados pela explosão *ponto com,* o governo dos Estados Unidos declarou que os benefícios da Internet estariam logo disponíveis para os habitantes do Sul: a "infraestrutura global de informação".[61] Melhor de tudo, a administração Clinton foi capaz de ter sucesso onde a Esquerda da Guerra Fria falhara. De volta aos anos 1960, a Força Aérea dos Estados Unidos foi enviada para combater a resistência vietnamita. Três décadas depois, as coisas eram bem diferentes. Na Guerra de Kosovo em 1999, os pilotos em batalha encontraram-se do mesmo lado de maoístas do Movimento de Libertação Nacional. Sob Clinton, os malvados tiveram sua marca redefinida para mocinhos. A vitória substituiu a derrota.[62] "A terceira via é... uma tentativa de minimizar os custos humanos do maquinário capitalista global sem perturbar sua operação."[63]

No momento em que Bush tornou-se presidente dos Estados Unidos em 2001, Blair manteve a fé nesse credo mcluhanista. A nação criadora da Internet deveria ser o protótipo da nova sociedade da informação.[64] Para políticos pró-estadunidenses como Blair, adotar uma política exterior independente implicaria muito mais do que a perigosa reorganização do espaço geopolítico. Acima de tudo, essa mudança ameaçava suas certezas sobre o tempo. Era quase impossível que o futuro não fosse estadunidense. Durante as três décadas anteriores, a hegemonia intelectual do mcluhanismo sobre a academia confirmou essa premissa político-temporal. Apesar de alegarem representar classes rivais, os principais pensadores, tanto da Direita quanto da Esquerda, compartilhavam uma obsessão comum por esse futuro imaginário fabricado nos Estados Unidos. De acordo com radicais pós-modernistas, "máquinas semióticas" psico-sexuais varreriam para longe as repressoras hierarquias do industrialismo.[65] Na visão dos neoliberais californianos, as propriedades emergentes da Internet atualizavam a humanidade para a nova era *ponto com*.[66] Para as duas variantes do mcluhanismo, a história era um processo sem um sujeito vivo. Assim como os computadores de von Neumann, *bits* de informação atuavam como autômatos auto-reprodutores. Como na evolução darwiniana, os avanços tecnológicos eram respostas autogeradas para as pressões do ambiente. Apesar das calorosas discussões sobre o significado político da Internet, pós-modernistas e neoliberais chegaram a um consenso sobre as doutrinas teóricas do mcluhanismo. A ideologia fetíchica da sociedade da informação desovou o fetiche intelectual da informação.

Dentro da academia, havia tanto conservadores quanto radicais que resistiram obstinadamente à ascensão do mcluhanismo. Ofendidos por essa inundação de utopismo da alta tecnologia, céticos deliciaram-se em destacar os repetidos erros dessas previsões. Em vários momentos, a imprensa, o rádio FM, o vídeo-cassete,

a televisão a cabo e os BBSs foram celebrados como tecnologias libertadoras, mas, no fim, todas desapontaram essas esperanças.[67] Como herdeiros de Hilferding e Stalin, esquerdistas tradicionais acentuaram que as indústrias culturais não poderiam escapar aos processos de monopolização e centralização que moldavam todos os setores da economia capitalista.[68] Com mais sensacionalismo, outros acadêmicos apocalípticos culparam a mídia eletrônica e os computadores por exacerbarem uma larga variedade de males sociais: elitismo, pedofilia, terrorismo, deficiência educacional e solidão.[69] Gilles Deleuze – um filósofo veterano da Nova Esquerda – advertiu que as novas tecnologias da informação forneciam a infra-estrutura de monitoramento e vigilância da autoritária "sociedade de controle" emergente. Ao invés de emancipar as massas, o advento da Internet ameaçava reforçar o poder de seus opressores. "Comparado com as formas que se aproximam de contínuo controle em lugares abertos, nós veremos talvez o mais severo dos confinamentos como parte de um passado maravilhosamente feliz. A busca por 'universais de comunicação' pode nos fazer tremer".[70]

No começo dos anos 1990, seus oponentes estavam satisfeitos de que o mcluhanismo fora exposto como uma confusão de premissas selvagens, simplificações teóricas e ingenuidade política. À época em que a explosão *ponto com* detonara alguns anos antes, esses céticos tiveram orgulho de sua recusa em sucumbir à moda libertária da ideologia californiana. Grandes negócios engoliriam inevitavelmente a economia da dádiva da alta tecnologia da mesma maneira que fizeram com as primeiras formas de mídia comunitária.[71] Paradoxalmente, alguns dos críticos mais virulentos do mcluhanismo eram eles mesmos – freqüentemente inconscientes – também discípulos do mcluhanismo. Da mesma maneira que a Esquerda da Guerra Fria reformulava o marxismo enquanto denunciava Marx, esses tecnófobos intelectuais simultaneamente abraçaram a teoria

do determinismo tecnológico enquanto castigaram seu utopismo futurista. Apesar do calor do debate, todos os lados agora acordavam sobre a sua descoberta mais importante: a Internet era o sujeito da história. A teoria do determinismo tecnológico tornou-se uma abstração auto-reprodutora. O anti-mcluhanismo era uma outra forma de mcluhanismo sem McLuhan.

Em 2006, o primeiro-ministro britânico, Tony Blair, falou em uma conferência de executivos da *News International* que seu apoio à Guerra ao Terror da administração Bush representava a escolha da sociedade aberta da modernidade sobre o mundo fechado da tradição.[72] O mcluhanismo significava que o futuro se encontrava nos Estados Unidos. Ironicamente, pela mesma lógica, os inimigos *jihadis* dos Estados Unidos possuíam também uma forte reivindicação sobre a propriedade dessa utopia pós-industrial. Assim como os negócios *ponto com*, as células terroristas da Al-Qaeda estavam organizadas como franquias autônomas coordenadas pela Internet por um líder carismático. Como em outras comunidades virtuais, o movimento islâmico era uma rede social formada por sítios na Internet, servidores de listas de discussão, mensagens eletrônicas e salas de bate-papo. Mover-se em direção a uma aldeia global pós-industrial foi a maneira mais rápida de voltar para o califado medieval: "ciber-jihad".[73] Esse bizarro fenômeno político demonstrou a potência ideológica do fetiche da mercadoria. Fragmentado pelo dinheiro em indivíduos egocêntricos, o coletivo social moderno é reconstituído por forças impessoais do mercado e do estado. Sob o capitalismo, humanos são tão livres quanto dependentes. Subjetividade é uma questão de classe. Como membros da elite, empreendedores neoliberais, inventores *ponto com*, gurus mcluhanistas, políticos da terceira via e emires islâmicos estavam todos fascinados com a sua própria "vontade de poder".[74] Entretanto, ao mesmo tempo, seu domínio sobre os outros era creditado a poderes autônomos: economia, tecnologia e

ideologia. Durante o final do século XX, essas identidades fetíchicas foram atualizadas para a era do computador. Mercados livres eram mecanismos de retroalimentação. Inovação científica era um processo auto-gerador. Debate intelectual era um sistema cibernético de signos. Política era uma rede interativa. Os verdadeiros crentes encontravam-se no ciberespaço. Entusiasmados por essas teorias, os mestres nietzschianos abraçaram seu destino como escravos do sujeito da história da alta tecnologia: a Internet. Na sua forma mais fantástica, o mcluhanismo embaralhou-se com o misticismo da Nova Era. Como os habitantes da nave Terra passaram a estar *on-line,* os humanos mortais fundiam-se em uma única entidade espiritual. "O ciberespaço apresenta agora a possibilidade de oferecer uma mente universal para todos. [A] habilidade de computadorizar pôde gerar uma rede mundial de informação (*World Wide Web)* onde a consciência de uma pessoa pode responder pela consciência de muitas."[75]

No espectro ideológico, possuir a profecia da Internet tornou-se um clamor por poder político. Quando o dono do futuro controlou o presente, as rivalidades geopolíticas e os conflitos de classe focaram na luta entre as definições contrárias de aldeia global. Por várias vezes, de 1950 aos anos 2000, a sociedade da informação foi identificada como um plano de estado, uma máquina militar, uma economia mista, um *campus* universitário, uma comuna *hippie*, um mercado livre, uma comunidade medieval ou uma empresa *ponto com.* Durante essas cinco décadas, essas definições rivais entraram e saíram de moda da mesma forma com que os destinos de seus defensores entraram em apogeu e declínio. Só um princípio manteve-se constante por todo esse tempo. Os ideólogos rivais concordavam que construir a Internet era fazer a sociedade do futuro. Acima de tudo, quaisquer que fossem suas posições políticas, esses proponentes competidores do mcluhanismo viam-se como a vanguarda dessa utopia da alta tecnologia. A humanidade necessitava da orientação

da elite cibernética para alcançar a terra prometida. No momento em que todos tivessem acesso à Internet, a democracia participativa e a criatividade cooperativa seriam a ordem do dia. Entretanto, até que esse feliz momento chegasse, as antigas hierarquias fordistas não perderiam sua eficácia. Como os representantes do futuro imaginário no presente, a classe do conhecimento possuía a tarefa de governar o resto da população durante esse período de transição para a sociedade da informação. Assim como seus antecessores leninistas, os mcluhanistas convenceram-se de que a dominação prefigurava a libertação. O que será o futuro, justificava o que era o presente.

Para a geração do pós-guerra, o mcluhanismo em todas as suas diferentes variantes ofereceu esperança de tempos melhores por vir. De volta ao final dos anos 1960, radicalizados pela Guerra do Vietnã, muitos membros da Nova Esquerda estadunidense e européia decidiram que a Revolução Cultural Chinesa era a democracia participativa da Comuna de Paris posta em prática no Sul. Felizmente, no final da década posterior, muitos desses *hippies* maoístas perceberam eventualmente que ler Mao era muito diferente de viver sob Mao.[76] Tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, veteranos da Nova Esquerda descobriram que o mcluhanismo forneceu os princípios teóricos para a sua reconciliação ideológica com as principais correntes da sociedade. Mudança tecnológica era um motor mais eficiente de mudança social do que a luta de classes. A comuna *hippie* renasceria como a comunidade virtual. Como prova de sua superioridade sobre o comunismo maoísta, a democracia jeffersoniana protegeu o direito do indivíduo e defendeu a autonomia das minorias dissidentes. Pelo final dos anos 1990, partidos de vanguarda aparentavam ser as sobras do estágio industrial de crescimento. De acordo com a ideologia californiana, organizações formais de entidades disciplinadas foram superadas por um enxame espontâneo de egocêntricos empreendedores. Na época neoliberal,

a especulação financeira era o *leitmotiv* da inovação e da invenção.[77] Como Louis Rosseto – o editor-chefe da *Wired* – explicou:

> Esse novo mundo [da Internet] é caracterizado por uma nova economia global que é inerentemente anti-hierárquica e descentralista, e que desrespeita as barreiras nacionais ou o controle de políticos e burocratas... e que por uma consciência global, conecta... transforma... a política eleitoral falida... em um beco sem saída.[78]

Ironicamente, foi o culto a Jefferson que revelou a realidade elitista que sustentava essa retórica democrática. Como Lênin e Mao, esse herói estadunidense não era só um revolucionário corajoso, mas também um feroz reacionário. Em 1776, assim que escreveu o inspirador chamado à democracia e à liberdade na Declaração de Independência dos Estados Unidos, Jefferson possuía aproximadamente 200 seres humanos como seus escravos. Como político, esse guerreiro da liberdade defendeu o direito dos fazendeiros e artesões estadunidenses de determinar seus próprios destinos sem estarem sujeitos às restrições da Europa feudal. Ao proteger suas propriedades em território e nos negócios, o liberalismo assegurou que todos os estadunidenses possuíssem os recursos econômicos para permitir-lhes participar como cidadãos plenos dentro das instituições democráticas da nova república. Entretanto, ao mesmo tempo, como era um agricultor da Virgínia, a prosperidade econômica de Jefferson dependia do brutal e humilhante sistema de trabalho escravo. Apesar da "instituição peculiar" do Sul ter confundido sua consciência, esse revolucionário liberal acreditou que os direitos do indivíduo incluíam seu direito de possuir outro ser humano como propriedade privada. Na versão original da democracia jeffersoniana, liberdade para a turma branca significava escravidão para o povo negro.[79]

Para os mcluhanistas californianos do final dos anos 1990, a sórdida história dos Estados Unidos era muito menos importante do que seu futuro glorioso. Esses herdeiros da Esquerda da Guerra Fria olharam para o passado – como para o presente – somente como uma antecipação das maravilhas que viriam. Assim como de Sola Pool e Gilder, eles acentuaram que o florescer total da democracia jeffersoniana só poderia acontecer no momento em que a humanidade vivesse dentro da sociedade da informação. Assim que a explosão *ponto com* atingiu seu ápice, o rápido crescimento da Internet provou que o ritmo dessa grande narrativa da história estava acelerado. A cada lançamento de novos equipamentos e programas, o futuro utópico tornava-se cada vez mais próximo. Sociedades humanas evoluíam agora em uma velocidade ficcional: "o tempo da Internet".[80] Dentro dos tempos de vida de muitos leitores da *Wired,* sofisticadas tecnologias da informação curariam muitas das mazelas políticas, econômicas, culturais, ecológicas e até mesmo espirituais da modernidade. Como a Esquerda da Guerra Fria, os inspirados literatos digitais californianos viam-se como a vanguarda estadunidense da aldeia global liderada pelos Estados Unidos. Como os precoces utilizadores e testadores *beta* do futuro *ponto com*, esse grupo privilegiado prefigurava hoje o que o público em geral faria amanhã.[81] Muito em breve, com a Internet onipresente, todos seriam iguais dentro do ciberespaço. A regra dos poucos sobre os muitos era somente uma condição temporária. Em 1996, Rosseto proclamou seu credo: "despossuídos e não-possuidores – [mas agora-possuidores e] pós-possuidores."[82/NT3]

Em 1961, Khrushchev fez uma promessa similar ao povo russo. Pelas duas décadas posteriores, as tecnologias de computador desenvolvidas dentro dos laboratórios de pesquisa do partido de vanguarda criariam o paraíso socialista. A rede unificada de informação não só otimizaria a distribuição da força de trabalho e recursos pela economia,

mas também democratizaria uma sociedade não democrática. A Comuna de Paris seria percebida como uma ágora eletrônica. Em resposta, a Comissão Bell contrapôs sua própria profecia utópica. Nos anos 1970, uma década antes de seus rivais russos, cientistas e empreendedores estadunidenses estariam prontos para tornarem a Internet pública. Pelas três décadas posteriores, a classe do conhecimento lideraria a construção da sociedade da informação. Assim que os anos 2000 fossem alcançados, os Estados Unidos completariam sua transição para o próximo estágio de crescimento. Graças à Internet, estadunidenses desfrutariam de todos os benefícios da democracia participativa e da criatividade cooperativa. Três décadas depois do discurso de Khrushchev e da Comissão Bell, os proponentes da ideologia californiana não estavam preocupados com os atrasos em realizar essa profecia mcluhanista. A rigidez da economia planejada e da economia mista foram responsáveis por desacelerar o ritmo do progresso. Felizmente, a economia de livre mercado estava agora em ascendência. Ao substituir as elites da era industrial, a vanguarda difusa dos literatos digitais tornava-se a nova classe do novo.

Na Rússia de 1930, a promessa do comunismo proletário atuou como a justificativa dos horrores do totalitarismo comunista. Sofrer no presente seria recompensado pelos tempos melhores que viriam. Ironicamente, mais do que sua inerente implausibilidade, foi a finalização do primeiro estágio de industrialização que descreditou esse artifício ideológico. Por ter identificado com sucesso o comunismo com a fábrica, o Partido Comunista fazia-se agora obsoleto. Se ele quisesse continuar sua missão histórica-mundial, a vanguarda deveria atualizar-se à nova visão cibernética do futuro comunista. Entretanto, ao vetar a rede unificada de informação, o governo Brezhnev optou, ao contrário, por resistir à grande narrativa da modernidade. A sobrevivência do comunismo conservador dependia da prevenção

do comunismo cibernético. Em oposição, a elite dos Estados Unidos decidiu ser levada pela maré. Todos os sonhos de democracia participativa e criatividade cooperativa seriam realizados dentro da aldeia global por vir. Em estágios iniciais da modernidade, esses princípios libertários foram somente parcialmente realizados. Felizmente, uma vez que estivessem conectados à Internet, todos – inclusive os descendentes dos escravos – desfrutariam dos benefícios da democracia da alta tecnologia jeffersoniana. Diferentemente de seus rivais russos, a vanguarda estadunidense era capaz de completar a atualização de seu sistema ideológico.

Quando o ano 2000 finalmente chegou, os promotores da sociedade da informação – como os stalinistas antes deles – inesperadamente viram-se face a face com o problema de viverem em seu próprio futuro. Nos seus anos de formação, o acesso à Internet fora um privilégio de uma minoria extremamente pequena da população mundial: cientistas e *hackers*. Nutrida dentro de laboratórios de pesquisa das universidades, sua arquitetura técnica e padrões sociais foram – como pretendia Licklider – projetados para facilitar os métodos de trabalho idiossincráticos dessa minúscula economia da dádiva acadêmica. Entretanto, com o tempo, esse charmoso círculo de usuários da Internet cresceu lentamente dos cientistas para os aficionados até o público em geral. Cada nova pessoa deveria não somente aprender os programas do sistema, mas também aderir a certos padrões de comportamento: a "netiqueta".[83] Muito espontaneamente, não-acadêmicos começaram a adotar as maneiras acadêmicas de trabalhar da Internet. Sem nem mesmo pensarem sobre o assunto, as pessoas compartilhavam informação umas com as outras de graça e livremente. Essencialmente, o interesse próprio ditava essa preferência pelo comunismo cibernético. Dentro de uma economia de mercado, compradores e vendedores tendem a trocar mercadorias de valores equivalentes. Em oposição, dentro dessa economia da dádiva da alta

tecnologia, todos estavam aptos a conseguir muito mais informação do que possivelmente poderiam sequer oferecer em sua vida.[84] Ao adicionar suas próprias idéias, utilizadores da Internet eram capazes de contribuir com o conhecimento coletivo compartilhado entre tod@s. Como os acadêmicos descobriram há muito tempo, dentro da sociedade da informação, dar era receber.[85] Sem surpresa, não havia clamor popular para impor a troca equivalente do mercado sobre a Internet. Em confirmação à previsão de Bell, a classe do conhecimento fora bem sucedida em seu pioneirismo nas formas de trabalho que todos os outros copiavam na era pós-industrial.

Durante a explosão *ponto com* do final dos anos 1990, Richard Stallman – um cientista da computação do MIT e guru da Fundação do Software Livre (*Free Software Foundation*) – resistiu firmemente à pressa em comercializar a Internet. Fiel à visão de Licklider, ele defendeu a ética *hacker* de esforço coletivo e investigação aberta. Da perspectiva dos laboratórios de pesquisa universitários, os programas de computador proprietários possuíam um defeito de fábrica intrínseco: restrições de propriedade intelectual. Dentro da economia da dádiva acadêmica, programadores eram encorajados a compartilhar, apropriar e melhorar o trabalho de todos. Em oposição, a Microsoft e outras empresas comerciais guardavam enciumadas os segredos de seus códigos-fonte. Os usuários de computador foram impedidos de tornarem-se, além de consumidores, produtores de programas.[86] Em meados dos anos 1980, Stallman e seus colegas começaram a trabalhar no desenvolvimento de um sistema operacional não-proprietário: GNU. Não mais confinada às universidades, a democracia *hacker* era capaz de tomar o monopólio da Microsoft. Dentro de uma década, o sonho de Stallman evoluiu para uma comunidade global de utilizadores-desenvolvedores que faziam o seu próprio sistema operacional: o Linux.[87] Por seu código-fonte não ser protegido pela propriedade intelectual, esse programa podia

ser modificado, emendado e melhorado por qualquer um com as habilidades de programação apropriadas. Linus Torvalds – o fundador do projeto – e um pequeno grupo de técnicos especialistas fizeram a maior parte do trabalho e direcionaram a comunidade Linux. O que distinguia essa elite *hacker* da equipe de desenvolvimento da Microsoft era a sua abertura. A construção da sua máquina virtual era um esforço "faça-você-mesmo". Todos os utilizadores do Linux eram encorajados a dar seus retoques no código-fonte. Como em uma comunidade científica, se alguém contribuísse com uma melhoria para esse programa, a dádiva de seu trabalho seria recompensada pelo reconhecimento dentro da comunidade Linux. Pela primeira vez, especialmente no Sul, a Microsoft tinha uma séria concorrência.[88]

A auto-confiança do movimento de programas de computador de código aberto aparentava ser bem fundada. A Internet – o ícone da explosão *ponto com* – era a criação do *campus* e não das corporações. Seus protocolos foram projetados para se sobrepor às barreiras proprietárias da comunicação mediada por computador. A maior parte dos seus servidores rodavam Apache: um programa de código aberto.[89] Apesar de ter começado sua carreira com denúncias ao *shareware*[NT4], Bill Gates – o dono da Microsoft – foi forçado a oferecer seu navegador para ser baixado de graça.[90] Na arquitetura aberta da Internet, as restrições da propriedade intelectual tornavam-se um anacronismo. Embora produtores ainda pudessem impedir que seu trabalho fosse apropriado por outros, todos deveriam ser autorizados a copiar e alterar informações para seus próprios propósitos. Em meados dos anos 1990, Stallman lançou uma campanha para as leis de propriedade intelectual dos Estados Unidos serem reformadas de acordo com o método de trabalho ao estilo universitário: "copyleft".[91] De acordo com essa interpretação *hippie* da democracia jeffersoniana, a liberdade de expressão era a liberdade da mercantilização compulsória. Essencialmente, como Tim Berners-Lee – o inventor da

World Wide Web – acentuou, essa visão coletivista de informação compartilhada já estava embutida na estrutura técnica da Internet. Dentro do sistema de comunicação da aldeia global, o comunismo cibernético tomava o lugar do capitalismo monopolista.

> Em um espaço de informação, podemos considerar a autoria de materiais, e sua percepção; mas... existe uma necessidade de uma infra-estrutura subjacente que possa fazer cópias simplesmente por razões de eficiência e confiabilidade. O conceito de propriedade intelectual expresso em termos de cópias feitas ("copyright") faz pouco sentido.[92]

Cientistas da computação, a partir do início dos anos 1960, construíram a Internet como um espaço virtual projetado para seu próprio uso, para compartilhar conhecimento entre eles mesmos: os "bens comuns intelectuais".[93] Por três décadas, enquanto manteve-se confinada à academia, essa subversão tecnológica do regime de propriedade intelectual foi ignorada pelos gigantes corporativos que dominavam a mídia estadunidense. Os mcluhanistas neoliberais reasseguraram-lhes que tudo que mudaria à época em que a supervia da informação fosse real seria que livros, jornais, música, filmes, jogos, transmissões de rádio e programas de TV seriam comercializados como arquivos digitais da mesma maneira que produtos físicos e ondas através do ar. Ao final dos anos 1990, muito para a surpresa dos conglomerados de mídia dos Estados Unidos, a visão ao estilo de Gilder de um mercado eletrônico que abarcasse toda a informação acabou como uma profecia imperfeita. Entre a nova geração de jovens usuários da Internet, a ética *hacker* era uma opção muito mais atraente. Para eles, o sonho de Licklider de uma computação onipresente ponto-a-ponto era uma realidade. Talentosos estudantes e universitários faziam sítios na Internet, hospedavam salas de

bate-papo, escreviam códigos e criavam comunidades virtuais que ajudaram seus pares a compartilharem coisas interessantes uns com os outros. Conforme a velocidade de conexão aumentava, esses cidadãos da rede (*netizens*) descobriram rapidamente os prazeres da troca de cópias em MP3 de suas coleções de discos, fitas e CDs. Ao cooptar com sucesso a contracultura *hippie* dos anos 1960, a indústria da música se orgulhou por muito tempo de sua habilidade em transformar em dinheiro as formas mais subversivas de rebelião juvenil. De repente, pela primeira vez, ela se confrontava com uma demanda impossível. Comparados aos seus antecessores, as ambições dessa subcultura jovem aparentemente apolítica pareciam muito mais modestas: compartilhar músicas bacanas pela Internet. Entretanto, para a indústria da música, essa utopia *hacker* era um negócio desastroso. Pregar a revolução, tomar drogas e a perversão sexual eram práticas que podiam ser toleradas dentro desse empreendimento capitalista descolado. Tudo era permitido no maravilhoso mundo *pop,* com somente uma exceção: a música livre.

Em 1999, Shawn Fanning lançou a primeira versão do Napster. Escrito por um colecionador de MP3, esse programa criou um local de encontro virtual em que, ao trocar seus arquivos de música, as pessoas podiam se encontrar. Desde o momento de seu lançamento, a popularidade do Napster cresceu exponencialmente. Os primeiros usuários recomendavam o programa para seus amigos, que então passavam a boa nova para outros camaradas. O que começara como algo alternativo rapidamente tornou-se popular. Pela primeira vez, jovens rebeldes se identificavam, não por acompanharem determinadas bandas, mas por usarem um serviço específico da Internet: o Napster.[94] Um novo distanciamento entre gerações emergiu. Cada subcultura jovem alcançou notoriedade ao se contrapor aos mais velhos. Assim como *hippies* que queimavam a erva, os usuários do Napster também estavam unidos por uma forma menor de desobediência civil: quebrar

as leis de propriedade intelectual. Como nos anos 1960, suas alternativas juvenis foram reafirmadas assim que coroas caretas tentaram impedi-los de se comportarem mal. A diferença agora era que a indústria da música liderava a perseguição dessa nova subcultura. O *rock'n'roll* declarou guerra à Internet.

Em 2001, os tribunais dos Estados Unidos fecharam o Napster por violar as leis federais de propriedade intelectual. Como outras empresas, as corporações de mídia precisavam de um marco legal seguro para conduzir o comércio eletrônico com seus clientes. Como no Velho Oeste, os negócios só poderiam prosperar uma vez que a lei e a ordem estivessem estabelecidas na nova fronteira eletrônica. Qualquer um que distribuísse cópias não autorizadas de material protegido por leis de propriedade intelectual pela Internet deveria ser punido. Qualquer um que inventasse um programa potencialmente útil para a pirataria virtual deveria ser criminalizado. As cortes e a polícia deveriam parar os adultos que consentiam em compartilhar informações uns com outros sem permissão.[95] Em uma série de casos famosos, advogados de corporações processaram os pais de adolescentes que trocavam arquivos e escritores de códigos de quebras de criptografia.[96] Através de uma bem sucedida campanha, as multinacionais de mídia persuadiram os legisladores estadunidenses e europeus a endurecer a legislação que protegia sua propriedade intelectual: O *digital millennium copyright act* dos Estados Unidos, em 1998, e *a Copyright directive* da União Européia, em 2001.[97] Diferentemente dos editores da *Wired,* os grandes negócios deram boas-vindas à extensão da autoridade do alto governo para a Internet. Para os donos de propriedades intelectuais, o impedimento do comunismo cibernético era agora o dever primário do Estado.[98] Como explicou Jack Valenti, o chefe da *Associação Audiovisual dos Estados Unidos* (*Motion Picture Association of America)*: "se você não pode proteger aquilo que você possui, então você não possui nada."[99]

Durante o final dos anos 1990, o fracasso da indústria da música em criar um mercado virtual para vender seus produtos abriu caminho para o Napster e outros sistemas de compartilhamento de arquivos. Desprovidos de um método legal de obter músicas pela Internet, as pessoas aprenderam a trocar cópias de MP3 de suas coleções de CDs, fitas e vinis – e cópias dessas cópias – umas com as outras. Como as conexões eram cada vez mais rápidas, os usuário de programas P2P (ponto-a-ponto*)* rapidamente perceberam que eles poderiam também fazer o mesmo com seus DVDs e vídeos. No despertar da queda do Napster, uma nova onda de sofisticados programas de troca de arquivos emergiu: *Gnutella, Freenet, Kazaa* e *Bit Torrent.* Ao invés de transformar toda a informação em mercadoria, as tecnologias pós-industriais facilitavam a não-mercantilização da informação em importantes setores da mídia. Por décadas, uma pequena minoria de técnicos *hackeou* as leis de propriedade intelectual. Agora, pela primeira vez, milhões de outras respeitáveis pessoas ignoravam as regras capitalistas do jogo econômico. Se eles soubessem onde procurar, a maioria dos filmes, programas de TV, música, jogos e programas de computador feitos comercialmente estavam disponíveis sem nenhum custo. Com seus advogados, os detentores de direitos de cópia tentaram barrar essa pirataria descarada de sua propriedade intelectual. Através de serviços legais de aquisição de músicas pela Internet, as multinacionais de mídia tentaram oferecer aos consumidores métodos mais confiáveis e convenientes de se obter produtos na Internet. O serviço do *iTunes* da Apple e os provedores de toques de celular provaram que ainda havia muito dinheiro a ser ganho ao se vender música no mercado eletrônico global. Em 2006, como um próximo estágio, a Vivendi Universal decidiu que dar as gravações de seus artistas era de bom senso para os seus negócios. De acordo com o chefe de vendas do seu novo serviço *SpiralFrog,* somente uma de 40 músicas baixadas da Internet eram pagas de qualquer maneira. Ao invés de tentar – e falhar – replicar o

modelo de tijolo e concreto dentro do mundo virtual, a aquisição de músicas deveria, ao contrário, ser financiada – como a TV e o rádio – por publicidade.[100] As grandes marcas se agregariam a qualquer serviço que atraísse com sucesso a importantíssima demografia jovem. Aonde a indústria da música fosse, o resto da mídia teria que, eventualmente, seguir. Sob o capitalismo *ponto com,* a informação era – de uma só vez e ao mesmo tempo – livre e lucrativa.

Dos seu primeiros dias sob Licklider, a Internet foi construída em cooperação com o setor privado. Nos anos 2000 como nos anos 1960, o comunismo cibernético operava com equipamentos e programas comprados de empresas capitalistas. Como Kelly explicou, a tarefa dos empreendedores *ponto com* era descobrir novas maneiras de se ganhar dinheiro com essa economia da dádiva da alta tecnologia. As grandes gravadoras já haviam descoberto, para o seu prejuízo, que era fútil tentar resistir à invasão do futuro mcluhanista. Muito antes da invenção do Napster, samplear, recombinar e atuar como DJ já manchara a propriedade intelectual dentro das cenas do reggae, do rap e do dance.[101] Obviamente, esses músicos descolados sentiram-se em casa com a ética *hacker* da Internet. Agora, tão logo estivessem prontas, suas novas faixas poderiam estar disponíveis para uma audiência mundial. Se alguém gostasse da música, poderia tocar em uma festa, baixar para uso pessoal, usar como um modelo sonoro ou fazer sua própria versão. Por meio de seus sítios virtuais, listas de correio eletrônico, salas de bate-papo, *blogs* e estações de webrádio, músicos faziam amizades, tocavam juntos e inspiravam o trabalho alheio. Dentro dessa comunidade virtual, a economia da dádiva estava em ascendência sobre a economia de mercado.[102]

Três décadas antes, ativistas da Nova Esquerda foram inspirados pelo sonho situacionista de quebrar a divisão entre produtores de mídia e consumidores. Em 1977, Félix Guattari anunciou orgulhosamente que as estações de rádios livres italianas criaram com

êxito a primeira ágora eletrônica: "o imenso encontro permanente das ondas do ar".[103] Os ouvintes eram agora produtores. No início dos anos 1980, esse filósofo-psicanalista francês também celebrava as possibilidades subversivas do sistema Minitel. Como as estações de rádio comunitárias, as redes de computadores eram inerentemente participativas e igualitárias.[104] Em *Mil platôs,* Guattari – e seu colega da Nova Esquerda, Deleuze – previram que as hierarquias piramidais do estado e do mercado achariam cada vez mais dificuldade em controlar esses fluídos e autônomos "rizomas" que emergiam em oposição à sociedade cibernética de controle.[105] Entre intelectuais radicais, essa atualização assegurou que o mcluhanismo ao estilo *hippie* mantivesse sua posição como a teoria de ponta. No momento em que a Internet se tornou um fenômeno de massa, os escritos de Deleuze e Guattari pareceram verdadeiramente proféticos. A conquista tecnológica mais importante da ética *hacker* colocou os princípios da Nova Esquerda em prática. Em meados dos anos 1990, Hakim Bey – um popularizador estadunidense dessa teoria libertária – identificou as comunidades virtuais da Internet com as subculturas subversivas das cenas das *raves,* das ocupações e dos festivais: "zona autônoma temporária".[106] Como a Nova Esquerda previra três décadas antes, o futuro era anarco-comunista. Na virada do milênio, Toni Negri – o profeta do autonomismo italiano – e Michael Hardt – seu camarada estadunidense – declaravam que a Internet preparava o caminho para a vitória das "multidões" oprimidas da humanidade sobre o "império" do capitalismo corporativo.[107] Em apoio às suas visões, Maurizio Lazzarato anteviu a iminente queda do sistema fabril. Empresas *ponto com* já dispensavam as hierarquias fordistas. Dentro da emergente economia da informação, os produtores eram seus próprios gerentes.

> Os trabalhadores... se tornam "sujeitos ativos" na coordenação de diferentes funções da produção, ao invés de serem subjugados a

> elas como um simples comando. O aprendizado coletivo se torna o coração da produtividade, porque ela não é uma questão de compor de modo diferente, ou organizar competências que já estão codificadas, mas de olhar para novas.[108]

Essa releitura do mcluhanismo da Nova Esquerda enfatizava a distinção aguda entre as aplicações participativas e espetaculares da Internet. Muitas das pessoas mais bacanas dentro das cenas alternativas não eram membros da nova elite do conhecimento. A maioria da população que ganhava a vida fora da economia da informação também era capaz de tornar-se produtora cultural. Para elas, criatividade era o que acontecia enquanto brincavam fora do trabalho. Ao final dos anos 1990, a rápida disseminação da Internet ampliou o impacto social dessa atitude "faça-você-mesm@". Em repetição a Wiener e Licklider, Berners-Lee explicou que esse rompimento tecnológico transformava o consumo passivo de produtos de informação estáticos em um processo fluído de "criatividade interativa".[109] Na Internet, todos poderiam ser artistas, escritores ou programadores. Durante o final dos anos 1990, mcluhanistas radicais argumentaram que capitalistas *ponto com* agiam como um freio na emergência dessa cibercultura autogerida. Entretanto, em menos de uma década, eram os grandes negócios que lideravam a corrida para construir um sistema global de mídia participativa. Ser um servidor popular de "conteúdo gerado pelo usuário" vendia muita propaganda. Ajudar amadores a fazer sua própria mídia poderia ser tão lucrativo quanto vender produtos de mídia feitos profissionalmente. O crescimento fenomenal de MySpace, Bebo, Flickr e YouTube demonstrou que negócios bem sucedidos poderiam ser construídos sobre a máxima de Kelly de seguir os livres. Ao confundir as esperanças da Esquerda radical, os capitalistas *ponto com* aprendiam a fazer dinheiro com o comunismo cibernético. Entretanto, em retorno, os caciques da mídia

eram forçados a renunciar ao controle direto sobre o conteúdo de sua mídia. Diferentemente de seus repórteres no canal estadunidense *Fox News* ou no jornal *The Sun* da Inglaterra, Rupert Murdoch não poderia impor uma linha editorial sobre a miríade de contribuidores do site da sua corporação, o MySpace. Como seu princípio fundador, o capitalismo *ponto com* aceitou que o espetáculo fora quebrado.

Através das décadas, as diferentes escolas do mcluhanismo previram corretamente muitos aspectos importantes da sociedade da informação do início do século XXI. Os comunistas cibernéticos anteviram uma economia computadorizada em que códigos de barra e etiquetas RFID[NT5] rastreariam cada produto. A Comissão Bell identificou os gerentes e funcionários dos locais de trabalho pós-industriais como o grupo social promissor. A Nova Esquerda antecipou que todos seriam capazes de produzir mídia dentro de suas próprias comunidades virtuais. Os ideólogos californianos predisseram a derrocada das restrições de propriedade intelectual dentro da Internet. Entretanto, ao mesmo tempo, a profecia central do mcluhanismo manteve-se incompleta. No final dos anos 2000, a Internet era onipresente, porém ainda era um negócio comum. A aldeia global não curara as divisões de nação, classe e cultura que infestaram a era industrial. Contrário ao credo mcluhanista, o advento da Internet não marcou o nascimento de uma nova civilização humanista e igualitária. Enquanto as promessas de inteligência artificial eram desapontadas de tempos em tempos, seus divulgadores só mantinham o adiamento da chegada de seu futuro imaginário. Em 2000, após terem falhado em atingir o objetivo de Turing de inventar uma máquina pensante até aquela data, os cientistas da *British Telecom* simplesmente anunciaram que esse milagre tecnológico não aconteceria por mais quinze anos.[110] Infelizmente para os mcluhanistas, esse artifício ideológico não era mais uma opção. Por mais de quatro décadas, a elite do conhecimento afirmara seu controle

do espaço por meio da posse do tempo. Agora, no início do século XXI, o futuro imaginário da sociedade da informação materializava-se no presente. O que os mcluhanistas deveriam explicar era por que essa revolução tecnológica não causou uma revolução social. Por algum motivo, a utopia foi adiada.

De volta aos anos 1960, a Comissão Bell abraçou o mcluhanismo como a ideologia fetichística: o determinismo tecnológico. Para seus membros, o trabalho teórico tinha um claro propósito político. Como esses apologistas da elite dos Estados Unidos estavam cientes, as conquistas intelectuais da maioria dos mais influentes pensadores estavam freqüentemente arranhadas por suas fracas opiniões e estilos de vida não ortodoxos. No seu projeto ideológico, a Comissão Bell deveria lidar com uma versão crítica desse problema. Todos os fundadores de suas teorias principais eram seriamente excêntricos. Marx era um comunista boêmio. Wiener se recusou a desenvolver armamentos para o Exército dos Estados Unidos durante a Guerra Fria. McLuhan era um místico e um jogador. Porém, ao escrever novos textos canônicos, Bell e seus colegas puderam se apropriar do marxismo, da cibernética e do mcluhanismo sem reconhecer seus débitos teóricos com Marx, Wiener e McLuhan. As diferenças teóricas entre esses grandes pensadores poderiam então ser amenizadas. Melhor ainda, suas criações intelectuais não estavam mais contaminadas por suas políticas não convencionais e excentricidades pessoais. O trabalho de inventar as metateorias do marxismo, da cibernética e do mcluhanismo aparentemente desapareceram. Como mercadorias em um mercado, as abstrações intelectuais foram separadas de seus criadores humanos. A ideologia do fetiche era uma ideologia fetíchica.

No início dos anos 1970, o mcluhanismo se tornou institucionalizado. Gerações sucessivas de acadêmicos e estudantes mantiveram viva a profecia da sociedade da informação. Durante décadas, esse futuro imaginário imutável necessitava de modificações contínuas

para refletir as circunstâncias sempre mutáveis do presente. Com infusões regulares de trabalho humano vivo, as verdades da ideologia fetichística foram perpetuadas com sucesso. Por conta de sua flexibilidade política, a nova ortodoxia do mcluhanismo foi rapidamente ofuscada por sua descendência herege. Com as origens históricas da teoria pós-industrial escondidas, sua visão de utopia conectada foi capaz de tomar muitas formas. Uma ideologia fetichística não possuía lealdades políticas. Dentro das fábricas de educação dos Estados Unidos e Europa, a profecia da sociedade da informação tornou-se um ingrediente essencial para a produção acadêmica nas ciências sociais, humanas, nas artes e na filosofia. Homenagear ou criticar o mcluhanismo fornecia uma identidade intelectual. Releituras e neologismos vendiam livros. Atualizar a profecia atraía financiamento de pesquisa. Cursos foram lecionados, conferências foram feitas e artigos foram escritos. Por trabalhar continuamente sobre o mcluhanismo, acadêmicos tiveram sucesso em congelar o futuro imaginário por quatro décadas. Enquanto os detalhes da teoria estivessem em constante mudança, seus conceitos centrais poderiam se manter os mesmos. Como outros produtos da cultura *pop*, uma bem sucedida versão do mcluhanismo teria que ser tanto familiar quanto inovadora. Mesmo o mais modesto dos jornalistas poderia se beneficiar dessa teoria cibernética. Ao dar uma amostra da sua última repetição, eventos efêmeros ganhavam um significado histórico e mundial.

A partir de meados dos anos 1960, os mcluhanistas glorificaram a elite do conhecimento como a precursora do presente das maravilhas por vir. Seriam muitas décadas antes de todos no mundo terem acesso à aldeia global. Porém, ao incorporar a criatividade cooperativa na sua arquitetura, Licklider e seus colegas subverteram essa lógica da Guerra Fria. Eram os Estados Unidos – e não a Rússia – que construíam o comunismo cibernético. No momento em que a

Internet tornou-se um fenômeno de massa em meados dos anos 1990, essa estrutura mcluhanista provou sua flexibilidade e escalabilidade conforme milhões de novos utilizadores se conectavam. Embora grande parte da população mundial ainda vivesse na pobreza, um grande número de pessoas – especialmente no Norte – possuía tanto os recursos quanto o tempo livre para participar desse novo fenômeno midiático participativo. Pelo decorrer da década posterior, os usuários da Internet começaram a tornar realidade a profecia marxista-mcluhanista da ágora eletrônica. Assim como os jornais alternativos da década de 1960, os servidores de listas de discussão eletrônica Nettime e Rhizome forneceram espaço para artistas e intelectuais publicarem seus artigos e discutirem suas idéias. Como nas rádios comunitárias e livres da década de 1970, o Centro de Mídia Independente e o *OhMyNews* não só forneceram um ângulo mais radical dos eventos políticos da época, mas também motivaram seus apoiadores a contribuir com seus próprios relatos e comentários. Como um projeto de software livre dos anos 1980, a Wikipedia foi escrita por seus próprios usuários. Dentro da emergente sociedade da informação, o faça-você-mesmo era freqüentemente preferível à produção profissional.

No final dos anos 1990, o movimento por justiça global se organizou à imagem da Internet. Como rejeição à disciplina hierarquizada do partido de vanguarda, essas tribos distintas do ativismo anticapitalista uniram-se através de suas comunidades virtuais. Como substituição à ortodoxia ideológica, os programas de código aberto inspiraram uma nova forma de política aberta. Diferente de seus adversários neoliberais, esses ativistas antiglobalização puderam juntar o Norte e o Sul na aldeia global.[111] Em 2003, a invasão estadunidense do Iraque amplificou esse descontentamento no mais largo e extenso movimento de protesto da história humana. Milhões de pessoas rapidamente descobriram a verdade atrás dos boatos do partido da

guerra, por meio de sítios e *blogs* dissidentes. Eles expressaram sua revolta e ceticismo em salas de bate-papo e fóruns de debate. Usaram correio eletrônico, mensagens instantâneas e publicações na rede para organizar marchas antiguerra e encontros de protesto. Através da extensão cibernética da Internet, indivíduos isolados tornaram-se uma nova e poderosa força política: a "inteligência crítica de massa."[112]

Sem surpresa, a partir de meados dos anos 1990, regimes autoritários tentaram frear a emergência da ágora eletrônica. Ainda assim, e ao mesmo tempo, esses governos descobriram ser impossível resistir à moda da expansão *ponto com*. Na China, a elite comunista adotou uma confusa estratégia de simultaneamente restringir e incentivar a Internet.[113] Fundado por leninistas, esse partido de vanguarda queria controlar a produção da informação. Como no Irã e em outros países autoritários, a polícia secreta do regime bloqueou o acesso a sítios da Internet desaprovados, monitorou discussões em salas de bate-papo e prendeu pessoas cujas publicações eram muito subversivas. Porém, como eram modernizadores, os governantes da China também sabiam que era impossível construir uma economia pós-industrial sem telefones celulares, computadores pessoais, impressoras, câmeras e, acima de tudo, Internet. Na sociedade da informação, a monopolização da informação estava terminada. Felizmente, para esses chineses e outras elites, a criatividade cooperativa não era inerentemente subversiva. Longe de ser um renascimento de alta tecnologia da Comuna de Paris, comunidades virtuais eram – em sua maior parte – apolíticas. Nos textos fundadores do mcluhanismo da Nova Esquerda, os habitantes da ágora eletrônica eram revolucionários, artistas, dissidentes e visionários. Quatro décadas depois, as coisas eram bem diferentes. A maioria absoluta dos contribuidores dos sítios de redes sociais mais populares levavam vidas muito mais simples. Mais do que debater os assuntos políticos urgentes do dia, seus tempos de conexão eram gastos com

fofocas sobre suas experiências pessoais, amigos, celebridades, esportes, sítios bacanas, músicas populares, programas de TV e viagens de férias. Dentro dessa versão MySpace da ágora eletrônica, o comunismo cibernético era comercial e não excepcional. O que uma vez fora uma sonho revolucionário era agora uma parte agradável da vida cotidiana.

Ironicamente, a confirmação da previsão tecnológica da Comissão Bell desacreditou sua profecia social. O futuro imaginário da Internet estava aqui – e a humanidade ainda esperava pela utopia mcluhanista. Em parte, a decepção dessa profecia pode ser explicada por suas origens. No auge da Guerra Fria, a teoria principal do mcluhanismo foi inventada como a síntese da alta tecnologia do liberalismo estadunidense e do socialismo russo. O governo da elite era a rota mais rápida para a democracia participativa e a criatividade cooperativa. Saber quem inventou a profecia da sociedade da informação é a pré-condição para entender o significado ideológico dos seus conceitos intelectuais. Primeira e principalmente, essa análise histórica do mcluhanismo revela que a teoria abstrata é uma criação humana. Longe de serem entidades auto-reprodutivas, seus textos canônicos foram os produtos de muitas horas de trabalho mental. Na história recente, humanos fizeram a teoria que nega que humanos fizessem sua própria história.

Com esse entendimento, as idéias de McLuhan, Wiener e Marx não eram mais incluídas na ideologia do mcluhanismo. De volta aos anos 1960, a Comissão Bell separou as principais teorias dos principais pensadores. A "desfetichização" reverte esse processo. Os textos idiossincráticos de McLuhan retornaram às listas de leitura. Wiener é reconhecido como o pai fundador da cibernética. Os livros de Marx são estudados antes daqueles dos marxistas-leninistas. Suas crenças políticas e excentricidades pessoais não são mais escondidas. Suas idéias intelectuais estão conectadas com suas experiências históricas. Suas diferenças teóricas não são maquiadas. Em um momento de exasperação,

Marx declarou certa vez: "ao meu ver, eu não sou marxista".[114] Essa piada tinha um lado sério. Seus seguidores mais obtusos já criavam o fetiche de suas idéias. Eles falharam em entender um de seu conceitos mais importantes: o trabalho é a fonte de toda teoria.

Em seus escritos, McLuhan, Wiener e Marx nos fornecem um ponto de partida para um entendimento moderno da Internet. Ler seus livros é descobrir uma cornucópia de idéias perceptivas. Em *Os meios de comunicação como extensões do homem,* McLuhan argumentou que as novas tecnologias são as "extensões" do corpo humano. Com o acesso à Internet, pessoas estão agora aptas a viver, trabalhar e jogar juntas em uma escala global. As restrições físicas da localidade foram parcialmente superadas. Em *O uso humano de seres humanos,* Wiener explicou que a forma mais eficiente de retroalimentação cibernética era a comunicação de duas vias em um sistema não-hierárquico. Por meio da Internet, pessoas estão agora aptas a compartilhar idéias, trabalhar colaborativamente e decidir coisas coletivamente. Em *O capital* e *Grundrisse,* Marx enfatizou que diferentes grupos sociais brigam entre si para moldar as tecnologias de acordo com seus próprios interesses. Durante a última década, empreendedores e *hackers* lutaram para que a Internet fosse a casa do comércio eletrônico ou da economia da dádiva. Como uma teoria fetichística, o determinismo tecnológico mcluhanista subestimou a primazia da criatividade humana nesse processo histórico. Para a maioria da população, ao contrário, sua posição social é sempre uma tentação para quebrar as regras e descobrir novas maneiras de fazer as coisas – como a indústria da música descobriu a seu próprio custo no final dos anos 1990. Muito tempo atrás, em *18° Brumário,* Marx apontou que as pessoas podiam ser restringidas por suas circunstâncias históricas e experiências pessoais, mas elas ainda eram capazes de fazer sua própria história.[115] Para ser inteligente, o marxismo-mcluhanismo do início do século XXI deve se tornar humanista.

Desde meados dos anos 1990, as possibilidades culturais e políticas abertas pela Internet se tornaram simbolizadas por novos ícones: ciborgues socialistas-feministas, *hackers* anarco-comunistas e artesões digitais social-democratas.[116] Durante as últimas quatro décadas, suas atitudes "façam-vocês-mesmos" transformaram com sucesso as máquinas de fazer guerra e dinheiro em ferramentas de sociabilidade e expressão pessoal. No início do século XXI, os usuários da Internet são agora tanto consumidores quanto produtores de mídia. A vanguarda perdeu seu monopólio ideológico. O espetáculo foi quebrado. Dentro da Internet, o comunismo cibernético existe aqui e agora. Entretanto, ao mesmo tempo, a chegada da sociedade da informação não precipitou uma transformação social mais extensa. O pós-fordismo é quase indistinguível do fordismo. O comunismo cibernético é bem compatível com o capitalismo *ponto com.* Ao contrário do que diziam as doutrinas do mcluhanismo, a convergência das mídias, das telecomunicações e da computação não libertou – e nunca libertará – a humanidade. A Internet é uma ferramenta útil, não uma tecnologia redentora. Na teoria sem fetiche, são os humanos os heróis da grande narrativa da história. No final da década de 2000, pessoas comuns tomaram o controle de sofisticadas tecnologias da informação para melhorar suas vidas cotidianas e suas condições sociais. Liberada dos futuros pré-determinados do mcluhanismo, essa conquista emancipatória pode fornecer inspiração para novas antecipações da forma das coisas que virão. Criatividade cooperativa e democracia participativa devem ser estendidas do mundo virtual para todas as áreas da vida. Dessa vez, o novo estágio de crescimento deve ser uma nova civilização. Mais do que disciplinar o presente, essas novas visões futuristas podem ser abertas e flexíveis. Nós somos os inventores de nossas próprias tecnologias. Nós podemos controlar nossas próprias máquinas. Nós somos os criadores das formas das coisas que virão. Nós podemos intervir na história para realizar

nossos próprios interesses. Nossas utopias fornecem a direção para o caminho do progresso humano. Sejamos esperançosos e corajosos ao imaginarmos os melhores futuros da social-democracia libertária.

Notas:

1. Ver Stanislaw Gomulka, *Growth, innovation and reform in Eastern Europe*, páginas 42–61.

2. Ver Stanislaw Starski, *Class struggle in classless Poland*; e Jean-Yves Potel, *The summer before the frost*.

3. Para um testemunho perceptivo dessa transição, ver Jonathan Steele, *Eternal Russia*.

4. Ver Francis Fukuyama, *The end of history* e *The last man*.

5. Ver Fukuyama, *The end of history*, páginas 153–161.

6. Em 1987, um líder analista de geopolítica russo brincou: "nós vamos fazer a pior coisa que possivelmente poderíamos fazer com os Estados Unidos – nós vamos tirar seu inimigo de campo."Georgi Arbatov, em Martin Walker, *The Cold War*, página 340.

7. Ver Samuel Huntington, *The clash of civilisations and the remaking of world order*.

8. Para a antecipação dessa nova estratégia, ver William Kristol e Robert Kagan, *National Interest and Global Responsibility* e o relatório relevante chamado *Projeto para um novo século estadunidense, Rebuilding America's defenses*.

9. Ver Shafeeq Ghabra, *Democracy for the arab world* e Richard Hass, *Towards greater democracy in the muslim world*.

10. Ver George W. Bush, *The national security strategy of the United States of America*, páginas 1 e 2.

11. Ver Irving Kristol, *Forty good tears*; e Nathan Glazer, *Neoconservative from the start*.

12. Ver Chris Hables Gray, *Perpetual Revolution in Military Affairs, International Security and Information*.

13. Ver Harlan Ullman e James Wade, *Shock and awe*; e Michael Gordon e Bernard Trainor, *Cobra II*, páginas 4–9, 33–35.

14. Ver Gordon e Trainor, *Cobra II*, páginas 87–88, 140–141; e Timothy Lenoir, *Programming theatres of war*.

15. Ver Gordon e Trainor, *Cobra II*, páginas 18–19, 80–81, 168–169; e Retort, *Afflicted powers*, páginas 30–31.

16. Ver Anne Norton, *Leo Strauss and the politics of american empire*, páginas 109–140.

17. Ver Susan Landau, *The transformation of global surveillance*; e Duncan Campbell, *Echelon and its role in Comint*; *Comint impact on international trade*; *Comint, privacy and human rights*.

18. Ver Shoshana Zuboff, *In the age of the smart machine*, páginas 315–361.

19. Para o credo de McKinsey, ver Tom Peters e Robert Waterman, *In search of excellence*. Também ver Richard Barbrook, *The class of the new*, páginas 34–36.

20. Ver Tom Engelhardt, *The return of the body count*.

21. Ver Gordon e Trainor, *Cobra II*, páginas 499–500.

22. Conforme a insurgência iraquiana crescia, um planejador importante do exército estadunidense admitiu relutante: "o inimigo contra quem lutamos... é um pouco diferente daquele contra quem nós lutamos nos jogos, por conta dessas forças paramilitares". William Wallace, em Gordon e Trainor, *Cobra II*, página 311.

23. Ver Antiwar.com, *The Abu Ghraib Prison photos;* e Retort, *Afflicted powers*, páginas 35–36.

24. Ver Roger Burbach e Jim Tarbell, *Imperial overstretch*, página 192.

25. Ver Brian Waddell, *Limiting national interventionism in the United States*, páginas 133–136.

26. Ver Dennis Hayes, *Sil.Val*; e Stuart Leslie, *The biggest "Angel" of them all*.

27. Ver Ithiel de Sola Pool, *Technologies of freedom*, páginas 151–251.

28. Ver de Sola Pool, *Technologies of freedom*, página 251.

29. Ver George Gilder, *Life after television*; *Wealth and poverty*.

30. Ver George Gilder, *The spirit of enterprise*.

31. Ver *Wired, 1.1*, página 14.

32. Ver Al Gore, *Speech delivered at information superhighway summit at Ucla.*

33. Ver Howard Rheingold, *The virtual community*; e Bruce Sterling, *The hacker crackdown*, páginas 43–152

34. John Perry Barlow, *A declaration of independence of cyberspace.*

35. Ver Rheingold, *The virtual community*.

36. Ver Howard Rheingold, *Tools for thought*.

37. Ver Lee Felsenstein, *How community memory came to be*; e Steven Levy, *Hackers*, páginas 155–180.

38. Ver Rheingold, *The virtual community,* páginas 17–37.

39. Ver Richard Barbrook e Andy Cameron, *The californian ideology*.

40. Ver Kevin Kelly, *New rules for the new economy*, páginas 50–64; *Out of control*, páginas 214–296.

41. Ver David Case, *Big brother is alive and well in Vietnam*.

42. Ver Esther Dyson, *Friend and foe*; e Peter Schwartz, *Shock wave (anti) warrior.* Também, para os livros mais vendidos do casal, ver Alvin Toffler, *Future shock; The third wave*.

43. Ver Progress and Freedom Foundation, *Cyberspace and the american dream*, página 5.

44. Ver Sterling, *Hacker crackdown*, páginas 239–313.

45. Ver Mitch Kapor, *Where is the digital highway really heading?,* e Barlow, *Declaration*.

46. Ver Peter Leyden, Peter Schwartz e Joel Hyatt, *The long boom*, páginas 63–89.

47. Ver Barbrook, *Class of the new*, páginas 15–48. Também ver Robert Reich, *The work of nations*; John Brockman, *Digerati*; Kelly, *New rules*; e David Brooks, *Bobos in paradise*.

48. Thomas Friedman, *The lexus and the olive tree*, páginas 303–304.

49. Ver Space Adventures, *DSE lunar orbital*.

50. Ver ITER, *Cadarache*.

51. Ver H.P.Newquist, *The brain makers*, páginas 135–449.

52. Ver Michael Gruber, *In search of the electronic brain*; e Paul Boutin, *Kurzweil's law*.

53. Ver John Kampfner, *Blair's wars*, páginas 255–284.

54. Ver Tom Easton, *The british–american project for the successor generation*; e Andy Beckett, *Friends in high places.*

55. Ver Andrew Rawnsley, *Servants of the people*, páginas 5–6.

56. Ver Anthony Giddens, *The third way*; e Rawnsley, *Servants of the people*, páginas 308–315.

57. Trevor Phillips – um líder comunitário dos anos 1980 se tornou um gerente de Blair nos anos 2000 – em Beckett, *Friends*, página 42.

58. Ver Alain Lipietz, *L'Audace ou l'enlisement*, páginas 5–110.

59. Ver Serge Halimi, *Sisyphe est fatigué*, páginas 351–455; e Lipietz, *L 'Audace*, páginas 165–300. Também ver Richard Barbrook, *Media freedom*, páginas 148–189.

60. Para a história dessa líder na corrida da Internet, ver Michel Marchand, *The Minitel saga*.

61. Ver Ronald Brown, Larry Irving, Arati Prabhakar e Sally Katzen, *The global information infrastructure*.

62. Ver Tim Judah, *Kosovo*; e John Kampfner, *Blair's wars*, páginas 36–61.

63. Slavoj Zizek, *Nato as the left hand of God?,* página 59.

64. Para a releitura de Blair da ideologia californiana, ver Charles Leadbetter, *Living on thin air;* e Geoff Mulgan, *Connexity*.

65. Ver Gilles Deleuze e Félix Guattari, *A thousand plateaus*, páginas 75–148, 351–473. Para a aplicação dessa teoria para analisar a Internet, ver Richard Barbrook, *The holy fools*; e Rob Shields, *Cultures of internet*.

66. Ver Kelly, *Out of control*, páginas 6–36, 89–142, 454–540.

67. Ver Brian Winston, *Media, technology and society*.

68. Ver Nicholas Garnham, *Contribution to a political economy of mass communication*; e Bernard Miège, *The capitalisation of cultural production*.

69. Ver Theodore Roszak, *The cult of information*; e Clifford Stoll, *Silicon snake oil.*

70. Gilles Deleuze, *Control and becoming,* páginas 174–175.

71. Ver Gerald Sussman, C*ommunication, technology and politics in the information age*; e Nicholas Garnham, *Information society: myth or reality?*.

72. Ver Tony Blair, *Speech to news corp*.

73. Ver Abdel Bari Atwan, *The secret history of al-Qa'ida*, páginas 120–149.

74. Ver Friedrich Nietzsche, *The will to power*, páginas 457–550.

75. Ver Narayana Gurukula, *Contemplation gaia mind*. Também ver Erik Davis, *TechGnosis*, páginas 289–318.

76. Ver A. Belden Fields, *Trotskyism and maoism*, páginas 213–218, 269–284.

77. Ver Robert Brenner, *The boom and the bubble,* páginas 16–93, 128–153, 188–264.

78. Ver Louis Rossetto, in David Hudson, *There's no government like no government,* página 30.

79. Ver John Miller, *The wolf by the ears*.

80. Para as origens dessa frase na explosão *ponto com* ver Michael Cusamo e David Yoffie, *Competing on internet time*, páginas 1–16, 298–328.

81. Ver John Brockman, *Literatos digitais*.

82. Ver Louis Rossetto, *19th century nostrums are not solutions to 21st century problems*.

83. Ver a definição de 1992 desse conceito em Brendan Kehoe, *Zen and the art of the internet*.

84. Ver Richard Barbrook, *The hitech gift economy*; e Rishab Ghosh, *Cooking-pot markets*.

85. Ver Tim Berners-Lee, *Weaving the web*, páginas 8–72; e Richard Barbrook, *Giving is receiving*.

86. Ver Richard Stallman, *Why software should not have owners*.

87. Ver Free Software Foundation, *The free software definition*; e Eric S. Raymond, *Homesteading the noosphere*.

88. Ver Eric S. Raymond, *The cathedral and the bazaar*; e Julian Dibbell, *We pledge allegiance to the Penguin*.

89. Ver Keith W. Porterfield, *Information wants to be valuable*, página 2.

90. Essa doação era uma estratégia da Microsoft para monopolizar o programa navegador de Internet – ver Ken Auletta, *World War 3.0*; e James Wallace, *Overdrive*. Também ver Bill Gates, *An open letter to the hobbyists*.

91. Ver Free Software Foundation, *The free software definition.* Também ver a entrevista com Stallman de 1998 em Andrew Leonard, *The saint of free software*.

92. Ver Tim Berners-Lee, *The world wide web: past, present and future*, página 11.

93. Ver Lawrence Lessig, *Code*, página 141.

94. Para um relato da ascensão do Napster, ver John Alderman, *Sonic boom*. Também ver Richard Barbrook, *The Napsterisation of everything.*

95. Ver The Recording Industry Association of America, *RIAA lawsuit against napster*; e Richard Barbrook, *The regulation of liberty.*

96. Ver The Motion Picture Association of America, *DVD-deCSS*; e Barbrook, *regulation of liberty.*

97. Ver US Government, *Digital millennium copyright act*; e European Union, *Directive 2001/29/EC.*

98. Para uma aplicação mais ampla desse entendimento, ver David Binns e William Dixon, *The decay of capitalism, the prevention of communism and the need for planning.*

99. Ver Jack Valenti, em Motion Picture Association of America, *Film studios bring claim against DVD hacker*.

100. Ver Bobby Jonhson e Andrew Clark, *Free music downloads service wants a bite out of Apple.* Ver também *SpiralFrog.*

101. Para um relato da pirataria musical antes da chegada da Internet, ver John Chesterman e Andy Lipman, *The electronic pirates.*

102. Ver Barbrook, *The high-tech gift economy*; *Napsterization of everything.*

103. Ver Felix Guattari, *Les radios libres populaires.* Ver também John Downing, *Mídia radical,* páginas 215-301.

104. Ver Felix Guattari, *Three ecologies*, páginas 142-3.

105. Ver Deleuze e Guattari, *A Thousand Plateaus*, páginas 3-25.

106. Ver Hakim Bey, *TAZ*.

107. Ver Toni Negri e Michael Hardt, *Empire*, páginas 280–303, 353–369, 393–413. Durante seu exílio em Paris de 1983–97, Negri trabalhou com Guattari.

108. Ver Maurizio Lazzarato, *General intellect*.

109. Ver Tim Berners-Lee, *Realising the full potential of the web*, página 5.

110. Ver BT, *A glimpse of future life*.

111. Ver Armin Medosch, *Piratology*; e Nick Dyer-Witheford, *Cyber-Marx,* páginas 145–164.

112. Ver John Barker, *Frankenstein and the chickenhawks*, página 46.

113. Ver Amnesty International, *State control of the internet in China*; e John Gittings, *The changing face of China*, páginas 8–9, 266–267.

114. Ver Friedrich Engels, *Letter to Conrad Schmidt*.

115. Ver Karl Marx, *The eighteenth brumaire of Louis Bonaparte*, páginas 146–150.

116. Ver Donna Haraway, *A cyborg manifesto*; McKenzie Wark, *A hacker manifesto*; e Richard Barbrook e Pit Schultz, *The digital artisans manifesto*.

NT 1 – Haight-Ashbury – Distrito de São Francisco, Califórnia, famoso por seu papel como centro do movimento hippie dos anos 1960. A contracultura moderna estadunidense foi desde então sinônimo da vizinhança de Haight.

NT 2 – MUD – Do inglês Muti-User Dungeon, Domain or Dimension (Masmorras, Domínios ou Dimensões de Multi-Usuários) é um jogo de computador que mistura elementos de RPG (Role Playing Game), arcade e salas de bate-papo, tipicamente via Internet ou BBSs.

NT 3 – Do original em inglês "Not haves and have-nots – [but have-nows and] have-laters".

NT 4 – Shareware – Programas de computador disponíveis na Internet para avaliação e uso gratuito por tempo limitado.

NT 5 – RFID – Identificação por radiofreqüência, uma tecnologia de etiquetagem eletrônica que usa chips com transmissão de dados sem fio a curtas distâncias, com diversas aplicações.

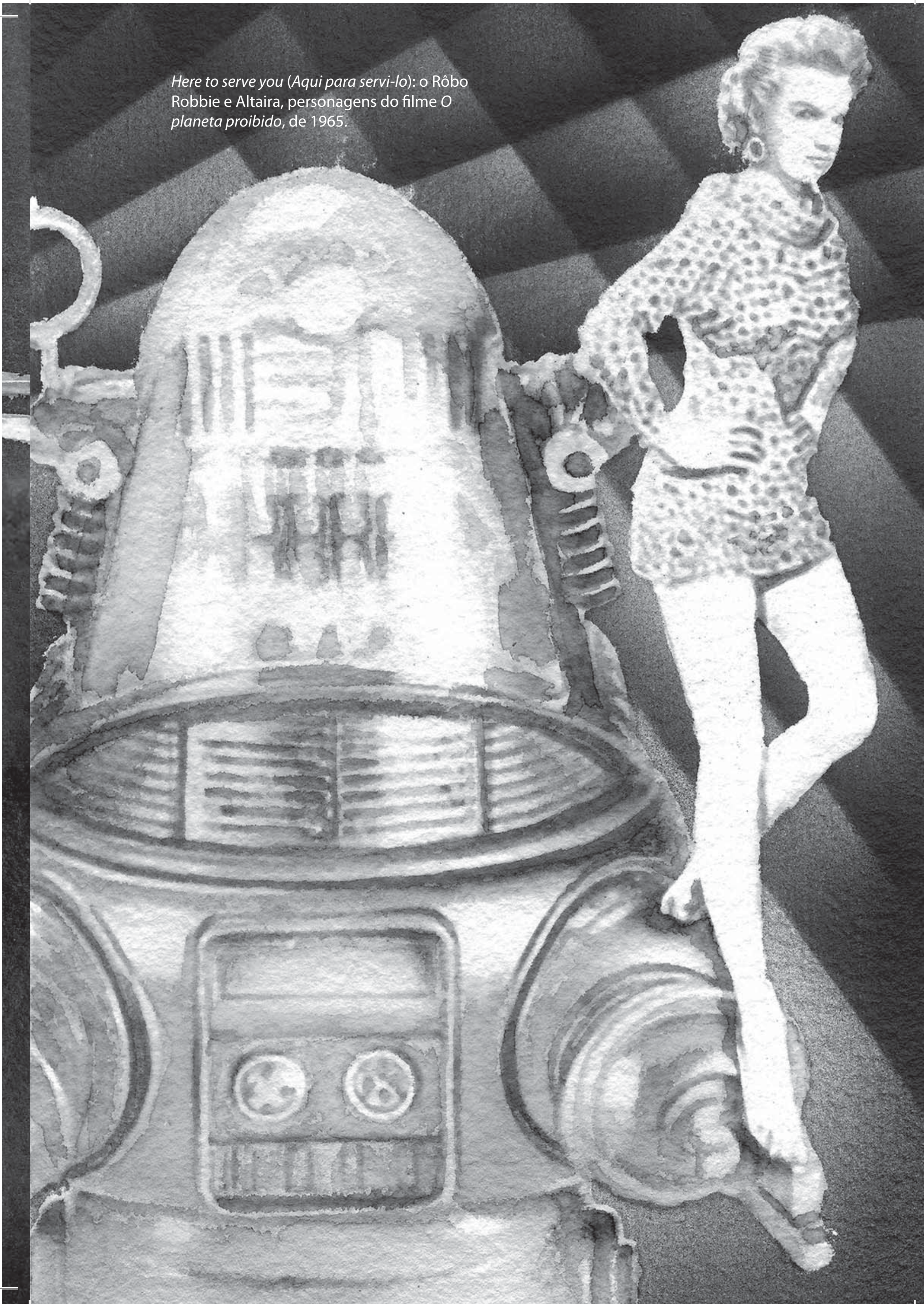
FUTUROS IMAGINÁRIOS
TRADUÇÃO EM IMAGENS

Na edição original de *Futuros imaginários*, Richard Barbrook contou com a parceria do artista plástico inglês Alex Veness (http://www.alexveness.net). As ilustrações criadas por Veness proporcionam uma leitura imagética das questões tratadas por Barbrook neste livro, e por isso a editora brasileira optou por publicá-las em seqüência, acompanhadas de seus títulos e legendas.

Atualmente, Richard Barbrook e Alex Veness são membros do coletivo *ClassWarGames*, que encena performances do *Jogo da Guerra* de Guy Debord.



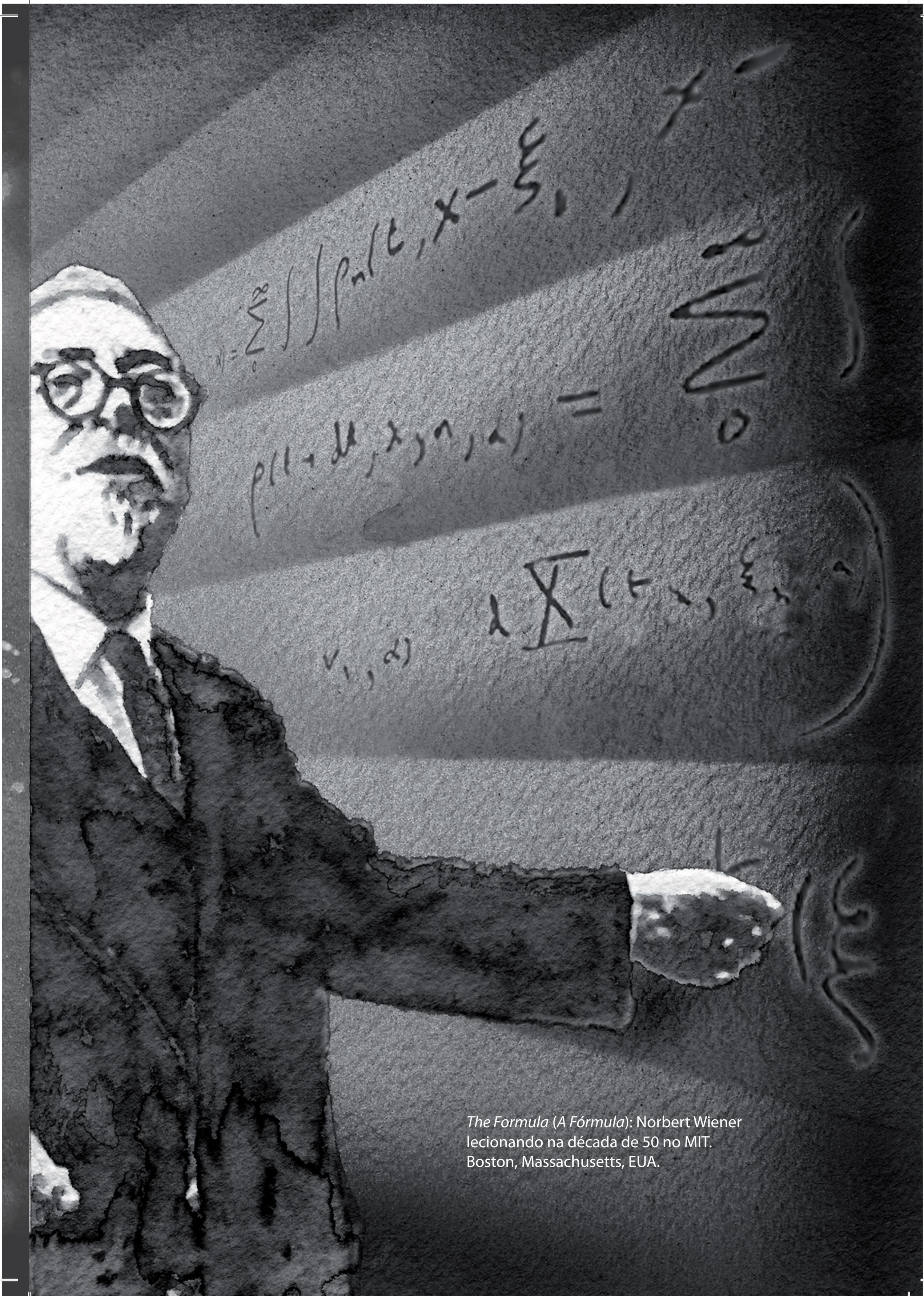
Son of the Empire (*Filho do Império*):
Richard Barbrook vestido de escoteiro estadunidense. Boston, Massachusetts, EUA (1965).



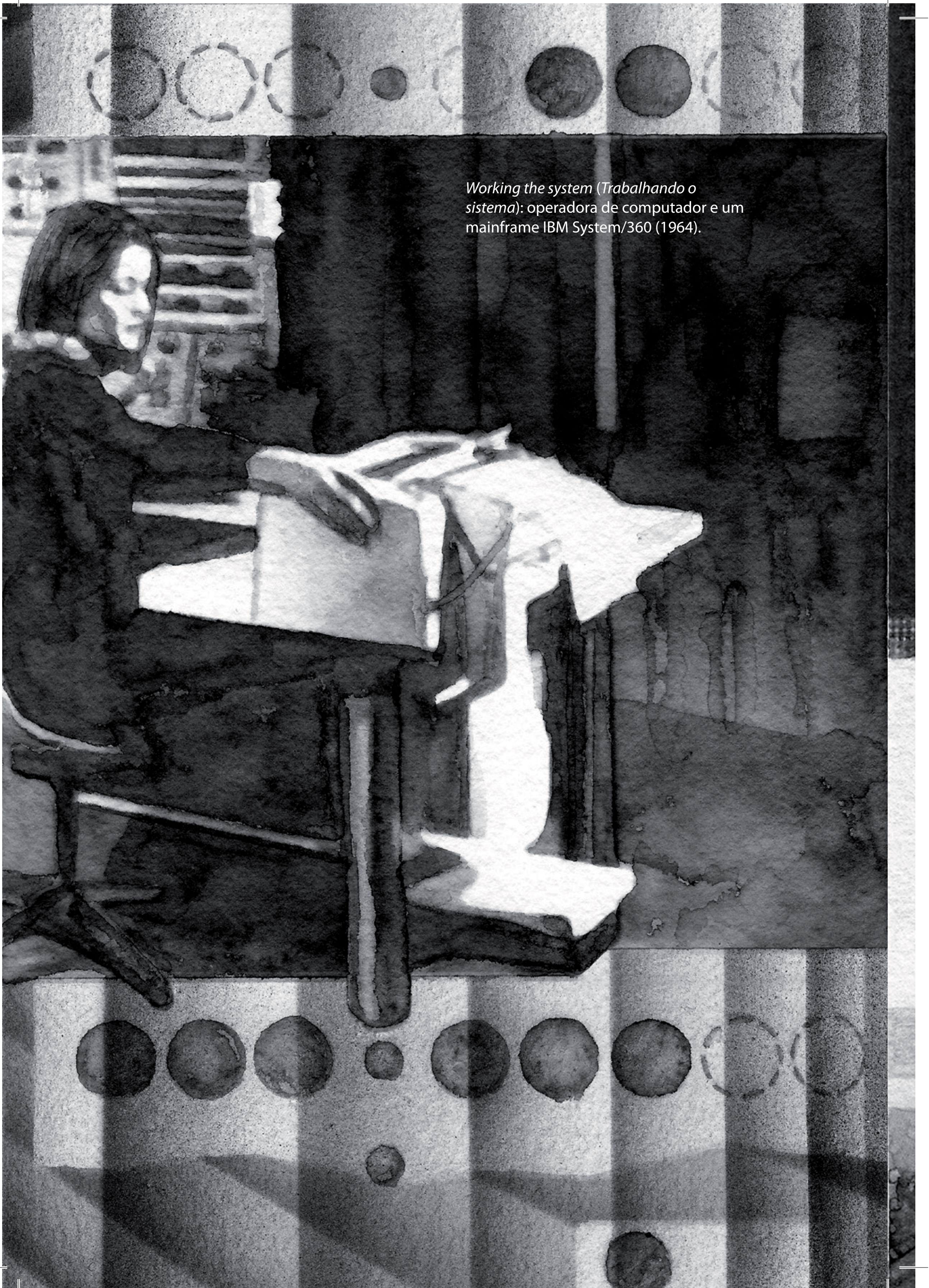
Here to serve you (*Aqui para servi-lo*): o Rôbo Robbie e Altaira, personagens do filme *O planeta proibido*, de 1965.



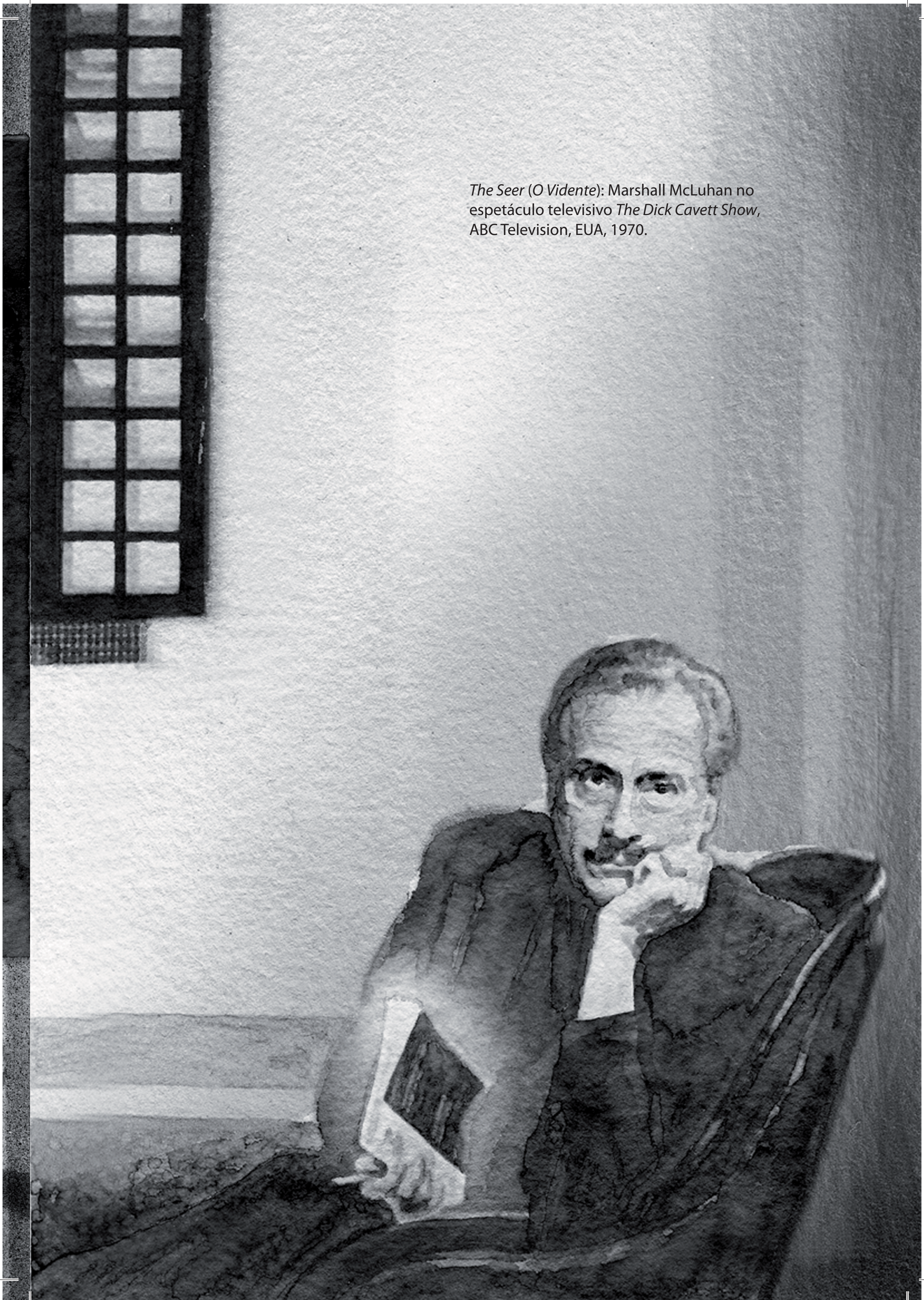
Moonstruck (*Feitiço da lua*): a cosmonauta Valentina Tereshkova, o astronauta John Glenn e a espaçonave Aurora, do filme *2001: uma odisséia no espaço*, de 1968.



The Formula (*A Fórmula*): Norbert Wiener lecionando na década de 50 no MIT. Boston, Massachusetts, EUA.



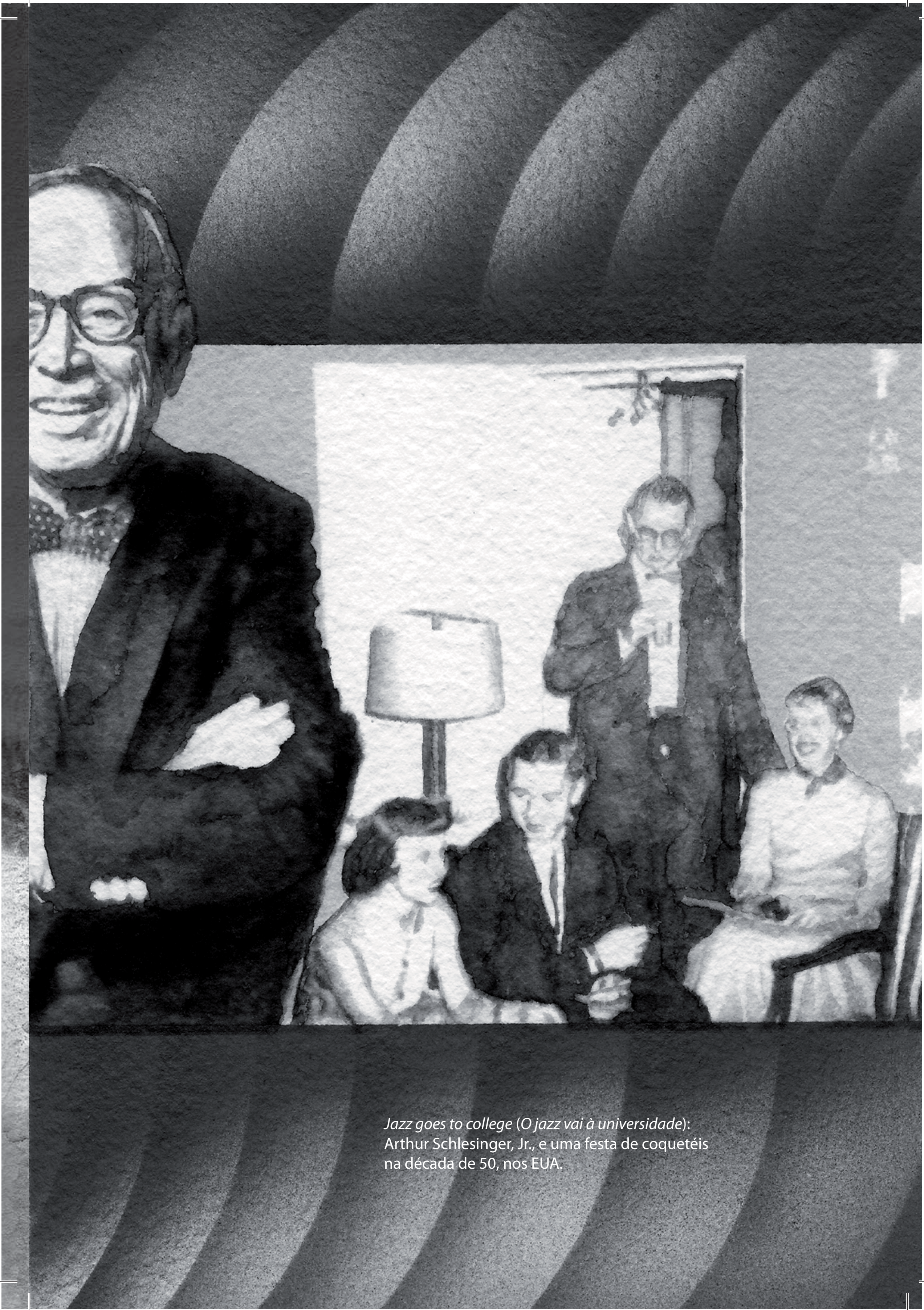
Working the system (*Trabalhando o sistema*): operadora de computador e um mainframe IBM System/360 (1964).



The Seer (*O Vidente*): Marshall McLuhan no espetáculo televisivo *The Dick Cavett Show*, ABC Television, EUA, 1970.



Upgraded (*Melhorado*): uma aeronave Lockheed Constellation sobrevoando Nova Iorque, EUA, 1950.



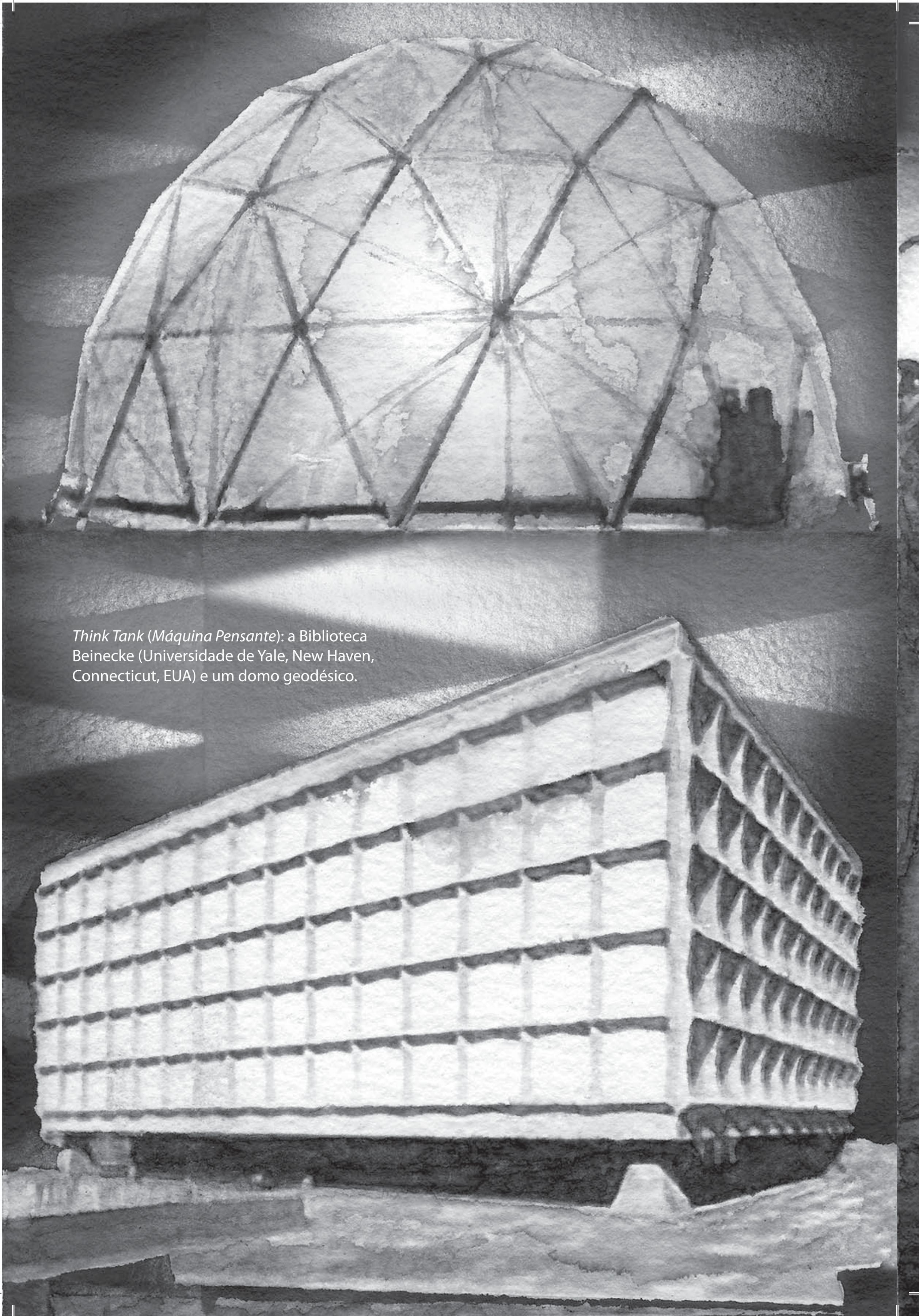
Jazz goes to college (*O jazz vai à universidade*): Arthur Schlesinger, Jr., e uma festa de coquetéis na década de 50, nos EUA.



Pin the cookie on the smile (*Alfinete o biscoito no sorriso*): uma dona-de-casa estadunidense e um fogão Tappen, de 1961.



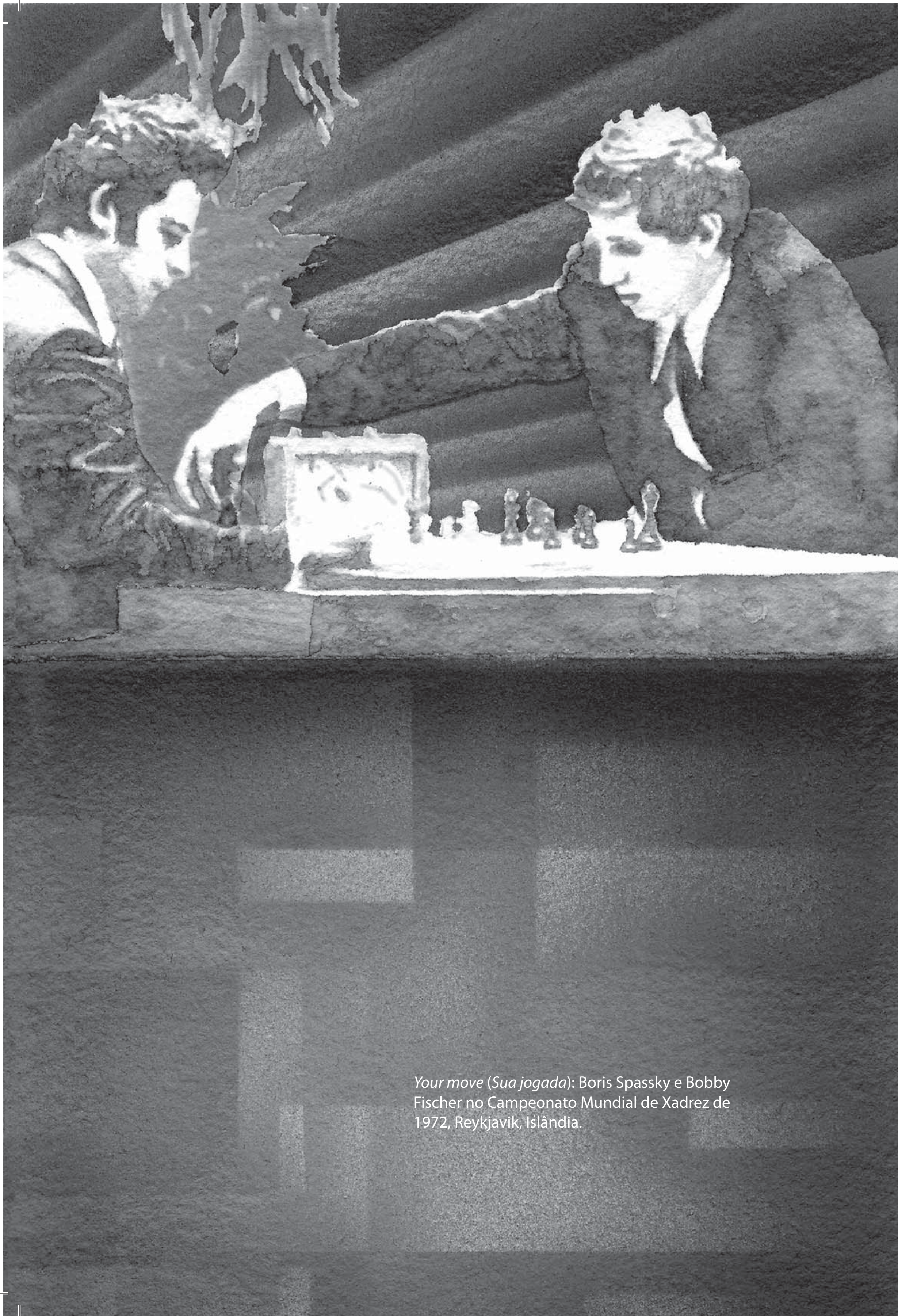
A Conscious organisation of human cooperation (*Uma organização consciente de cooperação humana*): Viktor Glushkov e colegas da Academia de Ciências Ucraniana. Kiev, Ucrânia, 1969.



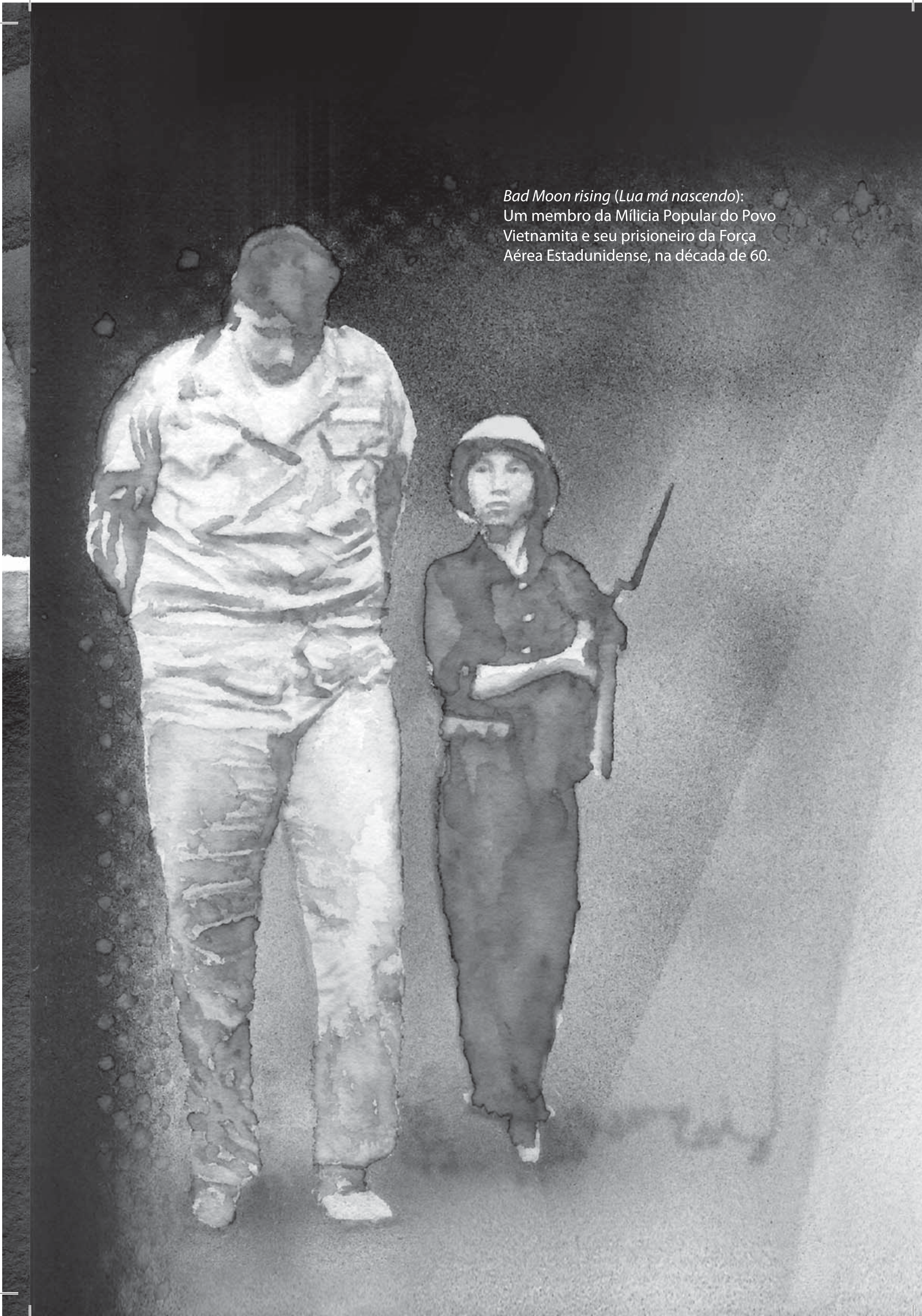
Think Tank (*Máquina Pensante*): a Biblioteca Beinecke (Universidade de Yale, New Haven, Connecticut, EUA) e um domo geodésico.



This is today (*Isto é hoje*): Mark Rothko e sua pintura de 1951 *Untitled (Violet, Black, Orange, Yellow on White and Red)*.



Your move (*Sua jogada*): Boris Spassky e Bobby Fischer no Campeonato Mundial de Xadrez de 1972, Reykjavik, Islândia.



Bad Moon rising (*Lua má nascendo*):
Um membro da Milícia Popular do Povo Vietnamita e seu prisioneiro da Força Aérea Estadunidense, na década de 60.



Give it up (*Ponha as mãos no ar*): dançarinos no sistema de som KCC. Carnaval de Notting Hill, Londres, Inglaterra, 1999.



Material labour (*Trabalho material*): Richard Barbrook no estúdio de Alex Veness, Londres, Inglaterra, 2006, e a Unisfera da Feira Mundial de Nova Iorque de 1964.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[Nota dos tradutores: alguns títulos indicados como referência pelo autor têm traduções para a língua portuguesa. Essas edições estão indicadas entre chaves logo após a referência original.]

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. *Dialectic of Enlightenment.* Londres: Verso, 1979. [*A Dialética do Esclarecimento.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985]

AGAR, Jon. *The Government Machine: a revolutionary history of the computer.* Cambridge-MA: MIT Press, 2003.

AGLIETTA, Michel. *A Theory of Capitalist Regulation: the US experience.* Londres: Verso, 1979.

ALDISS, Brian. *Billion Year Spree: the history of science fiction.* Londres: Weidenfield and Nicolson, 1973.

ALDRICH, Richard. *The Hidden Hand: Britain, America and Cold War secret intelligence.* Londres: John Murray, 2001.

ALIGICA, Paul. "Herman Kahn: founder, Hudson Institute". *Hudson Institute.* Disponível em: <www.hudson.org/learn/index.cfm?fuseaction=staff_bio&eid=HermanKah n>

ALTHUSSER, Louis. *For Marx.* Londres: Penguin, 1969.

ALTHUSSER, Louis. *Philosophy and the Spontaneous Philosophy of Scientists and other essays.* Londres: Verso, 1990. [*Filosofia e Filosofia Espontânea dos Cientistas.* Lisboa: Presença, 1976]

AMBROSE, Stephen. *Rise to Globalism: American foreign policy 1938-1970.* Londres: Penguin, 1971.

AMERICAN SOCIETY FOR CYBERNETICS. "Summary: The Macy Conferences". Disponível em: <www.asc-cybernetics.org/foundations/history/MacySummary.htm>.

ANDEREGG, Michael. *Inventing Vietnam: the war in film and television.* Filadélfia: Temple University Press, 1991.

ANDERSON, Andy. *Hungary '56.* Londres: Solidarity, 1964.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: reflections on the origin and spread of nationalism.* Londres: Verso, 1983.

ANDERSON, Perry. "The Antinomies of Antonio Gramsci". *New Left Review*, n. 100, pp. 5-78, nov./1976 – dez./1977. [*A Estratégia Revolucionária na Atualidade: as Antinomias de Gramsci.* São Paulo: Joruês, 1986]

ANTIWAR.COM. "The Abu Ghraib Prison Photos". Disponível em: <www.antiwar.com/news/?articleid=2444>.

ARISTÓTELES. *The Politics.* Londres: Penguin, 1962. [*A Política.* São Paulo: Martins Fontes, 1991]

ARMSTRONG, David. *A Trumpet to Arms: alternative media in America.* Boston-MA: South End Press, 1981.

ARON, Jacques. *Anthologie Bauhaus.* Bruxelas: Didier Devillez Éditeur, 1995.

ASIMOV, Isaac. *I, Robot.* Londres: Panther, 1968. [*Eu, Robô.* Rio de Janeiro: Expansão Brasileira, 1978]

ASIMOV, Isaac. *The Rest of the Robots.* Londres: Panther, 1968.

ATHANASIOU, Tom. "Artificial Intelligence: cleverly disguised politics". *In* SOLOMONIDES, Tony & LEVIDOW, L. (orgs.). *Compulsive Technology: computers as culture.* Londres: Free Association Books, 1985, pp. 13- 35.

AUERBACH, Jeffrey. *The Great Exhibition of 1851: a nation on display.* New Haven: Yale University Press, 1999.

BABBAGE, Charles. *Passages from the Life of a Philosopher.* Londres: Longman, 1864.

BABU, Mohamed. "Development Strategy – Revolutionary-style". *Journal of African Marxists*, n. 1, pp. 44-64, nov./1981.

BACEVICH, Andrew. *American Empire: the realities and consequences of U.S. diplomacy.* Cambridge -MA: Harvard University Press, 2002.

BAGEHOT, Walter. *The English Constitution.* Londres: Fontana, 1963. [*A Constituição Inglesa.* Conferir em: <http://www.librigratisterra.info/74686E676C3130/>]

BAHR, Hans-Dieter. "The Class Structure of Machinery: notes on the value form". *In* SLATER, Phil (org.). *Outlines of a Critique of Technology.* Londres: Ink Links, 1980, pp. 101-141.

BALFOUR, Frederik. "Vietnam Toddles into a Capitalist Future". *Business Week*, 25/07/2000, conferir em: <www.businessweek.com/print/dnflash/jul2000/nf00725b.htm?chan=db &>.

BALFOUR, Frederik. "Vietnam's Time is Running Out". *Business Week*, 01/12/2003, <www.businessweek.com/print/magazine/content/03_48/b3860054.htm ?chan=mz&>.

BANHAM, Reyner. *Theory and Design in the First Machine Age.* Londres: Butterworth, 1960. [*Teoria e projeto na primeira era da máquina.* São Paulo: Perspectiva, 1975]

BARAN, Paul. "On Distributed Communications". *Rand Corporation.* Disponível em: <www.rand.org/publicationsRM/RM3420/RM3420.preface.html>.

BARBROOK, Alec. *God Save the Commonwealth: an electoral history of Massachusetts.* Amerhurst: University of Massachusetts Press, 1973.

BARBROOK, Richard. *Media Freedom: the contradictions of communications in the age of modernity.* Londres: Pluto, 1995.

BARBROOK, Richard. “The Hi-Tech Gift Economy”. *In* NETTIME (org.). *Readme!: ASCII culture and the revenge of knowledge.* Nova York: Autonomedia, 1998, pp. 132-139; e *First Monday*, n. 12, vol. 3, 07/12/1998, disponível em: <www.firstmonday.dk/issues/issue3_12/barbrook/index.html>

BARBROOK, Richard. “The Regulation of Liberty: free speech, free trade and free gifts on the Net”. *Science as Culture*, vol. 11, n. 2, pp. 155-170, 2002.

BARBROOK, Richard. “The Napsterisation of Everything”. *Science as Culture*, vol. 11, n. 2, pp. 277-285, 2002.

BARBROOK, Richard & CAMERON, Andy. “The Californian Ideology”. *In* LUDLOW, Peter (org.), *Crypto Anarchy, Cyberstates and Pirate Utopias.* Cambridge -MA: MIT Press, 2001, pp. 363-387; e *Science as Culture*, n. 26, vol. 6, parte 1, pp. 44-72, 1996. [“A Ideologia Californiana”. Conferir em: <http://members.fortunecity.com/cibercultura/vol2/idcal.html>]

BARBROOK, Richard & SCHULTZ, Pit. “The Digital Artisans Manifesto”. *ZKP 4*, Ljubljana: nettime, pp. 52-53, 1997.

BARKER, John. *Frankenstein and the Chickenhawks.* Hastings: Christie Books, 2003.

BARLOW, John Perry. “A Declaration of Independence of Cyberspace”. *Electronic Frontier Foundation.* Disponível em: <homes.eff.org/~barlow/Declaration-Final.html>. [“Declaração de Independência do Ciberespaço”. Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=134&secao=espaco>]

BARLOW, Liz (produtor/diretor). “The Jet Set”. *Time Shift*, Londres: BBC, 2003.

BARNOUW, Erik. *A Tower in Babel: a history of broadcasting in the United States.* Vol. 1 (1933), Nova York: Oxford University Press, 1966.

BARNOUW, Erik. *The Image Empire: a history of broadcasting in the United States.* Vol. 3 (1953), Nova York: Oxford University Press, 1970.

BARTHES, Roland. “The Death of the Author”. *Image Music Text*, Londres: Fontana, pp. 142-148, 1977. [“A Morte do Autor”. In: *O Rumor da Língua.* Lisboa: Edições 70, 1987; http://www.facom.ufba.br/sala_de_aula/sala2/barthes1.html]

BARTON, Fred Barton Productions. “Robby the Robot Unofficial Website”. Disponível em: <www.the- robotman.com/rm_ov.html>.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulations*, Nova York: Semiotext(e), 1983. [*Simulacros e Simulação.* Lisboa: Relogio d’Água, 1991]

BAUDRILLARD, Jean. *La Gauche Divine: chronique des années 1977-1984.* Paris: Bernard Grasset, 1985.

BAUDRILLARD, Jean. *The Ecstasy of Communication.* Nova York: Semiotext(e), 1987.

BAUDRILLARD, Jean. *America*, Londres: Verso, 1988. [*América.* Rio de Janeiro: Rocco, 1986]

BAUDRILLARD, Jean. *The Gulf War Did Not Take Place.* Bloomington: Indiana University Press, 1995.

BECKETT, Andy. "Friends in High Places". *The Guardian Weekend*, 06/11/2004, pp. 36-45.

BELL, Daniel. *The End of Ideology: on the exhaustion of political ideas in the fifties.* Nova York: Free Press, 1962. [*O Fim da Ideologia.* Brasília-DF: UnB, 1961]

BELL, Daniel (org.). *The Radical Right.* Nova York: Doubleday, 1963.

BELL, Daniel (org.). *Towards the Year 2000: work in progress.* Boston-MA: Houghton Mifflin, 1968.

BELL, Daniel. "Notes on the Post-Industrial Society (I)". *Public Interest*, n. 6, pp. 24-35, inverno de 1967.

BELL, Daniel. "Notes on the Post-Industrial Society (II)". *Public Interest*, n. 7, pp. 102-118, primavera de 1968.

BELL, Daniel. *The coming of Post-Industrial Society: a venture in social forecasting.* Nova York: Basic Books, 1973. [*O advento da Sociedade Pós-Industrial: uma tentativa de previsão social.* São Paulo: Cultrix, 1977]

BELL, Daniel. *Sociological Journeys: essays 1960-1980.* Londres: Heinemann, 1980.

BELL, Daniel & AIKEN, Henry David. "Ideology – a Debate". *In* WAXMAN, Chaim (org.). *The End of Ideology Debate.* Nova York: Simon and Schuster, 1968, pp. 259-280.

BELL, Daniel & KRISTOL, Irving (org.). *Confrontation: the student rebellion and the universities.* Nova York: Basic Books, 1968.

BELL, James. "Exploring the 'Singularity'". Disponível em: <www.kurzweilai.net/meme/frame.html?main=/articles/art0584.html?m%3D1>.

BENIGER, James. *The Control Revolution: technological and economic origins of the information society.* Cambridge -MA: Harvard University Press, 1986.

BENJAMIN, Walter. "The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction". *Illuminations*, Londres: Fontana, 1973, pp. 211-244. ["A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica". *In* LIMA, Luiz Costa. *Teoria da Cultura de Massa.* São Paulo, Paz e Terra, 2000, pp. 221-258]

BENJAMIN, Walter. "The Paris of the Second Empire in Baudelaire". *In* _______. *Charles Baudelaire: a lyric poet in the era of high capitalism.* Londres:

Verso, 1973, pp. 9-106. [*Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo.* São Paulo: Brasiliense, 1989]

BENJAMIN, Walter. *The Arcades Project.* Cambridge -MA: Harvard University Press, 1999.

BERGER, Harold. *Science Fiction and the New Dark Age.* Bowling Green: Bowling Green Popular University Press, 1976.

BERKELEY, Edmund. *The Computer Revolution.* Nova York: Doubleday, 1962.

SESPA (Scientists and Engineers for Social and Political Action). *Science against the People: the story of Jason.* Berkeley-CA: SESPA, 1972.

BERLIN, Isaiah. *Four Essays on Liberty.* Oxford: Oxford University Press, 1969. [*Quatro Ensaios sobre a Liberdade.* Brasília: UnB, 1981]

BERMAN, Marshall. *All That is Solid Melts into Air: the experience of modernity.* Londres: Verso, 1983. [*Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: a aventura da modernidade.* São Paulo: Cia. das Letras, 1995]

BERNERS-LEE, Tim & FISCHETTI, Mark. *Weaving the Web: the past, present and future of the World Wide Web by its inventor.* Londres: Orion Business, 1999.

BERNSTEIN, Irving. *Guns or Butter: the presidency of Lyndon Johnson.* Oxford: Oxford University Press, 1996.

BERRY, Christopher. *Social Theory of the Scottish Enlightenment.* Edinburgh: Edinburgh University Press, 1997.

BINDER, Leonard. "Ideology and Development". *In* WEINER, Myron (org.). *Modernisation: the dynamics of growth.* Nova York: Basic Books, 1966, pp. 192-204. [Ver WEINER, M. (org.). *Dinâmica do Desenvolvimento Econômico.* Rio de Janeiro: Fórum Editora, 1969]

BISKIND, Peter. *Easy Riders, Raging Bulls: how the sex 'n' drugs 'n' rock 'n' roll generation saved Hollywood.* Londres: Bloomsbury, 1998.

BLOOMFIELD, John. *Passive Revolution: politics and the Czechoslovak working class 1945-1948.* Londres: Allison & Busby, 1979.

BLUM, William. *Killing Hope: US military and CIA interventions since World War II.* Londres: Zed Books, 2003.

BLUMENBERG, Werner. *Karl Marx: an illustrated history.* Londres: Verso, 1998.

BOEING HISTORICAL ARCHIVES. *Year by Year: 75 years of Boeing history 1916-1991.* Seattle: Boeing Historical Archives, 1991.

BOORSTIN, Daniel. *The National Experience: the Americans - Volume 2.* Londres: Penguin, 1965. [*Os Americanos: a experiência nacional.* Lisboa: Gradiva, 1999]

BORSOOK, Paulina. *Cyberselfish: a critical romp through the terribly, libertarian world of high tech.* Londres: Little Brown, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *Photography: a middle-brow art.* Cambridge: Polity Press, 1990.

BOURDON, Jérôme. *Histoire de la Télévision sous de Gaulle.* Paris: Anthropos/INA, 1990.

BOWLT, John E. (org.). *Russian Art of the Avant-Garde: theory and criticism.* Londres: Thames & Hudson, 1976.

BRAIBANTI, Ralph. "Administrative Modernisation". *In* WEINER, M. (org.). *Modernisation: the dynamics of growth.* Nova York: Basic Books, 1966, pp. 166-180. [Ver WEINER, M. (org.). *Dinâmica do Desenvolvimento Econômico.* Rio de Janeiro: Fórum Editora, 1969]

BRAIN, Robert. *Going to the Fair: readings in the culture of nineteenth-century exhibitions.* Cambridge: Whipple Museum of the History of Science, 1993.

BRAUDEL, Fernand. *The Wheels of Commerce: civilisation & capitalism 15th - 18th century.* Vol. II. Londres: Fontana, 1985. [*Civilização Material, Economia e Capitalismo – séculos XV-XVIII.* Vol. II. São Paulo: Martins Fontes, 1997]

BRAVERMAN, Harry. *Labour and Monopoly Capital: the degradation of work in the twentieth century.* Nova York: Monthly Review Press, 1974. [*Trabalho e Capital Monopolista: a degradação do trabalho no século XX.* Rio de Janeiro: Zahar, 1977]

BRENNER, Robert. *The Boom and the Bubble: the US in the world economy.* Londres: Verso, 2002. [*O Boom e a Bolha: os Estados Unidos na economia mundial.* Rio de Janeiro: Record, 2003]

BROWN, Ronald; IRVING, Larry; PRABHAKAR, Arati & KATZEN, Sally. "The Global Information Infrastructure: agenda for cooperation". *US Department of Commerce*, 1994, disponível em: <www.ntia.doc.gov/reports/giiagend.html#New%20World>.

BROWNING, John. "EuroTechnoPork". *Wired*, 1.2, pp. 82-85, maio-jun./1993.

BRZEZINSKI, Zbigniew. "America in the Technetronic Age: new questions of our time". *Encounter*, pp. 16-26, jan./1968

BRZEZINSKI, Zbigniew. *Between Two Ages: America's role in the technetronic era.* Nova York: Viking Press, 1970. [*Entre Duas Eras: América, laboratório do mundo.* Rio de Janeiro: Artenova, 1971]

BUCK-MORSS, Susan. *Dreamworld and Catastrophe: the passing of mass utopia in East and West.* Cambridge -MA: MIT Press, 2000.

BUKHARIN, Nikolai. *Economics of the Transformation Period.* Nova York: Bergman, 1971.

BUKHARIN, Nikolai. *Economic Theory of the Leisure Class.* Nova York: Monthly Review Press, 1972.

BUKHARIN, Nikholai & PREOBRAZHENSKY, Eugeni. *The ABC of Communism.* Londres: Penguin, 1969. [*ABC do comunismo.* Rio de Janeiro: Melso, 1963; *O ABC do comunismo.* Coimbra: Centelha, 1974]

BURBACH, Roger & TARBELL. Jim, *Imperial Overstretch: George W Bush and the hubris of empire.* Londres: Zed, 2004.

BURNHAM, James. *The Machiavellians: defenders of freedom.* Londres: Putnam, 1943.

BURNHAM, James. *The Managerial Revolution.* Londres: Penguin, 1945.

BURNHAM, James. *The Struggle for the World.* Nova York: John Day, 1947. [*A Luta pelo Mundo.* Rio de Janeiro: A Noite, 1948]

BURNHAM, James. *The Coming Defeat of Communism.* Nova York: John Day, 1949.

BURNHAM, James. "Letter of Resignation of James Burnham from the Workers'Party". *In* TROTSKY, Leon. *In Defence of Marxism.* Londres: New Park, 1975, pp. 257-263.

BURNS, Ric; SANDERS, James & ADES, Lisa. *Nova York: an illustrated history.* Nova York: Alfred A. Knopf, 1999.

BUSH, George W. "The National Security Strategy of the United States of America". 17/09/2002, conferir em <www.whitehouse.gov/nsc/nssall.html>.

BT. "A Glimpse of Future Life (advertising promotion)". *The Observer Technology Magazine*, n. 1, pp. 26-27, jul./2005.

BUTTERFIELD, Herbert. *The Whig Interpretation of History.* Londres: G. Bell, 1931.

BYERS, Thomas. "Commodity Futures. *In* KUHN, Annette (org.). *Alien Culture: cultural theory and contemporary science fiction.* Londres: Verso, 1990, pp. 39-50.

CAIN, P.J. & HOPKINS, A.G. *British Imperialism: innovation and expansion 1688-1914.* Londres: Longman, 1993.

CAMERON, James (diretor). *The Terminator.* MGM/United Artists, 1984.

CAMPBELL, Duncan. "Echelon and its role in COMINT". *Telepolis*, 27/05/2001, disponível em: <www.heise.de/tp/r4/html/result.xhtml?url=/tp/r4/artikel/7/7747/1.html>.

CAMPBELL, Duncan. "COMINT Impact on International Trade". *Telepolis*, 27/05/2001, disponível em: <www.heise.de/tp/r4/html/result.xhtml?url=/tp/r4/artikel/7/7752/1.html>.

CAMPBELL, Duncan. "COMINT, Privacy and Human Rights". *Telepolis*, 27/05/2001, disponível em: <www.heise.de/tp/r4/html/result.xhtml?url=/tp/r4/artikel/7/7748/1.html>.

CANJUERS, Pierre & DEBORD, Guy. "Preliminaries toward Defining a Unitary Revolutionary Programme". *In* KNABB, Ken (org.). *Situationist International Anthology.* Berkeley: Bureau of Public Secrets, 1981, pp. 305-310.

CANNON, James. *Socialism on Trial: the official court record of James P. Cannon's testimony in the famous Minneapolis "sedition" trial.* Nova York: Pioneer Publishers, 1942.

CANNON, James. *The History of American Trotskyism 1928-1938: report of a participant.* Nova York: Pathfinder, 1944.

CARRADINE, David. "The Context, Performance and Meaning of Ritual". *In* HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs.). *The Invention of Tradition.* Cambridge: Cambridge University Press, 1983, pp. 101-164. ["Contexto, Execução e Significado do Ritual: a monarquia britânica e a 'invenção da tradição' – 1820-1977". *In* HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs.), *A invenção das tradições.* São Paulo: Paz e Terra, 1997]

CARROLL, Lewis. *Through the Looking Glass.* Londres: Pan Books, 1947. [*Alice do outro lado do espelho.* Lisboa: Estampa, 1987; *Alice no País do Espelho.* São Paulo: L&PM]

CARSON, Michael. "David Dellinger" (necrologia). *The Guardian*, 28/05/2004, p. 29.

CARTER, Joseph. "Bureaucratic Collectivism". *In* MATGAMNA, Sean (org.). *The Fate of the Russian Revolution: lost texts of critical Marxism - Volume 1.* Londres: Phoenix Press, 1998, pp. 294-299.

CASSIDY, John. *Dot.con: the greatest story ever sold.* Londres: Penguin, 2002.

CASTELLS, Manuel. *The Rise of the Network Society: the information age – economy, society and culture - Volume 1.* Oxford: Blackwell, 1996. [*Sociedade em Rede.* São Paulo: Paz e Terra, 1999]

CASTELLS, Manuel. *The Power of Identity: the information age – economy, society and culture - Volume 2.* Oxford: Blackwell, 1997. [*O Poder da Identidade.* São Paulo: Paz e Terra, 2000]

CASTELLS, Manuel. *End of Millennium: the information age – economy, society and culture - Volume 3.* Oxford: Blackwell, 1998. [*Fim do Milênio.* São Paulo: Paz e Terra, 1999]

CBS. *The Vietnam War: courage under fire*. Harrow: DD Video, 2000.

CBS. *The Vietnam War: the end of the road*. Harrow: DD Video, 2000.

CERUZZI, Paul, *A History of Modern Computing*, MIT Press, Cambridge -MA, 2003.

CHAPPELL, Urso. "Expomuseum: World's Fair history, architecture and memorabilia". Disponível em: <expomuseum.com>.

CHOMSKY, Noam. *American Power and the New Mandarins.* Londres: Penguin, 1969.

CHOMSKY, Noam. *For Reasons of State.* Nova York: New Press, 2003.

CHURCHILL, Winston. *Never Give In!: the best of Winston Churchill's speeches.* Londres: Pimlico, 2004.

COASE, R.H. "The Nature of the Firm". *In* _________. *The Firm, the Market and the Law.* Chicago: University of Chicago Press, 1988, pp. 33-55.

COCROFT, Wayne & THOMAS, Roger. *Cold War.* Swindon: English Heritage, 2003.

COHEN-COLE, Jamie. *Thinking about Thinking in Cold War America.* Ph.D thesis - Princeton University, 2003.

COHN-BENDIT, Daniel & COHN-BENDIT, Gabriel. *Obsolete Communism: the left-wing alternative.* Londres: Penguin, 1969.

COLLEY, Linda. *Britons: forging the nation 1707-1837.* Londres: Pimlico, 1994.

COLLIN, Claude. *Ondes de Choc: de l'usage de la radio en temps de lutte.* Paris: Éditions l'Hartmattan, 1982.

COMMISSION OF THE EUROPEAN COMMUNITIES. "Commission Launches Five-Year Strategy to Boost the Digital Economy". 01/06/2005, diponível em: <europa.eu.int/rapid/pressReleasesAction.do?reference=IP/05/643&format=HTML&aged=0&language=EN&guiLanguage=en>.

COMMISSION OF THE EUROPEAN COMMUNITIES. "Challenges for the European Information Society beyond 2005". 19/11/2005, disponível em: <europa.eu.int/information_society/eeurope/i2010/docs/new_chall_en_adopted.pdf>.

COMPUTER PEOPLE FOR PEACE. *The Technological Warlords.* Nova York: CPP Booklet, 1971.

CONNON, Heather. "The Boom is Back: US dotcom shares are soaring again". *The Observer - Business Focus,* Inglaterra, p. 3, 17/07/2005.

CONWAY, Flo & SIEGELMAN. Jim, *Dark Hero of the Information Age: in search of Norbert Wiener father of cybernetics.* Nova York: Basic Books, 2005.

COPELAND, B. Jack. "Computable Numbers: a guide". *In* TURING, Alan. *The Essential Turing: seminal writings in computing, logic, philosophy, artificial intelligence and artificial life plus the secrets of the Enigma.* Oxford: Oxford University Press, 2004, pp. 5-57.

COPELAND, B. Jack. "Enigma". *In* TURING, Alan. *The Essential Turing: seminal writings in computing, logic, philosophy, artificial intelligence and artificial life plus the secrets of the Enigma.* Oxford: Oxford University Press, 2004, pp. 217-264.

COSMATOS, George (diretor). *Rambo: First Blood Part II.* Tri-Star Pictures, 1985.

CPSU. *The Programme of the Communist Party of the Soviet Union.* Londres: Soviet Booklet, 1961.

CROSLAND, Anthony. *The Future of Socialism.* Londres: Jonathan Cape, 1956.

CROSSMAN, Richard (org.). *The God That Failed: six studies in communism.* Londres: Hamish Hamilton, 1950.

CUMINGS, Bruce. “Boundary Displacement: Area Studies and International Studies during and after the Cold War”. *In* SIMPSON, Christopher (org.). *Universities and Empire: money and politics in the social sciences during the Cold War.* Nova York: New Press, 1998, pp. 159-188.

DALLEK, Robert. *John F. Kennedy: an unfinished life 1917-1963.* Londres: Penguin Books, 2003.

DAWOOD, N.J. (tradutor). *Tales from The Thousand and One Nights.* Londres: Penguin Books, 1973.

DAWOOD, Erik. *TechGnosis: myth, magic and mysticism in the age of information.* Londres: Serpent’s Tail, 1999.

DAVIS, Lance; HUGHES, J.R.T. & REITER, Stanley. “Econometrics”. *In* SAVETH, Edward (org.). *American History and the Social Sciences.* Nova York: Free Press, 1964, pp. 449-457.

DAVIS, Mike. *Prisoners of the American Dream.* Londres: Verso, 1986.

DAY, Richard. *The ‘Crisis’ and the ‘Crash’: soviet studies of the West (1917-1939).* Londres: New Left Books, 1981.

DEBORD, Guy. *Society of the Spectacle.* Detroit: Black & Red, 1983. [*A Sociedade do Espetáculo.* Rio de Janeiro: Contraponto, 1997]

DEBRAY, Regis. *Revolution in the Revolution?: armed struggle and political struggle in Latin America.* Londres: Penguin, 1968. [*A Revolução na Revolução.* São Paulo: Centro Editorial Latino-Americano, 1977]

TYSON, Neil deGrasse. “Unisphere”. *Natural History Magazine*, disponível em: <www.naturalhistorymag.com/city_of_stars/05_unisphere.html>.

DEFLEUR, Melvin. *Theories of Mass Communication.* Nova York: David McKay, 1970. [*Teorias da Comunicação de Massa*. Tradução: Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993]

DELAMARTER, Richard Thomas. *Big Blue: IBM’s use and abuse of power.* Londres: Pan, 1986.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche & Philosophy.* Londres: Athlone Press, 1983.

DELEUZE, Gilles. *Difference & Repetition.* Londres: Athlone Press, 1994. [*Diferença e Repetição.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006]

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *A Thousand Plateaus: capitalism and schizophrenia.* Londres: Athlone, 1988. [*Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.* São Paulo: Ed. 34, 1997]

DEPARTMENTS OF STATE AND DEFENCE. "NSC-688". *In* CHAFE, William; SITKOFF, Harvard & BAILEY, Beth (orgs.). *A History of our Time: readings on postwar America.* Oxford: Oxford University Press, 1999, pp. 23-27.

DESAI, Meghnad. *Marx's Revenge: the resurgence of capitalism and the death of statist socialism.* Londres: Verso, 2002. [*A Vingança de Marx: a ressurgência do capitalismo e a morte do socialismo estatal.* São Paulo: Codex, 2003]

DICKSON, Paul. *The Electronic Battlefield.* Londres: Marion Boyars, 1977.

DIMITROV, Georgi. *Collected Works - Volume 3.* Sofia: Sofia Press, 1978. [*Obras Escolhidas.* Lisboa: Editorial Estampa, 1976]

DONNER, Frank. *The Un-Americans.* Nova York: Ballantine Books, 1961.

DOWNING, John. *Radical Media: the political experience of alternative communication.* Nova York: South End Press, 1984. [*Midia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais.* São Paulo: SENAC, 2002]

DYSON, Esther. *Release 2.0: a design for living in the digital age.* Londres: Viking, 1997.

EAMES, Charles & Ray. *A Computer Perspective: a sequence of 20th century ideas, events and artefacts from the history of the information machine.* Cambridge -MA: Harvard University Press, 1973.

EASTON, Tom. "The British-American Project for the Successor Generation". *Lobster*, n. 33, pp. 10-14.

EASTON, Tom. "Tittle-tattle: the British-American Project and the war on Iraq". *Lobster*, n. 45, pp. 13-15.

ECO, Umberto. "A Theory of Expositions". *In* _________. *Travels in Hyper-Reality.* Londres: Picador, 1987, pp. 291-307. [*Viagem na Irrealidade Cotidiana.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987]

EDITORS of Time-Life Books. *Official Guide: Nova York World's Fair 1964/5. Time-Life Books*, Nova York, 1964.

EDITORS of Time-Life Books. *Official Souvenir Book: Nova York World's Fair 1964/5. Time-Life Books*, Nova York, 1964.

EDWARDS, Paul. *The Closed World: computers and the politics of discourse in Cold War America.* Cambridge -MA: MIT Press, 1996.

ELLSBERG, Daniel. *Secrets: a memoir of Vietnam and the Pentagon Papers.* Londres: Penguin, 2003.

Encyclopedia Astronautica. "Valentina Tereshkova". Disponível em: <www.astronautix.com/astros/terhkova.htm>.

ENGELHARDT, Tom. "Ambush at Kamikaze Pass". *In* LAZERE, Donald (org.). *American Media and Mass Culture: left perspectives.* Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1987, pp. 480-498.

ENGELHARDT, Tom. "The Return of the Body Count". *Mother Jones*, 23/05/2005, disponível em: <motherjones.com/commentary/columns/2005/05/body-count.html>.

ERICSON, David. *The Shaping of American Liberalism: the debates over ratification, nullification and slavery.* Chicago: University of Chicago Press, 1993.

EVANS, Grant & ROWLEY, Kelvin. *Red Brotherhood at War: Indochina since the fall of Saigon.* Londres: Verso, 1984.

EWEN, Stuart. *The Captains of Consciousness: advertising and the social roots of the consumer culture.* Nova York: McGraw-Hill, 1976.

FAIRBAIRN, Geoffrey. *Revolutionary Guerrilla Warfare: the countryside version.* Londres: Penguin, 1974.

FARREN, Mick & BARKER, Edward. *Watch Out Kids.* Londres: Open Gate Books, 1972.

FAYOL, Henri. "General Principles of Management". *In* PUGH, D.S. (org.). *Organisation Theory.* Londres: Penguin, 1971, pp. 101-123.

FEJTÖ, François. *A History of the People's Democracies: Eastern Europe since Stalin.* Londres: Penguin, 1974. [*As Democracias Populares.* Lisboa: Europa-América, 1969]

FERGUSON, Adam. *An Essay on the History of Civil Society.* Edinburgh: Edinburgh University Press, 1966.

FERGUSON, Niall. *Colossus: the rise and fall of the American empire.* Londres: Penguin, 2004.

FINKELSTEIN, Sidney. *Sense & Nonsense of McLuhan.* Nova York: International Publishers, 1968. [*MacLuhan: a filosofia da insensatez.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969]

FORD, John F., "Soviet Cybernetics and International Development". *In* DECHERT, Charles (org.). *The Social Impact of Cybernetics.* Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1966, pp. 161-192. [*O Impacto Social da Cibernética.* Rio de Janeiro: Block, 1970]

FORD, Henry & CROWTHER, Samuel. *My Life and Work.* Londres: William Heinemann, 1922. [*Os Princípios da Prosperidade.* Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1964]

FORGÁCS, Éva. *The Bauhaus Idea and Bauhaus Politics.* Budapest: Central European University Press, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Discipline and Punish: the birth of the prison.* Londres: Penguin, 1977. [*Vigiar e Punir: o nascimento da prisão.* Petrópolis: Vozes, 1977]

FRAKES, Jonathan (diretor). *Star Trek: First Contact.* Paramount, 1996.

FREEMAN, Chris & SOETE, Luc. *The Economics of Industrial Innovation.* Londres: Pinter, 1997.

FRIEDMAN, Thomas. *The Lexus and the Olive Tree: understanding globalisation.* Nova York: Farrar Straus Giroux, 1999. [*O Lexus e a Oliveira.* Rio de Janeiro: Objetiva, 1999]

FRYER, Peter. *Hungarian Tragedy.* Londres: New Park Publications, 1986.

FUKUYAMA, Francis. *The End of History and the Last Man.* Londres: Penguin, 1992. [*O Fim da História e o Último Homem.* Rio de Janeiro: Rocco, 1992]

GALBRAITH, John Kenneth. *The Great Crash 1929.* Londres: Penguin, 1961. [*O Colapso da Bolsa, 1929.* São Paulo: Pioneira, 1988]

GALBRAITH, John Kenneth. *The New Industrial State.* Londres: Penguin, 1969. [*O Novo Estado Industrial.* São Paulo: Pioneira, 1983]

GALBRAITH, John Kenneth. *The Affluent Society.* Londres: Penguin, 1970. [*A Sociedade Afluente.* Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972]

GASTIL. Raymond. "Political and Social Aspects of the Vietnamese Conflict". *In* ARMBRUSTER, Frank; GASTIL, Raymond; KAHN, Herman; PFAFF, William & STILLMAN, Edmund (orgs.). *Can We Win in Vietnam?: the American dilemma.* Londres: Pall Mall, 1968, pp. 64-91.

GERASSI, John. *The Great Fear in Latin America.* Nova York: Collier, 1965. [*A Invasão da América Latina.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965]

GEROVITCH, Slava. *From Newspeak to Cyberspeak: a history of Soviet cybernetics.* Cambridge-MA: MIT Press, 2002.

GHABRA, Shafeeq. "Democracy for the Arab World". *American Enterprise Institute for Public Policy Research*, 21/10/2002, disponível em: <www.aei.org/eventsummary835>.

GHOSH, Rishab. "Cooking Pot Markets: an economic model for the trade in free goods and services on the Internet". *First Monday*, n. 3, vol. 3, 02/03/1998, disponível em: <www.firstmonday.org/issues/issue3_3/ghosh>.

GIAP, Vo Nguyen. *National Liberation War in Vietnam.* Hanoi: Foreign Languages Publishing House, 1971.

GIBSON, William. "The Gernsback Continuum". *In* STERLING, Bruce (org.). *Mirrorshades: the cyberpunk anthology.* Londres: Paladin, 1986, pp. 1-11.

GIDDENS, Anthony. *The Third Way: the renewal of social democracy.* Cambridge: Polity, 1998. [*A Terceira Via.* São Paulo: Record, 2000]

GILDER, George. *Wealth and Poverty.* São Francisco: Institute for Contemporary Studies, 1993.

GILDER, George. *Life After Television: the coming transformation of media and American life.* Nova York: W.W. Norton, 1992. [*A Vida Após a Televisão.* Rio de Janeiro: Ediouro, 1996]

GITLIN, Todd. "Television's Screens: hegemony in transition". *In* LAZERE, Donald (org.). *American Media and Mass Culture: Left perspectives.* Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1987, pp. 240-265.

GLAZER, Nathan. "Neoconservative from the Start". *The Public Interest*, Spring, 2005, disponível em: <www.thepublicinterest.com/current/article2.html>.

GLOVER, Daniel. "Telstar". *NASA Experimental Communications Satellites*, disponível em: <roland.lerc.nasa.gov/~dglover/sat/telstar.htm>.

GOLOMSTOCK, Igor. *Totalitarian Art in the Soviet Union, the Third Reich, Fascist Italy and the People's Republic of China.* Londres: Collins Harvill, 1990.

GOLBY, J.M. & PURDUE, A.W.. *The Civilisation of the Crowd: popular culture in England 1750-1900.* Londres: Batsford, 1984.

GORE, Al. "Speech delivered at Information Superhighway Summit at UCLA". 01/01/1994, disponível em: <www.uibk.ac.at/sci-org/voeb/texte/vor9401.html>.

GRAHEM, Loren. *Science, Philosophy and Human Behaviour in the Soviet Union.* Nova York: Columbia University Press, 1987.

GRAMSCI, Antonio. *Selections From the Prison Notebooks.* Londres: Lawrence and Wishart, 1973. [*Cadernos do Cárcere.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000-2002]

GRAY, Chris Hables. "Perpetual Revolution in Military Affairs, International Security and Information". *In* LATHAM, Robert (org.). *Bombs and Bandwidth: the emerging relationship between information technology and security.* Nova York: New Press, 2003, pp. 199-212.

GREENBERG, Clement. *Art and Culture: critical essays.* Boston -MA: Beacon Press, 2004. [*Arte e Cultura.* São Paulo: Ática, 1996]

GRIFFITHS, John. *Three Tomorrows: American, British and Soviet science fiction.* Londres: Macmillan, 1980.

GUATTARI, Félix. "Les Radios Libres Populaires". *In* DEFRANCE, P. (org.). *De la Necessité Socio-culturelle de l'Existence de Radios Libres.* Lille: IUT Carriéres Sociales Animateurs Socio-culturels Université de Lille, 1979, pp. 159-160. [Ver ________ & ROLNIK, Suely. *Micropolítica, cartografias do desejo.* Petrópolis: Vozes, 1986]

GUATTARI, Félix. "Millions and Millions of Potential Alices". *In* ________. *Molecular Revolution: psychiatry and politics.* Londres: Penguin, 1984, pp. 236-241. [*A Revolução Molecular.* São Paulo: Brasiliense, 1981]

GUATTARI, Félix & NEGRI, Toni. *Communists Like Us: new spaces of liberty, new lines of alliance.* Nova York: Semiotext(e), 1990. [*Os novos espaços da liberdade.* Coimbra: Centelha, 1987]

GUEVARA, Che. *Bolivian Diary.* Londres: Jonathan Cape/Lorrimer, 1968. [*Diário da Guerrilha Boliviana.* São Paulo: Edições Populares, 1982]

GUEVARA, Che. *Guerrilla Warfare.* Londres: Penguin, 1969. [*Guerrilha.* São Paulo: Base, 1968]

GUILBAUT, Serge. *How Nova York Stole the Idea of Modern Art: Abstract Expressionism, freedom and the Cold War.* Chicago: University of Chicago Press, 1983.

Andre Gundar Frank. "Imperialism: the case of Brazil". *Monthly Review*, n. 5, vol. 16, pp. 284-297, set./1964.

FRANK, Andre Gunder. *Capitalism and Underdevelopment in Latin America: historical studies of Chile and Brazil.* Nova York: Monthly Review, 1969.

FRANK, Andre Gunder. *Sociology of Development and Underdevelopment of Sociology.* Londres: Pluto Press, 1971.

HAFNER, Katie & LYON, Matthew. *Where Wizards Stay Up Late: the origins of the Internet.* Nova York: Touchstone, 1996.

HALBERSTAM, David. *The Best and the Brightest.* Nova York: Random House, 1969.

HALIMI, Serge. *Sisyphus est Fatigué: les échecs de la gauche au pouvoir.* Paris: Robert Laffont, 1993.

HAMILTON, Alexander. James Madison & John Jay. *The Federalist.* Middletown: Wesleyan University Press, 1961. [*O Federalista.* Brasília: Ed. Univ. de Brasília, 1984]

HARAWAY, Donna. "A Cyborg Manifesto: science, technology and socialist-feminism in the late twentieth century". *In* ________. *Simians, Cyborgs and Women: the reinvention of nature.* Londres: Free Association Books, 1991, pp. 149-181. ["Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX". *In* _______ & KUNZRU, Hari. *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano.* Belo Horizonte: Autêntica, 2000]

HARRIS, Nigel. *The End of the Third World: newly industrialising countries and the decline of an ideology.* Londres: Penguin, 1987.

HART, Jeffrey. "Yesterday's America of Tomorrow". *Commentary*, n. 80, julho/1985, pp. 62-65.

HARVEY, Frank. *Air War – Vietnam.* Nova York: Bantam, 1967.

HASS, Richard. "Towards Greater Democracy in the Muslim World". *Council on Foreign Relations*, 04/12/2002, disponível em: <www.cfr.org/publication.html?id=5283>.

HAUBEN, Ronda. "Creating the Needed Interface". *Telepolis*, 25/07/1999, disponível em: <www.heise.de/tp/english/inhalt/5106/2.html>.

HAUBEN, Michael & HAUBEN, Ronda. *Netizens: on the history and impact of Usenet and the Internet.* Los Alamitos: IEEE Computer Society Press, 1997.

HAYEK, F. A. *The Road to Serfdom.* Londres: Routledge, 1944. [*O Caminho da Servidão.* Rio de Janeiro: Globo, 1977]

HAYES, Dennis. *Behind the Silicon Curtain: the seductions of work in a lonely era.* Londres: Free Association Books, 1989.

HAYES, Dennis. "Sil.Val: the chips of our lives". *In* CARLSSON, Chris & LEGER, Mark (orgs.). *Bad Attitude: the Processed World anthology.* Londres: Verso, 1990, pp. 149-158.

HEIMS, Steve. *John von Neumann and Norbert Wiener: from mathematics to the technologies of life and death.* Cambridge -MA: MIT Press, 1980.

HEIMS, Steve. *The Cybernetics Group.* Cambridge -MA: MIT Press, 1991.

HERR, Michael. *Dispatches.* Londres: Picador, 1978.

HERRING, George. "9/11/05: the end of the Vietnam syndrome?". Disponível em: <highered.mcgraw-hill.com/sites/dl/free/0072417552/26324/herringsyndrome.pdf>.

HILFERDING, Rudolf. "State Capitalism or Totalitarian State Economy?". *Modern Review*, n. 4, vol. 1, 1947, pp. 266-271.

HILFERDING, Rudolf. "Böhm-Bawerk's Criticism of Marx". *In* BÖHM-BAWERK, Eugen von. *Karl Marx & the Close of his System.* Filadélfia: Orion Editions, 1984, pp. 119-221.

HILTON, Suzann. *Here Today and Gone Tomorrow: the story of world's fairs and expositions.* Filadélfia: Westminster Press, 1978.

HINCKLE, Warren. "Marshall McLuhan: the kind of guy he was". *Rolling Stone*, 05/03/1981, pp. 9, 13.

HITCHENS, Christopher. *Blood, Class and Nostalgia: Anglo-American ironies.* Londres: Vintage, 1990.

HOBSBAWM, Eric. *Industry and Empire: an economic history of Britain since 1750.* Londres: Penguin, 1968.

HOBSBAWM, Eric. *The Age of Revolution.* Londres: Cardinal, 1973. [*A Era das Revoluções 1789-1848.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979]

HOBSBAWM, Eric. "The Invention of Tradition". *In* ________ & RANGER, Terence (orgs.). *The Invention of Tradition.* Cambridge: Cambridge University Press, 1983, pp. 1-14. ["A Invenção das Tradições". *In* ______ & RANGER. *A invenção das tradições.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, pp. 9-24]

HOBSBAWM, Eric. *Age of Extremes: the short twentieth century 1914-1991.* Londres: Abacus, 1994. [*A Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991.* São Paulo: Cia. das Letras, 1995]

HOBSBAWM, Eric. "America's Neo-conservative World Supremacists Will Fail". *The Guardian*, 25/06/2005, p. 24.

HOBSON, J.A. *Imperialism: a study.* Londres: George Allen & Unwin, 1902.

HODGES, Andrew. *Alan Turing: the enigma.* Londres: Vintage, 1992. [*Turing: um filósofo da natureza.* São Paulo: UNESP, 2001]

HODGSON, Geoffrey. "Walt Rostow" (obtuary). *The Guardian*, 17/02/2003, p. 24.

HOFFMAN, Abbie. *Woodstock Nation: a talk-rock album.* Nova York: Vintage, 1969.

HOFSTADTER, Richard. *The American Political Tradition – and the men who made it.* Nova York: Vintage Books, 1948.

HOFSTADTER, Richard. *Anti-Intellectualism in American Life.* Nova York: Vintage Books, 1962. [*O Antiintelectualismo nos Estados Unidos.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967]

HOFSTADTER, Richard. "Status Politics". *In* SAVETH, Edward (org.). *American History and the Social Sciences.* Nova York: Free Press, 1964, pp. 190-195.

HOMAN, Lynn & REILLY, Thomas. *Pan Am: images of aviation.* Londres: Arcadia, 2000.

HONDA. "Asimo: world's most advanced humanoid robot". disponível em: <world.honda.com/ASIMO>.

HOPKIRK, Peter. *The Great Game: on secret service in High Asia.* Oxford: Oxford University Press, 1991.

HOROWITZ, Irving Louis. *The War Game: studies of the new civilian militarists.* Nova York: Ballantine, 1963.

HOROWITZ, Irving Louis. *Ideology and Utopia in the United States 1956-1976.* Nova York: Oxford University Press, 1977.

HORNE, Donald. *The Great Museum.* Londres: Pluto Press, 1984.

HOWE, Irving. *Steady Work: essays in the politics of democratic radicalism 1953-1966.* Nova York: Harvest, 1966.

HUGHES-WILSON, John. *Military Intelligence Blunders and Cover-Ups.* Londres: Robinson, 2004.

HUNTINGTON, Samuel. "The Bases of Accommodation". *Foreign Affairs*, n. 4, vol. 46, pp. 642-656, jul./1968. [*O Choque de Civilizações e Recomposição da Ordem Mundial.* Rio de Janeiro: Objetiva, 1997]

HUNTINGTON, Samuel. *The Clash of Civilisations and the Remaking of World Order.* Londres: Free Press, 2002.

HYAM, Ronald. *Britain's Imperial Century 1815-1914: a study of empire and expansion.* Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2002.

IBM. "IBM Music". *IBM Archives*, disponível em: <www-l.ibm.com/history/exhibits/music/music_intro.html>.

IBM. “System/360 Announcement”. *IBM Archives*, disponível em: <www-l.ibm.com/history/exhibits/mainframe/mainframe_PR360.html>.

IBM. “Landmark Events”. *IBM Archives*, disponível em: <www-l.ibm.com/news/ls/1999/07/articles//index_02.phtml>.

IBN KHALDÛN, Muhammad. *The Mugaddimah: an introduction to history.* Princeton: Princeton University Press, 1969.

INKELES, Alex. “The Modernisation of Man”. *In* WEINER, M. (org.). *Modernisation: the dynamics of growth.* Nova York: Basic Books, 1966, pp. 138-150. [Ver WEINER, Myron (org). *Dinâmica do Desenvolvimento Econômico.* Rio de Janeiro: Fórum Editora, 1969]

INNIS, Harold. *The Bias of Communication.* Toronto: University of Toronto Press, 1951.

INNIS, Harold. *Empire and Communications.* Toronto: University of Toronto Press, 1972.

CPSU - Institute of Marxism-Leninism of the Central Committee (org.). *The Hague Conference of the First International 2nd-7th September 1872: reports and letters.* Moscou: Progress, 1978.

INTERNET SOCIETY. “A Brief History of the Internet”. *All About the Internet*, disponível em: <www.isoc.org/internet/history/brief.html>.

ISAACS, Jeremy & DOWLING, Taylor. *Cold War: for 45 years the world held its breath.* Londres: Bantam, 1998.

ITER. “Cadarache – the European Site for ITER”. *ITER*, disponível em: <www.itercad.org>.

JAMES, C.L.R. “The USSR is a Fascist State Capitalism”. *In* MATGAMNA, Sean (org.). *The Fate of the Russian Revolution: lost texts of critical Marxism - Volume 1.* Londres: Phoenix Press, 1998, pp. 319-324.

JEFFERSON, Thomas. “First Inaugural Address”. 04/03/1801. *Avalon Project at Yale Law School*, disponível em: <www.yale.edu/lawweb/avalon/presiden/Inaug/jefinau1.htm>.

JEFFREYS-JONES, Rhodri. *The CIA and American Democracy.* New Haven: Yale University Press, 2003.

JOHNSON, Chalmers. *Blowback: the costs and consequences of the American empire.* Londres: Time Warner, 2002.

JOHNSON, Lyndon. “Remarks at the University of Michigan”. 22/05/1964. *Lyndon Baines Johnson Library and Museum*, disponível em: <128.83.788.10/johnson/archives.hom/speeches.hom/640522.asp>.

JOHNSON, Lyndon. “Peace Without Conquest: address at Johns Hopkins University”. 07/04/1965. *Lyndon Baines Johnson Library and Museum*, disponível em: <www.lbjlib.utexas.edu/johnson/archives.hom/speeches.hom/650407.asp>.

JONES, Eric. "When Might We Go Back to the Moon?". *Lunar Surface Journal*, 1995, disponível em: <www.hq.nasa.gov/office/pao/History/alsj/apollo.epilog.html>.

JUDAH, Tim. *Kosovo: war and revenge.* New Haven: Yale University Press, 2000.

KAHN, Herman. *On Thermonuclear War.* Princeton: Princeton University Press, 1960.

KAHN, Herman. "Toward a Program of Victory". *In* ARMBRUSTER, Frank *et al* (orgs.). *Can We Win in Vietnam?: the American dilemma.* Londres: Pall Mall, 1968, pp. 304-343.

KAHN, Hermant & WIENER, Anthony. *The Year 2000: a framework for speculation.* Toronto: Macmillan, 1967. [*O ano 2000: uma estrutura para especulação sobre os próximos trinta e três anos.* São Paulo: Melhoramentos, c1967]

KALECKI, Michael. *The Last Phase in the Transformation of Capitalism.* Nova York, Monthly Review, 1972.

KAMPFNER, John. *Blair's Wars.* Londres: Free Press, 2004.

KANT, Immanuel. "To Perpetual Peace: a philosophical sketch". *In* ________. *Perpetual Peace and Other Essays.* Indianapolis: Hackett, 1983, pp. 107-143. [*A paz perpétua.* São Paulo: L&PM, 1989]

KATSIAFICAS, George. *The Imagination of the New Left: a global analysis of 1968.* Boston -MA: South End Press, 1987.

KAUTSKY, Karl. *The Dictatorship of the Proletariat.* Ann Arbor: University of Michigan Press, 1964. [*A Ditadura do Proletariado.* São Paulo: Ciências Humanas, 1979]

KAUTSKY, Karl. *The Class Struggle.* Nova York: W.W. Norton, 1971.

KAUTSKY, Karl. *Selected Political Writings.* Londres: MacMillan, 1983.

KELLY, Daniel. *James Burnham and the Struggle for the World: a life.* Wilmington: ISI Books, 2002.

KELLY, Kevin. *Out of Control: the new biology of machines.* Londres: Fourth Estate, 1994.

KELLY, Kevin. *New Rules for the New Economy: 10 ways that the network economy is changing everything.* Londres: Fourth Estate, 1998. [*Novas Regras para uma Nova Economia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999]

KENNEDY, John. "Special Message to Congress on Urgent Needs". 25/05/1961. *Internet Public Library*, disponivel em: <www.cs.umb.edu/jfklibrary/j052561.htm>

KENNEDY, Paul. *The Rise and Fall of Great Powers: economic change and military conflict from 1500 to 2000.* Londres: Fontana, 1989. [*Ascensão e Queda das Grandes Potências: transformação econômica e conflito militar 1500 a 2000.* Rio de Janeiro: Campus, 1989]

KEPPEL, Gilles. *The Roots of Radical Islam.* Londres: Saqi, 2005.

KERR, Clark. *The Uses of the University.* Cambridge-MA: Harvard University Press, 1964. [*Usos da Universidade*. Fortaleza: UFC, 1982]

KERSHAW, Ian. *Hitler: 1889-1936 hubris.* Londres: Penguin, 1998. [*Hitler: um perfil do poder.* Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993]

KEYNES, J.M. *The General Theory of Employment, Interest and Money.* Londres: Macmillan, 1936. [*A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda.* São Paulo: Atlas, 1982]

KIDRON, Michael. *Western Capitalism Since the War.* Londres: Penguin, 1970.

KIRKPATRICK, Jeane. "Neoconservatism as a Response to the Counter-Culture". *In* STELZER, Irwin (org.), *Neoconservatism.* Londres: Atlantic Books, 2004, pp. 235-240.

KOLKO, Gabriel. *Anatomy of a War: Vietnam, the United States and the modern historical experience.* Londres: Phoenix Press, 2001.

KOLMAN, Arnost. "What is Cybernetics?". *Behavioral Science*, n. 2, vol. 4, pp. 132-146.

KOLMAN, Arnost. "The Adventure of Cybernetics in the Soviet Union". *Minerva*, n. 16, vol. 3, pp. 416-424, 1978.

KORB, Lawrence. *Reshaping America's Military: four alternatives.* Nova York: Council on Foreign Relations, 2002.

KOVEL, Joel. *Red Hunting in the Promised Land: anticommunism and the making of America.* Londres: Cassell, 1994.

KRAVCHENKO, Victor. *I Chose Freedom: the personal and political life of a Soviet official.* Londres: Robert Hale, s/d.

KRISTOL, Irving. "Forty Good Years". *The Public Interest*, 2005, disponível em: <www.thepublicinterest.com/current/article1.html>.

KRISTOL, William. "Reagan's Greatness". *American Enterprise Institute for Public Policy Research*, 01/01/2000, disponivel em: <www.aei.org/publications/pubID.17400,filter.all/pub_detail.asp>.

KRISTOL, William & KAGAN, Robert. "National Interest and Global Responsibility". *In* STELZER, Irwin (org.). *Neoconservatism.* Londres: Atlantic Books, 2004, pp. 52-74.

KUBRICK, Stanley (diretor). *2001: a space odyssey.* Burbank: Turner Entertainment, 2001.

KUHN, Annette. "Remembrance". *In* SPENCE, Jo & HOLLAND, Patricia (orgs.). *Family Snaps: the meaning of domestic photography.* Londres: Virago, 1991, pp. 17-25.

KUHNS, William. *The Post-Industrial Prophets: interpretations of technology.* Nova York: Harper & Row, 1971.

KUMAR, Krishan. *Prophecy and Progress: the sociology of industrial and post-industrial society*, Londres: Penguin, 1978. [*Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo.* Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997]

KURZWEIL, Ray. "The Intelligent Universe". Disponível em: <www.kurzweilai.net/meme/frame.html?main=memelist.html?m=3%23534>.

KUTULAS, Judy. *The Long War: the intellectual People's Front and anti-Stalinism 1930-1940.* Durham (Carolina do Norte): Duke University Press, 1995.

KYLE, David. *The Illustrated Book of Science Fiction Ideas & Dreams.* Londres: Hamlyn, 1977.

LACOUTURE, Jean. *Ho Chi Minh.* Londres: Penguin, 1968.

LANDAU, Susan. "The Transformation of Global Surveillance". *In* LATHAM, Robert (org.). *Bombs and Bandwidth: the emerging relationship between information technology and security.* Nova York: New Press, 2003, pp. 117-131.

LANDES, David. *The Unbound Prometheus: technological change and industrial development in Western Europe from 1750 to the present.* Cambridge: Cambridge University Press, 1969. [*Prometeu Desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa Ocidental, desde 1750 até nossa época.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994]

LANE, David. *Berlusconi's Shadow: crime, justice and the pursuit of power.* Londres: Penguin, 2004.

LANGE, Oskar. "The Computer and the Market". *In* FEINSTEIN, C.H. (org.). *Socialism, Capitalism & Economic Growth: essays presented to Maurice Dobb.* Cambridge: Cambridge University Press, 1967, pp. 158-161.

LASSWELL, Harold. "The World Revolution of our Time: a framework for basic policy research". *In* LASSWELL, Harold & LERNER, Daniel (orgs.). *World Revolutionary Elites: studies of coercive ideological movements.* Cambridge-MA: MIT Press, 1966, pp. 29-96. [*As Elites Revolucionárias.* Rio de Janeiro: J. Zahar, 1967]

LAURENCE, William. *Science at the Fair.* Nova York: Nova York World's Fair Corporation 1964-5, 1964.

LAZZARATO, Maurizio. "General Intellect: towards an inquiry into immaterial labour". *Ed Emery, His Archive*, <www.emery.archive.mcmail.com/public_html/immaterial/lazzarat.html>. [Ver *Trabalho Imaterial: formas de vida, produção de subjetividade.* Rio de Janeiro: D&PA, 2001]

LEADBETTER, Charles. *Living on Thin Air: the new economy with a new blueprint for the 21st century.* Londres: Penguin, 2000.

LEAVIS, F.R. & THOMPSON, Denys. *Culture and Environment.* Londres: Chatto & Windus, 1937.

LEDERER, William. *A Nation of Sheep.* Nova York: Fawcett Crest, 1967.

LEDERER, William & BURDICK, Eugene. *The Ugly American.* Londres: Transworld, 1959.

LEFEBVRE, Henri. *Everyday Life in the Modern World.* Nova York: Harper & Row, 1984. [*A Vida Cotidiana no Mundo Moderno.* São Paulo: Ática, 1991]

LEFEBVRE, Henri. *The Production of Space.* Londres: Blackwell, 1991.

LEFEBVRE, Henri. *Introduction to Modernity.* Londres: Verso, 1995. [*Introdução à Modernidade.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969]

LEMOINE, Maurice. "Uncle Sam's Manifest Destiny: how to manage the peace". *Le Monde Diplomatique*, maio/2003, disponível em: <MondeDiplo.com/2003/05/03lemoin>.

LENIN, V.I. *Imperialism: the highest stage of capitalism.* Londres: Communist Party of Great Britain, 1928. [*Imperialismo: fase superior do capitalismo.* São Paulo: Global, 1987]

LENIN, V.I.. *"Left Wing" Communism: an infantile disorder – an attempt at a popular discussion on Marxist strategy and tactics.* Londres: Martin Lawrence, 1934. [*Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo.* São Paulo: Símbolo, 1978]

LENIN, V.I. *What is to be Done?: burning questions of our movement.* Beijing: Foreign Languages Press, 1975. [*Que fazer?: as questões palpitantes do nosso movimento.* São Paulo: Hucitec, 1978]

LENIN, V.I. *The Proletarian Revolution and the Renegade Kautsky.* Beijing: Foreign Languages Press, 1975. [*A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky.* São Paulo: Unitas, 1934]

LENOIR, Timothy. "Programming Theatres of War: gamemakers as soldiers". *In* LATHAM, Robert (org.). *Bombs and Bandwidth: the emerging relationship between information technology and security.* Nova York, New Press, 2003, pp. 175-198.

LESLIE, Stuart. *The Cold War and American Science: the military-industrial complex at MIT and Stanford.* Nova York: Columbia University Press, 1993.

LEVY, Steven. *Hackers: heroes of the computer revolution.* Londres: Penguin, 1994.

LEWIS, Helena. *Dada Turns Red: the politics of Surrealism.* Edimburgo: Edinburgh University Press, 1990.

LEWONTIN, R.C. "The Cold War and the Transformation of the Academy". *In* SCHIFFIN, André (org.). *The Cold War and the University.* Nova York: New Press, 1997, pp. 1-34.

LEYDEN, Peter; SCHWARTZ, Peter & HYATT, Joel. *The Long Boom: a future history of the world 1980-2020.* Nova York: Texere, 2000.

LICKLIDER, J.C.R. "Man-Computer Symbiosis". *In* System Research Centre. *In Memoriam: J.C.R. Licklider 1915-1990.* Palo Alto: Digital, 1990, pp. 1-19.

LICKLIDER, J.C.R. "The Computer as a Communications Device". *In* System Research Centre. *In Memoriam: J.C.R. Licklider 1915-1990.* Palo Alto: Digital, 1990, pp. 21-41.

LIEBICH, André. *From the Other Shore: Russian Social Democracy after 1921.* Cambridge-MA: Harvard University Press, 1997.

LIFE INTERNATIONAL. "Vacationland USA". 23/03/1964.

LIN BIAO. "People's War". *In* GERASSI, John (org.). *Towards Revolution - Volume 1: China, India, Asia, the Middle East, Africa.* Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1971, pp. 70-90.

LIPIETZ, Alain. *L'Audace et L'Enlisement: sur les politiques économiques de la gauche.* Paris: Editions la Découverte, 1984.

LIPIETZ, Alain. *Mirages and Miracles: the crises of global Fordism.* Londres: Verso, 1987.

LIPPMANN, Walter. *The Good Society.* Londres: George Allen & Unwin, 1937.

LIPSET, Seymour Martin & MARKS, Gary. *It Didn't Happen Here: why socialism failed in the United States.* Nova York: W.W. Norton & Company, 2000. [*Por Que Não Houve Socialismo na América.* Lisboa: Quetzal, 2001]

LOCKE, John. *Two Treatises of Government.* Nova York: Mentor, 1965. [*Segundo Tratado sobre o Governo Civil e Outros Escritos: ensaio sobre a origem, os limites e os fins verdadeiros do governo civil.* Petrópolis: Vozes, 1994]

LODDER, Christina. *Russian Constructivism.* New Haven: Yale University Press, 1983.

LONGSTAFF, S.A. "The Nova York Intellectuals and the Cultural Cold War 1945-1950". *New Politics*, n. 2, vol. II (novas séries), pp. 156-170.

LUCAS, George (diretor). *Star Wars: Episode III - Revenge of the Sith.* 20th Century Fox, 2005.

LUCE, Henry, *The American Century.* Nova York: Time, 1941.

LUKÁCS, George. *History and Class Consciousness: studies in Marxist dialectics.* Londres: Merlin, 1971. [*História e Consciência de Classe: estudos da dialética marxista.* Rio de Janeiro: Elfos, 1989]

LUXEMBURG, Rosa. *The Accumulation of Capital.* Londres: Routledge, 1963. [*A Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo.* São Paulo: Nova Cultural, 1985]

LYOTARD, Jean-François. *The Post-Modern Condition: a report on knowledge.* Manchester: Manchester University Press, 1986. [*A Condição Pós-Moderna.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1998]

MACDONALD, Peter. *Giap: the victor in Vietnam.* Londres: Warner Books, 1994.

MACHIAVELLI, Niccolò. *The Prince.* Londres: Penguin, 1961. [MAQUIAVEL. *O Príncipe.* Publicações Europa-América, 1972]

MACHLUP, Fritz. *The Production and Distribution of Knowledge in the United States.* Princeton: Princeton University Press, 1962.

MACKENZIE, Norman & Jeanne. *The First Fabians.* Londres: Quartet, 1979.

MACLEAR, Michael. *Vietnam: the ten thousand day war.* Londres: Thames Methuen, 1981.

MAKHIJANI, Arjun & SALESKA, Scott. "The Nuclear Power Deception". *IEER Reports*, abril/1996, disponível em: <www.ieer.org/reports/npd.html>.

MANCROFF, Debra. "Myth and Monarchy". *In* RIDING, Christine & Jacqueline (orgs.). *The Houses of Parliament: history art architecture.* Londres: Merrell, 2000, pp. 241-251.

MANDELBAUM, Michael. "Vietnam: the television war". *Daedalus*, n. 111, vol. 4, 1987, pp. 157-169.

ZEDONG, Mao. "Analysis of the Classes in Chinese Society". *Selected Works of Mao Zedong - Volume 1.* Pequim: Foreign Languages Press, 1967, pp. 13-21.

ZEDONG, Mao. *Quotations of Chairman Mao Zedong.* Pequim: Foreign Languages Press, 1967.

ZEDONG, Mao. *Six Essays on Military Affairs.* Pequim: Foreign Languages Press, 1971.

MARCHAND, Philip. *Marshall McLuhan: the medium and the messenger.* Nova York: Ticknor & Fields, 1989.

MARCHETTI, Victor & MARKS, John. *The CIA and the Cult of Intelligence.* Nova York: Dell, 1974.

MARCUS, Greil. *Lipstick Traces: a secret history of the twentieth century.* Londres: Secker & Warburg, 1989.

MARVIN, Carolyn. *When Old Technologies Were New: thinking about electrical communication in the late nineteenth century.* Oxford: Oxford University Press, 1988.

MARX, Karl. *Capital - Volume 1: a critique of political economy.* Londres: Penguin, 1976. [*O Capital – crítica da economia política, Livro Primeiro.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975]

MARX, Karl, *Capital - Volume 3: a critique of political economy.* Londres: Penguin/New Left Review, 1981. [*O Capital – crítica da economia política, Livro Terceiro.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975]

MARX, Karl. "The Chartists". *In* _______. *Surveys from Exile.* Londres: Penguin, 1973, pp. 262-271.

MARX, Karl. "The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte". *In* _______. *Surveys from Exile: political writings - volume 2.* Londres: Penguin, 1973, pp. 143-249. ["O 18 Brumário de Luis Bonaparte". *In* ________. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos (Coleção Os Pensadores).* São Paulo: Abril Cultural, 1978]

MARX, Karl. *Grundrisse.* Londres: Penguin, 1973.

MARX, Karl. "The Prussian Military Question and the German Workers'Party". *In* ______. *The First International and After.* Londres: Penguin, 1974, pp. 121-146.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *The German Ideology.* Moscou: Progress, 1964. [*A Ideologia Alemã.* São Paulo: Martins Fontes, 1989]

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *The Communist Manifesto.* Londres: Lawrence & Wishart, 1983. ["O Manifesto do Partido Comunista", *In* ________. *Obras escolhidas, Volume 1.* São Paulo: Ed. Alfa-Omega, s/d.]

MATGAMNA, Sean. "The Russian Revolution and Marxism". *In* ________. (org.). *The Fate of the Russian Revolution: lost texts of critical Marxism - volume 1.* Londres: Phoenix Press, 1998, pp. 9-156.

MAYS, Benjamin. "Race in America: the Negro perspective". *In* SMITH, Huston (org.). *The Search for America.* Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1959, pp. 65-72.

MCCARTHY, Mary. *Vietnam.* Londres: Penguin, 1968.

MCCULLOCH, Warren & PITTS, Walter. "A Logical Calculus of the Ideas Immanent in Nervous Activity". *Bulletin of Mathematical Biophysics*, vol. 5, 1943, pp. 115-133.

MCLELLAND, David. "The Impulse to Modernisation". *In* WEINER, M. (org.). *Modernisation: the dynamics of growth.* Nova York: Basic Books, 1966, pp. 28-39. ["O Impulso para a modernização". *In* WEINER, M. (org). *Dinâmica do Desenvolvimento Econômico.* Rio de Janeiro: Forum Editora, 1969]

MCLUHAN, Marshall. *The Mechanical Bride: folklore of industrial man.* Londres: Routledge & Kegan Paul, 1967.

MCLUHAN, Marshall. *Gutenberg Galaxy: the making of typographic man.* Toronto: University of Toronto Press, 1962. [*A Galáxia de Guttemberg.* São Paulo: Ed. Nacional, 1972]

MCLUHAN, Marshall. *Understanding Media: the extensions of man.* Londres: Routledge & Kegan Paul, 1964. [*Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem.* São Paulo: Cultrix, 1969.]

MCLUHAN, Marshall. "Cybernation and Culture". *In* DECHERT, Charles (org.). *The Social Impact of Cybernetics.* Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1966, pp. 95-108. [Ver DECHERT, Charles. *O Impacto Social da Cibernética.* Rio de Janeiro: Block, 1970]

MCLUHAN, Marshall. “Letter to Jacques Maritain”. 06/05/1969. *In* MOLINARO, Matie; MCLUHAN, Corinne & TOYE, William (orgs). *Letters of Marshall McLuhan.* Oxford: Oxford University Press, 1987, pp. 369-371.

MCLUHAN, Marshall. “Letter to Prince Bernhard of the Netherlands”. 14/05/1969. *In* MOLINARO, Matie; MCLUHAN, Corinne & TOYE, William (orgs). *Letters of Marshall McLuhan.* Oxford: Oxford University Press, 1987, pp. 372-373.

MCLUHAN, Marshall & FIORE, Quentin. *The Medium is the Massage: an inventory of effects.* Londres: Penguin, 1967. [*O Meio são as Massagens.* Rio de Janeiro: Record, 1969]

MCNAMARA, Robert & VANDEMARK, Brian. *In Retrospect: the tragedy and lessons of Vietnam.* Nova York: Times Books, 1995.

Melancholic Troglodytes. “The Star Trek Myth: towards a historical materialist critique”. Disponível em: <www.geocities.com/redgiantsite/startrek.html>.

MELLY, George. *Revolt into Style: the pop arts in Britain.* Londres: Penguin, 1972.

MEIKSINS WOOD, Ellen. *The Pristine Culture of Capitalism: a historical essay on old regimes and modern states.* Londres: Verso, 1991. [*A Origem do Capitalismo.* Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001]

MEIKSINS WOOD, Ellen. *Empire of Capital.* Londres: Verso, 2003.

METROPOLITAN MUSEUM OF ART. “Jacqueline Kennedy: the White House years – selections from the John F. Kennedy Library and Museum”. Disponível em: <www.metmuseum.org/special/se_event.asp?OccurrenceId=%7BACBF8E12-B196-11D4-93B6-00902786BF44%7D>.

MICHELS, Robert. *Political Parties: a sociological study of the oligarchical tendencies of modern democracy.* Nova York: Free Press, 1962. [*Sociologia dos Partidos Políticos.* Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982]

MIDDLEMAS, Keith. *Politics in Industrial Society: the experience of the British system since 1911.* Londres: André Deutsch, 1980.

MILLER, Marc. “Something for Everyone: Robert Moses and the Fair”. *In* ROSENBLUM, Robert (org.). *Remembering the Future.* Nova York: Queen’s Museum, 1989, pp. 44-73.

MILLIKAN, Max & BLACKMER, Donald (orgs). *The Emerging Nations: their growth and United States policy.* Boston: Little Brown, 1961. [*Nações em Desenvolvimento: a sua evolução e a política americana.* Rio de Janeiro: Fondo de Cultura, 1963]

MINH, Ho Chi. *Selected Writings (1920-1969).* Hanoi: Foreign Languages Publishing House, 1973. [*Ho Chi Minh: escritos políticos.* Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1975]

MINSKY, Marvin. "Steps Towards Artificial Intelligence". Disponível em: <web.media.edu/~minsky/papers/steps.html>.

MINSKY, Marvin. "Matter, Mind and Models". Disponível em: <web.media.edu/~minsky/papers/MatterMindModels.txt>.

MONROE, James. "Monroe Doctrine: December 2, 1823". *Avalon Project at Yale Law School*, disponível em: <www.yale.edu/lawweb/avalon/monroe.htm>. ["Doutrina Monroe". Disponível em: http://www.direitoshumanos.usp.br/counter/Doc_Histo/texto/Doutrina_Monroe.html]

MORGAN, H. Wayne. *Unity and Culture: the United States 1877-1900.* Londres: Penguin, 1971.

MORRIS, Errol (diretor). *The Fog of War.* Sony Pictures, 2004.

MORRISON, Philip & MORRISON, Emily. "Introduction". *In* BABBAGE, Charles. *On the Principles and Development of the Calculator and Other Seminal Writings.* Nova York: Dover Publications, 1961, pp. xi-xxxii.

MOSCO, Vincent. *Pay-Per-Society.* Ontario: Garamond, 1989.

MOSCA, Gaetano. *The Ruling Elite.* Nova York: McGraw-Hill, 1939. [*A Classe Política.* Lisboa: Ed. Tenacitas, 2004]

MOSLEY, Leonard. *The Real Walt Disney: a biography.* Londres: Grafton Books, 1986.

MOSS, Stephen. "Beaten by a Microchip". *The Guardian*, Science, 30/06/2005, p. 21.

MOWLAM, Marjorie. "Fuel for the Nuclear Arms Race". *In* THOMPSON, Dorothy / Women for Peace (orgs.). *Over Our Dead Bodies.* Londres: Virago, 1983, pp. 78-88.

MULGAN, Geoff. *Connexity: how to live in a connected world.* Londres: Chatto & Windus, 1997.

MURRAY, Robin. "Fordism and Post-Fordism". *In* HALL, Stuart & JACQUES, Martin (orgs.). *New Times: the changing face of politics in the 1990s.* Londres: Lawrence & Wishart, 1989, pp. 38-53.

NARAYANA GURUKULA. "Contemplation Gaia Mind". Disponível em: <www.geocities.com/Athens/Agora/4241/Pages/Contemplations/Gaia1.html>.

NASA. "Apollo 17 Mission Overview". *Lunar Surface Journal*, disponível em: <www.hq.nasa.gov/office/pao/History/alsj/a17/a17ov.html>.

NASA. "John Glenn". Disponível em: <www.jsc.nasa.gov/Bios/htmlbios/glenn-j.html>.

NEALE, Jonathan. *The American War: Vietnam 1960-1975.* Londres: Bookmarks, 2001.

NEGRI, Toni. "Keynes and the Capitalist Theory of the State". *In* ________. *Revolution Retrieved: selected writings on Marx, Keynes, capitalist crisis & new social subjects 1967-83.* Londres: Red Notes, 1988, pp. 9-42.

NEGRI, Toni & HARDT, Michael. *Empire.* Cambridge-MA: Harvard University Press, 2000.

NEGROPONTE, Nicholas. *Being Digital.* Londres: Coronet, 1995. [*A Vida Digital.* São Paulo: Cia. das Letras, 1995]

NELSON, Ted. *Computer Lib.* Redmond: Tempus, 1987.

NEUMANN, John von & MORGENSTERN, Oskar. *Theory of Games and Economic Behaviour.* Princeton: Princeton University Press, 1944.

NEUMANN, John von. "The General and Logical Theory of Automata". *In*_______. *Collected Works Volume V: design of computers, theory of automata and numerical analysis.* Oxford: Pergamon Press, 1976, pp. 288-326.

NEUMANN, John von. *Theory of Self-Reproducing Automata.* Urbana: University of Illinois Press, 1966.

NEUMANN, John von. *The Computer and the Brain.* Yale: Yale University Press, 2000.

NEWELL, Allen & SIMON, Herbert. "The Logic Theory Machine: a complex information processing system". *IRE Transactions on Information Theory*, n. 3, vol. 1, pp. 61-79, set./1956.

NEWQUIST, H.P. *The Brain Makers: genius, ego and greed in the quest for machines that think.* Indianapolis: Sams, 1994.

Nova York City Department of Parks & Recreation. "Flushing Meadows Corona Park Virtual Tour". <www.nycgovparks.org/sub_your_park/vt_flushing_meadows/vt_flushing_meadows_park.html>.

Nova York World's Fair 1939. *Official Guide Book of the Nova York World's Fair 1939: building the world of tomorrow.* Nova York: Exposition Publications, 1939.

NICOLAIEVSKY, Boris & MAENCHEN-HELFEN, Otto. *Karl Marx: man and fighter.* Londres: Penguin, 1973.

NIETZSCHE, Friedrich. *The Will to Power.* Nova York: Vintage, 1968. [*A Vontade do Poder.* Porto: Res, 2004]

NORDEN, Eric. "The Playboy Interview: Marshall McLuhan". *Playboy*, março/1969, disponível em: <www.mcluhanmedia.com/mmclpb01.html>.

NORTON-TAYLOR, Richard. "Al Qaida is Back and Stronger than Ever". *The Guardian*, 19/05/2003, disponível em: <http://www.guardian.co.uk/world/2003/may/19/alqaida.terrorism2>.

NUTTALL, Jeff. *Bomb Culture.* Londres: Paladin, 1970.

NYWF64.COM. "Unisphere". *Nova York World's Fair 1964/1965.* Disponível em: <http://www.nywf64.com/unisph01.shtml>.

ORWEL, George. *Nineteen Eighty-Four: a novel.* Londres: Penguin, 1954. [*1984.* Rio de Janeiro: Cia. Ed. Nacional, 1979]

ORWEL, George. "In Defence of Comrade Zilliacus". *In* _______. *Collected Essays, Journalism and Letters: volume IV - in front of your nose 1945-1950.* Londres: Penguin, 1970, pp. 449-455.

OWEN, Robert. *A New View of Society and other writings.* Londres: Everyman, 1972.

OZOUF, Mona. *Festivals and the French Revolution.* Cambridge-MA: Harvard University Press, 1988.

PARETO, Vilfredo. *Sociological Writings.* Londres: Pall Mall Press, 1966. [*Sociologia.* São Paulo: Ática, 1984]

PARSONS, Talcott & SHILS, Edward (orgs.). *Toward a General Theory of Action.* Cambridge-MA: Harvard University Press, 1951.

PELLING, Henry. *Origins of the Labour Party 1880-1900.* Oxford: Oxford University Press, 1965.

PENLEY, Constance. *NASA/Trek: popular science and sex in America.* Londres: Verso, 1997.

PETERS, Mike. "Bilderberg and the Origins of the EU". *Lobster*, n. 32, pp. 2-9, dez./1996.

PETRAS, James & MORLEY, Morris. *Republic or Empire?: American global power and domestic decay.* Nova York: Routledge, 1995.

PIJL, Kees van der. *The Making of an Atlantic Ruling Class.* Londres: Verso, 1984.

POPPER, Karl. *The Poverty of Historicism.* Londres: Routledge & Kegan Paul, 1961. [*A Miséria do Historicismo.* São Paulo: Cultrix, 1980]

PORTER, Roy. *London: a social history.* Londres: Penguin, 1996.

PORTER, Roy. *Enlightenment: Britain and the creation of the modern world.* Londres: Penguin, 2000.

POSTAN, M.M. *The Medieval Economy and Society: an economic history of Britain in the Middle Ages.* Londres: Penguin, 1975.

POSTMAN, Neil. *Amusing Ourselves to Death.* Londres: Methuen, 1987.

PUGH, Emerson. *Building IBM: shaping an industry and its technology.* Cambridge-MA: MIT Press, 1995.

PUGH, Emerson; JOHNSON, Lyle & PALMER, John. *IBM's 360 and Early 370 Systems.* Cambridge-MA: MIT Press, 1991.

PYE, Lucian. "Conclusion". *In* WEINER, Myron (org.). *Modernisation: the dynamics of growth.* Nova York: Basic Books, 1966, pp. 337-347. [Ver WEINER, M. (org). *Dinâmica do Desenvolvimento Econômico.* Rio de Janeiro: Fórum Editora, 1969]

RAND, Christopher. *Cambridge U.S.A.* Nova York: Oxford University Press, 1964.

RAPOPORT, Anatol. *Fights, Games and Debates.* Ann Arbor: University of Michigan Press, 1960. [*Lutas, Jogos e Debates.* Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1980]

RAWNSLEY, Andrew. *Servants of the People: the inside story of New Labour.* Londres: Hamish Hamilton, 2000.

REAVEN, Sheldon. "New Frontiers". *In* ROSENBLUM, Robert (org.). *Remembering the Future.* Nova York: Queen's Museum, 1989, pp. 74-103.

RETORT. *Afflicted Powers: capital and spectacle in a new age of war.* Londres: Verso, 2005.

REICH, Robert. *The Work of Nations: a blueprint for the future.* Londres: Simon & Schuster, 1991. [*O Trabalho das Nações: preparando-nos para o capitalismo do século 21.* São Paulo: Educator, 1994]

RICARDO, David. *The Principles of Political Economy and Taxation.* Londres: Everyman, 1911. [*Princípios de Economia Política e Tributação.* São Paulo: Abril Cultural, 1982]

RIDING, Christine & Jacqueline (orgs.). *The Houses of Parliament: history art architecture.* Londres: Merrell, 2000.

ROETT, Riordan. *Brazil: politics in a patrimonial society.* Nova York: Praegar, 1978.

ROOSEVELT, Eleanor & SMITH, Huston, "What Are We For?". *In* SMITH, Huston & HEFFRON, Richard (orgs.). *The Search for America.* Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1959, pp. 3-12.

ROSE, Julie. "Reactions to the Fair". *World's Columbian Exposition*, disponível em: <xroads.virginia.edu/~ma96/wce/reactionshtml>.

ROSENBLUETH, Arturo; WIENER, Norbert & BIGELOW, Julian. "Behaviour, Purpose and Teleology". *Philosophy of Science*, n. 1, vol. 10, pp. 18-24, jan./1943.

ROSENTHAL, Bernice. *New Myth, New World: from Nietzsche to Stalinism.* University Park: Pennsylvania State University Press, 2002.

ROSTOW, W.W. *British Economy of the Nineteenth Century.* Oxford: Oxford University Press, 1948.

ROSTOW, W.W. *The Prospects for Communist China.* Nova York: Technology Press of the Massachusetts Institute of Technology & John Wiley, 1954.

ROSTOW, W.W. "The National Style". *In* MORISON, Elting (org.). *The American Style: essays in value and performance.* Nova York: Harper, 1958, pp. 246-313.

ROSTOW, W.W. *The Stages of Economic Growth: a non-communist manifesto.* Cambridge: Cambridge University Press, 1960. [*Etapas do Desenvolvimento Econômico: um manifesto não-comunista.* Rio de Janeiro: Zahar, 1974]

ROSTOW, W.W. *The United States in the World Arena.* Nova York: Harper & Brothers, 1960.

ROSTOW, W.W. *The Process of Economic Growth.* Nova York: W.W. Norton, 1962.

ROSTOW, W.W. *View from the Seventh Floor.* Nova York: Harper & Row, 1964.

ROSTOW, W.W. *The Diffusion of Power 1957-1972: an essay in recent history.* Nova York: Macmillan, 1972.

ROSTOW, W.W. *Essays on a Half-Century: ideas, policies and action.* Boulder: Westview Press, 1988.

ROSTOW, W.W. *Concept and Controversy: sixty years of taking ideas to market.* Austin: University of Texas Press, 2003.

ROSTOW, W.W. "The Case for the Vietnam War: on McNamara's 'In Retrospect'". Disponível em: <www.refstar.com/vietnam/rostow_on_mcnamara.html>.

ROSTOW, W.W. & ROZEK, Edward. *The Dynamics of Soviet Society.* Nova York: W.W. Norton, 1953.

ROSZAK, Theodore. *The Making of a Counter Culture: reflections on technocratic culture & its youthful opposition.* Londres: Faber, 1970. [*A Contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil.* Petrópolis: Vozes, 1972]

ROSZAK, Theodore. *The Cult of Information: a neo-Luddite treatise on high-tech, artificial intelligence and the true art of thinking.* Berkeley: University of California Press, 1994. [*O Culto da Informação.* São Paulo: Brasiliense, 1988]

ROTH, Andrew. "Melvin Lasky: Cold warrior who edited the CIA-funded Encounter magazine". *Guardian*, 22/05/2004, p. 23.

RUBIN, Isaak. *Essays on Marx's Theory of Value.* Detroit: Black & Red, 1972. [*Teoria Marxista do Valor.* São Paulo: Brasiliense, 1980]

RUBIN, Jerry. *Do It!: scenarios of the revolution.* Nova York: Simon and Schuster, 1970.

RYCKELYNCK, Xavier. "L'Expo de 1937". *Gavroche*, n. 35, 1987, pp. 17-21.

SAINT-SIMON, Henri. *Selected Writings on Science, Industry and Social Organisation.* Nova York: Holmes and Meier, 1975.

SAMUELSON, Paul. *Economics: an introductory analysis.* Nova York: McGraw-Hill, 1951. [*Introdução à Análise Econômica.* São Paulo: Agir, 1958]

SCHAFFER, Simon. "Babbage's Dancer and the Impresarios of Mechanism". *In* SPUFFORD, Francis & UGLOW, Jenny (orgs.). *Cultural Babbage: technology, time and invention.* Londres: Faber and Faber, 1996, pp. 53-80.

SCHAFFER, Simon. "OK Computer". Disponível em: <www.hrc.wmin.ac.uk/theory-okcompter.html>

SCHEFTER, James. *The Race: the definitive story of America's battle to beat Russia to the moon.* Londres: Century, 1999.

SCHLESINGER JR., Arthur. *The Vital Centre: the politics of freedom.* Cambridge-MA: Houghton Mifflin, 1949.

SCHLESINGER JR., Arthur. *The Bitter Heritage: Vietnam and American democracy 1941-1966.* Londres: Sphere, 1967. [*Vietnã: herança trágica.* São Paulo: IBRASA, 1967]

SCHLESINGER JR., Arthur. *A Thousand Days: John F. Kennedy in the White House.* Nova York: Houghton Mifflin, 2002. [*Mil dias: John F. Kennedy na Casa Branca.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966]

SCHIFFRIN, André (org.). *The Cold War and the University: towards an intellectual history of the postwar years.* Nova York: New Press, 1997.

SCHILLER, Herbert. *Culture Inc: the corporate takeover of public expression.* Oxford: Oxford University Press, 1989.

SCHWARTZ, Peter. "Shock Wave (Anti) Warrior". *Wired*, 1.5, pp. 61-65, 120-122, nov./1993.

SEAMAN, Graham. *E-mail to author.* 13/07/2003.

SERVAN-SCHREIBER, Jean-Jacques. *The American Challenge.* Londres: Penguin, 1969. [*O Desafio Americano.* Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1968]

SCOTT-SMITH, Giles. "The Organising of Intellectual Consensus: The Congress for Cultural Freedom and Post-War US European Relations (Part 1)". *Lobster*, n. 36, pp. 8-13, inverno de 1998/9.

SCOTT-SMITH, Giles. "The Organising of Intellectual Consensus: The Congress for Cultural Freedom and Post-War US European Relations (Part 2)". *Lobster*, n. 38, pp. 15-20, inverno de 1999.

SHAMBERG, Michael & Raindance Corporation. *Guerrilla Television.* Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1971.

SHAMBERG, Claude & WEAVER, Warren. *The Mathematical Theory of Communication.* Urbana Il: University of Illinois Press, 1963.

SHEEHAN, Neil. *A Bright Shining Lie: John Paul Vann and America in Vietnam.* Londres: Pimlico, 1998.

SHEEHAN, Neil; SMITH, Hedrick; KENWORTHY, E.W. & BUTTERFIELD, Fox. *The Pentagon Papers: the secret history of the Vietnam war.* Nova York: Bantam Books, 1971.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein: the modern Prometheus.* Oxford: Oxford University Press, 1969. [*Frankenstein, ou, O moderno Promoteu.* São Paulo: Círculo do Livro, 1973.]

SHIELDS, Rob (org.). *Cultures of Internet: virtual spaces, real histories, living bodies.* Londres: Sage, 1996.

SILONE, Ignazio. "The Initiates". *In* CROSSMAN, Richard (org.), *The God That Failed: six studies in communism.* Londres: Hamish Hamilton, 1950, pp. 83-119.

SIMON, Herbert. *Administrative Behaviour: a study of decision-making processes in administrative organisation.* Nova York: Free Press, 1965. [*Comportamento Administrativo: estudo dos processos decisórios nas organizações administrativas.* Rio de Janeiro: FGV, 1971]

SIMON, Herbert. *The Shape of Automation for Men and Management.* Nova York: Harper, 1965.

SIMPSON, Christopher. *Science of Coercion: communication research & psychological warfare 1945-1960.* Oxford: Oxford University Press, 1994.

SKINNER, B.F. *Science and Human Behaviour.* Nova York: Free Press, 1965. [*Ciência e Comportamento Humano.* São Paulo: Martins Fontes, 1989]

SMITH, Adam. *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations - Volume 1 & Volume 2.* Chicago: University of Chicago Press, 1976. [*A Riqueza das Nações: investigação sobre sua natureza e suas causas:* São Paulo: Nova Cultural, 1988]

SMITH, E.E. "Doc". *The Skylark of Space.* Nebraska: Bison Books, 2001.

SMITH, Michael. *Station X: the codebreakers of Bletchley Park.* Londres: Channel 4 Books, 1998.

SOBEL, Robert. *IBM: colossus in transition.* Nova York: Truman Talley, 1981.

SOCIAL DEMOCRATIC PARTY. "Basic Programme of the Social Democratic Party of Germany adopted by an extraordinary conference of the Social Democratic Party held at Bad Godesberg from 13-15 November 1959". *In* MILLER, Susanne & POTTHOFF, Heinrich. *A History of German Social Democracy from 1848 to the present.* Nova York: St. Martin's Press, 1986, pp. 274-287.

SOLA POOL, Ithiel de. "Communications and Development". *In* WEINER, M. (org.), *Modernisation: the dynamics of growth.* Nova York: Basic Books, 1966, pp. 98-109. [Ver WEINER, M. (org), *Dinâmica do Desenvolvimento Econômico.* Rio de Janeiro: Forum Editora, 1969]

SOLA POOL, Ithiel de. "The Necessity for Social Scientists Doing Research for Governments", *Background*, n. 2, vol. 10, pp. 111-122, ago./1966.

SOLA POOL, Ithiel de. *The Technologies of Freedom: on free speech in the electronic age.* Cambridge-MA: Harvard University Press, 1983.

SPACE ADVENTURES. "DSE Lunar Orbital". Disponível em: <www.deepspaceexpeditions.com>.

STALEY, Eugene. "The Role of the State in Economic Development". *In* WEINER, M. (org.), *Modernisation: the dynamics of growth.* Nova York: Basic Books, 1966, pp. 294-306. [Ver WEINER, M. (org), *Dinâmica do Desenvolvimento Econômico.* Rio de Janeiro: Forum Editora, 1969]

STALIN, Joseph. "Report to the Seventeenth Congress of the CPSU (B) on the Work of the Central Committee: 26th January 1934". *In* _______. *Problems of Leninism.* Moscou: Foreign Languages Publishing House, 1954, pp. 576-655.

STANDAGE, Tom. *The Victorian Internet: the remarkable story of the telegraph and the nineteenth century's online pioneers.* Londres: Phoenix, 1998.

STANTON, Jeffrey. "Building the 1964 World's Fair". *New York 1964 World's Fair*, disponível em: <naid.sppsr.ucla.edu/ny64fair/map-docs/buildingfair.htm>.

STANTON, Jeffrey. "Showcasing Technology at the 1964-1965 New York World's Fair". *New York 1964 World's Fair*, disponível em: <naid.sppsr.ucla.edu/ny64fair/map-docs/technology.htm>.

STANTON, Jeffrey. "Unisphere". *New York 1964 World's Fair*, disponível em: <naid.sppsr.ucla.edu/ny64fair/map-docs/unisphere.htm>.

STARTREK.COM. "Data". Disponível em: <www.startrek.com/startrek/view/series/TNG/character/1112457.html>.

STARTREK.COM. "Star Trek – the original series". Disponível em: <www.startrek.com/startrek/view/series/TOS>.

STEARN, Gerald (org.). *McLuhan: Hot & Cool – a primer for the understanding of and a critical symposium with responses by McLuhan.* Londres: Penguin Books, 1968.

STEPHANI, Frederick (diretor). *Flash Gordon Space Soldiers.* Orpington: Delta Music, 2002.

STERN, Robert A. M.; MELLINS, Thomas & FISHMAN, David. *New York 1960: architecture and urbanism between the Second World War and the Bicentennial.* Köln: Benedikt Taschen, 1997.

STOCKHOLM International Peace Research Institute, *SIPRI Yearbook 1990: World Armaments and Disarmament.* Estocolmo: SIPRI, 1990.

STOLL, Clifford. *Silicon Snake Oil: second thoughts on the information highway.* Londres: Pan, 1996.

SAUNDERS, Frances Stonor. *Who Paid the Piper?: the CIA and the cultural cold war.* Londres: Granta Books, 1999.

TABER, Robert. *The War of the Flea: a study of guerrilla warfare theory and practice.* Londres: Paladin, 1970.

TAYLOR, Frederick Winslow. *The Principles of Scientific Management.* Nova York: W.W. Norton, 1967.

THEALL, Donald. *The Virtual Marshall McLuhan.* Montreal: McGill-Queen's University Press, 2001.

THOMAS, Martin. *Marx Backwards, Lenin Forwards: two critiques – 'empire' and 'new imperialism.* Londres: Workers Liberty, 2002.

THOMPSON, E.P. *The Poverty of Theory and Other Essays.* Londres: Merlin Press, 1978. [*Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser.* Rio de Janeiro: Zahar, 1981]

THOMPSON, E.P. *Customs in Common.* Londres: Penguin, 1993. [*Costumes em Comum.* São Paulo: Cia. das Letras, 1998]

TOCQUEVILLE, Alexis de. *Democracy in America - Volume 1.* Nova York: Vintage Books, 1945. [*Democracia na América.* Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1987]

TOCQUEVILLE, Alexis de. *Democracy in America - Volume 2.* Nova York: Vintage Books, 1945. [*Democracia na América.* Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1987]

TODD, Emmanuel. *After the Empire: the breakdown of the American order.* Londres: Constable, 2004. [*Depois do Império.* Rio de Janeiro: Record, 2003]

TOFFLER, Alvin. *Future Shock.* Londres: Pan, 1970. [*O Choque do Futuro.* Rio de Janeiro: Record, 1970]

TOFFLER, Alvin. *The Third Wave.* Londres: Pan, 1981. [*A Terceira Onda.* Rio de Janeiro: Record, 1986]

TOURAINE, Alain. *The Post-Industrial Society: tomorrow's social history – classes, conflicts and culture in the programmed society.* Londres: Wildwood House, 1974. [*A Sociedade Pós-Industrial.* Lisboa: Moraes, 1970]

TOYNBEE, Arnold. *A Study of History.* Oxford: Oxford University Press, 1946. [*Um Estudo da História.* São Paulo: Martins Fontes; Brasília: UnB]

TROTSKY, Leon. *The First Five Years of the Communist International - Volume II.* Nova York: Pioneer Publishers, 1953.

TROTSKY, Leon. *The Class Nature of the Soviet Union.* Londres: New Park Publications, 1968.

TROTSKY, Leon. *Art & Revolution: writings on literature, politics and culture.* Nova York: Pathfinder Press, 1970. [*Literatura e Revolução.* Rio de Janeiro: Zahar, 1969]

TROTSKY, Leon. *In Defence of Marxism: against the petty bourgeois opposition.* Londres: New Park, 1975.

TUCHMAN, Barbara. *The March of Folly: from Troy to Vietnam.* Londres: Sphere, 1985. [*A Marcha da Insensatez: de Tróia ao Vietnã.* Rio de Janeiro: Objetiva, 1994]

TURING, Alan. "On Computable Numbers, with an Application to the Entscheidungsproblem". *In* _______. *The Essential Turing: seminal writings in computing, logic, philosophy, artificial intelligence and artificial life plus the secrets of the Enigma.* Oxford: Oxford University Press, 2004, pp. 58-90.

TURING, Alan. "Lecture on the Automatic Computing Engine". *In* _______. *The Essential Turing: seminal writings in computing, logic, philosophy, artificial intelligence and artificial life plus the secrets of the Enigma.* Oxford: Oxford University Press, 2004, pp. 378-394.

TURING, Alan. "Intelligent Machinery". *In* _______. *The Essential Turing: seminal writings in computing, logic, philosophy, artificial intelligence and artificial life plus the secrets of the Enigma.* Oxford: Oxford University Press, 2004, pp. 410-432.

TURING, Alan. "Computing Machinery and Intelligence". *In* _______. *The Essential Turing: seminal writings in computing, logic, philosophy, artificial intelligence and artificial life plus the secrets of the Enigma.* Oxford: Oxford University Press, 2004, pp. 433-464.

TURING, Alan. "Intelligent Machinery, a Heretical Theory". *In* _______. *The Essential Turing: seminal writings in computing, logic, philosophy, artificial intelligence and artificial life plus the secrets of the Enigma.* Oxford: Oxford University Press, 2004, pp. 472-475.

TURING, Alan. "Can Digital Computers Think?". *In* _______. *The Essential Turing: seminal writings in computing, logic, philosophy, artificial intelligence and artificial life plus the secrets of the Enigma.* Oxford: Oxford University Press, 2004, pp. 482-486.

TURING, Alan. "Chess". *In* _______. *The Essential Turing: seminal writings in computing, logic, philosophy, artificial intelligence and artificial life plus the secrets of the Enigma.* Oxford: Oxford University Press, 2004, pp. 567-575.

ULLMAN, Harlan & WADE, James. "Shock and Awe: achieving rapid dominance". Disponível em: <www.shockandawe.com/index1.htm>.

ULLMAN, Walter. *Medieval Political Thought.* Londres: Penguin, 1970.

STEEL, US. "Biggest World on Earth". Disponível em: <nywf64.com/unisph06.shtml>.

VANEIGEM, Raoul. *The Revolution of Everyday Life.* Londres: Practical Paradise, 1975. [*A Arte de Londres Viver para as Novas Gerações.* São Paulo: Conrad, 2002]

VANEIGEM, Raoul. "Notice to the Civilised Concerning Generalised Self-Management". *In* KNABB, Ken (org.). *Situationist International Anthology.* Berkeley: Bureau of Public Secrets, 1981, pp. 283-289.

VERMOREL, Fred & VERMOREL, Judy. *Sex Pistols: the inside story.* Londres: Omnibus, 1987.

VAUGHAN, William. "God Help the Minister who Meddles in Art". *In* RIDING, Christine & Jacqueline (orgs.). *The Houses of Parliament: history art architecture.* Londres: Merrell, 2000, pp. 225-239.

VINGE, Vernor. "The Coming Technological Singularity: how to survive in the post-human era". *VISION-21 Symposium*, 30-31/março, disponível em: <www-rohan.sdsu.edu/faculty/vinge/misc/singularity.html>.

VONNEGUT, Kurt, Jr. *Player Piano.* St. Albans: Panther, 1969.

WALD, Alan. *The New York Intellectuals: the rise and decline of the anti-Stalinist Left from the 1930s to the 1980s.* Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1987.

WALKER, Martin. *The Cold War.* Londres: Vintage, 1994.

WALLERSTEIN, Immanuel. *The Capitalist World-Economy.* Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

WALTON, C. Dale. *The Myth of Inevitable U.S. Defeat in Vietnam.* Londres: Frank Cass, 2002.

WARK, McKenzie. *A Hacker Manifesto.* Boston-MA: Harvard University Press, 2004.

WASHINGTON, George. "Farewell Address 1796". *Avalon Project at Yale Law School*, disponível em: <www.yale.edu/lawweb/avalon/washing.htm>.

WEBB, Sidney. "Introduction to the 1920 Reprint". *In* SHAW, G. B.; WEBB, S.; WALLAS G.; OLIVIER, L.; CLARKE, W.; BESANT, A. & BLAND, H. (orgs.). *Fabian Essays.* Londres: George Allen & Unwin, 1960, pp. 268-281.

WEBER, Max. *Essays in Sociology.* Londres: Routledge & Kegan Paul, 1948. [*Ensaios de Sociologia.* Rio de Janeiro: Zahar, 1963]

WEBER, Max. *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism.* Londres: Counterpoint, 1985. [*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.* 11. ed. São Paulo: Pioneira, 1996]

WEINER, Myron. "Preface". *In* ________. *Modernisation: the dynamics of growth.* Nova York: Basic Books, 1966, pp. V-VI. [Ver WEINER, M. (org). *Dinâmica do Desenvolvimento Econômico.* Rio de Janeiro: Fórum Editora, 1969]

WEINER, Myron. "Modernisation of Politics and Government". *In* ________. *Modernisation: the dynamics of growth.* Nova York: Basic Books, 1966, pp. 205-217.

WELLS, H.G. *The Open Conspiracy: blue prints for a world revolution.* Londres: Victor Gollanz, 1928.

WESTMORELAND, W.C. "Address to the Association of the United States Army: 14th October 1969". *In* DICKSON, Paul. *The Electronic Battlefield.* Londres: Marion Boyars, 1977, pp. 215-223.

WHITE, Donald. *The American Century: the Rise & Decline of the United States as a World Power.* New Haven: Yale University Press, 1996.

HOUSE, White. "Jacqueline Lee Bouvier Kennedy". Disponível em: <www.whitehouse.gov/history/firstladies/jk35.html>.

WIENER, Norbert. *Cybernetics – or command and control in the animal and the machine.* Nova York: John Wiley, 1948. [*Cibernética e Sociedade: o uso humano de seres humanos.* São Paulo: Cultrix, 1968]

WIENER, Norbert. *The Human Uses of Human Beings: cybernetics and society.* Nova York: Avon Books, 1967.

WIENER, Norbert. *God & Golem, Inc.: a comment of certain points where cybernetics impinges on religion.* Cambridge-MA: MIT Press, 1966. [*Deus, Golem & Cia.: um comentário sobre certos pontos de contato entre cibernética e religião.* São Paulo: Cultrix, 1971]

WIKIPEDIA. "The Lone Ranger". Disponível em: <en.wikipedia.org/wiki/The_Lone_Ranger>.

WILCOX, Fred (diretor). *Forbidden Planet.* Nova York: Turner Entertainment, 1999.

WILFORD, Hugh. *The CIA, the British Left and the Cold War: calling the tune?.* Londres: Frank Cass, 2003.

WILLENER, Alfred; MILLARD, Guy & GANTY, Alex. *Videology and Utopia; explorations in a new medium.* Londres: Routledge & Kegan Paul, 1976.

WILLIAMS, Philip. *Hugh Gaitskell.* Oxford: Oxford University Press, 1962.

WILLIAMS, Raymond. *The Long Revolution.* Londres: Penguin, 1965.

WILLIAMS, Raymond. *Television: technology and cultural form.* Londres: Fontana/Collins, 1974.

WILLIAMS, Raymond. "Means of Communication as Means of Production". *In* ________. *Problems in Materialism and Culture.* Londres: Verso, 1980, pp. 50-63.

WILSON, Andrew. *The Bomb and the Computer.* Londres: Barrie & Rockliff, 1968.

WINSTON, Brian. *Media, Technology and Society: a history from the telegraph to the Internet.* Londres: Routledge, 1998.

WINTER SOLDIER INVESTIGATION. "Third Marine Division, Part II". Disponível em: <lists.virginia.edu/sixties/HTML_docs/Resources/Primary/Winter_Soldier/WS_14_3Marine.html>.

WINTER SOLDIER INVESTIGATION. "Third Marine Division, Part III". Disponível em: <lists.virginia.edu/sixties/HTML_docs/Resources/Primary/Winter_Soldier/WS_15_3Marine.html>.

Wired, 1.1, março/1993.

WOLFE, Tom. "What If He Is Right?". *In* ________. *The Pump House Gang.* Nova York: Bantam, 1969, pp. 107-133.

WOLFE, Tom. *The Right Stuff.* Londres: Jonathan Cape, 1979. [*Os Eleitos.* Rio de Janeiro: Rocco, 1992]

WOOD, Paul. *Varieties of Modernism – Volume 4 (Open University Art of the 20th Century series).* New Haven: Yale University Press, 2004.

WORLD SUMMIT ON THE INFORMATION SOCIETY. "Second Phase, Tunis: the Summit". Disponível em: <www.itu.int/wsis/tunis/index.html>.

WRESZIN, Michael. *A Rebel in Defence of Tradition: the life and politics of Dwight MacDonald.* Nova York: Basic Books, 1994.

WRIGHT MILLS, C. *The Power Elite.* Nova York: Oxford University Press, 1956. [*A Elite do Poder.* Rio de Janeiro: Zahar, 1968]

WRIGHT MILLS, C. "Letter to the New Left". *In* WAXMAN, Chaim (org.). *The End of Ideology Debate.* Nova York: Simon and Schuster, 1968, pp. 126-140.

ZHDANOV, A. A. *On Literature, Music and Philosophy.* Londres: Lawrence & Wishart, 1950.

ZIZEK, Slavoj. *NATO as the Left Hand of God?* Zagreb: Bastard Bibliotheque, 1999.

ZUBOFF, Shoshana. *In the Age of the Smart Machine: the future of work and power.* Oxford: Heinemann, 1988.